

DULCINEIA PINTO

O CRASTO DE PALHEIROS NA IDADE DO FERRO

Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica



Volume 2 – Estudo descritivo dos materiais cerâmicos

Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra

2011

Índice

Lista de Abreviaturas	7
0. Introdução	9
1. Objectivos do estudo do material cerâmico	13
2. Metodologia de estudo	15
2.1. Descrição técnica	15
2.1.1. Tipo de Pasta	15
2.1.2. Dimensão do fragmento	19
2.1.3. Estado de Conservação	20
2.1.4. Espessura (média) das paredes	21
2.1.5. Tratamento de superfície	22
2.1.6. Cor	24
2.2 Descrição morfológica e medidas	27
2.2.1. Diâmetro do bordo/base	28
2.2.2. Altura do fragmento	28
2.2.3. Ângulo do bordo, colo e base	28
2.2.4. Ângulo da pança	29
2.2.5. Largura máxima da aba maior	30
2.2.6. Dimensão (Espessura) do bordo/base	30
2.2.7. Tipo e subtipo de bordo	30
2.2.8. Tipo e subtipo de base/fundo	32
2.2.9. Tipo e subtipo de forma	32
2.2.10. Tipos de Asas	34
2.2.11. Capacidade dos recipientes	34
2.2.12. Fórmulas dos índices usados nos vários estudos estatísticos	35
2.3. As formas cerâmicas do Crasto de Palheiros	35
2.3.0.1. Tipologia geral de Bordos	35
2.3.0.2. Tipologia geral de Bases	42
2.3.0.3. Análise morfológica das asas – Itens de avaliação	43
2.3.1. Formas conotadas com a Idade do Bronze Final	45
2.3.2. Formas da Idade do Ferro	49
2.3.3. Formas resultantes de intercâmbios pontuais ou esporádicos	58
2.4. Decorações	58
2.4.1. Técnicas decorativas	60
2.4.2. Tipo de instrumento aplicado na decoração	64
2.4.2.1. Instrumentos de incisão	64
2.4.2.2. Pentas	65
2.4.2.3. Instrumentos utilizados em impressões	67
2.4.2.4. Instrumentos ou “carimbos” rotativos	69
2.4.3. Momento decorativo	69
2.4.4. Localização/Extensão da decoração nos recipientes	70
2.4.5. Organizações decorativas do Crasto de Palheiros	73

2.4.5.1. Como foram pensadas as organizações decorativas criadas neste estudo	74
2.4.5.2. As organizações decorativas presentes na ocupação entre o século IX AC e II DC no Crasto de Palheiros	80
3. Caracterização das pastas cerâmicas	93
3.0. Introdução	93
3.0.1. Breve introdução às tecnologias de fabrico de uma pasta cerâmica	93
3.1. Fichas descritivas	98
3.1.1. Pasta I	98
3.1.1.1. Caracterização física da pasta I	98
3.1.1.2. Tecnologia de fabrico da Pasta I	99
3.1.2. Pasta II	100
3.1.2.1. Caracterização física da pasta II	100
3.1.2.2. Tecnologia de fabrico da Pasta II	101
3.1.3. Pasta III	102
3.1.3.1. Caracterização física da pasta III	102
3.1.3.2. Tecnologia de fabrico da Pasta III	103
3.1.4. Pasta IV	103
3.1.4.1. Caracterização física da pasta IV	104
3.1.4.2. Tecnologia de fabrico da Pasta IV	104
3.1.5. Pasta V	105
3.1.5.1. Caracterização física da pasta V	105
3.1.5.2. Tecnologia de fabrico da Pasta V	106
3.1.6. Pasta VI	106
3.1.6.1. Caracterização física da pasta VI	106
3.1.6.2. Tecnologia de fabrico da Pasta VI	107
3.1.7. Pasta VII	108
3.1.7.1. Caracterização física da pasta VII	108
3.1.7.2. Tecnologia de fabrico da Pasta VII	109
3.1.8. Pasta VIII	109
3.1.8.1. Caracterização física da pasta VIII	110
3.1.8.2. Tecnologia de fabrico da Pasta VIII	111
3.1.9. Pasta IX	111
3.1.9.1. Caracterização física da pasta IX	112
3.1.9.2. Tecnologia de fabrico da Pasta IX	112
3.1.10. Pasta X	112
3.1.10.1. Caracterização física da pasta X	113
3.1.10.2. Tecnologia de fabrico da Pasta X	113
3.1.11. Pasta XI	113
3.1.11.1. Caracterização física da pasta XI	113
3.1.11.2. Tecnologia de fabrico da Pasta XI	114
3.1.12. Pasta XII	115
3.1.12.1. Caracterização física da pasta XII	115
3.1.12.2. Tecnologia de fabrico da Pasta XII	116
3.2. Análise comparativa das pastas cerâmicas do Crasto de Palheiros	117
3.3. Análise de pastas por microscopia electrónica de varrimento e microanálise por raios X (SEM/EDS)	120
3.3.0. Introdução	120

3.3.1. Metodologia aplicada	120
3.3.2. Problemas inerentes à metodologia aplicada	122
3.3.3. Metodologia da amostragem	123
3.3.4. Resultados	124
3.3.5. Conclusões	127
3.3.6. Possibilidades/Limitações de conhecimento	130
4. Outros objectos realizados em cerâmica	133
4.0. Introdução	133
4.1. Metodologia aplicada ao estudo dos objectos cerâmicos	134
4.2. Cossoiros	134
4.2.0. Introdução	134
4.2.1. As formas dos cossoiros	135
4.2.1.1. Tipologia de formas	136
4.2.1.2. Tipologia das perfurações	137
4.2.2. Dimensões dos cossoiros	138
4.2.3. Peso dos cossoiros e sua funcionalidade	139
4.2.4. Pastas utilizadas nos cossoiros	140
4.2.5. Decoração presente nos cossoiros	141
4.2.6. Visão global dos cossoiros: seus contextos e funcionalidade	143
4.2.6.1. Ocupação de 900/800 a 600/500 AC	143
4.2.6.2. Ocupação de 600/500 a 300/200 AC	144
4.2.6.2.1. PIL – Plataforma Inferior Leste	144
4.2.6.2.2. TEL – Talude Exterior Leste	145
4.2.6.2.3. PIN – Plataforma Inferior Norte	145
4.2.6.3. Ocupação de 300/200 AC a 80 DC	146
4.2.6.3.1. PIL – Plataforma Inferior Leste	146
4.2.6.3.2. TEL – Talude Exterior Leste	146
4.2.6.3.3. PIN – Plataforma Inferior Norte	148
4.2.6.4. Ocupação de 80 DC a meados do séc. II DC	150
4.2.6.4.1. PIL – Plataforma Inferior Leste	150
4.2.6.4.2. PIN – Plataforma Inferior Norte	150
4.2.6.5. Cossoiros descontextualizados	150
4.2.6.6. Resumo da evolução cronológica das formas	151
4.2.6.7. Considerações sobre a tecelagem nas ocupações da Idade do Bronze e Ferro do Crasto de Palheiros	152
4.2.7. Conclusões gerais	155
4.3. Outros objectos cerâmicos	157
4.3.0. Introdução	157
4.3.1. Ocupação de 900/800 a 600/500 AC	158
4.3.1.1. PIN – Plataforma Inferior Norte	158
4.3.2. Ocupação de 600/500 a 300/200 AC	158
4.3.3. Ocupação de 300/200 AC a 80 DC	159
4.3.3.1. PIL – Plataforma Inferior Leste	159
4.3.3.2. TEL – Talude Exterior Leste	159
4.3.4. Ocupação de 80 DC a meados do séc. II DC	160

4.3.4.1. PIN – Plataforma Inferior Norte	160
4.3.5. Objectos descontextualizados	161
4.3.5.1. PIN – Plataforma Inferior Norte	161
4.3.6. Resumo conclusivo sobre os objectos cerâmicos	161
5. Artefactos cerâmicos do Crasto de Palheiros	163
5.1. Artefactos cerâmicos presentes em alguns contextos Calcolíticos	163
5.1.1. Área Norte	163
5.1.1.0 Introdução aos contextos estudados	163
5.1.1.1. Análise Técnica	163
5.1.1.2. Análise Morfológica	187
5.1.1.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados	191
5.1.1.4. Organizações decorativas	192
5.1.1.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes	194
5.2. Artefactos cerâmicos da Idade do Bronze	197
5.2.1. Plataforma Inferior Leste	197
5.2.1.0 Introdução aos contextos estudados	197
5.2.1.2. Análise Morfológica	217
5.2.1.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados	219
5.2.1.4. Organizações decorativas	220
5.2.1.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes	221
5.2.2. Área Norte	221
5.2.2.0 Introdução aos contextos estudados	221
5.2.2.1. Análise Técnica	221
5.2.2.2. Análise Morfológica	242
5.2.2.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados	246
5.2.2.4. Organizações decorativas	247
5.2.2.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes	249
5.3. Artefactos cerâmicos da Idade do Ferro – 600/500 a 300/200 AC – Fase III-1	251
5.3.1. Plataforma Inferior Leste	251
5.3.1.0 Introdução aos contextos estudados	251
5.3.1.1. Análise Técnica	251
5.3.1.2. Análise Morfológica	284
5.3.1.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados	287
5.3.1.4. Organizações decorativas	289
5.3.1.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes	289
5.3.2. Talude Exterior Leste	289
5.3.2.0 Introdução aos contextos estudados	289
5.3.2.1. Análise Técnica	289
5.3.2.2. Análise Morfológica	313
5.3.2.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados	318
5.3.2.4. Organizações decorativas	318
5.3.2.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes	320
5.3.3. Área Norte	320
5.3.3.0 Introdução aos contextos estudados	320
5.3.3.1. Análise Técnica	321
5.3.3.2. Análise Morfológica	343
5.3.3.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados	350

5.3.3.4. Organizações decorativas _____	350
5.3.3.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes _____	353
5.4. Artefactos cerâmicos da Idade do Ferro – 300/200 AC a 80 DC _____	355
5.4.1. Plataforma Superior Leste _____	355
5.4.1.0 Introdução aos contextos estudados _____	355
5.4.1.1. Análise Técnica _____	355
5.4.1.2. Análise Morfológica _____	360
5.4.1.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados _____	361
5.4.1.4. Organizações decorativas _____	361
5.4.1.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes _____	362
5.4.2. Plataforma Inferior Leste _____	362
5.4.2.0 Introdução aos contextos estudados _____	362
5.4.2.1. Análise Técnica _____	362
5.4.2.2. Análise Morfológica _____	389
5.4.2.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados _____	395
5.4.2.4. Organizações decorativas _____	396
5.4.2.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes _____	397
5.4.3. Talude Exterior Leste _____	398
5.4.3.0 Introdução aos contextos estudados _____	398
5.4.3.1. Análise Técnica _____	398
5.4.3.2. Análise Morfológica _____	423
5.4.3.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados _____	429
5.4.3.4. Organizações decorativas _____	430
5.4.3.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes _____	433
5.4.4. Área Norte _____	433
5.4.4.0 Introdução aos contextos estudados _____	433
5.4.4.1. Análise Técnica _____	434
5.4.4.2. Análise Morfológica _____	463
5.4.4.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados _____	476
5.4.4.4. Organizações decorativas _____	477
5.4.4.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes _____	483
5.5. Artefactos cerâmicos da Idade do Ferro Tardio – 80 a 120 DC _____	485
5.5.1. Plataforma Inferior Leste _____	485
5.5.1.0 Introdução aos contextos estudados _____	485
5.5.1.1. Análise Técnica _____	485
5.5.1.2. Análise morfológica _____	507
5.5.1.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados _____	514
5.5.1.4. Organizações decorativas _____	515
5.5.1.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes _____	516
5.5.2. Talude Exterior Leste _____	517
5.5.2.0 Introdução aos contextos estudados _____	517
5.5.2.1. Análise Técnica _____	517
5.5.2.2. Análise Morfológica _____	544
5.5.2.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados _____	552
5.5.2.4. Organizações decorativas _____	553
5.5.2.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes _____	554
5.5.3. Área Norte _____	554

5.5.3.0 Introdução aos contextos estudados _____	554
5.4.3.1. Análise Técnica _____	554
5.5.3.2. Análise Morfológica _____	577
5.5.3.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados _____	589
5.5.3.4. Organizações decorativas _____	590
5.5.3.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes _____	596
5.6. Artefactos cerâmicos presentes no solo humoso ou estratos revolvidos _____	597
5.6.1. Área Norte _____	597
5.6.1.0. Introdução aos contextos descontextualizados _____	597
5.6.1.1. Breve descrição _____	597

Lista de Abreviaturas

Abreviaturas relacionadas com os espaços (zonas habitacionais) do Crasto de Palheiros

UI – Unidade Interna
UE – Unidade Externa
PSL – Plataforma Superior Leste
PIL – Plataforma Inferior Norte
TEL – Talude Exterior Leste
PEL – Plataforma Exterior Leste inserida no Talude Exterior Leste
PSN – Plataforma Superior Norte
PIN – Plataforma Inferior Norte
TEN – Talude Exterior Norte
PEN – Plataforma Exterior Norte inserida no Talude Exterior Norte

Abreviaturas relacionadas com a estratigrafia

U. Hab. – Unidade habitacional
Lx. – Complexo
A1 – Associação de complexos 1 (*A2* corresponderá a associação de complexos 2)
UEs – Unidades Estratigráficas

Abreviaturas relacionadas com os tratamentos de superfície

Ali – Alisado
Are – Areado
Bru – Brunido
Cep – Cepilhado
Esp – Espatulado
Grf – Grafitado
Nf – Superfície corroída
Pol – Polido
Rug – Rugoso
Ali/Pol – Fragmento com superfície externa alisada e superfície interna polida. A ordem das superfícies é sempre a mesma: superfície externa / superfície interna.

Abreviaturas relacionadas com as cores presentes nos fragmentos cerâmicos

A – Cor correspondente ao grupo dos castanhos-claros/amarelos, definidos no 2º volume.
B – Cor correspondente ao grupo dos cinzentos-claros/brancos, definidos no 2º volume.
C – Cor correspondente ao grupo dos castanhos-escuros, definidos no 2º volume.
P – Cor correspondente ao grupo dos negros, definidos no 2º volume.
VE – Cor correspondente ao grupo dos vermelho-escuros, definidos no 2º volume.
VC – Cor correspondente ao grupo dos vermelho-claros, definidos no 2º volume.
A-A-A – Fragmento cerâmico com superfície externa de cor A, cerne de cor A e superfície interna de cor A. A ordem das superfícies é sempre a mesma: superfície externa / cerne / superfície interna.

O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro

Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica

0. Introdução

O estudo da colecção cerâmica da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros não é a caracterização etnográfica de um conjunto de objectos de uma dada população, num dado sítio e num dado período de tempo. Este estudo é a caracterização do que resta de um conjunto de objectos desvirtualizado pelo uso, descarte e processo pós-deposicional. A longevidade dos vasos, a regular substituição destes, a longa duração da ocupação da Idade do Ferro (mais 600 anos) mas também da Idade do Bronze, as múltiplas escolhas que envolveram o abandono intencional, ou não, dos vasos cerâmicos e as condições do solo, do clima e outras que estiveram presentes durante os 2000 anos de deposição modificaram certamente o conjunto de objectos com que esta população interagiu durante cerca de 600 anos no Crasto de Palheiros.

Os vasos criados pelo/a oleiro/a não são aqueles que iremos encontrar depositados no sítio arqueológico. Um vaso é criado com uma determinada pasta, forma, tamanho, tratamento de superfície, decoração – quando esta está presente – e com uma ou várias ideias funcionais. Após a cozedura é trocado, vendido, oferecido, ou mesmo roubado, com a intenção de ser utilizado, ou não, para a mesma função que o/a oleiro/a o criou. O vaso poderá, ou ao longo do tempo, mudar de função, será transformado pelo uso – a sua coloração e grau de dureza poderá mudar (por exemplo, se este for submetido a variações térmicas repetidas e intensas), a superfície deteriorar-se-á devido às limpezas ao qual será submetido, o grau de porosidade poderá diminuir se for constantemente utilizado com substâncias gordurosas e a resistência poderá também diminuir se estiver sujeito a níveis de humidade elevados que modificarão as propriedades físicas. Por fim, quebrar-se-á ou quebrá-lo-ão. A história deste vaso poderia terminar, no entanto o vaso ainda quebrado, e se esta fractura não for demasiado extensa, poderá continuar a ser utilizado mas chegará um dia que será deitado fora.

Os estudos arqueológicos sobre a cultura material do Passado analisam os artefactos que deixaram de ser utilizados. Os objectos de um determinado local (unidades ou zonas habitacionais) podem ter sido descartados numa lixeira (fosso ou fossa) e aí permaneceram com muitos outros vindos de outros locais. Podem também ter permanecido no sítio onde se quebraram e onde foram esquecidos. O processo que se gera depois da ruptura é denominado de processo pós-deposicional e irá também modificar consideravelmente as características dos vasos cerâmicos. A quantidade de matéria orgânica no solo, a humidade, a acidez ou alcalinidade, os sucessivos incêndios, a seca, a chuva, o uso dos solos para a agricultura e outras actividades irão descolorar, continuar a quebrar,

fragilizar, tapar poros, modificar a um grau do qual não temos conhecimento todas as propriedades físicas dos vasos cerâmicos.

A informação final obtida sobre este conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros, considerado desvirtualizado, foi ainda muito condicionada pela forma como foram estudados os fragmentos cerâmicos.

Temos conhecimento de inúmeras técnicas – análises microscópicas através de lâminas delgadas, análises que utilizam suportes mais volumosos como a microscopia de varrimento por electrões, ou raios X, análise do conteúdo do fósforo e o método da cromatografia (SANCHES, 1997, 91) entre outras técnicas – que caracterizam as pastas permitindo saber em pormenor os constituintes de uma determinada pasta; os constituintes e as substâncias presentes nas superfícies (externa e interna) do vaso, possibilitando saber se um vaso possui uma camada de material orgânico que indique o seu uso na cozinha. Podemos também ficar a conhecer, através destas técnicas, o grau de resistência ao choque térmico e físico, e o grau de porosidade (permeabilidade) da pasta. O uso conjunto destas técnicas em fragmentos e em amostras de argilas de barreiros actuais na região poderia também indiciar o local de origem das pastas cerâmicas usadas no passado. Ainda que tenhamos consciência que algumas barreiras se extinguíram, estes estudos de proveniência permitem termos uma ideia de possíveis barreiras e em consequência do tempo e esforço das populações para usarem estas argilas.

O conhecimento através destas técnicas de análise é de grande importância para a caracterização de um conjunto cerâmico porque através delas poderíamos colocar hipóteses sobre a funcionalidade, longevidade, resistência ao choque térmico e físico e portanto concluir se um vaso é ou não, apropriado para uso na transformação de alimentos (cozidos, fritos, grelhados), no transporte de alimentos líquidos ou sólidos ou simplesmente se não tem características que o individualizem.

No entanto, a correlação não prova causalidade (RICE, 1987, 328) e por isso as informações finais de um conjunto cerâmico estudado com as técnicas mais sofisticadas de análise não são mais significativas que as informações de um conjunto cerâmico apenas estudado a nível macroscópico. A correlação dos dados com propriedades e comportamentos humanos é essencial para que a caracterização seja significativa (Rice: 1987, 328) e assim é na relação dos contextos arqueológicos com os dados do conjunto cerâmico que encontraremos muitas respostas à caracterização dos vasos.

Todo o nosso estudo assentou na análise visual, macroscópica e empírica dos fragmentos devido a vários factores. Em primeiro lugar, consideramos, tal como Rice (RICE, 1987, 326) que a análise tecnológica e a caracterização da cerâmica devem começar com métodos simples de

observação mais do que com métodos complexos e de elevado custo. Uma primeira caracterização permitirá sempre uma melhor escolha da amostra para futuras análises microscópicas. Sabemos que após este estudo realizado a nível macroscópico estamos aptos a encetar um estudo a nível microscópico, que possua as características necessárias para a reavaliação dos dados obtidos no primeiro.

Em segundo, temos consciência que quanto mais complexo e sofisticado é o método de análise, mais difícil é interpretar os resultados em termos de comportamento humano devido aos problemas de traduzir dados minerais e químicos em decisões humanas acerca da produção cerâmica e comércio (RICE, 1987, 326). O/A oleiro/a, há 2500 anos sabia muito pouco da composição química das argilas.

Em terceiro, não foi possível realizar análises que consideramos sempre significativas devido aos elevados custos e ao tempo que seria despendido numa análise exaustiva a uma amostra que pudesse ser significativa dentro do conjunto de cerca 30 000 fragmentos cerâmicos da Idade do Ferro. Gostaríamos de ter usado a microscopia de varrimento por electrões para a caracterização das pastas no entanto o custo avultado desta análise não permitiu, por ora, o seu uso¹. Esta técnica permite uma caracterização química do núcleo e das superfícies dos fragmentos e também permite a fotografia macroscópica que ajuda na compreensão do método de estudo das pastas usado, por nós, na caracterização deste conjunto².

Em quarto lugar, todas as condicionantes acima descritas acerca das alterações que podem ocorrer na cerâmica ao longo do tempo, justificam em parte o abandono, por ora, de análises mais intrusivas que podem levar a conclusões precipitadas acerca das propriedades ou usos dos vasos cerâmicos.

Esperamos no futuro vir a realizar estudos a nível microscópico sobre as cerâmicas pré e proto-históricas do Crasto de Palheiros.

¹ Foi realizada no CEMUP, pelo Professor Carlos Moreira de Sá, uma análise a cinco fragmentos cerâmicos do Crasto de Palheiros, pertencentes a cinco pastas diferentes (pré e proto-históricas), através da microscopia de varrimento por electrões. Os resultados desta pequena amostragem estão expostos no ponto 2.1 Descrição técnica, sub ponto 1. Descrição das pastas, neste mesmo capítulo.

² Ainda realizamos um pequeno estudo, com 5 amostras, no instituto nuclear da Universidade do Porto, que é descrito em pormenor no ponto 3.2.

O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro

Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica

1. Objectivos do estudo do material cerâmico

O estudo do material cerâmico do Crasto de Palheiros foi norteado por vários objectivos, entre eles a caracterização do conjunto cerâmico da Idade do Bronze e Ferro desta estação. Entendemos que a caracterização deve ser realizada em duas vertentes. A primeira vertente é aquela que diz respeito à percepção das técnicas de manufactura, tratamentos de superfície, técnicas decorativas, pastas utilizadas e suas características (incluindo a cor), cozeduras e por último as formas utilizadas, incluindo variantes de bordo, base e asa. A caracterização permite verificar semelhanças e dissemelhanças entre as cerâmicas de vários contextos – por exemplo entre as unidades estratigráficas (complexos) que correspondem a ocupações datadas do séc. VI/V e ocupações mais tardias datadas do séc. I AC que correspondem às unidades habitacionais incendiadas – com o objectivo de identificar usos diferenciados e a evolução dos objectos durante a ocupação de cerca de 600 anos.

A segunda vertente de caracterização tem como objectivo a compreensão das “tendências” gerais dos conjuntos. Quer dizer, um conjunto de objectos possuiu características relacionadas com 1) a sua utilização; 2) a tradição que gera toda uma gama de objectos necessariamente relacionados com o passado e 3) com a inovação, que gera os objectos que se diferenciam dos períodos cronológicos anteriores. Esta caracterização pretende identificar as tradições de fabrico e/ou estilos morfológicos e decorativos, a sua permanência, alteração, substituição e/ou convivência.

Assim, na caracterização destas duas vertentes foram atendidos os seguintes pontos: tipo de pasta (desengordurantes presentes, sua distribuição, forma e percentagem), tipos de manufactura (placas, moldagem, rolos e roda, quando tal era identificável), espessura das paredes, aspecto das superfícies (tratamento, cor e decoração, quando presente), tipos morfológicos (formas, bordos, bases e asas), tipos decorativos (associação da decoração á forma quando tal era possível e quando não era possível identificação do motivo e técnica decorativa), e quando possível comparações quantitativas do tamanho/capacidade dos vasos em vários contextos.

A utilização de um conjunto cerâmico engloba várias características, como por exemplo, a *mobilidade* ou *sedentarismo* do conjunto indicado pelo peso, tamanho e/ou forma dos vasos. É evidente que nem sempre possuímos formas completas que permitam perceber estas características. No entanto pensamos que a mobilidade do conjunto, na falta de formas e tamanhos, pode ser indicada pelos estudos estatísticos das pastas, espessuras das paredes, bordos e bases e dos diâmetros entre outros parâmetros passíveis que possuem informação morfológica.

O grau da *especialização* dos vasos é outra *tendência* da utilização, indicada pelo estudo integrado das pastas, formas e aspecto exterior e interior, aliado a um estudo estatístico pormenorizado por contexto. O estudo do contexto é essencial para a percepção da especialização de um conjunto cerâmico porque nesse estudo pretendemos perceber que vasos foram utilizados e com que funções. Certamente que as conclusões de tal estudo são apenas hipóteses interpretativas e o estudo da especialização é sobretudo um estudo que se baseia em grande parte nos contextos de recolha – que vasos podemos encontrar em determinadas unidades habitacionais ou zonas do povoado.

A *tradição* ou *inovação* presente num conjunto cerâmico varia de grupo para grupo, de região para região e mesmo no tempo. A *tradição* ou *inovação* é indicada essencialmente pela *estética* dos vasos. Esta é estudada, em conjunto ou separadamente, através da espessura das paredes, cores, pastas, tratamentos de superfície e decoração, formas e usos. A variação ou a manutenção no tempo e no espaço destes factores pode indicar as características da *tradição* e da *inovação*.

Temos consciência que a grande inovação estética na Idade do Ferro são as cerâmicas de decoração estampilhada presentes em todos os povoados deste período de todas as regiões. Ainda que os motivos e suas associações não sejam sempre semelhantes, mas sim, na grande maioria das vezes, dissemelhantes, a técnica decorativa mantém-se, como um fóssil director incontornável. Caberá a este estudo perceber a importância destas e de outras técnicas decorativas que podem ser indício de diferenças entre grupos étnicos, regiões, povoados ou simplesmente a marca de cada oleiro/a dentro da sua própria comunidade.

As opções de estudo atrás descritas estiveram intimamente relacionadas com as características da colecção estudada. Por um lado esta colecção conta com mais de 35 000 fragmentos e por outro lado conta com pouco mais de 11 formas definidas. Optamos por realizar uma vasta gama de estudos estatísticos que permitisse a manipulação da informação que estes 35 000 fragmentos, certamente, possuíam, mas que muito dificilmente revelariam.

Acreditamos ter sido possível compreender, quer a generalidade do conjunto cerâmico, quer a especificidade de cada contexto através dos estudos estatísticos grandemente fiáveis devido ao enorme número de fragmentos envolvido neste estudo.

2. Metodologia de estudo

A metodologia de estudo aplicada às cerâmicas do Crasto de Palheiros é em muitos factores semelhante a outros estudos realizados por outros investigadores (Sanches: 1997; Vilaça: 1995; Jorge: 1986), tais como, a avaliação da espessura das paredes, os tratamentos de superfície, a cor, as técnicas de manufactura, as decorações, entre outros. No entanto, este estudo distancia-se de muitos daqueles realizados até ao momento sobretudo na numeração sequencial dos fragmentos (os fragmentos foram numerados um a um e sem que os números se repitam), na análise autónoma dos tratamentos de superfície e cor (cada superfície tem um tratamento de superfície e cor e ocupa um campo autónomo na base de dados, sendo que não são criadas combinações à priori) e na criação de uma tipologia de pastas³. Esta divisão extrema dos campos de análise e dos fragmentos permite estudos estatísticos muito pormenorizados que são desenvolvidos no ponto 6 deste volume e onde expomos todas as potencialidades deste tipo de estudos.

2.1. Descrição técnica

A descrição técnica abarcou os seguintes os parâmetros de avaliação dos fragmentos cerâmicos: 1) tipo de pasta; 2) dimensão do fragmento; 3) estado de conservação; 4) espessura (média) das paredes; 5) tratamento de superfície; 6) cor e, 7) técnica de manufactura.

2.1.1. Tipo de Pasta

As pastas utilizadas nos vasos da Idade do Bronze e Ferro do Crasto de Palheiros são constituídas por argilas comuns que contêm percentagens mais ou menos elevadas de óxidos metálicos (na sua maioria ferro) que lhes conferem colorações características (normalmente vermelha) depois de cozidas. Na sua grande maioria encontramos cerâmicas com uma coloração vermelha viva que pode indicar grande quantidade de óxidos de ferro. No entanto cerâmicas com outras colorações foram também identificadas, desde cerâmicas de cerne branco, beje ao castanho; cores que podem não estar relacionadas com a cozedura mas sim com Barros mais ou menos castanhos dependendo a cor da sua composição química. As muitas cerâmicas com uma coloração negra são difíceis de definir em relação à cor da argila, pois qualquer argila comum de qualquer cor

³ Alguns autores, como Alexandre Canha (Canha: 2002), desenvolveram estudos com estas características nas suas dissertações de mestrado. Raquel Vilaça (Vilaça: 1995) também registou os tratamentos de superfície externa e interna de forma autónoma, sendo que não criou categorias conjuntas.

pode devido a uma cozedura com demasiados fumos tornar-se totalmente negra ou cinzenta-escura⁴. A cor negra numa pasta cerâmica pré e proto-histórica pode não estar directamente relacionada com uma cozedura redutora que era demasiado difícil de conseguir no passado nestes períodos cronológicos devido à simplicidade dos fornos. A coloração negra pode estar relacionada com uma cozedura oxidante, seja feita em pilha ao ar livre seja em forno, onde se utilizavam combustíveis impuros (como madeiras de várias espécies, folhas e pequenos rebentos, estrume, entre outros) que produziam fumos pretos e enegreciam as pastas de um modo imprevisível. Ou seja, o contacto dos vasos cerâmicos com esses fumos pretos faz com que estes vasos possuam colorações escuras e inconstantes, quer dizer, zonas de claro e escuro.

No Crasto de Palheiros foram identificados 13 tipos de pastas e um formado teoricamente um 14º grupo onde se encontravam algumas cerâmicas que não possuíam todas as características de cada um dos outros 13. Quer dizer, foram identificados fragmentos que justificariam a criação de novas pastas, no entanto estes fragmentos eram raros e apareciam maioritariamente em contextos da ocupação Calcolítica. Pensamos que poderiam estar relacionados com uma maior variabilidade das pastas pré-históricas e/ou estar relacionados com intercâmbios de artefactos entre grupos e/ou regiões. Optamos por incluir estes raros fragmentos nas pastas criadas de forma a não originar demasiada variabilidade, que iria certamente dificultar a percepção do conjunto cerâmico. O objectivo principal de um estudo de pastas é reduzir a variabilidade que estas possuem, principalmente as pastas cerâmicas pré e proto-históricas. Sabemos que os agrupamentos são redutores, no entanto acreditamos que eles permitem uma visão menos toldada pela variabilidade própria destes períodos cronológicos. Acreditamos também que apesar da variabilidade, as cerâmicas pré e proto-históricas eram já construídas com um cuidado (ainda que rudimentar) ao nível das pastas que lhes conferiu características distintas a cada uma delas. Assim justificamos as nossas opções num estudo que analisou 34 000 fragmentos e criou 13 tipos de pastas. Estes 13 tipos de pasta revelam uma certa variedade do conjunto cerâmico. Estas pastas assemelham-se e divergem umas das outras quer pela natureza dos desengordurantes quer pelo seu tamanho, distribuição e percentagem dentro da matriz argilosa. Por um lado encontramos argilas com grãos

⁴ Durante um ano lectivo frequentamos um curso tecnológico de cerâmica (Escola Secundária Soares dos Reis – Porto) onde foram leccionadas várias matérias. Nesse curso obtivemos informações de grande utilidade sobre o comportamento das pastas cerâmicas. Um dos ceramistas (professor) informou-nos que a coloração da pasta pós-cozedura nem sempre está relacionada com a coloração da mesma antes da cozedura. A cozedura afirma-se como um momento relevante na coloração final da pasta cerâmica. Quer dizer que, o tipo de combustível, o tempo de cozedura, a quantidade de oxigénio vai de terminar a coloração das pastas sendo esta, muitas vezes, imprevisível. Certas técnicas de cozedura, como o “raku” japonês, são ainda utilizadas na modernidade para a produção de vasos cerâmicos com colorações escuras (coloridas) imprevisíveis (ainda que esta técnica utilize vidrados).

de quartzo, seixo ou feldspato (elementos opacos, que não conferem brilho à pasta) e por outro lado, argilas que para além dos grãos de quartzo, feldspato ou seixo, possuem mica ou xisto.

A caracterização das pastas foi realizada de uma forma unificadora, tal como é apresentada exhaustivamente na obra *“La cerámica en la Arqueología”* (Orton: 1997), isto é, uma determinada pasta possui várias características aglutinadas, a saber: tipo e natureza do desengordurante (elementos não plásticos – ENP), tamanho, distribuição e percentagem dentro da matriz argilosa. Sabemos que este método não tem sido utilizado na caracterização de cerâmicas pré e proto-históricas devido, possivelmente, à grande variabilidade que estas cerâmicas apresentam em todas as regiões e povoados em que são identificadas e estudadas. No entanto este método apresenta-se nos de grande utilidade em relação àquele que apenas identificava e media o desengordurante. Duas pastas podem possuir o mesmo tipo e tamanho de desengordurante, mas a sua percentagem e distribuição pode variar, uma pode possuir pouco desengordurante e apresentá-lo bem distribuído, sendo uma pasta visualmente homogénea e provavelmente unida e compacta. A outra pode possuir uma percentagem superior de desengordurante e apresentá-lo mal distribuído, esta pasta será pouco homogénea e de carácter friável pois será frágil na ligação de todos os seus constituintes.

Quanto às duas primeiras variáveis – tipo e natureza do ENP – a primeira é descritiva e diz respeito à determinação dos elementos não plásticos observáveis macroscopicamente. Nem sempre é possível identificar o elemento – quartzo, feldspato, seixo, xisto, mica entre outros – mas este pode ser descrito quanto à sua cor, brilho, forma geral e resistência à fricção. Temos a referir que não foram realizadas análises por isso todas as denominações apontadas dos ENPs⁵ identificados provêm de uma observação a nível macroscópico.

A segunda variável é interpretativa e diz respeito à determinação da forma com estes ENPs se associaram à matriz argilosa que os envolve. Se tratamos de ENPs adicionados intencionalmente a esta matriz, estes serão considerados tempera, se já estariam presentes na argila quando esta foi transformada por acção humana em recipientes cerâmicos, serão considerados inclusões naturais. Naturalmente, não podemos saber se determinados ENPs foram adicionados intencionalmente ou se já constituíam a matriz da argila. No entanto, entendemos que deveríamos colocar as hipóteses que achássemos pertinentes e assim, na caracterização das pastas cerâmicas (capítulo 3) quando afirmamos que determinado ENP é tempera, explicamos as razões que nos levaram a formular tal

⁵ O desengordurante é denominado de elementos não plásticos, em oposição aos elementos minerais plásticos que constituem a matriz argilosa da pasta e que não são visíveis nem identificáveis a nível macroscópico.

hipótese. Por vezes, as razões de definir determinado ENP como tempera prendem-se com determinadas características desse ENP. Algumas dessas características são a forma regular ou homogénea onde os elementos de determinado ENP apresentam-se quase todos do mesmo tamanho e da mesma forma. A distribuição regular de determinado ENP onde a esta é tão regular que exige uma manipulação profunda da pasta. Neste caso, a distribuição regular nem sempre significa uma manipulação dos ENPs contudo, a própria definição de “tempera” em determinado ENP indica um grau de manipulação da pasta mais elevado do que outra menos trabalhada e por isso, geralmente, uma distribuição muito homogénea leva ao uso deste termo.

Relativamente ao tamanho, percentagem e distribuição dos ENPs dentro da matriz argilosa temos a referir o seguinte:

1 – O tamanho dos ENPs diz respeito à dimensão média de cada tipo identificado. Criamos 4 categorias de dimensão – <1 mm, $1/2$ mm, $2/3$ mm, >3 mm – que são utilizadas em separado para cada tipo, por exemplo, o quartzo tem uma dimensão de $1/2$ mm e o feldspato de <1 mm na mesma pasta. Consideramos para a descrição do tamanho dos ENPs a dimensão da maioria de cada tipo identificado, no entanto por vezes quando considerávamos a categoria de $1/2$ mm num determinado tipo podíamos ainda encontrar (ainda que em minoria) ENPs <1 mm. Assim podemos considerar que as pastas pré e proto-históricas identificadas possuíam ENPs com tamanho muito variável e a categoria escolhida é um indicador e não algo demasiado restrito.

2 – A percentagem de ENPs no conjunto da pasta diz respeito à quantidade relativa de cada ENP no conjunto da matriz argilosa. Cada pasta é constituída pela matriz argilosa e pelos ENPs. Por sua vez, a matriz argilosa é constituída, na sua grande maioria, por alumino-silicatos, elementos não identificáveis a olho nu, que é tudo o que não é ENPs. Embora não consideremos a matriz como elemento descritor do tipo de pasta – pois tal não é possível sem o auxílio de análises microscópicas – esta deve ser considerada como parte integrante da pasta, ou seja, deve considerar-se que certa percentagem da pasta é constituída pela matriz argilosa. Tal quer dizer que os ENPs são uma parte integrante e que ocupam uma determinada percentagem e determinado tipo de distribuição.

Esta variável é semi-quantitativa, pois a determinação da percentagem dos ENPs na pasta é registada por observação directa em analogia com tabelas gráficas de percentagem pré-estabelecidas (Est. I) e não por contagem e cálculo da mesma. Optamos por este método porque a definição de percentagem de ENPs em cada pasta foi sendo ajustada à medida que a colecção ia sendo estudada. Calcular a percentagem fragmento a fragmento seria completamente inviável em termos de tempo e mesmo em termos de definição geral. Mais uma vez a variabilidade destas cerâmicas apenas

permite aproximações e não métodos demasiado restritivos. As percentagens apontadas são uma média das ocorrências nos fragmentos considerados da mesma pasta.

Para a medição da percentagem foi utilizada a tabela presente na obra “*La cerámica en Arqueología*” (Orton: 1997, 267) (Est. I) apesar de termos conhecimento de outras tabelas de percentagem (Rice: 1987, 349), mais restritos e portanto mais difíceis de manipular nas cerâmicas pré e proto-históricas, mas que podem ser utilizados nos estudos de cerâmica romana e medieval.

3 – A distribuição dos ENPs na matriz argilosa diz respeito à forma como estes e a matriz argilosa se combinam entre si. Esta variável é interpretativa e qualitativa sendo registada, novamente, pela observação directa da pasta e caracterização em analogia com tabelas gráficas de distribuição pré-estabelecidas na obra “*La cerámica en Arqueología*” (Orton: 1997,269). Nesta obra são consideradas 5 categorias de ordenação de inclusões – muito pobre, pobre, equilibrada, boa e muito boa (Est. II, fig. 1) – no entanto nós optamos por agrupar a categoria de muito pobre e pobre e denominá-la de Má; a categoria de equilibrada manteve-se e denominou-se de Média; e reunimos as categorias boa e muito boa numa só que ficou denominada de Boa. Apenas consideramos 3 categorias pois a forma de distribuição das inclusões é de facto a variável mais difícil de discernir (Est. II, fig. 2). É nesta variável que consideramos que as pastas pré e proto-históricas são definitivamente diferentes das pastas usadas em períodos posteriores. A distribuição das inclusões na matriz em cerâmicas pré e proto-históricas é sempre relativamente má e média se as compararmos com cerâmicas romanas, medievais entre todas as outras. Obviamente que ao estudarmos conjuntos apenas pré e proto-históricos encontramos cerâmicas com boa e muito boa distribuição dentro dele mesmo.

2.1.2. Dimensão do fragmento

A dimensão do fragmento é o parâmetro destinado ao registo da dimensão média do fragmento tal como aquele definido e utilizado por Alexandre Canha (Canha: 2002, 47). Trata-se de um campo registado por categorias previamente definidas passíveis de ampliação em função da natureza da própria colecção. As novas categorias terão que manter sempre a relação de dimensão previamente estabelecida entre si (2 cm) e sendo o limite superior da categoria sempre exclusivo. Para estabelecer a dimensão média dos fragmentos é medido, em cm, o eixo mais longo do fragmento. Assim a categoria 1 é <2cm; a categoria 2 encontra-se entre 2 <4 cm; a 3 entre 4 <6 cm;

a 4 entre 6 <8 cm; a 5 entre 8 <10 cm e assim sucessivamente até ao fragmento de maiores dimensões encontrado no conjunto cerâmico.

Este parâmetro de análise permite perceber se os fragmentos de um determinado vaso, de uma dada pasta, contexto, e zona do povoado possuem um índice de fragmentação superior a outro conjunto. Se uma pasta partir em fragmentos mais pequenos do que outra pode indicar que esta é de pior qualidade que outra, ou que a cozedura daqueles vasos foi realizada a menor temperatura. Se num dado contexto existirem muitos fragmentos pequenos podemos estar perante uma camada de destruição ou uma lixeira. Como podemos constatar este parâmetro detém alguma importância no conhecimento das cerâmicas e dos contextos.

2.1.3. Estado de Conservação

O estado de conservação é o parâmetro destinado ao registo da caracterização das fracturas dos fragmentos, que permitirá avaliar a conservação dos mesmos. O estado de conservação aqui registado não se assemelha ao do tipo de fractura apresentado na dissertação de mestrado de Alexandre Canha (Canha: 2002, 44), onde se registaram as fracturas vivas, provocadas no estudo e onde se inferia o grau de dureza e o tipo de cozedura do fragmento. Este estudo visou o fragmento como um todo em interacção com o meio ambiente e portanto cremos, que neste estudo, é mais útil registar a fractura tal como se nos apresenta hoje, após o processo pós-deposicional. Consideramos importante o estudo do grau de dureza, tal como analisado por Alexandre Canha, no entanto este pode ser falseado por uma deterioração desigual de fragmentos à partida semelhantes. Assim decidimos simplificar o registo desta variável criando 3 categorias.

O registo deste factor de avaliação ocorre por meio de categorias previamente definidas, não passíveis de ampliação. A primeira categoria considerada corresponde a fracturas com arestas vivas (AV). Estas possuem uma superfície plana ou irregular em função da textura das pastas e não apresentam erosão das arestas. Este tipo de aresta pode corresponder a fragmentos que se terão movido pouco entre a sua deposição e a recolha em contexto de escavação ou corresponder a fragmentos com alto índice de fragmentação (devido à interacção com o solo ácido ou húmido).

A segunda categoria corresponde a fracturas com arestas boleadas (ABL). Estas fracturas possuem uma superfície algo desgastada, que não pode ser definida como uma fractura viva (onde é visível toda a volumetria da fractura) nem como fractura rolada (onde não é visível nenhuma da volumetria da fractura). A aresta boleada é uma fractura de aspecto arredondado que ainda não se encontra num estado totalmente desgastado, como é o da aresta rolada. Este tipo de aresta pode corresponder a fragmentos que 1) terão sofrido algum movimento entre a sua deposição e a recolha

em contexto de escavação e, 2) nunca se moveram mas que a constituição da matriz argilosa deteriorou, através da percolação de água, tanto a aresta como a superfície.

A última categoria corresponde a fracturas com arestas roladas (ARL). Estas possuem uma superfície bastante erodida que confere à totalidade do fragmento um aspecto arredondado. Este tipo de aresta pode corresponder a fragmentos que 1) terão sofrido um movimento profundo entre a sua deposição e a recolha em contexto de escavação; 2) nunca se moveram mas que a constituição da matriz argilosa permitia através da percolação de água ou da acidez do solo a erosão da fractura e também da superfície do fragmento e, 3) devido à constituição da pasta e às características do solo se deterioram com maior facilidade.

2.1.4. Espessura (média) das paredes

A espessura média das paredes é o parâmetro destinado ao registo da espessura das paredes de todos os fragmentos excluindo a espessura dos bordos e bases. Estes são geralmente mais espessos criando uma grande diferença entre a espessura do bordo/base e o resto da parede do vaso. Trata-se de um campo registado por categorias previamente definidas passíveis de ampliação em função da natureza da própria colecção. As novas categorias terão que manter sempre a relação de dimensão previamente estabelecida entre si (2 mm), sendo o limite superior da categoria sempre exclusivo. Visto tratarmos de recipientes cerâmicos produzidos manualmente, para estabelecer a espessura média dos fragmentos devem ser feitas várias medições, em mm, da espessura das paredes, sendo considerada a média das mesmas.

Assim a categoria 1 é <3 mm; a categoria 2 encontra-se entre 3 <5 mm; a 3 entre 5 <7 mm; a 4 entre 7 <9 mm; a 5 entre 9 <11mm e assim sucessivamente criando novas categorias sempre que necessário.

Esta categorização foi escolhida desta forma após termos realizado um pequeno trabalho em 2001, no âmbito da cadeira de Trabalhos Práticos do curso de Arqueologia, leccionado na FLUP. Neste ano tivemos pela primeira vez contacto com as cerâmicas do Crasto de Palheiros e percebemos de imediato que as cerâmicas da Idade do Ferro possuíam espessuras inferiores às cerâmicas pré-históricas do mesmo sítio. Tendo em conta este conhecimento não pudemos utilizar as categorias de Isabel Amorim (Amorim: 1999, 44) que por sua vez tinha seguido as categorias de Maria de Jesus Sanches (Sanches: 1997, vol. II, 94).

2.1.5. Tratamento de superfície

O tratamento de superfícies é o parâmetro destinado ao registo da técnica utilizada na regularização da superfície dos recipientes cerâmicos. Após a análise de muitos fragmentos do conjunto e à medida que este ia sendo estudado no final registamos 9 categorias de tratamento de superfície. Optamos por um registo individual para a superfície externa e interna, tal como aquele apresentado por Alexandre Canha (Canha: 2002, 45) e Raquel Vilaça (Vilaça: 1995, 49) ao contrário das categorizações conjuntas de superfície externa e interna realizadas por M. J. Sanches (Sanches: 1997, vol. II, 93) e Isabel Amorim (Amorim: 1999, 44). Para as definições dos tratamentos de superfície foram seguidas as definições de Raquel Vilaça (Vilaça: 1995, 49), M. J. Sanches (Sanches: 1997, vol. II, 93) e Prudence Rice (Rice: 1987, 136-140).

As categorias estão registadas por acrónimos nas tabelas da base de dados que de seguida explicamos.

As superfícies não identificadas ou corroídas (N/f) são aquelas que sofreram uma erosão intensa, provocada pelo processo pós-deposicional, que impossibilita a determinação do tratamento de superfície original.

As superfícies alisadas (ALI) são aquelas que se apresentam ligeiramente rugosas ao toque, mas visualmente regulares. Não possuem brilho, não são totalmente homogêneas e foram realizadas através da passagem (fricção pouco intensa) de um objecto pouco duro (como um pedaço de pano, couro ou mesmo a mão húmida) pela superfície ainda fresca, acabada de fazer, do vaso.

As superfícies polidas (POL) são aquelas que se apresentam macias ao toque, com brilho e homogêneas. Foram conseguidas através da fricção intensa de um objecto liso, duro e macio (um seixo sem rugosidades, um chifre ou osso, e/ou mesmo uma placa metálica, ainda que tal instrumento nunca tenha sido identificado, as suas características permitiriam a sua utilização) na pasta crua mas semi-seca (o chamado “ponto de couro” – quando a pasta tem comportamentos similares ao do couro⁶).

As superfícies espatuladas (ESP) são aquelas que se apresentam macias ao toque, com brilho facetado, geralmente horizontal, provocado por um polimento realizado num vaso com uma pasta

⁶ No curso de cerâmica que frequentamos aprendemos a identificar um recipiente cerâmico em estado de “ponto de couro”. Quer dizer que para a aplicação de um polimento ou uma decoração incisa, impressa ou outra que não envolva pintura ou vitrado é necessário que o recipiente se encontre relativamente seco mas ainda com um grau de humidade elevado. No “ponto de couro” o recipiente possui um comportamento semelhante ao do couro (donde lhe vem o nome), é mole e duro ao mesmo tempo, encontra-se mais resistente que um recipiente acabado de fazer mas não está totalmente seco. A humidade que possui permite o polimento. Assim que esta humidade desaparece (ao fim de um ou dois dias muito quentes) já não é possível polir a superfície do recipiente cerâmico. Qualquer tentativa neste sentido produz uma superfície “arranhada” pelo instrumento e não uma superfície alisada pelo mesmo.

mais mole que o ponto de couro que vai amolar à medida que o instrumento toma contacto com a superfície. Notam-se, por vezes indeléveis rebordos deixados pelo instrumento utilizado, principalmente quando não se tentou regularizar o espatulado após mais uma secagem do vaso. Pensamos que esta técnica não é intencional, é um erro comum quando se realizam polidos ou brunidos e se controla mal o processo de secagem, no entanto achamos que seria pertinente ter uma categoria individual que possa mostrar quantos vasos eram genericamente mal polidos.

As superfícies brunidas (BRU) são aquelas que se apresentam muito macias ao toque, com brilho intenso e homogéneo (sem qualquer irregularidade) e que foram obtidas, tal como o polimento, através da fricção intensa de um objecto duro na pasta em ponto de couro e com grande grau de humidade. Para se atingir um brunido pode-se correr o risco de acontecer um espatulado. O brunido não é feito em pasta seca tal como referido por Prudence Rice (Rice: 1987, 138) porque torna-se muito mais difícil de conseguir, é muito mais frágil porque pode lascar, tal como referido pela autora, é muito menos intenso e profundo do que se for feito numa pasta mais mole e ocorrem, geralmente, imperfeições na superfície devido à fricção que só são corrigidas quando humedecemos o vaso novamente⁷.

As superfícies cepilhadas (CEP) são aquelas ásperas e irregulares ao toque, muito irregulares a nível visual e algo mates. O brilho ou falta dele depende da pasta do vaso, se a pasta for micácea a superfície é irregular e brilhante, se não for é irregular e sem brilho. Este tratamento de superfície pode ser obtido de duas formas, na primeira esfrega-se a superfície do vaso, ainda com a pasta amolecida, com uma vassoura ou um pente, algo com a extremidade romba mas suficientemente dura de forma a rasgar a superfície do vaso. Este cepilhado é fácil de identificar e é usual nas cerâmicas do Bronze e da Idade do Ferro. O cepilhado pode também ocorrer com uma aparência algo diferente. Neste caso parece ter sido obtido por uma raspagem em pasta semi-rígida ou mesmo rígida, antes da cozedura o que faz com que o cepilhado tenha um aspecto muito irregular. Pensamos que também pode ter sido provocado pela limpeza da superfície que ao ser raspada para limpar a fuligem externa ou gordura interna provocar um “cepilhado” que não se pode considerar tratamento de superfície ou decoração. Qualquer tipo de cepilhado provoca uma superfície rugosa, com “penteados caóticos”, cruzados, sendo mais raros aqueles que se apresentam ordenados, sendo,

⁷ No curso de cerâmica que frequentamos podemos construir vários recipientes cerâmicos que foram todos polidos. O polido / brunido obtido num recipiente em ponto de couro é intenso, profundo e relativamente fácil de obter. O polido obtido num recipiente seco é praticamente impossível de obter e exige um esforço (tempo) muito maior. Estas evidências foram tratadas com exemplos práticos no entanto, trabalhamos com pastas modernas, extremamente depuradas e tal pode eventualmente ter modificado os resultados finais.

praticamente impossível, discernir o cepilhado decorativo do cepilhado provocado pela limpeza do vaso. Assim os cepilhados identificados são estudados como um todo ainda que saibamos que possam ter origens diferentes.

As superfícies rugosas (RUG) são aquelas irregulares a nível táctil e visualmente. Esta categoria foi criada por nós devido à presença, no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros, de cerâmicas com superfícies que aparentemente tiveram um tratamento que irregulariza totalmente a superfície do vaso. Por vezes encontramos superfícies irregularizadas por uma forte passagem de panos húmidos ou pedaços de couro e outras vezes a superfície parece ter sido amolada com um objecto irregular como um pedaço de madeira, cortiça ou simplesmente uma pedra. Uma superfície é denominada de rugosa quando se identifica um rugoso intencional onde se exclui o cepilhado, o alisado e o areado.

As superfícies areadas (ARE) são aquelas ásperas ao toque, irregulares e algo mates. Tal como no cepilhado o brilho ou falta dele depende da natureza da pasta. Esta categoria foi criada por nós devido à presença, no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros, de cerâmicas que possuíam um tratamento de superfície aparentemente diferente de todos os outros até agora descritos. O areado é conseguido quando a pasta está ligeiramente seca, mas não demasiado, esfregando-se a superfície com areia, terra fina ou argila seca. Esta acção torna a superfície rugosa, muito irregular, sem marcas de vassourados com aspecto areado, granuloso fino e com pequenos grãos de areia que se “descolam” da superfície com a passagem dos dedos. Esta técnica é descrita por José Monserrat (Monserrat: 1995, 190) e tem como objectivo revestir o recipiente para isolá-lo do fogo directo quando este é usado, ao lume, para aquecer sólidos ou líquidos.

As superfícies com engobe (ENG) são aquelas que parecem ter levado um engobe ou um revestimento de natureza argilosa aplicado após a secagem, mas antes da cozedura. No Crasto de Palheiros ocorreram algumas cerâmicas aparentemente com um engobe de cor preta. Este engobe é uma aguada fina que com os processos pós-deposicionais tem tendência a lascar. A superfície engobada é normalmente, lisa, preta e muito brilhante. Somos de opinião, tal como Raquel Vilaça (Vilaça: 1995, 49) que devido à dificuldade de identificar os engobes apenas análises microscópicas poderão afirmar a sua presença em cerâmicas de níveis arqueológicos tão antigos.

2.1.6. Cor

A cor é o parâmetro destinado ao registo da cor actual da superfície externa, interna e cerne dos fragmentos cerâmicos. A cor é uma das propriedades cerâmicas que permite uma diferenciação a olho nu, e é importante tanto ao nível estético como técnico, pois, idealmente, a cor revela a

matéria-prima e o modo como foi cozida. A validade da cor como parâmetro de avaliação das cerâmicas tem sido muito discutida (Rice: 1987, 343-345; Sanches: 1997, 91; Vilaça: 1995, 48) e todos sabemos que a utilização dos vasos e o processo pós-deposicional vão modificar a tonalidade da cor do fragmento, e mesmo, a cor original deste.

Apesar de conhecermos as dificuldades de interpretação da cor dos fragmentos, optamos por criar 6 grupos de cores que são aplicados, individualmente, às três variáveis já apontadas, superfície interna e externa e cerne. Poderíamos ter criado grupos mais restritos ao nível da tonalidade – com cores mais escurecidas ou mais esbranquiçadas, pois tal poderia revelar a temperatura de cozedura – e ao nível da cor em si (mais vermelhas, menos amarelas que revelariam a temperatura de cozedura e a natureza da argila (Rice: 1987, 343). Poderíamos também ter seguido a tabela apresentada por Clive Orton (Orton: 1997, 155) para a análise da fractura viva, onde se esquematizam as relações entre o núcleo e as zonas mais próximas da superfície do vaso. No entanto a extensão do conjunto cerâmico não permitiu uma análise mais aturada, tal levaria tempo que não possuímos. O estudo das cerâmicas revelou que no futuro terá que se agrupar as cores em grupos mais restritos e usar uma tabela para as secções transversais. No entanto esta escolha pode ser ponderada para a totalidade da colecção pois as cerâmicas revelam na sua grande maioria um núcleo uniforme e de acordo com as zonas mais próximas da superfície.

Passamos então a explicar os agrupamentos e acrónimos utilizados nas tabelas:

O grupo dos castanhos-claros (A) corresponde aos seguintes códigos no código de Munsell: 7.5YR (6/2, 6/3, 6/4, 6/6, 6/8, 7/2, 7/3, 7/4, 7/6, 7/8, 8/2, 8/3, 8/4, 8/6); 10YR (6/2, 6/3, 6/4, 6/6, 6/8, 7/3, 7/4, 7/6, 7/8, 8/2, 8/3, 8/4, 8/6, 8/8); 2.6Y (6/2, 6/3, 6/4, 6/6, 6/8, 7/2, 7/3, 7/4, 7/6, 7/8, 8/2, 8/3, 8/4, 8/6, 8/8); 5Y (6/2, 6/3, 6/4, 6/6, 6/8, 7/2, 7/3, 7/4, 7/6, 7/8, 8/2, 8/3, 8/4, 8/6, 8/8) e às seguintes identificações no mesmo código: castanhos-claros e amarelados, castanhos muito claros, cor-de-rosa muito claro, cor-de-rosa acinzentado, cor-de-laranja.

O grupo dos castanhos-escuros (C) corresponde aos seguintes códigos no código de Munsell: 7.5YR (2.5/2, 2.5/3, 3/2, 3/3, 3/4, 4/2, 4/3, 4/4, 4/6, 5/2, 5/3, 5/4, 5/6, 5/8); 10YR (3/2, 3/3, 3/4, 3/6, 4/2, 4/3, 4/4, 4/6, 4/8, 5/2, 5/3, 5/4, 5/6, 5/8); 2.5Y (3/2, 3/3, 4/2, 4/3, 4/4, 5/2, 5/3, 5/4, 5/6); 5Y (4/2, 4/3, 4/4, 5/2, 5/3, 5/4, 5/6) e às seguintes identificações no mesmo código: castanho, castanho-forte, castanho-escuro, castanho muito escuro, castanho amarelado.

O grupo dos cinzentos-claros (B) corresponde aos seguintes códigos no código de Munsell: N/8; N/7; 10Y (8/1, 7/1); 5GY (8/1, 7/1); 10GY (8/1, 7/1); 5G (8/1, 7/1, 8/2, 7/2, 6/2); N/6; 10Y 6/1; 5GY 6/1; 10GY 6/1; 5G 6/1; 10G (8/1, 7/1); 5BG (8/1, 7/1); 10BG (8/1, 7/1); 5B (8/1, 7/1); 10B

(8/1, 7/1); 5PB (8/1, 7/1); 10G 6/1; 10BG 6/1; 5BG 6/1; 5B 6/1; 10B 6/1; 5PB 6/1; 10R (8/1, 7/1, 6/1); 2.5YR (8/1, 7/1, 6/1); 5YR (8/1, 7/1, 6/1); 7.5YR (8/1, 7/1, 6/1); 10YR (6/1, 7/1, 7/2, 8/1); 2.5Y (6/1, 7/1, 8/1); 5Y (6/1, 7/1, 8/1) e às seguintes identificações no mesmo código: branco, cinzento-claro, cinzento-claro-esverdeado, cinzento-claro-azulado, cinzento, cinzento-esverdeado, cinzento-azulado, cinzento-claro-avermelhado.

O grupo dos cinzentos-escuros (P) corresponde aos seguintes códigos no código de Munsell: N2,5; N/3; N/4; N/5; 10Y (2.5/1, 3/1, 4/1, 5/1); 5GY (2.5/1, 3/1, 4/1, 5/1); 10GY (2.5/1, 3/1, 4/1, 5/1); 5G (2.5/1, 2.5/2, 3/1, 3/2, 4/1, 4/2, 5/1, 5/2); 10G (2.5/1, 3/1, 4/1, 5/1); 5BG (2.5/1, 3/1, 4/1, 5/1); 10BG (2.5/1, 3/1, 4/1, 5/1); 5B (2.5/1, 3/1, 4/1, 5/1); 10B (2.5/1, 3/1, 4/1, 5/1); 5PB (2.5/1, 3/1, 4/1, 5/1); 10R (3/1, 4/1, 5/1, 2.5/1, 2.5/2); 2.5YR (2.5/1, 3/1, 4/1, 5/1); 5YR (2.5/1, 3/1, 4/1, 5/1); 7.5YR (2.5/1, 3/1, 4/1, 5/1); 10YR 2/1, 2/2, 3/1, 4/1, 5/1); 2.5Y (2.5/1, 3/1, 4/1, 5/1); 5Y (2.5/1, 2.5/2, 3/1, 3/2, 4/1, 5/1) e às seguintes identificações no mesmo código: preto, cinzento-escuro, cinzento-escuro-esverdeado e azulado, preto-esverdeado, preto-azulado, preto-avermelhado, cinzento muito escuro esverdeado, azulado e avermelhado.

O grupo dos vermelhos-escuros (VE) corresponde aos seguintes códigos no código de Munsell: 10R (3/2, 3/3, 3/4, 3/6, 4/2, 4/3, 4/4, 4/6, 4/8); 2.5YR 2.5/2, 2.5/3, 2.5/4, 3/2, 3/3, 3/4, 3/6, 4/2, 4/3, 4/4, 4/6, 4/8, 5/2, 5/3, 5/4, 5/6, 5/8); 5YR (2.5/2, 3/2, 3/3, 3/4, 4/2, 4/3, 4/4, 5/2, 5/3, 5/4) e às seguintes identificações no mesmo código: vermelho, vermelho-fraco, vermelho-escuro, vermelho-acastanhado.

O grupo dos vermelhos-claros (VC) corresponde aos seguintes códigos no código de Munsell: 10R (5/2, 5/3, 5/4, 5/6, 5/8, 6/2, 6/3, 6/4, 6/6, 6/8, 7/2, 7/3, 7/4, 7/6, 7/8, 8/2, 8/3, 8/4); 2.5YR (6/2, 6/3, 6/4, 6/6, 6/8, 7/2, 7/3, 7/4, 7/6, 7/8, 8/2, 8/3, 8/4); 5YR (4/6, 5/6, 5/8, 6/2, 6/3, 6/4, 6/6, 6/8, 7/2, 7/3, 7/4, 7/6, 7/8, 8/2, 8/3, 8/4) e às seguintes identificações no mesmo código: vermelho-claro, cor-de-rosa, vermelho pálido, castanho-claro-avermelhado, vermelho-alaranjado.

2.1.7. Técnica de manufactura

A técnica de manufactura é o parâmetro destinado a registar as técnicas de manufactura identificadas nos fragmentos. São 5 as categorias identificadas: torno, manual, rolos, placas e amolgamento. Os vasos feitos *a torno* são identificados quando: 1) são visíveis estrias interiores da subida do vaso no torno, 2) as paredes do vasos são tão finas e regulares que exigem uma construção no torno e 3) o bordo se apresenta muito regular, por vezes facetado e apontando uma construção no torno. Os vasos são identificados como *manuais* quando 1) não apresentam características de vasos feitos a torno, 2) apresentam uma espessura irregular e/ou marcas de dedos

ou mãos e 3) não é possível identificar o tipo de técnica de construção manual –rolos, placas e/ou amolgamento. Os vasos são identificados como construídos com *rolos* quando o vaso quebra pela união de dois rolos notando-se um rolo liso ou um rolo com incisões para uma melhor colagem noutro rolo. A técnica é descrita por Prudence Rice (Rice: 1987, 127) e por isso não a iremos descrever aqui. Os vasos são identificados como construídos com *placas* quando os vasos / fragmentos lascam longitudinalmente em dois, revelando uma manufatura por placas justapostas prensadas. O *amolçamento* dos vasos é identificado quando a superfície deste revela amolgadelas de instrumentos (pedras, pedaços de madeira, etc). Nesta técnica o vaso, depois de concluído, é batido com um instrumento, na superfície externa, e suportado por, provavelmente outro vaso, na superfície interna com o intuito de adelgaçar as paredes, tornando-as menos espessas e mais homogêneas. O amolçamento é um acabamento da manufatura do vaso sendo que este pode ter sido construído através da técnica dos rolos ou das placas.

2.2 Descrição morfológica e medidas

Em qualquer conjunto cerâmico encontramos três grupos principais de fragmentos que são estudados, a nível técnico, em conjunto, mas que se afastam no estudo morfológico. Em primeiro lugar temos os fragmentos sem forma (S/F – sem informação morfológica) que apenas são estudados para a descrição técnica. Em segundo temos os fragmentos com decoração (DEC) e sem informação morfológica e em último, temos os fragmentos com informação morfológica que incluem: 1) fragmentos de pequena dimensão que fariam parte de bordos (BOR), bases ou fundos (BAS), asas (ASA), mamilos (MAM) e/ou decorados e 2) fragmentos que se integram numa grande colagem e que reconstituem formas completas ou quase completas (FOR) e/ou decoradas. Determinou-se que constitui uma forma o conjunto de fragmentos que permita a reconstituição de pelo menos 2/3 do perfil original do recipiente e que por isso mesmo possibilite a sua descrição. Depois da criação da tipologia de formas, conjuntos de fragmentos que descrevam o perfil do vaso entre 1/3 e um 1/2 são também tidos em conta. Em consequência da opção de não assumirmos a totalidade dos fragmentos com informação morfológica (bordos, bases, asas e decorações) como formas, estes foram tipificados morfológicamente à parte da tabela de formas. Foram criadas tabelas morfológicas de bordos, de fundos, de formas e de elementos de prensão/suspensão.

Assim a descrição morfológica de formas, bordos e fundos, decorados ou não decorados, abarcou os seguintes parâmetros de avaliação dos fragmentos cerâmicos: 1) diâmetro do

bordo/base; 2) altura do fragmento; 3) ângulo do colo/base; 4) ângulo da pança; 5) largura máxima da aba maior; 6) dimensão do bordo/base; 7) tipo e subtipo de bordo; 8) tipo e subtipo de base/fundo; 9) tipo e subtipo de forma; 10) tipos de asas; 11) capacidade dos recipientes. A decoração presente num recipiente não é tida em conta na formulação da tipologia de formas daí que as decorações integrem o ponto 2.4. e a descrição morfológica o ponto 2.3. A análise decorativa engloba 5 itens, a saber: 1) técnica decorativa; 2) tipo de instrumento aplicado na decoração; 3) momento decorativo; 4) extensão da decoração; 5) organização decorativa.

2.2.1. Diâmetro do bordo/base

O diâmetro do bordo/base é o parâmetro destinado a registar o diâmetro (em mm) do bordo e da base. Este campo é preenchido na mesma coluna da base de dados porque os bordos e bases estão identificados individualmente e portanto não houve necessidade de criar campos separados.

2.2.2. Altura do fragmento

A altura do fragmento é o parâmetro destinado a registar a altura do bordo ou base desde o plano horizontal (PH) onde este assenta, no caso da base (Est. II, fig. 4) e onde este se define, no caso do bordo, (Est. II, fig. 3) até à sua extremidade. Este parâmetro permite-nos saber se o conjunto de bordos/bases possui pouca informação porque está fragmentado logo junto ao arranque da forma ou se pelo contrário possui alguma informação porque só está fragmentado, por ex. no caso dos bordos, após o colo.

Este parâmetro é também muito útil para justificar a ausência de formas de um conjunto. Quando a maioria dos bordos possui uma altura de 20 mm demonstra que os vasos estão quebrados logo a seguir ao bordo justificando o abandono destes para a inserção na tabela de formas.

2.2.3. Ângulo do bordo, colo e base

O ângulo do bordo, colo e base é o parâmetro destinado a registar o ângulo que o bordo, o colo e a base fazem com o plano horizontal. Este ângulo foi medido e ordenado em 18 categorias, sendo que cada categoria corresponde a um ângulo com a abertura de 10° (Est. II, fig. 5). O ângulo do bordo foi apenas registado quando este era convergente (ver tipos de bordos, no ponto 2.2.7.) pois pensamos que o ângulo do bordo quando este é esvasado ou em aba não é distintivo do tipo de bordo. Quer dizer, notamos que os ângulos dos bordos esvasados ou em aba variam mas essa variação, no Crasto de Palheiros, não nos pareceu justificar que um bordo seja considerado mais

“esvasado” do que outro e que exija uma medição. O ângulo da base, do colo ou do colo/pança definem o tipo de forma e o ângulo do bordo esvasado parece-nos ser fruto de casualidade de construção.

Quando encetamos o estudo das cerâmicas do Crasto de Palheiros esta variável não nos pareceu significativa, mas à medida que o estudo analítico avançou percebemos que poderia ter sido proveitosa, mais que não fosse para percebermos a sua utilidade. O seu registo poderia ter permitido um estudo estatístico entre a relação do ângulo do bordo com o ângulo do colo, algo que parece ter uma relação ainda que não saibamos expô-la. Esperamos que no futuro esta variável possa ser registada e entendida.

Os ângulos dos bordos convergentes, dos colos e panças foram medidos com o auxílio do gráfico de categorias de bordos (Est. II, fig. 6 e Est. III fig. 1) e as bases com o gráfico de categorias de bases (Est. III, figs. 1 e 2) que apenas diferem na orientação do plano horizontal. A linha de medição – PH, plano horizontal (Est. II, fig. 5) – tem que ser colocada na linha de bordo (no caso da medição do bordo convergente), na linha de quebra entre o bordo e o colo (no caso da medição do colo, figura 7), entre o bordo e a pança (no caso da medição da pança, Est. III, fig. 1) e na base (no caso da medição da base, Est. III, figs. 1 e 2). Os bordos podem possuir categorias de ângulo entre a cat. 1 e 18 (Est. II, fig. 6 e Est. III fig. 3) – cat. 1 a 9 no caso de formas globulares fechadas e 10 a 18 no caso de formas com bordo esvasado. Na colecção cerâmica da Idade do Bronze e Ferro do Crasto de Palheiros foram maioritariamente registados bordos com categorias entre a 10 e 18. Os colos podem possuir categorias entre 10 e 18 (Est. II, fig. 6) – são colos cilíndricos ou estrangulados que se individualizam como elemento constitutivo do vaso –, mas também entre 1 e 9 (Est. III, fig. 1), quando este é já um começo da pança, e portanto é considerado parte integrante da pança. As bases possuem sempre categorias entre 1 e 9, sendo que a categoria 1, com um ângulo entre 0° (recto) e 10°, corresponde a uma base fechada e portanto a uma forma de perfil troncocónico. A categoria 7, com um ângulo entre 71° e 80°, corresponde a uma base muito aberta e portanto a uma forma tipo prato (Est. III, figs. 1 e 2).

2.2.4. Ângulo da pança

O ângulo da pança é o parâmetro usado para registar o ângulo das panças de vasos completos que possuam um colo individualizado (Est. II, fig. 6). O ângulo do bordo, colo e base são registados no mesmo “campo” da base de dados porque cada elemento está individualizado por outros “campos” presentes na base. No entanto as panças não estão individualizadas e por isso foi

necessário criar um “campo” do ângulo da pança para serem registadas as panças de formas mais completas. Este “campo” possui um número diminuto de registos porque o número de formas completas ou semi completas é também muito reduzido. O método aplicado é semelhante àquele aplicado nos bordos, colos e bases, exposto no ponto 2.2.3.

2.2.5. Largura máxima da aba maior

A largura máxima da aba maior (Est. III, fig. 4) é o parâmetro destinado a registar a largura em mm da face maior de um bordo facetado, em aba. A diversidade de bordos presente no Crasto de Palheiros e a sua não relação com formas devido ao alto nível de fragmentação levou-nos a criar uma tipologia autónoma de bordos. No entanto esta tipologia não é suficiente para avaliar comparativamente os bordos pois nem todos foram desenhados. Assim criamos duas medidas que nos ajudassem a avaliar o tipo de bordo para além da sua morfologia geral. Uma dessas medidas é a largura máxima da aba maior e outra é a espessura do bordo/base (ponto 2.2.6.). A largura máxima da aba maior tem como objectivo permitir comparar os bordos que possuem faces facetadas, seja com 1, 2, 3, ou 4 faces. Esta comparação é realizada através da aba ou face maior porque o tipo e o subtipo dão informação morfológica e número de abas presente mas não é referida a dimensão do bordo. Assim pela largura da aba e também pela dimensão do bordo sabemos qual a verdadeira dimensão do bordo.

2.2.6. Dimensão (Espessura) do bordo/base

A dimensão do bordo e base é o parâmetro destinado a registar a espessura em mm dos bordos e bases. Este é um duplo registo da espessura média das paredes pois também aqui estamos a registar espessuras. O número elevado de bordos e bases com uma espessura muito superior à da parede da pança, que se antevia no arranque do colo e bordo, levou-nos a criar este parâmetro onde medimos a espessura máxima do bordo (na grande maioria dos bordos), a espessura mínima do bordo, no caso de bordos afunilados (que estão sempre identificados pela tipologia de bordos) e a espessura máxima das bases, medida na parte de assento do vaso.

2.2.7. Tipo e subtipo de bordo

A diversidade de bordos presente no Crasto de Palheiros exigiu uma categorização autónoma daquela da tabela de formas. Os bordos foram divididos em 5 tipos principais.

1º) *Bordo esvasado ou extrovertido* (Est. III, fig. 5) que diz respeito a bordos em continuidade com colo e pança, sem quebras e que são dobrados para fora. A terminação do colo ou pança para ser considerada bordo terá que ser sempre individualizada e portanto a terminação / bordo terá que estar na orientação contrária ao colo ou à pança⁸. Dentro da categoria de bordo esvasado vão surgir subcategorias relacionadas com o perfil do lábio. Todos os subtipos criados possuem uma referência real, quer dizer, existem no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros, sendo que as nossas categorias não estão alicerçadas em premissas que exigiram a extensão da categorização e a inexistência de tipos, para ir de encontro ao conjunto cerâmico estudado. As nossas sub categorias possuem um “ar caótico” no entanto reflectem o conjunto cerâmico.

2º) *Bordo recto* (Est. III, fig. 5) que diz respeito a bordos no prolongamento / continuidade do colo e/ou pança, sem se diferenciar destes e com um ângulo na linha 0 ou nas categorias 10/1. Este tipo não é por nós considerado um verdadeiro bordo, porque ele não existe, o bordo é, neste caso, uma continuidade, não existindo uma diferenciação entre o colo e o bordo. No entanto vimos-nos forçados a criar este tipo de bordo devido a uma clara diferença deste em relação aos outros bordos existentes.

3º) *Bordo convergente* (Est. III, fig. 5) que diz respeito a bordos no prolongamento / continuidade da pança, sem se diferenciar desta e com categorias de ângulo entre 11 e 18, sendo que a categoria 15 foi a mais alta a ser atingida. Estes bordos dizem respeito a globulares, copos, taças ou pratos, dependendo do ângulo que possuem. Os subtipos foram criados em relação ao perfil do lábio.

4º) *Bordo em aba (oblíqua)* (Est. III, fig. 5) que diz respeito aos bordos em descontinuidade com o colo ou pança, diferenciando-se destes através de uma quebra, que é definida no desenho arqueológico por uma linha. Os bordos em aba possuem muitos subtipos relacionados com o número de faces facetadas e o perfil do lábio.

5º) *Bordo em aba horizontal* (Est. III, fig. 5) que diz respeito aos bordos conhecidos genericamente por “largo bordo horizontal”. Este tipo poderia ter sido inserido como subtipo do quarto tipo – bordos em aba – no entanto exigiria que os bordos em aba fossem divididos em subtipos relacionados com a orientação do bordo, por exemplo: bordos em aba oblíquos, bordos em aba horizontal ou recta ou bordos em aba oblíqua divergente (algo que não existe no Crasto de

⁸ Alguns globulares presentes no Crasto de Palheiros e de cronologia Calcolítica não possuem bordo porque a terminação do vaso é um contínuo com o corpo. Este primeiro tipo de bordos é aquele tecnicamente mais simples. Os globulares começam por possuir pequenos bordos esvasados que vão gerar bordos esvasados mais desenvolvidos, neste caso de maior dimensão.

Palheiros). Como a maioria dos bordos em aba são oblíquos e pretendíamos uma diferenciação a nível do lábio e das faces optamos por criar dois tipos, o bordo em aba oblíqua e o bordo em aba horizontal.

6º) *Bordo divergente* (Est. III, fig. 5) que diz respeito aos bordos em continuidade com a pança e que caracterizam os recipientes globulares fechados. O bordo tipo 6 apenas se diferencia do tipo 3 através da orientação do bordo em relação ao plano horizontal que define a boca.

2.2.8. Tipo e subtipo de base/fundo

Para a criação da tipologia de bases das cerâmicas do Crasto de Palheiros tivemos em conta pormenores estéticos presentes nas bases e que as individualizam umas das outras. Assim esta tipologia diferencia as bases por pormenores como o acabamento exterior – por ex: ressaltos e sua forma e acabamento interior – por ex: um fundo recto, com quebra ou um fundo mais suave, convexo. Poderíamos ter tido em conta outros factores de categorização (explicados no vol. 1, ponto 2) no entanto esta pareceu-nos a mais útil no nosso caso de estudo.

2.2.9. Tipo e subtipo de forma

As formas presentes no conjunto cerâmico de Crasto de Palheiros foram divididas em duas tabelas gerais de formas cada uma correspondente a um período cronológico distinto – a Idade do Bronze Final e a Idade do Ferro. Estas tabelas foram organizadas consoante a forma geral do recipiente, sem que se tivesse em conta a capacidade ou volume, a morfologia do bordo, base, asa e/ou decoração. São tabelas organizadas de acordo com características morfológicas e não funcionais, sendo que as variações da capacidade, do tipo de bordo, base, asa e/ou decoração e sua correlação com a forma onde estão presentes não foram tidas em conta na formulação da tabela. No entanto correlação destes itens – devido à sua importância num estudo deste género – é analisada ao pormenor no ponto 5 deste anexo.

A divisão das formas em duas tabelas e conseqüentemente em duas tipologias prende-se ao facto de que o conjunto cerâmico que caracteriza a Idade do Bronze Final é constituído maioritariamente por recipientes que por várias razões (umas estratigráficas e outras morfológicas) não podem entrar de “pleno direito” no grupo de cerâmicas que consideramos serem indubitavelmente da Idade do Ferro desta estação. Quer isto dizer que: 1) encontram-se alguns recipientes em estratos que consideramos da Idade do Bronze, muito embora estes estratos não se encontrem datados por C14; 2) encontram-se outros em contextos calcolíticos ou em interfaces

entre o Calcolítico e a Idade do Ferro sendo possível que pertençam à Idade do Bronze e 3) encontram-se também em contextos da I. do Ferro não sendo possível individualizar níveis de ocupação. A identificação destes recipientes é feita através das suas características morfológicas – que permitem compará-los com recipientes de estações do Bronze Final da região – independentemente da distribuição estratigráfica destes no Crasto de Palheiros.

A tabela de formas apresentada para a Idade do Bronze é sobretudo impressionante e traduz uma hipótese interpretativa provisória quer da estação quer da sua caracterização cronológico-cultural sendo que ela serve sobretudo de guia no estudo das cerâmicas de determinados contextos. Quer isto dizer que no ponto 5 procedemos a uma análise cuidada de todos os contextos onde a possível ocupação da Idade do Bronze será caracterizada através da tipologia de formas criada bem como da tipologia de bordos, bases, asas e decorações que engloba todos os espécimes do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. Apenas queremos dizer que não pretendemos falsear o registo através de uma tipologia que é um pouco frágil na sua formação mas sim que a iremos usar de forma a percebermos melhor a realidade das cerâmicas presentes no Crasto de Palheiros como um todo.

Gostaríamos também de fazer notar que a tabela de formas conotadas com a Idade do Bronze é menos esquemática do que aquela apresentada para a Idade do Ferro. A diversidade das cerâmicas da Idade do Ferro está um pouco escamoteada pela sua tabela, pois esta pretendeu apenas abarcar as características principais do conjunto cerâmico deixando para uma análise mais vasta – a realizar no ponto 5 – esta mesma diversidade, que se reflecte no tipo de bordos, bases, asas, formas do colo etc. A tabela de formas conotadas com a Idade do Bronze foi construída através do aglutinar de todas as formas que por alguma razão, intuímos como da Idade do Bronze. Assim os critérios de escolha são um pouco mais ambíguos que aqueles apresentados para as formas da Idade do Ferro e englobam, por vezes, a morfologia dos bordos, colos, panças, presença ou ausência de asas entre outros.

As formas identificadas em Crasto de Palheiros foram divididas em formas abertas ou fechadas, de perfil simples ou composto. Integram as formas abertas todos os recipientes em que o diâmetro da boca é o diâmetro máximo presente no recipiente e integra as formas fechadas todos aqueles em que o diâmetro da boca é inferior ao diâmetro máximo presente no recipiente. As formas simples são todas aquelas que podem ser descritas por parte ou totalidade de um único sólido geométrico e as formas fechadas são todas aquelas que congregam vários sólidos geométricos. Usamos três parâmetros de grande importância – ângulo do colo, da pança e do fundo – que, se revelaram muito úteis, para a formulação da tipologia de formas. Estes parâmetros, em

conjunto com outros (como o índice de profundidade) permitem decompor uma forma de definição teórica abrangente – como um recipiente de perfil troncocónico – em outras mais restritas – pratos, taças e copos.

As características das formas presentes em ambas tipologias serão descritas ao pormenor no ponto 2.3. deste anexo.

2.2.10. Tipos de Asas

A análise dos tipos de asas presentes em Crasto de Palheiros realizou-se através de 3 factores de caracterização: 1) a secção; 2) a orientação e 3) a localização da asa no recipiente. Não foi formalizada nenhuma tipologia onde organizaríamos tipos de asa correlacionados com tipos de vasos pois a maioria das asas identificadas encontram-se muito fragmentadas impossibilitando uma avaliação mais profunda. Assim a nossa análise engloba 3 factores de avaliação com duas tabelas descritivas; a das secções (Est. VIII, fig. 1) e a da localização da asa no recipiente (Est. VIII, fig. 2). Esperamos que esta avaliação tripartida permita uma primeira visão dos tipos de asa presentes nos recipientes do Crasto de Palheiros.

2.2.11. Capacidade dos recipientes

A capacidade dos recipientes do conjunto cerâmico de Crasto de Palheiros foi analisada da seguinte forma: 1) calculou-se a capacidade de recipientes de perfil completo através do cálculo aproximado dos sólidos geométricos neles contidos; 2) calculou-se a área ocupada pela boca (círculo definido pelo bordo) desses recipientes; 3) calculou-se a área ocupada pela boca de todos os recipientes incompletos mas identificados na sua forma; 4) calculou-se a capacidade dos recipientes incompletos por extrapolação e usando os dados dos recipientes completos e das áreas da boca dos recipientes incompletos.

A capacidade dos recipientes foi registada em número absoluto no entanto foi criada uma categorização de forma a estudar estatisticamente os recipientes e a matizar a margem de erro no cálculo das capacidades daqueles incompletos. A capacidade dos recipientes da I. do Ferro foi dividida em 7 categorias: 1) <0,3 l (considerados copos de beber); 2) 0,3 a <1 l (recipientes para consumo de pequenas quantidades de comida ou bebida, normalmente doses individuais); 3) 1 a <2 l; 4) 2 a <5 l (3 e 4 — preparação de alimentos para doses familiares, de 2 a 6 pessoas); 5) 5 a <10 l (preparação ou armazenamento de alimentos, em doses familiares alargadas, mais de 6 pessoas); 6) 10 a 20 l; 7) > 20 l (6 e 7 — armazenamento de alimentos).

2.2.12. Fórmulas dos índices usados nos vários estudos estatísticos

Foram utilizadas várias fórmulas de índices no estudo do material cerâmico, no entanto apenas duas são transversais a todos os estudos, que são: 1) Índice de profundidade (P): $\text{Altura} * 100 / \text{Diâmetro externo da boca}$ e 2) Índice de abertura (A): $\text{Diâmetro Externo da boca} * 100 / \text{Diâmetro externo da pança}$.

As outras fórmulas usadas – sobretudo no ponto 6.3. – e inventadas por nós são explicadas nesse capítulo.

2.3. As formas cerâmicas do Crasto de Palheiros

Os recipientes do Crasto de Palheiros organizados nas tabelas de formas da Idade do Bronze e Idade do Ferro estão descritos no ponto 2.3.1 e 2.3.2 sendo que de seguida, no ponto 2.3.0. são descritos os tipos de bordos, bases e asas presentes neste conjunto cerâmico.

2.3.0.1. Tipologia geral de Bordos

A tipologia de bordos das cerâmicas do Crasto de Palheiros aqui apresentada engloba exemplares presentes tanto na Idade do Bronze como na Idade do Ferro. Tendo em conta que os mesmos tipos, subtipos e variantes continuam a ser utilizados desde a Idade do Bronze até à Idade do Ferro optamos por apresentá-los em conjunto. O conjunto de bordos do Crasto de Palheiros foi dividido em 6 tipos, 16 subtipos e 84 variantes, que de seguida apresentamos.

– *Tipo B1 (Bordo 1)*: Bordo extrovertido no prolongamento / continuidade do colo, sem criar uma linha de quebra (Est. IV, fig. 1).

– *Subtipo a*: Bordo extrovertido de lábio oblíquo.

– B1 a1: Bordo de lábio curvilíneo no interior e pequeno espessamento no exterior. O espessamento é um rebordo feito manualmente através da dobra da pasta argilosa que compunha o lábio recto.

– B1 a2: Bordo de lábio curvilíneo no interior e grande espessamento no exterior. O espessamento é de maior dimensão do que aquele apresentado em B1 a1. Este lábio é um muito proeminente, com uma forma redonda, aparentando no perfil uma "bola".

– B1 a3: Bordo de lábio curvilíneo no interior e espessamento afunilado no exterior. A secção do bordo apresenta um espessamento de perfil triangular, ao qual chamamos “pico de pato”.

– B1 a4: Bordo de lábio espessado no interior – formando uma ligeira curva – e rectilíneo no exterior, definindo uma quebra visualizada como linha no desenho.

– B1 a5: Bordo de lábio rectilíneo no interior e exterior, definindo duas quebras visualizadas como linhas no desenho. A primeira é a que define o bordo / extremo do vaso e a segunda localiza-se por baixo da primeira, externamente.

– B1 a6: Bordo de lábio rectilíneo no interior e curvilíneo no exterior, sendo levemente arredondado, sem espessamento.

– B1 a7: Bordo de lábio curvilíneo no interior e exterior. Lábio pouco proeminente, no prolongamento do bordo mas podendo também constituir o prolongamento do colo ou pança, no caso de vasos globulares. É um bordo de continuidade, onde a diferença entre colo/pança e bordo é muito pequena. O lábio possui um perfil triangular, constituindo um bordo "afunilado".

– B1 a8: Bordo de lábio curvilíneo no interior e exterior, sendo pouco proeminente. Tal como B1a 7 possui um lábio de perfil triangular, constituindo um bordo "afunilado". Este bordo possui uma canelura externa provavelmente decorativa.

– B1 a9: Bordo de lábio curvilíneo no interior e exterior, sem espessamentos. O lábio é pouco proeminente, mas mais espesso que o B1 a8 e não possui perfil afunilado.

– B1 a10: Bordo de lábio curvilíneo no interior e exterior, sem espessamentos. O lábio possui uma concavidade interna, de tipo canelura larga, que permite a colocação de uma tampa sem oscilações desta.

– B1 a11: Bordo de e lábio rectilíneo no interior e exterior criando uma superfície externa facetada. Tanto o bordo como o lábio são extremamente grossos e a face externa aparenta ser de cariz decorativo inserida num bordo com similitudes a B1 a2 mas também com B1 a5.

– B1 a12: Bordo de lábio curvilíneo no interior e rectilíneo no exterior, definindo uma quebra visualizada como linha no desenho.

– B1 a13: Bordo de lábio rectilíneo no interior e exterior, definindo duas quebras visualizadas como linhas no desenho. Possui também uma linha decorativa.

– *Subtipo b*: Bordo extrovertido de lábio recto.

– B1 b1: Bordo de lábio rectilíneo no interior e curvilíneo no exterior.

– B1 b2: Bordo de lábio rectilíneo no interior e exterior.

– *Tipo B2 (Bordo 2)*: Bordo recto, no prolongamento / continuidade do colo e/ou pança, sem se diferenciar destes (Est. IV, fig. 2).

– *Subtipo a*: Bordo recto de lábio oblíquo.

- B2 a1: Bordo de lábio rectilíneo no interior e exterior, de superfície facetada. Definem-se duas linhas de quebra; a primeira é a que define o bordo/lábio e a segunda localiza-se abaixo da primeira, externamente. O lábio similar àquele de B1 a5, no entanto o perfil do bordo é mais recto.
- B2 a2: Bordo de lábio curvilíneo no interior e rectilíneo no exterior.
- B2 a3: Bordo de lábio curvilíneo no interior e com espessamento no exterior. O lábio tipo é similar àquele de B1 a2.
- B2 a4: Bordo de lábio rectilíneo no interior e curvilíneo no exterior, não possuindo qualquer tipo de espessamento ou rebordo.
 - *Subtipo b*: Bordo recto de lábio recto.
- B2 b1: Bordo de lábio curvilíneo no interior e exterior, de perfil “boleado”.
- B2 b2: Bordo de lábio rectilíneo no interior e curvilíneo no exterior.
- B2 b3: Bordo de lábio rectilíneo no interior e exterior apresentando uma pequena saliência na superfície externa do lábio.
- B2 b4: Bordo de lábio rectilíneo no interior e exterior, extremamente bem definido através de duas linhas de quebra sempre constantes.
- B2 b5: Bordo de lábio curvilíneo no interior e rectilíneo no exterior. Possui um ligeiro espessamento no interior (formando uma curva acentuada) que lhe confere um perfil afunilado. O bordo é considerado recto apesar do lábio ser arredondado.
- B2 b6: Bordo de lábio curvilíneo no interior e exterior formando um espessamento exterior na forma de “bico de pato”.
- B2 b7: Bordo de lábio curvilíneo no interior e exterior formando um grande espessamento exterior.

- *Tipo B3 (Bordo 3)*: Bordo convergente, na continuidade da pança, constituindo um vaso sem colo (Est. V, fig. 1). Os subtipos deste tipo de bordo são alfabéticos – criados de acordo com a orientação presente no lábio – e as variantes são numéricas, criadas de acordo com a morfologia do lábio.
 - *Subtipo a*: Bordo convergente de lábio oblíquo, com quebra para o exterior do vaso.
- B3 a1: Bordo convergente de lábio curvilíneo no interior e exterior. O bordo apresenta-se adelgado, de perfil triangular e um aspecto “afunilado”.
- B3 a2: Bordo convergente de lábio curvilíneo no interior e exterior, sem espessamentos. Não possui perfil triangular e aspecto “afunilado”.

- B3 a3: Bordo convergente de lábio rectilíneo no interior e exterior, formando duas linhas de quebra bem definidas, que formam uma face externa.
- B3 a4: Bordo convergente de lábio curvilíneo no interior e rectilíneo no exterior, formando uma externa facetada.
- B3 a5: Bordo convergente de lábio curvilíneo no interior e exterior, com um ligeiro estrangulamento abaixo do bordo. Este estrangulamento forma uma espécie de colo.
- B3 a6: Bordo convergente de lábio curvilíneo no interior e exterior apresentando um grande espessamento.
- B3 a7: Bordo convergente de lábio curvilíneo no interior e apresentando uma face exterior decorada com uma faixa de penteado. Esta faixa de penteado modifica a morfologia do bordo de tal forma que foi imperioso criar um subtipo autónomo.
- B3 a8: Bordo convergente de lábio rectilíneo no interior e curvilíneo no exterior.
- B3 a9: Bordo convergente de lábio oblíquo que apresenta um espessamento externo e interno muito característico.
- B3 a10: Bordo convergente de lábio curvilíneo no interior e exterior, com um espessamento externo em forma de “bico de pato”.
- *Subtipo b*: Bordo convergente de lábio oblíquo, com quebra para o interior do vaso.
- B3 b1: Bordo convergente de lábio oblíquo, de perfil “afunilado”, apresentando uma face interna.
- B3 b2: Bordo convergente de lábio oblíquo, de perfil “afunilado”, apresentando uma face interna bem delimitada e uma canelura.
- B3 b3: Bordo convergente de lábio oblíquo, de perfil “afunilado”, apresentando uma face interna bem delimitada por linhas de quebra bem definidas.
- *Subtipo c*: Bordo convergente de lábio horizontal.
- B3 c1: Bordo convergente de lábio horizontal que apresenta uma face externa sub-rectilínea.
- B3 c2: Bordo convergente de lábio horizontal, curvilíneo na face externa.
- *Tipo B4 (Bordo 4)*: Bordo extrovertido – em descontinuidade com o colo – no entanto diferencia-se e destaca-se de B1 através de uma quebra, criando uma aba (Est. VI, fig. 1).
- *Subtipo a*: Bordo em aba com uma superfície facetada (interna).
- B4 a1: Bordo de lábio rectilíneo no interior e ligeiramente espessado no exterior, criando um pequeno rebordo que na secção se assemelha a uma “bola”.

- B4 a2: Bordo de lábio retilíneo no interior e ligeiramente espessado no exterior, não possuindo nenhum tipo de rebordo.
- B4 a3: Bordo de lábio curvilíneo no interior e exterior. A face externa possui uma curva acentuada – podendo ser dita como “espessada” – e a face interna possui uma canelura larga que poderia ter como função o encaixe de uma tampa.
- B4 a4: Bordo de lábio ligeiramente retilíneo no interior e exterior, possuindo um perfil triangular e um aspecto afunilado.
- B4 a5: Bordo de lábio ligeiramente retilíneo no interior e exterior, possuindo um perfil triangular e um aspecto afunilado similar àquele de B4 a4 no entanto possui um rebaixamento interno (canelura) que poderia ter como função o encaixe de uma tampa.
- B4 a6: Bordo de lábio curvilíneo no interior e exterior, sem espessamento.
- B4 a7: Bordo de grande espessura de lábio curvilíneo no interior e exterior.
- B4 a8: Bordo de lábio curvilíneo no interior e ligeiro espessamento no exterior. O exterior possui uma linha de demarcação, sem rebordo similar àquela de B4 b8.
- B4 a9: Bordo de lábio curvilíneo no interior e pequeno espessamento no exterior, similar àquele de B1 a1 e B4 b9.
- B4 a10: Bordo de lábio retilíneo no interior e exterior, de perfil ligeiramente “afunilado”.
- B4 a11: Bordo de lábio retilíneo no interior e ligeiramente espessado no exterior, não possuindo nenhum tipo de rebordo. A aba interna possui uma curvatura característica e inconfundível com os outros subtipos.
- *Subtipo b*: Bordo em aba com duas superfícies facetadas (ambas internas ou uma interna e outra externa).
 - B4 b1: Bordo em aba com duas superfícies facetadas, uma interna e outra externa. O lábio é oblíquo, retilíneo no interior e curvilíneo no exterior.
 - B4 b2: Bordo em aba com duas superfícies facetadas, uma interna e outra externa. O lábio é oblíquo, retilíneo no interior e exterior.
 - B4 b3: Bordo em aba com duas superfícies facetadas, uma interna e outra externa. O lábio é oblíquo, retilíneo no interior e exterior, possuindo possui uma pequena canelura na face externa.
 - B4 b4: Bordo em aba com duas superfícies facetadas, uma interna e outra externa. O lábio é retilíneo no interior e curvilíneo no exterior, sendo que esta curvatura externa cria um ligeiro espessamento.

– B4 b5: Bordo em aba com duas superfícies facetadas, uma interna e outra externa. O lábio é oblíquo, curvilíneo no interior e exterior, possuindo na face interna um rebaixamento – uma canelura um pouco imperfeita – que poderia ter servido para o encaixe de uma tampa.

– B4 b6: Bordo em aba com duas superfícies internas facetadas. O lábio é rectilíneo no interior e curvilíneo no exterior, sem espessamentos.

– B4 b7: Bordo em aba com duas superfícies internas facetadas. O lábio é rectilíneo no interior e curvilíneo no exterior.

– B4 b8: Bordo em aba com duas superfícies internas facetadas. Uma das superfícies constitui o lábio, pequeno e horizontal, rectilíneo no interior e curvilíneo no exterior. O bordo possui um ligeiro espessamento, sem rebordo, mas com uma linha de demarcação, sendo muito similar àquele de B4 a8.

– B4 b9: Bordo em aba, com duas superfícies internas facetadas – podendo uma constituir o lábio que se tornará horizontal. O lábio é arredondado com ligeiro espessamento no interior e rebordo externo. Este bordo é similar àqueles de B1 a1 e B4 a9.

– B4 b10: Bordo em aba com duas superfícies internas facetadas. O lábio é rectilíneo no interior e curvilíneo no exterior, possuindo um ligeiro espessamento externo. Bordo muito semelhante àquele B4 b4 no entanto este possui duas faces internas e aquele apenas uma.

– B4 b11: Bordo em aba com duas superfícies facetadas, uma interna e outra externa. A face interna possui uma concavidade, paralela ao bordo, que permite pousar uma tampa sem oscilações. O bordo é muito similar àquele de B4 a3, no entanto este possui uma superfície externa e aquele não.

– B4 b12: Bordo com duas superfícies facetadas, uma delas é o lábio horizontal. O lábio é rectilíneo no interior e curvilíneo no exterior. O bordo é similar àqueles de B4 b4 e B4 b10, no entanto possui um bordo horizontal.

– B4 b13: Bordo com duas superfícies facetadas ambas externas.

– B4 b14: Bordo com duas superfícies facetadas, uma interna e outra externa. O lábio é curvilíneo e a aba interna apresenta uma curvatura acentuada.

– B4 b15: Bordo com duas superfícies facetadas, uma é horizontal e a outra é externa.

– B4 b16: Bordo com duas superfícies facetadas, uma interna e outra externa. A aba interna apresenta caneluras.

– *Subtipo c*: Bordo em aba com três superfícies facetadas (uma interna e duas externas ou duas internas e uma externa).

– B4 c1: Bordo em aba com três superfícies facetadas, uma interna e duas externas. O lábio é constituído por uma quebra sendo rectilíneo e oblíquo.

– B4 c2: Bordo em aba com três superfícies facetadas, uma interna e duas externas. O lábio é constituído por uma quebra sendo rectilíneo e oblíquo. Este bordo é muito espessado sendo então diferente de B4 c1.

– B4 c3: Bordo em aba com três superfícies facetadas, duas internas e uma externa. O lábio é constituído por uma quebra sendo rectilíneo e oblíquo.

– B4 c4: Bordo em aba com três superfícies facetadas, duas internas e uma externa. O bordo possui, externamente, duas linhas de demarcação na transição Bordo/Colo, provavelmente de cariz decorativo. A primeira é uma canelura larga e profunda e a segunda é apenas uma canelura leve.

– B4 c5: Bordo em aba com três superfícies facetadas, uma é interna, a outra é horizontal e a última é externa. O lábio é rectilíneo.

– B4 c6: Bordo em aba com três superfícies facetadas, uma interna e duas externas. O lábio é constituído por uma quebra sendo rectilíneo e oblíquo. A última face apresenta uma faixa penteada que a define em termos morfológicos.

– *Subtipo d*: Bordo em aba com quatro superfícies facetadas (duas internas e duas externas).

– B4 d1: Bordo de lábio constituído por uma quebra sendo rectilíneo e oblíquo, assemelhando-se àquele de B4 a1, porque possui uma extremidade externa / rebordo ligeiramente arredondado.

– B4 d2: Bordo de lábio constituído por uma quebra sendo rectilíneo e oblíquo, sendo que o bordo tem um perfil ligeiramente “afunilado”.

– *Tipo B5 (Bordo 5)*: Bordo extrovertido, em descontinuidade com o colo, diferencia-se e destaca-se deste através de uma quebra, criando uma aba. A aba é larga e horizontal (Est. V, fig. 2).

– *Subtipo a*: Bordo de larga aba horizontal.

– B5 a1: O lábio é rectilíneo interno e curvilíneo externo, sem espessamento.

– B5 a2: O lábio é rectilíneo interno e externo.

– *Subtipo b*: Bordo de aba horizontal de pequenas dimensões.

– B5 b1: O lábio é curvilíneo e este bordo em aba horizontal não está relacionado com as formas 4.

– *Tipo B6 (Bordo 6)*: Bordo divergente, em continuidade com um colo ou pança extrovertida. As formas onde estão presente este tipo de bordo são globulares fechados (Est. V, fig. 3).

– *Subtipo a*: Bordo divergente em continuidade com a pança, sendo que este colmata a pança.

– B6 a1: O lábio é abolido, curvilíneo no interior e exterior.

– B6 a2: O lábio é curvilíneo no interior e rectilíneo no exterior.

– B6 a3: O lábio é abolido, curvilíneo no interior e exterior, apresentando um perfil afunilado.

– *Subtipo b*: Bordo divergente em continuidade com a pança, sendo que este se destaca em relação àquela.

– B6 b1: Bordo de lábio recto muito espessado.

– *Subtipo c*: Bordo divergente em continuidade com a pança, sendo que este apresenta uma quebra em relação àquela.

– B6 c1: Bordo divergente, com uma pequena aba interna, de lábio curvilíneo, ligeiramente “afunilado”.

2.3.0.2. Tipologia geral de Bases

A tipologia de bases dos vasos cerâmicos do Crasto de Palheiros aqui apresentada engloba todos os exemplares presentes em contextos tanto da Idade do Bronze como da Idade do Ferro. É uma tipologia morfológica que tem somente em conta os aspectos morfológicos das bases. Assim são 8 os tipos criados e 13 subtipos (Est. VII, fig. 1).

– *Base de tipo 1 (BA1)*: Base de fundo e parede recta caracterizando-se pela sua simplicidade. É uma base que não apresenta nenhum tipo de ressaltos.

– BA1.1: Base de parede rectilínea no exterior e interior ligeiramente curva. O interior da base é côncavo.

– BA1.2: Base de parede rectilínea no exterior e interior. O interior da base possui uma superfície aplanada, não côncava.

– *Base de tipo 2 (BA2)*: Base de fundo recto, com rebordo externo arredondado, apresentando-se no perfil similar a uma bola.

– BA2.1: O interior da base é côncavo.

- BA2.2: O interior da base possui uma superfície aplanada, não côncava.
- BA2.3: Base com rebordo externo arredondado muito pronunciado. O interior da base é côncavo.

- *Base de tipo 3 (BA3)*: Base de fundo recto com rebordo externo rectilíneo. Esta base apresenta um ressalto recto na vertical donde arranca de seguida a parede do vaso.
- BA3.1: O interior da base é côncavo.
- BA3.2: O interior da base possui uma superfície aplanada, não côncava.

- *Base de tipo 4 (BA4)*: Base com fundo ligeiramente convexo com um ônfalo no interior.

- *Base de tipo 5 (BA5)*: Base de fundo e parede recta, morfologicamente muito similar a BA 1.1. No entanto esta base possui um fundo extremamente espesso se comparado com a espessura da parede.
- BA5.1: O interior da base é côncavo.
- BA5.2: O interior da base possui uma superfície aplanada, não côncava.

- *Base de tipo 6 (BA6)*: Base curvilínea no exterior e interior, de perfil globular. É uma base ligeiramente plana no exterior, dando a ideia de que o vaso não foi feito pousado, mas que ao ser pousado para secar ficou com uma pequena base.

- *Base de tipo 7 (BA7)*: Base de fundo plano umbilicada.

- *Base de tipo 8 (BA8)*: Base de fundo plano, com pé alto. Neste caso o pé, apesar de visível é relativamente baixo.

2.3.0.3. Análise morfológica das asas – Itens de avaliação

A tipologia de asas dos vasos cerâmicos do Crasto de Palheiros aqui apresentada engloba todos os exemplares presentes em contextos tanto da Idade do Bronze como da Idade do Ferro. A razão de uma tipologia conjunta prende-se aos parâmetros de categorização que – no caso das cerâmicas do Crasto de Palheiros – são transversais. Quer dizer, os parâmetros de categorização das asas existem igualmente em cerâmicas da Idade do Bronze bem como da Idade do Ferro. Assim optamos por uma tipologia conjunta muito embora iremos proceder à avaliação destes elementos

consoante os seus contextos e em busca do seu uso particular e evolução. Os parâmetros de categorização são 3: 1) secção; 2) orientação e 3) arranque.

2.3.0.3.1) *Secção*: diz respeito à forma da asa (Est. VIII, fig. 1).

– S1: Secção de asa em forma de círculo.

– S2: Secção de asa em forma de elipse. Estas asas apresentam uma elipse realizada com grande perfeição.

– S2.1: Secção de asa em forma de elipse achatada. Estas asas apresentam uma elipse deformada com um leve achatamento.

– S2.2: Secção de asa em forma de elipse apresentando numa das curvaturas caneluras de ampla espessura.

– S2.3: Secção de asa em forma de elipse irregular. A forma é aproximada à de uma elipse no entanto é bastante irregular apresentando várias superfícies aplanadas.

– S3: Secção de asa de forma aproximada a um hexágono.

– S3.1: Secção de asa de forma aproximada a um hexágono apresentando-se mais irregular que S3.

– S4: Secção de asa em forma de rectângulo. Esta asa apresenta uma secção quase perfeita.

– S4.1: Secção de asa em forma de rectângulo irregular. A secção da asa apresenta um rectângulo com cantos arredondados.

– S4.2: Secção de asa em forma de rectângulo irregular. A secção da asa é um rectângulo apresentando um dos lados com caneluras.

– S4.3: Secção de asa em forma de rectângulo irregular. A secção da asa apresenta um rectângulo com extremidades salientes.

– S4.4: Secção de asa em forma de rectângulo irregular. A secção da asa apresenta um rectângulo encurvado:

– S4.5: Secção de asa em forma de rectângulo muito irregular.

– S5.1: Secção de asa em forma aproximada à de um quadrado.

2.3.0.3.2) *Orientação*: diz respeito à forma como a asa está colocada no recipiente.

– O1: A asa apresenta-se numa posição vertical.

– O2: A asa apresenta-se numa posição horizontal.

2.3.0.3.3) *Arranque*: diz respeito à localização dos arranques da asa no recipiente (Est. VIII, fig. 2).

– AR1: Um dos arranques da asa localiza-se no bordo e o outro a meio do colo.

– AR2: Um dos arranques localiza-se no colo sendo que o outro pode estar localizado no colo ou na linha colo/pança.

– AR3: Um dos arranques localiza-se na pança sendo que o outro pode estar localizado na pança ou no colo.

– AR4: Um dos arranques localiza-se na linha de diâmetro máximo (pança) sendo que o outro estará localizado, seguramente, também na pança.

2.3.1. Formas conotadas com a Idade do Bronze Final

Os recipientes cerâmicos conotados com a Idade do Bronze Final encontram-se divididos em 19 tipos e 32 subtipos. Estão organizadas em: 1) formas abertas e simples; 2) formas ligeiramente fechadas e, 3) formas fechadas e compostas por vários elementos constitutivos.

As formas consideradas abertas e simples são a 1, 2, 3, 4 onde encontramos recipientes de perfil globular – metade de uma esfera ou ainda mais altos – ou troncocónicos de fundo plano. As formas consideradas ligeiramente fechadas (grupo 2) são a 5, 8, 9, 11, 13, 14 onde encontramos globulares de altura média e alta com colo marcado e curto, recipientes baixos carenados – taças –; troncocónicos altos de colo curto ou baixos e carenados e, por último, recipiente globulares, sem colo, medianamente, fechados. As formas fechadas e compostas por vários elementos constitutivos são a 6, 7, 10, 12, 15, 16, 17, 18, 19 onde encontramos recipientes de perfil em “S” mais ou menos acentuado, com colo evidenciado e fundo, geralmente, plano.

De seguida procederemos à descrição das formas presentes na tabela de formas conotadas com a Idade do Bronze Final (Est. IX).

Forma 1 – A forma 1 diz respeito a recipientes de perfil globular, abertos – à excepção do subtipo *a* –, de fundo convexo e de índice de profundidade entre 25 e 60.

O subtipo *a* diz respeito a recipientes globulares, de paredes quase rectas – com um ângulo de abertura 1/10 ou na linha 0 – de bordo reentrante, criando uma forma, ligeiramente, fechada. O vaso 1011 possui um índice de profundidade de 58,5.

O subtipo *b* diz respeito a recipientes globulares, de paredes rectas – com um ângulo na linha 0 – e índice de profundidade entre 45 e 60.

O subtipo *c* diz respeito a recipientes globulares, muito baixos (tipo taça) – com um ângulo de parede na categoria 15 – e um índice de profundidade entre 25 e 30.

O subtipo *d* diz respeito a recipientes globulares, largos e baixos (índice de profundidade até 35), de paredes, ligeiramente, reentrantes – com ângulo na categoria 10.

O subtipo *e* diz respeito a recipientes globulares com bordo proeminente, sejam eles de paredes rectas – ângulo de parede na linha 0 – (1e1) ou de paredes convergentes – ângulo na categoria 12 (1e2). O índice de profundidade encontra-se entre 45 e 60.

Forma 2 – A forma 2 diz respeito a recipientes globulares, semi-hemisféricos, abertos, de colo marcado, curto e bordo extrovertido. A parede do recipiente é convergente – de ângulo na categoria 10 e o índice de profundidade deve estar compreendido entre os 25 e 35. O vaso 984 é uma taça larga e baixa, de grandes dimensões.

Forma 3 – A forma 3 diz respeito a recipientes abertos (índice de abertura igual ou superior a 100), de perfil troncocónico – paredes rectilíneas – e de fundo plano.

Forma 4 – A forma 4 diz respeito a recipientes abertos (índice de abertura superior a 100), em calote esférica, possuindo um bordo mais ou menos proeminente – dependendo do subtipo –, e índice de profundidade entre 35 e 45. Esta forma foi subdividida em dois subtipos, o primeiro – 4a – possui o ângulo na categoria 11 e 12 e o segundo – 4b – na categoria 12. O subtipo b possui um bordo mais extrovertido e um índice de profundidade ligeiramente superior ao subtipo a, 44 e 40 respectivamente.

Forma 5 – A forma 5 diz respeito a recipientes em calote esférica, de colo marcado e curto – sendo esta a principal característica comum a todos os subtipos. Esta forma engloba recipientes abertos e ligeiramente fechados – com índices de abertura entre 80 e 110 – e recipientes de altura média e elevada – com índices de profundidade entre 45 e 105 – e fundo, provavelmente, convexo.

O subtipo *a* diz respeito a recipientes de forma esférica completa – com índice de profundidade superior a 100, no caso do vaso 553 é de 103 –, fechados – de índice de abertura inferior a 85, no caso do vaso 553 é de 80 – e de colo bem marcado e curto.

O subtipo *b* diz respeito a recipientes em calote esférica incompleta, bastante altos – o vaso 554 possui um índice de profundidade de 72 –, ligeiramente fechados – com um índice de abertura que poderá chegar aos 90, no caso do vaso 554 é de 98,5 – e de colo marcado, embora, mais suave que o do subtipo a.

O subtipo *c* diz respeito a recipientes em calote esférica incompleta, mais baixos que aqueles do subtipo *b* – índice de profundidade entre 50 e 65 –, abertos – índice de abertura entre 100 e 110 – e fundo convexo ou, ligeiramente, aplanado.

O subtipo *d* corresponde a recipientes em calote esférica incompleta, de altura similar aos do subtipo *c* – o vaso 915 possui um índice de profundidade de 52,6 –, ligeiramente fechados – o vaso 915 possui um índice de abertura de 92 – e de colo marcado e curto.

O subtipo *e* corresponde a recipientes de grande tamanho – que se reflecte num grande diâmetro de boca –, semi hemisféricos, ligeiramente fechados – o vaso 563 possui um índice de abertura de 95 –, medianamente baixos – o vaso 563 possui um índice de profundidade de 45 – e de fundo, provavelmente, convexo.

Forma 6 – A forma 6 diz respeito a recipientes de perfil em “S” de carena alta (localizando-se na parte superior do vaso e sendo esta a principal característica e comum aos dois subtipos); bordo extrovertido (embora pequeno); colo extrovertido (com ângulo nas categorias 2 ou 3); pança arredondada (com ângulo de parede na categoria 4) e fundo plano. Possui um índice de abertura entre 75 e 90 e um índice de profundidade entre 85 e 95. Foi dividida em dois subtipos – *a* e *b* – sendo que os recipientes que dizem respeito ao subtipo *a* são mais altos e mais fechados do que aqueles do subtipo *b*.

Forma 7 – A forma 7 diz respeito a recipientes de perfil em “S” de carena média, seguida de uma pança arredondada, que faz um pequeno ressalto em relação ao colo. Não sabemos como seria o bordo e fundo, mas cremos, que o fundo seria convexo ou pouco aplanado. O colo é extrovertido e com um ângulo na categoria 4.

Forma 8 – A forma 8 diz respeito a recipientes de pequenas dimensões, bordo e colo extrovertido, carena média seguida de pança e fundo convexo. São usualmente conhecidos por taças carenadas devido à sua morfologia muito particular.

Forma 9 – A forma 9 diz respeito a recipientes de forma globular – o vaso 946 possui um índice de profundidade de 62,5 –, ligeiramente fechados – o vaso 946 possui um índice de abertura de 90 – de bordo muito simples, com uma carena média ou baixa e fundo, provavelmente, convexo.

Forma 10 – A forma 10 diz respeito a recipientes de forma genericamente globular, possuindo uma pança esférica que é colmatada por um colo cilíndrico reentrante. É uma forma, relativamente, simples mas que se destaca de todas as outras formas globulares através da reentrância entre o colo e a pança. O fundo era, provavelmente, convexo.

Forma 11 – A forma 11 diz respeito a recipientes de pequenas dimensões, baixos – o vaso 1003 possui um índice de profundidade de –, ligeiramente fechados – o vaso 1003 possui um índice de abertura de –, de bordo recto, ligeiramente arredondado e biselado, pança quebrada através de uma carena média e fundo, provavelmente, plano. A este recipiente – 1003 – está associado uma decoração excisa localizada no bordo e na carena.

Forma 12 – A forma 12 diz respeito a recipientes de perfil em “S” acentuado, constituídos por bordo extrovertido, colo hiperbolóide – de ângulo na categoria 11 – ou recto – de ângulo na linha 0 –, pança de perfil globular – de ângulo na categoria 3 – e fundo, provavelmente plano. Esta forma possui 3 subtipos – *a*, *b*, e *c* – relacionados com várias características morfológicas.

O subtipo *a* diz respeito a recipientes de bordo extrovertido, colo hiperbolóide e pança globular. Os recipientes são altos – o vaso 911 possui um índice de profundidade de 137,5 – e fechados, com índices de abertura entre 70 e 95.

O subtipo *b* diz respeito a recipientes de bordo e colo recto e pança globular. O vaso 948 é de reduzidas dimensões, sendo o mais pequeno vaso identificado no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros.

O subtipo *c* diz respeito a recipientes de bordo e colo extrovertido e pança, provavelmente, globular. Diferencia-se dos demais subtipos através do seu bordo curto, ligeiramente esvasado e lábio em “pico de pato”.

Forma 13 – A forma 13 diz respeito a recipientes troncocónicos altos, de bordo recto – como no vaso 947 – colo ligeiramente estrangulado seguido de uma pança rectilínea, com ângulos nas categorias 1 ou 2. O fundo era, provavelmente, plano como aquele da base 482.

Forma 14 – A forma 14 diz respeito a recipientes de forma ovóide – com paredes tendencialmente rectilíneas –, fechadas – com ângulo de parede nas categorias 2 ou 3 –, bordo recto e fundo desconhecido. Esta forma pode possuir tanto um fundo aplanado como convexo.

Forma 15 – A forma 15 diz respeito a recipientes de forma ovóide – de paredes arredondadas –, bordo extrovertido, colo bem marcado, cilíndrico – de ângulo na linha 0 – seguida

de uma pança pouco proeminente com ângulo de parede na categoria 2 ou 3. O fundo era, provavelmente, plano. È uma forma ligeiramente fechada e medianamente profunda, com índice de profundidade de 89, no caso do vaso 513.

Forma 16 – A forma 16 diz respeito a recipientes de perfil globular, baixos – o vaso 1017 possui um índice de profundidade de 45 –, abertos, largos, de bordo extrovertido, colo bem marcado, cilíndrico e fundo, provavelmente, convexo.

Forma 17 – A forma 17 diz respeito a recipientes de perfil bicônico, com duas faces contrapostas, unidas por uma carena decorada onde encontramos o arranque de uma asa. Não conhecemos o bordo nem o fundo no entanto cremos que o bordo seria, provavelmente, esvasado e o fundo plano.

Forma 18 – A forma 18 diz respeito a recipientes de perfil em “S”, de bordo extrovertido, colo cilíndrico (de ângulo na categoria 10 ou linha 0) ao qual sucede, após uma curvatura acentuada (um ressalto na parte superior à pança que denominamos de *ombros*), uma pança de aspecto ovóide. A pança possui um ângulo de parede na categoria 4 e o fundo é plano. São recipientes altos – índice de profundidade de 150 para a única forma reconstruída, vaso 591 – e fechados – índice de abertura entre 70 e 90.

Forma 19 – A forma 19 diz respeito a recipientes de bordo recto, colo alto e extrovertido ao qual sucede, após uma curvatura acentuada, uma pança de aspecto ovóide. A pança possui um ângulo de parede na categoria 4 e o fundo é plano e de reduzidas dimensões. Possui uma ou mais asas localizadas no colo. São recipientes muito altos – índice de profundidade de 276 para a única forma reconstruída, vaso 474 – e fechados ou muito fechados – índice de abertura entre 40 e 90.

2.3.2. Formas da Idade do Ferro

Os recipientes cerâmicos da Idade do Ferro encontram-se divididos em 11 tipos e 32 subtipos. Foram divididos em 1) formas abertas e simples; 2) formas ligeiramente fechadas e mais complexas que a anterior e 3) formas fechadas e compostas por vários elementos constitutivos. As formas consideradas abertas e simples são a 1, 2, 3, 4 e 12 onde encontramos os recipientes de perfil globular ou troncocônico, com ausência de colo e mesmo de fundo plano – 2a, 2b, 2c, 2d, 2e, 4a e 4b. A forma 3 poderia ter sido considerada um subtipo da forma 1 bem como a forma 4 poderia ter

sido considerada um subtipo da forma 2. A criação da forma 3 e 4 deve-se à pertinência formal deste tipo de recipientes na Idade do Ferro da região. Quer dizer, com o objectivo de uma mais fácil comparação entre as cerâmicas do Crasto de Palheiros e aquelas de outros povoados da região criamos tipos similares a outros já presentes noutras tipologias. Esta questão será desenvolvida pormenorizadamente no ponto 7.3. do volume 1.

As formas consideradas ligeiramente fechadas e mais complexas que as anteriores são a 5a, 5b, 5c e 13 que correspondem a globulares achatados – forma 5 – ou altos – 13 – de colo curto. As formas fechadas e compostas por vários elementos constitutivos são todas aquelas compreendidas entre a forma 6 e 10. A forma 11 não se encontra completa sendo que não podemos afirmar a sua forma. A forma 11 foi definida devido à presença de furos constituindo-se como um coador.

Integrando as formas fechadas e compostas encontramos: 1) globulares altos de colo médio – 6a, 6b – ; 2) recipientes de perfil em “S” muito acentuado de colo curto – 7a, 7c, 7e – ; 3) recipientes de perfil em “S” muito acentuado de colo alto – 7b, 8a, 8b – ; 4) recipientes de perfil em “S” menos acentuado – 7d, 9a, 9b – e 5) recipientes de perfil bicónico – 10. Estas formas possuem vários elementos constituintes que variam na forma e dimensão, tais como: 1) bordos de vários tipos e dimensão; 2) colos cilíndricos, estrangulados ou hiperbolóides, troncocónicos que fazem corpo com a parede da pança de dimensão pequena, média e alta; 3) panças de perfis divergentes (globalmente redondas ou globulares, com carena alta e média, suavizadas, entre outras) e, 4) fundos com características formais distintas, materializadas na tabela de fundos.

De seguida procederemos à descrição das formas presentes na tabela de formas da Idade do Ferro (Est. X).

Forma 1 – A forma 1 diz respeito a recipientes abertos (índice de abertura igual a 100), de perfil troncocónico e de base plana. Estes recipientes, bem aqueles das formas 2, 3 e 4, foram subdivididos em categorias alfabéticas que demonstram a relação entre o diâmetro da boca, ângulo do declive da parede (ver ponto 2.2.3 e 2.2.4) e a profundidade relativa dos recipientes. Esta relação é composta por dois pressupostos: 1) quanto maior o ângulo de declive da parede menor é o índice de profundidade; 2) a variação do diâmetro da boca influencia a configuração geral da forma. Quer dizer que, um recipiente com uma parede de declive acentuado e diâmetro de boca reduzido é considerado uma taça no entanto a mesmo ângulo de parede associado a um diâmetro de boca elevado gera um recipiente tipo alguidar, onde o índice de profundidade é variável. A reconstituição dos subtipos da forma 1, bem como aqueles das formas 2, 3 e 4, é uma extrapolação aos recipientes

que poderiam ter existido pois a maioria destes encontram-se incompletos e portanto difíceis de reconstruir.

A forma 1a possui um ângulo nas categorias 14 e 13 e um índice de profundidade baixo (até 30). A forma 1b possui um ângulo nas categorias 12 e 11e um índice de profundidade até 60 e a forma 1c um ângulo nas categorias 10/1 e um índice de profundidade até 100 (ou superior). Nesta forma o índice de profundidade (ou profundidade) aumenta numa relação directa com o ângulo das paredes dos recipientes. À medida que as paredes do vaso se tornam mais rectas a profundidade deste aumenta, pois esta é uma forma simples. A forma 1a pode ser considerada um prato, a 1b uma taça e a 1c um copo (no sentido moderno do termo).

Forma 2 – A forma 2 diz respeito a recipientes abertos (índice de abertura igual a 100), de perfil esférico ou semiesférico, com parede e fundo convexo, à excepção da forma 2f. O subtipo f encontra-se agrupado nesta forma pois é uma meia esfera, tal como todos os restantes. Colocamos a hipótese de os restantes subtipos possuírem fundos convexos (devido a um constante n.º reduzido de fundos em relação ao n.º de bordos em todos os contextos estratigráficos do Crasto de Palheiros) no entanto é possível que eles possuam fundos planos.

A forma 2a possui um ângulo nas categorias 15 e 14 e um baixo índice de profundidade, dando-lhe uma configuração de prato raso. A forma 2b um ângulo nas categorias 13 e 14 e um índice de profundidade ligeiramente superior à forma anterior, podendo denominar-se como taça baixa. A forma 2c, com um ângulo na categoria 11 e um índice de profundidade superior às formas anteriores, sendo considerada uma taça média/alta. A forma 2d, com o ângulo na categoria 10/1, é uma taça com uma configuração tipo “copo” – devido ao perfil rectilíneo das suas paredes – podendo ser considerada “taça”, “copo” ou “boião” dependendo do diâmetro da boca em acordo com o ângulo da parede. A forma 2d é considerada por nós um globular de perfil mais recto diferente daqueles considerados em 2a, 2b e 2c. A forma 2e é um globular ligeiramente fechado, com o ângulo na categoria 1/10, que apenas se distingue da forma d, porque pensamos tratar-se de uma forma mais baixa, mais larga e com um índice de profundidade inferior. A forma 2f, com um ângulo similar às duas formas atrás descritas (10/1) possui um fundo plano.

Forma 3 – A forma 3 diz respeito a recipientes abertos (índice de abertura igual a 100), de perfil troncocónico, de base plana e bordo dobrado até à horizontal. Esta forma é genericamente aquela de denominada de 1 e poderia ser globalmente entendida como tal. No entanto, tal como já havíamos referido, todas as tabelas de formas (consultadas) da Idade do Bronze e Ferro tendem a

isolar esta forma daquelas que não possuem bordo individualizado. Apesar de termos construído uma tabela de bordos autónoma, pensamos que futuras considerações comparativas entre regiões e povoados serão facilitadas se separarmos esta forma daquela que consideramos como 1.

A forma 3a possui um ângulo na categoria 15 e um índice de profundidade muito baixo, sendo considerada um prato fundo (se atendermos à semelhança geral desta forma com o moderno prato fundo). A forma 3b, com o ângulo nas categorias 13 e 14, de profundidade superior à forma anterior, é considerada uma taça/tigela média/alta. A forma 3c, com o ângulo nas categorias 12 e 11, é aquela que potencialmente surgiria como a taça mais funda. No entanto como não temos reconstituições totais dos recipientes apenas podemos dizer que esta taça/tigela é aquela que possui um perfil mais rectilíneo/vertical, podendo ser baixa, média, alta ou muito alta. Consideramos que estará, na generalidade, numa categoria alta, devido a paralelos formais com alguns exemplares provenientes de um sítio da Meseta Norte Ocidental: Mayorga de Campos, Valladolid (Esparza Arroyo: 1986, 300).

Forma 4 – A forma 4 diz respeito a recipientes abertos (índice de abertura igual a 100), de perfil globular, possuindo uma calote achatada com bordo saliente, por vezes, dobrado até à horizontal. Esta forma foi subdividida em duas categorias (tal como as anteriores), a primeira – 4a – possui o ângulo na categoria 12 e 11 e a segunda – 4b – na categoria 10/1. A segunda forma possui um perfil mais rectilíneo e um índice de profundidade ligeiramente superior da primeira.

Após a descrição das formas simples presentes no Crasto de Palheiros procederemos à descrição das formas de perfil em “S” – 5, 6, 7, 8, 9, 10 – que são um dos elementos distintivos da Idade do Ferro. Cremos que os recipientes de perfil em “S” devem ser cuidadosamente categorizados de forma a destrinçar as diferenças entre os vários tipos de recipientes e permitir a sua compreensão. Na categorização dos recipientes utilizamos, numa primeira fase de análise, a morfologia geral do vaso – o seu aspecto visual a “olho nu” sem o avaliarmos através de cálculos – e numa segunda fase, o índice de abertura e de profundidade. Concluimos que, genericamente, a nossa primeira categorização estava de acordo com os índices apresentados pelos recipientes analisados.

Os elementos constitutivos dos recipientes compostos – de perfil em “S” – são o bordo, o colo, a pança, o fundo e a/s asa/s. Como já tínhamos dito, o tipo de bordo, fundo e asa não entram na formulação das categorias de formas, estando já descritos nas respectivas tipologias. As formas são definidas a partir das características do colo, da pança e da sua relação, bem como através dos índices de abertura e profundidade.

Os colos são divididos em: 1) extrovertidos – categorias de ângulo $> 1^\circ$; 2) cilíndricos *ou rectos* – categoria de ângulo preferencialmente na linha 0, mas podendo estar na cat. 1 ou 10 e 3) hiperbolóides *ou estrangulados* – categoria de ângulo $> 10^\circ$. Os colos podem possuir as mais variadas dimensões no entanto, a altura do colo não foi tida em conta na definição dos tipos devido à grande fragmentação dos vasos que não permitiu perceber a relação entre a altura do colo e a pança. Podemos dizer, apenas e genericamente, que classificamos os colos de curtos, médios e altos⁹.

As panças são divididas em: 1) globulares – em forma de esfera; 2) ovóides – em forma de ovo, deitado ou ao alto e 3) rectilíneas – quando a parede da pança arranca do fundo de uma forma muito recta. Todas as panças podem ser medidas através do ângulo dos fundos pois este relaciona-se com a morfologia geral da pança. Assim os fundos com ângulos nas cat. 1 a 3 produzem panças rectas, nas cat. 4 a 6, panças globulares ou ovóides ao alto e altas e nas cat. 7 a 9, panças ovóides deitadas, globulares achatados ou mesmo vasos tipo prato.

São 6 os tipos de formas de perfil em “S” e 16 os subtipos que de seguida descrevemos.

Forma 5 – A forma 5 diz respeito a recipientes de corpo ovóide ou globular, com fundo convexo (por vezes levemente achatado), pouco fechados ou mesmo abertos. Esta forma possui um colo muito suave e curto, é relativamente baixa e larga, podendo ser considerada “atarracada” em comparação com outros recipientes de perfil em “S”. Os recipientes de forma 5 de maior capacidade podem ser considerados “panelas” e aqueles de menor dimensão podem ser considerados “púcaros” ou “boiões”.

As formas do subtipo *a* distinguem-se dos outros subtipos pela ausência de asa, por um índice de profundidade que pode oscilar entre os 55 e 65, por um índice de abertura entre 100 e 105 e pelo colo mais alto todos três (apesar de curto se comparado com outras formas). A forma do subtipo *b* possui asa – localizada no colo ou bordo e na linha colo/pança – um índice de profundidade de cerca de 82 – sendo a forma mais alta de todos os três subtipos – e um índice de abertura de 93 – sendo a forma mais fechada de todos os 3. E, por último, a forma do subtipo *c* distingue-se das restantes pela presença do colo mais curto de todos os três subtipos, um índice de profundidade de 41 e um índice de abertura de 97. Podemos concluir afirmando que a forma 5a é aberta ($A > 100$) e que a sua altura é cerca de metade da medida do diâmetro ($P > 50$ e < 65), a forma

⁹ A maioria dos vasos parte nos pontos tangenciais, estando um deles entre o colo e a pança, e assim quando o bordo não é extrovertido e portanto não existe ponto tangencial entre o bordo e o colo, o vaso vai quebrar pelo ponto tangencial seguinte – o do colo/pança.

5b é a mais fechada ($A < 100$) e a mais alta ($P > 80$) – a medida da altura está próxima da medida do diâmetro e a forma 5c é a mais baixa ($P < 50$) e ligeiramente fechada ($A < 100$).

Forma 6 – A forma 6 diz respeito a recipientes com um perfil em “S”, ainda muito pouco marcado, de pança globular e fundo convexo ou plano de reduzidas dimensões. A forma 6 foi definida: 1) em contraposição á forma 5, mais larga e mais baixa – sendo no entanto a forma que mais se lhe assemelha –; 2) em contraposição a todas as formas de perfil em “S” muito marcado – 7, 8 e 10 – e 3) em contraposição a formas de perfil em “S” suave, mais altas e esbeltas, como é o caso do tipo 9. A forma 6 define-se também por um índice de abertura entre 85 e 90 – e um índice de profundidade entre 100 e 115. Pode ser considerada levemente fechada – o diâmetro do bordo é pouco menor que o diâmetro da pança – e quase esférica – pois a medida da altura excede pouco a medida do diâmetro.

O subtipo *a* diz respeito a recipientes de colo recto, por vezes levemente extrovertido e muito raramente hiperbolóide com bordo na continuidade do colo sendo, desta forma, recto. Quando o colo é levemente extrovertido ou hiperbolóide nunca excede a categoria de ângulo de colo 10/1. A pança é globular e o fundo seria, provavelmente, convexo. O recipiente 463 possui um índice de profundidade igual a 107 e de abertura 85, sendo que comparativamente às formas do subtipo *b* é a mais globular.

O subtipo *b* diz respeito a recipientes de colo extrovertido (em continuidade com a pança), colmatado, sempre, por um bordo extrovertido, seja este simples (B1) ou em aba (B4 e B5). O perfil da forma 6b é comparável ao da forma 5a, pois possui um colo curto no entanto diverge desta na relação entre o diâmetro da boca e a altura. O índice de profundidade destes vasos encontra-se entre 110 e 115, sendo muito superior ao da forma 5 ($P=60$). O subtipo *b* diferencia-se do *a* pela altura – este é ligeiramente mais alto do que aquele – e pelo tipo de bordo e colo.

Forma 7 – A forma 7 diz respeito a recipientes de perfil em “S” acentuado, colo extrovertido em continuidade com a pança – ângulo da parede entre 2 e 4 –, bordo extrovertido (com ou sem aba) e fundo plano. É a mais alta e mais fechada de todas as formas de perfil em “S” – 5, 6, 7, 8, 9, 10 –, com um índice de profundidade entre os 130 e 170 e um índice de abertura inferior a 80. Na generalidade, possui uma pança – zona inferior que arranca do fundo – com um ângulo da parede entre 4 e 5, tendo um perfil bastante arredondado.

O subtipo *a* diz respeito a recipientes com carena média, quer dizer, existe uma quebra nítida entre a parte superior do vaso (acima do da linha de diâmetro máximo) e a parte inferior (abaixo da linha de diâmetro máximo). Esta quebra é pouco perceptível mas visível, não sendo marcada por

linhas – sejam incisadas ou decoradas plasticamente. É de notar que o recipiente 475 aponta para uma construção em partes separadas; a parte superior e inferior foram manufacturadas individualmente e no final foram coladas na zona da carena média. E o recipiente 77 quebrou na linha da carena apontando para uma manufactura similar à do recipiente 475 – tal como muitos outros recipientes identificados com este subtipo. Podemos intuir que este tipo possui carena devido a uma técnica de manufactura própria. Tal técnica de manufactura leva também a que o vaso possua uma pança não globular mas sim quebrada. O colo é extrovertido fazendo corpo com a pança, de ângulo na categoria 3. O fundo é marcadamente plano e com um ângulo na categoria 4. Possuem um índice de profundidade entre 125 e 155 e um índice de abertura entre 60 e 80.

O subtipo *b* diz respeito a recipientes de perfil em “S” bem executado, com pança de perfil globular, o colo é mais desenvolvido e individualizado podendo ter uma dimensão média/alta e um ângulo na categoria 1 ou 2; o bordo é extrovertido e o fundo seria, provavelmente, plano. O perfil da pança varia de exemplar para exemplar, sendo nuns casos mais arredondado do que noutros. O índice de profundidade varia entre 150 e 170 e o índice de abertura entre 60 e 80. O subtipo *b* é mais alto que o subtipo *a* e mais baixo que o subtipo *d*.

O subtipo *c* diz respeito a recipientes similares aos do subtipo *b* no entanto nestes dá-se a presença de uma ou mais asas, como exemplificado pelo recipiente 971.

O subtipo *d* diz respeito a recipientes de colo extrovertido, de ângulo nas categorias 2 e 3 (mais fechado do que aquele presente no subtipo *a*), bordo extrovertido, parte inferior da pança com ângulo na categoria 4 e fundo, provavelmente, plano. O aspecto geral da pança é ovóide devido 1) à inclinação das paredes desta – superior 2 e 3 e inferior 4 – e 2) a um índice de profundidade elevado – superior a 160. O vaso 4 possui um índice de profundidade de 161 e de abertura 74. Podemos afirmar que este subtipo mantém o mesmo índice de abertura das anteriores, divergindo no índice de profundidade e na forma global da pança.

O subtipo *e* diz respeito a recipientes de bordo extrovertido bastante desenvolvido, colo extrovertido com um ângulo nas categorias 3, 4 e 5 – sendo o mais aberto de todos os subtipos –, carena alta que colmata o colo e inicia a pança, pança bastante arredondada – com um ângulo na categoria 4 – sendo bastante semelhante àquelas presentes no subtipo *b* e, por último, de fundo, muito provavelmente, plano.

Forma 8 – A forma 8 diz respeito a recipientes de perfil em “S” extremamente acentuado, quer dizer, com colo individualizado – cilíndrico ou hiperbolóide –, pança proeminente,

arredondada e fundo plano, geralmente, de pequenas dimensões. A linha colo/pança encontra-se, geralmente, decorada e, ao mesmo, individualizada através de decoração – entre outros tipos de decoração destaca-se o uso de uma simples linha incisa paralela ao bordo. O índice de abertura encontra-se entre 95 e 70 e o de profundidade de 90 a 180. Aparentemente, os índices da forma tipo 8 possuem uma grande amplitude, no entanto os subtipos criados são bastante coerentes. Consideramos que o elemento definidor desta forma é o colo alto cilíndrico ou hiperbolóide pois é o elemento comum a todos os subtipos. É de notar que a maioria dos vasos vai partir no ponto tangencial entre o colo e a pança, sendo impossível caracterizar a parte inferior do recipiente e portanto definir qual o subtipo a que pertence. Neste caso, os fragmentos são identificados dentro da forma 8a – de colo cilíndrico – ou 8b e 8c – de colo hiperbolóide.

O subtipo *a* diz respeito a recipientes de colo alto e cilíndrico – de ângulo na linha 0, categoria 10/1 – e pança proeminente, globular, de ângulo na categoria 4/5. O recipiente 153 possui um elevado índice de profundidade – 178 – e um índice de abertura normal – 69 – dentro dos recipientes de perfil em “S” como os de tipo 7. O fundo é de reduzidas dimensões, cerca de metade daquela encontrada no bordo.

O Subtipo *b* diz respeito a recipientes que se caracterizam, sobretudo, através de um colo médio ou alto, hiperbolóide, de ângulo nas categorias 11, 12 e 13. A forma da pança, o índice de profundidade e abertura podem variar e por isso foram criadas duas variantes dentro do subtipo *b*.

O subtipo *b1* diz respeito a recipientes de pança proeminente, arredondada ou globular – mas levemente achatada em relação à do subtipo *a* – de ângulo na categoria 4. O índice de profundidade é considerado, médio – 114 –, similar àquele presente na forma 6b, e o índice de abertura é, também considerado, médio – 84. O fundo é de dimensão similar à do bordo.

O subtipo *b2* diz respeito a recipientes de colo médio ou alto, hiperbolóide, de ângulo nas categorias 11, 12 e 13 – tal como aquele presente no subtipo *b* –; a pança é muito proeminente, arredondada sendo mesmo muito empinada – porque possui um leve achatamento – no caso da variante 8b. O ângulo do início da parede da pança (medido a partir do ponto tangencial entre o colo e a pança) varia de exemplar para exemplar.

Forma 9 – A forma 9 diz respeito a recipientes de perfil em “S” muito suave, de bordo extrovertido, colo cilíndrico – por vezes ligeiramente estrangulado mas não o suficiente para ser considerado hiperbolóide –, pança muito suave, muito pouco proeminente e fundo, provavelmente, plano. Os recipientes de tipo 9 são abertos, com um índice de abertura entre 100 e 105 sendo que o

diâmetro da pança é ligeiramente inferior ao diâmetro da boca. No entanto a relativa profundidade do vaso (P entre 100 e 120) confere-lhe um aspecto de recipiente fechado.

O subtipo *a* diz respeito a recipientes de colo cilíndrico ligeiramente extrovertidos, de ângulo nas categorias 1 e 2 e a pança é ovóide, vertical e alongada. O vaso 341 possui um índice de abertura de 103 e de profundidade de 106.

O subtipo *b* diz respeito a recipientes de colo cilíndrico ligeiramente estrangulado, de ângulo na categoria 1 e pança ovóide, mais arredondada que aquela do subtipo *a*. O vaso 436 possui um índice de abertura de 103 e de profundidade 118, sendo mais alta que aquela do subtipo *a*.

Podemos afirmar que os recipientes do subtipo *b* possuem um perfil em “S” mais acentuado que aqueles do subtipo *a*, bem como maior índice de profundidade, colo mais diferenciado e perfil mais “esbelto”.

Forma 10 – A forma 10 diz respeito a recipientes de perfil bicónico (com duas faces contrapostas), de bordo desconhecido, fundo plano e, aparentemente, sem decoração na carena. Esta forma é similar à forma 7a no entanto os recipientes da forma 10 são mais achatados do que aqueles da forma 7a. Quer dizer que, as duas faces contrapostas que se unem na carena criam um ângulo mais agudo na forma 10 do que na 7a e a forma 7a está associada a um tipo de construção de recipiente que não foi comprovado para a forma 10.

Forma 11 – A forma 11 diz respeito a recipientes de fundo plano com perfurações que evidenciam o seu uso como coador. O único recipiente identificado a esta forma é um fragmento de fundo (B270), de reduzidas dimensões que não permite conhecer a forma total do recipiente. O ângulo da parede do fundo indica uma pança globular, de perfil arredondado.

Forma 12 – A forma 12 diz respeito a recipientes abertos, de perfil troncocónico e de fundo, provavelmente, convexo. Estes recipientes são tidos como testos, devido ao seu diminuto índice de profundidade e diâmetro da boca. Podem ser também considerados pequenas taças, no entanto, no caso do vaso 976, a forma do bordo indica que este era usado para ser pousado no bordo de outro recipiente.

Forma 13 – A forma 13 diz respeito a recipientes abertos, de bordo recto, colo cilíndrico, curto e, levemente, estrangulado, perfil da pança globular alto e fundo, provavelmente, convexo. Esta forma distingue-se da forma 2 devido a um índice de profundidade, claramente, superior.

A correspondência entre as formas da Idade do Bronze e Idade do Ferro é realizada no capítulo 8.5.2 do volume 1.

2.3.3. Formas resultantes de intercâmbios pontuais ou esporádicos

É possível a presença de recipientes cerâmicos no Crasto de Palheiros durante as ocupações da Idade do Bronze e da Idade do Ferro fruto de intercâmbios com outras comunidades próximas. Contudo o uso de pastas cerâmicas muito semelhantes às aquelas identificadas em Crasto de Palheiros não nos permite concluir que determinado recipiente é o resultado de uma troca pontual de produtos. Deste modo, são tidos como recipientes (formas) cerâmicos resultantes de intercâmbios pontuais, todos aqueles que apresentem uma pasta cerâmica totalmente diferente daquelas presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros.

Assim, a única forma, presente no Crasto de Palheiros, resultante de intercâmbios pontuais ou esporádicos foi um kratêr de sino, de estilo ático de figuras vermelhas, datado de 400-350 AC (Arruda: 2007) e representado por 12 fragmentos provenientes de diversos contextos (Est. XII, fig. 1). Encontramos, na PIL, 3 fragmentos sendo 1 um bordo – Lxs. 45, 45/87 e 87 –, no PEL, 9 fragmentos sendo 1 um bordo – Lxs. 128, 137, 133, 140, 140/133, 146 e 139/140 (Est. XII, fig. 2). A discussão da presença destes fragmentos nos respectivos contextos será realizada em pormenor no ponto 5 deste volume.

2.4. Decorações

A análise das decorações presentes em recipientes cerâmicos prende-se a vários aspectos relacionados com a manufatura da decoração e os conceitos estéticos subjacentes à sua realização. Na manufatura da decoração integramos os seguintes aspectos: 1) técnica decorativa; 2) instrumento utilizado e 3) o momento de aplicação da decoração no recipiente. Os conceitos estéticos englobam todo um conjunto de ideias que resultam numa dada decoração. Como é fácil de perceber, a arqueologia trabalha com o produto final – que é o recipiente decorado, muitas das vezes fragmentado e portanto incompleto – e não com as ideias que lhe deram origem. Cabe ao arqueólogo criar um método que lhe permita tornar um amontoado de matéria em informação legível e passível de ser interpretada. A nosso ver, este é o fundamento da análise das técnicas decorativas, dos instrumentos utilizados, do momento de aplicação da decoração e por fim, da criação de uma tipologia de organizações decorativas.

O objectivo da tipologia de técnicas decorativas que criámos e descrevemos no ponto 2.4.1. é o de permitir uma fácil compreensão visual da técnica empregue a todos os leitores. Sabemos que cada autor possui opiniões divergentes – em relação a outros – acerca das definições de impressão, incisão, estampilhagem, puncionamento, etc. Sabemos que o penteado, o cepilhado, a incisão simples ou a torno são fruto de um mesmo acto de rasgar a superfície do vaso através da incisão arrastado de um instrumento, seja ele de ponta única ou múltipla. Bem como, sabemos, que aquilo que denominamos de impressão penteada e estampilhagem única ou rolada se integram num mesmo movimento de imprimir um motivo na superfície do vaso sem o arrastar. No entanto subdividimos todas estas acções que têm em comum uma acção mas que divergem no instrumento aplicado e no efeito que ele produz. Cremos que a arqueologia estuda “efeitos” provocados por intenções humanas e portanto almejamos, no nosso trabalho, compreender os “efeitos” que esta comunidade do passado pretendia produzir. Assim, criámos um quadro interpretativo de técnicas decorativas e não uma descrição o mais técnica e “verdadeira”.

Sabemos, também, que não é linear a análise autónoma dos instrumentos utilizados e do momento decorativo, pois ambos estão interligados. O uso de um mesmo instrumento num recipiente com a pasta mais seca ou mais mole – que contenha mais água – produzirá um efeito diferente que poderá ser lido de modo diferente. No entanto julgamos que é necessária uma aproximação aos instrumentos e à altura em que são utilizados no processo de manufactura do recipiente pois só desta forma poderemos conhecer “etnograficamente” comunidades que não podem ser vistas de um modo etnográfico.

A localização e extensão da decoração nos recipientes é um factor de avaliação que foi criado de acordo com a realidade das cerâmicas decoradas do Crasto de Palheiros. Após o registo e desenho das decorações concluímos que era possível realizar uma tipologia de localização que permitisse comparar decorações de extensão decorativa semelhante. A diversidade formal dos recipientes decorados da ocupação entre o séc. IX AC e II DC exigem um registo o mais completo possível – no qual a extensão da decoração se integra – de forma a permitir o mais fácil e rápida comparação cultural inter-regional.

A tipologia de organizações decorativas é justificada no ponto 2.4.5.1. e apenas temos a acrescentar que sabemos que a nossa avaliação global das cerâmicas decoradas é ainda incompleta. Poderíamos ter avaliado estas cerâmicas seguindo outros factores, como sejam: uma tipologia de motivos – nomeadamente daqueles realizados por técnica de estampilhagem – e uma avaliação mais pormenorizada de determinadas técnicas ou motivos, por exemplo; realizar medições exactas

do espaçamento dos pentes nas faixas penteadas, realizar medições dos círculos concêntricos, entre outros factores de avaliação.

Creemos, no entanto, que as categorias de avaliação criadas serão suficientemente úteis para uma análise pormenorizada que permita um conhecimento mais profundo e, sobretudo, mais organizado das decorações da ocupação entre o séc. IX AC e II DC no Crasto de Palheiros.

2.4.1. Técnicas decorativas

O estudo das técnicas decorativas empregadas nos vasos de Crasto de Palheiros iniciou-se através da utilização da tabela de técnicas decorativas de Susana Oliveira Jorge e Maria de Jesus Sanches aplicada às cerâmicas da Pré-história recente nesta região. Apesar da diversidade e abrangência das técnicas decorativas identificadas por estas investigadoras as cerâmicas de Palheiros – da ocupação compreendida entre o séc. IX AC e II DC – exigiram uma ampliação das categorias já criadas.

O conjunto cerâmico decorado de Crasto de Palheiros foi dividido, para o estudo das técnicas decorativas presentes, em dois; um primeiro, relacionado com a ocupação Calcolítica e um segundo, relacionado com a ocupação compreendida entre o séc. IX AC e II DC. No primeiro conjunto utilizamos com exactidão as definições de Susana Oliveira Jorge e Maria de Jesus Sanches porque tal se justificava e se aplicava de forma correcta às cerâmicas calcolíticas presentes neste sítio. No segundo conjunto, tivemos que, por um lado, aumentar o número de técnicas definidas e, por outro, reformular algumas das já presentes criando um novo tipo autónomo que não se confunde com a anterior.

Passamos a expor as técnicas decorativas empregues nos vasos cerâmicos calcolíticos analisados. Os acrónimos em parênteses foram os utilizados no preenchimento das fichas na base de dados.

– *Incisão simples* (INC.S): A incisão é realizada com punções ou estiletos mais ou menos pontiagudos, estreitos; riscando a pasta de forma bastante profunda.

– *Incisão larga* (INC.L): A incisão é realizada com punção largo e arredondado na extremidade, o qual risca a pasta de forma não muito profunda. O resultado final é um traço ou “canelura” larga de perfil regular, côncavo.

– *Penteada simples* (PENT.S): “Impressão” realizada com um punção de ponta múltipla, pente, o qual desliza ao longo da pasta, riscando-a.

– *Penteada arrastada* (PENT.A): Quando no decurso do deslizamento do pente, o pente detêm-se intencionalmente, num momento de “vai-vém”.

– *Puncionamento arrastado* (PUNC.A): “Impressão” – realizada pela utilização de ponta simples – arrastada é o acto de fazer enterrar o estilete na pasta, arrastando-o levemente de seguida até o enterrar de novo.

– *Impressão Arrastada* (IMP.A): Decoração similar ao puncionamento arrastado onde a extremidade do estilete está subdividido em unidades similares entre si, formando matriz.

– *Excisão* (EXC): Decoração realizada com um instrumento cortante – estilete – que cava e retira a pasta mole, de forma a produzir baixos-relevos.

– *Pseudo excisão* (P.EXC): Incisão muito profunda realizada com um punção de ponta única.

– *Decoração plástica* (DEC.P): Decoração em relevo – contínuo no caso dos cordões e descontínuo no caso dos mamilos. Os mamilos podem ser repuxados ou aplicados.

Os vasos cerâmicos da ocupação compreendida entre o séc. IX AC e II DC foram decorados através de técnicas como a incisão, o penteado, o cepilhado, a estampilhagem, a impressão, a excisão, a pseudo excisão e através da adição de elementos cerâmicos em relevo. Das definições supra indicadas usadas para os recipientes calcolíticos, foram utilizadas, na análise das cerâmicas da Idade do Ferro, as definições da excisão, da pseudo excisão e da decoração plástica. Neste trabalho reformulamos as definições de incisão, penteado, impressão e inserimos as definições de estampilhagem e cepilhado.

Passamos a expor as técnicas decorativas empregues exclusivamente em vasos cerâmicos da ocupação compreendida entre o séc. IX AC e II DC.

– *Penteado* (PENT): O penteado é a acção de riscar a superfície do vaso através do uso de uma matriz de uma forma continuada. O penteado é considerado por alguns autores uma impressão no entanto pensamos que o uso de uma matriz tão característica merece uma divisão *a priori* que permita um melhor estudo estatístico do conjunto de recipientes decorados. Na Idade do Ferro encontramos dois tipos de penteado, denominados por González-Tablas Sastre (González-Tablas Sastre & Domínguez Calvo: 2002, 121) de penteados suaves, quando realizados de uma forma quase indelével na superfície do recipiente e duros, quando riscam em profundidade a superfície do recipiente. Optamos aqui por não subdividir a categoria de técnica decorativa de penteado, pois a noção de penteado suave ou duro está na descrição do instrumento utilizado na decoração do recipiente. Quando o penteado é realizado com um instrumento cortante e afiado o penteado é

sempre duro e quando o instrumento possui ponta romba ou arredonda, sendo quase uma espátula, o penteado é suave.

– *Impressão Penteada (IMP)*: A impressão penteada é a acção de imprimir na superfície do vaso uma matriz que é a ponta do pente utilizado nos penteados da Idade do Ferro. Sabemos que poderíamos inserir esta técnica no puncionamento ou na estampilhagem de motivo único, no entanto cremos que subdividir estas técnicas é mais útil para o estudo estatístico das técnicas decorativas empregues nos recipientes da Idade do Ferro. a utilização desta definição permite inferir automaticamente quantos vasos decorados possuem uma decoração impressa conseguida através da utilização da extremidade do pente.

– *Cepilhado (CEP)*: O cepilhado é considerado, alternadamente, por diversos autores, ora um tratamento de superfície ora uma técnica decorativa. Cremos que o cepilhado – que é a acção de riscar a superfície do vaso com um instrumento semelhante ao pente mas com maior número de pontas na sua extremidade – foi usado como tratamento de superfície e como técnica decorativa. Quando o cepilhado é utilizado extensivamente em toda a superfície do vaso ou de uma parte dela, de uma forma completamente caótica, consideramo-lo tratamento de superfície. Quando o cepilhado é utilizado apenas em parte da superfície do vaso – fazendo coexistir áreas de “vazio” com áreas de “cheio” –, de uma forma regular, por ex. utilizado numa única orientação, consideramo-lo técnica decorativa. Assim quando um fragmento é decorado por técnica de cepilhado é porque revela uma área da superfície do fragmento/vaso, decorada de uma forma homogénea e cuidada e uma área sem decoração, normalmente com um tratamento de superfície que vai do alisado ao polido, mais ou menos intenso.

– *Incisão simples (INC.S)*: A incisão simples é a acção de riscar a superfície do vaso, com um instrumento de ponta fina ou larga, sem o auxílio de uma mesa giratória/ tornete. Quer dizer, é realizada uma incisão simples quando o oleiro risca a superfície do vaso com o estilete fazendo linhas ou outros motivos de uma forma manual.

– *Incisão a torno (INC.T)*: A incisão a torno é a acção de riscar a superfície do vaso, com um instrumento de ponta fina ou larga, com o auxílio de uma mesa giratória/ tornete. Quer dizer, o oleiro realiza uma incisão que se prolonga por todo o perímetro do vaso, porque este se encontra em rotação na mesma altura em que está a ser realizada a incisão. Esta técnica é utilizada na realização de linhas horizontais paralelas ao bordo.

– *Estampilhagem única* (EST.C): a estampilhagem única é obtida pela pressão descontínua de um modelo (na grande maioria das vezes é utilizado um carimbo artificial, ex. círculos concêntricos, motivos quadrangulares, triangulares), repetidamente marcado ao longo da superfície do vaso.

Sabemos que a definição de estampilhagem é ambígua, pois a acção que diz respeito é a de impressão ou de puncionamento. Na estampilhagem de motivo único encontramos a acção de imprimir na superfície do vaso um motivo, tal como os motivos puncionados dos recipientes calcolíticos. No entanto optamos por distinguir esta técnica daquela puncionada devido à sua clara filiação com motivos artificiais construídos unicamente pelos oleiros da Idade do Ferro. As cerâmicas estampilhadas são conhecidas e obviamente identificadas não pela técnica mas pelos motivos empregues. Assim pensamos que o uso desta nomenclatura irá permitir uma mais fácil comparação entre as decorações de Crasto de Palheiros e, aquelas publicadas, doutros sítios da mesma região ou do mesmo período cronológico.

– *Estampilhagem rolada* (EST.R): a estampilhagem rolada é obtida por pressão continuada de um objecto sobre a superfície do recipiente. Produz-se, tal como, na estampilhagem de motivo único, uma depressão que assume a forma do instrumento. A depressão efectuada pode ser obtida por rotação da matriz (feita de uma forma manual) ou por rotação do vaso, através do auxílio de uma mesa giratória. Nos fragmentos cerâmicos analisados encontramos uma estampilhagem rolada feita com o auxílio de mesa giratória e por isso esta definição diz respeito unicamente à estampilhagem realizada em tornete.

– *Decoração a espátula* (DEC.E): A técnica decorativa é similar à incisão. No entanto, aqui utiliza-se como instrumento gravador uma espátula de extremidade plana, mas não polida – instrumentos realizados, provavelmente, em madeira, que deslizam indelevelmente ao longo da pasta marcando linhas pouco profundas. Os fragmentos cerâmicos identificados com esta técnica revelam uma decoração que possui características do penteado e do inciso largo. Por um lado, as marcas deixadas pela espátula criam sulcos similares aos do inciso largo. Por outro, estas mesmas marcas são pouco profundas e nada polidas, possuindo traços na orientação usada para realizar a decoração similar aos traços do penteado.

– *Brunida* (BRU): A decoração brunida é obtida pela fricção, continuada ou descontinuada, de um objecto polido sobre a superfície do recipiente. Na generalidade são produzidas depressões, geralmente traços, que assumem a forma e o tamanho da ponta do instrumento. A decoração brunida tal como o tratamento de superfície brunido tem como objectivo a obtenção de traços/superfícies de aspecto brilhante.

2.4.2. Tipo de instrumento aplicado na decoração

A análise dos recipientes decorados do Crasto de Palheiros permitiu a criação de uma curta tipologia de instrumentos utilizados na manufactura das decorações. A tipologia apresentada baseia-se numa análise a olho nu que por si só restringe as interpretações. Quer dizer que a nossa interpretação do instrumento baseia-se unicamente no efeito visual que podemos actualmente constatar. Sabemos que um mesmo instrumento – em condições adversas – pode produzir efeitos divergentes no entanto cremos que uma aproximação aos instrumentos utilizados é necessária e útil.

Os instrumentos foram divididos em três categorias: 1) aqueles que imaginamos como uma haste de ponta diferente consoante a identificação; 2) os pentes – que podem ser imaginados como objectos mais complexos e cuidados – um pente realizado em madeira ou osso – ou como objectos menos formais e cuidados – tipo “tufo” irregular de pequenas hastes ou “vassoura”, 3) carimbos de desenhos variados, gravados na ponta de uma haste e construídos em madeira, osso ou mesmo cerâmica e 4) pequenas rodas – construídas em madeira ou osso – que imprimem, desenhos variados, de forma sequencial na superfície do vaso.

Na totalidade, foram identificados 31 instrumentos, que passamos seguidamente a expor.

2.4.2.1. Instrumentos de incisão

– *Instrumento 1*: Haste de ponta afiada, aguçada e cortante, de perfil em “V”, que rasga a superfície do vaso criando um sulco de profundidade variável consoante a força aplicada e o grau de secagem do recipiente. Este instrumento pode ser realizado em várias matérias-primas, desde que o produto final seja suficientemente endurecido e robusto - metal, madeira e osso. O instrumento 1 é utilizado exclusivamente nas incisões.

– *Instrumento 2*: Haste de ponta arredondada – de forma semicircular –, que não rasga a superfície do recipiente, imprimindo um sulco de perfil em “U” (mais suave do que aquele do instrumento 1) de profundidade variável consoante a força aplicada e o grau de secagem do recipiente. É possível distinguir instrumentos de diversos tamanhos dentro deste tipo, pois

encontramos sulcos de espessura variável que indicam objectos diferentes. A profundidade do sulco depende da pasta mas a espessura não depende e por isso concluímos que existiriam vários instrumentos deste tipo. No entanto a divisão por espessura não foi realizada pois o nosso objectivo é uma caracterização morfológica e não quantitativa. Este instrumento pode ser realizado em várias matérias-primas, desde que o produto final seja duro e macio – madeira e osso. O instrumento 2 é utilizado nas incisões, na decoração a espátula e na decoração brunida.

– *Instrumento 3*: Haste de ponta irregular, que provoca um sulco largo – de perfil em “U” –, apresentando irregularidades no seu interior, que serão fruto de marcas do objecto. Quer dizer, no interior do sulco encontram-se irregularidades que terão origem na morfologia da haste, que cremos ser de origem vegetal (madeira). O instrumento 3 é usado exclusivamente nas incisões.

– *Instrumento 4*: Haste de ponta afiada, larga, de perfil em “V” alargado, que provoca um sulco largo, ligeiramente aplanado e mais profundo na zona central. Tal como em todos os instrumentos já descritos, a profundidade é variável consoante a força aplicada e o grau de secagem do recipiente. Este instrumento pode ter sido realizado em várias matérias-primas, desde que o produto final fosse duro e macio – madeira, osso, cerâmica. O instrumento 3 é utilizado nas incisões.

– *Instrumento 5*: Haste de ponta plana, de perfil rectilíneo, que provoca um sulco largo e desnivelado. Devido à morfologia muito própria deste instrumento, cremos que ele é realizado em metal e usado na incisão e excisão.

2.4.2.2. Pentas

– *Pente 1*: Pente de pontas afiadas e cortantes, que rasgam a superfície do vaso criando sulcos estreitos de profundidade variável consoante o grau de secagem do recipiente e força aplicada no instrumento. Este pente é utilizado nos penteados desde o Calcolítico – sendo bastante usual na Pré-História – até àqueles encontrados em contextos da Idade do Ferro. Este é o denominado pente duro de González-Tablas Sastre (GONZÁLEZ-TABLAS SASTRE, 2002). No Crasto de Palheiros este pente pode ser realizado com 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, ou 13 puas.

– *Pente 2*: Pente de pontas arredondadas – de forma semicircular –, que não rasga a superfície do recipiente, imprimindo sulcos de perfil em “U”, de espessura superior do que aqueles do pente 1. O penteado produzido pelo pente 2 caracteriza-se pela sua suavidade sendo quase indelével. Mais uma vez a profundidade dos sulcos depende do grau de secagem da pasta e da força aplicada pelo/a oleiro/a no momento da realização da decoração. Este é o denominado pente suave

de González-Tablas Sastre (González-Tablas Sastre: 2002). Cremos que este instrumento poderia ser realizado em madeira ou osso. No Crasto de Palheiros este pente pode ser realizado com 3, 4, 5, 6, 7, ou 9 puas.

– *Pente 3*: Pente de pontas afiadas e cortantes, que rasgam a superfície do vaso criando sulcos de profundidade variável consoante o grau de secagem do recipiente e força aplicada no instrumento e de espessura, também, variável consoante a morfologia do pente. Quer dizer que, as pontas deste pente não possuem o mesmo tamanho quer em espessura quer em comprimento criando penteados não uniformes. Cremos que o número de puas é, geralmente, muito superior àquele do pente 1 sendo difícil ou praticamente impossível a sua quantificação no entanto os poucos exemplares que permitiram uma quantificação revelaram a utilização de 4 e 9 puas. Assim o que diferencia este pente do tipo 1 é a sua morfologia, pois o pente 1 apresenta pontas de espessura e comprimento regulares.

– *Pente 4*: Pente de pontas largas e irregulares, que rasgam a superfície do recipiente de forma irregular – desnivelada – de profundidade variável, dependendo da secagem da pasta e da força aplicada. As pontas do pente encontram-se muito espaçadas e irregulares tanto na espessura como no comprimento. Os poucos exemplares que permitiram uma quantificação revelaram a utilização de 5, 6, e 7 puas embora os pentes possam ser construídos com mais puas (um bom exemplar desta decoração é o fragmento decorado CP-03-3697, est. XXIX, 3).

– *Pente 5*: Pente de pontas largas e muito irregulares, que rasga a superfície do vaso de forma desnivelada. As pontas variam entre si quer na espessura quer no comprimento, aparentando serem feitas num material duro mas maleável – vegetal – similar às pontas do pente de tipo 3. Apesar das semelhanças deste pente com aqueles de tipo 3, as pontas aparentam ser mais duras do que o pente 3 e de igual dureza do pente 4 e mais espessas que as do pente 3. Podemos afirmar que este pente se encontra, a nível morfológico, entre o pente 3 e o 4 (um bom exemplar desta decoração é o frag. CP-02-7074, est. XXIX, 15).

– *Pente 6*: Pente de pontas irregulares, que provocam sulcos largos – de perfil em “U” –, apresentando irregularidades no seu interior. Estas pontas são muito semelhantes àquelas do instrumento 3, usado nas incisões. O espaçamento entre as puas é regular, tal como nos pentes 1, 2, e 3 e ao contrário dos pentes 4 e 5.

– *Pente 7*: Pente de pontas afiadas, aguçadas e cortantes que rasgam a superfície do recipiente de forma marcante, independentemente da secagem da pasta ou da força aplicada. Cremos que este instrumento possa ser metálico ou realizado num material duro e bem definido (madeira bem seca). É um instrumento facilmente identificado pois caracteriza-se por puas muito

juntas que não revelam espaçamento entre elas. O efeito produzido por este pente é um sulco único dividido internamente pelas pequenas puas que se encontram juntas (bons exemplares desta decoração são os fragmentos CP-02-6695 e CP-03-7189, estampas XXXIII, 7 e XXXV, 8).

– *Pente 8*: Pente de pontas estreitas e irregulares que rasgam a superfície do recipiente de forma irregular, de profundidade variável, dependendo da secagem da pasta e da força aplicada. O espaçamento entre as puas é grande e irregular, apontando para um pente de forma cônica (um bom exemplar é o fragmento CP-03-3652, est. XXXVI, 4).

– *Pente 9*: Pente de pontas estreitas, pontiagudas que rasgam a superfície do recipiente de forma marcante. As puas possuem uma espessura e espaçamento regular no entanto possuem tamanhos diferentes. As duas puas exteriores são mais compridas do que as interiores provocando sulcos de profundidade diferente. È um instrumento muito cuidado igualável em termos de construção ao pente 2, que cremos ser realizado em osso.

2.4.2.3. Instrumentos utilizados em impressões

Os instrumentos que correspondem ao tipo três podem ser de dois tipos: 1) todos os instrumentos atrás descritos utilizados de forma diferente – sem rasgarem a pasta – e imprimindo um motivo, que pode ser a ponta do pente 1, a ponta do instrumento 1 ou 2, entre todos os outros.

– Impressão de um círculo, denominada de impressão de “cana”, utilizada na decoração de cossoiros. O instrumento é um “tubo” oco.

– Impressão de concavidades em meia esfera – de grande perfeição –, utilizada em um cossoiro e num recipiente. No caso do recipiente a concavidade foi conjugada com faixas penteadas. O instrumento é um tubo maciço ou oco, com uma extremidade abolada, em forma de esfera.

– Impressão que desenha uma espiga, utilizada num recipiente. O instrumento poderia ser uma chapa estreita que possuiria duas pontas afiadas, aplanadas – em forma de triângulo – e poderia ser construído em metal ou madeira.

– Impressão que desenha um triângulo, utilizada em recipientes. O instrumento poderia ser uma chapa estreita que possuiria uma ponta afiada, plana e em forma de triângulo. Este instrumento poderia ser realizado em metal ou madeira.

– Impressão de dois círculos concêntricos, utilizada em recipientes. O instrumento seria um cilindro maciço ou oco e numa das superfícies planas desenhar-se-ia em alto-relevo os círculos concêntricos.

– Impressão de três círculos concêntricos, utilizada em recipientes. O instrumento seria um cilindro maciço ou oco e numa das superfícies planas desenhar-se-ia em alto-relevo os círculos concêntricos.

– Impressão de quatro círculos concêntricos, utilizada em recipientes. O instrumento seria um cilindro maciço ou oco e numa das superfícies planas desenhar-se-ia em alto-relevo os círculos concêntricos.

É de notar que existiam várias matrizes de círculos concêntricos mesmo quando possuíam o mesmo número de círculos algo evidenciado quer pela diferente morfologia dos círculos quer pelo seu tamanho.

– Impressão de três círculos concêntricos, em que o maior se encontra subdividido por pequenas caneluras que lhe conferem um aspecto volumétrico. Esta impressão foi utilizada em recipientes. O instrumento seria um cilindro maciço ou oco e numa das superfícies planas desenhar-se-ia em alto-relevo os círculos concêntricos.

– Impressão de duas metades de círculos concêntricos utilizada em recipientes. Este instrumento seria similar àqueles dos círculos concêntricos.

– Impressão em forma de elipse – “favo” – subdividida por pequenos traços. É um motivo que parece imitar uma pequena semente. cremos que o instrumento seria similar a todos aqueles já descritos.

– Impressão de triângulos em baixo relevo preenchidos por esferas em alto-relevo. É um motivo utilizado em recipientes cerâmicos e em adornos metálicos – pendente presente no Crasto de Palheiros. O instrumento possuiria um carimbo com um triângulo em alto-relevo e pequenas concavidades esféricas no seu interior. cremos que o instrumento seria similar a todos aqueles já descritos.

– Impressão de um motivo folicular composto por três motivos elipsoidais alongados. É um motivo semelhante a uma planta com três folhas ou ao símbolo esquemático da pata de um animal.

– Impressão de um motivo que aparenta ser uma ponta de forma côncava marcada com pequenos traços no seu interior. O motivo impresso assemelha-se a um meio círculo subdividido por traços. Esta matriz pode ser o resultado da impressão da ponta de um pente, no entanto nenhum dos penteados identificados resulta de uma matriz semelhante a esta. cremos que o corpo do instrumento seria similar a todos aqueles já descritos.

– Impressão de um motivo quadrangular dividido internamente em 4 triângulos. Os triângulos encontram-se impressos em baixo relevo o que quer dizer que o carimbo era em alto-relevo. cremos que o corpo do instrumento seria similar a todos aqueles já descritos.

2.4.2.4. Instrumentos ou “carimbos” rotativos

– Impressão de um motivo geométrico que se caracteriza por uma faixa paralela ao bordo, de largura regular, dividida internamente por traços longitudinais, de espaçamento regular. Este motivo foi impresso por uma roda dentada de dentes em alto-relevo suave. Os instrumentos podem ser constituídos por uma haste que se bifurca em duas pontas, que contêm uma roda que desenha os motivos à medida que é pressionada e arrastada pela superfície do recipiente.

– Impressão de um motivo que se caracteriza por uma faixa paralela ao bordo composta por pequenas impressões de pontos ovalados. A uniformidade dos pontos, o seu espaçamento regular e a regularidade da faixa leva-nos a pensar que este motivo é realizado através de uma roda dentada. Os dentes da roda possuiriam pequenas extremidades de forma cónica que imprimem uma pequena concavidade.

– Impressão de um motivo que se caracteriza por uma faixa paralela ao bordo composta por um motivo em “S” que se repete de modo uniforme, contínuo e aparentando ter sido realizado através de uma roda. Os motivos – “S” – são morfologicamente regulares entre si, o seu espaçamento é muito uniforme e a largura da faixa é também uniforme. Poderíamos pensar que esta faixa podia ser construída com a estampilhagem de um motivo único através de muito cuidado técnico, no entanto uma simples roda produz o mesmo efeito com muito menos esforço.

2.4.3. Momento decorativo

Nos conjuntos cerâmicos da Idade do Bronze e Idade do Ferro do Crasto de Palheiros foram identificados dois momentos decorativos e um terceiro momento relacionado com o acabamento da superfície dos recipientes. Sabemos o quanto é difícil definir qual o momento em que uma decoração foi realizada pois apenas nos baseamos na observação a “olho nu” do produto final, ou seja, o recipiente decorado depois de cozido. No entanto, cremos que é possível distinguir dois momentos decorativos distintos. O primeiro momento decorativo identificado diz respeito aos recipientes que foram decorados quando a sua pasta se encontrava em “ponto de couro”, quer dizer que, o recipiente já tinha sofrido uma primeira secagem – de algumas horas ou de um dia inteiro, dependendo da humidade – que confere à pasta um aspecto semelhante ao do couro. Este momento decorativo é usado pelos oleiros na actualidade e é o momento preferido para a realização de tratamentos de superfície como o polido ou brunido e técnicas decorativas como a incisão, impressão e todas as outras. A pasta neste momento encontra-se suficientemente húmida para ser

polida, para serem realizadas incisões sem que a pasta apresente um esfarelamento no corte da incisão e suficientemente seca para não se deformar com a pressão exercida pelo/a oleiro/a na fase de acabamento. Os tratamentos de superfície polidos realizados com a pasta em “ponto de couro” são uniformes, não apresentando nenhum tipo de facetamento do instrumento utilizado. As incisões, impressões e outras técnicas decorativas realizadas com a pasta em “ponto de couro” caracterizam-se por uma certa perfeição técnica: as incisões são uniformes quer na largura quer na espessura – se a experiência do/a oleiro/a permitir – as impressões são niveladas, bem definidas e mantêm essas características.

O segundo momento decorativo identificado diz respeito aos recipientes que foram decorados quando a sua pasta já tinha secado para além do “ponto de couro”, quer dizer que a pasta estava mais seca e portanto menos plástica do que aquelas em “ponto de couro”. A pasta neste momento encontra-se já bastante seca, dificultando o polimento e a realização de impressões/estampilhagens. É possível realizar, com alguma boa definição, incisões porque os instrumentos afiados rasgam a pasta com relativa facilidade no entanto estas incisões são, geralmente, menos profundas e mais estreitas devido à dureza da superfície do recipiente.

O terceiro momento identificado e relacionado com o acabamento da superfície dos recipientes diz respeito àqueles vasos que apresentam uma superfície polida facetada que revela um acabamento realizado ainda com a pasta relativamente mole. Quer dizer que, os recipientes que apresentam um polimento facetado – onde se pode ver as marcas do instrumento utilizado – foram trabalhados com uma pasta de humidade superior àqueles que apresentam um “ponto de couro”. A pasta até atingir o “ponto de couro” possui um grau de humidade bastante elevado que permite que ela se amole com relativa facilidade. Um recipiente, até atingir o “ponto de couro”, deve ser pouco mexido – tocado ou transportado – pois qualquer movimento pode provocar uma deformação. Assim este terceiro momento identificado está relacionado com o acabamento dos vasos mas não com a realização de decoração em recipiente conotados com o Bronze Final ou com a Idade do Ferro. É, no entanto, de notar que na ocupação Calcolítica encontram-se bastantes recipientes decorados neste momento decorativo, quando a pasta ainda se encontrava muito mole.

2.4.4. Localização/Extensão da decoração nos recipientes

A análise dos fragmentos decorados do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros – à excepção dos fragmentos calcolíticos – permitiu criar 10 categorias de localização e extensão da decoração nos recipientes. Todas as categorias criadas encontram-se relacionadas com o conjunto cerâmico, quer dizer que existem sempre fragmentos com a localização e extensão apontada. No

entanto nem todas as localizações possuem o mesmo “peso” estatístico que outras, algo que será analisado apenas no ponto 5. De seguida descrevemos as localizações criadas.

Loc 1: Esta categoria diz respeito à decoração no bordo do recipiente, quer no lábio – face interna ou externa, quer no bordo – como o colmatar do colo ou pança. Teoricamente todas as formas identificadas podem possuir decoração de localização 1. Nos recipientes de forma simples, sem bordo extrovertido – globulares ou troncocónicos – a decoração é uma banda estreita paralela ao bordo, localizada muito perto do lábio. Nas formas em que o bordo é individualizado – normalmente extrovertido e ao qual sucede um colo bem marcado ou um colo/pança extrovertido –, a decoração ocorre no limite superior do bordo, quer no lábio quer um pouco mais abaixo. Em qualquer tipo de recipientes a extensão da decoração da localização 1 – no bordo – é reduzida, limitando-se a uma estreita banda de signos ou linhas (Est. VII, fig. 2 e Est. XVIII).

Loc 2: Esta categoria diz respeito à decoração no colo do recipiente estando limitada pelo bordo e pelo início da pança. Obviamente que apenas os recipientes com colo podem ter decoração com localização 2. A extensão da decoração no colo varia consoante o motivo aplicado sendo que podemos encontrar: 1) decorações que preenchem totalmente o espaço do colo, quer na horizontal – percorrendo todo o diâmetro do colo – quer na vertical – espaço que vai do bordo ao início da pança; 2) decorações que apenas preenchem parte do espaço na horizontal, quando são compostas por linhas ou banda de motivos contínua e paralela ao bordo e 3) decorações que podem não preencher quer o espaço na horizontal quer na vertical, pois são compostas por motivos isolados dos quais não sabemos se se repetem e se formam uma métopa, neste caso, com espaços vazios (Est. VII, fig. 2 e Est. XIX).

Loc 3: Esta categoria diz respeito à decoração localizada na linha de divisão ou quebra entre o colo e a pança, denominada por nós, de linha colo/pança. Esta localização só se encontra em recipientes com colo e pança de forma proeminente. Estas decorações são de reduzidas dimensões, genericamente, estreitas e compostas por uma ou mais linhas incisas ou banda de motivos que ocupam o espaço de quebra da linha colo/pança. Esta decoração, devido à sua localização, apenas pode ocupar um espaço reduzido e serve, sobretudo, para evidenciar o colo e a pança (Est. VII, fig. 2 e Est. XX).

Loc 4: Esta categoria diz respeito à decoração localizada na linha colo/pança e na pança. Esta localização só se encontra em recipientes de perfil em “S”, com colo e pança bem marcada. Estas decorações são extensas e podem ocupar: 1) a linha colo/pança e a parte superior da pança – até meio e 2) a linha colo/pança e toda a pança até ao fundo. No entanto, devido à grande fragmentação dos recipientes, nem sempre é possível sabermos qual a extensão total da decoração na pança. É de frisar que a decoração da linha colo/pança é diferente daquela da pança, sendo composta por linhas ou bandas estreitas de motivos. Segue-se, na pança, padrões de motivos ou linhas de acordo com os motivos da linha colo/pança. Quer isto dizer que, a linha colo/pança funciona sempre como um espaço autónomo ainda que possa estar integrada em decorações mais vastas (Est. VII, fig. 2 e Est. XX).

Loc 5: Esta categoria diz respeito à decoração localizada na pança e fundo dos recipientes. Teoricamente, todas as formas identificadas podem possuir decoração na pança e fundo, no entanto esta localização é mais usual em recipientes em calote esférica ou recipientes de fundo plano seguido de pança arredondada. A extensão da decoração nesta categoria altera-se consoante o motivo aplicado e a forma, sendo que podemos encontrar: 1) decorações que ocupam toda a superfície de um recipiente globular e que utilizam o fundo convexo para formarem uma imagem, por exemplo, a de uma estrela; 2) decorações que ocupam toda a superfície de um recipiente globular e que não utilizam o fundo convexo para formarem uma imagem; 3) decorações que ocupam parte da superfície de um recipiente globular, por exemplo, uma faixa paralela ao bordo; 4) decorações que ocupam toda superfície da pança às quais sucedem fundos planos (por exemplo, podem possuir uma grande extensão de superfície e ocupar toda a pança e linha colo/pança ou possuir uma menor extensão de superfície, que por hora, não conseguimos ainda definir, devido à fragmentação dos recipientes) (Est. VII, fig. 2 e Est. XXI).

Loc 6: Esta categoria diz respeito a decorações compostas por duas bandas de motivos paralelas ao bordo localizadas em dois sítios diferentes do recipiente. Esta localização foi identificada em duas formas, na 1e da tabela de formas conotada com a Idade do Bronze e 7a da tabela de formas da Idade do Ferro (Est. VII, fig. 2 e Est. XXI).

Loc 7: Esta categoria diz respeito a decorações compostas por uma banda de motivos paralela ao bordo e aplicada na parte superior de um recipiente em calote esférica. Estas decorações não são integradas na localização 1 pois são mais extensas, ocupando maior superfície do vaso –

ainda que se encontrem perto do bordo –, nem na localização 5, pois não ocupam toda a superfície do recipiente até ao fundo (Est. VII, fig. 2 e Est. XXII).

Loc 8: Esta categoria diz respeito a todos os fragmentos decorados que não foram identificados com nenhuma das outras localizações criadas. Estes fragmentos fazem parte da pança de recipientes, de vários tipos de formas, sem que saibamos ao certo qual a sua localização e extensão na pança do recipiente. Teoricamente, todas as formas identificadas podem possuir decoração de localização 8 no entanto, na maioria dos casos, esta localização não está relacionada com nenhuma forma em particular (Est. VII, fig. 2 e Ests. XXIII, XXIV e XXV).

Loc 9: Esta categoria diz respeito a decorações localizadas na linha de diâmetro máximo, quando esta se localiza a meio da pança de um recipiente. Foram identificadas decorações com esta localização em recipientes de perfil em “S” quebrado ou arredondado (Est. VII, fig. 2 e Est. XXVI).

Loc 10: Esta categoria diz respeito a decorações localizadas apenas em recipientes de forma 12 da tabela de formas da Idade do Ferro. São decorações que são vistas na sua totalidade pois localizam-se em testos (Est. VII, fig. 2 e Est. XXVI).

2.4.5. Organizações decorativas do Crasto de Palheiros

A presença de cerâmicas calcolíticas em contextos das ocupações da Idade do Bronze e Idade do Ferro conduziu a uma breve análise destas, de forma a não as confundirmos com decorações mais tardias bem como a podermos compreender o grau de intrusão de cerâmicas calcolíticas em cada estrato das ocupações da Idade do Bronze e Idade do Ferro.

Deste modo, a colecção de fragmentos cerâmicos decorados do Crasto de Palheiros divide-se em dois grandes grupos. Aquele que diz respeito às cerâmicas da ocupação Calcolítica e aquele que se relaciona com a ocupação de entre o séc. IX AC e o séc. II DC. Esta última, longa, ocupação provocou uma destruição parcial dos sedimentos e estruturas da ocupação Calcolítica provocada pelas constantes e normais remodelações do espaço habitado. Geralmente, esta destruição caracteriza-se pela convivência, num mesmo sedimento, de cerâmicas dos dois períodos.

Desta forma, optamos por seguir a tipologia das organizações decorativas definidas por Maria de Jesus Sanches e Susana Oliveira Jorge para as decorações calcolíticas sendo que não criamos mais nenhum tipo ou subtipo. Quer isto dizer que, a tipologia de organizações decorativas

já criada será utilizada nos fragmentos decorados calcolíticos (não descritos aqui em pormenor mas presentes na base de dados) e não criaremos novas variantes pois esse não era o nosso objectivo.

O objectivo do nosso estudo prende-se, unicamente, com a ocupação compreendida entre o séc. IX AC e II DC e portanto criamos uma tipologia autónoma para as decorações presentes nesta ocupação, que expomos nos pontos seguintes.

2.4.5.1. Como foram pensadas as organizações decorativas criadas neste estudo

A análise de um conjunto cerâmico exige a organização das decorações desse conjunto de uma forma legível tanto para o autor como para os leitores. A organização das decorações pode ser realizada de múltiplas formas, no entanto é, sobretudo, através da intuição que se distinguem, agrupam e se descrevem como unidades autónomas as decorações passíveis de identificação. Uma tabela de organizações decorativas divide o conjunto estudado em conceitos por nós criados, conceitos esses que podem encontrar-se muito distanciados daqueles que estiveram na origem da criação das decorações em análise. A nossa interpretação estilística das cerâmicas arqueológicas não é a realidade conceptual estilística da comunidade que as produziu. Sabemos que todas as comunidades do passado possuíam um determinado estilo que, acreditamos, ser uma representação visual específica de contextos particulares no tempo e no espaço, tal como definido por Rice (Rice: 1987). Acreditamos que esse estilo congrega em si múltiplas mensagens, num código entendível por todos e que aponta cosmovisões (Rice: 1987).

O objectivo da criação da nossa tabela de organizações decorativas era a criação de tipos facilmente comparáveis a nível interregional, de modo, a que as nossas conclusões versassem sobre: as escolhas regionais ao nível do estilo decorativo; a coerência ou dissonância estilística de grupos ou comunidades e a caracterização estilística da comunidade em estudo, ou seja, daquela que habitou o Crasto de Palheiros entre o séc. IX AC e o II DC.

A nossa tabela de organizações decorativas não foi criada de acordo com nenhum método de análise específico no entanto iremos apresentar vários métodos que poderiam ter sido seguidos e explicar as razões das nossas escolhas teórico-metodológicas.

O entendimento dos vários métodos de análise passíveis de serem utilizados no estudo de um conjunto de cerâmicas decoradas exige uma compreensão dos componentes de uma decoração cerâmica.

Um desenho, que componha uma decoração de um vaso cerâmico, pode ser dividido em elementos, motivos, configurações, unidades básicas e estruturas. Seguimos aqui as definições propostas por Rice (Rice: 1987, 265, fig. 8.12). O elemento é o componente mais pequeno que pode

ser manipulado como uma unidade singular dentro de um desenho composto por várias partes. Um elemento pode ser um traço, uma linha, um ponto, uma folha, uma pétala, etc. Um motivo é uma combinação de elementos, por exemplo uma faixa de linhas onduladas. Quando um elemento ocorre em grupos torna-se um motivo, no entanto o motivo pode ocorrer em grupos sem modificar a sua natureza. (Rice: 1987). Podemos afirmar, que na generalidade, o elemento é um “meio” e o motivo é um “fim”, sendo que o estudo de um conjunto cerâmico se foca, maioritariamente, na definição de motivos. Uma configuração é a forma como os motivos se encontram organizados para preencher um determinado espaço. Uma unidade básica é uma categoria conceptual do/a oleiro/a que pode ser materializada num elemento, motivo ou configuração. Uma estrutura diz respeito à decoração como um todo, como se organiza e onde se encontra localizada e qual a relação entre localização e tipos de decoração.

Uma análise de cerâmicas arqueológicas pode e deve definir elementos, motivos e configurações e um arqueólogo, com algum esforço, consegue definir estes componentes. No entanto uma unidade básica será praticamente impossível de definir num estudo arqueológico sendo apenas definida num estudo etnográfico, onde o investigador possui outros tipos de investigação para além da cultura material.

Existem três escolas de análise no estudo de materiais cerâmicos (Rice: 1987, 258-266): a da análise do elemento; a da simetria e a da estrutura.

1) O método de análise dos elementos isola os elementos e explica a sua ocorrência espacial em termos de comportamento social dos construtores e usuários da cerâmica. Quer dizer que um estudo regido por uma análise extensiva dos elementos, tem como primeiro objectivo a criação de uma lista de elementos que permitirá uma comparação dos elementos semelhantes em vários povoados. Este método de análise está relacionado com a teoria de interacção social (Rice: 1987) que afirma que a similaridade dos elementos de design entre grupos será proporcional à direcção e intensidade da interacção social entre os membros desses grupos. Hoje sabe-se que a proximidade física e a potencial interacção social não são determinantes para uma similaridade estilística. Cremos que a cultura material só seja semelhante entre comunidades quando estas se assemelham a outros níveis culturais e conceptuais. Deste modo não realizamos uma lista de elementos presentes nas decorações do Crasto de Palheiros que estudámos.

É de notar que vários problemas se colocam na definição de elementos de um conjunto decorativo e na teoria de interacção social. Por um lado a definição de elementos dentro de um conjunto decorativo é susceptível a várias opiniões. De facto, podemos definir as linhas rectilíneas

como elementos, sendo componentes únicos da decoração – por ex. no tipo IIa – ou como componentes de um motivo – por ex. nos tipos IIb, IIc, etc (Est. XII). Tal como podemos definir as linhas oblíquas ao bordo como elementos que por sua vez constituem vários motivos de configuração totalmente diferentes – os tipos IV, V, XIII (Ests. XIII e XV). Para nós, a definição de motivos e configurações é prioritária pois os elementos são apenas componentes que podem ser utilizados por variadíssimas comunidades unidas ou distanciadas no tempo e no espaço.

A própria definição de elemento é passível de possuir grandes oscilações de interpretação. A preocupação de definir elementos que fossem significativos a nível social levou a um esforço suplementar para perceber a variabilidade dentro e entre os elementos. Esta variabilidade foi englobada naquilo que se denomina de atributos do desenho (Rice: 1987). Os atributos são características quantificáveis e que incluem claros estados de alternância, tais como: a profundidade e largura de uma linha; técnicas de preencher espaços e outras variações. Os atributos são organizados numa hierarquia que engloba atributos primários e secundários, que é vista como uma hierarquia de procedimentos ou decisões dos oleiros.

Na análise das decorações presentes no Crasto de Palheiros não foram criados atributos, no entanto tivemos em conta a variação estilística de elementos semelhantes – por exemplo, as linhas incisas, as faixas penteadas – através da identificação e registo dos instrumentos utilizados. O cruzamento da informação acerca dos instrumentos com aquelas das técnicas decorativas empregue numa dada decoração permite uma aproximação aos atributos de alguns dos elementos presentes. Esta análise será realizada em pormenor no capítulo 6 do volume 1.

Por outro lado as semelhanças estilísticas entre comunidades podem ocorrer a vários níveis sem que saibamos qual e por isso tenhamos que analisar todas as variáveis. Assim, comunidades podem assemelhar-se estilisticamente através de elementos, motivos ou configurações, mas também podem ocorrer semelhanças na estrutura sem que os mesmos elementos se encontrem envolvidos. Quer dizer, podem ocorrer configurações ou estruturas semelhantes compostas por elementos diferentes. Tendo em conta o que foi dito é necessária uma análise inter-regional que tenha em conta todas estas variáveis e que conclua quais são aquelas escolhidas pelas comunidades do passado na região em estudo.

2) O método de análise da simetria envolve a identificação do motivo e o movimento pelo qual ele é repetido (Rice: 1987, 261, fig. 8.9). Existem 4 tipos de movimento para além daquele que define que se um desenho é composto apenas por uma parte fundamental é considerado assimétrico – por ex. o tipo XI3 (Est. XV), composto por um cordão plástico paralelo ao bordo.

Os outros 4 tipos de movimento são (segundo Rice: 1987, 261, fig. 8.9):

Translação, presente no tipo XI2 (Est. XV) – repetição do rebite – e no XXXIII (Est. XVI), repetição daquele tipo de incisão/motivo, marcada no bordo.

Simetria bilateral, que pode ser vertical – como no tipo XXXIV8 (Est. XVII) – ou horizontal – como nos tipo XVIII e XIX (Est. XV).

Rotacional, que pode ser, duplo – do qual não temos nenhum exemplar – ou múltiplo – ocorrendo no tipo XXXIV9 (Est. XVII).

Translação conjuntamente com efeito de espelho. Este tipo de movimento não se encontra claramente no conjunto do Crasto de Palheiros no entanto podemos dizer que: o tipo XXIII (Est. XV) é uma translação desencontrada, mas sem efeito de espelho e o tipo VI (Est. XIII) – motivo de espiga – é o típico efeito espelho não se encontrando desencontrado. É de notar que o tipo VIIb (Est. XIII) poderá ser encaixado neste movimento, no entanto o efeito espelho não é muito evidente.

A utilização deste método de análise está relacionada com a teoria de que determinados padrões de simetria são característicos de determinadas sociedades. Este padrão não é devido à consciência e criação individual do/a oleiro/a em reconhecer e criar movimentos envolvidos nas repetições dos motivos mas sim nas preferências do reportório partilhadas e manipuladas de geração em geração (Rice: 1987). Quer dizer que os padrões de simetria são tidos como um dos componentes da tradição estilística de uma comunidade.

Apesar da evidente importância da utilização deste método de análise, a sua aplicação ao conjunto do Crasto de Palheiros revela-se pouco esclarecedora. De facto, no conjunto decorativo do Crasto de Palheiros identificamos pouca variedade nos padrões de simetria, quer dizer que quase todas as decorações utilizam o movimento de translação ou de simetria bilateral horizontal. Consideramos este reportório muito pobre, sendo evidente o predomínio da banda, com movimentos repetidos ao longo de uma linha recta e que revela um padrão uni-dimensional infinito, mais comumente designado por padrão-banda (Rice: 1987).

Apesar de, neste estudo, termos em atenção como o desenho se configura, como os elementos “jogam” uns com os outros, não criamos nenhum sistema alfanumérico que descrevesse as relações simétricas entre os motivos. Esta opção deveu-se: 1) à dificuldade de definir elementos ou motivos significativos e que permitissem uma análise de simetria; 2) a uma discordância com a definição de elemento, pois não cremos que determinados elementos sejam significantes – como por ex. as linhas que constituem reticulados, sendo que para nós o motivo significativo é o reticulado mas tal não pode ser definido como elemento –; 3) a dificuldade em estudar determinados motivos dentro da análise de simetria – por ex. os reticulados, entre muitos outros – e 4) o predomínio do

movimento de translação neste conjunto leva a uma reduzida divisão das decorações de modo que as comparações interregionais seriam afectadas negativamente.

3) O método de análise da estrutura do desenho é um método, essencialmente, etnográfico que se apoia nas impressões fornecidas pelos intervenientes “originais” das cerâmicas. Esta análise exige que os recipientes estejam completos e que o investigador possua determinadas informações, que normalmente um arqueólogo não possui.

Este método compreende que a estrutura do desenho é um sistema cognitivo, ou um corpo de conhecimento organizado, subjacente a um estilo particular e através do qual o estilo é produzido pelos artistas (Rice: 1987, 264-265). Esta opinião é também partilhada por nós, no entanto, um arqueólogo – devido a vários factores que explicaremos a seguir – terá muita dificuldade em chegar ao sistema cognitivo.

O método de análise da estrutura do desenho encontra-se organizado em quatro pontos.

1) Definição da área a ser decorada, ou seja, definição do problema decorativo.

2) Identificação das unidades básicas de decoração.

3) Classificação das unidades básicas.

4) Identificação das leis pelas quais as unidades básicas são usadas para resolver o problema decorativo.

Como podemos ver este método é impraticável em arqueologia devido: 1) à fragmentação dos recipientes que não permite, em muitos casos, a definição da área a ser decorada; 2) à falta de informação oral que permita a identificação e classificação de unidades básicas, sendo que se tal for conseguido será apenas uma mera hipótese de trabalho e 3) em consequência da indefinição das unidades básicas será impossível a identificação das leis pelas quais elas se regem.

Apesar da inutilidade prática deste método, ele revela-se de extrema importância teórica na evolução dos estudos da cultura material em arqueologia. Cremos que este método pode ser útil no estudo das cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro. Na análise estrutural, os elementos e motivos não são vistos como indicadores úteis da intensidade da interacção entre comunidades porque são facilmente copiados mesmo quando existe um contacto mínimo entre artesãos. Esta ideia pode explicar o porquê de uma utilização quase peninsular de determinados motivos estampilhados. De facto, o motivo em si pode não ser relevante, mas sim a forma como ele se conjuga com outros e quais os outros com que se conjuga. Dentro desta teoria, a estrutura é o reflexo de uma comunidade, de um grupo de trabalho e é uma forma de decoração que passa de geração em geração.

Existem três aspectos particulares da estrutura do design que indicam identificação entre comunidades.

1) Organização das divisões espaciais (especialmente a presença e localização de marcas de fronteira no desenho).

2) Classificação dos elementos do desenho e suas configurações (divididas em primárias e secundárias, portanto de uma forma hierárquica).

3) Manipulação ou função dos elementos dentro das configurações.

O ponto 1 é facilmente identificável num estudo de cerâmicas arqueológicas, sendo que os pontos 2 e 3 já são de maior dificuldade interpretativa. O ponto 2 possui problemas de interpretação, que são: 1) a dificuldade de distinguir elementos e motivos e 2) a hierarquização de motivos em conjuntos não etnográficos. Por último o ponto 3, pode-se analisar com alguma facilidade quando aplicado a determinadas decorações, por exemplo, as estampilhadas da Idade do Ferro.

Apesar de conhecermos várias abordagens para a análise de decorações em recipientes, como aquelas que descrevemos acima, optamos por uma abordagem prática tradicional na análise do nosso conjunto cerâmico. Tal não quer dizer que as conclusões interpretativas que iremos apresentar – no vol. 1 – não tenham em conta muito do que foi dito, no entanto por razões, essencialmente processuais foi-nos impossível seguir à risca uma “escola” de análise para estas cerâmicas. Assim, os tipos presentes na tabela de organizações decorativas, criada para as cerâmicas da ocupação do séc. IX AC ao II DC do Crasto de Palheiros, foram criados a partir da identificação de motivos, configurações e técnicas decorativas.

As técnicas decorativas de cepilhado, penteado, decoração plástica e estampilhagem foram organizadas em tipos autónomos – III, X, XI, XXXIV respectivamente – sendo que a sua característica principal é o uso exclusivo de cada técnica decorativa identificada. Quer dizer que estes 4 tipos possuem internamente decorações de configuração diferente, por vezes até elementos com atributos diferentes, mas que partilham a mesma técnica. Para nós, estas técnicas são diferentes da incisão porque cremos que os instrumentos utilizados – pentes do cepilhado e penteado; carimbos de vários formatos – produzem um motivo, ou melhor, possuem a importância de um motivo. Assim, pensamos que seria útil dissociar as decorações realizadas com estas técnicas de todas as outras.

As decorações realizadas através da incisão ou conjugação de várias outras técnicas foram organizadas a partir da identificação daquilo que pensamos serem motivos e quando possível – quando a reconstrução dos recipientes o permite – configurações. Os tipos I, II, IV, V, VI, VII, VIII, IX, XVI, XVII, XVIII, XIX, XXII, XXIII, XXIV, XXV, XXVI e XXXII foram organizados a partir da identificação de motivos decorativos, sendo que os tipos I e II chegam mesmo a ser definidos a partir do elemento decorativo – a linha incisa. Os tipos XII, XIII, XIV, XV, XX, XXI, XXVII, XXVIII, XXIX, XXX, XXXI e XXXIII foram organizados a partir da configuração completa dos motivos empregues.

É de notar que muitos tipos foram criados a partir de motivos porque não possuíamos a decoração completa e todas as configurações presentes possuem tipos autónomos. Concluimos que a variedade de configurações presentes nas decorações deste conjunto é muito significativa e iremos proceder a uma análise mais pormenorizada no capítulo 6 do vol. 1.

2.4.5.2. As organizações decorativas presentes na ocupação entre o século IX AC e II DC no Crasto de Palheiros

As organizações decorativas do Crasto de Palheiros respeitantes à ocupação entre o séc. IX AC e o séc II DC foram agrupadas em 34 tipos, 80 subtipos e 139 variantes. A descrição das organizações decorativas é apresentada de seguida.

Tipo I – Organização decorativa composta por uma ou mais linhas incisivas rectilíneas paralelas ao bordo. Este tipo possui vários subtipos de acordo com: 1) conceito subjacente; 2) extensão da decoração e 3) número de linhas incisivas. O tipo de instrumento aplicado não foi tido em conta na criação dos subtipos, quer dizer, três linhas espatuladas e três linhas incisivas feitas com uma ponta fina e aguçada encontram-se no mesmo subtipo (Est. XII).

Subtipo 1 – Este subtipo diz respeito a uma ou mais linhas incisivas que formam uma banda estreita paralela ao bordo. O conceito subjacente é do de banda e a extensão / localização da decoração é a banda paralela ao bordo, em qualquer local do recipiente. O número de linhas é variável sendo que: *Ia* – é uma linha incisa; *Ib* – duas linhas incisivas; *Ic* – três linhas incisivas; *Id* – quatro linhas incisivas; *Ie* – cinco linhas incisivas e *If* – seis linhas incisivas.

Subtipo 2 – Este subtipo diz respeito a duas linhas incisivas separadas uma da outra por um espaço vazio de dimensão considerável. O conceito subjacente muda podendo ser descrito através de duas hipóteses, que são: 1) as linhas não constituem uma banda, funcionando autonomamente

como unidades e 2) as linhas constituem uma banda onde são o limite de um espaço vazio. O número de linhas ainda não é variável mas no futuro pode ser identificada uma decoração com mais linhas e por isso o subtipo 2 é também *2a* – igual a duas linhas. Esta decoração pode estar localizada em qualquer local do recipiente.

Subtipo 3 – Neste subtipo encontramos muitas linhas incisas, por vezes, interrompidas no seu trajecto e que ocupam um maior espaço no recipiente. O conceito subjacente pode ter mudado e é descrito através de duas hipóteses: 1) as linhas incisas não constituem uma banda, sendo que o seu objectivo é abarcar grande parte ou a totalidade da superfície do recipiente e 2) as linhas incisas constituem uma banda muito mais larga que a do subtipo 1. No subtipo 3 encontramos linhas incisas espaçadas – *variante a* – e linhas incisas menos espaçadas – *variante b*.

Tipo II – Organização decorativa composta por uma ou mais linhas incisas quebradas ou curvilíneas paralelas ao bordo. O conceito subjacente é o de banda ondulada, presente mesmo quando esta banda é apenas conseguida através de uma linha incisa quebrada de grande amplitude. Este tipo possui vários subtipos de acordo com: 1) a morfologia das linhas e 2) a extensão da decoração. O tipo de instrumento aplicado não foi tido em conta na criação dos subtipos bem como o número de linhas incisas, pois o número não parece relevante na criação de uma banda ondulada (Est. XII).

Subtipo 1 – Este subtipo diz respeito a bandas onduladas compostas por linhas quebradas ou linhas quebradas e onduladas. A *variante a* diz respeito a uma linha quebrada; a *variante b* diz respeito a 5 linhas quebradas e onduladas que formam uma banda de ondas uniformes e a *variante c* diz respeito a 5 ou 6 linhas quebradas e onduladas que formam uma banda de ondas não uniformes, de aspecto mais caótico que a da variante b.

Subtipo 2 – Este subtipo diz respeito a bandas ligeiramente onduladas ou quebradas, de aspecto muito rectilíneo. Possui apenas um exemplar constituído por 3 linhas incisas.

Subtipo 3 – Este subtipo diz respeito a bandas onduladas e quebradas, muito largas – que ocupam uma superfície considerável do recipiente –, de aspecto caótico, muito pouco uniformes e sem esquema decorativo que possa ser usado como padrão. Esta decoração parece única e irrepetível.

Tipo III – Este tipo decorativo diz respeito a todas as organizações decorativas realizadas através da técnica de cepilhado, também denominada de vassourado. Este tipo possui vários subtipos criados de acordo com o aspecto e orientação de cepilhado (Est. XII).

Subtipo 1 – Este subtipo diz respeito às superfícies que possuem um cepilhado de orientação vertical – perpendicular ao bordo –, uniforme e contínuo. O cepilhado não é interrompido e não é possível distinguir o tamanho do instrumento utilizado. Possui duas variantes: *a)* cepilhado contínuo simples e *b)* cepilhado contínuo interrompido por uma linha incisa, horizontal, paralela ao bordo.

Subtipo 2 – Este subtipo diz respeito às superfícies que possuem um cepilhado descontínuo constituído por várias faixas estreitas de orientação variável – podem ser perpendiculares ou oblíquas em relação ao bordo. Possui duas variantes: *a)* faixas estreitas de orientação vertical – ainda que possamos encontrar uma ou outra faixa de orientação, ligeiramente, oblíqua e *b)* faixas estreitas de orientação oblíqua.

Subtipo 3 – Este subtipo diz respeito às superfícies que possuem um cepilhado de orientação horizontal – paralelo ao bordo –, uniforme e contínuo. O cepilhado não é interrompido, não é possível distinguir o tamanho do instrumento utilizado e é, apenas, constituído por um exemplar.

Tipo IV – Organização decorativa composta por uma ou mais linhas incisais horizontais – paralelas ao bordo – às quais sucede uma banda de linhas incisais oblíquas, em relação ao bordo e paralelas entre si. Este tipo decorativo ocupa um espaço variável no recipiente e possui 4 subtipos criados de acordo com: 1) número de linhas horizontais; 2) morfologia das linhas e 3) orientação das linhas oblíquas (Est. XIII).

Subtipo 1 – Este subtipo diz respeito à organização decorativa compostas por uma ou mais linhas incisais horizontais seguidas de uma banda de linhas oblíquas, de aspecto bastante uniforme, configurando uma banda a ser localizada em qualquer local do recipiente. Possui duas variantes criadas de acordo com o número de linhas paralelas ao bordo e subdivididas de acordo com a orientação das linhas oblíquas. A *variante a* possui duas linhas incisais paralelas ao bordo seguidas de linhas oblíquas orientadas à direita na *subvariante a1* e orientadas à esquerda na *subvariante a2* e a *variante b* possui três linhas incisais paralelas ao bordo seguidas de linhas oblíquas orientadas à direita.

Subtipo 2 – Este subtipo diz respeito à organização decorativa composta por duas linhas incisais horizontais seguidas de uma banda de linhas oblíquas; de aspecto muito pouco uniforme e englobando grande parte ou a totalidade da superfície dos recipientes. Quer dizer, este subtipo não constitui uma banda mas sim um desenho que ocupa a totalidade da superfície do recipiente. As linhas encontram-se mais espaçadas do que as do subtipo 1 e também possuem uma orientação mais instável, quer dizer, as linhas paralelas e oblíquas são incertas. Possui duas variantes criadas de acordo com o número de linhas paralelas ao bordo. A *variante a* possui duas linhas paralelas ao

bordo seguidas de linhas oblíquas orientadas à esquerda e a *variante b*, três linhas paralelas ao bordo seguidas de linhas oblíquas orientadas à direita.

Subtipo 3 – Este subtipo diz respeito à organização decorativa composta por uma linha incisa paralela ao bordo seguida de uma banda de linhas oblíquas, orientadas à direita, de tamanho irregular. As linhas que constituem a banda de linhas oblíquas possuem tamanhos e espaçamentos diferentes.

Subtipo 4 – Este subtipo diz respeito à organização decorativa composta por três linhas incisadas paralelas ao bordo – ligeiramente incertas na sua orientação – às quais sucedem linhas quase perpendiculares ao bordo de tamanho muito variável. As linhas perpendiculares ao bordo não formam banda, ocupando grande parte da superfície do recipiente e constituem uma métopa formada por linhas de grande tamanho que englobam uma fila de linhas de pequeno tamanho.

Tipo V – Organização decorativa composta por uma ou mais faixas de reticulado formado por linhas incisadas, oblíquas em relação ao bordo, que se cruzam com outras perpendiculares às primeiras. A faixa pode ou não ser limitada por linhas incisadas paralelas ao bordo. Possui dois subtipos criados de acordo com o número de faixas de reticulado oblíquo existente no recipiente e subdivididas de acordo com a existência de linhas paralelas ao bordo (Est. XIII).

Subtipo 1 – Este subtipo diz respeito à organização decorativa composta por uma faixa de reticulado oblíquo. A *variante a* é composta por duas linhas incisadas paralelas ao bordo às quais sucede a faixa de reticulado e a *variante b* é composta apenas pela faixa de reticulado.

Subtipo 2 – Este subtipo diz respeito à organização decorativa composta por duas faixas de reticulado oblíquo. A primeira faixa de reticulado é delimitada por uma linha incisa e a segunda faixa não possui qualquer linha de delimitação.

Tipo VI – Organização decorativa que usa exclusivamente um único motivo decorativo – a espiga – tratado de diferentes formas. Possui quatro subtipos criados de acordo com a morfologia e orientação da espiga e o número de faixas existente (Est. XIII).

Subtipo 1 – Este subtipo diz respeito à organização decorativa composta por uma faixa de espiga constituída por traços incisados simples, realizados com um instrumento de ponta afiada e fina. Na *variante a*, a espiga encontra-se orientada à esquerda e na *variante b*, encontra-se orientada à direita.

Subtipo 2 – Este subtipo diz respeito à organização decorativa composta por uma faixa de espiga constituída por traços incisos simples – tal como a do *subtipo 1* – e uma faixa de espiga mais complexa constituída por três linhas de incisões. Estas duas faixas são interrompidas por uma asa com a qual se integram no recipiente.

Subtipo 3 – Este subtipo diz respeito à organização decorativa composta por duas faixas de espiga constituídas por traços impressos realizados através de uma matriz. O instrumento é aplanado e foi usado com pouca força, imprimindo levemente o motivo decorativo.

Subtipo 4 – Este subtipo diz respeito à organização decorativa composta por uma faixa de espiga constituída por folíolos ou pequenos motivos em forma de folha.

Tipo VII – Organização decorativa composta por uma faixa paralela ao bordo composta por uma linha incisa seguida de uma faixa de motivos conseguidos através do rolamento sucessivo. (Est. XIII).

Tipo VIII – Organização decorativa paralela ao bordo composta por duas faixas de motivos conseguidos através do rolamento sucessivo de um carimbo (Est. XIII).

Tipo IX – Organização decorativa composta por uma sequência de linhas incisas de adição horizontal. Este tipo possui 3 subtipos criados de acordo com o espaçamento entre as linhas e a sua orientação (Est. XIII).

Subtipo 1 – Faixa de linhas incisas paralelas entre si, perpendiculares ao bordo, de espaçamento regular e de formação contínua.

Subtipo 2 – Faixa de linhas incisas paralelas entre si, perpendiculares ao bordo, de espaçamento regular e formação descontínua. Possui duas variantes: *a*) a faixa contem um número considerável de linhas incisas de espaçamento regular e é interrompida por espaços vazios de grande tamanho e *b*) a faixa é composta apenas por duas linhas incisas de espaçamento regular e é também interrompida por espaços vazios de grande tamanho. A diferença entre as duas variantes encontra-se no número de linhas incisas.

Subtipo 3 – Faixa de linhas incisas paralelas entre si, oblíquas ao bordo, de espaçamento regular e formação descontínua. Esta faixa é composta por grupos de duas linhas incisas.

Tipo X – Organização decorativa que usa exclusivamente a técnica decorativa de penteado. Este tipo possui 14 subtipos criados de acordo com as formas desenhadas pelas faixas penteadas (Estampas XIV e XV).

Subtipo 1 – Uma ou mais faixas de penteado, retilíneas, paralelas ao bordo. Na *variante a* encontramos uma faixa e na *variante b* duas faixas.

Subtipo 2 – Uma faixa de penteado, ondulada, paralela ao bordo. Na *variante a* encontramos um ondulado suave; na *variante b*, um ondulado mais impressionante; na *variante c1* um penteado de pequenas ondas quebradas e na *c2* conjugado com uma linha de pequenos orifícios; na *variante d* um ondulado quase quebrado e na *variante e* um ondulado quebrado e interrompido por um espaço vazio.

Subtipo 3 – Duas faixas de penteado, onduladas ou quebradas, paralelas ao bordo.

- Variante *a*: duas faixas unidas de ondulado semelhante;
- Variante *b*: duas faixas, de grande amplitude, que se cruzam;
- Variante *c*: duas faixas de ondulado, de pequena amplitude, que se cruzam;
- Variante *d*: duas faixas de ondulado, de diferente amplitude, que se sucedem na vertical;
- Variante *e*: uma faixa ondulada à qual sucede um penteado sem que saibamos qual o motivo;
- Variante *f*: duas faixas onduladas, semelhantes, em adição vertical, e separadas por um espaço vazio;
- Variante *g*: duas faixas quebradas, retilíneas, que se entrecruzam;
- Variante *h*: duas faixas quebradas, retilíneas, que se entrecruzam, de maior amplitude do que aquelas da variante *g*;
- Variante *i*: duas faixas, uma retilínea quebrada e outra ondulada, que se entrecruzam.

Subtipo 4 – Sequência de faixas de penteado, paralelas ao bordo, na qual aquela mais próxima deste é retilínea seguida de uma ou mais onduladas ou quebradas.

– Variante *a*: duas faixas, a primeira é retilínea e a segunda quebrada. Na variante *a1* encontramos um penteado simples e na variante *a2* encontramos o mesmo desenho de faixas realizado a linhas incisas. As faixas desenhadas apresentam um preenchimento de troços de penteado.

- Variante *b*: duas faixas, a primeira é retilínea e a segunda ondulada
- Variante *c*: três faixas, a primeira é retilínea e as seguintes são onduladas
- Variante *d*: três faixas, a primeira é retilínea e as seguintes são onduladas, que se entrecruzam
- Variante *e*: duas faixas, a primeira é definida por duas linhas incisas, seguida de uma faixa penteada em forma de arcos.

– Variante *f*: duas faixas, a primeira é rectilínea e a segunda quebrada, de grande amplitude. Esta decoração ocupa toda a superfície do vaso globular, desenhando uma estrela no fundo convexo. Esta decoração diferencia-se da *a1* pois a *a1* constitui uma banda paralela ao bordo.

Subtipo 5 – Uma faixa de penteado, quebrada, de grande amplitude, ocupando grande parte da superfície da pança do vaso.

Subtipo 6 – Uma faixa paralela ao bordo composta por um motivo, realizado a pente, semelhante a uma linha quebrada à qual se apagaram os vértices. Possui apenas uma variante – a – onde encontramos a subvariante *a1* e *a2*. Na *a1* encontramos um pente de grandes dimensões e na *a2* um pente de reduzidas dimensões, no entanto o motivo é o mesmo.

Subtipo 7 – Organização decorativa composta por um motivo realizado a pente. Este motivo é semelhante a um cepilhado caótico, composto por várias faixas de penteado, que coexistem, entrecruzando-se e sobrepondo-se.

Subtipo 8 – Organização decorativa composta por um motivo realizado a pente. Este motivo é uma grinalda de duas faixas.

Subtipo 9 – Organização decorativa composta por uma sequência de faixas penteadas adicionadas horizontalmente. Estas faixas possuem a particularidade de se encontrarem interrompidas e de serem realizadas com um pente de ponta fina. Quer dizer, o pente é estreito, possui puas de pequenas dimensões e foi usado com grande pressão sobre a superfície do recipiente.

Subtipo 10 – Organização decorativa composta por um motivo complexo que é uma faixa quebrada constituída por pequenas faixas de penteado. O pente utilizado neste subtipo foi o mesmo daquele utilizado no subtipo 9.

Subtipo 11 – Organização decorativa composta por um motivo complexo que é uma faixa ondulada em volta de pequenas concavidades – paralela ao bordo – à qual sucede uma faixa rectilínea seguida de faixas perpendiculares a esta e colmatadas por pequenas concavidades.

Subtipo 12 – Organização decorativa composta por um motivo complexo que é duas linhas incisas largas, paralelas ao bordo, às quais sucedem duas faixas de penteado, largas, perpendiculares às linhas incisas.

Subtipo 13 – Organização decorativa composta por faixas perpendiculares ao bordo e fundo, geralmente localizadas na pança, perto do fundo.

– Variante *a*: duas faixas perpendiculares ao fundo, paralelas entre si. Não sabemos se a decoração é composta por outras faixas de penteado. É, no entanto, provável que esta decoração seja constituída por faixas perpendiculares ao fundo que rodeiam toda a pança do recipiente. Esta

variante possui dois exemplares, um deles caracteriza-se por uma faixa perpendicular ao fundo sendo que não conhecemos a restante decoração.

– Variante *b*: uma faixa perpendicular ao fundo à qual sucede uma linha incisa marcada no fundo do recipiente e paralela a este. Não sabemos como se caracteriza a totalidade da decoração, no entanto, cremos que é constituída por várias faixas que rodeiam toda a pança e que se unem à linha incisa.

– Variante *c*: três faixas perpendiculares ao fundo paralelas entre si. Estas faixas encontram-se a espaços irregulares não sendo possível caracterizar na totalidade a decoração presente.

Subtipo 14 – uma faixa oblíqua ao fundo, sem que saibamos se existe repetição do motivo. Assim não sabemos como se caracteriza a totalidade da decoração.

Tipo XI – Organização decorativa composta por vários motivos em relevo. Esta decoração possui 4 subtipos de acordo com o motivo empregue (Est. XV).

Subtipo 1 – Decoração composta por uma faixa paralela ao bordo constituída por mamilos ovalados.

Subtipo 2 – Decoração composta por uma faixa paralela ao bordo constituída por um motivo em relevo em forma de pirâmide ou rebite. È de notar que este motivo é semelhante aos rebites metálicos presentes nos caldeiros metálicos do Crasto de Palheiros.

Subtipo 3 – Decoração composta por um cordão paralelo ao bordo de secção triangular.

Subtipo 4 – Decoração composta por um cordão paralelo ao bordo de secção semi circular e delimitado por duas linhas incisas.

Tipo XII – Organização decorativa composta por uma faixa paralela ao bordo constituída por linhas incisas perpendiculares a este, intercaladas por mamilos arredondados. Sucede-lhe grupos de 3 linhas incisas localizadas na pança do recipiente (Est. XV).

Tipo XIII – Organização decorativa composta por uma faixa paralela ao bordo constituída por um reticulado oblíquo delimitado, no limite mais próximo do bordo, por quatro linhas incisas e, no limite mais afastado do bordo, por três linhas incisas. Sucede-lhe vários triângulos alongados – perpendiculares à faixa e ao bordo –, realizados a linhas incisas (Est. XV).

Tipo XIV – Organização decorativa composta por uma faixa paralela ao bordo, delimitada por linhas incisas – três no limite perto do bordo e quatro no limite mais afastado – e preenchido no

interior por agrupamentos, de linhas perpendiculares ao bordo e paralelas entre si, ligados por linhas oblíquas (Est. XV).

Tipo XV – Organização decorativa composta por uma faixa paralela ao bordo, delimitada por duas linhas espatuladas e preenchida no interior por segmentos de linhas, também espatuladas, perpendiculares ao bordo e paralelas entre si. O intervalo entre os segmentos de linha é regular (Est. XV).

Tipo XVI – Organização decorativa composta por uma faixa paralela ao bordo constituída por uma banda de linhas incisas, oblíquas a este e paralelas entre si seguidas de duas linhas incisas paralelas ao bordo e equidistantes (Est. XV).

Tipo XVII – Organização decorativa composta por um motivo complexo. Este motivo é constituído por uma linha incisa paralela ao bordo seguida de linhas oblíquas/perpendiculares a este, ladeada por duas faixas de penteado. Não conhecemos a totalidade desta organização decorativa (Est. XV).

Tipo XVIII – Organização decorativa composta por uma faixa paralela ao bordo constituída por duas bandas de triângulos incisos preenchidos, também, por linhas incisas convergentes que podem unir-se nos vértices, tal como apresentado na figura ou desenhar um ziguezague (Est. XV).

Tipo XIX – Organização decorativa composta por uma faixa paralela ao bordo/fundo constituída por linhas quebradas divididas por uma linha rectilínea. Desenham-se triângulos dos quais os inferiores são preenchidos por troços ondulados de penteado (Est. XV).

Tipo XX – Organização decorativa composta por uma faixa paralela ao bordo e localizada no colo constituída por linhas perpendiculares a este e paralelas entre si delimitadas por uma linha incisa localizada na linha colo/pança (Est. XV).

Tipo XXI – Organização decorativa composta por uma faixa paralela ao bordo e localizada no colo constituída por linhas perpendiculares a este e paralelas entre si delimitadas por várias linhas incisas espatuladas localizadas na zona da linha colo/pança (Est. XV).

Tipo XXII – Organização decorativa composta por uma faixa larga, localizada na pança e metopada. Esta faixa é constituída por uma sucessão de linhas paralelas ao bordo intercaladas por grupos de linhas oblíquas/perpendiculares a este (Est. XV).

Tipo XXIII – Organização decorativa composta por uma faixa paralela ao bordo, constituída por uma sucessão vertical de linhas oblíquas ao bordo e paralelas entre si intercaladas por linhas rectas. Os pequenos traços oblíquos encontram-se desencontrados (Est. XV).

Tipo XXIV – Organização decorativa composta por quatro bandas paralelas ao bordo e entre si constituídas por um motivo geométrico que se sucede ininterruptamente. A técnica utilizada foi a estampagem por rolamento (Est. XV).

Tipo XXV – Organização decorativa composta por linhas realizadas com uma sucessão de pequenos pontos. O motivo é constituído por uma faixa paralela ao bordo composta por uma linha recta à qual sucede uma linha arqueada compondo grinaldas (Est. XV).

Tipo XXVI – Organização decorativa composta por linhas incisas e grupos de pequenos orifícios. O motivo é constituído por uma faixa paralela ao bordo composta por duas linhas incisas paralelas ao bordo e entre si às quais sucede um motivo desenhado por pequenos ponto. Não conhecemos esta organização decorativa na sua totalidade (Est. XV).

Tipo XXVII – Organização decorativa composta por linhas incisas contínuas e descontínuas. O motivo é constituído por uma extensa decoração composta por uma linha incisa paralela ao bordo à qual sucedem troços de linhas incisas oblíquas a esta. Esta decoração é pouco padronizada sendo que as linhas oblíquas constituídas por troços não se encontram a intervalos regulares (Est. XV).

Tipo XXVIII – Organização decorativa composta exclusivamente por linhas incisas que constituem bandas paralelas ao bordo de diversas configurações. Este tipo possui 4 subtipos criados de acordo com os motivos desenhados (Est. XVI).

Subtipo 1 – Decoração composta por três linhas rectas às quais sucedem três linhas onduladas. Na variante *a* as ondas das linhas onduladas possuem uma menor amplitude que as ondas das linhas onduladas da variante *b*.

Subtipo 2 – Decoração composta por uma ou duas linhas rectas às quais sucedem uma, duas ou três linhas quebradas, que desenharam triângulos. Na variante *a* encontramos uma linha recta e duas quebradas; na *b*, duas linhas rectas e uma quebrada; na *c*, duas linhas rectas e três quebradas e na *d*, três linhas rectas e três quebradas. A variante *c* é aquela com menor grau de uniformidade e a *d* possui linhas quebradas cortadas nos seus vértices.

Subtipo 3 – Decoração composta por uma faixa de triângulos, paralela ao bordo. Este subtipo possui duas variantes, na variante *a* encontramos triângulos alongados, de grande amplitude e tamanho e na variante *b* encontramos triângulos mais pequenos, de menor amplitude e tamanho. Os triângulos da variante *b* são mais uniformes – no seu desenho – do que aqueles da variante *a*.

Subtipo 4 – Decoração composta por uma faixa constituída por duas bandas de linhas quebradas que em conjunto desenhavam losangos. É uma decoração de grande tamanho que ocupa grande parte da superfície da pança do recipiente.

Tipo XXIX – Organização decorativa composta exclusivamente por triângulos dispostos em fila, paralelos ao bordo. Este tipo possui dois subtipos criados de acordo com a disposição dos motivos no corpo do recipiente e a sua morfologia (Est. XVI).

Subtipo 1 – Faixa de triângulos, paralela ao bordo, de pequenas dimensões, sendo estreita. Esta faixa decora a parte superior do recipiente. Este subtipo possui 3 variantes: *a*) motivo composto por linhas rectas incisadas, paralelas ao bordo, às quais sucede um triângulo realizado inteiramente por linhas incisadas; *b*) faixa de triângulos delimitados por linhas incisadas e preenchidos por pontilhado, paralela ao bordo à qual sucede um motivo penteado (sem que saibamos defini-lo na sua totalidade) e *c*) faixa de triângulos delimitados por linhas incisadas e preenchidos por pequenos traços incisos e profundos.

Subtipo 2 – Faixa de triângulos, paralela ao bordo e de grandes dimensões. Os triângulos são definidos de modo inverso em relação ao subtipo *a* e constituem um desenho mais complexo. Estes triângulos desenhavam uma estrela no fundo dos recipientes globulares. Este subtipo possui duas variantes – *a* e *b* – criadas de acordo com o desenho presente. Na variante *a*, a estrela é delimitada por linhas incisadas – que criam os triângulos em vazio – e preenchida por pontilhado; na variante *b*, a estrela é delimitada por linhas incisadas e preenchida por traços de faixas de penteado. Possui também uma faixa de penteado que pode desenhavam um pentágono ou outra figura geométrica.

Tipo XXX – Organização decorativa localizada exclusivamente no bordo e composta por pequenos traços incisos ou mesmo excisos realizados longitudinalmente nos lábios do recipiente. Este tipo possui 3 subtipos criados de acordo com o tipo de incisão realizada no bordo (Est. XVI).

Tipo XXXI – Organização decorativa realizada exclusivamente por excisão e composta por duas linhas de motivos paralelas ao bordo e uma, directamente, sobre o lábio. A primeira linha no recipiente, é constituída por pequenas excisões marcadas perpendicularmente ao bordo e paralelas

entre si e a segunda linha diz respeito a um motivo em ziguezague, que se repete no lábio (Est. XVI).

Tipo XXXII – Organização decorativa realizada exclusivamente por incisão e composta por uma banda paralela ao bordo, constituída por pequenos traços oblíquos a este e paralelos entre si (Est. XVI).

Tipo XXXIII – Organização decorativa realizada exclusivamente por incisão e composta por uma linha localizada no lábio e composta por pequenas incisões paralelas entre si (Est. XVI).

Tipo XXXIV – Organização decorativa que engloba o uso de motivos realizados a estampilhagem. As configurações das decorações que empregam estes motivos são muito variadas no entanto, optámos uma análise conjunta das decorações que os possuem devido a estes serem tidos como um fóssil-director da Idade do Ferro. Este tipo decorativo possui 10 subtipos – alguns com variantes – criados de acordo com a configuração da decoração, isto é, com a forma como todos os motivos, estampilhados e outros, se encontram dispostos (Est. XVII).

Subtipo 1 – Organização decorativa composta por uma faixa de motivos paralela ao bordo. Define-se por uma sucessão de motivos adicionados verticalmente, em que o primeiro motivo é a linha incisa (normalmente mais que uma) e o segundo é um qualquer motivo estampilhado. Este subtipo possui 3 variantes – *a*, *b*, e *c* – criadas de acordo com a morfologia geral da decoração.

Subtipo 2 – Organização decorativa composta por uma faixa de motivos paralela ao bordo. Define-se por uma sucessão de motivos adicionados verticalmente, em que o primeiro motivo é estampilhado e o segundo, linhas incisas. Esta decoração encontra-se em ordem inversa em relação ao subtipo 1.

Subtipo 3 – Organização decorativa composta por uma faixa de motivos paralela ao bordo. Define-se por uma sucessão de motivos adicionados verticalmente, em que estão sempre presentes linhas incisas e círculos concêntricos. A ordem dos motivos varia no entanto o primeiro motivo é sempre a linha incisa. Este subtipo possui 3 variantes – *a*, *b*, e *c* – criadas de acordo com a morfologia geral da decoração.

Subtipo 4 – Organização decorativa composta por uma faixa de motivos paralela ao bordo. Define-se por uma sucessão de motivos adicionados verticalmente, em que a linha incisa se encontra entre faixas de outros motivos estampilhados.

Subtipo 5 – Organização decorativa composta por uma faixa de motivos paralela ao bordo. Define-se por uma sucessão de motivos adicionados verticalmente, em que estão sempre presentes linhas incisas e círculos concêntricos. A ordem dos motivos varia no entanto a linha incisa encontra-se sempre entre faixas de outros motivos.

Subtipo 6 – Organização decorativa complexa composta por uma faixa de motivos paralela ao bordo à qual pode suceder outros motivos organizados perpendicularmente à faixa e em consequência ao bordo. Nesta organização decorativa está sempre presente um motivo realizado com a ponta do pente, marcando a ponta das puas. Esse subtipo possui 4 variantes: *a)* faixa de impressões da ponta de um pente. As impressões são perpendiculares ao bordo e paralelas entre si; *b)* entre duas linhas incisas paralelas ao bordo, encontra-se uma sucessão de pontos marcada com a ponta de um pente; *c)* entre duas linhas incisas paralelas ao bordo, encontra-se uma sucessão de marcas da ponta do pente, orientadas de forma oblíqua em relação ao bordo; *d)* a uma faixa similar à da variante *c* sucede uma segunda banda de marcas de ponta de pente, orientadas de forma oblíqua em relação ao bordo, sendo que a variante 2 apresenta uma segunda organização de motivos ainda mais complexa e *e)* entre duas linhas incisas paralelas ao bordo, encontra-se uma sucessão de marcas da ponta do pente, orientadas de forma oblíqua em relação ao bordo à qual sucede uma organização de motivos metopada.

Subtipo 7 – Organização decorativa complexa composta por uma faixa de motivos paralela ao bordo à qual pode ou não suceder outros motivos organizados perpendicularmente à faixa e em consequência ao bordo. Nesta organização decorativa está sempre presente uma faixa delimitada por duas linhas incisas paralelas ao bordo e preenchida por segmentos de linha oblíquos a este. A variante *a* diz respeito a organizações complexas que desenvolvem, após a faixa paralela ao bordo, uma organização metopada de adição horizontal e a variante *b* diz respeito a organizações compostas por duas faixas de motivos paralelas ao bordo e entre si.

Subtipo 8 – Organização decorativa composta por uma faixa paralela ao bordo constituída por círculos concêntricos e motivos desenhados a linha incisa.

Subtipo 9 – Organização decorativa composta por agrupamentos de três círculos concêntricos dispersos pela pança do recipiente.

Subtipo 10 – Organização decorativa composta por uma faixa paralela ao bordo constituída por triângulos desenhados a linha incisa aos quais sucede um círculo concêntrico estampilhado.

3. Caracterização das pastas cerâmicas

3.0. Introdução

A caracterização das pastas cerâmicas da colecção cerâmica do Crasto de Palheiros encontra-se dividida em 4 pontos.

No ponto 1 é apresentado o conjunto de fichas descritivas de cada pasta cerâmica identificada resultantes da caracterização empírica baseada no método exposto no ponto 2.1.1. As fichas descritivas englobam um quadro com a descrição sumária dos ENPs, uma descrição resumida da pasta e a tecnologia de fabrico que cremos que foi empregue em cada pasta. A caracterização técnica não se encontra relacionada com os contextos de achado sendo que a relação estatística entre as pastas e seus contextos será extensamente desenvolvida no ponto 5 e 6.

No ponto 2 apresenta-se as conclusões do estudo, empírico, de pastas e uma comparação analítica entre elas. A comparação das pastas envolve os seguintes parâmetros de avaliação: 1) tipo, quantidade e distribuição dos ENPs – método exposto no ponto 2.1.1. –; 2) homogeneidade; 3) densidade; 4) compacticidade; 5) dureza; 6) peso; 7) brilho e 8) cronologia.

A homogeneidade de uma pasta é a regularidade da distribuição de todos os seus ENPs. A densidade é a quantidade de ENPs numa pasta em relação à sua matéria argilosa. A compacticidade é a característica usada quando uma pasta se encontra comprimida, maciça, sólida, com poucos ocos – que normalmente são gerados por matéria orgânica ou por um elevado número de ENPs que dificultam a compactação da argila. A dureza é medida, empiricamente, através da resistência à quebra dos fragmentos – aquando da avaliação das pastas. O peso é medido, empiricamente, através de uma comparação entre fragmentos do mesmo tamanho, de várias pastas. O brilho é avaliado através do aspecto geral das superfícies dos fragmentos. E, por último, a cronologia que corresponde às ocupações calcolítica, da Idade do Bronze e do Ferro.

O ponto 3 diz respeito à caracterização permitida pelas análises realizadas por Microscopia Electrónica de Varrimento e Microanálise por Raios X (SEM).

3.0.1. Breve introdução às tecnologias de fabrico de uma pasta cerâmica

A tecnologia de fabrico de um objecto cerâmico engloba múltiplos passos que, na actualidade, são os seguintes: 1) escolha da barreira; 2) recolha da argila; 3) transporte da argila; 4) acumulação da argila em montes de grandes proporções visando a sua secagem e futuro

manuseamento; 5) doseamento de argilas ou junção de areias; 6) trituração e moagem da argila; 7) mistura e humidificação; 8) moldagem; 9) secagem; 10) pré-cozedura; 11) cozedura e 12) arrefecimento¹⁰. Todas as etapas de construção de objectos cerâmicos são, na actualidade, mais ou menos mecanizadas, querendo isto dizer, que em quase todas as etapas são usadas máquinas de grande porte com uma tecnologia bastante avançada.

Num passado recente, há cerca de 100 anos, as etapas de manufactura de pastas e objectos cerâmicos eram praticamente as mesmas que as identificadas actualmente sendo conduzidas sem o auxílio de máquinas utilizando a força braçal e pequenos equipamentos. Num passado longínquo, sobre o qual não existam informações escritas, a preparação de argilas e a manufactura de objectos cerâmicos só pode ser entendida através de um estudo muito cuidado desses mesmos objectos visando o entendimento da constituição da pasta cerâmica que os compõe. Através de uma análise cuidada do conjunto cerâmico estudado e de informações provenientes de estudos antropológicos de comunidades ditas “primitivas” ou mesmo estudos antropológicos sobre a olaria dos inícios do século XX é possível construir um panorama dos modos de tratar argilas e fazer cerâmica de comunidades do Passado sem escrita.

Em teoria, todas as pastas cerâmicas podem ser o resultado de argilas tratadas ou não tratadas. As características de uma pasta dependem da argila original – proveniente da barreira e sem tratamentos – e dos tratamentos que o/a oleiro/a possa realizar.

A análise do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros carece, ainda, de informações sobre as características das barreiras da região e portanto todas as nossas afirmações sobre as tecnologias de fabrico de pastas são hipóteses interpretativas passíveis de reformulações futuras.

A preparação da argila consiste num conjunto de diferentes operações – ver no primeiro parágrafo os pontos 4, 5, 6, e 7 – destinadas a modificar a argila, do estado em que se encontra depois da recolha da barreira, visando um estado final, no qual se pretende: 1) uniformidade e estabilidade dos elementos mineralógicos e químicos, contidos na matéria-prima; 2) subdivisão dos vários componentes em partes pequenas, a fim de na mistura a homogeneidade se estender também às fracções granulométricas mais pequenas e 3) humidade uniforme, em quantidade suficiente para se conseguir a moldagem necessária¹¹.

¹⁰ As informações reveladas encontram-se num artigo da na seguinte direcção electrónica: [http://dminas.ist.utl.pt/Geomuseu/RG2008/Argilas/Argilas%20Portuguesas/com o título "Da Matéria-prima ao produto final" – Estudo baseado nas formas de fazer das seguintes empresas: CERALBA, CERTELHA, COSBAR, NERGAL e RECER.](http://dminas.ist.utl.pt/Geomuseu/RG2008/Argilas/Argilas%20Portuguesas/com%20o%20título%20'Da%20Matéria-prima%20ao%20produto%20final'%20-%20Estudo%20baseado%20nas%20formas%20de%20fazer%20das%20seguintes%20empresas%3A%20CERALBA,%20CERTELHA,%20COSBAR,%20NERGAL%20e%20RECER.)

¹¹Ver nota anterior.

No início do século XX, na região da Galiza e Norte de Portugal o/as oleiro/as procediam a vários tipos de tratamentos – que explicaremos de seguida – com o objectivo de: 1) misturar tipos de argilas diferentes; 2) misturar a argila com areia; 3) tornar a pasta mais homogénea ao nível do tamanho e distribuição de ENPs e 4) junção de água visando uma humidade uniforme em toda a pasta argilosa (Vázquez Varela: 2005).

A primeira etapa da construção de um objecto cerâmico é a escolha da barreira, onde vai ser recolhida a argila a ser utilizada. Cremos que as comunidades que habitaram o Crasto de Palheiros recolhiam o que queriam do conjunto de recursos disponíveis existindo um processo de recolha algo cuidado. Quer dizer que, as comunidades da Idade do Bronze/Ferro recolhiam determinados tipos de argilas visando pastas de características distintas. Algumas pastas aparentam ter sido tratadas e outras não, por razões a nós alheias.

Cremos que a recolha das argilas, teria sido realizada, tal como nos inícios do século XX, por um conjunto alargado de pessoas – provavelmente familiares – que com o auxílio de picos, pás e enxadas escavavam um poço de diâmetro variável – entre 2 a 6 metros – no qual recolhiam a argila. Do fundo deste poço poderiam ser escavadas galerias laterais que seguiam os melhores veios de argila facilitando a sua recolha (Vázquez Varela: 2005)¹². Também nos inícios do século XX a argila era recolhida do poço com o auxílio de cestos, seguidamente, era acumulada em montes para secar e quando estivesse seca – e, portanto, mais leve – era transportada em carros de bois para a oficina do/a oleiro/a.

Como podemos ver a acumulação de argila em montes de grandes proporções dentro de armazéns¹³ era feita, num passado recente, ao ar livre mas cumpria a mesma função: a secagem da argila para posteriormente ser doseada com outro tipo de argila ou areias e ser triturada e misturada. A mistura de uma argila pode ser feita a seco ou a húmido e nos inícios do século XX ambos os métodos eram utilizados (Vázquez Varela: 2005). Em Niñodagua, província de Ourense e em Bonxe, província de Lugo, a argila era amassada húmida numa pia de madeira com o auxílio de um maço do mesmo material ou era amassada no chão de pedra com os pés, respectivamente. Em

¹²Este modo de recolher argila ainda se encontra na memória de algumas pessoas idosas de Trás-os-Montes sendo que esta actividade se reporta aos anos 20 e 30 do século XX. Esta informação foi-nos gentilmente cedida por alguns habitantes de Seixo de Ansiães, concelho de Carraceda de Ansiães. Nesta aldeia era fabricada localmente telha cuja argila provinha de uma barreira local, próxima da povoação. A argila era recolhida conforme descrito, pelo oleiro e sua família que vinham de fora e apenas em determinada época do ano, que coincidia com Primavera/Verão. As telhas eram manufacturadas e cozidas num local ao lado da barreira. O local de extracção e cozedura das telhas possui, ainda hoje, o topónimo de Forno da Telha e é possível ver os terrenos argilosos onde um dia se escavaram poços.

¹³ <http://dminas.ist.utl.pt/Geomuseu/RG2008/Argilas/Argilas%20Portuguesas/>

Tioira, na província de Ourense a argila depositava-se seca numa pia de madeira de castanho onde se batia com um maço do mesmo material até que se desfizesse em grãos finos. Posteriormente procedia-se a crivá-los num crivo feito de pele de ovelha. Após estas operações o barro fino, já sem impurezas era amassado com água quente sobre um tabuleiro (VÁZQUEZ VARELA, 2005)¹⁴.

Para a preparação da argila – visando a eliminação de impurezas e a redução a uma massa homogénea – poderiam ser, também, utilizados maços de metal (em Lonóa e Santo Tomé das Olas, Ourense) ou poderiam ser utilizados tanques de água que filtravam as partículas maiores e mais pesadas. A utilização de grandes tanques era comum na província de Zamora e Salamanca e no Norte de Portugal era comum amassar a argila em pias de madeira com o auxílio de maços do mesmo material (Vázquez Varela: 2005).

Sabemos que eram usadas simultaneamente, no Crasto de Palheiros, pastas de granulometrias diferentes, que lhes conferiam pesos e resistências distintas. A par do uso de pastas finas – como a I –, muito finas – como a II –, medianas – III e V –, grosseiras mas leves – como a VI – utilizara-se, também, pastas grosseiras e pesadas como a VII e menos pesada, como a XII. As pastas IV, IX e X são de má qualidade – parecendo isentas de tratamento, bem como a XI ainda que esta de qualidade muito superior às restantes. Cremos que a economia de tempo, esforço, dos equipamentos, entre outros, levou a uma escolha criteriosa de barreiras e a uma especialização do tratamento de algumas argilas. Não sabemos ao certo como se conduziam os processos de limpeza de impurezas e homogeneização das pastas argilosas no entanto cremos que estas tarefas eram realizadas de modo semelhante àquelas que ocorriam no início do século XX.

Todos os tipos de tratamento exigem: 1) uma especialização (por parte dos intervenientes); 2) espaço; 3) equipamentos – que podem ter sido, ou não, manufacturados pela comunidade mas que exigem sempre manutenção por parte desta e 4) tempo. Cada tipo de tratamento exige destes componentes um grau diferente de interacção. Quer dizer, a decantação exige muito espaço – tanques e água –, muito tempo – para permitir que o processo se conclua e todos os componentes que este tratamento envolve – acesso a água, um espaço especializado, provavelmente fora do povoado, porque no Crasto de Palheiros não foi identificado nenhum espaço com estas características e, obviamente, conhecimento técnico. A moagem e a mistura com água e têmpera exigem, tal como na decantação, conhecimento técnico, no entanto – em comparação com aquela – exige menor uso de espaço, menor quantidade de água, equipamentos de tamanho mais reduzido mas exige mais esforço físico e em consequência mais trabalho. Cremos que a moagem, o

¹⁴ Actualmente, o doseamento de argilas ou junção de areias; a trituração e moagem da argila e a mistura e humedificação são tarefas realizadas por grandes máquinas.

doseamento de argilas e a junção com água, terá sido realizada pelas comunidades do Crasto de Palheiros com o auxílio de pias e maços de madeira. cremos que a maioria dos equipamentos auxiliares seria construída em madeira e sabemos que, pelo menos, na secagem, os vasos foram colocados em suportes de madeira – uma espécie de tábuas – pois os veios da madeira ficaram impressos em alguns fundos de vasos presentes na colecção cerâmica da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros¹⁵.

O uso de pias e maços de madeira para a obtenção de pastas cerâmicas mais homogéneas não exclui o uso de tanques para a decantação de argilas. De facto, algumas pastas cerâmicas presentes no Crasto de Palheiros podem ter sido mais facilmente obtidas através de uma decantação. As pastas I e II são muito finas estando de acordo com as argilas mais finas que ficam suspensas num processo de decantação e as pastas VII e XII são muito grosseiras podendo ser fruto das partículas mais grossas e pesadas que ficariam num primeiro tanque de decantação. No entanto, o uso de tanques, pias e maços ou outro tipo de tratamento de argilas é, sobretudo, uma escolha cultural e por isso não podemos afirmar com certeza que foi usado um ou outro método. Neste estudo colocamos várias hipóteses interpretativas que permitem uma melhor compreensão destas cerâmicas.

Por último, gostaríamos de referir que quanto maior for o número de elementos não plásticos, mais difícil será manter uma boa distribuição, pois a boa distribuição depende de um amassar da argila mais cuidado mas sobretudo mais demorado. Assim numa pasta com muitos ENPs, se estes se apresentarem bem distribuídos estamos perante uma pasta muito amassada e se estes se apresentarem regularmente ou mal distribuídos estaremos perante uma pasta pouco amassada mas também que exigiu menos tempo na manufactura. Podemos dizer que nas pastas pré e proto-históricas o aumento da quantidade de ENPs leva a uma diminuição da qualidade da pasta ao nível da homogeneidade. Este facto poderá estar a indicar uma deficiente utilização das pias e dos maços ou uma utilização de decantação seguida da moldagem dos vasos sem que se procedesse a uma moagem. Como podemos constatar, para um mesmo resultado pode ter-se utilizado métodos/meios diferentes.

¹⁵ Até recentemente, a madeira foi o material de eleição para a secagem da cerâmica devido à sua facilidade de laboração e a sua porosidade considerava-se importante para absorver a humidade excedente das superfícies dos objectos cerâmicos. No entanto, o uso de temperaturas altas provocou diversos empenos, e, conseqüentemente deformações nos objectos pois a cerâmica ganha os vícios do suporte. Assim a madeira foi substituída por madeiras tropicais e por metal – aço – devido à sua maior resistência mecânica que permite a elaboração de suportes de grandes dimensões de acordo com uma manufactura industrializada. Informação recolhida em: <http://dminas.ist.utl.pt/Geomuseu/RG2008/Argilas/Argilas%20Portuguesas/>

No ponto 3.1. as informações das tecnologias de fabrico de cada pasta presentes nas fichas descritivas indicam aquilo que acreditamos terem sido as opções tecnológicas desta comunidade do passado em relação a cada problema/pasta.

3.1. Fichas descritivas

3.1.1. Pasta I

Quadro 1 – Caracterização dos ENPs presentes na pasta I

<i>ENP</i>	<i>Natureza</i>	<i>Dimensão</i>	<i>Percentagem</i>	<i>Distribuição</i>
Quartzos	Naturais	1/2 mm	5 %	Má
Micas	Naturais	<1 mm	5 %	Boa
Feldspatos	Tempera	<1 mm	5 %	Boa
Inclusões de cor castanha	Naturais	1/2 mm	5 %	Má

3.1.1.1. Caracterização física da pasta I

A pasta cerâmica I é muito homogénea, compacta e difícil de partir. Esta pasta apresenta uma percentagem de desengordurantes (ENP) muito baixa, de tal forma que, o nível de 5% foi definido por defeito pois em nenhum fragmento foi atingido este valor.

Foram identificados 4 tipos diferentes de ENPs que são: 1) elementos brancos cristalinos – identificados como quartzos –; 2) elementos brancos baços – identificados como feldspatos; 3) micas – identificadas devido ao seu brilho metalizado – e, 4) inclusões de cor castanha, com um aspecto laminar, sem brilho, poroso e aparentemente mole. Este último ENP pode ser uma rocha sedimentar tipo xisto.

Os elementos brancos cristalinos identificados como grãos de quartzo são, genericamente, de média dimensão. No entanto foram identificados alguns, raros, elementos de grande dimensão (nunca maiores que 2 mm) que aparecem esporadicamente (mal distribuídos) no seio de uma pasta genericamente homogénea. Pensamos que os grãos de quartzo são inclusões naturais devido à sua má distribuição e ao seu grande tamanho. cremos que um ENP adicionado ocorre com um tamanho mais reduzido do que aqueles de inclusão natural, porque foi moído – até peneirado – e melhor distribuído. O adicionar de uma tempera revela um cuidado pela homogeneização da pasta e uma busca de pastas com características que vão de encontro às necessidades das populações.

Os elementos brancos baços identificados como feldspatos possuem um tamanho reduzido, encontram-se rolados e ocorrem com uma boa dispersão sendo bem distribuídos. Colocamos a hipótese de estes ENPs serem têmpera e portanto terem sido adicionados à pasta cerâmica de uma forma intencional.

As micas são de pequena dimensão (inferiores a 1 mm) e detectam-se com dificuldade tanto nas superfícies como nas fracturas. A dimensão reduzida das micas aliada a uma baixa percentagem levou-nos a considerar a inclusão natural deste componente nesta pasta. O reduzido tamanho das micas pode indicar uma deterioração na barreira e não uma moagem posterior pois as micas são mais susceptíveis de deterioração – do que os quartzos, feldspatos ou outras inclusões – nas condições físicas da barreira. As micas presentes em pastas cerâmicas da Idade do Ferro – que possuem grande quantidade deste ENP – são tidas como tempera pois são micas de grande tamanho, com arestas vivas e recortadas e ocorrem em elevada percentagem. Assim concluímos que as poucas micas presentes nesta pasta são inclusões naturais.

Consideramos que as inclusões de cor castanha são também de inclusão natural porque não possuímos nenhum motivo que explique a sua presença por motivos humanos intencionais.

As hipóteses apresentadas sobre o tipo de inclusão dos ENPs na pasta cerâmica são apenas hipóteses interpretativas temporárias que podem e devem ser reformuladas se novos dados assim o indicarem.

A pasta I foi considerada de boa qualidade, homogénea, resistente, que fractura de uma forma lisa – sem ser laminar –, compacta, por vezes, muito dura e de aspecto baço, provavelmente, devido à ausência de micas.

3.1.1.2. Tecnologia de fabrico da Pasta I

As características atrás descritas presentes nesta pasta podem ter sido alcançadas de várias formas. A argila pode ter sido recolhida na barreira e ser utilizada, na manufactura dos vasos, tal como foi recolhida. No entanto, a homogeneidade, regularidade na dispersão dos ENPs e quantidade reduzida destes leva-nos a colocar a hipótese que esta pasta teria sido recolhida numa forma mais “impura” e teria sido tratada posteriormente pelo/a oleiro/a ou pelo grupo que trabalhava com as cerâmicas¹⁶. Deste modo, a pasta pode ter sido simplesmente decantada – se a

¹⁶ A través da informação etnográfica sabemos que, por vezes, não é a mesma pessoa que trata da pasta e que faz os vasos e assim colocamos a hipótese de existir um número alargado de pessoas – muito embora possam ser familiares – que trabalharia neste artesanato.

argila na barreira possuía já ENPs de arestas roladas – e adquirir as características descritas. No entanto se a argila na barreira não possuía ENPs de tamanho e forma regulares – tal como a pasta I os apresenta – esta argila teria que ter sido, sempre, moída e batida. cremos que, devido à grande homogeneidade apresentada por esta pasta, ela terá sido muito misturada, muito trabalhada não excluindo a hipótese de ela ser fruto da junção de argilas de qualidade diferente. Esta pasta foi utilizada em vasos de pequeno porte, de perfil em “S”, apresentando uma grande plasticidade e capacidade de trabalho. Na actualidade esta pasta seria fruto de uma mistura de argilas e têmpera e por isso pensamos que a comunidade da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros já manuseava vários tipos de argila e conhecia-lhes as qualidades. Não podemos afirmar peremptoriamente qual o tratamento da pasta, no entanto cremos, definitivamente, que esta é uma pasta muito tratada.

3.1.2. Pasta II

<i>ENP</i>	<i>Natureza</i>	<i>Dimensão</i>	<i>Percentagem</i>	<i>Distribuição</i>
Quartzo	Tempera	<1 mm	5 %	Boa
Mica	Naturais	<1 mm	5 %	Boa

3.1.2.1. Caracterização física da pasta II

A pasta cerâmica II é semelhante à pasta I ao nível da: 1) sua constituição; 2) forma e tamanho dos ENPs; 3) textura; 4) aspecto geral – ambas são baças – e 5) cor – a maioria dos fragmentos são de coloração escura. No entanto, apesar das semelhanças, a pasta II apresenta algumas diferenças importantes em relação à pasta I. A pasta II é: 1) mais homogénea; 2) mais compacta; 3) mais fácil de quebrar; 4) mais mole; 5) mais depurada e 6) provavelmente mais trabalhada, algo que reflecte uma tecnologia de fabrico mais cuidada.

A pasta II apresenta uma quantidade de ENPs muito pequena sendo aqueles identificados como quartzo aparecem muito raramente e aqueles identificados como micas só são visíveis na superfície dos fragmentos e com o auxílio de uma lupa. Propomos que os quartzos sejam considerados tempera, devido às suas boas propriedades para uma secagem e cozedura com sucesso e que as micas sejam consideradas naturais ainda que muito alteradas por todas as transformações sofridas por esta pasta.

3.1.2.2. Tecnologia de fabrico da Pasta II

A pasta II é extremamente depurada e foi usada, quase exclusivamente, na manufactura de recipientes a torno. Cremos que deve as suas características a uma tecnologia de fabrico muito cuidada e não a uma origem numa argila com todas as características acima descritas.

As argilas mais correntes, no Norte de Portugal, são as comuns sendo que estas possuem um número elevado de impurezas e precisam, sempre, de tratamentos. Cremos que a maioria das argilas utilizadas nas cerâmicas do Crasto de Palheiros era comum¹⁷, daí que as características presentes na pasta II não devem ser de origem.

Cremos que os ENPs integrados na pasta II não se encontram como quando foram recolhidos através da argila e que todos os ENPs presentes – ainda que possam ser de origem natural – sofreram uma transformação. Quer dizer, a argila pode ter sido recolhida com os ENPs identificados e outros não observados, a olho nu, mas o tratamento que sofreu, visando a homogeneização, modificou-a de tal forma que não os podemos considerar como naturais.

A decantação, muito provavelmente usada nesta pasta/argila, levou a uma redução da quantidade e do tamanho de todos os ENPs. Esta redução do tamanho pode também ter sido conseguida através da moagem. Cremos que esta pasta foi decantada e moída.

A pasta II é exclusiva de vasos de pequenas dimensões, de tratamento de superfície muito cuidado (brunido ou polido) e muitas vezes feitos à roda. Pensamos portanto que esta pasta foi realizada com a intenção de ser utilizada no torno, pois o torno exige pastas de grão fino – para não magoar as mãos – e de alta homogeneidade – para se conseguir tornear simetricamente e com maior facilidade os vasos. No torno uma pasta não homogénea leva a vasos assimétricos que é a antítese da própria utilização do torno. Assim uma boa utilização do torno começa por conseguirmos uma boa pasta.

¹⁷As comunidades do passado poderiam ter adquirido argilas mais depuradas, como os caulinos, no entanto não possuíam técnicas de manufactura, secagem e cozedura apropriadas a argilas tão depuradas, o que se reflectiria em perdas consideráveis nos recipientes. No entanto, estas comunidades poderiam ter utilizado vários tipos de argilas, que misturavam, para obter pastas com as características que pretendiam e adaptadas aos seus métodos de fabrico de recipientes.

3.1.3. Pasta III

<i>ENP</i>	<i>Natureza</i>	<i>Dimensão</i>	<i>Percentagem</i>	<i>Distribuição</i>
Quartzos	Naturais	1/2 mm	10 %	Média
Micas	Naturais	<1 mm	5 – 10 %	Má
Feldspatos	Naturais	<1 mm	10 %	Média
Xistos	Naturais	<1 mm	5 %	Má

3.1.3.1. Caracterização física da pasta III

No ponto 2.1.1. é descrito o método de caracterização das pastas que incorpora a ideia – sendo esta uma ideia principal do método – de que a identificação macroscópica dos ENPs não define por si só uma pasta porque podem ocorrer o mesmo tipo de ENPs em pastas diferentes. A quantidade e o tipo de dispersão de ENPs – em conjunto com o tipo de ENPs – permitem distinguir as diversas pastas.

Consideramos as pastas I, II e III como partes integrantes de um mesmo grupo – provavelmente com a sua origem numa mesma argila – no qual se diferenciam pela quantidade e dispersão dos mesmos ENPs.

A pasta cerâmica III é: 1) de homogeneidade média – que está relacionada com uma quantidade considerável de ENPs ainda que de pequeno e médio tamanho –; 2) porosa – sendo mais porosa que a pasta I –; 3) desfaz-se e quebra-se com facilidade – tal como a pasta II –; 4) mais brilhante – que as pastas I e II – e 5) ligeiramente mais pesada que as pastas I e II, devido a uma maior quantidade de ENPs.

A pasta III apresenta a maioria dos seus ENPs (quartzos e feldspatos) regularmente distribuídos, sendo que a totalidade dos ENPs é, em média, 10 %, superior à pasta I e II, ainda que a natureza destes seja similar, particularmente, à pasta I. Esta pasta possui quartzos de grande dimensão (rondando quase unicamente os 2 mm), com uma presença superior à pasta I e II e regularmente distribuídos, distribuição esta relacionada também com o aumento de elementos.

Na pasta III as micas apresentam-se difíceis de detectar nas fracturas, mas são bastante visíveis na superfície dos fragmentos. Estes elementos encontram-se mal distribuídos, em pequena quantidade (ainda que superior à pasta I e II) e por isso não conferem às fracturas um aspecto laminar. A percentagem de micas situa-se entre os 5 e os 10 % sendo que, neste caso concreto, as tabelas usadas para a avaliação das percentagens pareceram-nos inadequadas à presença deste ENP.

Optamos, por isso, definir um intervalo, que nos pareceu mais próximo da realidade estudada (5 a 10 %). Apesar da má distribuição das micas a pasta tem um aspecto algo brilhante, menos baça que as pastas I e II, notando-se este brilho sobretudo quando os fragmentos possuem superfícies polidas (podendo ser claramente observadas as pequenas micas).

Os feldspatos são pequenos e encontram-se medianamente distribuídos e os xistos são raros encontrando-se mal distribuídos.

3.1.3.2. Tecnologia de fabrico da Pasta III

A análise dos ENPs presentes na pasta III permitiu concluir que esta pasta, apesar de mais grosseira que a pasta I e II, deve ter tido algum tipo de tratamento anterior à sua utilização na moldagem de objectos cerâmicos. Os ENPs presentes nesta pasta revelam tamanhos muito uniformes e uma certa regularidade na sua distribuição e pensamos que tal só é possível através da realização de tratamentos que visam a homogeneização da pasta. Apesar dos ENPs terem sido considerados naturais cremos que esta pasta foi transformada através – numa primeira hipótese – de um processo que englobava uma trituração da argila através da utilização de pias e maços em madeira. Na segunda hipótese interpretativa consideramos que a pasta III pode ser fruto de um processo de decantação, no qual foi recolhida a meio do processo, sendo que não seria o primeiro conjunto de partículas a ficar depositado, mas sim, o segundo ou terceiro conjunto. A par de uma decantação proceder-se-ia a uma moagem e mistura cuidada da argila que iria conferir homogeneidade aos ENPs, ao nível do seu tamanho e forma, bem como a uma regularidade na sua distribuição.

3.1.4. Pasta IV

<i>Quadro 4 – Caracterização dos ENPs presentes na pasta IV</i>				
<i>ENP</i>	<i>Natureza</i>	<i>Dimensão</i>	<i>Percentagem</i>	<i>Distribuição</i>
Quartzos	Naturais	<1 mm	5 %	Má
Micas	Naturais	<1 mm	10 %	Média
Feldspatos	Naturais	<1 mm	10 %	Média
Inclusões de cor preta	Naturais	1/2 mm	5 %	Má

3.1.4.1. Caracterização física da pasta IV

A pasta cerâmica IV é, de todos os tipos definidos, a menos homogénea apresentando grande irregularidade na dispersão dos ENPs. No entanto é bastante compacta apresentando fracturas com grande coesão.

A pasta IV possui uma quantidade reduzida do conjunto de ENPs sendo que a sua distribuição é mais irregular que na pasta III – ainda que nos quadros descritivos 3 e 4 as distribuições coincidam genericamente. A quantidade de quartzos e inclusões de cor preta – que pensamos não ser xisto, pois é uma rocha com um grau de dureza superior – é extremamente baixa e foi definida nos 5 % por defeito tal como ocorreu na pasta I. As micas e feldspatos são um pouco mais abundantes e estão distribuídas de um modo relativamente regular. Os ENPs apresentam arestas vivas e a sua dispersão é ligeiramente mais caótica que aquela da pasta III.

3.1.4.2. Tecnologia de fabrico da Pasta IV

As características dos ENPs presentes na pasta IV – ENPs de arestas vivas e de dispersão irregular – apontam para uma ausência de tratamento da pasta. A olho nu a pasta IV revela-se como uma pasta com grande quantidade de matéria argilosa pontuada por ENPs dispersos de forma irregular. Na observação empírica vemos uma pasta mais “fina” que a pasta III – porque possui menor quantidade de ENPs – possuindo um nível técnico, claramente, mais baixo.

A pasta IV é uma pasta rudimentar que, aparentemente, não sofreu qualquer tipo de tratamento – como a decantação, secagem, trituração, adição de desengordurantes, batimento, etc. Como já foi referido, os ENPs presentes na pasta IV possuem arestas vivas – ao contrário dos ENPs presentes nas pastas I, II e III, que se encontram rolados – que podem indicar a proveniência da argila de uma barreira de formação relativamente recente e/ou uma falta de moagem da argila após ser recolhida da barreira.

Creemos que as argilas que possuem ENPs de arestas vivas, em pequena ou média quantidade e distribuídos caoticamente, são recolhidas e usadas directamente (ou quase) sem nenhum tipo de tratamento.

É de notar que os fragmentos de pasta IV possuem uma fractura de aspecto laminar que pensamos resultar de uma prensagem da pasta durante a manufactura dos vasos. Creemos que o/a oleiro/a colmatou a rudeza da pasta com uma manufactura através de placas ou batimento da superfície do vaso (com um percutor, por ex. de madeira). O objectivo das placas ou do batimento

era a homogeneização da parede dos vasos, para que esta não rachasse durante a secagem e fosse mais resistente ao choque físico.

3.1.5. Pasta V

<i>Quadro 5 – Caracterização dos ENPs presentes na pasta V</i>				
<i>ENP</i>	<i>Natureza</i>	<i>Dimensão</i>	<i>Percentagem</i>	<i>Distribuição</i>
Quartzos	Naturais	<1 mm	20 %	Boa
Micas	Naturais	<1 mm	5 %	Média
Feldspatos	Naturais	<1 mm	5 %	Média

3.1.5.1. Caracterização física da pasta V

A pasta cerâmica V possui um elevado grau de homogeneidade indicado pela boa distribuição espacial dos ENPs. A pasta V é considerada: 1) algo porosa, que lhe advém da grande quantidade de ENPs de arestas boleadas; 2) ligeiramente compacta devido à regularidade na distribuição dos ENPs e 3) quebra com facilidade produzindo fracturas de aspecto grosseiro, granuloso. Esta pasta é muito similar à pasta III, tanto a nível estético como técnico, divergindo essencialmente na cor e no tamanho de alguns dos grãos de quartzo. A pasta III possui grãos de quartzo de cor branca e de maiores dimensões do que aqueles presentes na pasta V – sendo menos granulosa – e a pasta V possui grãos de quartzo de menor tamanho, de cor branca mas sobretudo cor-de-rosa. A grande divergência entre esta pasta e a pasta III assenta na cor do quartzo, pois o xisto presente na pasta III nem sempre é evidente e as percentagens e distribuição de uma e outra pasta são muito semelhantes. Podemos no entanto dizer que a pasta V é relativamente mais regular que a pasta III.

As micas e os feldspatos encontram-se em pouca quantidade mas relativamente bem distribuídos. As pequenas micas são facilmente observadas na superfície dos vasos e mais dificilmente observadas nas fracturas. Esta pasta não permite superfícies muito brilhantes porque possui demasiados ENPs de quartzo e as micas encontram-se em pouca quantidade. Apesar da relativa facilidade na distinção desta pasta devido à coloração do quartzo, os fragmentos que lhe correspondem são escassos.

3.1.5.2. Tecnologia de fabrico da Pasta V

A pasta V apresenta-se muito regular, muito normalizada, indiciando ou uma proveniência de uma barreira que tenha sofrido muita erosão e/ou um tratamento exaustivo por parte do/a oleiro/a. Consideramos esta pasta muito similar à pasta III, no entanto esta semelhança a olho nu, em recipientes já cozidos, pode não corresponder a uma semelhança na origem das argilas. A presença de grãos de quartzos cor-de-rosa pode indicar uma proveniência diferente daquela da pasta III.

A pasta V, tal como a III, é bastante grosseira e possui um elevado número de ENPs que se encontram bem distribuídos. Estas características levaram-nos a crer que esta pasta possui tratamentos muito similares àqueles descritos para a pasta III.

3.1.6. Pasta VI

<i>ENP</i>	<i>Natureza</i>	<i>Dimensão</i>	<i>Percentagem</i>	<i>Distribuição</i>
Quartzos	Tempera	<1 mm	10 %	Média
Micas	Tempera	<2 mm	30 %	Boa
Feldspatos	Naturais	<1 mm	5 %	Má
Xistos	Naturais	1/2 mm	10 %	Média

3.1.6.1. Caracterização física da pasta VI

A pasta cerâmica VI caracteriza-se pela grande quantidade de micas presente na sua constituição. Esta constituição particular resulta numa pasta regular mas que não pode ser considerada homogénea, frágil ou friável, quebrando e esboroando com facilidade.

A pasta VI é constituída por uma quantidade elevada de ENPs sendo que: 1) os quartzos são de pequeno tamanho, encontram-se rodados e bem distribuídos; 2) as micas são de grande tamanho, encontram-se muito bem distribuídas e conferem à pasta um aspecto ligeiramente homogéneo e 3) os feldspatos e os xistos são de pequeno e médio tamanho encontrando-se muito raramente e relativamente mal distribuídos.

As fracturas, recentes, dos fragmentos desta pasta possuem um aspecto laminar devido às micas orientadas todas no mesmo sentido. Os outros ENPs, como os grãos de quartzo são de pequeno tamanho, estão medianamente distribuídos no seio de uma pasta que incorpora

essencialmente micas, misturando-se relativamente bem na argila. Estes ENPs – grãos de quartzo, feldspatos, xisto – são facilmente identificados apesar da presença exacerbada de micas.

A elevada quantidade de micas confere aos vasos uma superfície com brilho intenso, ainda que esta característica não tenha sido extensamente utilizada. Quer dizer, a presença elevada de micas associada a um polimento produziria superfícies cerâmicas de brilho intenso, no entanto os vasos produzidos nesta pasta possuem, geralmente, uma superfície externa alisada ou mesmo rugosa. Consideramos então que a adição de micas pode estar relacionada com a obtenção de uma pasta com determinadas características – leveza, e/ou resistência – e não só com a aquisição de vasos brilhantes e esteticamente atraentes.

Por último, esta pasta é a menos porosa do conjunto cerâmico de Crasto de Palheiros devido a uma elevada incorporação de micas e a uma presença de ENPs de outras naturezas.

3.1.6.2. Tecnologia de fabrico da Pasta VI

A pasta VI é considerada um dos tipos de pasta mais trabalhado presente no Crasto de Palheiros. Esta pasta possui características únicas, muito individualizantes que a tornam muito diferente da maioria dos tipos presentes. A pasta VI possui alguns pontos de contacto, unicamente, com as pastas VIII e XII.

Após a análise empírica aos fragmentos identificados com a pasta VI, consideramos que os grãos de quartzo e as micas foram intencionalmente adicionados à argila recolhida na barreira. Os grãos de quartzo revelam uma certa uniformidade que pode ter sido conseguida através de moagem e a elevada presença de micas pode indicar uma adição complementar deste ENP. Colocamos a hipótese de os feldspatos e xistos terem uma origem natural pois encontram-se em pequena quantidade, mal distribuídos e são mais irregulares em tamanho e forma do que os grãos de quartzo.

Apesar desta divergência que propomos para a origem dos ENPs lembramos que esta pasta foi globalmente tratada e portanto todos os ENPs sofreram modificações¹⁸.

Colocamos várias hipóteses sobre o tratamento que esta argila possui que apresentamos de seguida.

¹⁸Creemos que numa pasta que consideremos tratada será difícil a distinção entre elementos naturais ou tempera. Consideramos esta distinção – entre elementos naturais ou tempera – teórica pois quando uma pasta é retirada da barreira e sofre um tratamento torna-se um “objecto” humanizado. No entanto, esta distinção só é útil quando podemos comparar os tipos de pasta identificados com tipos de argilas recolhidas na actualidade, na região em estudo. Esperamos que no futuro outros estudos sejam possíveis e outras hipóteses sejam levantadas.

1) A argila foi decantada – sendo recolhido o primeiro ou segundo conjunto de partículas –, seguidamente foi amassada numa pia – visando a regularização dos ENPs presentes –, de seguida, foram adicionadas as micas – que apresentam um grande tamanho e arestas vivas – e os grãos de quartzo – que apresentam regularidade na forma e tamanho – e, por último, a argila foi mais humedecida – ou totalmente humedecida, se as tarefas anteriores tiverem sido feitas a seco – e amassada para ser moldada logo de seguida;

2) Processo igual ao anterior excluindo a decantação;

3) A argila foi amassada numa pia, de uma só vez, incluindo os ENPs adicionados – micas e grãos de quartzo – sendo de seguida usada na moldagem dos recipientes. Este amassar é realizado com a argila húmida e exige grande esforço físico.

Outras hipóteses interpretativas poderiam ser colocadas, variando as tarefas em pequenos pormenores. No entanto, cremos que as hipóteses apresentadas são suficientes para a percepção do trabalho de tratamento que esta pasta parece possuir.

Em nota final, gostaríamos de dizer que os fragmentos que pertencem a este tipo de pasta revelaram-se extremamente leves, constituindo os recipientes mais leves do conjunto cerâmico – se tivermos em conta uma relação proporcional entre o peso e a dimensão. Esta característica deve dever-se a toda a constituição desta pasta que infelizmente ainda não foi entendida em plenitude.

3.1.7. Pasta VII

<i>Quadro 7 – Caracterização dos ENPs presentes na pasta VII</i>				
<i>ENP</i>	<i>Natureza</i>	<i>Dimensão</i>	<i>Percentagem</i>	<i>Distribuição</i>
Quartzos	Naturais	<2 mm	20 %	Boa
Micas	Naturais	<2 mm	5 %	Média
Feldspatos	Naturais	<1 mm	5 %	Má
Xistos	Naturais	<2 mm	5 %	Má

3.1.7.1. Caracterização física da pasta VII

A pasta cerâmica VII é pouco homogénea, muito porosa e de aspecto granuloso irregular. É uma pasta que apresenta uma quantidade muito elevada de ENPs, sendo que: 1) os grãos de quartzo são de grandes dimensões, apresentam-se bem distribuídos e em grande quantidade; 2) as micas e xistos são igualmente de grandes dimensões, encontram-se medianamente distribuídos mas a sua

presença é menos significativa e 3) os feldspatos são de pequenas dimensões apresentando-se em pequena quantidade e mal distribuídos.

As superfícies dos vasos feitos com esta pasta são relativamente brilhantes porque as micas sobressaem devido ao grande tamanho. Consideramos esta pasta uma mistura muito pouco homogênea, de péssima qualidade, muito grosseira e pesada.

3.1.7.2. Tecnologia de fabrico da Pasta VII

A falta de homogeneidade, o aspecto tosco e grosseiro, a quantidade exorbitante de ENPs e o peso da pasta VII caracterizam-na como uma das pastas mais rudimentares do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. A junção de todas estas características numa só pasta indica uma manufactura pouco cuidada. Colocamos duas hipóteses interpretativas sobre a formação da pasta VII que apresentamos de seguida.

1) A argila não recebeu nenhum tipo de tratamento após a sua recolha na barreira sendo utilizada na moldagem dos objectos cerâmicos tal como foi recolhida.

2) A argila foi decantada e a pasta VII é o resultado do primeiro conjunto de partículas provenientes do primeiro tanque da decantação. Este conjunto de partículas formou uma argila muito grosseira, rica em ENPs. A distribuição deficiente dos ENPs indica uma ausência de moagem sendo que a argila foi utilizada na moldagem quase sem ser amassada.

Creemos que a pasta VII deve as suas características à vontade das comunidades que habitaram o Crasto de Palheiros, quer dizer que, a pasta VII não é o resultado da ausência de conhecimentos técnicos mas sim o fruto de uma necessidade e de um modo de fazer recipientes cerâmicos.

3.1.8. Pasta VIII

<i>Quadro 8 – Caracterização dos ENPs presentes na pasta VIII</i>				
<i>ENP</i>	<i>Natureza</i>	<i>Dimensão</i>	<i>Percentagem</i>	<i>Distribuição</i>
Quartzos	Naturais	<2 mm	5 %	Má
Micas	Tempera	<2 mm	20 %	Boa
Feldspatos	Naturais	<1 mm	5 %	Má

3.1.8.1. Caracterização física da pasta VIII

A pasta VIII é homogénea, compacta, resistente, difícil de quebrar, de aspecto brilhante e leve. A distribuição do conjunto dos vários tipos de ENPs foi considerada muito boa apesar da má distribuição dos grãos de quartzo e feldspatos e da elevada quantidade de micas.

A presença dos grãos de quartzo foi considerada muito pouco significativa sendo que esta presença é inferior a 5 %. No entanto definimos a presença destes elementos em 5 % porque não existem gráficos mais baixos do que 5%. Os feldspatos aparecem, igualmente, muito raramente – ainda que em quantidade superior aos quartzos – e mal distribuídos, tendo sido detectados em alguns fragmentos e noutros não. As fracturas dos fragmentos apresentam um aspecto algo laminar devido à grande quantidade de micas e à relativa ausência de outros ENPs. A presença de micas é muito significativa sendo que são estas que conferem à pasta grande parte das suas características: brilho, leveza e homogeneidade.

As pastas VIII e VI aparentam grande semelhança sendo que iremos descrever de seguida as semelhanças e divergências entre estas duas pastas. A pasta VIII não esboroa como a pasta VI e não parte com tanta facilidade, ainda que a VI seja bastante resistente ao choque físico¹⁹. Os recipientes de pasta VIII não apresentam tratamentos de superfície como o polido ou brunido, tal como ocorre na pasta VI. Na pasta VIII encontramos tratamentos de superfície como o cepilhado, o areado, o rugoso entre outros, sendo que todos estes tratamentos intensificam de alguma forma o brilho metálico das micas. Na pasta VI, um tratamento de superfície como o rugoso ou cepilhado cria uma superfície baça sendo que na pasta VIII tal não acontece. Colocamos a hipótese da natureza das pastas não ser a mesma – tendo em conta que o mesmo tratamento de superfície produz resultados diferentes consoante a pasta onde está a ser aplicado –, quer dizer, que estas pastas não provêm da mesma barreira. No entanto a diferença de resultados nas duas pastas – ao nível dos tratamentos de superfície – pode advir da divergência nos tamanhos das micas. A pasta VIII possui micas com um tamanho até 2 mm, no entanto a maioria delas são extremamente pequenas, constituindo uma espécie de pó que quando seco e friccionado, produz um brilho metálico. Por sua vez, a pasta VI possui micas até ao tamanho de 2 mm, sendo que a maioria possuem de facto 2 mm de comprimento. A pasta VI não possui micas de pequeno tamanho sendo que aquela característica apontada para a pasta VIII não ocorre aqui. Colocamos, assim, estas duas hipóteses na tentativa de compreendermos o comportamento de uma e outra pasta.

¹⁹ Apenas referimos aqui o choque físico porque não temos forma de avaliar o choque térmico. No entanto pensamos que ambas seriam as mais resistentes – de todo o conjunto cerâmico – ao choque térmico.

As fracturas da pasta VIII apresentam um aspecto menos laminar que os da pasta VI devido, talvez, às mesmas razões apresentadas para a divergência de resultados perante o mesmo tratamento de superfície. E, por último, a pasta VIII não é tão friável e frágil como a pasta VI devido, provavelmente, a um maior grau de homogeneização.

3.1.8.2. Tecnologia de fabrico da Pasta VIII

A pasta VIII é considerada um dos tipos mais característicos no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. Esta pasta possui características particulares – elevada quantidade de micas, de pequeno tamanho, aliada a uma grande homogeneidade –, individualizantes que a tornam única no conjunto estudado.

Após a análise empírica aos fragmentos identificados com a pasta VIII, consideramos que as micas foram intencionalmente adicionadas à argila recolhida na barreira, devido à sua elevada presença. Colocamos a hipótese de os grãos de quartzo e feldspatos terem uma origem natural pois encontram-se em pequena quantidade e pior distribuídos. cremos que a argila recolhida na barreira seria similar às das pastas I e III caracterizando-se pela sua pureza e plasticidade. Após a recolha de uma argila com estas características seria adicionada uma quantidade significativa de micas, previamente moídas e reduzidas a um pó fino.

É possível que o processo de tratamento desta pasta fosse mais complexo, englobando decantação e moagem da argila, no entanto adição das micas revela-se como o processo mais evidente num estudo baseado numa observação empírica.

3.1.9. Pasta IX

<i>Quadro 9 - Caracterização dos ENPs presentes na pasta IX</i>				
<i>ENP</i>	<i>Natureza</i>	<i>Dimensão</i>	<i>Percentagem</i>	<i>Distribuição</i>
Quartzos	Naturais	> 3 mm	20 %	Média
Micas	Naturais	<1 mm	5 %	Má
Feldspatos	Naturais	<1 mm	5 %	Má

3.1.9.1. Caracterização física da pasta IX

A pasta IX é uma pasta cerâmica de pouca qualidade que se caracteriza pela presença de ENPs de grandes dimensões – por vezes ocupando a largura do fragmento – mal distribuídos. É considerada uma pasta não é homogénea, é uma amálgama péssima qualidade pois os ENPs, tal como se apresentam – grandes e mal distribuídos –, tornam a pasta friável. Deste modo a pasta desfaz-se com muita facilidade quebrando com qualquer tipo de toque.

Os grãos de quartzo têm forma esferoidal mas também angulosa, de arestas vivas. Estes elementos são omnipresentes, no entanto, é possível encontrar fragmentos onde a sua presença é menos notável. Nestes poucos casos, foram identificadas micas e feldspatos, de pequena dimensão, mal distribuídos sendo que a percentagem destes não foi criada por defeito. Cremos que a presença destes elementos é inferior a 5 %, no entanto não é possível avaliar correctamente esta presença através de uma observação empírica.

A pasta IX é considerada a pior pasta do grupo em termos de qualidade pois é a menos homogénea, a mais friável e aquela que, aparentemente, dificultaria o seu manuseamento devido ao elevado tamanho dos grãos de quartzo.

3.1.9.2. Tecnologia de fabrico da Pasta IX

A pasta IX possui um aspecto extremamente rudimentar que se observa no tamanho e distribuição dos elementos e no aspecto da pasta argilosa que os contem. Cremos que o aspecto tosco desta pasta está relacionado com uma ausência total de tratamentos da argila – ausência de decantação, moagem ou batimento. Cremos que esta pasta foi recolhida tal como foi utilizada e que todos os ENPs são de inclusão natural.

3.1.10. Pasta X

<i>Quadro 10 – Caracterização dos ENPs presentes na pasta X</i>				
<i>ENP</i>	<i>Natureza</i>	<i>Dimensão</i>	<i>Percentagem</i>	<i>Distribuição</i>
Quartzos	Naturais	<2 mm	10 %	Má
Micas	Naturais	<1 mm	5 %	Má
Feldspatos	Naturais	<1 mm	5 %	Má

3.1.10.1. Caracterização física da pasta X

A pasta cerâmica X é pouco homogénea, compacta, pouco resistente e porosa. As fracturas dos fragmentos desta pasta são regulares, como as das pastas I e III, e não como as da pasta IV que possuem um perfil laminar associado a uma forma de manufactura por prensagem, placas ou batimentos. Os ENPs presentes nesta pasta apresentam-se, genericamente, mal distribuídos. Os grãos de quartzo são de grande dimensão, de formato irregular (possuindo arestas vivas, quebradas), aparecem caoticamente na pasta e por isso possuem uma má distribuição. As micas e os feldspatos são pouco visíveis, aparecendo esporadicamente, tal como na pasta IV.

3.1.10.2. Tecnologia de fabrico da Pasta X

As formas toscas e a má distribuição de todos os tipos de ENPs presentes nesta pasta levam-nos a supor que a sua origem é natural e que esta pasta não sofreu um processo intenso de tratamento. cremos que a pasta provém de uma argila não decantada, moída ou grandemente misturada pois os ENPs aparecem muito mal distribuídos e de formas e cores muito irregulares.

A pasta X pode ser considerada uma pasta de qualidade média, pois os ENPs não são muito grandes mas encontram-se mal distribuídos apontando para uma manufactura dos recipientes sem recorrer a tratamentos da argila. Como consideramos esta pasta de qualidade média, cremos que a recolha da argila deve ter sido orientada para a escolha de uma argila com poucos ENPs e de pequeno e médio tamanho.

3.1.11. Pasta XI

<i>Quadro 11 – Caracterização dos ENPs presentes na pasta XI</i>				
<i>ENP</i>	<i>Natureza</i>	<i>Dimensão</i>	<i>Percentagem</i>	<i>Distribuição</i>
Quartzos	Naturais	<1 mm	20 %	Média
(Micas)	Naturais	1/2 mm	30 %	Boa

3.1.11.1. Caracterização física da pasta XI

A pasta cerâmica XI é muito homogénea, bastante compacta, mas pouco dura tornando-se pouco resistente. A distribuição dos ENPs é considerada muito boa, tal como a da pasta I. Os

elementos, identificados como micas, possuem uma cor escura, um brilho metalizado, um tamanho reduzido, inferior a 2 mm, encontrando-se distribuídos de forma regular. Os grãos de quartzo podem ser considerados de tamanho médio, encontrando-se distribuídos de forma mais irregular que os elementos de cor escura. Os grãos de quartzo variam muito no tamanho e na cor – alguns possuem arestas vivas –, sendo provável a sua inclusão natural.

A pasta XI é muito brilhante sendo que este brilho é de intensidade similar ao das pastas VI e VIII. Estas três pastas, apesar de igualmente brilhantes, possuem diferenças acentuadas no aspecto geral. Os fragmentos de pasta VI apresentam uma grande quantidade de micas de tamanho médio, de cor cinzenta e brilho metálico, que se vêem bem a olho nu e que facilmente se destacam na pasta argilosa, geralmente, de cor vermelha. Os fragmentos de pasta VIII apresentam uma grande quantidade de micas de reduzido tamanho, não se destacando da pasta argilosa e fazendo corpo com esta. Geralmente, os fragmentos apresentam uma coloração externa amarela ou castanha clara. E, por último, os fragmentos de pasta XI apresentam muitas micas de tamanho reduzido, de coloração muito escura – preta –, que se destacam na pasta argilosa, geralmente, de cor vermelha escura.

3.1.11.2. Tecnologia de fabrico da Pasta XI

A pasta XI é bastante homogénea, algo que se observa na forma distribuição dos elementos presentes na pasta argilosa. Nesta pasta foram identificados grãos de quartzo e micas no seio de uma pasta argilosa de coloração vermelha. Fragmentos semelhantes foram identificados, por Maria de Jesus Sanches, no sítio do Buraco da Pala – Mirandela; coincidindo com a ocupação Calcolítica e com recipientes de grande porte (SANCHES, 1997)²⁰.

Creemos que esta argila foi recolhida tal qual foi utilizada devido: ao seu elevado grau de homogeneidade; ao diminuto tamanho das micas e sua óptima distribuição aliada à presença de quartzos com arestas não totalmente roladas. Parece-nos que esta argila sofreu um processo erosivo e de movimentação prolongado que fragmentou os ENPs e lhe conferiu grande homogeneidade. É possível obter este grau de homogeneidade através de um tratamento cuidado da argila que não negamos *a priori* para qualquer pasta cerâmica, no entanto parece-nos que esta pasta detinha originalmente as características expostas.

A semelhança de fragmentos de dois sítios arqueológicos da mesma região – Crasto de Palheiros e Buraco da Pala – leva-nos a crer que a argila era recolhida numa barreira da região

²⁰Podemos ver na dissertação de doutoramento de Maria de Jesus Sanches, os recipientes de grande porte manufacturados com a pasta XI. No entanto esta comparação só foi possível pois foi pessoalmente confirmada pela investigadora quando observou alguns dos fragmentos cerâmicos do Crasto de Palheiros.

próxima aos dois sítios e que seria utilizada tal qual era recolhida. Se argila sofreu um tratamento posterior à sua recolha podemos colocar várias hipóteses interpretativas relacionadas com o uso desta pasta cerâmica por parte das comunidades do Passado. Podemos apontar para um tratamento da argila de modo semelhante por parte de comunidades diferenciadas, que frequentavam o Crasto de Palheiros e o Buraco da Pala ou a argila foi tratada por, apenas, uma comunidade que frequentava os dois sítios.

3.1.12. Pasta XII

<i>Quadro 12 – Caracterização dos ENPs presentes na pasta XII</i>				
<i>ENP</i>	<i>Natureza</i>	<i>Dimensão</i>	<i>Percentagem</i>	<i>Distribuição</i>
Quartzos	Tempera	<3 mm	20 %	Má
Micas	Tempera	<2 mm	15 %	Média

3.1.12.1. Caracterização física da pasta XII

A pasta cerâmica XII caracteriza-se pela ausência de homogeneidade, aspecto rudimentar e presença de ENPs de grande tamanho mal distribuídos. Esta pasta é uma mistura argilosa com grande quantidade de desengordurante sendo que é uma das pastas com maior quantidade de desengordurante – em conjunto com a pasta VII. Possui um aspecto ligeiramente brilhante podendo ser confundida facilmente com a pasta VI – se tivermos em conta, apenas, as superfícies dos fragmentos – e com a pasta VII – se tivermos em conta, apenas, o aspecto das fracturas. A pasta cerâmica VI é muito mais homogénea que a XII no entanto as superfícies dos fragmentos e os tratamentos que apresentam – alisado, cepilhado, rugoso – são muito semelhantes àqueles da pasta XII. A pasta VII é semelhante à pasta XII a nível estrutural apresentando alguns dos mesmos ENPs, uma grande quantidade de ENPs e uma distribuição caótica destes elementos. As fracturas – tal como aquelas dos fragmentos da pasta VII – são arredondadas, esboroam com muita facilidade e não tem um aspecto laminar, apesar da presença significativa de micas. No entanto, se atendermos ao aspecto das superfícies e seus tratamentos, as pastas VII e XII não são semelhantes pois os fragmentos de pasta VII possuem um aspecto baço e os de pasta XII um aspecto brilhante. Os tratamentos de superfície mais frequentes nos fragmentos de pasta VII são os polidos e alisados e nos de pasta XII ocorrem com frequência cepilhados, rugosos, e alisados.

Consideramos que, a pasta XII é uma pasta grosseira, de ENPs de grande tamanho – de arestas vivas ou quebradas –, que devido à sua má distribuição conferem à pasta pouca compactidade e homogeneidade.

3.1.12.2. Tecnologia de fabrico da Pasta XII

Como foi referido, na descrição da pasta XII, esta pasta caracteriza-se pela presença de grande quantidade de ENPs – de tamanho médio e grande – de distribuição caótica. Estas características podem estar presentes numa pasta proveniente de uma argila tratada pois a grande quantidade de ENPs e a sua má distribuição não é uma razão inequívoca para pensarmos que esta pasta não foi tratada. Cremos que esta pasta sofreu um processo de tratamento que pode ter englobado: 1) decantação; 2) adição extra de ENPs e 3) uma moagem rápida que tinha como objectivo misturar os ENPs e conferir-lhes alguma homogeneidade mas não triturá-los.

A grande quantidade de ENPs presentes aliada a uma presença pouco significativa desta pasta no Crasto de Palheiros levou-nos a crer, apesar do aspecto rudimentar desta pasta cerâmica, que esta terá tido um tratamento de forma a ser obtida uma pasta com as características descritas. Quer dizer que, esta pasta apresenta uma coesão interna que se pode confirmar em todos os – poucos – contextos onde foi identificada revelando um certo cuidado na sua utilização. Apesar do aspecto rudimentar, cremos que esta pasta cumpre as funções para as quais foi, provavelmente, criada. É uma pasta grosseira, medianamente pesada, que permite a manufactura de vasos de grandes dimensões com alguma segurança.

3.2. Análise comparativa das pastas cerâmicas do Crasto de Palheiros

A análise comparativa das pastas cerâmicas englobadas neste estudo foi realizada através de 7 pontos: homogeneidade, densidade, compacticidade, dureza, peso, brilho e cronologia, as quais já foram definidas na introdução (ponto 3.0.). Estas características foram agrupadas num quadro (quadro 13) e medidas através de uma escala numérica – de 1 a 10. Assim no componente da *homogeneidade*, o valor 1 o mais homogéneo e 10 o menos homogéneo; na *densidade*, o valor 1 equivale à pasta mais fina e a 10 a mais grosseira; na *compacticidade*, o valor 1 equivale à pasta mais compacta e a 10 àquela menos compacta; na *dureza*, o valor 1 equivale à pasta mais difícil de quebrar e a 10 àquela mais fácil de quebrar; no *peso*, o valor 1 equivale à pasta considerada mais leve e o 10 àquela considerada mais pesada; no *brilho*, o valor 1 equivale à pasta mais brilhante – brilho conferido pela presença de elementos não plásticos de cor metálica e que reflectem a luz – e o 10 equivale àquela menos brilhante; no tratamento, o valor 1 equivale à pasta mais tratada e o valor 10 àquela sem tratamento e, por último, na *cronologia*, o valor C corresponde à ocupação calcolítica, F corresponde à ocupação da Idade do Ferro mas também à da Idade do Bronze – quando tal se justifica – e CF corresponde a toda a ocupação do Crasto de Palheiros.

Quadro 13 – Quadro comparativo das pastas presentes no Crasto de Palheiros

<i>Pastas</i>	<i>I</i>	<i>II</i>	<i>III</i>	<i>IV</i>	<i>V</i>	<i>VI</i>	<i>VII</i>	<i>VIII</i>	<i>IX</i>	<i>X</i>	<i>XI</i>	<i>XII</i>
Homogeneidade	2	1	3	6	4	5	9	3	7	6	7	10
Densidade	2	1	4	3	4	5	9	4	3	3	8	10
Compacticidade	1	1	4	2	5	8	10	3	6	2	7	9
Dureza	1	2	3	8	4	10	7	6	9	2	7	10
Peso	2	1	4	5	5	1	9	3	3	8	10	6
Brilho	8	7	10	8	9	1	6	2	8	8	2	3
Tratamento	2	1	3	10	3	2	8	2	10	10	9	6
Cronologia	CF	F	CF	C	F	F	CF	F	C	C	C	CF

A comparação das pastas através do uso de escalas numéricas nos vários componentes escolhidos permitiu concluir o seguinte.

1) Ao nível da homogeneidade as pastas da Idade do Bronze/Ferro encontram-se entre as mais homogéneas mas também entre as menos homogéneas. As pastas típicas da ocupação

calcolítica possuem uma homogeneidade média e as pastas utilizadas em ambos os períodos são, genericamente, pouco homogêneas, à exceção das pastas I e III. As pastas mais homogêneas são a I, II, III, V e VIII – com valores entre 1 e 4 –, as pastas medianas são as IV, VI, IX, X e XI – com valores entre 5 e 7 – e as mais desagregadas são as VII e XII, com 9 e 10 valores, respectivamente. Podemos concluir que a regularidade na distribuição dos ENPs não está relacionada com a cronologia das pastas cerâmicas, ainda que, genericamente, a maioria dos fragmentos conotados com uma ocupação calcolítica possuem uma distribuição mais irregular dos ENPs.

2) Ao nível da densidade dos ENPs presentes nas pastas cerâmicas concluímos que não existe uma diferença entre a ocupação calcolítica e aquela da Idade do Bronze/Ferro. Quer dizer, tanto numa ocupação como na outra existiam pastas de densidades diferentes sendo as pastas da Idade do Bronze/Ferro não são mais ou menos densas que aquelas da ocupação calcolítica. Assim as pastas menos densas são a I, II, IV, IX e X – com valores entre 1 e 3 –, as medianas são as III, V, VI e VIII – com valores entre 4 e 5 – e, aquelas mais densas, VII, XI e XII, com valores entre 8 e 10.

3) Ao nível da compacticidade das pastas presentes no Crasto de Palheiros concluímos que não existe uma diferença significativa entre a ocupação calcolítica e aquela da Idade do Bronze/Ferro. Quer dizer, tanto numa ocupação como na outra existiam pastas de diferentes graus de compacticidade sendo que este não diminui nem aumenta da ocupação calcolítica para a da Idade do Bronze/Ferro. As pastas mais compactas são as I, II, IV, VIII e X – com valores entre 1 e 3 –, as medianas são as pastas III, V, IX e XI – com valores entre 4 e 7 – e as mais friáveis são as VI, VII e XII – valores entre 8 e 10.

Este componente foi medido empiricamente e avaliado tendo em conta a característica mais comum aos fragmentos da mesma pasta, no entanto, gostaríamos de ressaltar que, algumas das avaliações demonstraram que fragmentos similares ao nível da presença e distribuição dos ENPs – sendo identificados a uma só pasta – divergiam no grau de compacticidade, sendo que uns eram muito mais duros do que outros. Cremos que esta divergência pode estar relacionada com a temperatura de cozedura, para além das características de cada pasta.

4) A dureza foi medida empiricamente através da resistência dos fragmentos à quebra manual para a análise do seu interior e podemos observar que, genericamente, as pastas identificadas com a ocupação calcolítica revelam uma baixa e média dureza e as pastas identificadas com a ocupação da Idade do Bronze/Ferro revelam tanto durezas muito altas como muito baixas. As pastas I, II, III e X são as mais duras – com valores entre 1 e 3 –, as pastas V, VII, VIII e XI são

medianas – com valores entre 4 e 7 – e as pastas IV, VI, IX e XII são as menos duras, com valores entre 8 e 10.

5) A avaliação do peso dos fragmentos de cada pasta permitiu concluir que as pastas identificadas unicamente com a ocupação calcolítica são claramente mais pesadas do que aquelas identificadas com a ocupação da Idade do Bronze/Ferro. As pastas comuns a ambas ocupações são mais leves do que aquelas calcolíticas mas mais pesadas do que as da Idade do Bronze/Ferro. As pastas I, II, VI e VIII são as mais leves – com valores entre 1 e 3 –, as pastas III, IV, V e XII são medianas – com valores entre 4 e 6 – e as pastas VII, IX, X e XI são as mais pesadas, com valores entre 8 e 10.

6) A avaliação do brilho das superfícies dos fragmentos permitiu concluir que as pastas mais brilhantes encontram-se na Idade do Bronze/Ferro e que as pastas da ocupação calcolítica são tendencialmente baças – pois possuem uma presença pouco significativa de micas – à excepção da pasta XI. As pastas VI, VIII, XI e XII são as mais brilhantes – com valores entre 1 e 3 –, as pastas II e VII nem são muito brilhantes nem muito baças – com valores de 7 e 6 respectivamente – e as pastas I, III, IV, V, IX e X são baças, com valores entre 8 e 10.

7) Ao nível do tratamento das argilas podemos concluir que as pastas calcolíticas são pouco ou nada tratadas. As pastas IV, IX, X e XI não apresentam sinais de tratamento, as pastas III, VII e XII, comuns a ambos períodos são medianamente tratadas e, por último, a pasta I, também comum a ambos os períodos, foi muito tratada. É de ressaltar que embora fragmentos de ambas as ocupações tenham sido identificados com a mesma pasta tal não significa que pertençam, de facto, à mesma pasta. Quer isto dizer que, na ocupação calcolítica existem fragmentos de uma pasta de grande qualidade técnica e que esses fragmentos são, essencialmente, similares, àqueles identificados na Idade do Bronze/Ferro como pasta I. As pastas conotadas apenas com a Idade do Bronze/Ferro são aquelas que apresentam maior número de tratamentos, que são a II, VI e VIII.

Em conclusão, a análise comparativa das pastas revelou que as pastas conotadas com a Idade do Bronze/Ferro são mais evoluídas a nível técnico – relacionado com a sua manufactura – e físico – relacionado com as suas características. Aparentemente, as argilas recolhidas na Idade do Bronze/Ferro sofreram maior número de tratamentos que visaram uma maior homogeneidade, leveza, brilho, dureza e resistência.

Por último, as pastas da ocupação calcolítica e da Idade do Bronze/Ferro não divergem na densidade e compactidade revelando uma utilização de pastas finas e grosseiras, compactas e friáveis em ambos os períodos.

3.3. Análise de pastas por microscopia electrónica de varrimento e microanálise por raios X (SEM/EDS)

3.3.0. Introdução

A análise de pastas por microscopia electrónica de varrimento e microanálise por raios X (SEM/EDS) foi realizada no CEMUP (Centro de Materiais da Universidade do Porto), no LMEV (Laboratório de Microscopia Electrónica de Varrimento e Microanálise por Raios X²¹ e com o apoio do respectivo Director: Doutor Carlos P. Moreira de Sá.

As observações ao microscópio electrónico de varrimento foram efectuadas no microscópio electrónico de varrimento, sendo a análise elementar efectuada num sistema de microanálise de raios X por dispersão de energia.

Estas análises foram realizadas num contexto de experimentação e demonstração do método de análise, com um carácter exploratório. Pelo que tiveram como objectivo uma caracterização fina que permitisse conclusões muito pormenorizadas e seguras para publicação. As análises realizadas integraram-se numa demonstração prática do método e das potencialidades do mesmo. No entanto, a ausência de outras análises realizadas de um modo mais pormenorizado e os resultados obtidos, ainda que parcos, levaram-nos a englobar esta experiência no nosso trabalho de dissertação.

O número de amostras analisadas, neste pequeno estudo, foi muito reduzido – apenas 5 amostras correspondentes a 5 de 12 pastas identificadas – traduzindo-se em resultados muito parcelares e que só farão sentido aquando de uma futura investigação que englobe uma maior quantidade e variedade de amostras. Apesar de todas as limitações os resultados obtidos revelam um método promissor na caracterização de pastas cerâmicas.

3.3.1. Metodologia aplicada

O método de análise por microscopia electrónica de varrimento e microanálise por raios X (SEM/EDS)²² consiste em realizar o varrimento da amostra por um feixe de electrões finamente

²¹ Informações em <http://www.cemup.up.pt/>

²² SEM/EDS do inglês Scanning electron microscope Electron e Energy Dispersive X-Ray Spectroscopy

focado na superfície e, sincronizadamente, fazer o varrimento de um monitor de visualização modulando o brilho em cada ponto pelo sinal emitido pela amostra (Cruz & Silva; 2006, 25). No âmbito deste trabalho utilizaram-se detectores de electrões secundários (ES) e retrodifundidos (ER) na obtenção de imagens e uma resolução de 6 nm.

As amostras a observar devem possuir boa condutividade eléctrica superficial e quando tal não ocorre – como é o caso dos fragmentos cerâmicos – efectua-se a sua metalização com uma película condutora (conseguida através de pulverização iónica ou vaporização). Devem também suportar, sem alterações, as condições de alto vácuo exigidas (CRUZ, T.; SILVA, António Santos; 2006, 29)²³.

A microanálise por raios X é realizada utilizando um espectrómetro de dispersão de energias, que recolhe todo o espectro de raios X emitido pela amostra e que é transmitido a um analisador multicanal. Este analisador, controlado por um microprocessador, permite a visualização imediata do espectro recolhido bem como o seu processamento (Cruz & Silva: 2006, 29). O conjunto deste equipamento – espectrómetro e microprocessador – permite: 1) a identificação dos elementos presentes na amostra; 2) uma avaliação quantitativa dos elementos e 3) visualização imediata do espectro num terminal de vídeo. É também possível comparar os vários espectros adquiridos e guardá-los na memória para processamento posterior. Esta análise elementar caracteriza-se, sobretudo, pela rapidez com que se obtém os dados.

As amostras sofreram uma preparação que consistiu no seguinte: 1) corte dos fragmentos cerâmicos com o objectivo de reduzir o seu tamanho, a cerca de 10 mm de comprimento e 5 a 7 mm de espessura – onde se tentou manter a espessura original do fragmento; 2) encaixe dos fragmentos numa base sólida constituída por um polímero; 3) polimento da fractura com vista a reduzir a topografia e artefactos de corte e 4) revestimento das amostras, por vaporização, a película metálica constituída por carbono.

As amostras foram analisadas na totalidade da sua área sendo que foram analisados, esporadicamente, alguns pontos de interesse (alguns minerais de maior tamanho ou de constituição mais interessante). Não houve normalização da área exposta (a mesma área em todos os fragmentos com o mesmo tipo de homogeneidade) em todos os fragmentos ou amostras e por isso os resultados obtidos são uma amostra geral de cada fragmento.

O tempo de aquisição demorou 60 segundos com uma energia de feixe de 20 Kev sendo que os resultados foram corrigidos pelo método Proza correction.

²³ Algumas informações sobre a preparação das amostras em <http://www.cemup.up.pt/>

3.3.2. Problemas inerentes à metodologia aplicada

Este método de análise possui alguns problemas relacionados com as características do método em si e com as características particulares das amostras em estudo. Para uma mais fácil leitura e compreensão destes problemas, colocaremos este assunto por pontos.

a) No seu fundamento a microanálise por raios X só permite a análise quantitativa (validade dos modelos de correcção de efeito de matriz) de micro-constituintes homogêneos no microvolume analisado. Como sabemos, as pastas cerâmicas pré e proto-históricas não são homogêneas; um mesmo vaso possui fragmentos com maior ou menor quantidade de ENPs e, geralmente, um mesmo fragmento apresenta grande disparidade na dispersão dos ENPs²⁴. Esta característica das pastas cerâmicas pré e proto-históricas leva a que a leitura elementar seja apenas uma aproximação ao todo, sendo este a pasta cerâmica cozida.

b) A microanálise por raios X, para permitir obter dados quantitativos, requer também que a amostra possua uma superfície o mais plana possível e polida²⁵. As amostras cerâmicas estudadas sofreram um processo de preparação, que já referimos em pormenor no capítulo correspondente, que interfere directamente nos resultados. O polimento da amostra – que visa reduzir a topografia – levou ao esfarelamento desta e a uma mistura dos ENPs, consoante o tipo de pasta cerâmica cozida analisada. Esta mistura interfere directamente na análise realizada e nos resultados obtidos pois estão a ser analisados elementos que não deveriam encontrar-se na amostra.

c) Este método de análise não é destrutivo mas a preparação das amostras implica o corte e destrói os fragmentos – reduzindo a escolha dos arqueólogos a fragmentos lisos ou de menor importância. A análise de fragmentos mais valiosos em termos socio-culturais deve ser muito ponderada.

d) Os resultados obtidos a nível elementar traduzem-se numa identificação dos elementos presentes na superfície da amostra e numa análise semiquantitativa, nas condições que que foi realizado o trabalho experimental e a preparação da amostra. O primeiro passo desta análise é a identificação dos elementos presentes seguido de um segundo passo onde se determina a quantidade de cada elemento. No entanto a leitura das quantidades presentes deve ser realizada com cuidado pois muitas variáveis interferem nos resultados obtidos, a saber: quantidade e tamanho dos

²⁴ A disparidade de dispersão dos ENPs nas pastas cerâmicas Pré e Proto-Históricas está relacionada com a preparação das argilas. Uma preparação prolongada e cuidada – com decantação, mistura de ENPs de tamanho regular, um “batimento” ou mistura prolongada da argila que o o/a oleiro/a terá que realizar – conduz a uma argila homogênea com uma dispersão de ENPs regular. A irregularidade das pastas cerâmicas Pré e Proto-Históricas leva-nos a concluir que a preparação das argilas era deficitária.

²⁵ Para informações detalhadas sobre os problemas inerentes à utilização de feixes de electrões e suas características consultar: CRUZ, T.; SILVA, António Santos; 2006, da pág. 25 à 29.

constituintes presentes, distribuição dos elementos presentes, análise geral ou pontual, tamanho da área analisada em cada amostra entre outras ainda mais específicas, como a correção ou margem de erro do próprio equipamento. As diferenças obtidas nas diversas amostras para serem consideradas claras e evidentes devem ser totalmente discrepantes e ainda assim apenas revelam superfícies analisadas distintas. Quer isto dizer, que a análise realizada (com todas as limitações que já referimos) não indica se aqueles fragmentos provêm de facto de pastas cerâmicas diferentes e muito menos de argilas diferentes.

e) Pressupondo que as diferenças obtidas nas diversas amostras são originais – não são fruto da preparação das amostras ou das condicionantes do método e equipamento – podemos dizer que, ainda assim, as diferenças percentuais dos elementos e seus compostos, é por vezes, tão pequena que, em face do número limitado de análises, não podemos afirmar se será significativa.

d) A utilização deste método de abordagem ao estudo de fragmentos cerâmicos exige um grau de conhecimentos que neste momento não possuímos e a realização de um trabalho experimental substancialmente mais extenso do que o trabalho exploratório realizado.

3.3.3. Metodologia da amostragem

Foram estudados cinco fragmentos cerâmicos provenientes de: 1) duas zonas distintas – PIN e PIL –; 2) três contextos estratigráficos diferentes – a U. Hab. 11 e seu estrato de terras queimadas - Lx. 67.1, estrato de ocupação calcolítico coincidente com o “chão” da entrada do talude norte – Lx. 71 e um estrato de interface entre a ocupação calcolítica e a da Idade do Bronze/Ferro na PIL – Lx. 97 e 3) 5 pastas diferentes – I, III, VI, X, e XI.

Gostaríamos de ter utilizado amostras provenientes do mesmo contexto no entanto aquando da realização destas análises o estudo de pastas já se encontrava concluído. Dessa forma, não tínhamos em nossa posse a grande maioria dos fragmentos e apenas tínhamos connosco o conjunto de fragmentos de referência para cada pasta. Desse modo tivemos que restringir a nossa escolha aos fragmentos presentes nesses conjuntos. A principal prioridade de escolha foram as características físicas dos fragmentos sendo que, escolhemos aqueles que melhor caracterizavam determinada pasta. Quer dizer que estes fragmentos serviam de exemplo para a identificação de outros em relação às pastas que representavam²⁶. Apesar desta escolha um pouco caótica tentamos escolher

²⁶ Um conjunto de fragmentos da mesma pasta possui alguns fragmentos que se afastam e , ao mesmo tempo, aproximam daqueles que servem de referência. Estes fragmentos “mais diferentes” podem ter uma percentagem

fragmentos presentes no mesmo contexto ou em contextos próximos. O contexto escolhido – devido à sua coesão interna – foi o estrato de incêndio da U. Hab. 11 no entanto neste contexto não foi identificado nenhum fragmento de pasta XI e só foram identificados 4 fragmentos de pasta X que, infelizmente, não eram os melhores exemplares desta pasta. Assim optamos por recolher o fragmento de pasta X de um contexto calcolítico na mesma zona da U. Hab. 11 e um excelente fragmento de pasta XI proveniente dum contexto da PIL.

Quadro 14 – Registo dos fragmentos cerâmicos analisados por SEM

<i>N.º Inventário</i>	<i>Zona</i>	<i>Lx.</i>	<i>Quadrado</i>	<i>Pasta</i>	<i>Espessura</i>	<i>Trat. Sup.</i>	<i>Cor</i>
CP-03-9484	PIN	67.1	36/38	I	3	Pol/Alí	VC-P-VC
CP-03-9060	PIN	67.1	36/38	III	2	Bru/Pol	C-P-C
CP-03-9319	PIN	67.1	36/38	VI	3	Alí/Nf	VE-P-P
CP-03-14149	PIN	71	37/40	X	3	Pol/Pol	P-C-P
CP-99-2132	PIL	97	X-Y/13	XI	7	Alí/Alí	VE-P-VE

3.3.4. Resultados

A microscopia electrónica de varrimento pode, como já foi referido, fornecer importantes informações sobre os constituintes das pastas cerâmicas, seus compostos químicos e ENPs mas permite, sobretudo, observar, com grande pormenor, as suas formas, tamanhos, texturas e distribuição na pasta cerâmica e caracterizar a composição dos micro-constituintes minerais presentes ²⁷.

Ao nível da textura, as amostras das pastas I, III e X são as mais semelhantes sendo que as I e III são as mais semelhantes entre si. Estas pastas apresentam uma superfície bastante coesa e homogénea, sendo que a I é aquela que apresenta menos espaços vazios, seguida da X e, por fim da III (Est. LXIX, 1 e 3 e LXX, 2). Na pasta X, apesar de visualizarmos menos espaços ocos do que na III, estes parecem-nos de maior tamanho. A pasta VI é aquela que apresenta uma textura menos homogénea constituída por elementos de grande tamanho, muitos espaços ocos e má distribuição destes componentes descritos (Est. LXX, 1). A pasta XI apresenta uma textura claramente diferente daquelas outras analisadas, sendo que possui poucos ENPs ainda que de grande tamanho (Est.

ligeiramente inferior ou superior de ENPs bem como a sua dispersão pode ser ligeiramente diferente no entanto são genericamente semelhantes aos “bons exemplares” não exigindo a criação de uma nova pasta.

²⁷ Estas análises são igualmente bem sucedidas em estudos sobre argamassas históricas (ADRIANO, Patrícia; SILVA, António Santos; VEIGA, Rosário; CANDEIAS, António; MIRÃO, José: 2007).

LXXI, 1). A sua textura é menos coesa do que aquelas das pastas I, III e X não revelando uma superfície polida. As três pastas atrás referidas permitem uma superfície mais ou menos polida – sendo da mais polida para a menos polida, I, X, III. A pasta VI não permitiu uma superfície polida sendo que a superfície em estudo pelo microscópio de varrimento electrónico se apresentava com grandes diferenças de topografia, sendo assim a que sofreu maior “esfarelamento”.

Ao nível dos ENPs – suas formas, tamanho e distribuição – encontramos na amostra de pasta I, os ENPs de menor tamanho e mais arredondados; seguidas daqueles presentes na pasta III e, por fim na X (Est. LXX, 2). Os ENPs presentes na amostra da pasta III são ligeiramente maiores do que aqueles da pasta I apresentando uma forma subcircular e os ENPs presentes na amostra da pasta X são também ligeiramente maiores do que aqueles presentes na pasta I – e semelhantes àqueles presentes na pasta III – sendo que possuem formas com maior número de arestas – sub-retangulares, poligonais (Est. LXIX, 3). Os ENPs presentes na pasta VI são os maiores e aqueles que apresentam maior irregularidade na sua forma. Os ENPs presentes na pasta XI são semelhantes àqueles presentes nas pastas III e X, na forma e tamanho. A distribuição dos ENPs é regular e homogénea na pasta I tornando-se cada vez mais irregular nas pastas III, X, XI e VI, por esta ordem.

A análise elementar realizada através da microanálise por raios X permitiu a identificação dos principais elementos com uma quantificação percentual aproximada (limitações na extensão da experimentação e qualidade da amostra). A comparação dos elementos e presentes nas pastas cerâmicas é muito generalista e apenas pretende dar uma ideia geral dos resultados obtidos.

No geral as pastas são muito semelhantes sendo que as percentagens obtidas para cada elemento não possuem uma variação que julguemos significativa. No entanto podemos referir que algumas pastas se destacam das restantes pela maior ou menor presença de determinados elementos. Deste modo podemos dizer o seguinte.

a) A quantidade de sódio, nas diversas amostras, é muito baixa e semelhante, no entanto a maior quantidade foi identificada na amostra da pasta III e a menor quantidade na amostra da pasta I;

b) A quantidade de magnésio é baixa e semelhante em quase todas as amostras, à excepção da maior quantidade que foi identificada na amostra da pasta XI (a menor quantidade na amostra da pasta VI);

c) A quantidade de alumínio é muito semelhante em todas as amostras com uma presença mediana, sendo que a maior quantidade foi identificada na amostra da pasta X e a menor quantidade na amostra da pasta XI;

d) A quantidade de silício é semelhante e alta em quase todas as amostras, à excepção da amostra da pasta XI, que apresenta a menor quantidade (a maior quantidade encontra-se na amostra da pasta III);

e) A quantidade de fósforo é baixa e semelhante em todas as amostras sendo que a quantidade mais elevada foi identificada na amostra da pasta III e a menor na da pasta X;

f) A quantidade de potássio é baixa e semelhante em quase todas as amostras, à excepção da amostra da pasta XI onde foi identificada a menor quantidade deste elemento (a maior quantidade foi identificada na amostra da pasta VI);

g) A quantidade de cálcio é baixa e semelhante em quase todas as amostras, à excepção da amostra da pasta XI onde foi identificada a maior quantidade deste elemento (a menor quantidade foi identificada na amostra da pasta VI);

h) A quantidade de ferro é mediana e semelhante em quase todas as amostras, à excepção da amostra da pasta III onde foi identificada a menor quantidade (sendo que a maior quantidade foi identificada na amostra da pasta XI);

i) No geral, as quantidades de sódio, magnésio, fósforo e cálcio são baixas; as quantidades de potássio são baixas mas ligeiramente mais altas do que as de sódio, magnésio, fósforo e cálcio; as quantidades de alumínio e ferro são medianas e obviamente as quantidades de silício são as mais elevadas;

j) A amostra da pasta XI revela-se como a mais discrepante, seguida da amostra da VI, III, X e I;

k) As amostras das pastas I, III e X são as que menos se distinguem das restantes pois são aquelas que possuem valores medianos nos elementos (nem dos mais altos nem dos mais baixos);

l) A pasta I possui partículas (4 micrometros) de titânio e de manganês (est. LXIX, 2) sendo que a partícula de manganês presente na figura possuía 1 mm de comprimento em corte sendo bastante grande.

m) A pasta III possuía partículas de zircônio;

n) A pasta X revelou titânio no espectro global bem como partículas de zinco e cobre/zinco;

Em resumo, podemos dizer que todas as amostras das pastas analisadas se assemelham sendo que as amostras das pastas I, III e X são bastante semelhantes entre si e as amostras das pastas VI e XI são as mais discrepantes. A amostra da pasta VI encontra-se, relativamente isolada,

ainda que se assemelhe com a amostra da I na quantidade de sódio e ferro; se assemelhe com a amostra da X na quantidade de silício e ferro e se assemelhe com a amostra da III na quantidade de magnésio. A amostra da pasta XI encontra-se muito isolada – possuindo poucas semelhanças com as outras amostras – ainda que seja semelhante à amostra da pasta III na quantidade de fósforo. A pasta XI revelou titânio no espectro global e foram individualizadas partículas de titânio e cobre.

3.3.5. Conclusões

O estudo comparativo das análises realizadas aos fragmentos de pastas I; III; VI, X e XI permitiu observar, mais pormenorizadamente, uma semelhança entre as pastas I, III e X. As pastas VI e XI encontram-se isoladas, querendo isto dizer que possuem poucos pontos de contacto com os outros três tipos de pastas analisadas. A amostra da pasta VI possui algumas, poucas, semelhanças com as amostras das pastas I e III sendo que as semelhanças com as pastas X e XI são menos evidentes. A amostra da pasta XI possui semelhanças muito reduzidas com todas as outras amostras de pastas ainda que revele algumas semelhanças diminutas às amostras das pastas III, VI e X.

A análise empírica aos fragmentos cerâmicos do Crasto de Palheiros apontava para uma semelhança formal entre as pastas I e II; III e V; IV e X; I e X e I e III. As análises que foram realizadas vieram a alicerçar a ideia de que há de facto uma ligação forte entre as pastas I, III e X no entanto seria necessário um maior número de análises para confirmar estas hipóteses interpretativas. É provável que estas pastas tenham a sua proveniência nos mesmos barreiros – no caso da I e III – ou em barreiras de argilas semelhantes – no caso da X – que podem ou não coincidir com a mesma área de exploração de recursos. Esta diferença interpretativa entre as pastas I e III e X prende-se com o ponto seguinte.

As pastas X e XI revelaram titânio no espectro global, algo que não ocorreu em nenhum dos outros exemplares de pastas. A observação empírica dos fragmentos cerâmicos do Crasto de Palheiros apontava para que as cerâmicas conotadas com a ocupação Calcolítica fossem mais pesadas do que aquelas da Idade do Bronze/Ferro. Deste modo, as análises realizadas vieram alicerçar a hipótese de que as cerâmicas calcolíticas são mais pesadas do que as da Idade do Bronze /Ferro devido aos metais pesados que nelas de encontram em maior quantidade. A diferença de composição entre as pastas I, III VI e aquelas X e XI poderá estar a indicar que a recolha das argilas na ocupação Calcolítica e aquela da Idade do Bronze /Ferro seria feita em locais diferentes ainda que de origem local.

A comparação acima realizada partiu do pressuposto que todos os elementos e compostos possuem o mesmo grau de importância no entanto apresentaremos de seguida conclusões de uma comparação entre estes fragmentos tendo em conta, apenas, determinados elementos e compostos.

Como sabemos, a presença de ferro numa argila ou pasta cerâmica confere-lhe, normalmente, uma coloração vermelha. As análises ao elemento Fe e seu composto Fe_2O_3 – que foram concordantes nos resultados – revelaram que as pastas com maior quantidade de ferro são a XI, VI e X e aquelas com menor quantidade são a I e III. Estes dados encontram-se concordantes com a observação a olho nu, na qual podemos constatar que os fragmentos de pasta XI e VI são maioritariamente vermelho-escuros, os de pasta X possuem as mais variadas colorações – em parte devido à sua antiguidade e aos longos processos pós-deposicionais –, que vão desde o castanho, ao vermelho e aqueles de pastas I e III que são maioritariamente castanho-escuros ou pretos.

A presença de fósforo pode indicar compostos orgânicos e em consequência várias hipóteses devem ser apontadas para uma melhor compreensão destes resultados. A presença de fósforo pode indicar que: 1) o fragmento (vaso) em análise teve um uso doméstico (confecção de alimentos); 2) determinadas pastas servem prioritariamente determinadas funções – como as domésticas; 3) determinado contexto esteve mais tempo em contacto com matéria orgânica; 4) determinado contexto pós-deposicional – se é que podemos dividir, neste caso, um contexto de ocupação de um contexto pós-deposicional – esteve mais tempo em contacto com matéria orgânica e 5) outras hipóteses ou variáveis que possam modificar a composição do fragmento, que não estamos a ter em conta neste momento. Deste modo, os fragmentos de pasta III, XI e VI apresentam a maior quantidade de fósforo e os fragmentos de pastas I e X apresentam as quantidades mais baixas. Podemos apenas concluir que as quantidades de fósforo não parecem estar relacionadas com os contextos, pois os fragmentos de pasta XI e X provinham de contextos diferentes daqueles de pasta I, III e VI. Como podemos ver, o fragmento de pasta I possui uma pequena quantidade de fósforo e os de pasta III e VI uma maior quantidade. É de notar, que a pasta I era essencialmente utilizada em vasos de pequeno porte – que poderiam servir para beber ou suportar pequenas quantidades de comida – ou simplesmente de menor capacidade daqueles manufacturados em pastas III e VI. As relações entre pastas, formas e capacidades serão desenvolvidas noutros capítulos.

A análise empírica aos fragmentos cerâmicos do Crasto de Palheiros apontava para a existência de pastas com diferenças acentuadas na variedade e quantidade de ENPs. As pastas III, IV, VI, VIII e XII são aquelas que possuem maior quantidade de micas – visíveis a olho nu – das

quais a moscovite²⁸ e biotite²⁹ são as mais usuais nas argilas actuais³⁰. Estes tipos de mica possuem óxido de alumínio, óxido de potássio, magnésio e ferro. Deste modo cremos que a quantidade de alumínio, potássio, magnésio e ferro poderão apontar aquelas pastas que possuem maior quantidade de micas. Observamos que são os fragmentos das pastas X, III e I os que possuem maior quantidade de alumínio, os fragmentos das pastas VI, III e I são os que possuem maior quantidade de potássio, os fragmentos das pastas XI, X e I são os que possuem maior quantidade de magnésio e, como já foi referido, os fragmentos das pastas XI, VI e X são os que possuem maior quantidade de ferro. Como podemos ver todos os fragmentos acusam a presença destes elementos e por isso apenas podemos dizer que algumas pastas aparentavam possuir mais micas – pois estas eram facilmente detectáveis a olho nu – no entanto as análises podem estar a indicar que todas as pastas possuíam de facto micas ainda que pouco visíveis a olho nu.

Os feldspatos e quartzos também usuais nas argilas portuguesas actuais³¹ possuem uma quantidade elevada de silício. Deste modo uma maior quantidade de silício nas nossas amostras poderá estar a apontar para uma maior presença destes elementos. Os fragmentos das pastas III, I e VI são aqueles que apresentam maior quantidade de silício sendo que a olho nu quantificamos (empiricamente), 20 %, 10 % e 15 % destes elementos – quartzos e feldspatos – nas pastas III, I e VI respectivamente. É de notar que consideramos estas percentagens elevadas. Novamente, a análise por SEM/EDS é concordante com as observações empíricas.

A identificação de cálcio pode estar relacionada com a presença de calcite³² e dolomite³³, também usuais nas argilas portuguesas actuais³⁴. Os fragmentos das pastas XI, III e I são aqueles que apresentam maior quantidade de cálcio, no entanto ENPs de cor branca só foram identificados nas pastas III e I. A pasta XI foi sempre identificada com elementos de reduzidas dimensões, cor escura e muito brilhantes. A identificação destes elementos a olho nu foi impossível no entanto aquando da definição das características das pastas definimos estes elementos como sendo micas. Após os resultados destas análises e a confirmação da presença elevada de cálcio e magnésio na pasta XI – já referido acima – cremos que esta presença poderá indicar o mineral dolomite, que possui as seguintes características: cor cinza com raias brancas e brilho vítreo entre outras que não

²⁸ A fórmula da moscovite é a seguinte: $KAl_2(Si_3Al)O_{10}(OH,F)_2$

²⁹ A fórmula da biotite é a seguinte: $K(MgFe)_3AlSi_3O_{10}(OH,F)_2$

³⁰ A referência apontada foi recolhida no artigo “Classificação e tipo de Argilas” presente na seguinte direcção electrónica: <http://dminas.ist.utl.pt/Geomuseu/RG2008/Argilas/Argilas%20Portuguesas/>

³¹ Ver nota anterior.

³² A fórmula da calcite é a seguinte: $CaCO_3$

³³ A fórmula da dolomite é a seguinte: $CaMg(CO_3)_2$, que é um mineral de carbonato de cálcio e magnésio.

³⁴ Ver nota 20.

são relevantes para a definição deste material a olho nu. Cremos que, neste ponto, a análise por SEM/EPMA permite novas hipóteses sobre os componentes presentes nas pastas e que ajudou a definir de uma forma mais correcta as características da pasta XI.

Por último, as análises realizadas a estes fragmentos permitiram uma melhor caracterização global das pastas cerâmicas ainda que não seja possível definir se as pastas provêm de uma mesma fonte de recolha. Muitas das diferenças apontadas entre os vários fragmentos podem ter uma origem humana, quer dizer, que o/a oleiro/a pode intervir na composição de uma argila, ao adicionar ou excluir determinados elementos. No entanto, a definição das diferenças apontadas pelas análises SEM/EDS não deixam de ser deveras importantes. Esperamos que no futuro seja possível uma melhor definição das argilas e pastas cerâmicas Pré e Proto-históricas do Nordeste de Portugal.

3.3.6. Possibilidades/Limitações de conhecimento

O método de análise descrito revelou-se de grande utilidade na compreensão das pastas cerâmicas identificadas na colecção do Crasto de Palheiros, no entanto um estudo que pretendesse conclusões mais assertivas teria que ser estruturado de uma outra forma.

a) O método empírico utilizado para a avaliação das pastas cerâmicas agrupou os fragmentos consoante as suas semelhanças físicas no entanto sabemos que um grupo de fragmentos tidos como da mesma pasta – agrupados por uma observação a “olho nu” – é heterogéneo. Uma análise por SEM bem estruturada teria que ter como ponto de partida a análise de muitos fragmentos da mesma pasta provenientes do mesmo contexto e de contextos diferentes. Este primeiro objectivo serviria para: 1) caracterizar a pasta em estudo; 2) avaliar a heterogeneidade da avaliação empírica; 3) avaliar se essa heterogeneidade poderia ser mantida ou se teria que ser vista como um erro da observação a “olho nu”; 4) avaliar se o método de divisão de pastas realizado com uma observação a “olho nu” reflecte uma “verdade” física, ao nível da composição química das argilas ou pastas cerâmicas; 5) avaliar se uma mesma pasta mantém as mesmas características físicas independentemente do contexto de recolha; 6) avaliar – quando possível – se as variações na composição química dos fragmentos de uma mesma pasta e de um mesmo contexto estarão relacionadas com funções dos vasos a que pertenceram e em consequência a funções ocupacionais dos contextos de recolha e 7) avaliar se a cronologia dos contextos se relaciona com uma modificação das características físicas das pastas cerâmicas.

Esta análise pormenorizada teria que ser realizada para todas as pastas identificadas no conjunto cerâmico e após a conclusão desta primeira análise teria que se pensar nos seguintes pontos.

b) A avaliação pormenorizada das várias pastas teria como objectivos: 1) a avaliação da coesão dos grupos de pastas criados pela observação empírica; 2) a criação ou eliminação de grupos de pastas; 3) a avaliação das pastas consoante os contextos e suas cronologias; 4) a avaliação geral de todo o método empírico utilizado nesta colecção e das hipóteses interpretativas conseguidas e 5) novas hipóteses interpretativas para todo o conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros.

c) Uma análise tão extensa do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros englobaria 5 fragmentos da mesma pasta por contexto de recolha, algo que poderia ser repensado consoante o número de fragmentos presentes nos contextos. Um contexto com um número de fragmentos elevado poderia ver aumentado o seu número de amostras e, por sua vez, um contexto com um número de fragmentos muito reduzido poderia ver reduzido o número de amostras realizado. Deste modo seriam realizadas cerca de 10000 amostras (que abrangeriam cerca de 170 contextos englobando apenas a PIL, PEL, TEL, PIN, PEN e TEN) que correspondem a cerca de 1/3 da colecção cerâmica do Crasto de Palheiros por nós analisada. Como podemos ver, um estudo deste tipo – de modo a ser considerado sério e viável – necessitaria meios económicos e humanos que de momento não se encontram disponíveis.

Por último, as possibilidades e limitações das análises por SEM/EDS só deverão ser realmente compreendidas quando for realizado um estudo de maior envergadura que equacione várias questões e procure a sua resposta. Cremos que este método permite uma melhor caracterização das pastas e sobretudo permite a consolidação deste método empírico como um método alternativo e viável em relação àqueles que são mais comumente utilizados em meio arqueológico.

O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro

Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica

4. Outros objectos realizados em cerâmica

4.0. Introdução

No conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros foram identificados 41 objectos ou fragmentos que obtiveram a nossa especial atenção. Após o estudo empírico organizamos os objectos em categorias que reflectem o que pensamos ser o seu estatuto. As categorias abaixo descritas foram usadas em toda a análise estatística dos objectos e usadas nas tabelas e gráficos apresentados nas estampas. É importante a compreensão destas categorias e por isso as descrevemos de seguida.

a) 12 são cossoiros construídos de raiz através de moldagem manual (estampas XLI, n.º 8; XLII, n.º 1; XLV, n.º 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9 e 10; LI, n.º 6 e LXI, n.º 6).

b) 2 possíveis cossoiros construídos de raiz através de moldagem manual (estampa XLI, n.º 6 e 17)

c) 6 cossoiros construídos a partir de fragmentos cerâmicos – restos de um recipiente quebrado – (estampas XLI, n.º 2 e 5; XLV, n.º 1 e 4; LXI, n.º 2 e LXII n.º 18).

d) 2 possíveis cossoiros construídos a partir de fragmentos cerâmicos – restos de um recipiente quebrado – (estampas LXI, n.º 1 e LXVI, n.º 3).

e) 6 fichas – ou cossoiros inacabados – construídas a partir de fragmentos cerâmicos (estampas XXXVI, n.º 3; XL, n.º 16; XLI, n.º 8; LVII, n.º 2; LXI, n.º 3 e LXVI, n.º 4).

f) 2 possíveis pesos de tear construídos a partir de fragmentos cerâmicos (estampas XL, n.º 2 e LII, n.º 4).

g) fragmento de um objecto de grandes dimensões sem que saibamos ao certo que tipo de objecto era (estampa XLIII, n.º 10).

h) um fragmento cerâmico disforme com uma concavidade de forma cónica, aparentando ser um furo inacabado (estampa XL, n.º 7).

i) 9 fragmentos cerâmicos disformes e com perfurações. Não possuem peso e forma apropriada para cossoiros ou pesos de tear sendo que por isso consideramos estes fragmentos partes de um recipiente que possuía furos que permitiam a sua suspensão através de fios (estampas XXXVIII, n.º 7; XL, n.º 12; XLI, n.º 3, 4, e 9; XLIV, n.º 4 e 5; LXII, n.º 15 e LXVI, n.º 5).

Em resumo, as categorias *a*, *b*, *c*, e *d* dizem respeito a cossoiros, a categoria *e* pode ou não indicar cossoiros, as categorias *f*, *g*, e *h* são outros objectos e a categoria *i* diz respeito a partes de recipientes.

Neste capítulo serão analisados todos os objectos acima descritos à excepção da categoria *i* que diz respeito aos nove fragmentos cerâmicos disformes e com perfurações que cremos serem parte de recipientes. Estes fragmentos foram analisados conjuntamente com os elementos de preensão e suspensão, vulgarmente denominados de asas (ponto 2.5).

4.1. Metodologia aplicada ao estudo dos objectos cerâmicos

Os objectos cerâmicos, como cossoiros, fichas entre outros, presentes no Crasto de Palheiros foram estudados através da metodologia aplicada a todos os fragmentos cerâmicos e explicada em pormenor no ponto 2.1. Em conjunto com o método de estudo do ponto 2.1., foram aplicados aos objectos cerâmicos, outros componentes de avaliação. Estes componentes de avaliação resumem-se a: 1) uma avaliação da forma com o objectivo da criação de uma tipologia; que tem em conta a forma geral e externa do objecto, o seu perfil ou secção, o seu tamanho e a forma e dimensão da perfuração (quando existente), 2) peso dos objectos com o objectivo de compreendermos melhor a sua funcionalidade e 3) decoração presente nos objectos cerâmicos. A avaliação das pastas utilizadas é um componente básico da avaliação de todos os fragmentos cerâmicos no entanto é de grande importância para a compreensão do conjunto cerâmico presente no Crasto de Palheiros.

4.2. Cossoiros

4.2.0. Introdução

O estudo dos cossoiros cerâmicos presentes no Crasto de Palheiros insere-se na compreensão da manufatura têxtil da Idade do Bronze e Ferro e mais concretamente daquela ocorrida a nível local e regional. A presença de fusaiolas no povoado indica a fição (como actividade) sendo que cremos que no povoado eram manufacturados tecidos. Quer dizer, que a comunidade produzia as fibras, tecia-as e por último, manufacturava os tecidos. Cremos que o objectivo da comunidade era produção do tecido (como produto final) e que tal se inseria numa economia de subsistência e autónoma em relação às outras comunidades vizinhas.

O objectivo do estudo das fusaiolas do Crasto de Palheiros é o lançamento de hipóteses interpretativas relacionadas com o número de fusos presentes, seus tipos, suas possíveis utilizações, suas distribuições e por último, sua integração na comunidade e sua possível produção.

4.2.1. As formas dos cossoiros

As análises efectuadas a várias colecções de cossoiros geraram várias tipologias de formas destes objectos. O cruzamento dos diversos dados é relativamente simples pois todas as tipologias são ilustradas e facilmente comparáveis. A tipologia criada por Maria de Fátima Silva e Paula Cristina Oliveira (Silva & Oliveira: 2000) para o conjunto de cossoiros da Citânia de Briteiros, Castro de Sabroso e outros da região do Douro Litoral divide estes objectos em 6 categorias cada uma com subcategorias. As categorias destas autoras são as seguintes: A) Bulbosos, sendo que podem ser achatados ou esféricos; B) Discóides, podem ser altos ou baixos, de paredes verticais ou arredondadas; C) Cónicos, com forma de cone mais ou menos alargado; D) Bicónicos, com forma de dois troncos de cone que se unem pela base sendo que podem ser de cones de tamanho igual ou desigual; E) Troncocónicos e F) Tipo Briteiros, sendo que estes são de difícil caracterização.

No entanto a tipologia criada por Carlos Sanz Mínguez (Sanz Mínguez: 1998) para os cossoiros encontrados na necrópole de “Las Ruedas” divide estes objectos em apenas 5 categorias sem subcategorias. As categorias deste autor são as seguintes: 1) anulares (que são as discóides); 2) cilíndricas (são discóides altos); 3) de carrete (com a forma de um carrinho de linhas); 4) esféricas ou globulares e 5) bitroncocónicas (ou bicónicas, que normalmente possuem um dos cones muito mais desenvolvido que outro).

As características do conjunto de cossoiros de Crasto de Palheiros – número reduzido de objectos, similaridade de formas e pouco variação das mesmas – levaram-nos a criar uma tipologia de formas que não segue nenhuma das descritas mas que foi inspirada em ambas.

O tipo de perfuração presente nos cossoiros indica a forma da extremidade do fuso – e por vezes também a do fuso – usado em determinado cossoiro (Estampa LXXIII, fig. 2). Existem vários tipos de perfuração: cilíndrica, cónica, cónica invertida, ligeiramente flexionada, troncos de cone justapostos pela extremidade mais pequena e até perfurações cilíndricas mas enviesadas (Naveiro & Senen: 1987).

Manuel Rodriguez Calvino identificou quatro tipos de fusos (Rodriguez Calvino: 2000) que passamos a descrever pois alguns tipos poderão ter sido também usados no Crasto de Palheiros (Estampa LXXIII, fig. 2).

1) Fuso de forma cilíndrica – sendo que a perfuração dos cossoiros será também cilíndrica;

2) Fuso cónico com pedúnculo sendo que este elemento pode ter forma cilíndrica ou cónica.

As perfurações dos cossoiros serão cilíndricas ou cónicas invertidas.

3) Fusos cónicos onde a perfuração dos cossoiros é cónica – direita.

4) Fusos fuselados onde as extremidades do fuso são cónicas. As perfurações dos cossoiros serão cónicas – direitas ou invertidas.

Os cossoiros podem ter sido utilizados – maioritariamente – na parte inferior do fuso mas por vezes também eram utilizados na parte superior do fuso (Rodríguez Calvino: 2000). Esta variação pode ser intuída, por vezes, pelo tipo de perfuração no cossoiro ainda que o mesmo tipo de perfuração pode ser aplicado em fusos de forma diferente, por exemplo um fuso cilíndrico ou um fuso cónico com pedúnculo cilíndrico. Um cossoiro com uma perfuração cónica direita aponta para uma utilização na parte superior do fuso.

4.2.1.1 Tipologia de formas

As categorias de formas dos cossoiros presentes no Crasto de Palheiros são:

a) *Discóide achatado ou aplanado* – cossoiro com forma de disco chato de paredes arredondadas.

b) *Discóide largo* – cossoiro com forma de disco muito largo, de paredes arredondadas.

c) *Discóide largo de paredes semi verticais* – cossoiro com forma de disco muito largo, de paredes planas ou verticais.

d) *Esférico* – cossoiro em forma de esfera.

e) *Esférico com características do discóide largo* – cossoiro com uma forma pouco definida podendo ser um esférico ou um discóide largo mais alto.

f) *Cilíndrico* – cossoiros em forma de cilindro sendo mais alto do que o discóide largo.

g) *Troncocónico duplo de troncos de cones iguais* – cossoiros com forma de dois troncos de cones justapostas pela base sendo que são de dimensões semelhantes.

h) *Troncocónico duplo de troncos de cones desiguais* – cossoiros com forma de dois troncos de cones justapostas pela base sendo que não possuem a mesma dimensão ou forma.

i) *Cónico* – cossoiros em forma de cone sendo que a base pode ser ligeiramente côncava.

A análise dos tipos de formas presentes nos cossoiros do Crasto de Palheiros (Estampa LXXI, fig. 2) revelou que: 1) o tipo *a* – discóide achatado ou aplanado – é o mais frequente; 2) todos os cossoiros identificados com a forma *a* são construídos a partir de fragmentos cerâmicos existindo, assim, uma relação entre esta forma e a construção do cossoiro; 3) os cossoiros construídos de raiz para tal propósito possuem formas mais variadas constituindo todos os outros tipos criados; 4) nos cossoiros construídos de raiz são predominantes as formas *b*, *d* e *h* – discóide largo, esférico e troncocónico duplo de troncos de cones desiguais, respectivamente; 5) só existe um

exemplar das formas *c*, *e*, *f*, *g*, e *i* e 6) os cossoiros construídos de raiz privilegiam formas mais volumosas e mais diversas nunca utilizando a forma discóide aplanado que é reservada para os cossoiros construídos através da reutilização de fragmentos cerâmicos.

4.2.1.2. Tipologia das perfurações

Os tipos de perfurações presentes nos cossoiros – e outros objectos – do Crasto de Palheiros são (estampa LXXIII, fig. 3):

1) *Cilíndrica* – a perfuração possui a forma de um cilindro ou tubo, sendo as extremidades de tamanho semelhante.

2) *Cónica invertida* – a perfuração possui a forma de um cone invertido, em que a extremidade superior – aquela que corresponde à face visível – possui um diâmetro superior da extremidade da face inferior, não visível.

3) *Troncos de cone justapostos pela extremidade mais pequena* – este tipo de perfuração deve a sua forma à técnica de manufactura. Os objectos que apresentam este tipo de perfuração indicam que esta foi realizada após a cozedura do objecto. A perfuração foi realizada com um objecto cortante que foi utilizado em ambas as superfícies, quer dizer, não se furou de um lado até ao outro mas sim dos dois lados até ambos os furos se encontrarem no centro do objecto.

4) *Cilíndrica descentrada* – a perfuração possui uma forma cilíndrica mas as extremidades não coincidem uma com a outra. Quer dizer que este tipo de perfuração pode ter sido realizado antes da cozedura do objecto ou após a cozedura, sendo que, nesta segunda hipótese, os dois furos realizados em ambas as superfícies não eram coincidentes.

A análise dos tipos de perfurações presentes nos cossoiros do Crasto de Palheiros (Estampa LXXI, fig. 3) revelou que: 1) a maioria das perfurações (55 % equivalente a 12 cossoiros) é de tipo 2 apontando para fusos fuselados ou cónicos com pedúnculo cónico; 2) cerca de 20 % – equivalente a 5 cossoiros – são cilíndricas apontando para fusos muito simples como os cilíndricos ou cónicos com pedúnculo cilíndrico; 3) dois cossoiros possuem uma perfuração de tipo 3 indicando a manufactura do furo pós-cozedura; 4) um cossoiro possui uma perfuração tipo 4 indicando algum descuido; 5) as perfurações realizadas nos cossoiros construídos de raiz privilegiam as perfurações de tipo 1 e 2 – cilíndricas ou cónicas invertidas; 6) as perfurações realizadas nos cossoiros construídos a partir da reutilização de fragmentos cerâmicas são mais diversas que as anteriores, existindo perfurações cilíndricas, cónicas invertidas mas também de tipo 3 e 4 e 7) os tipos de

perfurações realizadas após a cozedura – tipo 3 e 4 – estão de acordo com o tipo de cossoiro – construído a partir da reutilização de fragmentos cerâmicos já cozidos.

4.2.2. Dimensões dos cossoiros

A dimensão dos objectos cerâmicos – entre eles os cossoiros – foi avaliada através da medição da sua espessura e do seu diâmetro. A avaliação das espessuras foi realizada através das categorias utilizadas em todos os fragmentos cerâmicos e revelou-se pouco importante para a compreensão destes objectos. As espessuras revelaram, apenas, uma ligação com o tipo de forma. Deste modo, são mais espessos os cossoiros de disco largo, esféricos, cónicos e troncocónicos duplos, sendo que os cossoiros discoidais planos são menos espessos.

Creemos que a avaliação do diâmetro dos cossoiros será útil no entendimento da morfologia, peso, técnica de fabrico e na pasta destes elementos. Pensamos que a morfologia, a dimensão, o peso, a técnica de fabrico e a pasta destes objectos estão intimamente relacionadas e por isso cremos na importância da avaliação do diâmetro dos cossoiros.

A avaliação do diâmetro dos cossoiros foi realizada e registada com o número absoluto que dizia respeito a cada cossoiro. Após este registo e uma avaliação dos dados obtidos foram criados grupos ou categorias que acreditamos reflectirem a realidade do conjunto estudado.

Assim foram criados 6 grupos de dimensão de diâmetros dos objectos estudados, que são:

Grupo 1) Objectos com diâmetros entre 23 e 28 milímetros

Grupo 2) Objectos com diâmetros entre 30 e 35 milímetros

Grupo 3) Objectos com diâmetros entre 38 e 42 milímetros

Grupo 4) Objectos com diâmetros entre 46 e 51 milímetros

Grupo 5) Objectos com diâmetros entre 58 e 64 milímetros

Grupo 6) Objectos com diâmetros entre 72 e 74 milímetros.

A análise das dimensões dos diâmetros dos cossoiros do Crasto de Palheiros (Estampa LXXII, fig. 1) revelou que: 1) mais de 80 % dos cossoiros – 18 cossoiros – possuem diâmetros de 23 a 42 milímetros; 2) o grupo mais numeroso é o 2, seguido do 1 e depois do 3; 3) ausência de cossoiros no grupo 5 e 4) 2 cossoiros possuem grande dimensões de diâmetro – 72 e 74 e 2 cossoiros são um pouco maiores que o normal – 46 e 51 – mas não tão grandes como os já referidos.

A relação entre o diâmetro dos cossoiros e sua morfologia, peso, técnica de fabrico e a pasta será realizada no ponto 4.2.7.

4.2.3. Peso dos cossoiros e sua funcionalidade

Segundo Manuel Rodriguez Calvino o peso é o elemento chave da análise dos cossoiros (Rodriguez Calvino: 2000). Através do estudo antropológico dos fusos utilizados num passado recente na Galiza e um estudo minucioso dos cossoiros provenientes povoados da Idade do Ferro, Manuel Rodriguez Calvino criou, na sua análise de cossoiros provenientes de contextos arqueológicos, 5 grupos de pesos.

A nossa análise segue os grupos criados por este autor pois cremos que estes reflectem uma análise honesta, minuciosa e inteligente dos fusos utilizados num passado recente na Galiza. Este autor utilizou os dados antropológicos por si recolhidos e aplicou-os à realidade arqueológica encontrada. Ainda que possamos por em causa este método de análise comparativo cremos na sua utilidade para uma aproximação funcional a estes objectos.

Descreveremos de seguida os grupos criados por Manuel Rodriguez Calvino e seu significado (Rodriguez Calvino: 2000).

Grupo 1: Peças pesadas, de 37 a 47 grs, que ao se integrarem num fuso de 12 a 15 grs constituem os torcedores ou parafusos.

Grupo 2: Peças de peso mediano, de 21 a 36 grs, e funcionariam com um fuso de 12 a 15 grs e constituiriam um fuso normal ou tradicional.

Grupo 3: Peças de peso entre 15,4 e 20,8 e que é ligeiramente inferior ao necessário. O uso destes cossoiros implica a utilização de um segundo cossoiro de pequeno tamanho – de cerca de 10 grs – ou de um fuso de maior grossura.

Grupo 4: Peças de pequeno peso, de 10 a 14,5 grs, que não funcionariam sozinhas. Estes cossoiros precisavam de um peso extra, que teria que ser, forçosamente, o dobro do seu e que, em nenhum caso, podia ser compensado por um fuso de peso normal ou até ou pouco mais pesado, de 10 a 12 grs. Neste caso temos sempre que pensar em dois cossoiros por fuso.

Grupo 5: Peças de 2,6 a 9,7 grs de reduzido tamanho que funcionariam como meros elementos decorativos ou reduzidos suplementos de peso. Poderiam ser o complemento adequado dos fusos das peças do grupo 3 ou como decoração das do grupo 1.

Seguimos os grupos acima descritos na análise efectuada aos 32 objectos no entanto devido às características próprias do conjunto do Crasto de Palheiros inserimos algumas modificações. Desta forma o grupo 1 possui pesos de 38 a 56 grs; o grupo 2, pesos de 22 a 36 grs; o grupo 3,

pesos de 16 a 20; grupo 4, pesos de 10 a 13 grs e o grupo 5, pesos de 8 e 9 grs. É de notar que os pesos indicados estão relacionados com todos os objectos indicados e não só com os cossoiros.

A avaliação dos pesos dos cossoiros descrita na tabela e gráfico correspondente (estampa LXXII, fig. 2) revelou que os grupos 1, 4 e 5 são os menos numerosos, sendo o grupo 2 é o mais numeroso e é seguido do grupo 3. No grupo 1 há um cossoiro de grande tamanho construído de raiz para tal efeito (estampa XLV, 2), um cossoiro construído a partir de um fragmento de um recipiente (estampa LXI, 2) e um possível cossoiro construído a partir de um fragmento de um recipiente (estampa LXI, 1). cremos que há uma tendência para os cossoiros mais pesados serem realizados a partir de fragmentos cerâmicos tendo em conta que apenas um cossoiro de grande peso foi criado de raiz.

O grupo 2 é o mais numeroso sendo que cinco cossoiros são construídos de raiz – através de moldagem manual e com o objectivo específico de construir cossoiros – (estampas XLV, 3, 7, 9, LI, 6 e LXI, 6), um é um possível cossoiro também construído de raiz (estampa XLI, 17), dois são realizados a partir de fragmentos cerâmicos (estampas XLI, 2 e XLV, 1).

O grupo 3 é também bastante numeroso sendo que cinco cossoiros são construídos de raiz (estampas XLI, 7; XLII, 1; XLV, 5, 8, 10), um cossoiro é realizado a partir de um fragmento cerâmico (estampa XLV, 4) e, por último, um é um possível cossoiro também realizado a partir de um fragmento cerâmico (estampa LXVI, 3).

O grupo 4 tem apenas dois cossoiros, ambos construídos de raiz (estampa XLV, 6) sendo que um é apenas uma possibilidade (estampa XLI, 6).

O grupo 5 tem também dois cossoiros, ainda que estes sejam construídos a partir de fragmentos cerâmicos (estampas XLI, 5 e LXII, 18).

Podemos concluir que não é usual os cossoiros de pequeno tamanho sendo que a maioria dos cossoiros possuem pesos apropriados ou aproximados ao peso requerido para funcionarem sozinhos com o fuso. No entanto ainda foram identificados alguns cossoiros de reduzido tamanho e alguns que constituiriam parafusos ou torcedores.

4.2.4. Pastas utilizadas nos cossoiros

A avaliação do tipo de pastas presente nos cossoiros de Crasto de Palheiros indicou aspectos relevantes da manufactura destes objectos cerâmicos. Se tivermos em conta todos os cossoiros identificados (tipos *a* e *c*) e todos aqueles que cremos serem cossoiros (tipos *b* e *d*) (estampa LXXII, fig. 3) constamos que: 1) cerca de 1/3 utiliza a pasta III (36 %); 2) as pastas I, VII e VIII possuem um valor semelhante – 14, 18 e 14 % respectivamente –; 3) as pastas VI e X possuem um valor

semelhante e o mais baixo de todos os presentes; 4) são utilizadas 6 das 12 pastas que ocorrem no Crasto de Palheiros e 5) são utilizadas 6 das 8 pastas que ocorrem na ocupação da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros.

Se avaliarmos apenas os cossoiros construídos de raiz para serem cossoiros concluímos que: 1) a pasta mais presente é a III seguida da VII; seguem-se as pastas I e X – que possuem o mesmo valor – e a pasta com menos valor é a VIII; 2) prevalece o uso de pastas pesadas, compactas e de cariz tradicional – quer dizer, mais relacionado com o conjunto cerâmico Pré-histórico.

Se avaliarmos apenas os cossoiros construídos a partir da reutilização de fragmentos cerâmicos concluímos que: 1) existe um igual valor das pastas III, VI e VIII, seguido das pastas I e VII; 2) foram, predominantemente, escolhidas pastas mais leves (VI, VIII e III), mais integradas na Idade do Ferro e com características, no caso da VI e VIII, mais apropriadas a um trabalho pós-cozedura. As pastas VI e VIII esboroam com maior facilidade e são menos compactas que as pastas I ou X.

Concluímos que há uma clara diferença entre as pastas usadas nos cossoiros construídos de raiz e aqueles construídos a partir da reutilização de fragmentos cerâmicos. Há uma tendência para usar pastas mais pesadas nos cossoiros construídos de raiz e usar pastas mais leves nos cossoiros construídos a partir da reutilização de fragmentos cerâmicos. É de notar, que os fragmentos de uma mesma pasta variam e podemos dizer, pela nossa observação empírica, que os cossoiros construídos a partir da reutilização de fragmentos cerâmicos têm uma presença inequívoca de micas – ainda que possa ser uma presença reduzida. Esta presença confere às pastas alguma leveza no entanto os fragmentos podem ser identificados com as pastas III, VI ou VIII.

4.2.5. Decoração presente nos cossoiros

Do conjunto de 22 cossoiros presentes no Crasto de Palheiros e correspondentes às categorias morfológicas *a*, *b*, *c*, e *d* – descritas no ponto 4.0. Introdução –, 4 apresentam decoração. Os quatro cossoiros decorados correspondem a objectos construídos de origem para este propósito – categoria morfológica *a*. São objectos manufacturados através de moldagem manual e a sua decoração utiliza a técnica da incisão – com dois tipos de instrumentos utilizados – e da estampilhagem única, com três carimbos ou instrumentos de impressão diferentes.

Um dos cossoiros decorados presentes na PIL, com o contexto S8, c.1b (CP-98-1994, estampa LI, 6) possui uma decoração na face superior – mais visível – composta por linhas incisais, realizadas por um instrumento de ponta fina mas arredondada, dispostas radialmente. Esta

decoração é aplicada numa zona restrita do cossoiro, correspondente ao topo do tronco de cone superior. A área decorada poderia ser maior pois a vista de cima permite a visualização de outras áreas – correspondentes à curvatura do tronco de cone – que não se encontram decoradas (estampa LI, 6). Notamos um claro enquadramento das linhas incisas na morfologia do cossoiro.

O outro cossoiro presente na PIL, com o contexto X15, Lx. 43 (Estampa XLII, 1) possui uma decoração realizada através da estampilhagem ou impressão de um motivo único que é o desenho de uma elipse irregular ou um “ovo”, aproximadamente. Este cossoiro é esférico e a decoração encontra-se aplicada em toda a metade superior. A decoração foi pensada de origem para metade do cossoiro pois foi desenhada uma linha – através da impressão do motivo – que limita a decoração na sua parte inferior (ver com atenção a vista lateral do cossoiro – estampa XLII, 1). Esta linha de delimitação foi desenhada com o motivo deitado (o ovo ou elipse encontra-se na horizontal). Após o seu desenho o motivo foi aplicado de um modo ordeiro – em determinada zona do cossoiro (ver vista superior do cossoiro – estampa XLII, 1) – e de um modo caótico na restante área decorativa. Colocamos a hipótese de que a decoração começou por ser aplicada de um modo ordeiro e acabou por ser concluída de um modo caótico. As razões desta escolha podem estar relacionadas com falta de tempo ou com facto de o/a artesão não ter gostado do desenho mais ordenado. Ao contrário do outro cossoiro presente na PIL, a decoração deste não faz corpo com a morfologia pois este cossoiro possui uma forma muito simples, é esférico. Neste caso existe uma ideia decorativa – que é a de que os cossoiros são decorados na sua parte superior – e que é aplicada a uma forma que poderia ser decorada de modo muito diferente³⁵.

Um dos cossoiros decorados presentes na PIN, com o contexto correspondente ao incêndio da U. Hab. 9 – 33/40, Lx. 16 (CP-02-7163, estampa XLV, 6) possui uma decoração aplicada em cerca de 2/3 da superfície do objecto. A decoração foi realizada através da estampilhagem ou impressão de um motivo único – um pequeno círculo – disposto em filas paralelas entre si e de adição vertical. A decoração é simples mas foi aplicada com cuidado – de um modo ordenado – e apesar de ocupar cerca de 2/3 da superfície do objecto cremos que a ideia principal é a decoração da zona superior ou superfície visível superior (tal como pode ser observado na vista superior do cossoiro – estampa XLV, 6). O motivo desta decoração é semelhante à do cossoiro descrito anteriormente no entanto a forma como foi aplicado é muito diferente. Assim estes cossoiros distinguem-se com facilidade.

³⁵ Existem cossoiros na Galiza de forma esférica que são decorados na totalidade da sua superfície através da aplicação de gomos em alto relevo (NAVEIRO, J. & SENEN, F. 1987).

O outro cossoiro decorado presente na PIN (CP-02-7165, estampas XLV, 3), com o contexto Q. 28/33, Lx. 38 possui a decoração mais complexa de todos os cossoiros decorados. Na decoração foram utilizadas duas técnicas – incisão e estampilhagem – e dois motivos – traços incisos radiais e concavidades circulares – que compõem uma configuração (totalidade do conjunto decorativo). Esta configuração é composta da seguinte maneira: na superfície superior do cossoiro foram incisas quatro linhas radiais que dividiram o espaço em quatro segmentos sub triangulares e dentro destes segmentos encontramos – na sua zona central – um concavidade circular.

Creemos que as decorações dos cossoiros são unidades básicas decorativas que reflectem o gosto da comunidade pois os cossoiros são objectos completos e acabados. Os cossoiros permitem – tal como os objectos metálicos completos – uma compreensão da gramática decorativa das comunidades da idade do Ferro do Crasto de Palheiros. Assim chegamos às seguintes conclusões:

- 1) O objecto – neste caso o cossoiro – é pensado como um todo,
- 2) A decoração é aplicada tendo em conta a morfologia do objecto,
- 3) A decoração é aplicada, preferencialmente, na zona superior e visível do cossoiro,
- 4) Existe uma preferência por motivos radiais, que realçam a morfologia do objecto,
- 5) Na globalidade, as decorações são simples quer na técnica aplicada quer na estética.

4.2.6. Visão global dos cossoiros: seus contextos e funcionalidade

4.2.6.1. Ocupação de 900/800 a 600/500 AC

Na Plataforma Exterior Norte foi identificado um cossoiro – CP-02-7157, estampa XLV, 5 – relativo à ocupação conotada com a Idade do Bronze, do período compreendido de 900/800 a 600/500 AC. Este cossoiro pertence ao quadrado 29/39, Lx. 28.1 (vala 1 do TEN), foi construído de raiz em pasta III, possui uma forma complexa – tipo h, é um troncocónico duplo de troncos de cones desiguais –, pertence à categoria de peso 3, tendo funcionado com um fuso pesado ou em conjunto com outro cossoiro – e o tipo de perfuração – tipo 2 – indica um fuso fuselado ou com pedúnculo cónico.

4.2.6.2. Ocupação de 600/500 a 300/200 AC

4.2.6.2.1. PIL – Plataforma Inferior Leste

Na Plataforma Inferior Leste foram identificados 3 cossoiros (estampas XLI, 6 e 7 e LI, 6) relativos à ocupação da Idade do Ferro do período compreendido de 600/500 a 300/200 AC. Os cossoiros identificados são de contextos distintos sendo que um (CP-98-1994, estampa LI, 6) não possui relação com os restantes e os outros dois (ambos sem número de inventário mas presentes nas estampas XLI, 6 e 7) podem ou não possuir uma relação entre si.

O cossoiro CP-98-1994 (estampa LI, 6) pertence ao quadrado S8, camada 1b; foi construído de origem em pasta III, possui uma forma complexa – é um troncocónico duplo de troncos de cones desiguais – e funcionava sozinho com o fuso pois pertence à categoria de peso 2. O tipo de perfuração – tipo 1 – indica um fuso simples cilíndrico ou um fuso ligeiramente cónico com pedúnculo cilíndrico.

Os outros dois cossoiros pertencem ambos à Área Habitacional Diversificada 6, sendo que um pertence ao quadrado Y16, Lx. 55 (estampa XLI, 7) e o outro pertence ao quadrado Y15, Lx. 45 (estampa XLI, 6). O cossoiro com o contexto Y16, Lx. 55 foi construído de origem em pasta III, possui uma forma simples – é um discóide largo –, pertence à categoria 3 de peso e tipo de perfuração 1. O cossoiro com o contexto Y15, Lx. 45 foi também construído de origem em pasta X, possui uma forma simples – é esférico –, pertence à categoria 4 de peso e tipo de perfuração 2.

Estes cossoiros podem ter funcionado separadamente com fusos diferentes no entanto devido à sua proximidade contextual, quer nos quadrados quer na relação entre os complexos (Lxs.) colocamos a hipótese de terem funcionados juntos. Ambos os cossoiros possuem um peso inferior àquele necessário para funcionarem sozinhos e por isso podem ter-se completado. Colocamos também a hipótese de o fuso ser fuselado e de o cossoiro das estampas XLI, 7 ter sido empregue em primeiro lugar – tendo em conta a sua perfuração cilíndrica – e de o cossoiro das estampas XLI, 6 ter sido empregue por último tendo em conta que possui uma perfuração cónica não completa. A forma deste cossoiro pode indicar uma utilização dos cossoiros na parte superior do fuso pois este segurava-se melhor. cremos no entanto, que uma boa aplicação do cossoiro das estampas XLI, 6 permitiria uma utilização na parte inferior do fuso, sendo esta a mais usual no Crasto de Palheiros.

4.2.6.2.2. TEL – Talude Exterior Leste

No Talude Exterior Leste foi identificado um cossoiro com o número de inventário CP-02-7171 (estampa LXI, 6) relativo à ocupação da Idade do Ferro do período compreendido de 600/500 a 300/200 AC.

O cossoiro CP-02-7171 (estampa LXI, 6) pertence ao quadrado D'15, Lx. 133; foi construído de origem em pasta III, possui uma forma simples – tipo b, é um discóide largo de paredes arredondadas – e funcionava sozinho com o fuso pois pertence à categoria de peso 2. O tipo de perfuração – tipo 2 – indica um fuso fuselado ou um fuso com pedúnculo cónico.

Este é o único cossoiro identificado nesta zona e portanto concluímos que existia pelo menos um fuso na Plataforma Exterior Leste.

4.2.6.2.3. PIN – Plataforma Inferior Norte

Na Plataforma Inferior Norte foram identificados um possível cossoiro – CP-03-15257 – e um cossoiro – CP-03-15249 – relativos à ocupação da Idade do Ferro do período compreendido de 600/500 a 300/200 AC.

O possível cossoiro CP-03-15257 (estampa XLI, 17) pertence ao quadrado 41/42, Lx. 79; foi construído de origem em pasta I, possui uma forma simples – tipo f, de forma cilíndrica – e funcionava sozinho com o fuso pois pertence à categoria de peso 2. O tipo de perfuração – tipo 2 – e o tamanho desta, tendo em conta a forma do cossoiro, indica um fuso fuselado prolongado, quase cilíndrico. Este objecto é algo disforme revelando uma manufactura descuidada quer em relação à forma quer à qualidade do acabamento da superfície.

O cossoiro CP-03-15249 (estampa XLV, 7) pertence ao quadrado 42/43, Lx. 95; foi construído de origem em pasta III, possui uma forma simples – tipo b, é um discóide largo – funcionava sozinho com o fuso pois pertence à categoria de peso 2 e o tipo de perfuração (tipo 1) indica um fuso simples cilíndrico ou um fuso cónico de pedúnculo cilíndrico.

Estes dois cossoiros provêm de quadrados muito próximos, que constituem a Unidade Habitacional 14 – bem como os seus contextos – e são tidos como pertencentes à mesma U. Hab. A análise dos contextos relativos a estes dois cossoiros indicia que o cossoiro CP-03-15257 poderá ser mais antigo que o cossoiro CP-03-15249. Colocamos a hipótese de o cossoiro CP-03-15257 estar mais relacionado com o início da ocupação – 600/500 AC e de o cossoiro CP-03-15249 estar mais relacionado com uma fase mais tardia, de 400 a 300 AC. cremos, no entanto que ambos pertencem

à mesma U. Hab. e que poderão, eventualmente, – numa segunda hipótese interpretativa – terem funcionado ao mesmo tempo.

4.2.6.3. Ocupação de 300/200 AC a 80 DC

4.2.6.3.1. PIL – Plataforma Inferior Leste

Na Plataforma Inferior Leste foi identificado um cossoiro (estampa XLII, 1) relativo à ocupação da Idade do Ferro do período compreendido de 300/200 AC a 80 DC. Este cossoiro pertence ao quadrado X15, Lx. 43, foi construído de origem em pasta X, possui uma forma simples – é um esférico –, pertence à categoria de peso 3 e possui uma perfuração de tipo 2. É um cossoiro que poderia funcionar sozinho em conjunto com um fuso de peso superior a 15 grs (segundo Rodriguez Calvino: 2000) e esse fuso seria simples fuselado ou ligeiramente cónico e com pedúnculo também cónico.

Colocamos duas hipóteses interpretativas relacionadas com o uso e funcionalidade deste cossoiro e alicerçadas na sua morfologia – tanto da forma em geral como do tipo e dimensão da perfuração – e também da presença de decoração. A primeira hipótese aponta um uso conjunto deste cossoiro com outro de forma discóide em que este cossoiro (estampa XLII, 1) é colocado – na parte inferior do fuso – em primeiro lugar seguido de um cossoiro discóide com perfuração de tipo 1 cilíndrica e de pequena dimensão. Este cossoiro possui um peso mediano sendo que pode ser utilizado com outro de pequena grossura e talvez até de pequena dimensão (que se traduz na dimensão do diâmetro).

A segunda hipótese aponta para um uso solitário em que o fuso teria que ser um pouco mais pesado e onde o cossoiro apenas acrescentava um pouco mais de peso e estabilidade. A pasta utilizada e a presença de decoração apontam para uma manufactura que pretendia criar um cossoiro pesado (pois utilizaram pasta X) e que se utilizaria sozinho (pois encontra-se decorado). cremos que a presença de decoração é um sinal de que o cossoiro era utilizado sozinho pois somos de opinião que *os objectos eram pensados como um todo decorativo e portanto um objecto decorado teria que fazer corpo com outro objecto, dificultando a sua gramática decorativa.*

4.2.6.3.2. TEL – Talude Exterior Leste

No Talude Exterior Leste foram identificados 2 cossoiros e 2 possíveis cossoiros relativos à ocupação da Idade do Ferro do período compreendido de 300/200 AC a 80 DC e ao momento do incêndio propriamente dito. Após o incêndio a plataforma habitacional do Talude Exterior Leste

não tornou a ser habitada pois foi encerrada daí que todos os objectos encontrados são relativos à ocupação anterior ao momento do incêndio. Descrevermos os objectos daquele que pensamos ser o mais antigo para aquele mais moderno.

O possível cossoiro com vários números de inventário relativos aos vários fragmentos que o compõem – CP-02-1249, 1253, 1265, 1268 e 1274 – (estampa LXI, 1) pertence ao quadrado F'16, Lx. 128; foi construído a partir da reutilização de um fragmento cerâmico da parte da pança de um recipiente, sendo que se nota uma ligeira curvatura. A pasta utilizada foi a VI, mais apropriada para a desbastagem após a cozedura, possui uma forma simples – tipo a, é um discóide plano –, funcionava sozinho com o fuso pois pertence à categoria de peso 1 e constituiria um torcedor ou parafuso (Rodríguez Calvino: 2000). Neste objecto não conseguimos distinguir o tipo de perfuração porque esta se encontra muito deteriorada. Colocamos a hipótese de que este é um objecto inacabado que nunca chegou a ser utilizado pois a construção da perfuração levou a uma fractura precoce do objecto. A irregularidade da forma, o acabamento regular apenas em parte do perímetro e o indício de perfuração indicam o objectivo de se construir um cossoiro mas o rompimento precoce do mesmo.

O contexto deste possível cossoiro – Lx. 128 – aponta para uma cronologia tardia dentro do período cronológico em análise. Cremos que este possível cossoiro esteja compreendido entre o século I AC e a ocorrência do incêndio.

O cossoiro CP-00-529 (estampa LXI, 2) pertence ao quadrado E'15, Lx. 122 e foi construído a partir da reutilização de um fragmento cerâmico da parte da pança (bastante rectilínea) de um recipiente. A pasta utilizada foi a VIII, também apropriada à desbastagem após a cozedura – tal como a pasta VI. Este cossoiro possui uma forma simples – tipo a, é um discóide plano –, funcionava sozinho com o fuso pois pertence à categoria de peso 1 e constituiria um torcedor ou parafuso (Rodríguez Calvino: 2000). O tipo de perfuração é o 2 sendo que o fuso seria fuselado ou teria um pedúnculo cónico.

O contexto deste cossoiro – Lx. 122 – aponta para uma cronologia tardia dentro do período cronológico em análise. Cremos que este cossoiro esteja relacionado com o momento do incêndio ou imediatamente anterior ao incêndio, sendo que apontamos a sua cronologia para o século I DC.

O cossoiro CP-99-3910 (estampa LXII, 18) pertence à área dos quadrados D'15/16, do estrato de superfície e foi, também, construído a partir da reutilização de um fragmento cerâmico de um recipiente. A sua reduzida dimensão não nos permite afirmar de que zona do recipiente foi construído o cossoiro. A pasta utilizada foi a VI e o cossoiro possui uma forma simples, tipo a. É

um cossoiro muito leve – grupo de peso 5 – que exigiria a utilização de um mais cossoiros juntamente com ele. O seu tipo de perfuração é cilíndrico – tipo 1 – sendo que supomos que o fuso seja cilíndrico ou possua um pedúnculo cilíndrico.

O contexto do cossoiro CP-99-3910 (estampa LXII, 18) aponta para uma cronologia muito tardia dentro do período cronológico em análise. Cremos que este cossoiro está relacionado com a ocorrência do incêndio sendo, pelo menos, datável desse momento, cerca de 80 DC.

Por último, foi identificado um possível cossoiro – CP-02-1556 (estampa LXVI, 3) – que pertence ao quadrado J15, Lx. 142 e que foi, também, construído a partir da reutilização de um fragmento cerâmico da parte da pança de um recipiente. A pasta utilizada foi a I apesar desta pasta não ser a mais utilizada. Este objecto revela algum acabamento no perímetro e o começo de uma perfuração que terá partido o objecto ao meio. Estes dois factores indicam a intenção de construir um cossoiro. O peso estimado deste objecto completo levaria ao agrupamento 3 indicando uma utilização conjunta com outro cossoiro ou com um fuso ligeiramente mais pesado (RODRIGUEZ CALVINO, M: 2000).

O contexto deste possível cossoiro indica uma cronologia tardia dentro do período em análise pois o Lx. 142 corresponde a um estrato de terras queimadas resultantes do incêndio ocorrido no século I DC. O estrato correspondente a este complexo – Lx. 142 – diz respeito a terras queimadas removidas da plataforma habitacional do talude exterior leste aquando do seu encerramento.

4.2.6.3.3. PIN – Plataforma Inferior Norte

Na Plataforma Inferior Norte, área 1, foram identificados 2 cossoiros e na área 2 foram identificados 3 cossoiros, todos relativos à ocupação da Idade do Ferro do período compreendido de 300/200 AC a 80 DC.

O cossoiro CP-02-7165 (estampa XLV, 3) pertence ao quadrado 28/33, Lx. 38 (área1); foi construído de origem em pasta VIII, possui uma forma simples – tipo c, é um discóide largo de paredes rectas –, pertence à categoria de peso 2 e possui uma perfuração de tipo 2. Funcionou sozinho com um fuso fuselado ou de forma cónica com um pedúnculo cónico. A presença de decoração – sendo este um dos poucos exemplares decorados –, a uniformidade da forma, o esmerado tratamento de superfície e a boa qualidade geral revela um grande cuidado na manufactura deste objecto.

O cossoiro CP-02-7167 (estampa XLV, 8) pertence ao quadrado 28/32, Lx. 38 (área1); foi construído de origem em pasta VII, possui uma forma complexa – tipo g, é um troncocónico duplo

de troncos de cones iguais – pertence à categoria de peso 3 e possui uma perfuração de tipo 2. Este cossoiro funcionou em conjunto com outro cossoiro ou com um fuso mais pesado, devido ao seu baixo peso e o tipo de perfuração indica um fuso fuselado (mais leve) ou um fuso cónico com pedúnculo cónico (mais pesado).

O contexto dos cossoiros CP-02-7165 (estampa XLV, 3) e CP-02-7167 (estampa XLV, 8) indica uma cronologia antiga dentro do período em análise (300/200 AC a 80 DC) sendo que apontamos o período de 300 a 200 AC para a utilização destes objectos.

O cossoiro CP-02-7163 (estampa XLV, 6) pertence à U. Hab. 9, quadrado 33/40, Lx. 16 (área 2) sendo que o seu contexto corresponde ao incêndio desta unidade habitacional datado de cerca de 80 DC. Este cossoiro foi construído de raiz em pasta VII, possui uma forma simples – tipo b –, pertence à categoria de peso 4 e o tipo de perfuração é o 2. Este cossoiro é muito leve e mesmo com um fuso mais pesado não teria funcionado sozinho. Possui um bom acabamento, decoração e reduzidas dimensões que indicam um objecto com uma funcionalidade mais decorativa dentro da realidade dos cossoiros e fusos do Crasto de Palheiros. O tipo de perfuração indica um fuso fuselado ou um fuso cónico com pedúnculo também cónico.

O cossoiro CP-03-15250 (estampa XLI, 2) pertence ao quadrado 37/39, Lx. 105 (área 2) sendo que o seu contexto indica uma cronologia tardia dentro do período em análise, apontando para o século I DC. Este cossoiro foi construído a partir da reutilização de um fragmento cerâmico de pasta III, a sua forma é simples – tipo a –, pertence à categoria de peso 2 – tendo funcionado sozinho e o tipo de perfuração é o 3, estando de acordo com o tipo de manufactura deste objecto. É um objecto que se apresenta inacabado pois o seu perímetro não está tratado – uniformizado – sendo que colocamos a hipótese de ele se ter quebrado durante a sua manufactura (provavelmente aquando da realização da perfuração).

Por último, o cossoiro CP-03-10021 (estampa XLV, 2) pertence à U. Hab. 14, quadrado 42/43, Lx. 3 (área 2) sendo que o seu contexto indica uma cronologia tardia dentro do período em análise, apontando para o século I DC. Este cossoiro foi construído de raiz em pasta VII, possui uma forma complexa – tipo i, cónico com base côncava – pertence à categoria de peso 1, constituindo um parafuso ou torcedor e o tipo de perfuração – 2 – indica um fuso fuselado ou um fuso cónico com pedúnculo cónico.

4.2.6.4. Ocupação de 80 DC a meados do séc. II DC

4.2.6.4.1. PIL – Plataforma Inferior Leste

Na Plataforma Inferior Leste foi identificado um cossoiro (estampa XLI, 5) relativo à ocupação compreendida de 80 DC a meados do séc. II DC. Este cossoiro pertence ao quadrado S13, camada 0, foi construído a partir da reutilização de um fragmento cerâmico de pasta VIII – provavelmente proveniente de um fundo de um recipiente ou de uma pança muito rectilínea. Possui uma forma muito simples – é um discóide plano de espessura fina –, pertence à categoria de peso 5 e o tipo de perfuração é o 3. Este cossoiro nunca poderia funcionar sozinho pois é demasiado leve e o tipo de perfuração é consistente com a sua técnica de manufactura e com um fuso simples cilíndrico.

4.2.6.4.2. PIN – Plataforma Inferior Norte

Na Plataforma Inferior Norte foi identificado um cossoiro – CP-02-7158, estampa XLI, 1 – relativo à ocupação compreendida de 80 DC a meados do séc. II DC. Este cossoiro pertence à área 1, quadrado 28/31, Lx. 41; foi construído a partir da reutilização de um fragmento cerâmico de pasta VII, provavelmente proveniente de uma pança arredondada pois o cossoiro possui curvatura. Este cossoiro possui uma forma simples – tipo a –, pertence à categoria de peso 2, tendo funcionado sozinho e o tipo de perfuração – 2 – indica um fuso fuselado ou um fuso cónico com pedúnculo cónico.

4.2.6.5. Cossoiros descontextualizados

Foram encontrados 3 cossoiros descontextualizados, todos relativos à área norte – PIN área 2 e TEN –, relativos à camada superficial ou a revolvimentos relacionados com a abertura do estradão de acesso ao sítio.

O cossoiro CP-03-14611 (estampa XLV, 4) pertence ao quadrado 36/44, Lx. 1 – camada superficial no TEN. Foi construído a partir da reutilização de um fragmento cerâmico de pasta III, possui uma forma simples – tipo a –, pertence à categorias de peso 3, funcionando com outro cossoiro ou com um fuso mais pesado e o tipo de perfuração – 4 – indica que o furo foi mal conseguido pois está desnivelado.

O cossoiro CP-03-10045 (estampa XLV, 9) pertence ao quadrado 41/44, Lx. 3 que corresponde aqui a uma camada de grande acumulação de terras junto à U. Hab. 14. Este cossoiro

foi construído de raiz em pasta I, possui uma forma complexa – tipo e, é um esférico com características do discóide largo –, pertence à categoria de peso 2 – tendo funcionado sozinho com o fuso – e possui uma perfuração – tipo 2 – que indica um fuso fuselado ou com pedúnculo cónico.

O cossoiro CP-02-7166 (estampa XLV, 10) pertence à área 2, quadrado 39/38, Lx. 10 sendo que este Lx. corresponde aqui aos revolvimentos produzidos pelo alargamento do estradão. Este cossoiro foi construído de raiz em pasta III, possui uma forma simples – tipo e, é um esférico –, pertence à categoria de peso 3 – tendo funcionado em conjunto com outro cossoiro ou com um fuso mais pesado – e possui uma perfuração – tipo 1 – que indica um fuso cilíndrico ou com pedúnculo cilíndrico.

4.2.6.6. Resumo da evolução cronológica das formas

O conjunto de cossoiros do Crasto de Palheiros permite avançar com hipóteses interpretativas relacionadas com a evolução formal ao longo a ocupação da Idade do Bronze e Ferro. Estas hipóteses podem ser colocadas porque o conjunto de cossoiros apresenta uma grande variedade formal e quase todos os objectos se encontram integrados em contextos inseridos numa estratigrafia bem compreendida e datada por inúmeras datas de C14.

A análise dos cossoiros revelou o seguinte:

1) As formas construídas de raiz são as mais antigas, sendo que a reutilização de fragmentos cerâmicos para a manufactura de cossoiros começa por volta do século I AC, sendo que 4 dos 5 cossoiros dizem respeito ao momento do incêndio ou imediatamente anterior a este (integrados no período de 300/200 AC a 80 DC).

2) A forma mais antiga é o troncocónico duplo de troncos de cones desiguais, existindo um exemplar na ocupação da Idade do Bronze Final, na área norte e um na Idade do Ferro – entre 600/500 a 300/200 AC – na área leste. O cossoiro relacionado com a Idade do Ferro (CP-98-1994) aponta para uma cronologia antiga dentro do período em questão, entre 600/400 AC.

3) A forma de troncocónico duplo de troncos de cones iguais – que acreditamos ser uma evolução daquele de troncos de cones desiguais – ocorre no período compreendido entre 300/200 AC e 80 DC, estando relacionado com uma fase antiga dentro do período em questão, ou seja, 300/200 AC.

4) Podemos então concluir que: *a)* a forma de troncocónico duplo ocorre entre 900/800 a 300/200 AC, revelando: uma longa utilização; *b)* dá-se um abandono desta forma bem antes do

final da ocupação do sítio e *c*) a utilização deste tipo é considerada reduzida e em conjunto com outras formas – pelo menos no período compreendido entre 600/500 a 300/200 AC.

5) O período de maior variedade formal é aquele compreendido entre 300/200 AC a 80 DC, com 6 tipos de formas.

6) A forma construída mais utilizada é o discóide largo – tipo *b* – durante o período compreendido entre 600/500 a 80 DC. Cremos que esta forma é a preferida em termos de tradição cultural ou técnica, ainda que não seja (aparentemente) a mais antiga.

7) A forma *c* – discóide largo de paredes semiverticais – pode ser uma evolução da forma *b*, discóide largo de paredes arredondadas. Este último ocorre apenas no período compreendido entre 300/200 AC a 80 DC estando mais relacionado com os séculos III e II AC.

8) As formas *f* – forma cilíndrica relacionada com o período 600/500 a 300/200 AC – e *i* – forma cónica com base côncava relacionada com o período 300/200 AC a 80 DC – aparecem isoladas e sem relação formal com as formas existentes. Cremos que estas formas não reflectem a tradição local devido ao seu isolamento.

9) Os cossoiros (construídos de raiz) parecem evoluir de formas menos homogéneas, menos pensadas para formas mais uniformizadas – é o caso da evolução dos discóides largos arredondados para os discóides largos de paredes semiverticais e os troncocónicos duplos de troncos de cones desiguais para troncos de cones iguais.

10) As decorações são aplicadas em cossoiros de várias formas, não existindo preferência por determinado tipo de forma.

11) Os cossoiros decorados ocorrem durante o período compreendido entre 600/500 a 80 DC, sendo que dos 4 decorados 3 pertencem ao período de 300/200 AC a 80 DC. Podemos assim concluir que o período de 300/200 AC a 80 DC é o mais rico a nível formal e aquele que apresenta maior número de decorações.

12) Os últimos cossoiros a ser utilizados – que dizem respeito à ocupação posterior ao incêndio – são manufacturados a partir da reutilização de fragmentos cerâmicos. Cremos que a reutilização de fragmentos cerâmicos revela contactos com outras populações de diferentes usos.

4.2.6.7. Considerações sobre a tecelagem nas ocupações da Idade do Bronze e Ferro do Crasto de Palheiros

O estudo das fusaiolas cerâmicas do Crasto de Palheiros revela uma utilização continuada e permanente deste tipo de objectos indicando que a fiação é uma das actividades comuns da comunidade.

A ocupação da Idade do Bronze (900/800 a 500/500 AC) é representada apenas por um cossoiro, localizado na PEN e que funcionava sozinho. Deste modo nesta ocupação foi identificado um fuso de forma fuselada ou com pedúnculo cónico.

A ocupação da Idade do Ferro correspondente à fase III-1 (600/500 a 300/200 AC) é representada por 6 cossoiros distribuídos pela PIL, TEL e PIN. Os 6 cossoiros identificados correspondem, provavelmente, a 4 fusos, distribuídos da seguinte forma: 1 fuso na PIL relacionado com a Área Diversificada 6 e de forma fuselada; 1 fuso no TEL relacionado claramente com um contexto de ocupação e de forma fuselada ou de pedúnculo cónico e 2 fusos na PIN ambos relacionados com a U. Hab. 14. Os cossoiros da PIN 2.1 (U. Hab. 4) pertencem a contextos distintos e apontam, formalmente, para fusos distintos.

Na PIL foram identificados 3 cossoiros no entanto dois funcionavam em conjunto e um não se encontra integrado numa unidade habitacional e portanto pode estar descontextualizado dentro da própria fase de ocupação.

É visível uma distribuição desigual dos cossoiros que indica área de uso dentro das zonas habitacionais. Cada zona habitacional apresenta pelo menos um cossoiro mas quando uma zona habitacional – PIL, TEL e PIN – é representada por vários cossoiros, estes estão integrados no mesmo contexto ou unidade habitacional. *Creemos que determinadas unidades habitacionais tinham como actividade a fiação e que esta não era estendível a todas as unidades habitacionais.*

A ocupação da Idade do Ferro correspondente à fase III-2 (300/200 AC e 80 DC) é representada por 10 cossoiros distribuídos pela PIL, TEL e PIN (zonas 1 e 2). Os 10 cossoiros identificados correspondem, provavelmente, a 6 fusos, distribuídos da seguinte forma: 1 fuso na PIL, 2 fusos no TEL, 1 fuso na PIN – zona 1 e 2 fusos na PIN – zona 2.

O cossoiro encontrado na PIL encontra-se integrado no Lx. 43, relacionado com a Área Diversificada 6. Este cossoiro é relativamente leve e teve que ser usado num fuso um pouco mais pesado do que o usual (se usado de forma isolada) ou foi usado em conjunto com outro cossoiro. É de notar que este cossoiro ocorre na mesma unidade habitacional em que ocorriam os cossoiros da fase anterior sendo que é evidente a perpetuação desta actividade na mesma unidade habitacional – A. Div. 6 – durante toda a ocupação da Idade do Ferro. Podemos dizer que na PIL a actividade têxtil está directamente relacionada com a Área Diversificada 6.

No TEL foram identificados 4 cossoiros relativos à fase III-2 sendo que todos eles integram contextos distintos. Dos 4 cossoiros 2 integram camadas de ocupação e os outros 2 integram contextos menos seguros – um encontra-se totalmente descontextualizado, na camada de superfície,

e o outro encontra-se num estrato de deposição de terras, compreendido como uma lixeira da Idade do Ferro sendo que o consideramos fora do seu contexto de uso. Em teoria apenas os cossoiros integrados na camada de ocupação devem definir o número e tipo de fusos presentes no entanto os cossoiros integram tipos formais diferentes que indicam fusos também diferentes. Os dois cossoiros integrados nos Lxs. 122 e 128 – camada de ocupação – identificam um único torcedor ou parafuso. Quer dizer que ambos os cossoiros na camada de ocupação pertenceram a um torcedor sendo que podemos concluir que seria o mesmo fuso. Os restantes cossoiros – descontextualizados – pertenceram a fusos normais e exigiriam a utilização dos cossoiros, em conjunto com outros. Podemos então concluir que nesta zona do TEL foi possível identificar 2 fusos de características diferentes, um torcedor ou parafuso de forma fuselada ou de pedúnculo cónico e um fuso normal de tipo cilíndrico ou com um pedúnculo cilíndrico.

Na PIN – zona 1 – foram identificados 2 cossoiros distintos sendo que um pode funcionar sozinho e o outro não pode funcionar sozinho, ambos a funcionarem em fusos normais e não torcedores. cremos que o cossoiro que podia funcionar sozinho, funcionou de facto sozinho, pois possuía uma decoração extensa e por possuir uma determinada estética seria mais difícil a sua conjugação com outro. O cossoiro mais leve (referido e descrito em pormenor no ponto respectivo) exige a sua conjugação com outro cossoiro para que fosse possível a fiação. cremos evidente a presença de pelo menos um fuso na zona 1 que se caracterizava por uma forma fuselada ou com pedúnculo cónico que seria utilizado conjuntamente com o cossoiro decorado. Se fosse necessário a este conjunto podia ser adicionado mais um cossoiro sendo constituído, dessa forma, um torcedor. É também possível a existência de dois fusos com uma utilização simultânea, já que ambos os cossoiros pertencem ao mesmo contexto.

Na PIN – zona 2 – foram identificados 3 cossoiros em 3 contextos distintos. Nesta zona habitacional podemos afirmar a existência de um fuso na U. Hab. 9 e um torcedor na U. Hab. 14. O terceiro cossoiro encontra-se integrado no Lx. 105 sendo que não pode ser identificado a uma única unidade habitacional. Deste modo o cossoiro presente no Lx. 105 é considerado descontextualizado dentro da fase em questão. *Podemos observar uma relação entre a fiação e a U. Hab. 14 durante toda a ocupação da Idade do Ferro sendo que nesta fase III-2, dá-se um incremento de mais uma unidade habitacional onde esta actividade ocorria.*

A última fase de ocupação (de 80 a 120 DC) encontra-se muito mal caracterizada e não podemos afirmar a presença desta actividade. No entanto foram identificados 2 cossoiros, um na PIL e outro na PIN – zona 1, ambos em camadas superficiais.

Em resumo podemos dizer que a actividade têxtil encontra-se em todas as zonas do povoado ainda que restringida a determinadas unidades habitacionais. Durante a Idade do Bronze e a primeira parte da ocupação da Idade do Ferro (até cerca de 300 AC) foram identificados cossoiros na PEN, PIL (área diversificada 6), no TEL e Na PIN 2 (U. Hab. 14). O conjunto cerâmico que caracteriza a fase III-2 revela uma maior distribuição desta actividade sendo que se mantém na área diversificada 6 (PIL), no TEL e na U. Hab. 14 (PIN 2). Surge de novo na PIN, zona 1 e na U. Hab. 9 (PIN 2). Gostaríamos de ressaltar que os conjuntos cerâmicos da fase II – Idade do Bronze – e III-1 – Idade do Ferro – caracterizam-se por um número de fragmentos muito reduzido se comparado com aquele da fase III-2. Deste modo a fase III-2 é a melhor caracterizada revelando uma actividade têxtil permanente, distribuída por todas as zonas do povoado e presente em várias unidades habitacionais de uma mesma zona (por exemplo na PIN, zona 2). *De qualquer forma cremos que a actividade têxtil não se encontrava estendida a todas as unidades habitacionais sendo que existia uma especialização em determinadas unidades habitacionais, como a área diversificada 6 e a U. Hab. 14.*

4.2.7. Conclusões gerais

O texto aqui apresentado reflecte uma análise cuidada e cruzada de vários parâmetros de avaliação atrás descritos, tais como tipo de pasta, forma e perfuração, grupos de diâmetro e peso. Partimos do princípio de que a totalidade do conjunto de cossoiros presente no Crasto de Palheiros – independentemente dos contextos individuais de cada cossoiro – reflecte uma tradição cultural das comunidades da Idade do Ferro desta região. Este texto resume o conhecimento adquirido na análise da totalidade do conjunto, excluindo a cronologia. Quer dizer, as conclusões apresentadas revelam opções e acções levadas a cabo durante cerca de 900 anos de ocupação.

Os parâmetros foram cruzados em tabelas dinâmicas (estampa LXXIV) e a sua análise permitiu conclusões de vários tipos.

Um cossoiro pode ser construído visando a concretização de várias características, sejam elas mais estéticas ou mais funcionais. No entanto, cremos que a construção dos cossoiros era orientada para servir um propósito, que era o funcionamento correcto do fuso. Para tal, é necessário que o cossoiro possua determinado peso ou que um conjunto de cossoiros possua determinado peso. Assim, orientamos a nossa pesquisa – através das tabelas dinâmicas – para a compreensão da conjugação dos vários elementos no solucionamento do peso dos cossoiros pretendido (pelo artesão ou comunidade).

a) Um maior diâmetro dos cossoiros leva a um maior peso, o que faz pressupor que quando se quer obter um cossoiro mais pesado poder-se-ia, num primeiro passo, aumentar simplesmente o diâmetro. Esta norma aplica-se a diâmetros superiores a 4 cm.

b) Um diâmetro reduzido em cossoiros não é sinónimo de cossoiros de baixo peso. Os grupos de diâmetro mais baixo – 1 e 2 – integram cossoiros que funcionaram sozinhos – grupo de peso 2 – ou cossoiros muito leves, grupos de peso 5.

c) Os cossoiros mais leves possuem formas mais simples – a) discóide achatado; b) discóide largo e d) esférico – o que faz pressupor que formas mais complexas podem tornar o cossoiro mais pesado e se se constrói um cossoiro com uma forma simples e diâmetro pequeno é porque se quer obter um cossoiro leve.

d) Aparentemente, qualquer forma parece servir para construir um cossoiro pesado, desde que se conjugue de forma correcta: o diâmetro, a forma e a espessura – um discóide largo mais alto, um esférico maior, um troncocónico duplo alto. Assim, podemos concluir que não há uma relação intrínseca entre forma e peso.

e) A solução para o peso pretendido parece estar na conjugação da forma, com a dimensão e pasta cerâmica. Quando se pretende um cossoiro pesado alia-se uma pasta pesada (I e III) com uma forma bojuda, que seja alta, ainda que o diâmetro possa ser pequeno.

f1) Os cossoiros do Crasto de Palheiros possuem, preferencialmente, diâmetros pequenos, o que exige que as peças sejam mais altas para ser possível terem o peso pretendido.

f2) Quando o diâmetro é pequeno (grupo 1 e 2) há uma preferência por pastas pesadas (pastas I e III) e pelas formas *f*, *e*, *d* (cilíndrico, esférico ou esférico com características de discóide largo). Se os cossoiros forem construídos com outra forma o peso irá diminuir – formas *a*, *b*, *h*, discóide plano e largo e troncocónico duplo.

g) As pastas VI e VIII vão ser sempre utilizadas em cossoiros de forma *a* – discóide plano – pois resultam da reutilização de fragmentos cerâmicos. Neste caso será o diâmetro a marcar o peso do cossoiro, se o diâmetro for pequeno o cossoiro é leve, se for grande o cossoiro é pesado.

h) A pasta X, que é considerada uma das mais pesadas, afasta-se da regra de que as pastas pesadas são usadas para construir cossoiros pesados. De facto, a pasta X vai ser utilizada em cossoiros de diâmetro pequeno – grupo 1 –, leves – grupos 3 e 4 – e com forma *d*, esféricos. Tal pode dever-se ao facto de que a pasta X é apenas utilizada esporadicamente durante as ocupações da Idade do Bronze e Ferro, sendo que as suas qualidades poderiam não ser bem conhecidas ou aceites.

i) As pastas III e VII são as que possuem maior variedade de formas, mas é a VII a que possui maior variedade de pesos. Cremos que as pastas que não são nem muito pesadas nem muito

leves – que é o caso da VII – exigem maior conjugação dos parâmetros para a concretização dos cossoiros desejados. Por exemplo, a construção de um cossoiro com um diâmetro médio – grupo 4 –, com uma forma apropriada – tipo *i*, cónica – e uma pasta mediana – VII – resultou num cossoiro muito pesado, constituindo um torcedor.

j) O fuso só pode ser intuído – em contextos arqueológicos – pelo tipo de perfuração e no caso do Crasto de Palheiros, parece não existir uma relação entre o tipo de perfuração e o peso ou forma. Cremos que os cossoiros eram construídos para determinado fuso, com um determinado peso e funcionalidade, no entanto a forma, pasta ou tamanho servia apenas o propósito do peso adequado.

Sabemos que as conclusões apresentadas são hipóteses interpretativas passíveis de serem modificadas no futuro, se novas investigações assim o indicarem. No entanto, cremos que as hipóteses apresentadas revelam com alguma clareza, o que hoje podemos intuir, da construção do conjunto material da Idade do Bronze e Ferro – mas sobretudo da Idade do Ferro – do Crasto de Palheiros.

4.3. Outros objectos cerâmicos

4.3.0. Introdução

Neste capítulo serão analisados os objectos de categoria *e*, *f*, *g*, e *h* nomeados no ponto introdutório 4.0. Estas categorias dizem respeito às fichas ou cossoiros inacabados (*e*), a possíveis pesos de tear (*f*), a um fragmento de um objecto de grandes dimensões (*g*) e a um fragmento cerâmico disforme com uma concavidade de forma cónica (*h*).

A metodologia aplicada à análise destes objectos foi a mesma que a utilizada na análise dos cossoiros, explicada no ponto 4.1. Estes objectos estão também integrados na mesma tipologia de forma, dimensão e peso dos cossoiros.

As características destes objectos – ausência de homogeneidade formal e incerteza da sua funcionalidade – levam a uma análise contextual e individual omitindo uma análise global e estatística que revela-se tradições culturais. Quer dizer, no caso destes objectos – e ao contrário dos cossoiros – não serão realizados quadros/gráficos sobre a forma, dimensão e peso, ainda que esses elementos sejam tidos em conta na análise contextual pormenorizada.

4.3.1. Ocupação de 900/800 a 600/500 AC

4.3.1.1. PIN – Plataforma Inferior Norte

Na Plataforma Inferior Norte foram identificados 3 objectos relativos à ocupação conotada com a Idade do Bronze, do período compreendido de 900/800 a 600/500 AC. Dos 3 objectos, 2 são fichas (CP-03-12070 e CP-03-10716) e 1 é um possível peso de tear (CP-03-10724, estampa XL, 2).

A ficha CP-03-12070 (estampa XXXVI, 3) pertence ao quadrado 38/40, Lx. 99; foi construída a partir da reutilização de um fragmento cerâmico de pasta I, possui uma forma simples, é discóide plana, pertence à categoria de peso 4 e possui 30 mm de diâmetro. É uma ficha muito pequena e leve com acabamento completo e diâmetro perto do uniforme. Este objecto poderia ter sido concebido para ser um cossoiro mas que cremos estar concluído e constituir um objecto de um outro tipo.

O fragmento de ficha CP-03-10716 (estampa XLI, 8) pertence ao quadrado 35/39, Lx. 77. Este objecto foi construído a partir da reutilização de um fragmento cerâmico de pasta I, possui uma forma semelhante ao objecto descrito anteriormente, pertence à categoria de peso 3 e não foi possível medir o seu diâmetro porque se encontra fragmentado.

O possível peso de tear, CP-03-10724 (estampa XL, 2) pertence ao quadrado 35/39, Lx. 77, foi construído a partir da reutilização de um fragmento cerâmico de pasta IV, possui uma forma sub-rectangular com acabamento deficiente no seu perímetro. Pertence à categoria de peso 2 sendo que o consideramos pesado e colocamos a hipótese de este objecto não estar completo (encontrando-se fragmentado) sendo que poderia ser ainda maior e mais pesado.

Os contextos destes objectos (Lx. 77 e 99) não foram datados por C14, no entanto a sua análise estratigráfica e a relação entre os objectos presentes em cada estrato aponta para uma ocupação da Idade do Bronze Final ou Ferro Inicial. Cremos que estes objectos possam estar compreendidos entre 700-500 AC.

4.3.2. Ocupação de 600/500 a 300/200 AC

Na ocupação compreendida entre 600/500 a 300/200 AC não foi ainda identificado nenhum objecto deste tipo no Crasto de Palheiros.

4.3.3. Ocupação de 300/200 AC a 80 DC

4.3.3.1. PIL – Plataforma Inferior Leste

Na Plataforma Inferior Leste foram identificados dois objectos (um possível peso de tear e uma ficha) correspondentes ao período compreendido entre 300/200 AC a 80 DC.

O possível peso de tear – CP-97-1147 (estampa LII, 4) – pertence ao quadrado S14, c. 1a, foi construído a partir de um fragmento cerâmico de pasta VIII, possui uma forma simples – discóide plana –, pertence à categoria de peso 5, sendo muito leve e encontra-se, aparentemente, concluído. O reduzido tamanho e peso deste objecto leva-nos a colocar a hipótese de que ele não era, de facto, um peso de tear – que exigia um peso superior para cumprir a sua função – no entanto, cremos que tenha funcionado com um objecto pendente do qual não sabemos a sua função ao certo.

A ficha – CP-99-3515 (estampa LVII, 2) pertence ao Lx. 43, foi construída a partir de um fragmento cerâmico de pasta III, possui uma forma simples – discóide plana, ainda que a sua forma seja ovalada –, pertence à categoria de peso 1, sendo muito pesado e encontra-se, aparentemente, concluído. Este objecto apresenta algum acabamento no seu perímetro, onde podemos observar arestas arredondadas e não apresenta nenhum sinal de um orifício central (como aqueles apresentados nos cossoiros realizados a partir de fragmentos cerâmicos). Cremos que este objecto se encontra concluído, que não foi construído para ser um cossoiro, no entanto não sabemos qual a sua funcionalidade.

4.3.3.2. TEL – Talude Exterior Leste

No Talude Exterior Leste foram identificados dois objectos (fichas) correspondentes à ocupação de 300/200 AC a 80 DC.

A ficha CP-00-509 (estampa LXI, 3) pertence ao quadrado G'16, Lx. 128, foi construída a partir de um fragmento cerâmico de pasta VIII, possui uma forma simples – é circular plana – mas executada com grande perfeição. O objecto revela uma grande regularidade no perímetro, apresentando as arestas arredondadas. Pertence à categoria de peso 2, sendo considerado pesado e encontra-se fragmentado. Esta ficha não apresenta nenhum sinal de um orifício central tal como o objecto anterior, no entanto pode ter sido construído para funcionar como cossoiro. Cremos, de facto, que este objecto foi construído para funcionar como cossoiro pois revela um bom acabamento

e grande regularidade na forma, sendo que esta regularidade é mais visível quando estamos perante um cossoiro.

O contexto deste objecto – Lx. 128 – aponta para uma cronologia tardia dentro do período em análise correspondendo ao período entre o séc. I AC e o momento do incêndio.

A ficha CP-02-3195 (estampa LXVI, 4) pertence ao quadrado J'16, Lx. 142, foi construída a partir de um fragmento cerâmico de pasta I, possui uma forma simples – é discóide plana – e pertence à categoria de peso 4 sendo considerada leve. O objecto apresenta alguma regularidade no perímetro, sendo que algumas das arestas estão arredondadas no entanto a forma é irregular. O objecto possui uma forma irregular, entre a forma circular e ovalada e não apresenta nenhum sinal de orifício central. Se este objecto foi concebido para ser um cossoiro podemos dizer que nunca se chegou à fase da construção do orifício. Cremos que este objecto se encontra concluído devido à sua morfologia irregular e ao acabamento das suas superfícies.

O contexto deste objecto – Lx. 142 – aponta para uma cronologia muito tardia dentro do período em análise correspondendo ao momento do incêndio.

4.3.4. Ocupação de 80 DC a meados do séc. II DC

4.3.4.1. PIN – Plataforma Inferior Norte

Na Plataforma Inferior Norte foi identificado um objecto que pode corresponder à ocupação de 80 DC a meados do séc. II DC. O fragmento de um objecto – CP-03-6082 (estampa XLIII, 10) pertence ao quadrado 38/40, Lx. 3. Este contexto diz respeito aos estratos correspondentes à ocupação posterior ao incêndio das U. Habs 9 a 12, sendo que este quadrado em particular se encontra na área de influência da U. Hab. 10. Apesar do Lx. 3 corresponder à camada humosa, cremos, que neste caso em particular, podemos relacionar este objecto com a última ocupação do Crasto de Palheiros.

Este objecto foi construído de raiz em pasta IX – sendo que podemos considerar que a argila foi usada sem passar por um tratamento exaustivo – e pertence à categoria de peso 1, sendo considerado muito pesado. Não sabemos que tipo de objecto era pois encontra-se fragmentado, mas cremos que – devido à má qualidade da pasta e à sua morfologia – estará relacionado com a estrutura construtiva das cabanas, nomeadamente o revestimento das paredes.

4.3.5. Objectos descontextualizados

4.3.5.1. PIN – Plataforma Inferior Norte

Na Plataforma Inferior Norte foram identificados dois fragmentos de objectos que se encontram descontextualizados. O fragmento de ficha CP-03-3821 (estampa XL, 16) pertence ao quadrado 42/46, Lx. 3. Este objecto foi construído a partir de um fragmento cerâmico de pasta VII, pertence à categoria de peso 4, no entanto cremos que este objecto possuía uma dimensão muito superior à actual sendo que teria também um peso superior. O contexto deste objecto – Lx. 3 – diz respeito à camada humosa com muitos revolvimentos e presente numa zona de declive de terreno onde se podem encontrar muitos fragmentos provenientes de outras zonas do povoado.

O fragmento disforme com uma concavidade central – CP-03-13012 (estampa XL, 7) – pertence ao quadrado 42/45, Lx. 75. Este objecto corresponde a um fragmento cerâmico, de forma irregular, pasta IX e apresenta uma concavidade. Não sabemos se este objecto foi construído de raiz e possuía uma forma que desconhecemos ou se foi construído a partir da reutilização de um fragmento, para a construção, por exemplo, de um cossoiro.

O desgaste apresentado pelas paredes da concavidade podem ser o resultado de. 1) uma construção da concavidade após a cozedura da cerâmica e 2) de uma utilização intensiva através de um objecto que aqui se apoiava e rodava permanentemente. Ambas as hipóteses são viáveis no entanto cremos que a segunda hipótese esteja mais próxima da utilização que este objecto teve. Quer dizer, que para nós o desgaste apresentado é fruto de uma utilização intensiva, independentemente da forma como a concavidade foi construída.

4.3.6. Resumo conclusivo sobre os objectos cerâmicos

A análise dos objectos cerâmicos presentes no Crasto de Palheiros (excluindo os cossoiros pois esses já foram analisados separadamente) permitiu algumas conclusões acerca da sua existência e utilização neste povoado.

De seguida enumeramos as conclusões de modo a que seja mais simples a sua leitura:

a) As fichas e possíveis pesos de tear, em análise, são construídos, na sua totalidade, a partir da reutilização de fragmentos cerâmicos provenientes de recipientes quebrados.

b) A presença de fichas e pesos de tear ocorre desde a ocupação conotada com o Bronze Final compreendida entre 900/800 a 600/500 AC, ainda que os contextos destes objectos não

tenham sido datados por C14, como já foi referido. Cremos que estes objectos estão certamente relacionados com a Idade do Bronze Final ou Ferro Inicial, estando compreendidos entre 700-500 AC.

c) Na ocupação conotada com o Bronze Final não foram, ainda, identificados cossoiros construídos através da reutilização de fragmentos cerâmicos. No entanto foram identificadas fichas e possíveis pesos de tear que indicam que esta técnica construtiva era utilizada mas somente para determinados objectos.

d) Foram utilizadas 7 das 13 pastas presentes no Crasto de Palheiros, com predomínio da pasta I. Foram também construídos objectos em pasta IV e IX revelando pouco cuidado na sua manufactura devido às características destas pastas.

e) Predomínio de pastas pesadas, opacas e compactas (I, III, VII) e quase ausência de pastas mais leves e modernas como a VI e VIII. Estes objectos parecem indicar mais arcaísmo no uso das pastas que os cossoiros.

f) Cremos que a maioria das fichas identificadas constituem objectos autónomos (em relação com os cossoiros) ainda que não saibamos qual ou quais a sua utilidade.

5. Artefactos cerâmicos do Crasto de Palheiros

5.1. Artefactos cerâmicos presentes em alguns contextos Calcolíticos

5.1.1. Área Norte

5.1.1.0 Introdução aos contextos estudados

A análise do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros englobou inúmeros contextos da ocupação calcolítica. A análise destes contextos teve como objectivo uma melhor percepção do conjunto cerâmico na totalidade e uma melhor compreensão das diferenças entre os conjuntos cerâmicos das várias ocupações presentes neste povoado. No entanto apenas são apresentados aqui os contextos relacionados com a ocupação Calcolítica que possuam uma das seguintes características: 1) presença de bordos ou bases da Idade do Ferro e 2) presença de fragmentos decorados que não se integrem nas decorações da Pré-História local ou que se integrem nas decorações de ocupações posteriores (Idade do Bronze e Idade do Ferro).

Os contextos analisados pertencem, exclusivamente, à área norte, tanto à Plataforma Inferior Norte como ao Talude Externo Norte, sendo que serão analisados em conjunto. Na área norte não foram realizadas somas de contextos que totalizassem o conjunto da fase em estudo. Deste modo, as diversas fases, na área norte, são descritas, exclusivamente, com base na análise individual dos contextos.

Os contextos analisados são: Lxs. 114, 78, 54 e 71.1 na Plataforma Inferior Norte – PIN – e Lxs. 20.9, 20.12, 20.13, 101, 66, 100 e 104 no Talude Externo Norte – TEN.

5.1.1.1. Análise Técnica

Os contextos acima indicados e relacionados com a ocupação calcolítica integram 1872 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 174 bordos no total; 2) 12 bordos conotados com a Idade do Bronze/Ferro); 3) 10 bases; 4) 450 fragmentos decorados dos quais 43 estão conotados com a Idade do Bronze/Ferro e 16 recipientes conotados com a Idade do Bronze/Ferro.

a) Tipos de Pastas

A análise das pastas dos contextos escolhidos da fase I foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: Lx. 114 (est. CDLXX), Lx. 78 (est. CDLXXI), Lx. 54 (est.

CDLXXII), Lx. 71.1 (est. CDLXXIII), Lx. 20.9 (est. CDLXXIV), Lx. 20.12 (est. CDLXXV), Lx. 20.13 (est. CDLXXVI), Lx. 101 (est. CDLXXVII), Lx. 66 (est. CDLXXVIII), Lx. 100 (est. CDLXXIX) e Lx. 104 (est. CDLXXX). A análise de pastas realizada tem em conta 6 factores: 1) hierarquia de pastas na totalidade dos fragmentos; 2) hierarquia de pastas nos recipientes; 3) presença de fragmentos de pasta VI e sua importância; 4) presença de fragmentos de pasta VIII e sua importância, 5) presença de fragmentos de pasta II e sua importância e 6) n.º total de pastas presente em cada contexto estudado.

Apresentaremos de seguida os resultados obtidos para os restantes contextos estudados.

1) Na hierarquia de pastas na totalidade dos fragmentos.

- Os contextos analisados e integrados na fase I, na área norte, revelam algumas discrepâncias e semelhanças entre si, a saber.
- Os Lxs. 114 e 54 revelam a mesma hierarquia de pastas onde a pasta predominante é a X (21 e 47 %, respectivamente), seguida da III (20 e 19 %) e VII (16 e 19 %).
- Os Lxs. 78 e 71.1 revelam a mesma hierarquia de pastas onde a pasta predominante é a X (31 e 32 %, respectivamente), seguida da III (19 e 32 %) e I (15 e 12 %).
- Os Lxs. 20.12 e 101 revelam a mesma hierarquia de pastas onde a pasta predominante é a X (49 e 39 %, respectivamente), seguida da IV (25 e 17 %) e IX (10 e 15 %) aos quais se pode juntar o Lx. 20.13 com a hierarquia X/IX/IV com a presença de 48, 27 e 14 %, respectivamente.
- Os Lxs. 100 e 104 revelam a mesma hierarquia de pastas onde a pasta predominante é a X (29 % em ambos os contextos), seguida da XII (15 e 28 %, respectivamente) e IV (15 e 20 %).
- Os Lxs. 20.9 e 66 são os mais discrepantes de todos pois não possuem uma hierarquia concordante com a de mais algum contexto e a pasta predominante em ambos não é a X, como ocorre em todos os contextos já descritos. No Lx. 20.9 a hierarquia é a VIII/X/IV/IX, com uma presença de 40 % de pasta VIII e 20 % das restantes e no Lx. 66, a pasta predominante é a III (47 %), seguida da X (24 %) e IV (12 %).
- Como já foi referido *em quase todos os contextos a pasta X é maioritária*, com uma presença de 21 a 49 %, sendo que os contextos se organizam da seguinte forma, por ordem crescente: Lx. 114 (21 %), Lx. 100, Lx. 104, Lx. 78, Lx. 71.1, Lx. 101, Lx. 54, Lx. 20.13 e Lx. 20.12 (49 %). Podemos observar que a presença de pasta X no Lx. 20.9 não se encontra dentro deste intervalo mas que a presença da mesma no Lx. 66 já pode ser integrada neste intervalo de valores.
- *No global é evidente a importância das pastas X, III, IV, IX e XII que pensamos ser o conjunto de referência de pastas mais utilizadas durante a fase I.*

- Cremos que os Lxs. 20.12, 20.13 e 101 são aqueles que melhor caracterizam a ocupação calcolítica sendo que nestes contextos é evidente a importância das pastas X, IV e IX. Os restantes contextos não são tão seguros a nível estratigráfico algo que se revela nas diversas quantidades e tipos de pastas presentes. Quer dizer, que as pastas III, VIII e XII podem revelar uma mistura com contextos da Idade do Bronze/Ferro visíveis nos Lxs. 114, 54, 78, 71.1, 66 e 20.9.
- É de notar que alguns contextos revelam uma presença muito reduzida de fragmentos, como o Lx. 20.9 (5 fragmentos), Lx. 66 (17 fragmentos), Lx. 78 (26 fragmentos) e Lx. 71.1 (34 fragmentos), estando todos integrados nos contextos mais discrepantes. Esta maior discrepância em relação às características gerais da fase pode dever-se à importância estatística exacerbada de determinadas pastas.

2) Na hierarquia de pastas dos recipientes.

Os contextos analisados e integrados na fase I, na área norte, revelam dados interessantes relativos às pastas dos seus recipientes, a saber:

- Os Lxs. 71.1, 20.9 e 66 não possuem fragmentos de bordo ou base, sendo que só são representados por fragmentos sem forma. Estes contextos revelam um número reduzido de fragmentos que pode contribuir para a ausência de recipientes.
- Os Lxs. 78, 20.12, 20.13 e 104 apenas apresentam recipientes conotados com a ocupação calcolítica sendo que nos Lxs. 78, 20.12 e 20.13 as hierarquias de pastas da totalidade dos fragmentos são concordantes com a hierarquia dos recipientes. No Lx. 104 vemos uma discrepância entre a hierarquia dos fragmentos e a dos recipientes sendo que a dos recipientes é mais tipicamente, calcolítica pois apresenta como dominantes as pastas X, IV e III, relativizando a importância da pasta XII.
- Os Lxs. 114, 54, 101 e 100 revelam a presença de recipientes da Idade do Bronze/Ferro sendo que os recipientes são realizados em pastas I, III, IV, X e XII. Podemos observar a importância das pastas I e XII na ocupação da Idade do Bronze/Ferro e a utilização de pastas comuns a ambas ocupações, III, IV e X.
- Podemos concluir que a análise das pastas dos recipientes revela o seguinte.
 - a) Afirma os Lxs. 20.12 e 20.13 como aqueles que melhor caracterizam a ocupação calcolítica sendo que o Lx. 78 também revela alguma importância (pois tem um nível de mistura baixo) apesar do número reduzido de fragmentos;

- b) Os contextos com um número reduzido de fragmentos apresentam dados inúteis e que não possibilitam nenhum tipo de conclusões acerca dos conjuntos cerâmicos;
- c) A utilização de pastas, tipicamente, calcólicas nas ocupações da Idade do Bronze ou Ferro;
- d) Uma boa concordância entre as hierarquias obtidas na totalidade dos fragmentos e na dos recipientes.

3) Na presença de fragmentos de pasta VI distinguem-se os Lxs. 78 e 100 onde esta pasta se encontra presente estando ausente nos restantes contextos. No Lx. 78 tem uma presença de 4 % e no Lx. 100 de 8 %.

4) Na presença de fragmentos de pasta VIII distinguem-se os Lxs. 78, 54, 20.9 e 100 onde esta pasta se encontra presente estando ausente nos restantes contextos. Nos Lxs. 78 e 54 a pasta VIII tem uma presença de 4 %, no Lx. 100 de 6 % e no Lx. 20.9 de 40 %.

5) A pasta II encontra-se ausente em todos os contextos estudados da fase I.

6) N.º de pastas por contexto.

O mínimo de pastas identificadas num contexto integrado nesta fase foi de 4 e o máximo foram 10. Ordenando os contextos daquele com o menor número de pastas para o maior, obtemos a seguinte hierarquia: Lx. 20.9, 71.1, 66, 114, 20.13, 101, 78, 54, 20.12 e 100. As discrepâncias apresentadas podem estar relacionadas quer com os seguintes factores: 1) quantidade de fragmentos de cada contexto; 2) mistura dos contextos com alguns fragmentos da Idade do Bronze e Ferro e/ou 3) riqueza/pobreza artefactual de cada contexto. Neste caso, cremos que os Lxs. 20.9, 71.1 e 66 devem as suas características ao número reduzido de fragmentos; os Lxs. 114 e 20.13 parecem revelar uma presença significativa de fragmentos de cada pasta revelando coerência; os Lxs. 101, 78, 54 e 20.12 revelam alguma mistura que se reflecte na presença pouco significativa de determinados tipos de pasta e o Lx. 100 revela uma presença significativa de fragmentos em todas as pastas apresentadas sendo aquele considerado como o mais rico a nível artefactual.

Em resumo a análise de pastas permitiu as seguintes conclusões.

- Os contextos 71.1, 20.9 e 66 possuem um número muito reduzido de fragmentos sendo que não são estatisticamente comparáveis aos restantes contextos de modo a integrarem a caracterização do conjunto cerâmico da fase I.
- Os Lxs. 78, 20.12, 20.13, 101 e 104 são os que melhor caracterizam o conjunto cerâmico da fase I integrando 1118 fragmentos (cerca de 60 % da totalidade do conjunto estudado). Nestes contextos é evidente a importância das pastas X, IV, IX e III, quer na totalidade dos fragmentos quer nos

recipientes. Os Lxs. 78 e 101 revelam alguma mistura com fragmentos cerâmicos de ocupações posteriores.

– Os Lxs. 114, 54 e 100 revelam características que apontam para um nível de mistura bastante elevado sendo que a grande diversidade de pastas encontrada nestes contextos é fruto do revolvimento ocupacional.

– Por último, o Lx. 100 é o contexto que apresenta maior número de características que o aproximam da ocupação da Idade do Bronze e/ou Ferro sendo que cremos ser um contexto calcolítico fortemente revolido pelas ocupações posteriores.

b) Análise da mistura dos contextos através das pastas dos recipientes e seus fragmentos

A análise da mistura dos contextos escolhidos da fase I foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: Lx. 114 (est. CDLXX), Lx. 78 (est. CDLXXI), Lx. 54 (est. CDLXXII), Lx. 71.1 (est. CDLXXIII), Lx. 20.9 (est. CDLXXIV), Lx. 20.12 (est. CDLXXV), Lx. 20.13 (est. CDLXXVI), Lx. 101 (est. CDLXXVII), Lx. 66 (est. CDLXXVIII), Lx. 100 (est. CDLXXIX) e Lx. 104 (est. CDLXXX). A análise da mistura dos contextos é baseada na avaliação de 3 factores principais: 1) presença em % de bordos calcolíticos na totalidade de bordos/recipientes de um dado contexto; 2) presença em % de bordos da Idade do Ferro na totalidade de bordos/recipientes de um dado contexto e 3) presença em % de fragmentos de pastas IV, IX, X e XI.

Apresentaremos de seguida os resultados obtidos na análise dos contextos indicados:

b1) os Lxs. 71.1, 20.9 e 66 apresentam uma ausência de recipientes sendo que a avaliação da mistura dos contextos através dos recipientes fica impossibilitada.

b2) o Lx. 54 apresenta a presença mais baixa de recipientes calcolíticos e os Lxs. 20.12, 20.13 e 104 apresentam apenas recipientes calcolíticos. Deste modo e organizando os contextos por ordem decrescente de % de bordos calcolíticos temos os seguintes resultados: Lxs. 20.12, 20.13 e 104 (100 %), Lx. 114 (96 %), Lx. 101 (95 %) e Lx. 54 (30 %). À excepção do Lx. 54 todos os contextos apresentam uma presença avassaladora de recipientes calcolíticos.

b3) organizando os contextos por ordem decrescente de % de fragmentos de pastas IV, IX, X e XI temos os seguintes resultados: Lx. 20.13 (91 %), 20.12 (85 %), 101 (71 %), 104 (67 %), 20.9 (60 %), 54, 71.1 (53 %), 114, 100 (51 %), 78 (46 %) e 66 (41 %).

b4) É de notar que os contextos com ausência total de recipientes (Lxs. 71.1, 20.9 e 66) apresentam das presenças mais baixas de fragmentos cerâmicos tipicamente calcolíticos o que pressupõe uma certa mistura dos conjuntos cerâmicos.

b5) Os Lxs. 20.12, 20.13, 104, 101 e 114 são os melhor preservados e os que apresentam menor mistura com conjuntos cerâmicos de ocupações posteriores.

b6) Os Lxs. 78, 54 e 100 são aqueles que apresentam maior mistura com conjuntos cerâmicos de ocupações posteriores.

c) Estado de conservação dos fragmentos = Estado de conservação do estrato

A análise do estado de conservação dos fragmentos e estado de conservação dos estratos dos contextos escolhidos da fase I foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: Lx. 114 (est. CDLXX), Lx. 78 (est. CDLXXI), Lx. 54 (est. CDLXXII), Lx. 71.1 (est. CDLXXIII), Lx. 20.9 (est. CDLXXIV), Lx. 20.12 (est. CDLXXV), Lx. 20.13 (est. CDLXXVI), Lx. 101 (est. CDLXXVII), Lx. 66 (est. CDLXXVIII), Lx. 100 (est. CDLXXIX) e Lx. 104 (est. CDLXXX). A análise do estado de conservação dos fragmentos e estado de conservação do estratos dos contextos foi realizada com na avaliação de 4 factores principais, a saber: 1) avaliação das pastas com maior presença de fragmentos de maior dimensão (e menor dimensão) por contexto; 2) avaliação das pastas com maior presença de fragmentos de arestas vivas (e arestas roladas) por contexto; 3) presença em % de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria de dimensão 3 e 4) conjugação dos resultados obtidos nos pontos de análise 1, 2 e 3 para a obtenção das pastas melhor e pior preservadas por contexto.

c1) A pasta I encontra-se presente em quase todos os contexto analisados, à excepção dos Lxs. 20.9 e 20.13 sendo que apresenta em todos os contextos uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

c2) A pasta III encontra-se presente em quase todos os contexto analisados, à excepção do Lx. 20.9, sendo que: 1) nos Lxs. 114 e 71.1 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas; 2) no Lx. 78 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões e 3) nos Lxs. 54 e 20.13 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas.

c3) A pasta IV encontra-se presente em todos os contextos analisados (11 complexos) sendo que: 1) nos Lxs. 114, 101, 66 e 104 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas; 2) nos Lxs. 78, 71.1 e 20.13 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões; 3) nos Lxs. 20.9, 20.12 e 100

apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas e 4) no Lx. 54 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

c4) A pasta VI encontra-se presente em dois dos onze contextos analisados sendo que: no Lx. 100 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas e no Lx. 78 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões.

c5) A pasta VII encontra-se presente em nove dos onze contextos analisados sendo que: 1) nos Lxs. 114, 54, 101 e 66 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas e 2) nos Lxs. 78, 71.1, 20.12, 20.13 e 100 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

c6) A pasta VIII encontra-se presente em quatro dos onze contextos analisados sendo que: 1) nos Lxs. 78 e 20.9 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões; 2) no Lx. 100 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas e 3) no Lx. 54 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

c7) A pasta IX encontra-se presente em nove dos onze contextos analisados sendo que: 1) nos Lxs. 20.9, 20.12, 20.13, 101 e 66 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas e 2) nos Lxs. 114, 54, 100 e 104 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

c8) A pasta X encontra-se presente em todos os contextos analisados sendo que: 1) no Lx. 114 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas; 2) nos Lxs. 20.9, 20.13 e 66 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões; 3) nos Lxs. 78, 54, 71.1 e 104 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas e 4) nos Lxs. 20.12, 101 e 100 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

c9) A pasta XI encontra-se presente em oito dos onze contextos analisados sendo que: 1) no Lx. 20.13 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas; 2) nos Lxs. 71.1, 20.12 e 100 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas e 3) nos Lxs. 114, 78, 54 e 104 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

c10) A pasta XII encontra-se presente em cinco dos onze contextos analisados sendo que: 1) no Lx. 101 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas; 2) nos lxs. 20.13 e 104 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas e 3) nos Lxs. 20.12 e 100 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

A análise da conservação dos fragmentos nos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões:

- As pastas IV, VI e VIII encontram-se, genericamente, bem preservadas, pois possuem uma maioria de fragmentos com uma boa conservação das arestas e uma boa dimensão. A pasta IV possui em 4 dos 11 contextos onde ocorre uma maioria de fragmentos de arestas vivas e de dimensões iguais ou superiores à categoria de dimensão 3 e em três dos 11 contextos onde ocorre uma maioria de fragmentos de arestas roladas mas de boas dimensões. Os fragmentos de pasta VI nos dois contextos onde ocorrem possuem arestas vivas e num deles boas dimensões. Por último, a pasta VIII possui em 2 dos 4 contextos onde ocorre uma maioria de fragmentos de arestas vivas e de dimensões iguais ou superiores à categoria de dimensão 3 e em 1 dos 4 contextos onde ocorre uma maioria de fragmentos de arestas roladas mas de boas dimensões.
- A pasta I é frágil e de difícil conservação pois quebra e esboroa com facilidade sendo que em todos os contextos analisados apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas. Consideramos esta pasta a pior conservada de todas.
- A pasta VII apresenta uma conservação muito dicotómica. Em 5 dos 9 contextos analisados apresenta fragmentos mal preservados sendo de destacar uma maioria de arestas roladas e pequenas dimensões. Em 4 dos 9 contextos analisados apresenta fragmentos bem preservados com uma maioria de arestas vivas e boas dimensões. Deste modo, não podemos concluir se o estado de conservação dos fragmentos de pasta VII se deve aos contextos onde se encontra ou às características da própria pasta.
- As pastas III, IX, X, XI e XII encontram-se, genericamente, mal conservadas ainda que se encontrem conjuntos de fragmentos destas pastas bem preservados, em determinados contextos. Todas estas pastas possuem uma maioria de fragmentos de arestas roladas sendo que: 1) na pasta III, em 7 dos 10 contextos encontramos arestas roladas e em 6 dos 10 contextos dimensões pequenas; 2) na pasta IX em todos os contextos (9) encontramos arestas roladas e em 4 dos 9 contextos encontramos dimensões pequenas; 3) na pasta X, em 7 dos 11 contextos encontramos arestas roladas e em 6 dos 11 contextos dimensões pequenas; 4) na pasta XI, em 7 dos 8 contextos encontramos arestas roladas e em metade dos contextos dimensões pequenas e 5) na pasta XII em 4

dos 5 contextos encontramos arestas roladas e em 2 dos 5 contextos encontramos dimensões pequenas.

– Podemos ver que todas as pastas se comportam de forma diferente quer em relação umas com as outras quer em relação aos contextos onde ocorrem.

O estado de conservação dos fragmentos define o estado de conservação dos estratos e as características de conservação de cada pasta. Nos pontos acima indicados definimos a tendência de conservação de cada pasta, sendo que, por exemplo, a pasta I conserva-se muito mal e as pastas IV e VI conservam-se bem. De seguida definiremos, a partir do estado de conservação dos fragmentos, o estado de conservação dos estratos:

– O Lx. 114 é o mais bem conservado de todos pois das 7 pastas presentes 4 apresentam uma maioria de fragmentos de arestas vivas e de boas dimensões.

– Os Lxs. 78, 20.9 e 20.12 são os piores preservados pois em nenhum deles alguma pasta possui uma maioria de fragmentos de arestas vivas e de boas dimensões. Destes 3 contextos, o Lx. 20.12 é o pior preservado pois 5 das 8 pastas possuem uma maioria de fragmentos de arestas roladas e pequenas dimensões e o Lx. 78 é o mais revolvido mecanicamente pois 4 das 8 pastas possuem uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas vivas (apontando para um revolvimento mecânico).

– Os Lxs. 100 e 104 encontram-se mal conservados mas pouco revolvidos mecanicamente pois em nenhum dos dois ocorrem fragmentos de pequenas dimensões e arestas vivas. Nestes dois contextos a maioria dos fragmentos possuem arestas roladas e dimensões pequenas, ainda que algumas pastas apresentem fragmentos maiores, como as pastas IV, VIII e XI no Lx. 100 e as pastas X e XII no Lx. 104.

– Os Lxs. 54, 71.1, 20.13, 101 e 66 são de difícil caracterização pois nenhuma tendência de conservação das pastas se destaca de uma forma evidente. No entanto, destes 5 contextos, o Lx. 54 é o pior preservado, o Lx. 20.13 apresenta algum revolvimento mecânico e os restantes Lxs. Não são caracterizáveis.

A análise global do estado de conservação das arestas e dimensão dos fragmentos nos diversos contextos revelou as seguintes características:

– A presença de arestas roladas (em %) encontra-se entre 23 e 65 % sendo que os contextos organizam-se da seguinte forma (por ordem crescente de arestas roladas): Lx. 114 (23 %), Lx. 66 (24 %), Lxs. 78 e 101 (38 %), Lx. 20.9 (40 %), Lxs. 71.1 e 20.13 (41 %), Lx. 20.12 (45 %), Lx. 104 (48 %), Lx. 54 (52 %) e Lx. 100 (65 %).

- A presença de arestas viva (em %) encontra-se entre 19 e 60 % sendo que os contextos organizam-se da seguinte forma (por ordem decrescente de arestas vivas): Lx. 20.9 (60 %), Lx. 66 (47 %), Lx. 101 (40 %), Lx. 114 (38 %), Lx. 20.13 (37 %), Lx. 71.1 e 20.12 (35 %), Lx. 54 (32 %), Lx. 78 (31 %), Lx. 104 (29 %) e Lx. 100 (29 %).
- A presença de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria 3 (em %) encontra-se entre 15,4 e 80 % sendo que os contextos organizam-se da seguinte forma (por ordem decrescente): Lx. 20.9 (80 %), Lx. 100 (47,9 %), Lx. 104 (44,9 %), Lx. 114 (41,5 %), Lx. 66 (41,2 %), Lx. 54 (37 %), Lx. 20.13 (32,4 %), Lx. 101 (28,1 %), Lx. 20.12 (24,2 %), Lx. 71.1 (17,6 %) e Lx. 78 (15,4 %).

Com base nos dados acima referidos concluímos o seguinte.

- Os Lxs. 114, 20.9 e 66 são os melhor conservados (1º grupo) sendo seguidos pelos Lxs. 54, 100 e 104 (2º grupo). Os piores conservados são os Lxs. 101 e 71.1 (3º grupo) sendo seguidos pelos 20.12, 20.13 e 78 (4º grupo). Esta avaliação tem em conta a dimensão dos fragmentos e a conservação das arestas sem o entendimento das acções que lhe deram origem. Deste modo, os melhores conservados são os que apresentam maior percentagem de fragmentos de maiores dimensões (1 e 2º grupo) – de arestas vivas (1º grupo) e arestas roladas (2º grupo). Os piores preservados são os que apresentam maior quantidade de fragmentos de menores dimensões (3 e 4º grupos) – arestas vivas (3º grupo) e arestas roladas (4º grupo).
- Comparando os dados obtidos com aqueles conseguidos na análise de conservação das pastas podemos constatar que os resultados são, genericamente, semelhantes ainda que a análise das pastas seja muito mais pormenorizada e útil no entendimento da conservação do estrato.

d) Tratamentos de superfície

A análise dos tratamentos de superfícies presentes nos fragmentos dos contextos integrados na fase I na área norte foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: Lx. 114 (est. CDLXXXI), Lx. 54 (est. CDLXXXII, Q1), Lx. 71.1 (est. CDLXXXII, Q2), Lx. 20.9 (est. CDLXXXIII, Q1), Lx. 20.12 (est. CDLXXXIII, Q2), Lx. 20.13 (est. CDLXXXIII, Q3), Lx. 101 (est. CDLXXXIV, Q1), Lx. 66 (est. CDLXXXIV, Q2), Lx. 100 (est. CDLXXXV, Q1) e Lx. 104 (est. CDLXXXV, Q2). A análise dos tratamentos de superfície realizada sobre a área norte é baseada em 4 factores: 1) avaliação da hierarquia das conjugações de tratamentos de superfície por contexto, sendo analisadas as 4 primeiras conjugações predominantes; 2) avaliação da hierarquia de tratamentos de superfície externa por contexto, sendo analisados os quatro primeiros predominantes; 3) análise pormenorizada dos tratamentos de superfícies de tipo rugoso, cepilhado, areado e/ou grafitado por contexto e 4) contabilização dos fragmentos de superfícies corroídas, que

não são contabilizadas como tratamento de superfície nem entram na análise estatística realizada e abaixo descrita, no entanto estes fragmentos são contabilizados para integrarem o estudo do estado de conservação dos fragmentos.

A análise dos tratamentos de superfície revelou as seguintes características.

– Dos 11 contextos analisados da fase I na área norte, 8 apresentam apenas os tratamentos de superfície polido e alisado, quer na superfície externa quer interna. Os restantes contextos apresentam cepilhados, espatulados e rugosos sendo que o Lx. 20.12 apresenta, apenas, 0,69 % de espatulados internos, o Lx. 66 apresenta 24 % de cepilhados e rugosos (12 % em cada) externos e 6 % de espatulados internos e o Lx. 100 apresenta 1 % de cepilhados externos e 5 % de rugosos externos.

– Nas superfícies externas encontramos uma maioria de polidos em quase todos os contextos sendo a exceção o Lx. 20.12. A presença de polidos externos encontra-se entre 40 e 89 %, Lx. 20.12 e Lx. 104 respectivamente. Ordenando os contextos por ordem crescente de polidos externos temos a seguinte hierarquia: Lx. 20.12 (40 %), Lx. 66 (47 %), Lx. 114 (49 %), Lx. 71.1 (59 %), Lx. 20.13 (62 %), Lx. 78 (69 %), Lx. 100 (73 %), Lxs. 54 e 101 (74 %), Lx. 20.9 (80 %) e Lx. 104 (89 %).

– Observamos que em quase todos os contextos, à exceção do Lx. 114, o tratamento de superfície externo dominante é concordante com as conjugações de superfície dominantes ainda que existam particularidades em cada contexto estudado. Na maioria dos contextos a conjugação predominante é a Pol/Pol (*de 32 % no Lx. 71.1 a 72 % no Lx. 104*), a segunda conjugação mais presente é a Pol/Alí (*em 6 contextos, de 10 % no Lx. 101 e 40 % no Lx. 20.9*) seguida de perto da Alí/Alí (*em 4 contextos, de 13 % no Lx. 20.13 a 34 % no Lx. 114*).

– Os contextos foram agrupados por semelhanças presentes nas hierarquias de conjugações de cor sendo que foram obtidos os seguintes resultados:

a) Os Lxs. 78, 54, 71.1, 20.13, 101, 66, 100 e 104 apresentam como primeira conjugação dominante a Pol/Pol.

b) Os Lxs. 54, 71.1 e 104 concordam nas quatro primeiras conjugações sendo a hierarquia a seguinte: Pol/Pol – Pol/Alí – Alí/Pol – Alí/Alí.

c) O Lx. 100 concorda com os Lxs. 54, 71.1 e 104 nas 3 primeiras conjugações sendo que a sua quarta é a Rug/Pol.

d) O Lx. 101 concorda com os Lxs. 54, 71.1, 100 e 104 nas duas primeiras conjugações, sendo que as suas duas últimas são (por ordem) a Alí/Alí e Alí/Pol.

e) Os Lxs. 78, 20.13 e 66 concordam com os Lxs. 54, 71.1, 100, 101 e 104 apenas na primeira conjugação sendo que os consideramos discrepantes e desse modo não são integrados no 1º grupo constituído, então, pelos Lxs. 54, 71.1, 100, 101 e 104.

f) Os Lxs. 20.13 e 78 são semelhantes sendo que constituem um, pequeno, 2º grupo.

g) Os Lxs. 114 e 20.12 são semelhantes sendo que constituem um, pequeno, 3º grupo, onde a conjugação predominante é a Ali/Ali seguida da Pol/Pol.

h) Os Lxs. 20.9 e 66 são os mais discrepantes sendo que não foram integrados em nenhum grupo.

i) É de notar que os Lxs. 66 e 100 são os únicos que apresentam tratamentos de superfície externa rugosos e cepilhados.

Antes de resumirmos os dados obtidos gostaríamos de dizer que os dados relativos à fase I na área norte e todas as conclusões obtidas não são o resultado da análise de uma soma de todos os contextos mas sim são o resultado de uma análise ponderada dos resultados individuais de todos os contextos. Deste modo, obtivemos as seguintes premissas.

– Os Lxs. 114, 20.12 e 66 são semelhantes na baixa presença, geral, de polidos externos e de uma maior presença de alisados externos. O Lx. 66 destaca-se pela presença de rugosos e cepilhados externos e espatulados internos e o Lx. 20.12 pela presença de espatulados internos.

– Os Lxs. 20.13, 78 e 71.1 são semelhantes na presença evidente de alisados externos ainda que não maioritários. Os Lxs. 20.12 e 78 são também semelhantes nas conjugações de tratamentos dominantes sendo que o Lx. 71.1 é o mais discrepante de todos.

– Os Lxs. 54, 100, 101 e 104 são semelhantes na importância dos polidos externos e nas conjugações de tratamentos dominantes. Dos 4 contextos o Lx. 100 é o mais discrepante pois apresenta os tratamentos de superfície rugosos e cepilhados. Gostaríamos de dizer que a análise de pastas e da conservação dos estratos nos leva a crer que o Lx. 100 sofreu um grande revolvimento mecânico no qual podem ter sido misturados artefactos cerâmicos de ocupações posteriores. No entanto a análise dos tratamentos de superfície revela que o Lx. 100 é neste factor de avaliação muito semelhante aos Lxs. apontados (54, 101 e 104).

– Por último, o Lx. 20.9 apresenta-se como o mais discrepante algo que observamos como natural tendo em conta o número, extremamente, reduzido de fragmentos que o compõem.

e) Diversidade da cor nos fragmentos / Tipos de cozedura / Uso e deposição

A análise da diversidade de cor foi realizada em todos os contextos escolhidos da fase I com base nas respectivas estampas, a saber: Lx. 114 (estampas CDLXXXVI e CDXCVI), Lx. 78 (estampas CDLXXXVII e CDXCVII, Q1), Lx. 71.1 (estampas CDLXXXVII e CDXCVII, Q2), Lx.

54 (estampas CDLXXXVIII e CDXCVIII), Lx. 20.9 (estampas CDLXXXIX e CDXCIX, Q1), Lx. 20.12 (estampas CDXC e CDXCIX, Q2), Lx. 20.13 (estampas CDXCI e D), Lx. 101 (estampas CDXCII, DI e DII, Q1), Lx. 66 (estampas CDXCIII e DII, Q2), Lx. 100 (estampas CDXCIV, DIII e DIV) e Lx. 104 (estampas CDXCV e DV). A análise integrada dos tipos de cor é baseada na avaliação de nove factores de análise, a saber: **1)** Tipo de cor predominante nos cernes e sua evolução (1º lugar); **2)** Tipo de cor predominante nos cernes e sua evolução (2º lugar); **3)** Tipo de cor predominante nos cernes e sua evolução (3º lugar); **4)** Conjugações de cor predominantes; **5)** Tipos de cores das superfícies de fragmentos com cerne tipo P; **6)** Relação entre os tipos de cor C e P; **7)** Recipientes – tipos de cor predominantes nos cernes e superfícies; **8)** Tipos de cor pouco representados nos cernes e sua representação nas superfícies e **9)** Preservação da cor nos fragmentos. Os resultados obtidos permitem o agrupamento dos contextos consoante as suas semelhanças (quando tal é possível e se justifica).

Com base na avaliação dos pontos 1, 2 e 3 (Tipos de cor predominantes nos cernes e sua evolução : 1º, 2º e 3º lugares) podemos dizer que:

- Todos os contextos analisados da fase I possuem uma maioria de fragmentos de cerne negro, sendo que organizados da menor para a maior percentagem temos: Lx. 66 (41 %), Lx. 104 (48 %), Lx. 100 (49 %), Lx. 114 (52 %), Lx. 20.13 (53 %), Lx. 101 (55 %), Lx. 54 (57 %), Lx. 78 (58 %), Lx. 20.12 (64 %), Lx. 71.1 (68 %) e Lx. 20.9 (80 %).
- Na totalidade dos contextos o tipo de cor P está compreendido entre 41 e 80 %, o tipo de cor C está compreendido entre 12 e 29 % e o tipo de cor VE está compreendido entre 6 e 24 %.
- Os Lxs. 114, 54, 71.1, 20.12, 20.13, 101, 66 e 104 possuem uma hierarquia de cores presente nos cernes correspondente a P, C, VE, 1º, 2º e 3º lugar respectivamente. O tipo P está compreendido entre 41 e 68 %, o tipo C entre 12 e 29 % e o tipo VE entre 6 e 24 %. Os intervalos das presenças dos tipos de cor correspondem ao da totalidade dos contextos, com a excepção do tipo P.
- Os Lxs. 78 e 100 possuem uma hierarquia de cores presente nos cernes correspondente a P, VE, C, com os seguintes valores respectivamente: tipo P com 58 e 49 % respectivamente, tipo VE com 19 e 20 % respectivamente e tipo C com 15 e 19 % respectivamente.
- O Lx. 20.9 é o mais discrepante pois apresenta, unicamente, dois tipos de cor nos cernes devido ao baixo número de fragmentos.

Tendo em conta as quantidades (em %) que cada tipo apresenta por contexto podemos observar algumas diferenças que afinam os resultados acima obtidos. Deste modo, concluímos o seguinte.

- a) Os Lxs. 66, 100 e 104 destacam-se pelas mais baixas presenças de cernes negros (inferior a 50 %), sendo que a presença dos tipos VE e C é bastante evidente, rondando sempre os 20 %. deste modo cremos que estes Lxs. Constituem um primeiro grupo de análise.
- b) Ao primeiro grupo junta-se o Lx. 78 que apesar de apresentar uma presença de cernes negros bastante superior possui uma hierarquia P-VE-C e o Lx. 114, que apesar de apresentar uma hierarquia P-C-VE possui uma presença considerável do tipo VE e uma presença semelhante do tipo P àquela presente nos Lxs. 66, 100 e 104.
- c) Os Lxs. 54, 71.1, 20.12, 20.13 e 101 constituem um segundo grupo onde a presença de cernes negros é muito alta (53 a 68 %), a hierarquia é a P-C-VE sendo que a presença do tipo VE é muito baixa (6 a 13 %).

A avaliação dos restantes tipos de cores presentes nos cernes – ou aqueles com menor representatividade (ponto 8) – revelou que:

- Os Lxs. 114, 78, 54 e 20.13 apresentam semelhanças entre si, pois possuem uma hierarquia VC-B-A sendo que o tipo VC está compreendido entre 1 e 4 %, o tipo B entre 2 e 4 % e o tipo A entre 0 e 4 %.
- Os Lxs. 71.1 e 20.12 apresentam semelhanças entre si, pois possuem uma hierarquia A-VC-B sendo que o tipo A tem o valor de 3 % e os tipos VC e B possuem o valor de 0 e 6 %, respectivo aos contextos e em cada tipo.
- Os Lxs. 101 e 100 apresentam semelhanças entre si, pois possuem uma hierarquia A-B-VC sendo que o tipo A tem o valor de 4 e 5 %, respectivamente, o tipo B tem o valor de 4 e 5 %, respectivamente e o tipo VC tem o valor de 5 e 2 %, respectivamente.
- O Lx. 66 encontra-se isolado, com uma hierarquia B-A-VC bem como o Lx. 104 com uma hierarquia B-VC-A.

Com base no observado e comparativamente à análise efectuada nos pontos 1, 2 e 3 podemos dizer o seguinte.

- a) Os Lxs. 66, 100 e 104, que constituem o núcleo do grupo 1 nos pontos 1, 2 e 3, constituem também aqui um grupo menos homogéneo mas com características, genericamente, semelhantes. A este grupo podem juntar-se os Lxs. 101, 71.1 e 20.12.
- b) O primeiro grupo é constituído pelos Lxs. 66, 100, 104, 101, 71.1 e 20.12 onde encontramos uma maior visibilidade de cernes de tipo B e A.
- c) Os Lxs. 114, 78, 54 e 20.13 constituem um 2º grupo com uma hierarquia VC-B-A onde é evidente a importância do tipo VC.
- d) O Lx. 20.9 não se encontra em nenhum grupo.

É de notar que o tipo de cor A encontra-se sempre presente de uma forma muito significativa nas superfícies dos fragmentos e em todos os contextos analisados. O tipo de cor B é aquele que apresenta menor relevância nas superfícies dos fragmentos, em quase todos os contextos, à exceção do Lx. 66. Por último, o tipo de cor VC apresenta-se mais presente que o tipo B quer nas superfícies quer nos cernes mas menos presente que o tipo A, sobretudo, nas superfícies.

A análise das cores presentes nos recipientes relacionados com a ocupação da Idade do Bronze e/ou Ferro (ponto 7) permitiu observar o seguinte:

- Os Lxs. 78, 71.1, 20.9, 20.12, 20.13, 66 e 104 não possuem recipientes conotados com as ocupações da Idade do Bronze e/ou Ferro sendo que não foram analisados.
- Os Lxs. 114, 54, 101 e 100 apresentam alguns recipientes conotados com as ocupações da Idade do Bronze e/ou Ferro. O Lx. 114 é representado por 1 exemplar, o Lx. 54 por 5, o Lx. 101 por 2 e o Lx. 100 por 8 exemplares.
- No conjunto dos recipientes identificados uma maioria possui cernes de cor de tipo A e C (25 % cada) seguido dos tipos P e VE (19 % cada). Podemos observar uma distribuição dos tipos de cores nos cernes bastante igualitária.
- Os tipos de cores presentes nas superfícies dos recipientes variam tanto como aqueles que ocorrem nos cernes sendo a sua distribuição também bastante igualitária. Estão presentes os mesmo tipos de cores (A, C, P, VE e VC) com uma distribuição semelhante.
- O Lx. 54 é o contexto que apresenta maior variedade de tipos de cor quer nos cernes quer nas superfícies dos 4 onde foram identificados recipientes. No entanto devemos notar que os Lxs. 114 e 101 apresentam um número muito reduzido de recipiente que impossibilita uma análise mais fiável.

A avaliação das conjugações de cores e sua hierarquia presentes em cada contexto (ponto 4) revelou os seguintes resultados:

- Os contextos escolhidos da fase I na área norte revelam diferentes hierarquias de conjugações de cores a par de diferentes quantidades para cada conjugação de cor. Todos os contextos apresentam conjugações muito diversas sendo que alguns apresentam a mesma conjugação de cor maioritária (ainda que com percentagens diferentes).
- Os Lxs. 20.12, 20.13 e 101 são semelhantes nas conjugações de cor (maioritárias) que apresentam sendo que é evidente a importância dos tipos de cor P e C. Nestes contextos as conjugações maioritárias são as seguintes: P-P-P (14, 13 e 14 %, nos Lxs. 20.12, 20.13 e 101 respectivamente), C-C-C (6, 14 e 12 %, respectivamente), C-P-P (15, 6 e 11 %, respectivamente) e C-P-C (10, 10 e 6

%, respectivamente) A hierarquia acima apresentada é uma conjugação das hierarquias apresentadas nos 3 contextos.

– Os Lxs. 114, 78, 100 e 104 são semelhantes nas conjugações de cor (maioritárias) que apresentam sendo que é evidente a importância dos tipos de cor A, VE e C. Nestes contextos as conjugações maioritárias são as seguintes: VE-VE-VE (14, 12, 10 e 12 % nos Lxs. 114, 78, 100 e 104, respectivamente), A-P-A (12, 15, 7 e 9 %, respectivamente), C-C-C, C-P-C e A-P-P. A hierarquia acima apresentada é uma conjugação das hierarquias apresentadas nos 4 contextos.

– O Lx. 20.9 apresenta um número reduzido de fragmentos e por isso os dados obtidos sobre este contexto são pouco fiáveis. No entanto os dados obtidos apontam para uma semelhança com os Lxs. 114, 78, 100 e 104.

– Os Lxs. 54, 66 e 71.1 são semelhantes nas conjugações de cor (maioritárias) que apresentam sendo que é evidente a importância dos tipos de cor P, A e VE. Nestes contextos as conjugações maioritárias são as seguintes: P-P-P (10, 9 e 18 % nos Lxs. 54, 66 e 71.1, respectivamente); A-P-A (15, 12 e 12 %, respectivamente); A-P-P; VE-VE-VE e VE-P-VE. A hierarquia acima apresentada é uma conjugação das hierarquias apresentadas nos 3 contextos.

– Com base nos grupos acima indicados podemos observar semelhanças com os grupos conseguidos na avaliação dos pontos 1, 2 e 3. Os Lxs. 114, 78, 100 e 104 mantêm-se no mesmo grupo sendo a excepção o Lx. 66 (que muda de grupo pois as suas características são ligeiramente diferentes). Os lxs. 20.12, 20.13 e 101 também se mantêm no mesmo grupo sendo que perdem os Lxs. 54 e 71.1. Os Lxs. 54, 71.1 e 66 agrupam-se num novo grupo ainda que as características destes contextos permitissem a sua integração nos dois primeiros grupos relativos às conjugações de cor.

– Podemos avançar a hipótese de que as conjugações de cor apresentadas estão relacionadas directamente com os tipos de cor maioritários.

A avaliação dos tipos de cores presentes nas superfícies dos fragmentos de cernes negro (ponto 5) permite intuir processos de descoloração sofrida pelos fragmentos cerâmicos. A análise deste factor revelou os seguintes resultados:

– Os Lxs. 20.12, 20.13, 101 e 66 revelam uma maior quantidade de cerâmicas de coloração, tendencialmente, escura. Nestes contextos cerca de 40 a 60 % dos fragmentos possuem cernes negros (tipo P), sendo que destes, nas superfícies externas e internas cerca de 20 % são de tipo P e C.

– Os Lxs. 78, 54, 20.9 e 104 revelam uma maior quantidade de cerâmicas de coloração, tendencialmente, castanha-clara ou amarela. Nestes contextos cerca de 60 % dos fragmentos

possuem cernes negros (tipo P), sendo que destes: nas superfícies externas cerca de 20 a 40 % são de tipo A e 5 a 20 % são de tipo C e nas superfícies internas encontra-se uma maioria do tipo P, seguida pelo A.

– Os Lxs. 71.1 e 100 revelam uma maior quantidade de cerâmicas de coloração, tendencialmente, vermelha-escura (tipo VE) e o Lx. 114 revela uma maior quantidade do tipo C.

Tendo em conta que a descoloração dos fragmentos ocorre de um modo diferente nas superfícies externas e internas concluímos que a descoloração dos fragmentos pode dever-se a outros factores de descoloração. Desse modo, cremos que as características encontradas se devem ao conjunto cerâmico e não a factores pós-deposicionais relacionados com o estrato. Podemos concluir o seguinte:

a) Os Lxs. 20.12, 20.13 e 101 revelam uma coesão interna, onde são evidentes as cores escuras, negros e castanhos-escuros.

b) Os Lxs. 78, 54 e 104 revelam também coesão entre eles com a evidencia do tipo de cor A.

c) Os restantes contextos – Lxs. 114, 71.1, 20.9, 66 e 100 – revelam discrepâncias nas várias análises já efectuadas. Consoante a análise efectuada assim estes contextos se agrupam com outros revelando uma grande instabilidade e falta coesão interna.

d) É de notar que os contextos menos coesos são também alguns dos que sofreram processos de erosão mais intensos. A sua falta de coesão pode estar relacionada com níveis de mistura de materiais arqueológicos de outras ocupações posteriores.

No ponto 6 analisamos os contextos consoante as presenças (percentagens) de fragmentos de cerne de tipo P com superfícies de tipo C e fragmentos de cerne de tipo C com superfícies de tipo P. A avaliação deste factor revelou os seguintes resultados:

– Se ordenarmos os contextos consoante o resultado do índice usado (C Ps/P Cs) e por ordem decrescente obtemos a seguinte ordem: Lx. 78 e 20,9 (índice = 0); Lx. 20.12 (0,11); Lx. 71.1 (0,13); Lx. 114 (0,17); Lx. 20.13 (0,19); Lx. 104 (0,37); Lx. 100 (0,41); Lx. 101 (0,45); Lx. 54 (0,75) e Lx. 66 (1). O valor mais baixo ou igual a 0 corresponde a contextos que apenas possuem fragmentos cerâmicos de cerne negro com superfícies de tipo de cor C e nenhum fragmento de cerne de tipo C com superfícies de tipo P. O valor mais alto ou igual a 1 corresponde a contextos onde ocorre o contrário.

– Podemos observar que a ordem obtida através neste factor de avaliação não está de acordo com os resultados obtidos na avaliação do ponto 5 (acima descrito). Quer dizer que os contextos não se agrupam da mesma forma nem pela mesma ordem. Sabemos que a avaliação do ponto 5 revela os

Lxs. 114, 71.1, 20.9, 66 e 100 como pouco coesos sendo que na avaliação do ponto 6 estes contextos revelam o seguinte: 1) os Lxs. 114, 71.1 e 20.9 revelam uma má conservação da cor dos fragmentos de cerne negro e 2) os Lxs. 66 e 100 revelam uma boa preservação da cor dos mesmos fragmentos.

– Os Lxs. 20.12, 20.13 e 101 evidenciam a importância dos tipos de cor P e C, no entanto a conservação dos fragmentos de cerne negro ocorreu de modo diferenciado nos 3 contextos. O Lx. 20.12 é o que revela pior preservação e o Lx. 101 é o que revela melhor preservação.

– Os Lxs. 78, 54 e 104 evidenciam a importância do tipo de cor A sendo que aqui é avaliado a relação entre os tipos P e C. Estes 3 contextos revelam também grandes discrepâncias, o pior conservado é o 78 e o melhor é o 54.

Apresentamos de seguida os resultados da avaliação conjunta dos fragmentos com cores concordantes e da diversidade de conjugações presente nos contextos em estudo (ponto 9). Este factor de avaliação está relacionado com a compreensão do estado de conservação dos fragmentos e dos estratos. Foram os seguintes os resultados obtidos:

– Ordenando os contextos da mais baixa preservação de cor para a mais alta, obtemos a seguinte hierarquia: Lx. 20.9 (0 %), Lx. 20.12 (26 %), Lx. 100 (27 %), Lx. 104 (29 %), Lxs. 78 e 54 (31 % cada), Lx. 71.1 (32 %), Lxs. 101 e 114 (35 % cada), Lx. 20.13 (37 %) e Lx. 66 (41 %).

– Ordenando os contextos da maior diversidade de cor para a menor, obtemos a seguinte hierarquia: Lx. 20.12 (43 %), Lx. 100 (40 %), Lx. 101 (38 %), Lx. 20.13 (34 %), Lx. 104 (33 %), Lxs. 114 e 54 (28 % cada), Lx. 71.1 (26 %) e Lxs. 78 e 66 (0 %).

– Podemos observar que as ordens obtidas num e noutra factor de avaliação não são as mesmas ainda que alguns contextos revelem resultados concordantes nas duas análises. Deste modo, os Lxs. 20.12, 100, 114 e 66 revelam concordância nos resultados sendo que os Lxs. 114 e 66 são dos mais bem preservados e os Lxs. 20.12 e 100 são os piores preservados, na totalidade dos 11 contextos analisados.

Os resultados obtidos através da análise destes factores de avaliação requerem uma leitura muito cuidada, pois estes factores de avaliação são muito complexos. Por um lado, a diversidade de conjugações pode ser o resultado de um conjunto de fragmentos muito grande (em quantidade), por outro a preservação de cor pode ser alta pela mesma razão apontada ou pela conservação do próprio estrato. A leitura dos resultados deve ter em conta o número de fragmentos que compõem os contextos. Desse modo, um contexto muito grande que apresenta grande variedade de conjugações ou uma percentagem muito alta de preservação tal não significa uma má ou boa preservação do

contexto. Os contextos de números mais reduzidos ou muito semelhantes na quantidade de fragmentos permitem uma melhor leitura.

Tendo em conta o que foi dito podemos dizer o seguinte.

- a) Os Lxs. 54, 20.13, 114, 78 e 101 são os melhores preservados.
- b) Os Lxs. 100, 20.12, 71.1 e 104 são os piores preservados.
- c) Os Lxs. 20.9 e 66 não permitem conclusões devido ao número reduzido de fragmentos.

f) Espessuras presentes nos fragmentos e recipientes / Evolução da espessura das pastas

A análise das espessuras presentes nos fragmentos e recipientes foi realizada aos contextos escolhidos integrados na fase I e com base nas seguintes estampas: Lx. 114 (estampa DVI, Q1), Lx. 78 (estampa DVI, Q2), Lx. 54 (estampa DVII, Q1), Lx. 71.1 (estampa DVII, Q2), Lx. 20.9 (estampa DVIII, Q1), Lx. 20.12 (estampa DVIII, Q2), Lx. 20.13 (estampa DVIII, Q3), Lx. 101 (estampa DIX, Q1), Lx. 66 (estampa DIX, Q2), Lx. 100 (estampa DX, Q1) e Lx. 104 (estampa DX, Q2).

A análise da espessura dos fragmentos é baseada nos resultados individuais de cada contexto pois não foram realizados gráficos globais que correspondessem à totalidade da fase. As pastas cerâmicas possuem comportamentos diferentes em cada contexto sendo que as conclusões finais atenderão a uma média comportamental das pastas presentes.

A análise das espessuras presentes nos fragmentos e recipientes revelou os seguintes resultados:

– A *pasta I* encontra-se presente em 8 dos 11 contextos analisados e é representado, no total, por 67 fragmentos. Dos 8 contextos onde se encontra presente – Lxs. 114, 78, 54, 71.1, 20.12, 101, 66 e 100 – apenas em 2 – Lxs. 114 e 100 – possui um número suficiente de fragmentos de modo a constituir uma linha evolutiva (visível no gráfico de evolução das pastas). Nos Lxs. 114 e 100, os fragmentos de pasta I encontram-se entre as categorias 2 e 5 e 2 e 4, respectivamente, com uma maioria na cat. 3. Nos restantes contextos os fragmentos encontram-se presentes nas categorias 2, 3, 4 e 5, com uma maioria na categoria 3 seguida da 4. cremos que a presença deste tipo de pasta nestes contextos é residual. O comportamento dos fragmentos desta pasta não é semelhante nos Lxs. 114 e 100 sendo que podemos dizer que esta pasta revela fragmentos, tendencialmente, mais finos no Lx. 114 pois os fragmentos de cat. 2 correspondem a 17 % dos de cat. 3 e o fragmentos de

cat. 4 correspondem a metade dos de cat. 3. Já no Lx. 100, os fragmentos de cat. 2 correspondem, apenas, a 6 % dos de cat. 3 e os fragmentos de cat. 4 correspondem a 60 % dos de cat. 3.

– A *pasta II* encontra-se ausente na fase I na área norte.

– A *pasta III* encontra-se presente em quase todos os contextos analisados sendo a exceção o Lx. 20.9. Os Lxs. 78, 20.12, 20.13 e 66 não apresentam um número suficiente de fragmentos de modo a constituírem um gráfico evolutivo. A pasta III é representada por 175 fragmentos distribuídos de uma forma muito díspar, sendo que no Lx. 78 foram identificados 5 fragmentos e no Lx. 100 foram identificados 48 fragmentos. Nos Lxs. 114, 71.1 e 104 os fragmentos de pasta III encontram-se entre as categorias 3 – 6, 3 – 5 e 2 – 4 (respectivamente) com uma maioria na cat. 3 e nos Lxs. 54, 101 e 100, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 – 7, 2 – 6 e 2 – 7 (respectivamente) e com uma maioria na cat. 4. Dos Lxs. 114, 71.1 e 104, o Lx. 71.1 é o que apresenta fragmentos tendencialmente mais finos, sendo que nos Lxs. 114 e 104 os fragmentos de cat. 4 correspondem a cerca de 80 % dos de cat. 3 e no Lx. 71.1 correspondem a 33 %. Dos Lxs. 54, 101 e 100, o Lx. 54 é o que apresenta fragmentos tendencialmente mais grossos, seguido pelo Lx. 101 e por último, pelo Lx. 100. No Lx. 54, os fragmentos de cat. 5 correspondem a 70 % dos de cat. 4 e no Lx. 100 correspondem a 20 %.

– A *pasta IV* está presente em todos os contextos analisados embora apresente um número muito reduzido de fragmentos nos Lxs. 78, 54, 71.1, 20.9 e 66. A pasta IV é representada por 287 fragmentos distribuídos de uma forma muito díspar, sendo que no Lx. 54 foram identificados 2 fragmentos e no Lx. 100 foram identificados 62 fragmentos. Nos 6 contextos onde ocorre de forma a poder ser devidamente caracterizada, esta pasta distingue-se por uma distribuição muito díspar. O Lx. 20.12 é o contexto que apresenta os fragmentos de pasta IV mais finos pois a maioria encontra-se na cat. 3 e é o único contexto onde a maioria dos fragmentos se encontra na cat. 3. Os Lxs. 114, 20.13, 101, 100 e 104 apresentam uma maioria na cat.4 sendo que os fragmentos são considerados, tendencialmente, mais grossos. Para compreendermos o comportamento dos fragmentos comparamos a presença de fragmentos de cat. 3 e 4 em todos os contextos acima indicados. Desse modo, concluímos que o Lx. 101 é aquele que apresenta fragmentos, tendencialmente mais espessos pois os fragmentos de cat. 3 apenas representam 50 % dos de cat. 4 e o Lx. 100 é aquele que apresenta os fragmentos mais finos (a seguir ao Lx. 20.12) pois os fragmentos de cat. 3 representam 83 % dos de cat. 4. Ordenando os 5 contextos por ordem crescente de fragmentos, tendencialmente, mais espessos, temos a seguinte hierarquia: Lx. 100, Lx. 114, Lx. 20.13, Lx. 104 e Lx. 101.

– A *pasta V* encontra-se ausente na fase I na área norte.

- A *pasta VI* encontra-se ausente em quase todos os contextos, à excepção dos Lxs. 78 e 100. É representada por 35 fragmentos, 1 no Lx. 78 e 34 no Lx. 100. Deste modo é apenas caracterizada pelos fragmentos presentes no Lx. 100. No Lx. 100, a pasta VI possui fragmentos entre as categorias 2 e 6 com uma maioria na cat. 4 e uma distribuição muito pouco homogénea. Os fragmentos são considerados de espessura fina / média pois os fragmentos de cat. 3 equivalem a 94 % dos de cat. 4.
- A *pasta VII* encontra-se presente em quase todos os contextos sendo a excepção o Lx. 20.9. A pasta VII é representada por 133 fragmentos distribuídos de uma forma muito díspar, sendo que os Lxs. 78, 71.1, 20.12, 66 e 100 não permitem uma caracterização devido ao número reduzido de elementos. Os Lxs. 114, 54, 20.13 e 101 permitem caracterizar a espessura dos fragmentos destas pastas sendo que ordenamos os contextos por ordem crescente (das espessuras mais finas para as mais grossas): Lx. 20.13, Lx. 101, Lx. 54 e Lx. 114. Os Lxs. 114 e 54 apresentam fragmentos de espessuras muito grossas e os lxs. 20.13 e 101 apresentam fragmentos de espessuras médias / grossas.
- A *pasta VIII* encontra-se em 4 dos 11 contextos analisados (Lxs. 78, 54, 20.9 e 100) sendo que apenas no Lx. 100 é representada por um número suficiente de fragmentos que permitem a construção de um gráfico evolutivo. A pasta é representada por 35 fragmentos sendo que 26 encontram-se no Lx. 100. No Lx. 100, os fragmentos encontram-se entre as categorias 3 e 5 e com uma maioria na cat. 4, onde os fragmentos de cat. 3 equivalem a 60 % dos de cat. 4. Consideramos os fragmentos desta pasta de espessura fina / média.
- A *pasta IX* encontra-se em quase todos os contextos sendo a excepção os Lxs. 78 e 71.1. Dos 9 contextos onde se encontra presente apenas 4 – Lxs. 20.13, 101, 100 e 104 – possuem um número significativo de fragmentos que permite a construção de gráficos evolutivos. A pasta IX é representada por 212 sendo que no Lx. 20.13 estão presentes 109, no Lx. 101, 54 fragmentos; no Lx. 100, 12 e no Lx. 104, 14. No Lx. 104 ocorrem os fragmentos de espessuras, tendencialmente, mais finas sendo que os 14 fragmentos presentes encontram-se entre as categorias 2 e 5 com uma maioria na cat. 3. O Lx. 100 é aquele que apresenta fragmentos, tendencialmente, mais espessos pois o intervalo de distribuição encontra-se entre as cats. 3 e 6, com uma maioria na cat. 5. Consideramos estes fragmentos de espessura média / grossa. Ordenando os contextos daqueles que apresentam espessuras mais finas para as mais espessas, obtivemos a seguinte ordem: Lx. 104, Lx. 20.13, Lx. 101 e Lx. 100. A diferença entre os Lxs. 20.13 e 101 encontra-se na relação dos

fragmentos de cats. 3 e 5 com os de cat. 4. No Lx. 20.13 os fragmentos de cat. 3 correspondem a 81 % dos de cat. 4 e no Lx. 101 apenas correspondem a 61 %.

– A *pasta X* encontra-se presente em todos os contextos escolhidos da fase I ainda que em 3 contextos – Lxs. 78, 20.9 e 66 – não seja possível a caracterização da espessura dos fragmentos. Esta pasta é representada por 691 fragmentos sendo que nos Lxs. 78, 20.9 e 66 só estão presentes 13 fragmentos. Os restantes contextos foram divididos em dois grupos: o primeiro diz respeito aos contextos onde estão presentes fragmentos de espessuras, tendencialmente, mais finas – Lxs. 20.12, 20.13, 101 e 104 – e o segundo diz respeito aos contextos onde estão presentes fragmentos de espessuras, tendencialmente, mais grossas – Lxs. 114, 54, 71.1 e 100. O primeiro grupo caracteriza-se por fragmentos que se encontram entre as categorias 2 e 8 com uma maioria na cat. 3 e o segundo grupo caracteriza-se por fragmentos que se encontram entre as categorias 2 e 7 com uma maioria na cat. 4. O Lx. 20.13 é o contexto que apresenta espessuras mais finas seguido do Lx. 20.12, 101 e 104, pois no Lx. 20.13 os fragmentos de cat. 4 correspondem a 51 % dos de cat.3, no Lx. 20.12 correspondem a 62 %, no Lx. 101 a 88 % e no Lx. 104 a 91 %. O Lx. 54 é o que apresenta espessuras mais grossas, seguido do Lx. 71.1, 114 e 100. No Lx. 54 os fragmentos de cats. 4 e 5 correspondem a 89 % dos fragmentos de cat. 3, no Lx. 71.1, os fragmentos de cat. 5 correspondem a 80 % dos de cat. 4, no Lx. 114 correspondem a 11 e no Lx. 100 a 29 %. No entanto o Lx. 100 apresenta uma maior presença de fragmentos de cat. 3 que equivalem a 56 % dos de cat. 4.

– A *pasta XI* encontra-se presente em quase todos os contextos sendo a exceção os Lxs. 20.9, 101 e 66. Esta pasta é representada por 72 fragmentos sendo que apenas 4 contextos – Lxs. 114, 20.13, 100 e 104 – apresentam um número suficiente de fragmentos para a caracterização das espessuras. Na globalidade os fragmentos estão compreendidos entre as espessuras 2 e 8 com uma clara predominância das cats 5 à 8. Deste modo os fragmentos desta pasta são considerados muito espessos e em todos os contextos é revelada, da mesma forma, a natureza dos recipientes construídos com esta pasta.

– A *pasta XII* encontra-se em 5 dos 11 contextos analisados – Lxs. 20.12, 20.13, 101, 100 e 104 – sendo que o Lx. 20.13 não permite caracterização. Esta pasta é representada por 161 fragmentos sendo que o Lx. 20.13 é apenas representado por 9 fragmentos. Ordenando os contextos por ordem crescente (das espessuras mais finas para as mais grossas) temos: o Lx. 101, Lx. 104, Lx. 20.12 e Lx. 100. As espessuras dos fragmentos são, tendencialmente, médias / grossas. No Lx. 101, os fragmentos de cat. 5 equivalem a 35 % dos de cat. 4 e no lx. 104 equivalem a 77 %. No Lx. 100 os fragmentos de cat. 6 correspondem a 39 % dos de cat. 5 e no Lx. 20.12 correspondem a 28 %.

Tendo em conta a análise descrita acima, podemos observar que as pastas comportam-se de modo diferente em cada contexto analisado no entanto possuem características gerais que se mantêm, de um modo genérico, e que permitem a caracterização geral de utilização das pastas. Quer dizer, cremos que determinada pasta é usada, maioritariamente, em recipientes de determinadas espessuras. Desse modo, concluímos que:

- a) Na generalidade, a espessura dos fragmentos pode ser considerada fina / média, sendo que as categorias mais usadas são a 3 e 4.
- b) as pastas I, VIII e X são, maioritariamente, usadas em recipientes de paredes finas (cats. 3 e 4).
- c) as pastas III, IV, VI e IX são usadas no fabrico de recipientes de paredes finas / medias (cats. 4 e 5), um pouco mais espessas do que os recipientes de pastas I, VIII e X.
- d) as pastas VII e XII são usadas no fabrico de recipientes de paredes de espessura mediana/grossa (cats. 5 e 6).
- e) a pasta XI é usada no fabrico de recipientes de paredes com espessuras grossas ou muito grossas, (> a 6).
- f) estas características serão descritas mais abaixo com mais pormenor.

As características de cada contexto, sejam elas de conservação ou outras, influenciam a leitura das características das pastas. Por outro lado, a forma como os fragmentos cerâmicos de determinada pasta se comportam revela a natureza do contexto. Desse modo, descrevemos de seguida a caracterização dos contextos a partir do facto de avaliação – espessura das pastas. Foram os seguintes os dados obtidos:

- a) Dois contextos podem possuir o mesmo número de tipos de pasta no entanto um pode permitir a caracterização da espessura de todas as pastas e o outro pode não permitir a caracterização da espessura de nenhuma pasta. A caracterização da espessura prende-se com o número de fragmentos disponível e a sua distribuição nas categorias de espessura. Deste modo, os contextos escolhidos da fase I na área norte comportam-se de modo diferenciado sendo uns permitem uma caracterização total, outros parcial e ainda outros que não permitem nenhuma caracterização.
- b) Ordenando os contextos por ordem decrescente (daquele que permite uma maior caracterização de pastas para o que não permite nenhuma) obtivemos a seguinte hierarquia: Lx. 104 (100 % - 6/6 pastas); Lx. 100 (90 % - 9/10 pastas); Lxs. 101 e 114 (86 % - 6/7 pastas); Lx. 20.13 (71 % - 5/7 pastas); Lxs. 54 e 20.12 (38 % - 3/8 pastas); Lx. 71.1 (33 % - 2/6 pastas) e Lxs. 78, 20.9 e 66 (0 % - 0/8, 0/4, 0/6 pastas, respectivamente).

c) A hierarquia obtida pode ser um indicador do estado de conservação do estrato pois este factor de avaliação particulariza a informação dos fragmentos, revelando ausência ou presença de coesão. Deste modo podemos afirmar que os Lxs. 104, 100, 101, 114 e 20.13 são os mais bem preservados em numerário, sendo que cremos que uma boa quantidade de fragmentos pode ser um sinal de uma boa preservação do estrato.

d) No Lx. 104, as pastas III e IX são usadas em recipientes de paredes finas, as pastas IV e X em recipientes de paredes finas / médias e as pastas VII e XII em recipientes de paredes médias / grossas.

e) No Lx. 100, as pastas I e VIII são usadas em recipientes de paredes finas, as pastas III e VI em recipientes de paredes finas / médias; as pastas IV, IX, X e XII em recipientes de paredes médias / grossas e a pasta XI em recipientes de paredes muito grossas.

f) No Lx. 101, as pastas III, IV e X são usadas em recipientes de paredes finas, as pastas IX e XII em recipientes de paredes finas / médias e a pasta VII em recipientes de paredes médias / grossas.

g) No Lx. 114, as pastas I e III são usadas em recipientes de paredes finas, as pastas IV e X em recipientes de paredes finas / médias e as pastas VII e XI em recipientes de paredes muito grossas.

h) No Lx. 20.13, a pasta X é usada em recipientes de paredes finas, as pastas IV, VII e XII em recipientes de paredes finas / médias; a pasta IX em recipientes de paredes médias / grossas e a pasta XI em recipientes de paredes muito grossas.

i) No Lx. 54, as pastas III e X em recipientes de paredes finas / médias e a pasta VII em recipientes de paredes médias / grossas.

j) No Lx. 20.12, a pasta IV é usada em recipientes de paredes finas e a pasta X em recipientes de paredes finas / médias e a pasta XII em recipientes de paredes médias / grossas.

l) No Lx. 71.1, a pasta III é usada em recipientes de paredes finas e a pasta X em recipientes de paredes finas / médias.

Em conclusão: a pasta I é usada em recipientes de paredes finas; a pasta III é usada em recipientes de paredes finas e finas / médias; a pasta IV é usada em recipientes de paredes finas / médias, mas também finas ou médias / grossas; a pasta VI é usada em recipientes de paredes finas / médias; a pasta VII é usada em recipientes de paredes médias / grossas e muito grossas; a pasta VIII é usada em recipientes de paredes finas / médias; a pasta IX possui um comportamento muito instável, serve em todas as espessuras, à excepção das muito grossas; a pasta X é usada em recipientes de paredes finas e finas / médias; a pasta XI é usada em recipientes de paredes muito grossas e a pasta XII é usada em recipientes de médias / grossas.

5.1.1.2. Análise Morfológica

A análise morfológica de parte do conjunto cerâmico correspondente à fase I ponderou todos os bordos, bases e recipientes identificados em cada contexto individual escolhido (Lxs. 114, 78, 71.1, 20.9, 20.12, 20.13, 101, 66, 100 e 104) e relacionados com as ocupações da Idade do Bronze e Ferro. Os bordos/recipientes integrados nesta fase são: 582, 693, 714, 783, 959 (est. CXXIX, 5), 963 (est. CXX, 4), 976, 977, 984, 987, 993 e 1011 e as bases identificadas são: 303, 304, 374, 375, 390, 393, 397, 504 e 511.

A análise morfológica efectuada para a fase I é baseada na observação dos seguintes quadros: 1) tipos de recipientes por contexto (estampas DXI, Q1 e DXII, Q4); 2) tipos de recipientes e suas pastas (estampas DXI, Q2 e DXIII, Q1); 3) tipos de recipientes e suas capacidades (estampas DXI, Q3 e DXIII, Q2); 4) relação entre os tipos de capacidade e os tipos de pasta presentes nos recipientes (estampas DXI, Q2 e Q3 e DXIII, Q3); 5) tipos de bases e seus contextos (estampas DXI, Q4 e DXIII, Q4); 6) tipos de bases e respectivos ângulos de parede/pança (estampas DXII, Q1 e DXIV, Q1); 7) tipos de recipientes e respectivos tipos de bordos na totalidade da fase III-1 (estampas DXII, Q2 e DXIV, Q2) e 8) tipos de bordos, bases e respectivas pastas nos contextos onde se encontram presentes (estampas DXII, Q3 e DXIV, Q3).

Os recipientes distribuem-se da seguinte forma: no Lx. 54 os recipientes números 693, 783 e 1011 e as bases 374 e 393; no Lx. 114 o recipiente 987; no Lx. 101 as bases 504 e 510 e no Lx. 100, os recipientes 582, 714, 959, 963, 976, 977, 984 e 977 e as bases 303, 304 e 397. A análise formal destes elementos integrados na fase I permitiu as seguintes observações:

- Dos 4 contextos onde foram identificadas formas, 3 apresentam bordos (recipientes) sendo que 2 deles (Lxs. 54 e 100) revelam uma boa reconstituição das formas. No Lx. 114 não foi possível recuperar a forma e no Lx. 101 só estão presentes bases. No Lx. 54 dá-se uma reconstituição a 100 % (os 3 bordos permitiram intuir o tipo de forma) e no Lx. 100 dá-se uma reconstituição a 63 % (5 dos 8 bordos presentes permitiram reconstituição. Concluímos que apesar de estes recipientes se encontrarem totalmente descontextualizados apresentam uma boa preservação pois as taxas de reconstituição são bastante elevadas.
- Nos Lxs. 54 e 100 ocorrem vários tipos de formas ainda que apenas representadas por 1 exemplar em cada tipo. Nestes dois complexos ocorrem os tipos *1b*, *1c*, *8a*, *8b*, *12*, *B1a*, *B2* e *B14b* (com uma presença de 12,5 % em cada) sendo que os 5 primeiros se relacionam com a ocupação da Idade do Ferro e os 3 últimos com a ocupação da Idade do Bronze. Colocamos a hipótese de estes tipos de

forma serem mais usuais nas respectivas ocupações e desse modo ocorrerem com mais facilidade numa ocupação que não lhes diz respeito. Observaremos a veracidade desta hipótese interpretativa nos resultados obtidos para as fases correspondentes à Idade do Bronze e Ferro na área norte.

– No conjunto dos recipientes identificados apenas 37,5 % são de perfil em “S” (*tipos 8a, 8b e 12*), 25 % são taças rectas (*tipos 1b e 1c*) e 37,5 % são globulares de vários tipos (*tipos B1a, B2 e B14b*).

– Na totalidade dos contextos que apresentam bordos (Lxs. 114, 54 e 100) podemos observar que os tipos de bordo predominantes são o tipo 1 (50 %), seguido dos tipos 2 e 6 (17 % cada) e, por último, dos tipos 3 e 4 (8 % cada). No Lx. 114 encontra-se presente o tipo 2, no Lx. 54, os tipos 1, 2 e 6 e no Lx. 100, os tipos 1, 3, 4 e 6. Consideramos que se encontra presente uma boa variedade de tipos, sobretudo no Lx. 54, pois o número de fragmentos e de recipientes é muito inferior ao do Lx. 100.

– A análise dos tipos de base permite concluir que o tipo de base predominante é o 1 (50 %), seguido do 2 (20 %), do 3 (10 %) sendo que 20 % correspondem a bases que não foi possível caracterizar formalmente. Os tipos de *base 1, 2 e 3* estão presentes no Lx. 54; os tipos de *base 1 e 2* encontra-se presentes no Lx. 100 e no Lx. 101 encontram-se as bases não caracterizadas. Mais uma vez o Lx. 54 revela a maior diversidade entre os 3 contextos analisados.

A análise formal dos recipientes permitiu as seguintes observações:

– Os 8 recipientes identificados são construídos em 3 pastas – a III, VI e X – sendo que 4 são construídos em pasta III, 2 em pasta VI e 2 em pasta X. Cada tipo formal possui apenas um exemplar sendo que o número reduzido de exemplares não permite uma avaliação muito pormenorizada. Podemos ver que a pasta III é aquela que apresenta maior variedade de recipientes são a III (4 tipos diferentes em 4 exemplares) seguida da VI e X (2 tipos diferentes em 2 exemplares em cada pasta indicada).

– Os tipos de formas presentes – 1c, 1b, 8a, 8b, 12, B1a, B2 e B14b – só são realizados numa pasta (cada forma na sua pasta) mas também só são representados por um recipiente, como já foi referido.

– Podemos lançar a hipótese interpretativa que a utilização das pastas III e X está relacionada com uma ocupação da Idade do Bronze ou Ferro Inicial. No entanto a presença de recipientes em pasta VI pode indicar perturbações físicas graves nos estratos já que esta pasta é utilizada com mais evidência nas ocupações da Idade do Ferro Plena. Notamos uma relação entre o tipo formal e as pastas escolhidas em podemos observar que: **1)** os globulares decorados (B1a e B2) foram construídos em pasta X indicando, quer pela decoração quer pela pasta a ocupação da Idade do Bronze; **2)** as taças foram construídas em pasta III que quer pela forma quer pela pasta, podem ser relacionadas com a Idade do Bronze mas também com a Idade do Ferro e **3)** as formas de perfil em “S” mais acentuado (8b e 12) foram construídas em pasta VI, revelando deste modo uma associação

de um tipo formal inovador com uma pasta também nova no sítio. Assim e apesar das dificuldades de caracterização cremos que os recipientes presentes se relacionam com a ocupação da Idade do Bronze ou Ferro Inicial.

– Os tipos de recipientes com maior capacidade são o *8a* (10 a 20 l) e o *8b* (5 a 10 l). O outro recipiente de perfil em “S” (tipo 12) não possibilitou a caracterização da sua capacidade. Os globulares conotados com a ocupação da Idade do Bronze (B1a e B2) são considerados de bom tamanho sendo que o tipo B1a possui uma capacidade de 1 a 2 l e o tipo B2 possui uma capacidade de 2 a 5 l. Como podemos observar, estes recipientes não correspondem a objectos individuais, quer dizer, a recipientes cujo objectivo é o consumo individual de alimentos. Tendo em conta que são recipientes decorados cremos numa função colectiva para estes objectos. As taças de tipos 1c e 1b são de pequena capacidade (até 1 l) sendo que cremos numa função doméstica individual, quer dizer, consumo individual de alimentos.

– Os recipientes de maior capacidade foram construídos em pasta VI sendo que correspondem aos tipos de formas *8a* e *8b*. Não podemos concluir se existe uma preferência por determinado tipo de pasta quando se constrói um recipiente de grande capacidade pois os dados desta fase são poucos sendo que não permitem uma correcta avaliação. No entanto é de notar uma relação entre recipientes de perfil em “S”, pasta VI e grande capacidade sendo que observaremos noutros contextos se esta relação se mantém.

– Apesar do número reduzido de recipientes podemos observar que o conjunto revela uma grande diversidade de capacidades, onde estão presentes quer recipientes de pouca capacidade quer recipientes de média/grande capacidade. Como o número de recipientes é muito reduzido não é evidente a predominância de determinadas capacidades sendo que a distribuição dos recipientes pelos vários tipos de capacidade é muito igualitária (cada tipo de capacidade possui um exemplar).

– Na relação entre o tipo de recipiente e o tipo de bordo encontramos as seguintes características: 1) determinados tipos de recipientes possuem determinados tipos de bordo, algo que está relacionado com a tipologia de formas (as formas 1 possuem tipos de bordo 2 e 3, os globulares fechados – B1a e B14b – possuem, naturalmente, tipos de bordo 6); 2) o tipo de bordo 1 é usado em vários tipos de formas, a maioria em perfil em “S”; 3) o número reduzido de recipientes não permite perceber se há uma relação entre tipos de bordo e tipos de recipiente.

– Não podemos dizer que há uma preferência por determinado tipo de bordo no entanto podemos observar quais os tipos de bordo presentes e perceber se nas ocupações posteriores estes tipos de bordo são, de facto, preferidos. Os tipos de bordo que aqui ocorrem como o B1 a1, a5, a7 e B2 b1

ocorrem também com alguma frequência na ocupação da Idade do Ferro. Cremos que alguns tipos de bordo possuem uma longa vigência sendo que o seu uso é encetado na Idade do Bronze.

– As pastas identificadas a recipientes reconstituídos foram as III, VI e X, no entanto existe um bordo em pasta IV e uma base em pasta I. Na totalidade do conjunto estes recipientes também devem ser tidos em conta ainda que não possam ser caracterizados quanto à forma ou capacidade.

– A maioria das bases dos recipientes foi construída em pasta III, sendo que o número de bases presente indica um número maior de recipientes em relação àquele obtido e já referido. No Lx. 54, 4 bases são de pasta III mas apenas 2 bordos são da mesma pasta ainda que no Lx. 100, 3 bordos são de pasta III para 2 bases da mesma pasta. A relação entre bordos e bases da mesma pasta depende do contexto mas na generalidade as bases encontram-se em número inferior aos bordos. No Lx. 100 existe também uma base em pasta VI e bordos (diferentes) da mesma pasta.

– Não parece existir uma relação entre os tipos de base e as categorias de ângulo da parede dos recipientes sendo que: 1) o tipo de base 1 (BA1) possui exemplares em quase todas as categorias de ângulo presentes (3, 5, 6 e 7), com excepção da cat. 4; 2) nas categorias de ângulo que caracterizam os vasos troncocónicos (1, 2 e 3) só ocorre o tipo de base; 3) o tipo de base 3 não possibilitou a caracterização do ângulo da parede do recipiente e 4) 2 bases são constituídas apenas pelo fundo plano sendo que não possuem arranque de parede impossibilitando a caracterização do tipo formal e do ângulo da parede do recipiente.

– As categorias de ângulo de base predominantes são a 5 e 6 sendo que a 5 revela a presença de recipientes de panças redondas levemente achatadas e a 6 revela a presença de pratos ou globulares muito largos. É de notar que 50 % das bases identificadas encontram-se nas categorias 6 e 7, categorias de ângulo muito altas e que correspondem a recipientes muito largos. Estas categorias são acompanhadas pela presença das categorias 4 e 5, que correspondem a recipientes de perfil em “S” e a uma ausência quase total de recipientes troncocónicos.

– Podemos observar os tipos de bases presentes e suas presenças (em %) estão, genericamente, de acordo com a realidade obtida na análise dos bordos / recipientes. Neste conjunto 30 a 40 % dos recipientes são de perfil em “S” sendo que os restantes correspondem a taças e prato e podem corresponder a globulares largos, provavelmente, apresentando um pequeno fundo plano. A presença de bases que indicam recipientes muito largos é muito interessante pois pode indicar um processo de inovação (construção de bases e recipientes de perfil em “S”) que começou paulatinamente através da transformação de recipientes já conhecidos.

5.1.1.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados

Os contextos escolhidos da fase I totalizam 1872 fragmentos cerâmicos sendo que 1422 são lisos (76 %), 401 são decorados calcólicos e 49 são da Idade do Ferro, correspondendo a 43 decorações diferentes e representando apenas 3 % do conjunto. São os seguintes os números de inventário das 43 decorações presentes: CP-02-7135 e CP-02-7136 (est. XXXVIII, 1), CP-03-15762 (est. XXXV, 4), recipiente n.º 981 – CP-03-15591 e CP-03-15592 (est. XXXIX, 1), CP-03-15899 (est. XXXVII, 11), CP-03-16091 (est. XXXVII, 14), CP-03-16108 (est. XXVIII, 6), CP-03-15366 (est. XLIX, 7), CP-03-15621 (est. XXXVI, 9), CP-03-15667 (est. XXXVIII, 5), CP-03-15675 (est. XXVIII, 18), recipiente n.º 997 – CP-03-16326 (est. XXXIII, 9), CP-03-16336 (est. XXXV, 10), CP-03-16410 (est. XXX, 18), CP-03-6471 (est. XXXVI, 2), CP-03-6614 (est. XLIX, 2), CP-03-6797 (est. XL, 3), CP-03-6910 (est. XXXIV, 1), CP-03-6927 (est. XLIX, 6), CP-03-2222 (est. XXXVII, 18), CP-03-3404 (est. XLII, 3), CP-03-3409 (est. XXVII, 13), CP-03-3437 (est. XXXV, 6), recipiente n.º 984 – CP-03-3442 – (est. XXXIV, 4), recipiente n.º 993 – CP-03-3523 (est. XXXIII, 5), CP-03-6499 (est. XXXVIII, 6), CP-03-6528 (est. XXVIII, 4), CP-03-6656 (est. XLIII, 3), recipiente n.º 977 – CP-03-6748 – (est. XXXVIII, 8), CP-03-6987 (est. XLVII, 4), recipiente n.º 976 CP-03-6991 (est. XXXIX, 2), CP-03-7189 (est. XXXV, 8), CP-03-12823 (est. XXVIII, 17), CP-03-14146 (est. XXX, 2), CP-03-12630 (est. XXVIII, 15), recipiente n.º 987 – CP-03-14361 – (est. XXXVI, 6), CP-03-14399 (est. XXX, 4), CP-03-14496 (est. XXXV, 9), CP-02-6429 (est. XXIX, 21), CP-02-6952 (est. XXXVII, 15), CP-02-6992 (est. XXXVI, 8), recipiente n.º 1011 – CP-02-7320, 7321, 7322, 7323 e 7324 (est. XLVIII, 1) e CP-03-15535 (est. XXVIII, 16).

Nos fragmentos decorados integrados na fase I foram usadas 8 técnicas decorativas: incisão simples – INC.S (42 %); penteado – PENT.S (35 %); impressão – IMP – (9 %); decoração espatulada – DEC.E –, decoração plástica – DEC.P – e excisão – EXC – (7 % em cada); cepilhado – CEP (2 %) e puncionamento – PUNC – (2 %).

Nesta fase foram usados vários instrumentos decorativos, a saber: 1) pente 1, com 4, 5, 6, 7, e 8 puas; 2) pente 2 com 3 e 5 puas; 3) pente 3; 4) pente 4 com 5 puas; 5) pente 6 com 5 e 9 puas; 6) pente 7 com 4 e 8 puas e 7) um instrumento afiado ou não (que pode ser o instrumento 1) que utilizado através do puncionamento provoca a impressão de uma concavidade esférica.

5.1.1.4. Organizações decorativas

Os fragmentos decorados integrados na fase I totalizam 13 organizações decorativas, a saber: I, III, VI, IX, X, XI, XII, XXII, XXVI, XXVIII, XXIX, XXX e XXXIV. Ordenando os contextos por ordem decrescente (daquele com maior número de fragmentos decorados para aquele com menor número) obtivemos a seguinte hierarquia: Lx. 100 (30 % – 13 fragmentos); Lx. 101 (19 % – 8 fragmentos); Lx. 54 (12 % – 5 fragmentos); Lxs. 104 e 20.13 (9 % – 4 fragmentos em cada); Lx. 114 (7 % – 3 fragmentos) e Lxs. 66, 78, 20.12, 20.9, 71.1 e 83.1 (2 % – 1 fragmento cada).

A análise da distribuição das organizações decorativas por contexto permitiu concluir o seguinte.

1) Os contextos com maior número de fragmentos decorados possuem mais possibilidades de apresentar maior variedade nas organizações decorativas.

2) Relacionando o número de fragmentos decorados e o número de organizações decorativas vemos que: os Lxs. 66, 78, 20.12 e 71.1 possuem a percentagem máxima de identificação de organizações decorativas pois os únicos fragmentos que cada um destes contextos possui possibilitou a identificação da organização decorativa.

3) Os Lxs. 20.9 e 83.1 possui cada um, um fragmento decorado que não possibilitou a identificação da organização decorativa.

4) Analisando, apenas, os contextos com mais de um fragmento decorado e ordenando-os por ordem decrescente (daquele com maior número de fragmentos identificados para aquele com menor número) obtivemos a seguinte hierarquia: Lx. 114 (100 %, 3 organizações decorativas em 3 fragmentos); Lx. 54 (80 %, 4 em 5); Lx. 104 (75 %, 3 em 4); Lx. 101 (50 %, 4 em 8) e Lx. 100 (6 em 13).

5) Tendo em conta, apenas, a variedade de organizações decorativas por contexto vemos que o contexto com maior número de fragmentos decorados é também aquele que apresenta maior variedade decorativa – o Lx. 100.

6) Comparando apenas os contextos com maior número de fragmentos (lisos e decorados) – Lxs. 100, 101, 54, 104, 20.13 e 114) vemos que cada um possui as suas próprias características. Os Lxs. 100, 101 e 20.13 possuem um número muito semelhante de fragmentos (à volta de 400) sendo que o Lx. 20.13 possui o equivalente a 1/3 dos fragmentos identificados no Lx. 100. No Lx. 20.13 não foi possível identificar nenhuma organização decorativa sendo que nos Lxs. 100 e 101 quase todos os fragmentos possibilitaram a identificação. Cremos que os Lxs. 100 e 101 encontram-se mais revolidos por ocupações posteriores que o Lx. 20.13.

A análise dos tipos de organizações decorativas presentes indica (est. DCCXCV):

– A organização decorativa maioritária é a X (30 %) – que diz respeito às decorações penteadas –, seguida da organização decorativa I (16 %) – banda de linhas rectas paralelas ao bordo –, da XXVIII (7 %) e por último da XXIX (5 %). Todas as outras organizações decorativas distribuem-se equitativamente sendo que não se destaca nenhuma em particular, se olharmos apenas de um modo estatístico. Na organização decorativa X foram identificados 13 subtipos sendo que 11 ocorrem unicamente nestes contextos. Na organização decorativa I foram identificados 4 subtipos sendo que todos eles foram identificados em contextos de ocupações posteriores. Na organização decorativa XXVIII foram identificados 3 subtipos sendo todos exclusivos destes contextos e na organização decorativa XXIX foram identificados 2 subtipos sendo também eles exclusivos destes contextos.

– A ocorrência das organizações decorativas de uma forma exclusiva em contextos pouco seguros a nível estratigráfico não ajuda na caracterização das decorações não Pré-históricas presentes no Crasto de Palheiros. Estas decorações revelam inovações em relação àquelas relacionadas com a ocupação calcolítica no entanto a sua ligação exclusiva a estes contextos dificulta a sua caracterização.

– Com base numa conjugação de factores de avaliação (tipo de pasta, contexto, estado de conservação do contexto e sua caracterização ao nível das pastas e decoração presente – desenho e técnica) lançamos as seguintes hipóteses (relacionadas com a organização decorativa X): 1) os subtipos 2e, 3d, 6a1 e 10 relacionam-se com a ocupação calcolítica; 2) os subtipos 2b, 2d, 4a1, 4a2 e 9 podem relacionar-se com a ocupação da Idade do Bronze e 3) os subtipos 3g, 4c e 5 relacionam-se com a ocupação da Idade do Ferro.

– Em relação à organização decorativa XXVIII lançamos as seguintes hipóteses: 1) o subtipo 2a relaciona-se com a ocupação calcolítica e 2) os subtipos 2d e 4 relacionam-se com a Idade do Bronze.

– Em relação às outras organizações decorativas podemos lançar as hipóteses que: 1) a organização XXVI relaciona-se com a ocupação calcolítica; 2) as organizações III3, VI3, IX2b, XI3, XII, XXX1 e XXXIV6a relacionam-se com a Idade do bronze e 3) a organização XXII pode relacionar-se quer com a Idade do Bronze quer com a Idade do Ferro.

A análise das localizações das decorações nos recipientes (est. DCCXCVIII) indica:

– Nos contextos analisados está presente uma maioria de fragmentos (56 %) que não possibilitam saber ao certo a sua localização e por isso supõe-se que façam parte de alguma zona da pança do recipiente – localização tipo 8.

– Apenas 44 % dos fragmentos possibilitaram a localização da decoração nos recipientes sendo que dentro desse grupo a localização preferida é o *tipo 7* – banda decorada paralela ao bordo, normalmente associada a recipientes globulares – com 14 % do total; seguida do *tipo 9* – banda decorada no diâmetro máximo do recipiente – com 12 % do total; seguida do *tipo 4* – decoração na linha colo / pança e na pança – com 5 % do total, equivalente a 2 fragmentos e do *tipo 2* – decoração no colo – com 5 % do total, também, equivalente a 2 fragmentos.

– Com base na localização da decoração dos recipientes podemos concluir que: 1) a maioria dos fragmentos decorados possui uma localização semelhante àquela presente em recipientes decorados Pré-históricos, o que de certo modo, pode estar a indicar uma mistura com decorações Pré-históricas pouco usuais; 2) uma minoria de fragmentos decorados (14 %) possui localizações nos recipientes que apontam claramente para a Idade do Bronze e/ou Ferro – tipos 2, 3, 4 e 10–; 3) os tipos 5, 7 e 9 – 28 % – são localizações que podem ocorrer tanto na ocupação calcolítica como nas ocupações posteriores.

– Cremos que a grande maioria dos fragmentos decorados correspondem a decorações presentes nas ocupações da Idade do Bronze e da Idade do Ferro, sendo que são evidentes semelhanças estéticas que apenas indicam uma continuidade cultural que de certo modo, faz todo o sentido.

A análise das pastas dos recipientes decorados (est. DCCCI) indica:

– Uma maioria de recipientes decorados realizados em pasta X (28 %), seguida da III (19 %), I e IX (14 % cada), IV (9 %), VI (7 %) e, por último, das VIII, XI e XII.

– Das 6 decorações que foram claramente identificadas com a ocupação calcolítica, 1 é em pasta IV, 1 em pasta III e 4 em pasta X.

– Cremos que determinados tipos de pasta, como as pastas IV, IX, X e XI possuem uma maior possibilidade de apresentar decorações calcolíticas. No entanto, à excepção da pasta XI, todas estas pastas foram utilizadas esporadicamente nas ocupações da Idade do Bronze e Ferro sendo mesmo utilizadas em recipientes decorados. Desta forma, é evidente uma continuidade quer dos tipos de pasta presentes, quer dos tipos de decorações presentes.

– As decorações presentes em pasta VI e VIII são indubitavelmente da Idade do Bronze e/ ou Ferro, sendo que as organizações decorativas correspondentes são a I e IX.

5.1.1.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes

No conjunto de 1872 fragmentos integrados na fase I foram identificadas quatro asas: 1) CP-03-2804 (est. XLVII, 2) de secção de tipo 2; 2) CP-03-6474 (est. XLVI, 3), de secção de tipo 1; 3) CP-03-4916 (est. XLVI, 4), de secção de tipo 1 e 4) CP-03-4926 (est. XL, 14) de secção de tipo 2.

As asas 3 e 4 pertencem ao Lx. 100, a 2 ao Lx. 66 e a 1 ao Lx. 20.12, sendo a 1, 2 e 4 foram realizadas em pasta X e a 3 em pasta IV. Toas as asas apresentam-se bastante fragmentadas sendo que nenhuma possibilitou saber a localização da mesma nos recipientes respectivos.

É de notar que todas provêm de contextos bastante misturados com materiais de ocupações posteriores. Não deixa de se interessante observar que todas são construídas em pastas tipicamente pré-históricas o que alicerça a nossa hipótese de alguma continuidade ao nível da cultura material nas ocupações da Idade do Bronze e Idade do Ferro.

O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro

Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica

5.2. Artefactos cerâmicos da Idade do Bronze

5.2.1. Plataforma Inferior Leste

5.2.1.0 Introdução aos contextos estudados

Os contextos integrados na Idade do Bronze da Plataforma Inferior Leste – PIL – correspondem aos Lxs. 24, 25, 28, 64, 100, 102, 104, 107, 109, 25.1, camadas 1/2, 1b/2a, quadrados S/8-9, T/8-9, V/9-10-16, W/9, 12, 13, 14, 16, X/11, 13, 16, Y/11, 12, 13, 14, 15, 16, Z/16 e associações de complexos A7, A8, A23 e A24.

5.2.1.1. Análise Técnica

Foram exumados dos contextos conotados com a Idade do Bronze e contextos de interface entre a ocupação calcolítica e aquelas posteriores (tanto da Idade do Bronze como da Idade do Ferro), 721 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 47 bordos no total; 2) 14 bordos conotados com a Idade do Bronze/Ferro); 3) 15 bases; 4) 78 fragmentos decorados dos quais 6 estão conotados com a Idade do Bronze/Ferro e 22 recipientes conotados com a Idade do Bronze/Ferro.

a) Tipos de Pastas

A análise individual dos contextos identificados com a fase II – Lxs. 24, 25, 28, 64, 100, 102, 104, 107, 109, 25.1, c. 1/2, c. 1b/2a – revelou os seguintes dados:

a1) a análise dos complexos claramente identificados com a Idade do Bronze e agrupados como A23 – Lxs. 24, 25, 25.1 e 28, estampa CXXXII – revelaram a presença de 7 das 12 pastas presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros (sendo que a 13^a e 14^a não são contabilizadas). No conjunto de fragmentos, a pasta predominante é a X, seguida da III, I e VII. No entanto apenas foram identificados recipientes realizados em pasta I e X.

a2) a análise dos complexos imediatamente anteriores à ocupação da Idade do Ferro (iniciada por volta do séc. V) – Lxs. 64, 109 e A7: Lxs. 100, 102, 104, estampas CXXXIII e CXXXIV – revelaram a presença de 8 das 12 pastas presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. Na A7 a pasta predominante, nos fragmentos, é a X, seguida da VII, III e I e nos Lxs. 64 e 109 a pasta predominante é a III. Foram identificados recipientes realizados em pasta VII e III – na A7 – e I e III, no Lx. 109 sendo que o Lx. 64 apenas possui um recipiente calcolítico. O Lx. 64 possui uma relativa importância, ao nível dos fragmentos, das pastas VIII e XII o que nos leva a crer que este

contexto se encontrava muito perturbado pela posterior ocupação da Idade do Ferro, donde estas cerâmicas devem ser provenientes.

a3) Os contextos do A7 e Lx. 109 realçam a importância das pastas I, III e VII e atenuam a presença da pasta X, podendo indicar que esta pasta estaria mais relacionada com a ocupação calcolítica e/ou com a ocupação da Idade do Bronze. cremos que a pasta X, que era grandemente utilizada na ocupação calcolítica, perdeu importância nas ocupações posteriores ainda que não tenha sido esquecida totalmente.

a4) No complexo 107 foram identificadas 7 das 12 pastas presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros apesar do baixo número de fragmentos associados a este Lx. Ao nível dos fragmentos, predominam as pastas X, XI, III, e I e, ao nível dos recipientes as pastas III, X e I. É de notar a elevada presença de fragmentos conotados com a ocupação calcolítica – pastas IV, IX, X e XI – ainda que tal não se reflecta na presença de recipientes da mesma ocupação e das referidas pastas.

a5) A avaliação das camadas 1/2 e 1b/2a (estampa CXXXV) que podem estar relacionadas tanto com a ocupação da Idade do Bronze como do Ferro, revelaram a presença de 9 das 12 pastas presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. No conjunto de fragmentos, as pastas predominantes são as X e I, seguidas da III, VI e VIII. Nos recipientes as pastas encontram-se por esta ordem: III, I, VI, X e VIII.

A análise individual dos estratos e aquela realizada à totalidade do conjunto cerâmico conotado com a Idade do Bronze na PIL (estampa CXXXI) permitiu as seguintes conclusões.

– *A pasta predominante é a X, seguida da III e I.* Esta hierarquia mantém-se na totalidade dos bordos presentes mas não nos recipientes identificados com a fase II (bordos ou bases da Idade do Bronze/Ferro). Nos recipientes, a pasta predominante é a I, seguida da III e X. O desfasamento entre o número de fragmentos e suas pastas e os recipientes identificados aponta para contextos de mistura entre a ocupação calcolítica e aquelas posteriores.

– As pastas IV, IX, XI e XII são tidas como residuais, quer dizer, a ausência de recipientes e a baixa presença apontam para que as pastas IV, IX e XI estejam relacionadas com a ocupação calcolítica e a que a pasta XII possa estar relacionada com a ocupação da Idade do Ferro.

– As pastas I, III e X são tidas como a base de confiança do conjunto cerâmico da Idade do Bronze, quer dizer, a presença elevada de fragmentos bem como de recipientes apontam para um uso inequívoco destas pastas nesta ocupação e com esta ordem de preferência.

– Em termos de importância quantitativa seguem as pastas acima indicadas, as pastas VII, VI e VIII, sendo que esta hierarquia se mantém na totalidade dos bordos e na dos recipientes identificados, unicamente, com a fase II. No entanto há dois aspectos relativos a estas três pastas

que gostaríamos de rectificar: 1) só existem recipientes de pasta VII no A7 e 2) só existem recipientes de pastas VI e VIII na c. 1/2. Cremos que as pastas VI e VIII – por se encontrarem na camada 1/2 e se poderem relacionar com a ocupação da Idade do Ferro onde são mais abundantes – podem não se enquadrar na ocupação da Idade do Bronze na PIL. A pasta VII – devido à sua relativa importância na A7 – ganhou algum destaque no conjunto global relativo à fase II.

– Apesar do conjunto de fragmentos identificados com a fase II ter revelado a presença de 10 das 12 pastas presentes no Crasto de Palheiros (estampas da CXXXI à CXXXV) cremos que as pastas IV, VI, VIII, IX e XI devem ser excluídas com base no que já foi referido. Assim as pastas de referência para a fase II serão a I, III, VII, X e XII (apesar de não ter sido identificado nenhum recipiente realizado em pasta XII). Concluimos, então, que as pastas típicas da ocupação da Idade do Bronze na PIL são a I, III, VII e X e que se encontram em continuidade com aquelas pastas utilizadas na ocupação calcolítica.

– O aumento da diversidade das pastas desde a A23 até à c. 1/2 pode ser um indicativo da proximidade da ocupação da Idade do Ferro sendo que podemos colocar a hipótese de que contextos mais diversos estão relacionados com fases ocupacionais mais modernas.

b) Análise da mistura dos contextos através das pastas dos recipientes e seus fragmentos

A análise comparativa dos bordos calcolíticos e recipientes da Idade do Bronze (ou Ferro) presentes nos contextos estudados revelou os resultados que apresentamos de seguida.

b1) Na totalidade da fase II, 60 % dos bordos são calcolíticos frente a 40 % de recipientes conotados com esta fase (sejam bordos ou bases).

b2) Organizando os contextos por ordem decrescente de % de bordos calcolíticos temos os seguintes resultados: Lx. 64 (100%); A23 (62 %); A7 e c. 1/2 (58 % cada um); Lx. 109 (33 %) e Lx. 107 (25 %).

b3) Se tivermos em conta apenas estes resultados podemos concluir que os contextos estudados à excepção dos Lxs. 109 e 107 se encontram muito misturados com os conjuntos materiais da ocupação calcolítica.

No entanto uma análise que tenha em conta o número de fragmentos identificados com pastas, normalmente conotadas com a ocupação calcolítica – IV, IX, X e XI – permite concluir que o Lx. 107 é o contexto mais misturado (72 %), seguido do Lx. 64 (50%), do A23 (47 %), do A7 (37 %), c. 1/2 (30 %) e Lx. 109 (11 %).

b4) Concluímos que todos os contextos se encontram misturados, convivendo no mesmo estrato cerâmicas da ocupação calcolítica, da Idade do Bronze e também da Idade do Ferro, nos casos dos Lxs. 64, 109 e A7.

c) Estado de conservação dos fragmentos = Estado de conservação do estrato

A análise do estado de conservação dos fragmentos exigiu o agrupamento dos complexos em conjuntos de dimensão considerável, para que a estatística fosse viável. Assim foram analisados as associações 7, 8 e 23 e a camada 1/2 sendo excluído os Lxs. 107, 64 e 109.

c1) Na A23, os fragmentos de maiores dimensões são os de pasta III, VII, XI e XII e os de menores dimensões são os de pasta I, VIII e X. As arestas mais conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas III, VII e XII e as arestas menos conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas I, X e XI. A pasta VIII possui o mesmo número de fragmentos com arestas roladas ou vivas. Concluímos que, na A23, os fragmentos melhor preservados são os de pasta *III, VII e XII*, os pior conservados são os de pasta *I, X e XI* e os fragmentos de pasta *VIII* não permitiram conclusões algumas.

c2) Na A7, os fragmentos de maiores dimensões são os de pasta VII, X, XI e XII e os de menores dimensões são os de pasta I, III e VIII. As arestas mais conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas III, VII e VIII e as arestas menos conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas I, X e XII. O fragmento de pasta XI não permite conclusões. A análise da conservação dos fragmentos na A7 permitiu duas conclusões. 1^a) os fragmentos de maiores dimensões não são aqueles que apresentam melhor conservação das arestas, à excepção dos de pasta VII, tal facto pode apontar para uma maior dureza destas pastas aliada a uma elevada porosidade que cria uma pasta difícil de quebrar mas fácil de esboroar (VII, X, XI e XII) ou indicar que estes fragmentos já se encontravam no estrato aquando da ocupação da Idade do Bronze e da utilização de pastas semelhantes e dissemelhantes a estas; 2^a) os fragmentos de menor dimensão (I, III e VIII) apresentam arestas muito vivas, podendo revelar, por um lado, a modernidade destas cerâmicas e, por outro, cerâmicas que se quebram com facilidade, constituindo constantemente novas e vivas arestas. Consoante a hipótese interpretativa que colocamos assim podemos concluir premissas diferentes sobre esta associação de estratos. A análise desta associação leva-nos a crer que estes estratos se encontram muito deteriorados e remexidos pelas constantes ocupações criando um estado de total confusão no estado de conservação dos fragmentos. Quer dizer, não há concordância entre a dimensão dos fragmentos e a conservação das suas arestas, tal como acontece na A23, indicando que as pastas com fragmentos de menores dimensões e de arestas vivas sofreram um destrutivo processo pós-

deposicional que levou ao quebrar dos fragmentos que já se encontravam quebrados. cremos que os Lxs. 100, 102 e 104 foram muito destruídos e alterados ao contrário da A23.

c3) Na A8, os fragmentos de maiores dimensões são os de pasta VII, VIII e XII seguidos dos de pasta I e IX e os de menores dimensões são os de pasta III, X e XI. As arestas mais conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas I, VII, VIII e IX e as arestas menos conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas III e X, sendo que o de pasta XI não é conclusivo e nos de pasta XII encontramos um equilíbrio entre os fragmentos de arestas roladas e vivas. Na A8, tal como na A23, *existe uma relação directa e proporcional entre a dimensão dos fragmentos e o seu estado de conservação*. Podemos observar uma clara discrepância entre a A7 e a A8 que cremos dever-se ao efeito de homogeneização ocorrido quando vários contextos de características diferentes se associam. Vemos, aqui, reforçado o carácter individual dos Lxs. 64 e 109 pois a junção destes dois Lxs à A7 levou a conclusões diferentes daquelas encontradas aquando da análise individual desta associação. *Sabemos agora que a análise do estado de conservação de um estrato exige o estudo individual das cerâmicas presentes pois agregação de vários estratos leva a que a diversidade de pastas presentes se mantenha mas que o estado de conservação das arestas dos fragmentos não se mantenha*. Daí que a união de estratos diferentes acarrete a homogeneização do conjunto. Neste caso a agregação de um conjunto degradado – A7 – a Lxs. mais conservados – Lx. 109 – criou um conjunto com maior número de fragmentos de maiores dimensões e de arestas mais vivas, falseando a realidade de cada estrato em particular.

c4) Na *camada 1/2*, os fragmentos de maiores dimensões são os de pasta VI, VIII, XI seguida da III e X e os de menores dimensões são os de pasta I, VII, IX e XII. As arestas mais conservadas encontram-se nos fragmentos de pasta VI e VIII e as arestas menos conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas I, III, IX e X. Os fragmentos de pastas VII e XI possuem em número aproximado quer arestas roladas quer arestas vivas. O fragmento de pasta XII não permite conclusões. Concluimos que na *camada 1/2*, os fragmentos melhor conservados são os de pasta VI e VIII, seguidos dos de pasta III e os fragmentos pior conservados são os de pasta I, IX e X.

A análise do estado de conservação dos fragmentos nos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões.

– No geral (estampa CXXXI) o conjunto cerâmico da fase II revela uma má conservação dos estratos; mais de 50 % dos fragmentos apresentam arestas roladas ou boleadas e mais de 60 % dos fragmentos apresentam uma dimensão inferior ou igual à categoria 2. As pastas que se apresentam

mais fragmentadas são a I, III e X sendo que são também os fragmentos destas pastas que apresentam arestas pior conservadas.

– Na análise individual dos contextos podemos ver que as pastas não apresentam a mesma conservação nos diversos estratos em análise, a saber: 1) a A7 não foi conclusiva; 2) as pastas piores conservadas na camada 1/2, A23 e A8 foram a X, seguida da I; 3) as pastas melhor conservadas na camada 1/2, A23 e A8 foram a III, VII e VIII. Como podemos ver há uma discrepância entre a análise geral e a análise individual dos contextos. Cremos que a análise individual é mais útil que a análise geral pois nos revela mais de cada contexto.

– *Deste modo, cremos que o mau estado de conservação da pasta X está de acordo com a destruição da ocupação calcolítica através das ocupações posteriores onde esta pasta era predominante. As arestas vivas e boa dimensão de fragmentos de pasta VI e VIII são sinal da intrusão de cerâmicas pertencentes à Idade do Ferro nos contextos da Idade do Bronze. A conservação oscilante (quer boa ou má) das pastas III e VII pode indicar um uso destas pastas e uma conservação de acordo com factores de utilização, que de momento, não podemos afirmar quais são.*

d) Tratamentos de superfície

A análise dos tratamentos de superfície segue as associações já utilizadas nas análises anteriores (tipo de pasta, conservação dos fragmentos), a saber: A7, 8, 23, 24 e Lxs. 64, 107 e 109.

d1) Na A23 (estampa CXXXVII), os tratamentos de superfície dominantes, ao nível dos fragmentos, são: Pol/Pol (30 %), Pol/Alí (26 %), Alí/Alí (16 %) e Alí/Pol (10 %). Todos os restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 5 %. Os tratamentos de superfície dominantes nos recipientes são: Alí/Alí e Pol/Pol.

d2) Na A7 (estampa CXXXVIII), os tratamentos de superfície dominantes, ao nível dos fragmentos, são: Alí/Alí (30 %); Pol/Pol (15 %); Alí/Pol (7 %); Pol/Alí (7 %); Rug/Pol (6 %). Todos os restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 5 %. Os tratamentos de superfície dominante nos recipientes é o Alí/Pol (60 %), no entanto devido à baixa representatividade dos recipientes cremos que a presença dos outros tratamentos de superfície é, também relevante. Assim nos recipientes da A7 estão presentes o Rug/Pol e o Rug /Alí.

d3) No Lx. 64 (estampa CXXXVIII), os tratamentos de superfície dominantes são: Alí/Alí com 36 %; Alí/Pol, Pol/Alí e Pol/Pol com 14 % cada e Rug/Pol com 7 %. é de notar que este complexo possui um número reduzido de fragmentos e nenhum recipiente sendo que a estatística pode estar sobrevalorizada.

d4) No *Lx. 109* (estampa CXXXVIII), os tratamentos de superfície dominantes, ao nível dos fragmentos, são: Pol/Alí (22 %); Rug/Pol (17 %); Alí/Alí (14 %); Rug/Alí (11 %); Alí /Pol e Pol /Pol (9 % cada) e dos restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 5 %. Os tratamentos de superfície dos recipientes estão repartidos igualmente por Pol/Alí e Rug/Pol.

d5) Na *A8* (estampa CXXXIX, quadro 1), os tratamentos de superfície dominantes, ao nível dos fragmentos, são: Alí/Alí (26 %); Pol/Pol (13 %); Pol/Alí (12 %); Rug/Pol (10 %) e Alí /Pol (8 %). Todos os restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 5 %. Os tratamentos de superfície dominantes nos recipientes são: Alí/Pol e Rug/Pol.

d6) No *Lx. 107* (estampa CXXXIX, quadro 2), os tratamentos de superfície dominantes, ao nível dos fragmentos, são: Alí/Alí (35 %); Pol/Pol (31 %); Alí /Pol e Pol /Alí (6 % cada). Todos os restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 5 %. Os tratamentos de superfície dos recipientes estão repartidos igualmente por Alí/Alí, Pol/Alí e Pol/Pol.

d7) Na *A24* (estampa CXL), os tratamentos de superfície dominantes, ao nível dos fragmentos, são: Pol/Pol (24 %), Alí/Alí (13 %), Alí/Pol e Pol/Alí (11 % cada). Todos os restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 5 %. Os tratamentos de superfície dominante nos recipientes é o Pol/Pol (30 %) seguido dos tratamentos Alí/Alí, Esp/Pol, Pol/Alí e Rug/Pol com 10 % cada.

A análise dos tratamentos de superfície permitiu as seguintes conclusões:

- Os tratamentos de superfície dominantes no conjunto cerâmico da fase II (estampa CXXXVI) são, na superfície externa, os polidos (40 %), alisados (30 %), rugosos (8 %) e cepilhados (2 %) e, na superfície interna, polidos (42 %), alisados (40 %) e espatulados (1 %).
- Os contextos *A23* e *24* estão de acordo com a análise geral sendo que os polidos e alisados são predominantes. No entanto, os contextos *A7*, *Lx. 64*, *A8* e *Lx. 107* não se encontram de acordo com a análise geral pois são predominantes os alisados, seguidos dos polidos e rugosos. O *Lx. 109* destaca-se pela elevada presença de rugosos externos associados a polidos ou alisados internos.
- A análise individual dos contextos revela a presença dominante das seguintes associações de tratamentos de superfície (ordenadas por ordem decrescente): Alí/Alí; Pol/Pol; Pol/Alí; Alí/Pol e Rug/Pol. Como podemos constatar o tratamento Alí/Alí é dominante ainda que os alisados não sejam dominantes nas superfícies externas ou internas.
- O tratamento de superfície alisado (externo ou interno) ocorre em todas as pastas presentes no conjunto da fase II, à excepção da IV. Tem tendência a ocorrer nas pastas X, III, I e VII (ordenadas por ordem decrescente). O polido ocorre em todas as pastas com particular incidência nas pastas X,

I, III e VII. O rugoso ocorre em 7 das 10 pastas com incidência nas III, VI, VII e VIII. Por último, o cepilhado ocorre em 6 das 10 pastas com incidência nas VIII, VI e III.

– A ocorrência de determinados tratamentos de superfície em determinados tipos de pastas – por exemplo, polidos e alisados preferencialmente nas pastas I, III e X e rugosos e cepilhados preferencialmente nas pastas VI e VIII – pode ser casual ou um facto determinante da cultura material da Idade do Bronze/Ferro no Crasto de Palheiros. A casualidade ou perenidade deste facto apenas pode ser comprovada com a continuação do estudo das cerâmicas do Crasto de Palheiros, ao longo dos capítulos que se seguem. Deixamos esta conclusão para o final.

– Se acreditarmos que a presença de determinados tipos de tratamentos de superfície – como os cepilhados e rugosos – apontarem para ocupações mais tardias, neste caso a Idade do Ferro, a avaliação destes tipos por contexto será útil no discernimento da cronologia dos estratos. Assim vemos que são a A23 e o Lx. 107 os contextos com menos presença destes tipos. Observamos que a A7 e A8 são os conjuntos de complexos com maior presença de rugosos e por último, a A24 é aquela que apresenta maior importância dos cepilhados e maior variedade de conjugações no total dos conjuntos estudados. Deste modo, podemos afirmar que a A23 é o conjunto mais seguro na avaliação da fase II.

e) Diversidade da cor nos fragmentos / Tipos de cozedura / Uso e deposição

A análise dos tipos de cor presentes nos fragmentos segue as associações e complexos já utilizados nas análises anteriores – A7, 8, 23, 24 e Lxs. 107 e 109 –, à excepção do Lx. 64. O Lx. 64 encontra-se integrado na A8 e por isso foi analisado através desta associação.

e1) Na A23, podemos observar o seguinte.

1) 65 % dos fragmentos possuem um cerne negro (P) no entanto, apenas 35 % possuem a superfície interior negra e 17 % a superfície exterior negra (estampa CXLII). Muitos cernes negros possuem outras cores superficiais, sendo a dominante o castanho-escuro, seguido do amarelo e vermelho-escuro (estampa CL).

2) 17 % dos fragmentos possuem um cerne castanho-escuro (C) no entanto, 44 % possuem a superfície interior castanha-escuro e 51 % a superfície exterior castanha-escuro (estampa CXLII). São poucos os cernes castanhos-escuros e muitas as superfícies castanhas-escuras o que faz pressupor que este tipo de cor se conjuga com cernes de outra cor, sendo dominante os cernes negros seguidos dos vermelhos-escuros (estampa CL).

3) as conjugações de cor negra e castanha-escuro – C-P-C; C-P-P; P-P-C; P-P-P (estampa CL) – são dominantes e revelam uma ligação entre os dois tipos de cor. cremos que os fragmentos cerâmicos

de cerne negro possuem uma tendência para possuir superfícies castanhas-escuras. Tal facto, pode ocorrer devido a uma descoloração das superfícies devido quer à sua utilização como recipientes quer aos processos pós-deposicionais. A maior presença de C-P-P (9 %) em relação à presença de P-P-C (3 %) pode indicar que a superfície externa de cor castanha-escura é uma descoloração do recipiente através do seu uso (lavagens após a confecção de alimentos). Embora, a elevada presença de C-P-C (22 %) possa indicar que ambas as superfícies – externa e interna – descoloravam da mesma forma, quer através do uso quer através dos processos pós-deposicionais. Cremos, no entanto, que a superfície interna se encontra mais protegida das descolorações de uso sendo que a cor desta superfície é geralmente, mais concordante com a cor do cerne do que a cor da superfície externa.

4) 14 % possuem um cerne vermelho-escuro (VE) no entanto, apenas 8 % possuem a superfície interior vermelha-escura e 12 % a superfície exterior vermelha-escura (estampa CXLII). Os fragmentos de cerne vermelho-escuro possuem superfícies externas e internas da mesma cor, mas também castanhas-escuras e negras (estampa CL). Cremos que a discrepância entre as cores das superfícies e do cerne se deve à utilização dos recipientes e aos processos deposicionais. Muitos dos fragmentos de cerne vermelho-escuro revelam uma superfície enegrecida e pelo menos um revelava fuligem.

5) Fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies externas: castanhas-escuras (33 %), negras (14 %), amarelas (11 %), vermelhas-claras (7 %) e vermelhas-escuras (1 %) e superfícies internas: castanhas-escuras (27 %), negras (26 %), amarelas (7 %), vermelhas-claras (4 %) e vermelhas-escuras (2 %) (estampa CL).

6) Nos recipientes, 3 dos 5 identificados – 60 % (estampa CXLII) – possuem um cerne negro no entanto nenhum possui superfícies negras, sendo que 3 possuem superfícies externas e internas castanhas-escuras. O estado dos recipientes demonstra a forma como os fragmentos, em geral, se revelam. Um núcleo negro não é sinónimo de superfícies negras.

7) Os amarelos (A), cinzentos-claros (B) e os vermelhos-claros (VC) acusam uma discrepância acentuada entre os cernes e as superfícies (estampa CXLII). Cremos que o aumento de amarelos (A) e os vermelhos-claros (VC) nas superfícies se deve à cor respectiva do estrato dos fragmentos.

8) Existe uma presença significativa de fragmentos em que a cor do cerne é concordante com a cor das superfícies: A-A-A (1 %); C-C-C (11 %); P-P-P (11 %) e VE-VE-VE (4 %) (estampa CL). Deste modo, 27 % dos fragmentos apresentam uma boa preservação da cor.

e2) Na A7, podemos observar o seguinte.

- 1) 57 % dos fragmentos possuem um cerne negro (P) no entanto, apenas 40 % possuem a superfície interior negra e 20 % a superfície exterior negra (estampa CXLIII).
- 2) 22 % dos fragmentos possuem um cerne castanho-escuro (C) no entanto, apenas 17 % possuem a superfície interior castanha-escura e 32 % a superfície exterior castanha-escura (estampa CXLIII).
- 3) 13 % possuem um cerne vermelho-escuro (VE) no entanto, 15 % possuem a superfície interior vermelha-escura e 20 % a superfície exterior vermelha-escura.
- 4) Os amarelos (A) representam 19 % das superfícies externas e internas no entanto apenas representam 2 % dos cernes.
- 5) Os cinzento-claros (B) e os vermelhos-claros (VC) representam entre 3 a 4 % das superfícies e cerne dos fragmentos, sendo que são as cores mais estáveis, quer dizer, com menor variabilidade entre superfícies e cerne.
- 6) As seguintes conjugações são dominantes: A-P-A; C-C-C; C-P-P; P-P-P; VE-VE-VE sendo que é notória a importância dos cernes negros aliados a superfícies de outras cores (estampa CLI). Fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies externas da mesma cor (16 %), amarelas (15 %), castanhas-escuras (15 %), vermelhas-escuras (6 %) cinzentas-claras (4 %) e vermelhas-claras (2 %) e superfícies internas da mesma cor (29 %), amarelas (15 %), castanhas-escuras (5 %), vermelhas-escuras (5 %) cinzentas-claras (3 %) e vermelhas-claras (1 %) (estampa CLI). Deste modo, observamos que há uma discrepância entre as colorações internas e externas sendo que as colorações internas são tendencialmente mais escuras que as externas, devido à maior presença de coloração negra. No entanto, a presença de superfícies amarelas (A) tanto externas como internas, em fragmentos de cerne negro, pode indicar que esta coloração se deve à cor do estrato.
- 7) Existe uma presença significativa de fragmentos em que a cor do cerne é concordante com a cor das superfícies: A-A-A (2 %); C-C-C (10 %); P-P-P (14 %); VC-VC-VC (1 %) e VE-VE-VE (6 %) (estampa CLI). Deste modo, 33 % dos fragmentos apresentam uma boa preservação da cor.
- 8) Nos recipientes, 3 dos 5 identificados – 60 % (estampa CLI) – possuem um cerne negro e superfícies negras ou castanhas-escuras. Os outros 2 recipientes possuem cernes castanhos-escuros e vermelhos-claros. O estado destes recipientes revela novamente que um núcleo negro não é sinónimo de superfícies negras.

e3) No Lx. 109, podemos observar o seguinte.

- 1) 67 % dos fragmentos possuem um cerne negro (P) no entanto, apenas 52 % possuem a superfície interior negra e 39 % a superfície exterior negra (estampa CXLIV).

- 2) 27 % dos fragmentos possuem um cerne castanho-escuro (C) no entanto, apenas 20 % possuem a superfície interior castanha-escura e 28 % a superfície exterior castanha-escura (estampa CXLIV).
- 3) 5 % dos fragmentos possuem cernes de outros tipo de cor: vermelhos-escuros (3 %), cinzentos-claros (1,5 %) e vermelhos-claros (1,5 %) (estampa CXLIV).
- 4) Os amarelos (A) representam entre 15 a 17 % das superfícies externas e internas no entanto não foi identificado nenhum cerne deste tipo de cor (estampa CXLIV).
- 5) As seguintes conjugações são dominantes: P-P-P; C-C-C; VE-P-VE; A-C-A; A-P-A; C-P-C sendo que é notória a importância dos cernes negros e castanhos-escuros aliados a superfícies de outras cores (estampa CLII). Os cernes negros estão associados a todos os outros tipos de cor presentes e os castanhos-escuros encontram-se associados a superfícies negras ou amarelas. Fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies externas da mesma cor (39 %), vermelhas-escuras (11 %), castanhas-escuras (9 %), amarelas (6 %) cinzentas-claras (1,5 %) e vermelhas-claras (1,5 %) e superfícies internas da mesma cor (45 %), vermelhas-escuras (9 %), amarelas (6 %) e castanhas-escuras (6 %) (estampa CLII). As superfícies internas são mais escuras que as superfícies externas sendo que nas superfícies internas há uma ausência dos tipos B e VC.
- 6) Fragmentos cerâmicos com superfícies de cor amarela (A) possuem cernes de todos os outros tipos de cores, sendo a maioria negra ou castanha-escura. Os fragmentos cerâmicos de superfícies de cor vermelha-escura ou vermelha-clara possuem, na sua maioria, cernes negros. É notória a presença de fragmentos de cerne negro ainda que as suas superfícies possam ter outras cores.
- 7) 53 % dos fragmentos apresentam uma boa preservação da cor pois: 14 % são C-C-C; 37,5 % são P-P-P e 1,5 % são VE-VE-VE.
- 8) Os 2 recipientes identificados possuem cerne negro e castanho-escuro e superfícies negras. O número reduzido de recipientes pode deturpar a importância de determinados grupos de cor no entanto é de notar que os recipientes realçaram a importância dos grupos P e C já revelada na totalidade do conjunto dos fragmentos cerâmicos.

e4) Na A8, podemos observar o seguinte.

- 1) 59 % dos fragmentos possuem um cerne negro (P) no entanto, apenas 43 % possuem a superfície interior negra e 25 % a superfície exterior negra (estampa CXLV)
- 2) 23 % dos fragmentos possuem um cerne castanho-escuro (C) no entanto, apenas 18 % possuem a superfície interior castanha-escura e 31 % a superfície exterior castanha-escura (estampa CXLV).
- 3) 10 % dos fragmentos possuem um cerne vermelho-escuro (C), 14 % possuem a superfície interior vermelha-escura e 18 % a superfície exterior vermelha-escura (estampa CXLV).

4) 8 % dos fragmentos possuem cernes de outros tipo de cor: vermelhos-claros (3 %), cinzentos-claros (2,5 %) e amarelos (1,5 %) (estampa CXLV).

5) Se a análise da cor fosse realizada somente para a superfícies dos fragmentos concluiríamos que os amarelos competem, em importância, com os vermelhos-escuros pois nas superfícies externas e internas a sua presença é de 17 %, sendo superior à presença de vermelhos-escuros nas superfícies internas (14 %) (estampa CXLV).

6) As seguintes conjugações são dominantes: P-P-P; C-C-C; A-P-A; C-P-P; VE-P-VE e VE-VE-VE (estampa CLIII) sendo que é evidente a presença maioritária dos cernes negros seguida dos castanhos-escuros e dos vermelhos-escuros. No entanto, podemos constatar que os fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies externas da mesma cor (22 %), castanhas-escuras (13 %), amarelas (11 %), vermelhas-escuras (7 %), cinzentas-claras (3 %) e vermelhas-claras (2,5 %) e superfícies internas da mesma cor (32 %), amarelas (11 %), vermelhas-escuras (6 %), castanhas-escuras (5 %), cinzentas-claras (2 %), vermelhas-claras (0,5 %) (estampa CLIII). Podemos constatar que as superfícies internas mantêm mais a cor negra – semelhante à do cerne – dos que as superfícies externas no entanto sofrem também uma relativa descoloração semelhante à das superfícies externas ao nível dos tipos A, VE, B e VC.

7) 40 % dos fragmentos apresentam uma boa preservação da cor pois: 1 % são A-A-A; 12 % são C-C-C; 20 % são P-P-P; 1 % são VC-VC-VC e 5 % são VE-VE-VE.

8) 4 dos 7 recipientes possuem cernes negros, sendo que 2 são castanhos-escuros e 1 é vermelho-claro. A importância dos tipos P e C é apontada pela análise aos recipientes bem como o tipo VC, sendo que este é claramente minoritário na totalidade do conjunto analisado.

e5) No *Lx. 107*, podemos observar o seguinte.

1) 70 % dos fragmentos possuem um cerne negro (P) no entanto, apenas 31 % possuem a superfície interior negra e 17 % a superfície exterior negra (estampa CXLVI)

2) 15 % dos fragmentos possuem um cerne castanho-escuro (C) no entanto, apenas 26 % possuem a superfície interior castanha-escura e 37 % a superfície exterior castanha-escura (estampa CXLVI).

3) 7 % dos fragmentos possuem um cerne vermelho-escuro (C), 24 % possuem a superfície interior vermelha-escura e 31 % a superfície exterior vermelha-escura (estampa CXLVI).

4) 8 % dos fragmentos possuem cernes de outros tipo de cor: amarelos (4 %), vermelhos-claros (2 %), cinzentos-claros (2 %) e (estampa CXLVI).

5) Se a análise da cor fosse realizada somente para a superfícies dos fragmentos concluiríamos, erradamente, que: *a)* o tipo de cor P não seria importante e competiria com o tipo C; *b)* os cernes de tipo B não seriam perceptíveis pois só existem superfícies internas deste tipo de cor e *c)* os tipos A e

VE possuem uma presença significativa e indicariam cernes do mesmo tipo. Concluímos que os resultados dos tipos de cor presentes nas superfícies não são suficientes para avaliar o cerne dos fragmentos e podem mesmo induzir em erro, apontando para conclusões divergentes daquelas obtidas através da análise dos cernes.

6) As seguintes conjugações são dominantes: VE-P-VE, C-P-C, P-P-P; C-C-C (estampa CLIV) sendo que é evidente a dominância dos cernes negros ainda que com colorações de superfície discordantes. Fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies externas castanhas-escuras (24 %), vermelhas-escuras (24%), negras (17 %) e amarelas (6 %), e superfícies internas da mesma cor (24 %), vermelhas-escuras (19 %), castanhas-escuras (19 %), amarelas (4 %) e vermelhas-claras (2 %) (estampa CLIV). Podemos constatar que as superfícies internas mantêm mais a cor negra no entanto a presença de castanhos-escuros e negros é semelhante nas superfícies externas e internas. Quer dizer que estes tipos de cor analisados em conjunto possuem a mesma importância (cerca de 30 %) no entanto nas superfícies externas é predominante o tipo C e nas internas o tipo P. Os restantes tipos de cor possuem presenças semelhantes – entre as superfícies externas e internas – sendo que o tipo VC só ocorre nas superfícies internas, talvez devido a uma descoloração de causa pontual.

7) 32 % dos fragmentos apresentam uma boa preservação da cor pois: 4 % são A-A-A; 7 % são C-C-C; 13 % são P-P-P, 6 % são VE-VE-VE e 2% são VC-VC-VC (estampa CLIV).

8) As conjugações de cor presentes nos recipientes divergem dos resultados obtidos para a análise da totalidade do conjunto. Nos recipientes apenas 1 dos 3 possui um cerne negro, 2 pertencem a conjugações de cor minoritárias (2 % na análise geral para os VE-VE-P e VC-VC-VC) e apenas 1 (o C-P-C) se encontra, relativamente, concordante com a análise geral. cremos que a análise da cor dos recipientes não deve balizar os resultados gerais pois a cor é um factor que se vê modifica por muitos processos, de utilização e pós-depositacionais.

e6) Na A24, podemos observar o seguinte.

1) 60 % dos fragmentos possuem um cerne negro (P) no entanto, apenas 40 % possuem a superfície interior negra e 21 % a superfície exterior negra (estampa CXLVII)

2) 16 % dos fragmentos possuem um cerne vermelho-escuro (C), 24 % possuem a superfície interior vermelha-escuro e 31 % a superfície exterior vermelha-escuro (estampa CXLVII).1

3) 15 % dos fragmentos possuem um cerne castanho-escuro (C) no entanto, apenas 19 % possuem a superfície interior castanha-escuro e 25 % a superfície exterior castanha-escuro (estampa CXLVII).

4) 9 % dos fragmentos possuem cernes de outros tipo de cor: 7 % são cinzentos-claros e 2% são amarelos (estampa CXLVII).

5) Se a análise da cor fosse realizada somente para as superfícies dos fragmentos concluiríamos, erradamente, que: *a)* o tipo de cor VE seria o dominante – nas superfícies externas – competindo com o P; *b)* O tipo P competiria, em importância, também com o tipo C sendo difícil discernir quais dos 3 (P, C e VE) seria de facto aquele mais presente nos cernes dos fragmentos; *c)* o tipo A possuiria alguma relevância sendo que está presente em 16 % das superfícies externas e 12 % das superfícies internas – independentemente de apenas 2 % dos cernes possuírem este tipo de cor e *d)* o tipo B seria subvalorizado pois a presença nas superfícies é inferior à presença nos cernes.

6) As seguintes conjugações são dominantes: P-P-P; VE-P-VE; VE-VE-VE; C-C-C; C-P-C; C-P-P sendo maioritária a presença de cernes negros ainda que estejam também presentes cernes vermelhos-escuros e castanhos-escuros. Fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies externas da mesma cor (17 %), vermelhas-escuras (16 %), castanhas-escuras (14 %), amarelas (8 %), cinzentas-claras (2 %) e vermelhas-claras (1 %) e superfícies internas da mesma cor (33 %), vermelhas-escuras (11 %), castanhas-escuras (8 %), amarelas (6 %) e vermelhas-claras (1 %) cinzentas-claras (1 %) (estampa CLV). Podemos observar que os fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem uma tendência para possuir superfícies internas negras ainda que a presença de superfícies vermelhas-escuras seja significativa.

7) 34 % dos fragmentos apresentam uma boa preservação da cor pois: 15 % são P-P-P, 9 % são VE-VE-VE, 7 % são C-C-C; 2 % são B-B-B e 1 % são A-A-A (estampa CLV).

8) 5 dos 10 recipientes possuem cernes negros seguidos de 2 com cerne vermelho-escuro e 2 com cerne cinzento-claro. Os recipientes apontam para um domínio das cores negras e castanhas-escuras seguidas de uma presença significativa de cores vermelhas-escuras. Ainda que o estudo estatístico dos recipientes revele dados divergentes do estudo estatístico da totalidade dos fragmentos, cremos que a análise destes recipientes aponta para evidências concretas e reais do conjunto cerâmico. Evidências essas que são: 1) domínio dos cernes negros; 2) maioria da conjugação P-P-P; 3) importância significativa das cores vermelhas-escuras – 20 a 30 % do conjunto e 4) conjugação dos tipos de cor P e C quer nos recipientes quer na totalidade do conjunto cerâmico.

A análise dos tipos de cor, baseada na avaliação de 5 pontos e na conjugação dos dados obtidos para todos os contextos e para a totalidade da fase II, permitiu as seguintes conclusões.

a) Na totalidade do conjunto cerâmico da fase II, 60 % dos fragmentos possuem um cerne negro (P) no entanto, apenas 37 % possuem a superfície interior negra e 20 % a superfície exterior negra (estampa CXLI).

b) Na totalidade do conjunto cerâmico da fase II, 17 % dos fragmentos possuem um cerne castanho-escuro (C), 26 % possuem a superfície interior castanha-escura e 35 % a superfície exterior castanha-escura (estampa CXLI).

c) Na totalidade do conjunto cerâmico da fase II, 12 % dos fragmentos possuem um cerne vermelho-escuro (VE), 15 % possuem a superfície interior vermelha-escura e 21 % a superfície exterior vermelha-escura (estampa CXLI).

– A análise individual dos contextos revela algumas discrepâncias em relação à análise total da fase II. A A23 e os Lxs. 107 e 109 possuem cernes negros acima dos 60 % – chegando mesmo aos 70 % – e cernes castanhos-escuros acima dos 17 % no caso do Lx. 109 e abaixo deste valor no caso do Lx. 107. As A7 e 8 possuem cernes negros abaixo dos 60 % e cernes castanhos-escuros acima dos 17 %. A A24 é o contexto mais divergente pois, apesar de os cernes negros serem maioritários, são seguidos dos cernes vermelhos-escuros. Tal não ocorre em mais nenhum complexo ou associação.

– Em todos os contextos, à exceção da A24, parece ocorrer uma relação causal entre os cernes de tipo P e C, quer dizer que quando um aumenta o outro diminui e vice-versa. cremos que os cernes negros apontam para cozeduras redutoras, com fumos ou para a presença de uma argila escura e que os cernes castanhos-escuros são obtidos quando a cozedura se deu de um modo pouco eficiente. Por vezes, os fragmentos de cerne castanho-escuro revelam pouca dureza, porosidade elevada e um “ar” fragilizado que cremos estar relacionado com uma má cozedura.

d) Na totalidade do conjunto cerâmico da fase II, os fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies externas castanhas-escuras (20 %), negras (17 %), vermelhas-escuras (9 %), amarelas (9 %), vermelhas-claras (3 %) e cinzentas-claras (2 %).

e) Na totalidade do conjunto cerâmico da fase II, os fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies internas da mesma cor (29 %), castanhas-escuras (14 %), vermelhas-escuras (7 %), amarelas (7 %) vermelhas-claras (2 %) e cinzentas-claras (1 %) (estampa CXLVIII). Deste modo, a ordem de importância das cores presentes nas superfícies externas dos fragmentos de cerne negro é C, P, VE-A, VC e B e das superfícies internas é: P, C, VE-A, VC e B.

– A análise individual dos contextos revela muitas discrepâncias em relação à análise total da fase II. Na análise das superfícies externas: 1) apenas dois contextos – A23 e Lx. 107 – revelam uma maioria de tipo C; 2) os restantes contextos – A7, Lx. 109, A8 e A24 – revelam uma maioria de tipo

P; 3) todos os contextos possuem uma ordem de importância dos tipos de cor diferente daquela obtida no estudo global da fase II (estampa CXLVIII); 4) todos os contextos possuem uma ordem de importância dos tipos de cor diferente entre si, à exceção das A7 e 8 e 5) os contextos Lx. 109 e A24 são os mais semelhantes ao nível da ordem de importância dos tipos de cor ainda que as quantidades de cada tipo de cor sejam discrepantes entre os dois contextos.

Na análise das superfícies internas: 1) todos os contextos revelam uma maioria de tipo P, à exceção da A23; 2) o Lx. 107 é o único contexto com uma ordem de importância dos tipos de cor semelhante ao global da fase II; 3) a A24, Lx. 109 e A7 são semelhantes entre si ao nível da ordem de importância dos tipos de cor e 4) a A8 é discrepante do grupo acima descrito o que nos leva a crer que o Lx. 64 é o contexto que difere de todos os outros.

As divergências encontradas entre a análise individual dos contextos e a análise global da fase II – que engloba todos os contextos – apontam para a importância da análise individual na compreensão dos contextos que, por sua vez, definem a totalidade do conjunto e apontam para o perigo subjacente à análise estatística global da fase II (que mais não é do que um “*contexto*” artificial criado pela investigação).

– Todos os contextos possuem particularidades sendo diferentes entre si e na análise dos pontos chegamos às seguintes conclusões.

1) No ponto *a*: a A8 e A24 são semelhantes entre si, bem como com a fase II; a A7 e A8 são semelhantes entre si; a A23 e o Lx. 107 são semelhantes entre si e o Lx. 109 é o mais discrepante de todos.

2) No ponto *b*: o Lx. 107 é o mais semelhante com a fase II; o Lx. 107 e A24 são semelhantes entre si; a A7 e A8 são semelhantes entre si e a A23 é o contexto mais discrepante de todos, seguido do Lx. 109.

3) No ponto *c*: a A7 e A8 são semelhantes entre si bem como com a fase II; o Lx. 107 e a A24 são semelhantes entre si e a A23 e o Lx. 109 são os mais discrepantes.

4) No ponto *d*: a A23 e o Lx. 107 são os contextos mais semelhantes com a fase II – se tivermos em conta apenas a ordem de importância dos tipos de cor – mais são os mais discrepantes dentro do grupo de todos os contextos analisados; a A24 e A7 são semelhantes entre si; a A7 e A8 são semelhantes entre si e o Lx. 109 é o mais discrepante de todos.

5) No ponto *e*: a A7 é a mais semelhante à fase II; a A24 e A8 são semelhantes entre si; A7 e A8 são semelhantes entre si; fase II, A7 e Lx. 107 encontram-se por esta ordem de semelhança e a A23 é o contexto mais discrepante de todos, seguido do Lx. 109.

Podemos concluir que: 1) as A7 e 8 são sempre semelhantes – a A8 é construída em parte com a A7; 2) A7 e Lx. 107 são os contextos mais próximos dos dados obtidos para a totalidade da fase II; 3) em semelhança aos Lx. 107 e A7 está a A24 e 4) a A23 e o Lx. 109 são os mais discrepantes encontrando-se mais isolados.

Com base na análise realizada, podemos também afirmar que em todos os contextos encontramos as seguintes características.

- Os cernes negros são a maioria.
- Foram identificadas diferenças entre a cor das superfícies internas, externas e cerne; sendo que o tipo de cor P (negro) baixa a representatividade do cerne, para a superfície interna e depois para a externa. Todas os outros tipos de cor variam, quer aumentando ou diminuindo a sua representatividade.
- Os tipos A, VC e B são minoritários, mas a sua presença – vista em percentagem – encontra-se sempre acima dos 10 % quando estudamos somente os tipos de cor presentes nas superfícies externas e internas.
- O tipo VE encontra-se sempre presente ainda que variando muito – em quantidade – quer de contexto para contexto quer do cerne para as superfícies.
- Não existe uma concordância entre os tipos de cor presentes nos recipientes e nos fragmentos – em termos de quantidade – o que nos leva a acreditar na utilidade do estudo de cor dos fragmentos e na inutilidade do estudo de cor dos recipientes.
- Existe uma presença significativa das conjugações compostas pelos tipos P e C, sendo que todas as outras variam.

No geral, podemos afirmar que, em todos os contextos, as cozeduras que criavam vasos de cerne negro ou castanho-escuro cujas superfícies descoloravam. cremos que a descoloração das superfícies pode estar relacionada com a própria utilização dos recipientes pelas comunidades que habitaram o Crasto de Palheiros.

Uma última análise da cor pretende perceber a preservação da cor dos fragmentos intuindo, deste modo, a preservação dos contextos. Nesta análise foram avaliados dois factores: 1) a preservação da cor dos fragmentos em conjugações homogéneas (A-A-A; B-B-B; C-C-C; P-P-P; VC-VC-VC e VE-VE-VE) e 2) o número de conjugações presentes com uma presença inferior a 3 % (estampas CXLVIII à CLV).

Podemos dizer que, os Lxs. 109 e 64 são os contextos mais bem preservados – com uma elevada preservação de cor e uma baixa presença de conjugações de cor – seguidos da A24, A8 e A23. As A7 e A23 são os contextos com as piores conservações de cor.

f) Espessuras presentes nos fragmentos e recipientes / Evolução da espessura das pastas

A análise da espessura dos fragmentos e recipientes segue as associações e complexos já utilizados nas análises anteriores – A7, 8, 23, 24 e Lxs. 107 e 109 –, à excepção do Lx. 64. O Lx. 64 encontra-se integrado na A8 e por isso foi analisado através desta associação.

f1) Na A23 (estampa CLVII, quadro 1) podemos que o reduzido número de fragmentos de pastas VIII, XI e XII não permite uma boa análise ainda que possamos constatar que os fragmentos de pasta XI são muito espessos (cats. 6 e 8). A pasta I possui uma maioria de fragmentos na cat. 3 e desenvolvem-se até à cat. 5. As pastas III, VII e X possuem uma maioria de fragmentos na cat. 4 e a III desenvolve-se até à cat. 5 e a VII e X até à cat. 7. E, por último, os recipientes encontram-se, na maioria, nas cats. 2 e 3.

f2) Na A7 (estampa CLVII, quadro 2) podemos observar o seguinte: 1) o reduzido número de fragmentos de pastas VIII, XI e XII não permite uma boa análise no entanto podemos constatar que os fragmentos de pasta VIII possuem uma espessura média, o fragmento de pasta I é espesso e os fragmentos de pasta XII possuem uma maioria na cat. 4; 2) a pasta I possui uma maioria de fragmentos na cat. 3 e desenvolvem-se até à cat. 5; 3) as pastas VII e X possuem uma maioria de fragmentos na cat. 4 e desenvolvem-se até à cat. 6; 4) a pasta III possui igual número de fragmentos nas cats. 3 e 4 e 5) os recipientes possuem uma maioria na cat. 4 ainda que tenha sido encontrado um na cat. 1.

f3) No Lx. 109 (estampa CLVIII, quadro 1) podemos observar o seguinte: 1) o reduzido número de fragmentos de pastas VII, VIII, IX e XII não permite uma análise significativa no entanto constatamos que os fragmentos de pasta IX são espessos e que os de pasta XII são de espessura média; 2) as pastas I e III possuem uma maioria de fragmentos na cat. 3 e desenvolvem-se até à cat. 4 e 5 respectivamente; 3) a pasta X apresenta igual número de fragmentos nas cats. 3 e 4 e 4) os dois recipientes pertencem à cat. 3.

f4) Na A8 (estampa CLVIII, quadro 2) podemos observar o seguinte: 1) o reduzido número de fragmentos de pastas VIII, IX e XI não permite uma boa análise no entanto podemos constatar que os fragmentos de pasta VIII possuem uma maioria na cat. 3, os fragmentos de pastas IX e XI são espessos; 2) as pastas I e III possuem uma maioria de fragmentos na cat. 3 e desenvolvem-se até

à cat. 5; 3) as pastas VII, X e XII possuem uma maioria de fragmentos na cat. 4 e desenvolvem-se até à cat. 7, 6 e 5, respectivamente e 4) nos recipientes encontra-se uma maioria nas cats. 3 e 4 de acordo com os fragmentos no entanto também encontramos recipientes na cat. 1, ausente nos fragmentos.

f5) No *Lx. 107* (estampa CLIX, quadro 1) podemos observar o seguinte: 1) o reduzido número de fragmentos de pastas IV, IX e XII não permite uma boa análise no entanto podemos constatar que os fragmentos de pastas IV e XII possuem espessuras medianas e o de IX é espesso; 2) as pastas I e X possuem uma maioria de fragmentos na cat. 3 e desenvolvem-se até à cat. 4 e 6 respectivamente; 3) a pasta III possui uma maioria de fragmentos na cat. 4 e desenvolve-se até à cat. 6; 4) a pasta XI possui uma maioria de fragmentos na cat. 8 e desenvolve-se até à cat. 9 e 5) os recipientes encontram-se nas categorias 2 e 4.

f6) Na *A24* (estampa CLIX, quadro 2): 1) o reduzido número de fragmentos de pastas IX, XI e XII não permite uma boa análise no entanto podemos constatar que os fragmentos de pastas IX e XII possuem espessuras medianas e os de XI são espessos; 2) as pastas I e VIII possuem uma maioria de fragmentos na cat. 3 e desenvolvem-se até às categorias 5 e 6 respectivamente; 3) as pastas III, VI, VII e X possuem uma maioria de fragmentos na cat. 4 e desenvolvem-se até às categorias 5 – pastas III e VII – e 6 – pastas VI e X – e 4) os recipientes encontram-se em maioria nas categorias 4 e 5, ainda que encontremos também um na categoria 1, ausente nos fragmentos.

A análise das espessuras dos fragmentos presentes nos diferentes contextos agrupados na fase II e conotados com a Idade do Bronze do Crasto de Palheiros permitiu as seguintes conclusões.

Os dados obtidos para a totalidade da fase II (estampa CLVI) indicam tendências globais das pastas cerâmicas ainda que esta possuísse um comportamento diferente em alguns contextos. Quer dizer que a soma de todos os fragmentos presentes nos vários contextos enquadrados na fase II permitem a construção de gráficos de evolução das pastas para todas as pastas presentes, à excepção da IV. Estes gráficos servem como um indicador pois devem ser reavaliados com os dados obtidos individualmente em cada contexto analisado.

As pastas I e X possuem um comportamento semelhante em todos os contextos analisados. Os fragmentos de pasta I encontram-se entre as categorias 2 e 5 e uma maioria na cat. 3. Os fragmentos de pasta X encontram-se entre as categorias 2 e 7 e uma maioria na cat. 4.

Os fragmentos presentes de pastas IV e VI – devido ao seu reduzido número e presença única em dois contextos, *Lx. 107* e *A24*, respectivamente – não permitem conclusões.

A pasta III possui comportamentos diferentes consoante os contextos em análise sendo que na análise global os fragmentos de pasta III encontram-se entre as categorias 2 e 6 e uma maioria na cat. 4. Nos contextos das A8, A24 e Lx. 109 encontram-se entre as categorias 3 e 5, sendo que no Lx. 109 e A8 possui uma maioria na cat. 4. Cremos que a oscilação das espessuras encontradas na pasta III está relacionada com os recipientes realizados nesta pasta e noutras. Quer dizer, determinado contexto possuía um determinado número de recipientes com diversas características – entre elas, a da espessura das paredes ligada ao peso ou resistência – que se ligam entre si. Se uma família adquire um vaso resistente de paredes grossas de pasta VII já não necessita de um de paredes semelhantes construído noutra pasta, por ex. a III.

A pasta VII possui um comportamento relativamente semelhante em todos os contextos, ainda que com algumas divergências. No global os fragmentos encontram-se entre as categorias 3 e 9 com uma maioria na cat. 4 no entanto o Lx. 109 possui um número reduzido de fragmentos, nas A23 e A8 o limite da espessura dos fragmentos é a cat. 7 e na A7 é a cat. 6.

As pastas VIII e IX possuem um número reduzido de fragmentos em muitos dos contextos analisados – tornando os dados inseguros para conclusões significativas – e naqueles em que apresentam um número significativo, consideramos o comportamento destas pastas instável. No entanto, na totalidade da fase II os fragmentos de pasta III encontram-se entre as categorias 2 e 6, com uma maioria na cat. 3 e os fragmentos de pasta IX encontram-se entre as categorias 4 e 8 e uma maioria na cat. 4.

As pastas XI e XII possuem um número reduzido de fragmentos em muitos dos contextos analisados mas os resultados são concordantes entre si. Os fragmentos de pasta XI são tendencialmente espessos ou muito espessos, sendo que se encontram entre as categorias 5 e 9 e com maioria na cat. 8. Os fragmentos de pasta XII são tendencialmente de espessuras médias, sendo que se encontram entre as categorias 3 e 7 e com maioria na cat. 4.

A categoria de espessura dominante nos recipientes é a 4, seguida da 3. Foram identificados recipientes com cat. 1 – ausente nos fragmentos – e com cats. 5 e 6 – presentes nos fragmentos, mas sempre com uma presença pouco significativa. Cremos que as espessuras presentes nos bordos e bases dos recipientes não são demonstrativas da evolução das espessuras nas pastas. As espessuras dos recipientes podem e devem estar relacionadas com as tipologias de forma e tamanho pretendidos pelo/a artesão.

Em resumo, podemos afirmar que: 1) a pasta I é aquela usada para recipientes de paredes mais finas; 2) as pastas III e X são usadas quer para recipientes de paredes finas quer para os de paredes um pouco mais espessas, medianas; 3) as pastas VII e XII são usadas para recipientes de paredes de espessura mediana ou grossa; 4) as pastas IX e XI são usadas para recipientes de paredes com espessuras grossas ou muito grossas e 5) os dados das pastas IV e VI são inconclusivos.

5.2.1.2. Análise Morfológica

A análise morfológica do conjunto cerâmico da fase II ponderou todos os bordos, bases e recipientes identificados em cada contexto individual, a saber: A23, A7, Lx. 109, Lx. 107 e A24. Os bordos/recipientes integrados nos Lxs. conotados com esta fase são: 32 (est. LXXX, 6), 37 (est. LXXVIII, 6), 76 (est. LXXXIV, 3), 84 (est. XCI, 5), 95 (est. LXXVI, 6), 96 (XCI, 4), 132, 208 (est. XCV, 5), 214 (est. XCIII, 12), 215, 225 (est. XCV, 2), 241, 242 (est. LII, 3), 244 (est. XCIII, 13) e as bases identificadas são: 6, 14 (est. XCIX, 14), 18, 29 (est. C, 2), 30 (est. C, 9), 66, 67, 87, 98, 101 (est. XCIX, 4), 112 (est. C, 3), 122, 131, 139, 269.

Na análise morfológica foram avaliados os seguintes componentes: tipos de bordos, bases e suas respectivas pastas em cada complexo ou associação relevante (est. CLXI), identificação dos tipos de recipientes nos contextos relevantes (est. CLX, Q1), tipos de recipientes e suas pastas (est. CLX, Q2), relação entre os tipos de recipientes e os tipos de bordos (est. CLX, Q3), relação entre os tipos de recipientes e as suas capacidades (est. CLX, Q4) e relação entre o tipo de bases e seus ângulos de parede/pança (est. CLX, Q5).

O estado de conservação dos fragmentos/recipientes, tratamentos de superfície e cor são componentes de avaliação técnica que não tornaram a ser avaliados individualmente nos recipientes pois tal não se justificava. Os recipientes são constituídos por fragmentos de reduzida dimensão que dificilmente revelam a totalidade do recipiente, sendo que seria errado avaliar o tratamento de superfície, cor e até o estado de conservação de um recipiente apenas por parte do bordo/colo. Desta forma, optamos por não avaliar estes componentes avaliando apenas aqueles que foram descritos acima.

O número de recipientes identificado em cada contexto é reduzido sendo por isso desnecessária uma avaliação individual de cada contexto. Igualmente, o número reduzido de recipientes não permite conclusões seguras (numa estatística alargada) que reflectam uma realidade global. No entanto, a análise dos recipientes (est. CLX) revelou alguns dados que servem de norma

para a fase II e que podem (ou não) apontar para tendências gerais do conjunto cerâmico que apresentamos de seguida.

- O tipo 6a foi construído em pasta III e VII,
- Todos os outros tipos foram construídos cada um em sua pasta no entanto cada tipo só era identificado por um recipiente, à excepção do tipo 8b (2 recipientes),
- A pasta I é aquela que possui maior número e tipos de recipientes, estando presentes os tipos 2b, 8b e 10,
- Os dois recipientes de tipo 8b são ambos construídos em pasta I,
- O recipiente de tipo 8a é aquele com maior capacidade e é construído em pasta VIII,
- O tipo de base não parece estar relacionada com o tipo de pança (sua angulação) sendo que: 1) as categorias de ângulo 2 e 3 (vasos troncocónicos) estão presentes em bases de tipo 1 e 2; 2) as categorias de ângulo 4 e 5 (vasos com panças arredondadas) estão presentes em todos os tipos de base e 3) a categoria de ângulo 6 (vasos de pança redonda achatada) estão presentes em bases de tipo 1 e 3,
- O número reduzido de recipientes não permite perceber se há uma relação causal entre o tipo de recipiente e o tipo de bordo, no entanto os tipos de recipientes que possuem dois exemplares (6a e 8b) possuem bordos de tipo diferente. O tipo de recipiente 6a possui bordos de tipo B1a9 e B2b4 (muito diferentes entre si) e o tipo de recipiente 8b possui bordos de tipo B1a7 e B1a9 (mais próximos entre si).
- O número reduzido de recipientes não permite perceber se um mesmo tipo de bordo pode ser usado em todos os tipos de recipientes, no entanto, e apesar do número reduzido de recipientes, um único tipo de bordo – B1a9 – está presente em dois tipos de recipientes diferentes,
- A capacidade dos recipientes identificados aponta para um conjunto doméstico. Estão presentes vasos pequenos, médios e grandes, uns para servir à mesa e outros para cozinhar ou armazenar pouca quantidade de géneros alimentícios. Dos 9 recipientes identificados: 5 possuem uma capacidade inferior a 2 litros, sendo que 3 possuem uma inferior a 1 l; 3 possuem uma capacidade entre 2 e 10 l e apenas 1 possui uma capacidade de 10 a 20 l.

Da análise contextual podemos afirmar que a A7 é o contexto com maior número de recipientes identificados ainda que não seja o contexto com maior número de bordos, sendo este a A23. Podemos concluir que, na A7 os fragmentos de bordo/colo são um pouco maiores que nos restantes contextos permitindo uma mais fiável reconstituição.

A análise dos tipos de bordo permite concluir que os tipos de bordo predominantes na fase II são o tipo 1, bordo esvasado, seguido do 4, bordo com aba e do 2, bordo recto. O bordo 3, bordo

convergente, só está presente no A24 sendo pode estar relacionado unicamente com a ocupação da Idade do Ferro. Os únicos tipos de bordo que se repetem em vários contextos são o B1a7, na A24, A7 e A23 e o B1a9 na A23 e Lx. 109.

A análise dos tipos de base permite concluir que o tipo de base predominante é o 1, seguido do 2. O tipo de base 1 está presente na A23, A7, A24 e Lx. 109, o tipo 2 está presente na A23 e A24 e o tipo 3 está presente na A24, sendo que este tipo pode estar unicamente relacionado com a ocupação da idade do Ferro

No geral, podemos afirmar que a A24 é o contexto que possui maior número de variantes de bordos e bases sendo o contexto mais rico. cremos, que a variabilidade formal cresce à medida que nos aproximamos cronologicamente da Idade do Ferro.

5.2.1.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados

Os fragmentos decorados integrados nos complexos agrupados na fase II, são: CP-98-1965 (est. LI, 15), CP-99-2007 (est. LII, 3) e CP-99-3994 a 3997 (est. LIV).

O CP-98-1965 (est. LI, 15) pertence ao quadrado W12 e ao Lx. 28, pasta I, onde identificamos duas técnicas decorativas, incisão simples – INC.S – e estampilhado de motivo único – EST.C. Os instrumentos utilizados foram dois: o instrumento de incisão n.º 2 e um carimbo em forma de pirâmide invertida, marcando na pasta um quadrado em baixo relevo e internamente dividido em triângulos.

O CP-99-2007 (est. LII, 3) pertence ao quadrado Y6 e ao Lx. 107, pasta I, onde identificamos uma técnica decorativa, brunido – BRU – e o instrumento de incisão n.º 2. Este instrumento de incisão foi utilizado de diversas formas criando diversos efeitos. Quando este instrumento é utilizado de uma só vez cria um traço largo (pois ele possui uma ponta arredondada), de profundidade média e sem brilho, no entanto, se utilizado em vai-vem (por diversas vezes no mesmo espaço) cria um traço largo, de profundidade média, com brilho (brunido).

Os fragmentos CP-99-3994 a 3997 (est. LIV) pertencem ao quadrado Y16, Lx. 109, pasta I, onde identificamos três técnicas decorativas; das quais duas foram usadas repetidamente, de forma diferente. As técnicas usadas foram a incisão simples (usada duas vezes com instrumentos diferentes), estampilhado de motivo único (usada duas vezes com motivos diferentes) e impressão (usada uma vez). cremos que esta decoração foi construída da forma que expomos de seguida.

1) O primeiro motivo realizado foi os três traços incisos paralelos entre si e ao bordo. Este motivo foi realizado com um instrumento de incisão n.º 2.

2) O segundo motivo a ser realizado foi a faixa de círculos concêntricos, na qual estes eram marcados de modo descontínuo, quer dizer, os círculos eram marcados deixando um espaço entre eles que depois era preenchido por outro círculo. Esta técnica permitia um maior controlo do espaço a ser decorado e revela uma preocupação pela uniformidade. Este facto é visto pela sobreposição dos círculos concêntricos.

3) O terceiro motivo a ser realizado foi a faixa de espirais (que corresponde à quarta faixa de motivos a contar do bordo), através do uso de um pente 1. Aqui o motivo inciso é realizado através de um pente (n.º 1) onde se desenha manualmente uma série de espirais em modo contínuo. Sabemos que este é o terceiro motivo a ser realizado pois o quarto motivo – que é a terceira faixa de motivos a contar do bordo – sobrepõe-se-lhe.

4) O quarto motivo a ser realizado é a faixa de impressões de ponta de um pente (n.º 1) que corresponde, como já foi dito, à terceira faixa de motivos a contar do bordo.

5) O quinto motivo a ser realizado é a faixa de triângulos em baixo relevo, preenchidos internamente por esferas em alto relevo, que corresponde à quinta e última faixa de motivos a contar do bordo. cremos que para cada duas espirais (identificadas na faixa acima desta) se desenha um triângulo.

Esta decoração destaca-se pela sua execução rudimentar, ainda que de conjugação de motivos elaborada. A pasta recorda aquelas usadas na ocupação calcolítica ainda que a decoração seja radicalmente diferente e de outra cronologia.

Como podemos observar, o fragmento CP-98-1965 e o conjunto de fragmentos CP-99-3994 a 3997 são decorações da Idade do Ferro, sendo que apenas a decoração presente no fragmento CP-99-2007 pode ser conotada com a Idade do Bronze Final. Assim, podemos dizer que na fase II, se encontra presente uma única técnica decorativa – o Brunido – conseguido através do uso de um instrumento de incisão n.º 2.

5.2.1.4. Organizações decorativas

Como já foi referido, os fragmentos decorados integrados nos complexos agrupados na fase II, são: CP-98-1965 (est. LI, 15), CP-99-2007 (est. LII, 3) e CP-99-3994 a 3997 (est. LIV). O fragmento CP-98-1965 e o conjunto de fragmentos CP-99-3994 a 3997 integram-se na organização decorativa XXXIV – variantes 1b e 3c respectivamente – relacionada com a ocupação da Idade do Ferro.

O fragmento CP-99-2007 integra-se na organização decorativa IX, variante 2b, conotada com a ocupação da Idade do Bronze Final.

5.2.1.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes

Não foram identificados elementos de prensão/suspensão dos recipientes na fase II.

5.2.2. Área Norte

5.2.2.0 Introdução aos contextos estudados

A análise do conjunto cerâmico correspondente à fase II do Crasto de Palheiros na área norte englobou vários contextos localizados na PIN – Plataforma Inferior Norte – e na PEN – Plataforma sobre o Talude Exterior Norte. Os contextos encontram-se da seguinte forma: 1) as A70 e A71 correspondem a associações de vários complexos sendo que correspondem ao interface entre a fase I e a II; 2) as A70 e A71 localizam-se na Plataforma sobre o Talude Exterior Norte; 3) A A70 integra os Lxs. 20 e 20.1 e a A71 os Lxs. 28 e 28.1; 4) as A55 e A66 correspondem a associações de vários contextos (complexos) de ocupação da fase II; 5) as A55 e A66 localizam-se na Plataforma Inferior Norte e 6) a A55 integra os Lxs. 89 e 94 e a A66 integra os Lxs. 58, 98, 99 e 58.1. Foram estudados isoladamente os Lxs. 98, 99 e 58. apesar de integrados na A66

5.2.2.1. Análise Técnica

Os contextos acima indicados e relacionados com a ocupação da fase II integram 972 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 62 bordos no total; 2) 24 bordos conotados com a Idade do Bronze; 3) 4 bases; 4) 133 fragmentos decorados dos quais 13 estão conotados com a Idade do Bronze/Ferro e 26 recipientes conotados com a Idade do Bronze/Ferro.

a) Tipos de Pastas

A análise das pastas dos contextos escolhidos da fase I foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: A70 (est. DXV), A71 (est. DXV), A55 (est. DXVII, Q1), A66 (est. DXVII, Q2), Lx. 98 (est. DXVII, Q2), Lx. 99 (est. DXVII, Q2) e Lx. 58 (est. DXX). Como já foi referido a análise de pastas realizada é baseada em 6 factores que caracterizam os contextos de modo diferenciado.

Apresentaremos de seguida os resultados obtidos para os contextos indicados.

1) Na hierarquia de pastas na totalidade dos fragmentos.

- Os contextos analisados e integrados na fase II na área norte revelam algumas discrepâncias e semelhanças entre si, a saber:
- As A70, A71 e A55 revelam uma hierarquia de pastas semelhante onde as duas primeiras pastas dominantes são as mesmas. Deste modo estas 3 associações possuem como pasta predominante a X (23, 29 e 27 %, respectivamente), seguida da III (22, 27 e 21 %, respectivamente). Estas associações discordam na 3ª pasta dominante que na A70 é a IV, na A71 é a VI e na A55 é a XI (22, 15 e 19 %, respectivamente).
- A A66 é o contexto mais discrepante pois não concorda com as outras 3 associações revelando uma hierarquia totalmente diferente correspondente à ordem I-III-VII (43, 24 e 11 %, respectivamente).
- Os Lxs. 98, 99 e 58 integrados na A66 revelam algumas discrepâncias entre si ainda que no global seja visível a importância das pastas I, III e VII. Dos 3 contextos, o Lx. 99 é o mais discrepante no entanto é também aquele com menor quantidade de fragmentos sendo que a maior quantidade de fragmentos nos Lxs. 98 e 58 tem maior peso estatístico.
- Nos Lxs. 98, 99 e 58 a pasta I tem uma importância de 29 a 48 %, a Pasta III de 23 a 29 % e a pasta VII de 9 a 16 %. As maiores oscilações de valor encontram-se nas pastas I e VII.
- O Lx. 99 apresenta 16 % de fragmentos de pasta X, sendo um valor bastante elevado dentro dos três contextos em análise. Este contexto encontra-se mais próximo das A70, A71 e A55 onde a importância da pasta X é maior (mais evidente estatisticamente).
- Comparativamente aos contextos estudados da fase I podemos observar o seguinte: 1) a manutenção da pasta X como maioritária, à exceção da A66; 2) apesar da pasta X ser maioritária tanto na fase I como na fase II a sua importância estatística diminui, sendo que na fase I o intervalo é de 21 a 49 % e na fase II é de 16 a 29 %; 3) as pastas IV e IX de grande importância na fase I encontram-se pouco visíveis na fase II; 4) as pastas III e I ganham relevância, sobretudo a pasta I pois era muito minoritária nos contextos da fase I; 5) a pasta III ganha uma importância relativa que se relaciona com a sua presença em todos os contextos da fase II e não, propriamente, com os valores percentuais que possui (muito semelhantes aos da fase I) e 6) os contextos da fase II revelam maior homogeneidade do que os contextos da fase I, que se revelam mais díspares.
- É de notar que a discrepância de homogeneidade entre os contextos da fase I e da fase II pode dever-se à diferença do número de contextos estudados, que na fase I é muito superior aos da fase II. – No global é evidente a importância percentual das pastas X, III, I, IV e XI sendo que cremos que as pastas IV e XI sejam resíduos da ocupação da fase I.

2) Na hierarquia de pastas dos recipientes.

Os contextos analisados e integrados na fase II na área norte revelam os seguintes resultados relativos às pastas dos seus recipientes:

- Na totalidade os recipientes ocorrem nas pastas I, III, VI, VII e X sendo que a A71 e o Lx. 58 são os contextos mais diversos ainda que sejam também os contextos com maior número de recipientes identificados (9 em cada).
- A A55, Lx. 98 e Lx. 99 apresentam recipientes construídos em apenas uma pasta, I ou III, sendo que nestes contextos o número de recipientes é muito baixo.
- Na A70 foram identificados 3 recipientes cada um de sua pasta, I, III e VII.
- Podemos observar uma discrepância entre os resultados da globalidade dos fragmentos e aqueles dos recipientes, sendo que os recipientes afirmam a importância das pastas I e III, evidenciam a presença das pastas VI e VII e relativizam a importância da pasta X.
- Em relação à fase I, podemos observar a perduração da utilização das pastas I, III e X, sendo que recipientes em pasta IV e XII não ocorrem nos contextos integrados na fase II.

A análise das pastas dos recipientes revela o seguinte.

- a)* Os contextos mais seguros integrados na fase II são as A55 e A66, sendo que nestes contextos só ocorrem recipientes de pastas I, III, VI e VII.
- b)* Os recipientes de pasta X ocorrem na A71 que corresponde a um contexto de interface com a ocupação calcolítica.
- c)* Os contextos com um número reduzido de recipientes apresentam dados pouco fiáveis sobre a variedade de pastas que poderia estar presente na fase correspondente.
- d)* Os recipientes da fase II revelam a utilização de pastas correntes nas ocupações da Idade do Bronze e Idade do Ferro sendo que este conjunto cerâmico afasta-se do conjunto cerâmico da fase I, onde pastas como a IV; IX e XI estão muito presentes.
- e)* Uma discordância entre as hierarquias obtidas na totalidade dos fragmentos e na dos recipientes o que evidencia o grau de mistura destes contextos.

3) Na presença de fragmentos de pasta VI distingue-se a A55, onde esta pasta se encontra ausente sendo que se encontra presente nos restantes contextos. A presença de pasta VI encontra-se entre 5 e 15 %, sendo que os contextos ordenam-se da seguinte forma, por ordem crescente: Lx. 98, Lx. 99, A66, Lx. 58 e A71. Em relação à fase anterior podemos ver um aumento da presença de pasta VI quer no número de contextos quer na percentagem.

4) Na presença de fragmentos de pasta VIII distingue-se a A71 onde esta pasta se encontra presente. A pasta VIII encontra-se ausente nos restantes contextos analisados.

5) A pasta II encontra-se ausente em todos os contextos estudados da fase II.

6) N.º de pastas por contexto.

O mínimo de pastas identificadas num contexto integrado nesta fase foi de 6 e o máximo foram 11. Ordenando os contextos daquele com o menor número de pastas para o maior, obtemos a seguinte hierarquia: Lxs. 98, 99 e 58 (6 pastas), A66 (7 pastas), A70 e A55 (8 pastas) e A71 (11 pastas). As discrepâncias apresentadas podem estar relacionadas com os seguintes factores: 1) à quantidade de fragmentos de cada contexto; 2) mistura dos contextos com alguns fragmentos da Idade do Bronze e Ferro e/ou 3) à riqueza/pobreza artefactual de cada contexto.

Na fase II, cremos o seguinte.

- a) A variedade de pastas não se encontra relacionada com a quantidade de fragmentos por contexto, pois todos os contextos possuem um número significativo de fragmentos.
- b) A pouca variedade de pastas presente nos Lxs. 98, 99, 58 e A66 está relacionada com o bom estado de conservação destes contextos e um baixo nível de mistura.
- c) A grande variedade de pastas na A71 pode estar relacionada com a mistura de materiais provenientes de outros contextos de outras ocupações.

Em resumo a análise de pastas permitiu as seguintes conclusões:

- As A70 e A71 são contextos de interface que apresentam conjuntos cerâmicos com um nível de mistura alto. Dessa forma estes contextos não são considerados muito fiáveis na caracterização da ocupação da fase II.
- As A55 e A66 e complexos nelas integrados são os contextos que melhor caracterizam o conjunto cerâmico da fase II integrando 408 fragmentos (cerca de 42 % da totalidade do conjunto estudado). Nestes contextos é evidente a importância das pastas I, III e VII quer na totalidade dos fragmentos quer nos recipientes mas também das pastas VI e X, nos recipientes e na totalidade dos fragmentos, respectivamente.
- Dos contextos acima referidos, o Lx. 58 aparenta ser o mais moderno (pois é aquele que apresenta maior presença de fragmentos de pasta VI) e a A55 é o contexto mais antigo, seguido pelo Lx. 98 e 99 (devido à baixa presença de fragmentos de pasta VI).

b) Análise da mistura dos contextos através das pastas dos recipientes e seus fragmentos

A análise da mistura dos contextos escolhidos da fase I foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: A70 (est. DXV), A71 (est. DXV), A55 (est. DXVII, Q1), A66 (est. DXVII, Q2), Lx. 98 (est. DXVII, Q2), Lx. 99 (est. DXVII, Q2) e Lx. 58 (est. DXX). Como já foi referido a análise da mistura dos contextos é baseada na avaliação de 3 factores sendo que apresentaremos de seguida os resultados obtidos na análise dos contextos indicados:

b1) O Lx. 99 não apresenta recipientes calcolíticos sendo o contexto, desta fase, com menos mistura de recipientes calcolíticos. No entanto este contexto apresenta 21 % de fragmentos potencialmente calcolíticos, pois pertencem às pastas IV, IX, X e XI.

b2) A A55 é o contexto com maior presença de recipientes calcolíticos (80 %) bem como aquele com maior presença de fragmentos calcolíticos (63 %). Este contexto é considerado aquele com maior nível de mistura sendo não foi considerado um contexto de interface no decurso da escavação.

b3) Organizando os contextos por ordem decrescente de % de bordos calcolíticos temos os seguintes resultados: A55 (80 %), A70 (77 %), A71 (68 %), Lx. 98 (50 %), A66 (28 %), Lx. 58 (25 %) e Lx. 99 (0 %). Podemos observar que, à excepção dos Lxs. 99 e 58 todos os contextos apresentam uma maioria de recipientes calcolíticos.

b4) Organizando os contextos por ordem decrescente de % de fragmentos de pastas IV, IX, X e XI temos os seguintes resultados: A55 (63 %), A70 (54 %), A71 (36 %), Lx. 99 (21 %), A66, Lx. 58 (14 % cada) e Lx. 98 (6 %).

b5) É de notar que as ordens obtidas nos pontos b3 e b4 são muito semelhantes sendo que só identificamos discrepâncias nos Lxs. 98 e 99. cremos que os Lxs. 98, 99 e 58 são aqueles que apresentam menores níveis de mistura sendo que são também os mais seguros, a nível estratigráfico.

b6) Os contextos de interface – A70 e a71 – e a A55 são aqueles que apresentam maior mistura com conjuntos cerâmicos de ocupações anteriores.

b7) Em relação à fase anterior é visível um aumento dos bordos da Idade do Bronze e Ferro, com um decréscimo dos bordos calcolíticos e também um decréscimo acentuado da presença de fragmentos, tipicamente, de pastas calcolíticas.

c) Estado de conservação dos fragmentos = Estado de conservação do estrato

A análise do estado de conservação dos fragmentos e estado de conservação dos estratos dos contextos escolhidos da fase II foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: A70 (est. DXVI), A71 (est. DXVI), A55 (est. DXVIII), A66 (est. DXVIII), Lx. 98 (est. DXIX), Lx. 99 (est. DXIX) e Lx. 58 (est. DXX). Como já foi referido a análise do estado de conservação dos fragmentos e estado de conservação dos estratos dos contextos foi realizada com na avaliação de 4 factores principais, sendo que apresentamos de seguida os resultados obtidos.

c1) A pasta I encontra-se presente em todos os contextos analisados sendo que apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas, ainda que em alguns contexto apresente uma boa presença de arestas vivas (A71) e fragmentos de grandes dimensões (A55, A66 e Lx. 99).

c2) A pasta III encontra-se presente em todos os contexto analisados sendo que: 1) na A71 e Lx. 58 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas; 2) nas A70 e A66 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas e 3) nas A55, Lx. 98 e Lx. 99 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas. Esta pasta, apresenta, genericamente, uma má conservação.

c3) A pasta IV encontra-se presente em quase todos os contextos analisados, à excepção do Lx. 99, sendo que: 1) nas A70 e A55 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões e 2) nas A71, A66, Lx. 98 e Lx. 58 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

c4) A pasta V encontra-se presente em dois dos sete contextos analisados individualmente sendo que em ambos apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

c5) A pasta VI encontra-se presente em cinco dos sete contextos analisados sendo que: 1) na A66 e Lx. 58 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas, 2) no Lx. 99 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas; 3) no Lx. 98 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas e 4) na A71 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões.

c6) A pasta VII encontra-se presente em todos os contextos analisados sendo que: 1) na A66, Lx. 98 e Lx. 58 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões; 2) na A71 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes

dimensões e arestas vivas, e 3) na A70, A55 e Lx. 99 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

c7) A pasta VIII encontra-se apenas em um dos contextos analisados (A71) sendo que apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas.

c8) A pasta IX encontra-se presente em três dos sete contextos analisados sendo que: 1) na A55 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas e 4) nas A70 e A71 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

c9) A pasta X encontra-se presente em seis dos sete contextos analisados, a exceção é o Lx. 98, sendo que: 1) nas A70, A71, A66 e Lx. 99 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas e 2) na A55 e Lx. 58 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas.

c10) A pasta XI encontra-se presente em seis dos sete contextos analisados, a exceção é o Lx. 58, sendo que: 1) na A70 e Lx. 98 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas; 2) nas A71, A55 e Lx. 99 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e 3) na A66 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões.

c11) A pasta XII encontra-se presente em dois dos sete contextos analisados (A70 e A71) sendo que: 1) na A70 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e 2) na A71 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas.

A análise da conservação dos fragmentos nos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões:

– As pastas X e VI são as mais bem preservadas, pois possuem uma maioria de fragmentos com uma boa conservação das arestas e uma boa dimensão. A pasta X possui em 4 dos 6 contextos onde ocorre uma maioria de fragmentos de arestas vivas e em todos os contextos uma boa presença de fragmentos de dimensões iguais ou superiores à categoria de dimensão 3. A pasta VI possui, em 3 dos 5 contextos onde ocorre, fragmentos com uma boa presença de arestas vivas e boas dimensões.

– As pastas V, IX e XI encontram-se muito mal conservadas pois apresentam na maioria dos contextos onde ocorrem uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas. Consideramos estas pastas as piores conservadas de todas.

- A pasta VII encontra-se muito quebrada pois possui uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões (em 6 dos 7 contextos analisados) sendo que a conservação das arestas é variável (nuns contextos encontra-se uma maioria de arestas vivas e noutros de arestas roladas).
- As pastas I, III e IV encontram-se, genericamente, mal conservadas ainda que se encontrem conjuntos de fragmentos destas pastas bem preservados, em determinados contextos. Todas estas pastas possuem uma maioria de fragmentos de arestas roladas sendo que: 1) na pasta I, em 6 dos 7 contextos encontramos arestas roladas e em 4 dos 7 contextos dimensões pequenas; 2) na pasta III, em 5 dos 7 contextos encontramos arestas roladas e em 3 dos 7 contextos encontramos dimensões pequenas e 3) na pasta IV, em 4 dos 6 contextos encontramos arestas roladas e todos os contextos dimensões pequenas.
- As pastas VIII e XII não possibilitam uma caracterização segura.

De seguida definimos, a partir do estado de conservação dos fragmentos, o estado de conservação dos estratos:

- Os contextos pior preservados são a A55 e o Lx. 98 pois não apresentam nenhuma pasta bem conservada (com uma maioria de arestas vivas e fragmentos de grandes dimensões) e apresentam algum revolvimento mecânico.
- A A70 e o Lx. 99 são também contextos mal preservados mas que apresentam menor revolvimento mecânico que a A55 e o Lx. 98.
- O Lx. 58 e a A71 encontram-se relativamente bem preservados sendo que dos dois a A71 é o pior preservado. Nestes contextos duas ou mais pastas apresentam uma boa conservação.
- A A66 é o contexto mais bem conservado de todos no entanto, esta associação de contextos é a soma de conjuntos em que dois dos quatro que a compõem apresentam uma má preservação.

A análise global do estado de conservação das arestas e dimensão dos fragmentos nos diversos contextos revelou as seguintes características:

- A presença de arestas roladas (em %) encontra-se entre 26 e 62 % sendo que os contextos organizam-se da seguinte forma (por ordem crescente de arestas roladas): A71 (26 %), Lx. 58 (37 %), Lx. 99 (43 %), A70 e A66 (45 %), A55 (56 %) e Lx. 98 (62 %).
- A presença de arestas vivas (em %) encontra-se entre 9 e 55 % sendo que os contextos organizam-se da seguinte forma (por ordem decrescente de arestas vivas): A71 (55 %), A70 (36 %), Lx. 58 (33 %), Lx. 99 (32 %), A66 (27 %), A55 (17 %) e Lx. 98 (9 %).
- A presença de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria 3 (em %) encontra-se entre 15,6 e 39,6 % sendo que os contextos organizam-se da seguinte forma (por ordem decrescente):

A55 (39,6 %), A70 (32,7 %), A71 (25,6 %), Lx. 99 (22,2 %), Lx. 58 (20,9 %), A66 (19,5 %) e Lx. 98 (15,6 %).

Com base nos dados acima referidos concluímos o seguinte.

- A A71, A70 e Lx. 99 são os melhor conservados (1º grupo) sendo seguidos pela A55 e Lx. 58 (2º grupo). Os piores conservados são a A66 e o Lx. 98 (3º grupo). Esta avaliação tem em conta a dimensão dos fragmentos e a conservação das arestas sendo que os contextos melhor conservados são os que apresentam maior percentagem de fragmentos de maiores dimensões e arestas vivas (1º grupo) e os piores preservados (3º grupo) são os que apresentam maior quantidade de fragmentos de menores dimensões e arestas roladas. O 2º grupo é constituído por contextos de conservação mediana.
- Comparando os dados obtidos com aqueles conseguidos na análise de conservação das pastas podemos constatar que os resultados são muito diferentes sendo que optamos pelas conclusões apresentadas a partir do estudo pormenorizado das pastas.

d) Tratamentos de superfície

A análise dos tratamentos de superfícies presentes nos fragmentos dos contextos integrados na fase II na área norte foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: A70 (est. DXXI, Q1), A71 (est. DXXI, Q2), A55 (est. DXXII, Q1), A66 (est. DXXII, Q2), Lx. 98 (est. DXXIII, Q1), Lx. 99 (est. DXXIII, Q2) e Lx. 58 (est. DXXIV). Como já foi referido a análise dos tratamentos de superfície realizada sobre a área norte é baseada em 4 factores de avaliação sendo que são os mesmos que foram usados na avaliação dos tratamentos de superfície da fase I na área norte.

A análise dos tratamentos de superfície revelou as seguintes características.

- Os sete contextos analisados da fase II da área norte apresentam grande variedade formal e distributiva nos tratamentos de superfície presentes nas superfícies externas. A A55 e o Lx. 99 apresentam dois tipos de tratamentos (o alisado e o polido), a A70 apresenta três tipos (polido, alisado e cepilhado), o Lx. 98 apresenta quatro tipos (alisado, polido, rugoso e brunido), a A71 e o Lx. 58 apresentam 5 tipos (a A71 apresenta polidos, alisados, rugosos, espatulados e cepilhados e o Lx. 58 apresenta alisados, polidos, rugosos, cepilhados e espatulados – ambos ordenados por ordem de importância) e, por último, a A66 apresenta 6 tipos (alisados, polidos, rugosos, cepilhados, espatulados e brunidos).

– Nas superfícies externas encontramos uma maioria de alisados em quase todos os contextos sendo as exceções as A70 e A71. A presença de alisados externos encontra-se entre 21 e 56 %, A70 e Lx. 99 respectivamente. Ordenando os contextos por ordem crescente de alisados externos temos a seguinte hierarquia: A70 (21 %), A71 (37 %), A55 (44 %), Lx. 58 (48 %), A66 (50 %), Lx. 98 (53 %) e Lx. 99 (56 %). A presença de polidos externos encontra-se entre 29 e 52 %, Lx. 98 e A70 respectivamente. Ordenando os contextos por ordem crescente de polidos externos temos a seguinte hierarquia: Lx. 98 (29 %), Lx. 58 (30 %), A66 (31 %), Lx. 99 (32 %), A55 (42 %), A71 (47 %) e A70 (52 %). Podemos observar que a presença de polidos baixa bastante em relação aos contextos analisados da fase I, pois na fase I os polidos externos encontram-se entre 40 e 89 %. Na fase II tanto o valor mínimo como o valor máximo baixam bastante em relação à fase I sendo que a diferença nos tratamentos de superfície começa a notar-se logo nesta característica, sendo seguida por outras.

– À exceção da A55 e do Lx. 99, todos os contextos apresentam cepilhados e/ou rugosos sendo que ordenando os contextos por ordem crescente de cepilhados e/ou rugosos externos temos a seguinte hierarquia: A70 (1 %), A71 (3 %), Lx. 98 (5 %), A66 (7 %) e Lx. 58 (10 %). ocorrem também espatulados nas A71, A66 e Lx. 58 e brunidos na A66 e Lx. 98.

– Em resumo, os Lxs. 58 e 98 destacam-se pela presença de rugosos e brunidos sendo que consideramos estes contextos os mais seguros na caracterização da fase II. A A55 e o Lx. 99 destacam-se pela presença única de polidos e alisados sendo que são considerados contextos muito misturados com materiais pré-históricos.

– Comparativamente aos contextos analisados da fase I podemos observar uma menor presença de cepilhados e uma presença semelhante de rugosos, nos contextos onde estes ocorrem. No entanto é de notar que na maioria dos contextos da fase I estes tipos de tratamentos de superfície encontram-se ausentes.

– Observamos que em quase todos os contextos, à exceção da A55, o tratamento de superfície externo dominante é concordante com as conjugações de superfície dominantes. Os contextos apresentam uma grande homogeneidade ainda que se possam dividir em dois grupos de características diferentes. No global podemos dizer que a conjugação dominante é a Ali/Ali (*de 13 % na A70 a 42 % no Lx. 98*), a segunda conjugação mais presente é a Pol/Pol (*de 12 % nos Lxs. 98 e 58 a 36 % na A70*) seguida da Pol/Ali (*de 7 % na A70 a 17 % na A66 e Lx. 58*) e, por último da Ali/Pol (*de 7 % na A70 a 15 % na A55*). Comparativamente à fase anterior podemos observar uma descida na presença das conjugações de polidos e uma subida nas conjugações de alisados que está de acordo com a análise geral dos tratamentos de superfície, acima descritos.

– Os contextos foram agrupados por semelhanças presentes nas hierarquias de conjugações de cor sendo que foram obtidos os seguintes resultados:

a) As A70, A55 e A71 agrupam-se num 1º grupo onde concordam nas duas primeira conjugações dominantes – Pol/Pol e Ali/Ali – sendo que o contexto mais discrepante é a A71.

b) A A66 e os Lxs. 98, 99 e 58 agrupam-se num 2º grupo onde concordam na 1ª conjugação – Ali/Ali – sendo que a A66 e Lxs. 98 e 58 concordam em todas as conjugações.

c) O primeiro grupo possui a seguinte hierarquia: Pol/Pol; Ali/Ali; Pol/Ali e Ali/Pol e o segundo grupo possui a hierarquia: Ali/Ali; Pol/Ali; Pol/Pol e Ali/Pol.

As conclusões relativas à fase II são o resultado de uma análise ponderada dos resultados individuais de todos os contextos pois não foi realizada a soma dos mesmos como uma totalidade. Deste modo podemos obter as seguintes premissas:

– As A70, A71 e A55 agrupam-se num 1º grupo que alberga semelhanças ao nível da hierarquia de conjugações de cor, tratamento de superfície externa dominante e presença dos tratamentos de superfície rugosos e cepilhados. Nestes contextos o tratamento de superfície polido é maioritário (à excepção da A55 ainda que com uma forte presença), a hierarquia de conjugações de cor é muito semelhante e a presença de cepilhados ou rugosos é muito baixa. À excepção da A71, são contextos com pouca variedade nos tratamentos de superfície revelando um aspecto arcaizante.

– A A66, Lx. 58 e 98 agrupam-se num 2º grupo que também alberga semelhanças ao nível da hierarquia de conjugações de cor, tratamento de superfície externa dominante e presença dos tratamentos de superfície rugosos e cepilhados. Nestes contextos o tratamento de superfície alisado é maioritário, a hierarquia de conjugações de cor é igual nos 3 contextos e a presença de cepilhados ou rugosos é a mais alta.

– O Lx. 99 foi excluído do 2º grupo pois apesar de possuir o mesmo tratamento de superfície externa dominante, é discrepante na hierarquia de conjugações de cor presente e na quantidade de tratamentos de superfície cepilhados e rugosos (estão ausentes neste contexto). Deste modo, este contexto fica isolado ao nível dos tratamentos de superfície.

e) Diversidade da cor nos fragmentos / Tipos de cozedura / Uso e deposição

A análise da diversidade de cor foi realizada em todos os contextos da fase II da área norte com base nas respectivas estampas, a saber: A70 (estampas DXXV e DXXXII), A71 (estampas DXXVI, DXXXIII e DXXXIV), A55 (estampas DXXVII e DXXXV), A66 (estampas DXXVIII e DXXXVI), Lx. 98 (estampas DXXIX e DXXXVII), Lx. 99 (estampas DXXX e DXXXVIII) e Lx.

58 (estampas DXXXI e DXXXIX). Como já foi referido a análise dos tipos de cor é baseada na avaliação de nove factores de análise sendo que os contextos são agrupados consoante as suas características.

Com base na avaliação dos pontos 1, 2 e 3 (Tipos de cor predominantes nos cernes e sua evolução: 1º, 2º e 3º lugares) podemos dizer o seguinte.

– Todos os contextos analisados da fase I possuem uma maioria de fragmentos de cerne negro, sendo que organizados da menor para a maior percentagem temos: Lx. 99 (41 %), A71 (47 %), A55 (48 %), A66 e Lx. 58 (49 %), Lx. 98 (51 %) e A70 (59 %).

– Na totalidade dos contextos o tipo de cor P está compreendido entre 41 e 59 %, o tipo de cor C está compreendido entre 16 e 34 % e o tipo de cor VE está compreendido entre 9 e 27 %. Comparativamente aos contextos da fase anteriores podemos observar uma descida evidente do tipo de cor P e uma subida ligeira dos tipos C e VE.

– Todos os contextos, à excepção do Lx. 99, possuem uma hierarquia de cores presente nos cernes correspondente a P, C, VE, 1º, 2º e 3º lugar respectivamente. O tipo P está compreendido entre 41 e 59 %, o tipo C entre 16 e 34 % e o tipo VE entre 9 e 17 %. Os intervalos das presenças dos tipos de cor correspondem ao da totalidade dos contextos, com a excepção do tipo VE.

– O Lx. 99 possui uma hierarquia de cores presente nos cernes correspondente a P, VE, C, com os seguintes valores respectivos: 42, 27 e 24 %.

– Como os contextos são muito semelhantes optamos por observar em pormenor as percentagens de cada tipo de cor nos cernes. Desse modo, podemos observar algumas diferenças que afinam os resultados acima obtidos. Deste modo, concluímos que o seguinte.

a) As A55, A66 e Lx. 58 destacam-se por valores muito semelhantes nos tipos P, C e VE sendo que o tipo P é representado por 48, 49, 49 % (respectivamente), o tipo C é representado por 27, 31 e 34 % (respectivamente) e, por último, o tipo VE é representado por 17, 15 e 14 % (respectivamente).

b) As A70 e A71 destacam-se das A55, A66 e Lx. 58 pelos valores mais baixos apresentados no tipo C, ainda que nas restantes cores as diferenças não sejam evidentes. A A70 destaca-se de todos os contextos pelo valor mais elevado de cernes de tipo P.

c) Os Lxs. 98 e 99 são os mais discrepantes pois no Lx. 98 encontramos o valor mais baixo do tipo VE (ainda que com uma hierarquia semelhante aos contextos já descritos) e no Lx. 99 encontramos o valor mais alto de tipo VE a par de uma hierarquia diferentes dos restantes contextos.

d) Não foram criados grupos de análise pois as diferenças entre contextos são pequenas, no entanto consideramos que os Lxs. 98 e 99 se destacam dos restantes.

A avaliação dos restantes tipos de cores presentes nos cernes – ou aqueles com menor representatividade (ponto 8) – revelou que:

- As A70 e A71 continuam semelhantes entre si, pois possuem uma hierarquia B–VC–A sendo que o tipo B está compreendido entre 1 e 5 %, o tipo VC entre 2 e 5 % e o tipo A entre 6 e 7 %.
- A A66, Lx. 99 e Lx. 58 apresentam semelhanças entre si, pois possuem uma hierarquia VC–B–A ou VC–A–B sendo que o tipo VC tem o valor de 1 a 2 %, o tipo B tem o valor de 1 a 3 % e o tipo A possui, também, o valor de 1 e 3 %. Apesar de uma pequena diferença estes contextos revelam semelhanças entre si. É de notar que o Lx. 99 se comporta de uma forma muito discrepante na análise dos tipos de cor maioritários nos cernes.
- O Lx. 98 e a A55 são os contextos mais discrepantes dos 7 analisados. O Lx. 98 podia ser integrado no “grupo” das A70 e A71 no entanto revela uma hierarquia ligeiramente diferente (B–A–VC) sendo que o tipo VC encontra-se ausente. A A55 é o único contexto que possui a hierarquia A–B–VC sendo o contexto que apresenta o valor mais baixo de cernes de tipo A. neste contexto o valor do tipo A ronda os 2 % sendo que nos restantes é superior (3 a 7 %).

Com base no observado e comparativamente à análise efectuada nos pontos 1, 2 e 3 podemos dizer que as diferenças entre os contextos não são evidentes sendo que as diferenças percentuais são muito baixas. Na análise dos pontos 1, 2, 3 e 8 podemos perceber que as A70 e A71 formam um bloco, mas os restantes contextos são muito oscilantes. Os restantes contextos vão possuindo características que os diferenciam e aproximam uns dos outros sem nunca terem as mesmas características e poderem formar grupos coesos, como é o caso das A70 e A71. Intuímos que a A55 e os Lxs. 98 e 99 possuem individualidade e que o Lx. 58 e a A66 são mais, facilmente, agrupados.

É de notar que o tipo de cor A encontra-se sempre presente de uma forma bastante significativa nas superfícies dos fragmentos sendo que tal é mais visível nos contextos das A70, A71, A55 e Lx. 99, onde nas superfícies internas possui um valor de 15 a 21 % e nas superfícies externas de 15 a 31 %. O tipo de cor B é aquele que apresenta menor relevância nas superfícies dos fragmentos sendo que nos contextos A66, Lxs. 98, 99 e 58 encontra-se totalmente ausente nas superfícies internas e externas dos fragmentos. Por último, o tipo de cor VC é aquele que apresenta características mais estáveis, tanto nos cernes como nas superfícies, sendo que apenas se encontra ausente dos cernes dos fragmentos do Lx. 98.

A análise das cores presentes nos recipientes relacionados com a ocupação da Idade do Bronze e/ou Ferro (ponto 7) permitiu observar o seguinte:

- As A70 e A55 possuem uma maioria absoluta de cernes de tipo P.
- A A71 e o Lx. 98 possuem, maioritariamente, cernes de tipo P e C.
- A A66 e o Lx. 58 possuem, maioritariamente, cernes de tipo P e VE.
- O Lx. 99 possui cernes de tipo A e VE.
- No conjunto dos recipientes identificados uma maioria possui cernes de cor de tipo P seguido dos tipos C, VE e A. Podemos observar uma distribuição que evidencia as A70, A71, A55 e Lx. 98 como contextos de cerâmicas, tendencialmente, escuras.
- Os tipos de cores presentes nas superfícies dos recipientes são os tipos A, C, P e VE. As A70, A71, A55 e Lx. 98 revelam uma maioria dos tipos C e P e a A66, Lx. 99 e 58 revelam uma maior presença do tipo VE, sendo que também estão presentes os tipos C e A.
- Na análise dos recipientes o contexto mais discrepante é o Lx. 99, seguido do Lx. 58 e, por último, da A66.

A avaliação das conjugações de cores e sua hierarquia presentes em cada contexto (ponto 4) revelou os seguintes resultados:

- Os contextos da fase II na área norte revelam diferentes hierarquias de conjugações de cores a par de diferentes quantidades para cada conjugação de cor. Quer dizer, nenhum contexto é totalmente semelhante a outro na hierarquia apresentada bem como na percentagem de cada conjugação. Deste modo optamos por agrupar os contextos a partir das conjugações dominantes mas sem termos em conta, totalmente, a hierarquia apresentada.
- As A70 e A71 são semelhantes nas conjugações de cor (maioritárias) que apresentam sendo que é evidente a importância dos tipos de cor P e C e com muito menor importância o tipo VE. Nestes contextos as conjugações maioritárias são as seguintes: P-P-P, C-C-C, C-P-C e VE-VE-VE. A hierarquia acima apresentada é uma conjugação das hierarquias apresentadas nos 2 contextos.
- A A66 e o Lx. 58 são semelhantes nas conjugações de cor (maioritárias) que apresentam sendo que é evidente a importância dos tipos de cor C, P e VE (por esta ordem). Nestes contextos as conjugações maioritárias são as seguintes: C-C-C, C-P-C, P-P-P e VE-VE-VE. A hierarquia acima apresentada é uma conjugação das hierarquias apresentadas nos 2 contextos.
- Os Lxs. 99 e 98 são semelhantes nas conjugações de cor (maioritárias) que apresentam sendo que é evidente a importância dos tipos de cor C e VE. Nestes contextos as conjugações maioritárias são as seguintes: C-C-C, C-P-C, VE-VE-VE e VE-P-VE.
- A A55 é o contexto mais discrepante sendo que apresenta conjugações de cor onde o tipo A é evidente. É o único contexto onde o tipo A se encontra de forma evidente. É de notar que o Lx. 99

também a apresenta uma conjugação onde o tipo A se encontra presente no entanto o Lx. 99 pode ser agrupando com outro contexto.

– Com base nos grupos acima indicados podemos observar semelhanças com os grupos conseguidos na avaliação dos pontos 1, 2 e 3. As A70 e A71 continuam agrupadas, bem como a A66 e o Lx. 58. Os contextos mais oscilantes são a A55 e os Lxs. 98 e 99. cremos que as conjugações de cor presentes em cada contexto estão relacionadas directamente com os tipos de cor maioritários nos cernes, pois a cor nos cernes deve ser o factor de maior influencia na cor das superfícies.

A avaliação dos tipos de cores presentes nas superfícies dos fragmentos de cernes negro (ponto 5) permite intuir processos de descoloração sofrida pelos fragmentos cerâmicos. A análise deste factor revelou os seguintes resultados:

– A A71 é o único contexto em que os fragmentos de cerne negro possuem uma maioria de superfícies externas também negras. Neste contexto 47 % dos fragmentos possuem cerne negro e 16 % possuem cerne e superfície externa de tipo P.

– A A70 revela uma distribuição igualitária entre os tipos P e C. neste contexto 59 % dos fragmentos possuem cernes de tipo P e 30 % dos fragmentos possuem cernes de tipo P e superfícies externas de tipo C e P (15 % em cada).

– A A66 e o Lx. 98 revelam uma maior quantidade de cerâmicas de coloração, tendencialmente, escura, sendo evidente a importância do tipo C. Nestes contextos cerca de 49 e 51 % dos fragmentos possuem cernes negros (tipo P), sendo que, 16 e 27 % (respectivamente) possuem cerne de tipo P e superfícies externas de tipo C.

– As A70, A71, A66 e Lx. 98 são muito semelhantes pois é evidente a importância dos tipos P e C.

– A A55 e o Lx. 99 destacam-se pela importância do tipo A. Nestes contextos cerca de 48 e 41 % dos fragmentos possuem cernes negros (respectivamente), sendo que destes: nas superfícies externas cerca de 25 e 14 % são de tipo A. No Lx. 99 encontramos, também, uma presença significativa do tipo VE sendo que 14 % dos fragmentos possuem cerne de tipo P e superfícies externas de tipo VE.

– O Lx. 58 é o mais discrepante sendo que o tipo mais importante é o VE, onde 15 % dos fragmentos possuem cernes de tipo P e superfícies externas de tipo VE.

A A55 e os Lxs. 99 e 98 podem ser agrupados num mesmo conjunto que privilegia as cores de tipo A e VE.

– Nas superfícies internas é evidente a presença dos tipos P e C como maioritários sendo que a sua importância encontra-se entre os 30 e 40 % (mais de metade dos fragmentos de cerne de tipo P).

Tendo em conta que a descoloração dos fragmentos ocorre de um modo diferente nas superfícies externas e internas concluímos que a descoloração dos fragmentos pode dever-se a outros factores de descoloração. Desse modo, cremos que as características encontradas se devem ao conjunto cerâmico e não a factores pós-deposicionais relacionados com o estrato. Podemos concluir o seguinte.

a) As A70 e A71 revelam uma coesão interna, onde são evidentes as cores escuras, negras e castanhos-escuros, seguida do Lx. 58 (apesar de este contexto apresentar uma boa presença do tipo VE).

b) A A66 e Lx. 98 revelam, também, a importância de tipos de cores escuras, sendo que a maioritária é o tipo C.

c) A A55 e o Lx. 99 são os contextos mais discrepantes e onde é evidente a importância do tipo A.

No ponto 6 analisamos os contextos consoante as presenças (percentagens) de fragmentos de cerne de tipo P com superfícies de tipo C e fragmentos de cerne de tipo C com superfícies de tipo P. A avaliação deste factor revelou os seguintes resultados:

– Se ordenarmos os contextos consoante o resultado do índice usado (C_{Ps}/P_{Cs}) e por ordem crescente obtemos a seguinte ordem: Lx. 98 (índice = 0,13); A55 (0,14); A66 e Lx. 58 (0,2); A70 (0,33); A71 (0,39) e Lx. 99 (0,75) O valor mais baixo corresponde a contextos que possuem grande quantidade fragmentos cerâmicos de cerne negro com superfícies de tipo de cor C e pouca quantidade de fragmentos de cerne de tipo C com superfícies de tipo P. O valor mais alto corresponde a contextos onde ocorre o contrário. O índice é a relação entre os dois valores, quanto mais afastados se apresentam os valores, mais o índice se aproxima do valor 0 e quanto mais próximos se encontram os valores, mais o índice se aproxima do valor 1.

O estudo comparativo dos resultados obtidos nos pontos 5 e 6 revelam o seguinte:

a) Através da análise do ponto 6 um dos contextos com pior preservação nos fragmentos de cerne negro é a A55 e aquele que apresenta melhor preservação é o Lx. 99. Na análise do ponto 5 estes contextos revelam semelhanças no comportamento da cor dos fragmentos de cerne negro sendo que consideramos os resultados do ponto 6 muito interessantes. Contextos com um mesmo comportamento geral ao nível da cor revelam uma preservação da mesma diferente. Deste modo cremos que dos dois contextos a A55 é de facto aquele que apresenta pior preservação da cor dos fragmentos de cerne negro através de processos pós-deposicionais, sendo que o Lx. 99 se encontra, genericamente bem preservado.

b) A A66 e o Lx. 98 revelam as mesmas características de cor através da análise do ponto 5, onde os fragmentos de cerne negro possuem uma maioria de superfícies externas de tipo C no entanto estes contextos encontram-se preservados de forma diferente. Destes dois contextos o Lx. 98 é o pior preservado (sendo que também é o pior preservado de todos os contextos analisados), sendo seguido de perto pela A66.

c) As A70, A71 e Lx. 58 revelam características semelhantes na análise do ponto 5 sendo que dos 3 contextos o Lx. 58 é o pior preservado e a A71 o melhor preservado.

d) Cremos que a comparação dos resultados dos pontos 5 e 6 permite observar de uma forma mais pormenorizada o comportamento da cor dos fragmentos e a influência dos processos pós-deposicionais na mesma.

Apresentamos de seguida os resultados da avaliação conjunta dos fragmentos com cores concordantes e da diversidade de conjugações presente nos contextos em estudo (ponto 9). Este factor de avaliação está relacionado com a compreensão do estado de conservação dos fragmentos e dos estratos. Foram os seguintes os resultados obtidos:

– Ordenando os contextos da mais baixa preservação de cor para a mais alta, obtemos a seguinte hierarquia: A70 (31 %), Lx. 98 (36 %), A55 e Lx. 58 (38 %), A66 (39 %), A71 (40 %) e Lx. 99 (43 %).

– Ordenando os contextos da maior diversidade de cor para a menor, obtemos a seguinte hierarquia: A71 (35 %), A66 (30 %), A70 e Lx. 58 (29 %), Lx. 98 (27 %), A55 (19 %) e Lx. 99 (14 %).

– Podemos observar que as ordens obtidas num e noutro factor de avaliação não são as mesmas ainda que alguns contextos revelem resultados concordantes nas duas análises. Deste modo, os Lxs. 58 e 99 revelam concordância nos resultados sendo que o Lx. 99 é o contexto mais bem preservado.

– Os restantes contextos revelam uma variação muito grande nos lugares que ocupam em cada hierarquia obtida. Por exemplo, a A71 apresenta 40 % de fragmentos com preservação de cor mas também 35 % de variedade nas conjugações de cor. Desta forma este contexto apresenta uma percentagem alta em ambos os valores, quando estes deveriam ser inversamente proporcionais.

– Observando os valores percentuais (pondo de parte as hierarquias obtidas) percebemos que a A55 pode ser considerada um contexto relativamente bem preservado.

A observação destes e de outros resultados (contextos de zonas e fases diferentes) leva-nos a crer que o número de fragmentos por contexto influencia o resultado da análise da variedade de conjugações de cor. Deste modo e após uma análise do número de fragmentos por contexto podemos dizer o seguinte.

a) Os contextos com um número de fragmentos inferior a 100 – Lx. 98, A55 e Lx. 99 – apresentam uma percentagem alta de preservação de cor e uma percentagem baixa de variedade de conjugações. A variedade de conjugações de cor pode estar relacionada com o número reduzido de fragmentos sendo que dos 3 o Lx. 99 é o mais bem preservado.

b) Os contextos com maior número de fragmentos (de 165 a 399) – A70, Lx. 58, A66 e A71, por ordem crescente – apresentam percentagens mais elevadas de variedade de conjugações de cor mas, sensivelmente, as mesmas percentagens de preservação de cor. A A70 é o melhor preservado, seguido do Lx. 58, A71 e, por último, A66.

c) Cremos que os contextos se ordenam da seguinte forma (do mais bem preservado para o pior preservado): Lx. 99, A55, A66, Lx. 58, A71, Lx. 98 e A70.

f) Espessuras presentes nos fragmentos e recipientes / Evolução da espessura das pastas

A análise das espessuras presentes nos fragmentos e recipientes foi realizada a todos os contextos da fase II e com base nas seguintes estampas: A70 (estampa DXL, Q1), A71 (estampa DXL, Q2), A55 (estampa DXLI, Q1), A66 (estampa DXLI, Q2), Lx. 98 (estampa DXLII, Q1), Lx. 99 (estampa DXLII, Q2) e Lx. 58 (estampa DXLIII).

A análise da espessura dos fragmentos é baseada nos resultados individuais de cada contexto pois não foram realizados gráficos globais que correspondessem à totalidade da fase. As pastas cerâmicas possuem comportamentos diferentes em cada contexto sendo que as conclusões finais atenderão a uma média comportamental das pastas presentes.

A análise das espessuras presentes nos fragmentos e recipientes revelou os resultados que expomos de seguida.

– A *pasta I* encontra-se presente em todos os contextos analisados e é representada, no total, por 380 fragmentos. Na maioria dos contextos, sendo a exceção a A55, possui um número suficiente de fragmentos de modo a constituir uma linha evolutiva (visível no gráfico de evolução das pastas). Na maioria dos contextos, à exceção da A70, os fragmentos de pasta I possuem uma maioria de cat. 3 sendo que as categorias encontram-se entre as categorias 2 e 7. Os contextos com espessuras mais finas são a A71, Lx. 98 e A66 (das espessuras mais finas para as mais espessas dentro de conjuntos considerados muito finos) e os contextos com espessuras mais grossas são o Lx. 99, Lx. 58 e A70 (das menos espessas para as mais espessas). Chegamos a esta hierarquia através da comparação dos valores em cada categoria, por exemplo: na A71 os fragmentos de cat. 4 equivalem

a 55 % dos de cat. 3 e os de cat. 2 equivalem a metade dos de cat.3 e no Lx. 58 os fragmentos de cat. 4 equivalem a 78 % dos de cat. 3 e os de cat. 2 equivalem, apenas a 7 % dos de cat. 3.

– A *pasta II* encontra-se ausente na fase II na área norte.

– A *pasta III* encontra-se presente em todos os contextos analisados sendo possível construir um gráfico evolutivo em todos eles. A pasta III é representada por 325 fragmentos distribuídos de uma forma muito díspar que está de acordo com as características dos contextos. No Lx. 98 e a A70 os fragmentos de pasta III encontram-se entre as categorias 2 – 6 e 3 – 6 (respectivamente) com uma maioria na cat. 3 e nos restantes Lxs possui uma maioria na cat. 4 e intervalos de valor entre 2 – 5 e 2 – 8. Os contextos com espessuras mais finas são o Lx. 98, A70 e Lx. 58 (das espessuras mais finas para as mais espessas dentro de conjuntos considerados muito finos) e os contextos com espessuras mais grossas são o Lx. 99, a A71, A66 e A55 (das menos espessas para as mais espessas). Chegamos a esta hierarquia através da comparação dos valores em cada categoria, por exemplo: no Lx. 98 os fragmentos de cat. 4 equivalem a 67 % dos de cat. 3 e os de cat. 2 equivalem a 44 % dos de cat.3 e na A71 os fragmentos de cat. 5 equivalem a 42 % dos de cat. 3 e os de cat. 3 equivalem a 76 % dos de cat. 4. na avaliação realizada também temos em conta o intervalo de valores presente em cada contexto, sendo que os contextos que apresenta categorias mais altas são avaliados de forma a perceber se devem ser entendidos como contextos de espessuras mais grossas.

– A *pasta IV* está presente em quase todos os contextos analisados, à excepção do Lx. 99, sendo que apresenta um número muito reduzido de fragmentos na A55 e no Lx. 98. A pasta IV é representada por 93 fragmentos distribuídos de uma forma díspar de acordo com o número reduzido de fragmentos presente em cada contexto. Os contextos com espessuras mais finas são a A70 e A71 e (das espessuras mais finas para as mais espessas dentro de conjuntos considerados muito finos) e os contextos com espessuras mais grossas são a A66 e o Lx. 58 (das menos espessas para as mais espessas). Para exemplificar a nossa hierarquia podemos dizer que: na A70 os fragmentos de cat. 4 equivalem a 59 % dos de cat. 3 e os de cat. 2 equivalem a 18 % dos de cat.3 e no Lx. 58, os fragmentos de cat. 5 equivalem a 14 % dos de cat. 4 e os de cat. 3 equivalem a 57 % dos de cat. 4.

– A *pasta V* encontra-se presente na A71 e A55 no entanto é representada, unicamente, por um fragmento em cada contexto.

– A *pasta VI* encontra-se em quase todos os contextos, à excepção das A70 e A55, sendo que é representada por 111 fragmentos. Os Lxs. 98 e 99 não permitem a caracterização da tendência das espessuras dos fragmentos devido ao número reduzido de fragmentos. Os contextos ordenam-se da

seguinte forma (por ordem crescente; das espessuras mais finas para as mais espessas): A66, A71 e Lx. 58.

– A *pasta VII* encontra-se presente em todos os contextos analisados no entanto nas A70 e A55 apresenta um número insuficiente de fragmentos que não permitem a construção de gráficos evolutivos. Esta pasta é representada por 114 fragmentos distribuídos de forma díspar pelos contextos. Os contextos ordenam-se da seguinte forma (por ordem crescente; das espessuras mais finas para as mais espessas): A71, Lx. 99, Lx. 58, A66 e Lx. 98. Para exemplificar a nossa hierarquia podemos dizer que: na A71 os fragmentos de cat. 5 equivalem a 25 % dos de cat. 4 e os de cat. 3 equivalem a 31 % dos de cat. 4 e no Lx. 98, os fragmentos de cat. 7 equivalem a 20 % dos de cat. 6 e os de cat. 5 equivalem a 60 % dos de cat. 6.

– A *pasta VIII* encontra-se apenas na A71, representada por 4 fragmentos não sendo possível a caracterização das espessuras através de gráficos evolutivos.

– A *pasta IX* encontra-se em três – A70, A71 e A55 – dos sete contextos integrados na fase II sendo que em um não – A55 – é possível a caracterização da espessura dos fragmentos através da construção de gráficos evolutivos. Esta pasta é representada por 24 fragmentos. A A70 é o contexto com espessuras mais finas e a A71 com espessuras mais grossas. Na A70 os fragmentos de pasta IX encontram-se compreendidos entre 2 e 5 e com uma maioria na cat. 3 e na A71 os fragmentos encontram-se compreendidos entre 3 e 5 e com uma maioria na cat. 4. Na A70, os fragmentos de cat. 4 equivalem a 67 % dos de cat. 3 e na A71 os fragmentos de cat. 5 correspondem a 25 % dos de cat. 4.

– A *pasta X* encontra-se presente em quase todos os contextos integrados na fase II, à excepção do Lx. 98, sendo representada por 220 fragmentos. A A55 não permite a caracterização da espessura através da construção de gráficos evolutivos sendo que os restantes contextos ordenam-se da seguinte forma (por ordem crescente; das espessuras mais finas para as mais espessas): Lx. 99, A71, A66, Lx. 58 e A70. No Lx. 99 os fragmentos de cat. 4 equivalem a 60 % dos de cat. 3 e na A70, os fragmentos de cat. 5 equivalem a 71 % dos de cat. 4 e os de cat. 3 equivalem a 86 % dos de cat. 4.

– A *pasta XI* encontra-se presente em quase todos os contextos sendo a excepção o Lx. 58, e é representada por 22 fragmentos. Nenhum dos contextos permite uma caracterização fiável da espessura dos fragmentos desta pasta no entanto é visível uma predominância das categorias superiores à 5.

– A *pasta XII* encontra-se em 2 dos 7 contextos analisados – A70 e A71 – sendo representada por 23 fragmentos. A A70 é o contexto com espessuras mais finas e a A71 com espessuras mais

grossas. Na A71 a maioria dos fragmentos encontra-se na cat. 4, com um intervalo entre 4 e 7 e na A71 a maioria dos fragmentos encontra-se na cat. 5 com um intervalo de 4 a 6.

Tendo em conta a análise realizada podemos dizer o seguinte.

- a) No global, a espessura dos fragmentos, de quase todas as pastas, pode ser considerada mediana sendo que as categorias mais usadas são a 3 e 4. A exceção é encontrada nas pastas XI e VII, sendo que a pasta XI é, indubitavelmente, aquela que apresenta fragmentos de espessuras mais grossas.
- b) As pastas I e X são, maioritariamente, usadas em recipientes de paredes finas (cats. 3 e 4).
- c) As pastas III, IV, VI, IX e XII são usadas no fabrico de recipientes de paredes finas / medias (cats. 4 e 5). Destas 5 pastas a pasta III é aquela que apresenta espessuras mais grossas.
- d) A pasta VII é usada no fabrico de recipientes de paredes de espessura mediana/grossa (cats. 5 e 6).
- e) A pasta XI é usada no fabrico de recipientes de paredes com espessuras grossas ou muito grossas, (> a 6).

A conservação dos contextos, bem como a sua origem, dita a forma como os fragmentos cerâmicos se encontram dispostos. No entanto, a forma como os fragmentos cerâmicos de determinada pasta se comportam revela a natureza do contexto. Quer dizer que é impossível dissociar as características dos fragmentos das características dos contextos sendo impossível saber quais características se formaram primeiro e quais tem mais “peso” no resultado final. Deste modo, descrevemos de seguida a caracterização dos contextos a partir da análise da espessura das pastas. Foram os seguintes os dados obtidos.

- a) Todos os contextos integrados na fase II permitiram a caracterização da espessura de algumas pastas ainda que uns mais do que outros. Deste modo, os contextos escolhidos da fase II na área norte comportam-se de modo diferenciado sendo um permite uma caracterização total e todos os restantes uma caracterização parcial.
- b) Ordenando os contextos por ordem decrescente (daquele que permite uma maior caracterização de pastas para o que não permite nenhuma) obtivemos a seguinte hierarquia: Lx. 58 (100 % - 6/6 pastas); A66 (86 % - 6/7 pastas); A70 (75 % - 6/8 pastas); A71 (73 % - 8/11 pastas); Lx. 99 (67 % - 4/6 pastas); Lx. 98 (50 % - 3/6 pastas) e A55 (25 % - 2/8 pastas).
- c) A hierarquia acima descrita indica a coesão dos contextos que de certa forma pode indicar o estado de conservação do estrato. Um contexto no qual todas as pastas são caracterizáveis ao nível das espessuras revela: 1) um bom número de fragmentos em cada pasta presente; 2) esse bom

número de fragmentos em cada pasta revela uma utilização da mesma na formação do estrato e não uma mistura de fragmentos de outros estratos; 3) uma distribuição dos fragmentos pelas categorias evidenciando, sempre, aquelas que tem mais uso e permitindo a construção de um gráfico evolutivo e 4) um, possível, bom estado de conservação do estrato, quer dizer um estrato que sofreu pouco com processos de desagregação de terras.

d) O Lx. 58, A66, A70 e A71 são aqueles que apresentam melhor caracterização de espessuras e os Lxs. 99, 98 e a A55 são aqueles que apresentam pior caracterização. Podemos ver que os 4 primeiros contextos citados são aqueles que possuem maior número de fragmentos sendo que os 3 últimos possuem menos de uma centena de fragmentos. Se observamos o estado de conservação dos fragmentos do ponto de análise c podemos ver que a A55 e o Lx. 98 são os contextos pior preservados indiciando forte revolvimento mecânico, seguidos da A70 e do Lx. 99. Os contextos melhor preservados são a A66, seguida do Lx. 58 e da A71. Neste caso há uma concordância entre os resultados das várias análises.

5.2.2.2. Análise Morfológica

A análise morfológica do conjunto cerâmico correspondente à fase II ponderou todos os bordos, bases e recipientes identificados em cada contexto individual analisado (A70, A71, A66, A55, Lx. 98, 99 e 58). Os bordos/recipientes integrados nesta fase são: 571 (est. CXXIV, 1), 595, 630, 655, 671, 680, 699, 700, 709, 710, 712, 719, 734, 761, 781, 888, 898, 940, 945 (est. CXXIX, 8), 954, 986, 998, 1007 e 1019 e as bases identificadas são: 398, 401, 436 e base do recp. n.º 571 (est. CXXIV, 1).

A análise morfológica da fase II é baseada na observação dos seguintes quadros: 1) tipos de recipientes por contexto (estampas DXLIV, Q1 e DXLIV, Q2); 2) tipos de recipientes e suas pastas (estampas DXLIV, Q3 e DXLIV, Q4); 3) tipos de recipientes e suas capacidades (estampas DXLV, Q1 e DXLV, Q2); 4) relação entre os tipos de capacidade e os tipos de pasta presentes nos recipientes (estampas DXLV, Q3 e DXLV, Q4); 5) tipos de bases e seus contextos (estampas DXLVI, Q1 e DXLVI, Q2); 6) tipos de bases e respectivos ângulos de parede/pança (estampas DXLVI, Quadros 3, 4 e 5); 7) tipos de recipientes e respectivos tipos de bordos na totalidade da fase I/II (est. DXLVII, Q1) e na totalidade da fase II (est. DXLVII, Q2) e 8) tipos de bordos, bases e respectivas pastas nos contextos onde se encontram presentes (estampas DXLVII, Q1 e DXLVIII).

A análise formal dos elementos integrados na fase II permitiu as seguintes observações:

– Dos 4 contextos principais (A70, A71, A66 e A55), um não apresenta bordos (recipientes) sendo apenas representado por uma base. Os restantes contextos (A70, A71 e A66) revelam uma

reconstituição de formas mediana que se encontra cima dos 50 %. O contexto que apresenta maior reconstituição formal é a A71 (67 %) e aquele com menor reconstituição é a A70 (50 %). Concluímos que os recipientes apresentam uma preservação média pois 30 a 40 % dos recipientes não permitiram reconstituição.

– Nas A70, A71 e A66 ocorrem 8 tipos de formas sendo que a maioria encontra-se representada, apenas, por 1 exemplar. Os tipos *2c*, *7b*, *B1b*, *B3a* e *B4a* são representados por 1 exemplar em cada tipo e os tipos *6a*, *8a* e *8b* são representados por vários recipientes em cada tipo. O tipo *6a* é o mais numeroso, com 5 exemplares, correspondendo a 33 % dos recipientes reconstituídos, seguido do tipo *8a*, 3 exemplares, correspondendo a 20 % e, por último, do tipo *8b*, 2 exemplares, correspondendo a 13 % dos recipientes reconstituídos. Os restantes tipos (1 exemplar em cada) correspondem cada um a 7 % dos recipientes reconstituídos.

– Os recipientes reconstituídos integrados na fase II revelam uma maioria de formas integrada na ocupação da idade do Ferro, quer dizer 80 % dos recipientes reconstituídos são formas usuais na ocupação da Idade do Ferro, sendo que apenas 20 % são recipientes conotados culturalmente com a Idade do Bronze regional.

– No conjunto dos recipientes identificados 73 % são de perfil em “S” (*tipos 6a*, *7b*, *8a* e *8b*, 11 exemplares), 20 % são globulares de vários tipos (*tipos 2c*, *b1b* e *B3a*, 3 exemplares) e 7 % são taças rectas (*tipo B3a*, 1 exemplar).

– Na totalidade dos contextos que apresentam bordos (A70, A71 e A66) podemos observar que os tipos de bordo predominantes são o tipo 1 (54 %), seguido do tipo 2 (17 % cada)e, por último, dos tipos 3 e 4 (12,5 % cada). Nos 3 contextos estão presentes os 3 tipos de bordo ainda que as A70 e A71 tenham sido analisadas em conjunto. Nas A70 e A71 o tipo 4 é mais relevante que o tipo 3 e na A66 o tipo 3 é tão relevante como o tipo 2. os contextos, na sua individualidade, possuem sempre particularidades que a totalidade (ou soma dos resultados) não permite ver. É visível uma maior importância do tipo 2 nas A70 e A71 do que na A66, algo que pode estar relacionado com uma ocupação da Idade do Bronze mais intacta nestes contextos ou uma mistura com materiais cerâmicos calcolíticos.

– As bases presentes são muito poucas (4 exemplares) sendo que foram, unicamente, identificados 2 tipos, o *tipo 2* (50 %), o *tipo 5* (25 %) sendo que uma base não permitiu a identificação formal. Não podemos comparar os resultados obtidos com aqueles dos recipientes integrados em contextos da fase I, pois estes encontravam-se descontextualizados. É evidente uma variedade formal maior nas bases dos contextos integrados na fase I do que aquela presente na fase II.

A análise formal dos recipientes permitiu as seguintes observações.

– Os 15 recipientes identificados são construídos em 4 pastas – a I, III, VII e X – sendo que 8 são construídos em pasta I (53 %), 5 em pasta III (33 %), 1 em pasta VII (7 %) e 1 em pasta X (7 %). Os recipientes construídos nas pastas VII e X são, respectivamente, um *tipo 8a* e um *2c*. O recipiente de *tipo 2c* é único e por isso não é possível avaliar se este tipo ocorre em várias pastas no entanto o *tipo 8a* ocorre em duas pastas, III e VII.

– Os tipos de formas *7b*, *8b*, *1B1b*, *B3a* e *B4a* só são realizados numa pasta sendo que, à excepção do *tipo 7b* construído em pasta III todos os restantes foram construídos em pasta I. Ocorrem, também, bordos construídos em pasta VI no entanto não foi possível a sua reconstituição. Por, último, o tipo *6a* apresenta recipientes construídos em pastas I e III.

– Analisando a totalidade dos bordos podemos observar: 1) um decréscimo na importância da pasta I (53 % dos recipientes reconstituídos mas apenas 46 % dos bordos); 2) um decréscimo na importância das pastas VII e X (de 7 para 4 %); 3) uma manutenção da importância da pasta III (33 %) e 4) a presença de uma pasta – VI – nos bordos que se encontra ausente nos recipientes.

– Podemos lançar a hipótese interpretativa que a utilização das pastas I, III, VII e X está, claramente, relacionada com uma ocupação da Idade do Bronze. No entanto a presença de bordos em pasta VI pode indicar perturbações nos estratos com mistura de materiais cerâmicos da Idade do Ferro, já que estes bordos se caracterizavam por um tamanho pequeno que não possibilitou a reconstituição dos recipientes. Notamos a presença de uma relação entre o tipo formal e as pastas escolhidas sendo que podemos observar o seguinte: 1) os globulares foram construídos em pasta I; 2) a taça recta foi construída em pasta X e 3) as formas de perfil em “S” mais acentuado foram construídas nas pastas I, III e VII. Deste modo, os globulares são peças delicadas construídos numa pasta depurada, a taça foi construída numa pasta pouco cuidada e as formas de perfil “S” revelam a variedade própria deste tipo de formas (algo visível nas ocupações posteriores, correspondentes à Idade do Ferro).

– Os 15 recipientes reconstituídos distribuem-se por 3 categorias de capacidade (2, 3 e 4) sendo que não foram identificados recipientes de grande capacidade (categoria 5: de 5 a 10 l, categoria 6: de 10 a 20 l ou categoria 7: superior a 20 l). A categoria de capacidade maioritária é a 4 (47 %) – 2 a 5 l – seguida da categoria 2 (33 %) – 0,3 a 1 l – e, por último, da 3 (20 %), 1 a 2 l. Podemos observar que este conjunto é constituído por recipientes de pequena capacidade sendo que: 1) a taça recta e 2 dos 3 globulares são de cat. 2, são recipientes pequenos e realizados numa pasta delicada (I); 2) apenas um globular, também realizado em pasta I, possui uma capacidade média (cat. 4); 3) os recipientes de perfil em “S” são na maioria, de tamanho médio (cats. 3 e 4) sendo que apenas 1

apresenta uma capacidade muito reduzida (cat. 2) e 4) o tipo de forma 8b possui uma capacidade média (cat.4) sendo que tal não é usual nas ocupações da Idade do Ferro, onde este tipo de forma corresponde, geralmente, a recipientes de pequena capacidade.

– Este conjunto cerâmico não possui recipientes verdadeiramente grandes sendo a avaliação da relação, possível e provável, entre pastas e capacidade não pode ser realizada convenientemente. Neste conjunto cerâmico a pasta I possui recipientes das 3 categorias de capacidade presentes, sendo a mais variável, seguida da pasta III (em variedade de categorias presentes). Os recipientes de pasta VII e X são de pequena capacidade.

– O conjunto de recipientes reconstituídos da fase II caracteriza-se por pouca variedade de capacidades, sendo que podemos afirmar que todos os recipientes são de uso doméstico, quotidiano, com a função de cozinhar ou servir alimentos para serem consumidos de uma forma imediata. A ausência de recipientes passíveis de armazenar alimentos por tempo prolongado pode estar relacionada com a reconstituição parcial do conjunto ou ser uma característica inata ao conjunto.

– Apesar do número reduzido de recipientes e da dificuldade de compreender se existe, ou não, uma relação entre o tipo de recipiente e o tipo de bordo, podemos observar o seguinte: 1) recipientes globulares ou taças rectas possuem, geralmente, bordos de tipo 3 (convergentes), pois o tipo de forma define o tipo de bordo, sendo que tal ocorre nos recipientes globulares da fase II; 2) os globulares altos, como é o tipo B1b, podem possuir bordos de tipo 2 (rectos) sendo que, também aqui, o tipo de bordo é definido pelo tipo de forma; 3) o tipo de bordo 2 é usado em recipientes de forma 6a, sendo que o tipo de forma também define o tipo de bordo; 4) o tipo de bordo 1 é usado em vários recipientes de perfil em “S”; 5) o tipo de bordo 4 é usado, unicamente em recipientes de forma 8b; 6) apesar do número reduzido de recipientes cremos que quando um tipo de bordo não se encontra, intrinsecamente, relacionado com determinado tipo de forma, pode ocorrer em qualquer tipo de forma sendo que não nos parece evidente uma relação causal entre tipos de bordo e tipos de recipiente.

– No geral, o número de bordos é muito reduzido sendo que muitos dos tipos presentes são representados por um único exemplar. Os tipos de bordo que aqui ocorrem com mais frequência são o B1 a5, B1a9 e B2 b1 sendo que são representados por mais de um exemplar).

– Como já foi referido, este conjunto cerâmico possui 4 bases que foram construídas em pasta I (1 exemplar), III (2 exemplares) e VII (1 exemplar). Podemos observar um desfazamento entre o número de bases e o número de bordos bem como uma ausência de bases em pasta VI e X. Nas A70 e A71 existe uma base de pasta III e 6 bordos da mesma pasta e uma base de pasta VII sem nenhum

bordo correspondente. A A55 é representada por uma base de pasta III estando ausentes qualquer tipo de bordo e na A66 está presente uma base de pasta I num conjunto de 9 bordos da mesma pasta. É recorrente em todo o conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros um número de bases significativamente inferior ao número de bordos. Cremos que tal facto indica que muitos recipientes possuíam fundo côncavo ou globular.

- O número reduzido de bases não permite observar a relação entre os tipos de base e as categorias de ângulo da parede dos recipientes, no entanto podemos ver que estão presentes 3 categorias de ângulo, a 2, 4 e 5 (sendo que uma das bases não permitiu a reconstituição da parede do recipiente).
- A presença das categorias 4 e 5 indica recipientes de perfil em “S” e a categoria 2 indica a presença de, pelo menos, um recipiente troncocónico. Os tipos de recipientes reconstituídos indicavam já a presença de muitos recipientes de perfil em “S” sendo que a presença de recipientes troncocónicos é apenas indicada por esta base.

5.2.2.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados

Os contextos integrados na fase II totalizam 972 fragmentos cerâmicos sendo que 839 são lisos (86 %), 120 são decorados calcólicos e 13 são da Idade do Bronze ou Ferro, correspondendo a 12 decorações diferentes e representando apenas 1 % do conjunto. São os seguintes os números de inventário das 12 decorações presentes: CP-02-7371 (est. XXXIV, 3), CP-02-7372 e CP-03-14696 (est. XXXII, 1), CP-02-7581 (est. XXXV, 3), CP-02-7727 (est. XXXI, 11), CP-03-3158 (est. XL, 1), CP-03-12068 (est. XXXVII, 7), CP-02-12078 (est. XXIX, 16), CP-03-12087 (est. XXXVI, 10), CP-03-12096 (est. XXXVI, 7), CP-03-10203 (est. XXX, 21), CP-03-10224 (est. XXIX, 20) e CP-03-10267 (est. XLVII, 1)

Nos fragmentos decorados integrados na fase II foram usadas 6 técnicas decorativas: incisão simples – INC.S (58 %); decoração plástica – DEC.P – e decoração espatulada – DEC.E – (17 % cada) e, por último, penteado – PENT.S (35 %); impressão – IMP – (9 %) e cepilhado – CEP (8 % cada). A contabilização em percentagem é feita com a integração de todos os fragmentos que foram realizados com determinada técnica, independentemente de apresentarem também a presença de outras técnicas. Neste conjunto de fragmentos decorados, apenas 17 % (2 exemplares) apresentam mais do que uma técnica decorativa.

Nesta fase foram usados vários instrumentos decorativos, a saber: 1) pente 3; 2) pente 6 com 11 puas e 3) instrumentos de incisão 1, 2 e 3.

5.2.2.4. Organizações decorativas

Os fragmentos decorados integrados na fase II totalizam 9 organizações decorativas, a saber: I, III, IV, V, VI, IX, XI, XXVIII e XXIX. Ordenando os contextos por ordem decrescente (daquele com maior número de fragmentos decorados para aquele com menor número) obtivemos a seguinte hierarquia: Lx. 99 – A66 – (42 % – 5 fragmentos); Lx. 28 – A71 – (33 % – 4 fragmentos) e Lx. 58 (25 % – 3 fragmentos).

A análise da distribuição das organizações decorativas por contexto permitiu concluir o seguinte.

1) Todos os contextos apresentam grande variedade decorativa sendo que: na A71 ocorrem 3 organizações decorativas, no Lx. 99 ocorrem 5 organizações decorativas e no Lx. 58 ocorrem 3 organizações decorativas.

2) Os contextos apresentam, maioritariamente, organizações decorativas que não se repetem, à excepção da VI e XI, que ocorrem no Lx. 99 e no Lx. 58 e no Lx. 28 e Lx. 58, respectivamente. Deste modo, os contextos destacam-se pelas diferenças que apresentam entre eles.

3) O Lx. 99 é o contexto mais “rico” quer em número de fragmentos decorados quer na variedade decorativa que apresenta. É também de notar que é um dos contextos analisados integrados na fase II com menor número de fragmentos.

4) A A71 é o contexto mais pobre, pois apesar de apresentar um número de fragmentos decorados superior ao Lx. 58 possui um número de fragmentos muito superior e apenas 3 dos 4 fragmentos possibilitam a identificação das organizações decorativas.

A análise dos tipos de organizações decorativas presentes indica (est. DCCXCV):

– A distribuição das organizações decorativas é muito equitativa sendo que as organizações I, III, IV, V, IX, XXVIII e XXIX são representadas, unicamente, por um exemplar e as organizações decorativas VI e XI são representadas por dois exemplares.

– Podemos dizer que a presença das organizações VI e XI é mais evidente do que as restantes no entanto cremos não ser correcto afirmar que é maioritária. Deste modo, cremos que todas as organizações decorativas presentes possuem, sensivelmente, a mesma importância estatística.

– Das 12 organizações decorativas presentes (tendo em conta as variantes) apenas 4 estão presentes em ocupações da Idade do Ferro. As organizações decorativas VI2, IX1, XI2, XXVIII1b e XXIX1b ocorre unicamente em complexos integrados na fase II. A organização XI3 ocorre em contextos das

fases I e II. As organizações I1e, III3 e V1a ocorrem em contextos da fase II e da III-2. E, por último, a organização VI1a ocorre em contextos da fase II e III-1.

– Se tivermos em conta as organizações decorativas, sem os seus subtipos, podemos observar que apenas, as organizações decorativas XXVIII e XXIX não se encontram presentes em ocupações da Idade do Ferro. Estas organizações decorativas também se encontravam presentes em contextos integrados na fase I. Cremos que a presença exclusiva destas organizações decorativas em contextos das fases I e II pode indicar uma origem Pré-histórica destes tipos decorativos.

– Com base numa conjugação de factores de avaliação (tipo de pasta, contexto, estado de conservação do contexto e sua caracterização ao nível das pastas e decoração presente – desenho e técnica) lançamos as seguintes hipóteses: 1) os subtipos V1a, XXVIII1b e XXIX1b relacionam-se com a ocupação calcolítica; 2) os subtipos VI1a, VI2, IX1, XI2 e XI3 relacionam-se, unicamente, com a ocupação da Idade do Bronze; 3) o subtipo III3 relaciona-se com a ocupação da Idade do Bronze, perdurando na ocupação da Idade do Ferro e 4) os subtipos I1e e IV1a2 foram dados como indeterminados, pois podem corresponder a recipientes calcolíticos ou da Idade do Bronze, já que ambas as decorações estão presentes nas duas ocupações.

A análise das localizações das decorações nos recipientes (est. DCCXCVIII) indica:

– Nos contextos analisados está presente uma maioria de fragmentos (42 % - 5 fragmentos) que não possibilitam saber ao certo a sua localização e por isso supõe-se que façam parte de alguma zona da pança do recipiente – localização tipo 8.

– Deste modo, 58 % dos fragmentos possibilitaram a localização da decoração nos recipientes sendo que dentro deste grupo dá-se uma distribuição bastante equitativa por vários tipos de localização. As localizações de *tipo 2* – decoração no colo –, *tipo 7* – banda decorada paralela ao bordo, normalmente associada a recipientes globulares – e *tipo 9* – banda decorada no diâmetro máximo do recipiente – são representadas, cada uma, por 2 exemplares (equivalente a cerca de 17 % do total). A localização de *tipo 1* – no bordo – é representada, apenas, por um exemplar.

– Com base na localização da decoração dos recipientes podemos concluir que: 1) há um decréscimo da variedade de localizações presentes em relação aos fragmentos decorados integrados em contextos da fase I; 2) as localizações de *tipo 7* e *9* são também, extensamente, usadas em recipientes decorados Pré-históricos; 3) localizações de *tipo 1* e *2* apontam claramente para a Idade do Bronze e/ou Ferro e 4) infelizmente, uma boa parte dos fragmentos decorados não permitem saber qual a localização da decoração no recipiente ainda que esta percentagem tenha baixado em relação ao conjunto cerâmico estudado da fase I.

– Em resumo, podemos ver que 50 % dos fragmentos decorados presentes correspondem à ocupação da Idade do Bronze sendo que a caracterizam. No entanto 25 % correspondem a fragmentos decorados da ocupação calcolítica sendo que a sua presença se deve a uma primeira má interpretação. E por último, 25 % são fragmentos indeterminados os quais não conseguimos integrar com segurança em determinada ocupação humana.

A análise das pastas dos recipientes decorados (est. DCCCI) indica:

– A maioria dos recipientes decorados é realizada em pasta I (42 %), seguida da X (25 %), III (17 % cada) e VII e XI (8 % cada). Em relação à fase anterior podemos observar: 1) um, ligeiro, decréscimo da importância das pastas III e X (ainda que estas pastas continuem a ter bastante visibilidade); 2) uma subida evidente da importância da pasta I, claramente escolhida para a realização de decorações e 3) uma subida da importância das pastas VII e XI, ainda que estas pastas sejam minoritárias.

– As 3 decorações que foram claramente identificadas com a ocupação calcolítica – V1a, XXVIII1b e XXIX1b – foram construídas em pastas XI, X e I, respectivamente. As duas decorações indeterminadas – IIe e IV1a2 – foram construídas em pastas X e I, respectivamente.

– Cremos que determinados tipos de pasta, como as pastas X e XI possuem uma maior possibilidade de apresentar decorações calcolíticas. No entanto, como sabemos a pasta X foi utilizada, ainda que numa forma minoritária, nas ocupações da Idade do Bronze e Ferro.

– Em resumo podemos dizer que as pastas usadas em recipientes decorados são bastante reduzidas (5 tipos), com uma clara importância das pastas I, X e III.

5.2.2.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes

No conjunto de 972 fragmentos integrados na fase II foram identificadas duas asas: **1)** CP-03-3158 (est. XL, 1) de secção de tipo 4 e localização de tipo 4 e **2)** CP-03-12057 (est. LXIII, 8), de secção de tipo 3.1 e localização de tipo 3.

Ambas as asas pertencem ao Lx. 99 e foram realizadas em pastas III e I, asa 1 e 2, respectivamente. Ambas as apresentam uma boa conservação sendo que a asa 1 apresentam também decoração incisa (já analisada no capítulo respectivo).

É de notar que ambas provêm do Lx. 99 que cremos ser um contexto seguro integrado na ocupação da Idade do Bronze. Todas as asas provêm de contextos bastante misturados com materiais de ocupações posteriores.

O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro

Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica

5.3. Artefactos cerâmicos da Idade do Ferro – 600/500 a 300/200 AC – Fase III-1

5.3.1. Plataforma Inferior Leste

5.3.1.0 Introdução aos contextos estudados

Os contextos estudados relativos à Plataforma Inferior Leste, na fase III-1, integram os Lxs. 26, 27, 65, 66, 68, 70, 75, 77, 77.1, 77.2, 82, 83, 87, 89, 91, 92, 97, 101, 103, 45/87, 48.5, 42.4, a camada 1b, os quadrados R/7-8, S/8-9, S15, T/12, T/15-16, V/13-16, V/18-19, W/13-18, X/10-11, X/13-16, Y/10, Y/13-16, Z/10 e as associações de complexos A9, A10, A11, A12, A13, A14, A22.

5.3.1.1. Análise Técnica

Foram exumados dos contextos relacionados com a Idade do Ferro Inicial (fase III-1) 1167 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 90 bordos no total; 2) 51 bordos conotados com a Idade do Ferro); 3) 21 bases; 4) 65 fragmentos decorados dos quais 10 são da Idade do Ferro e 67 recipientes conotados com a Idade do Ferro.

a) Tipos de Pastas

A análise individual dos contextos identificados com a fase III-1 – A9 (est. CLXIII), Lxs. 65 e 97 (est. CLXIV), A10 (est. CLXVI), A11, A12, A13 e Lx. 82 (est. CLXVII), Lxs. 45/87, 68 e A14 (est. CLXVIII) e a A22 (est. CLXX) – revelou os dados que expomos de seguida.

a1) A análise da A9 (est. CLXIII) revelou a presença de 9 das 12 pastas presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros (sendo que a 13^a e 14^a não são contabilizadas). No conjunto de fragmentos, a pasta predominante é a X, seguida da III e I. No entanto, as pastas predominantes nos recipientes foram a I, III e, por último, a VIII. É notória a importância de fragmentos de pasta VIII no Lx. 101 bem como a importância de fragmentos de pasta X, nos Lxs. 26 e 70 e de pasta III e VI no Lx. 27.

a2) A análise dos Lxs. 65 e 97 (est. CLXIV) revelou a presença de 10 das 12 pastas presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. No conjunto de fragmentos, a pasta predominante é a III, seguida da I e VIII – no Lx. 65 – e X – no Lx. 97. No entanto, a pasta predominante nos recipientes é a III seguida pelas I, VI e VIII.

a3) A análise da A10 (est. CLXVI) revelou a presença de 8 das 12 pastas presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. No conjunto de fragmentos, a pasta predominante é a X, seguida da III e I. No entanto, a única pasta identificada em recipientes da Idade do Ferro foi a III.

a4) A análise da A11 (est. CLXVII) revelou a presença de 7 das 12 pastas presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. No conjunto de fragmentos, a pasta predominante é a III, seguida da I e VIII. As pastas identificadas em recipientes da Idade do Ferro foram a III e VIII.

a5) A análise da A12 (est. CLXVII) revelou a presença de 6 das 12 pastas presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. No conjunto de fragmentos, a pasta predominante é a VIII, seguida da I e III. As pastas presentes nos recipientes da Idade do Ferro são a III e VIII.

a6) A análise do Lx. 82 (est. CLXVII) revelou a presença de 8 das 12 pastas presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. No conjunto de fragmentos, a pasta predominante é a III, seguida da I e XII. A pasta predominante em recipientes é a III, seguida da XII.

a7) A análise do Lx. 45/87 (est. CLXVIII) revelou a presença de 9 das 12 pastas presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. No conjunto de fragmentos, a pasta predominante é a III, seguida da I e VI. No entanto, a pasta predominante nos recipientes é a VI, seguida das I e VIII.

a8) A análise do Lx. 68 (est. CLXVIII) revelou a presença de 5 das 12 pastas presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. No conjunto de fragmentos, a pasta predominante é a III, seguida da X. No entanto, as únicas pastas identificadas em recipientes da Idade do Ferro foram a III e VI.

a9) A análise da A22 (est. CLXX) revelou a presença de 10 das 12 pastas presentes no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. No conjunto de fragmentos, a pasta predominante é a VIII, seguida da III e I. A pasta predominante nos recipientes da Idade do Ferro é a VIII, seguida da III e VI.

A análise individual dos estratos e aquela realizada à totalidade do conjunto cerâmico integrado na Idade do Ferro Inicial da PIL (estampa CLXII) permitiu as seguintes conclusões:

– Na totalidade do conjunto (estampa CLXII) a pasta predominante é a III, seguida da I e VIII. Esta hierarquia não se mantém na totalidade dos recipientes identificados onde a pasta predominante é a III, seguida da VIII e, por último, das VI e I. A discrepância presente nas hierarquias dos recipientes e fragmentos sem forma pode dever-se à presença de fragmentos de recipientes da ocupação calcolítica. Se contabilizarmos os bordos identificados com a ocupação calcolítica (estampa CLXII) vemos que a hierarquia das pastas usadas nos recipientes se aproxima da hierarquia da totalidade dos fragmentos.

– *É evidente o desfasamento entre a presença de fragmentos sem forma e suas pastas e os recipientes identificados para cada uma. As pastas IV, V, IX e XI são representadas unicamente por fragmentos sem forma existindo uma ausência de recipientes. As pastas onde ocorre uma ausência de recipientes e uma baixa presença de fragmentos podem, por um lado, indiciar revolvimento do contexto ou, por outro, indicar a presença de cerâmicas que constituem lixo. O “lixo” é o resultado do revolvimento ou mistura de contextos, no entanto consoante o grau de revolvimento assim o contexto será mais evidentemente revolvido. A forte presença de fragmentos de bordos de recipientes calcolíticos será sempre um indicador de um revolvimento profundo de estratos da ocupação calcolítica.*

Estas pastas, acima descritas e representadas unicamente por fragmentos sem forma, podem estar relacionadas com a ocupação calcolítica – pastas IV, IX e XI – e com a posterior ocupação da Idade do Ferro, no caso da pasta V.

– As pastas III, VIII, I e VI são tidas como a base de confiança do conjunto cerâmico da Idade do Ferro Inicial, ainda que sejam também utilizadas as pastas II, VII e XII. A presença elevada de fragmentos bem como de recipientes nas pastas III, VIII, I e VI apontam para um uso inequívoco destas pastas nesta ocupação ainda que nem sempre com esta ordem de preferência (hierarquia esta que depende do contexto particular a ser analisado).

– A análise comparativa dos contextos teve em conta 5 factores: 1) hierarquia de pastas na totalidade dos fragmentos; 2) hierarquia de pastas nos recipientes; 3) presença de fragmentos de pasta VI e sua importância; 4) presença de fragmentos de pasta VIII e sua importância e 5) presença de fragmentos de pasta II e sua importância. A análise individual dos contextos revela que estes nunca são concordantes em mais de um factor, quer dizer que, dois contextos são concordantes na hierarquia de pastas na totalidade dos fragmentos e discordantes em todos os outros. Cremos que a análise destes factores é importante e por isso realizaremos de seguida um resumo dos resultados.

1) Na hierarquia de pastas na totalidade dos fragmentos.

A A9 e A10 são semelhantes com uma hierarquia X, III, I (ainda que as quantidades não sejam totalmente semelhantes); o Lx. 65 e a A11 são semelhantes com uma hierarquia III, I, VIII (com quantidades de fragmentos em cada pasta muito discrepantes); a A12 e A22 são semelhantes com uma hierarquia VIII, III, I (ainda que as quantidades não sejam totalmente semelhantes); os Lxs. 97, 82 e 45/87 são parcialmente semelhantes com uma hierarquia III, I seguida de um terceiro elemento discrepante, X, XII e VI respectivamente e o Lx. 68 é o mais isolado, com uma hierarquia

III, X, I e VI. O Lx. 65 e a A11 são os mais semelhantes com a totalidade da fase III-1, seguidos dos Lxs. 97, 82 e 45/87. As A9 e A10 são os contextos mais antigos e as A12 e A22 os contextos mais modernos dentro da fase III-1.

2) Na hierarquia de pastas dos recipientes.

A A9 e Lx. 97 são semelhantes com uma hierarquia III, I, VIII (ainda que as quantidades não sejam totalmente semelhantes); as A9, A10, A11 e Lx. 97 são semelhantes na importância das pastas III e VIII; os Lxs. 65 e 68 são semelhantes na importância das pastas III e VI; os Lxs. 65 e 82 são semelhantes na importância das pastas III e XII e o Lx. 45/87 e a A22 são os contextos mais isolados com uma importância evidente das pastas VI e VIII.

A hierarquia apresentada na totalidade dos fragmentos da fase III-1 (est. CLXII) não é concordante com os dados individuais de cada contexto no entanto tanto a análise individual dos contextos como a total permite a conclusão que os recipientes são tendencialmente construídos em pasta III e VIII, seguidos das pastas I, VI e XII. O Lx. 45/87 e a A22 são os contextos mais isolados porque apresentam uma forte presença de recipientes construídos em pastas VI e VIII que contrastam com a maioria de recipientes de pastas III e I. Cremos que a tendência de uso são as pastas III, I e VIII e que o uso das pastas VI e XII é pontual e relacionado com determinados contextos em particular – Lxs. 65, 68, 45/87, 82 e A22.

3) Na presença de fragmentos de pasta VI distinguem-se os contextos Lx. 45/87, A22, A10 – com as quantidades mais elevadas – seguidos dos A9, Lxs. 65, 68 e 82 – com uma baixa quantidade de fragmentos desta pasta – e os Lx. 97, A11 e A12 com total ausência de fragmentos desta pasta.

4) Na presença de fragmentos de pasta VIII distinguem-se os contextos A12, A22, Lx. 65 – com as quantidades mais elevadas – seguidos dos Lxs. 97, 45/87 e A11 e A9 – com uma quantidade média de fragmentos desta pasta – e a A10 e os Lx. 82 e 68 com uma baixa quantidade de fragmentos desta pasta.

5) A pasta II é unicamente representada na A22.

Uma visão global dos 5 factores expostos permite concluir que: a A22 se destaca dos restantes contextos; as A10, A12 e Lxs. 45/87 e 65 destacam-se pela marcada presença de fragmentos e recipientes de pastas VI e VIII; as A9, A10 e A11 destacam-se pela marcada presença de fragmentos e recipientes de pastas III e VIII; as A9 e A10 são os contextos com maior presença de cerâmicas relacionadas com a ocupação calcolítica e os Lxs. 68, 82 e 97 apresentam uma forte presença de fragmentos e recipientes de pasta III – algo que os liga entre eles e aos outros contextos

– sem que sejam concordantes na restante hierarquia de pastas, quer nos fragmentos quer nos recipientes.

Apesar do conjunto de fragmentos identificados com a fase III-1 ter revelado a presença de todas as pastas presentes no Crasto de Palheiros (estampa CLXII) cremos que as pastas IV, IX e XI devem ser excluídas com base no que já foi referido. Assim as pastas de referência para a fase III-1 são a I, III, VI, VIII, VII e XII (apesar de só ter sido identificado um recipiente realizado em pasta VII). Concluimos, então, que algumas das pastas típicas da ocupação da Idade do Ferro Inicial na PIL (pastas I, III e VII) encontram-se em continuidade com aquelas pastas utilizadas na ocupação do Bronze Final.

Os contextos A9, A22, Lxs. 65 e 45/87 são aqueles que apresentam maior diversidade das pastas sendo que tal pode ser compreendido como um indicador de contextos mais ricos, mais diversos mas igualmente de contextos menos homogêneos e mais permeáveis à mistura de artefactos de várias ocupações. Defendemos que a diversidade de pastas na ocupação da Idade do Bronze era um indicador da proximidade da ocupação da Idade do Ferro no entanto colocamos, aqui a hipótese, da diversidade apontar para contextos menos homogêneos e coesos. Cremos que os contextos acima indicados foram mais permeáveis a acções de mistura.

b) Análise da mistura dos contextos através das pastas dos recipientes e seus fragmentos

A análise comparativa dos bordos calcólicos e recipientes da Idade do Ferro presentes nos contextos estudados revelou os seguintes resultados.

b1) Na totalidade da fase III-1, 22 % dos bordos são calcólicos frente a 78 % de recipientes da Idade do Ferro (est. CLXII).

b2) Organizando os contextos por ordem decrescente de % de bordos calcólicos temos os seguintes resultados: A10 (57%); A11 (50 %); Lx. 68 (33 %); Lx. 82 (31 %), A9 (30 %), Lx. 65 (25 %), Lx. 45/87 (17 %), A22 (6 %) e A12 e Lx. 97 (0 %).

b3) Se tivermos em conta apenas estes resultados podemos concluir que os contextos que se apresentam mais misturados com materiais cerâmicos da ocupação calcólica são as A9, A10, A11 e Lxs. 68 e 82. No entanto a análise conjunto dos recipientes calcólicos e dos fragmentos identificados com pastas, normalmente conotadas com a ocupação calcólica – IV, IX, X e XI – permite concluir que: 1) as A9, A10 e Lxs. 65, 97 e 45/87 são os contextos com maior presença de fragmentos sem forma ou recipientes conotados com a ocupação calcólica; 2) a A11, Lxs. 82 e 68

são contextos com uma elevada/média presença de recipientes calcólicos mas com uma baixa presença de fragmentos sem forma e 3) as A12 e A22 são os contextos que apresentam menor mistura com materiais cerâmicos calcólicos pois apresentam uma fraca presença tanto de recipientes como de fragmentos sem forma conotados com esta ocupação.

b4) Concluimos que, à excepção das A12 e A22, todos os contextos se encontram misturados, convivendo no mesmo estrato cerâmicas da ocupação calcólica e da Idade do Ferro.

c) Estado de conservação dos fragmentos = Estado de conservação do estrato

A análise do estado de conservação dos fragmentos exige o agrupamento dos complexos em conjuntos de dimensão considerável, para que a estatística seja viável. Para demonstrarmos a validade desta afirmação (que serviu também a análise do estado de conservação dos fragmentos da ocupação da Idade do Bronze) analisamos o Lx. 97 (est. CLXV) que como se verá não permite conclusões. Deste modo na análise do estado de conservação dos fragmentos foram avaliados os seguintes contextos: A9 (est. CLXIII), Lxs. 65 e 97 (est. CLXV), A10 (est. CLXVI), A13 (est. CLXVII), A14 (est. CLXVIII), Lxs. 45/87 e 68 (est. CLXIX), A22(est. CLXX) e a totalidade da fase III-1 (est. CLXII).

c1) Na A9 (est. CLXIII), os fragmentos de maiores dimensões são os de pasta III, VI, VII, XI e XII e os de menores dimensões são os de pasta I, VIII e X. A pasta IX é inconclusiva. As arestas mais conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas I, III e VI e as arestas menos conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas VIII e X. As pastas IX e XI são inconclusivas. As pastas VII e XII possui o mesmo número de fragmentos com arestas roladas ou vivas. Concluimos que, na A9, os fragmentos melhor preservados são os de pasta *I, III, VI e VII*, os pior conservados são os de pasta *VIII, X e XII* e os fragmentos de pastas *IX e XI* não permitiram conclusões algumas.

c2) No Lx. 65, os fragmentos de maiores dimensões são os de pasta III, X e XII e os de menores dimensões são os de pasta I, V, VI, VII e VIII. A pasta IX é inconclusiva. As arestas mais conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas VI, VII e XII e as arestas menos conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas I, III, VIII e X. As pastas V e IX são inconclusivas. Concluimos que, no Lx. 65, os fragmentos melhor preservados são os de pasta *VI e XII* e os pior conservados são os de pastas *I, V, VII, VIII, IX e X*.

c3) O Lx. 97 é constituído por 10 fragmentos e como podemos ver (est. CLXV) não é possível perceber – pela distribuição dos poucos fragmentos – quais as pastas que apresentam os fragmentos mais bem preservados e aquelas que apresentam os pior preservados.

c4) Na *A10* (est. CLXVI), os fragmentos de maiores dimensões são os de pasta VI, VII e X e os de menores dimensões são os de pasta I, III, IV, VIII e XII. As arestas mais conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas VI, VII e XII e as arestas menos conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas I, III, IV, VIII e X. Concluimos que, na *A10*, os fragmentos melhor preservados são os de pasta *VI, VII e XII* os piores conservados são os de pasta *I, III, IV, VIII e X*.

c5) Na *A13* (est. CLXVII), os fragmentos de maiores dimensões são os de pasta I, III, VIII e XII, os de menores dimensões são os de pasta VI, VII, X e os fragmentos de pastas IX e XI são inconclusivos. As arestas mais conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas III, VIII e XII e as arestas menos conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas VI, VII e X e os fragmentos de pastas I, IX e XI são inconclusivos. Concluimos que, na *A13*, os fragmentos melhor preservados são os de pasta *I, III, VIII e XII* os piores conservados são os de pasta *VI, VII, IX, X e XI*.

c6) Na *A14* (est. CLXVIII), os fragmentos de maiores dimensões são os de pasta I, III e VI e os de menores dimensões são os de pasta IV, VII, VIII, IX, X e XII. As arestas mais conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas III, IV e VI e as arestas menos conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas I, VII, VIII, IX, X e XI. Concluimos que, na *A14*, os fragmentos melhor preservados são os de pasta *I, III e VI* os pior conservados são os de pasta *IV, VII, VIII, IX, X e XII*.

c7) No *Lx. 45/87* (est. CLXIX), os fragmentos de maiores dimensões são os de pasta I, III, VI e VII e os de menores dimensões são os de pasta IV, VIII, IX, X e XII. As arestas mais conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas III, IV e VI e as arestas menos conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas I, VII, VIII, IX, X e XI. Concluimos que, no *Lx. 45/87*, os fragmentos melhor preservados são os de pasta *III e VI* os pior conservados são os de pasta *I, IV, VII, VIII, IX, X e XII*.

c8) No *Lx. 68* (est. CLXIX), os fragmentos de maiores dimensões são os de pasta III e os de menores dimensões são os de pasta I, VI, VIII e X. As arestas mais conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas I e III e as arestas menos conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas X. Concluimos que, no *Lx. 68*, os fragmentos melhor preservados são os de pasta *I e III* os pior conservados são os de pasta *X*. Os fragmentos de pastas *VI e VIII* são inconclusivos.

c9) Na *A22* (est. CLXX), os fragmentos de maiores dimensões são os de pasta II, III, VI e VIII, os de menores dimensões são os de pasta I, VII e X e os fragmentos de pastas IX, XI e XII são inconclusivos. As arestas mais conservadas encontram-se nos fragmentos de pasta III, as arestas menos conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas I, II, VI, VII, VIII e X e os fragmentos de pastas IX, XI e XII são inconclusivos. Concluimos que, na *A22*, os fragmentos melhor

preservados são os de pasta *II, III, VI e VIII* os piores conservados são os de pasta *I, VII e X* e os fragmentos de pastas *IX, XI e XII* são inconclusivos.

c10 Na totalidade da *fase III-1* (est. CLXII), os fragmentos de maiores dimensões são os de pasta *III, VI, VII, VIII, XI e XII* os de menores dimensões são os de pasta *I, VII e X* e os fragmentos de pastas *IX, XI e XII* são inconclusivos. As arestas mais conservadas encontram-se nos fragmentos de pasta *III, VI e XII* e as arestas menos conservadas encontram-se nos fragmentos de pastas *I, II, IV, V, VII, VIII, IX, X e XI*. Concluimos que, na totalidade do conjunto integrado na fase *III-1*, os fragmentos melhor preservados são os de pasta *I, III, VI, VII, VIII e XII* os piores conservados são os de pasta *II, IV, V, IX, X e XI*.

A análise do estado de conservação dos fragmentos nos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões.

– A *pasta I* encontra-se mal preservada em 4 dos 7 contextos estudados (Lx. 45/87, Lx. 65, A10 e A22); a *IV* em 3 dos 3 contextos onde ocorre (A10, A13 e Lx. 45/87); a *V* em 1 de 1 contexto onde ocorre (Lx. 65); a *VII* em 4 dos 6 contextos onde ocorre (Lx. 45/87, Lx. 65, A13 e A22); a *VIII* em 5 dos 7 contextos estudados (A9, A10, A13, Lx. 45/87 e Lx. 65); a *X* encontra-se mal preservada em todos os contextos estudados e a *XII* em 3 dos 6 contextos onde ocorre (A9, A13 e Lx. 45/87).

– A *pasta II* encontra-se bem preservada em 1 de 1 contexto onde ocorre (A22); a *III* em 6 dos 7 contextos estudados (excepção é o A10) e a *VI* em 6 dos 7 contextos estudados (excepção é o Lx. 68).

– A análise integrada (acima realizada nos dois primeiros pontos conclusivos) afina os dados globais da totalidade da fase *III-1* (ponto c10), permitindo concluir que as pastas mais bem preservadas são a *II, III e VI*, as pior preservadas são a *I, IV, V, VII, VIII, X e XII* sendo que as pastas *IX e XI* são inconclusivas. É de notar que em determinados contextos as pastas *VII, VIII e XII* não permitiram conclusões sendo que cremos que esta análise apenas reflecte o estado de conservação dos fragmentos da fase *III-1* sem que possamos ainda concluir o estado de conservação dos fragmentos na globalidade do conjunto cerâmico.

– Deste modo, cremos que o mau estado de conservação das pastas *IV e X* e a falta de caracterização das pastas *IX e XI* estão de acordo com a destruição da ocupação calcolítica através das ocupações posteriores onde estas pastas eram dominantes. A boa preservação das pastas *II, III e VI* pode indicar um uso quase exclusivo destas pastas na fase *III-1* ou uma boa/óptima qualidade dos recipientes realizados com estas pastas. A má preservação das pastas *V, VII e VIII* pode indicar um uso não exclusivo destas pastas na fase *III-1* (em particular das pastas *V e VII*) ou uma má qualidade dos recipientes realizados com estas pastas. A conservação oscilante (quer boa ou má)

das pastas I e XII pode indicar um uso destas pastas e uma conservação de acordo com factores de utilização, que de momento, não podemos afirmar quais são. Outros contextos poderão revelar se estas pastas possuem boas ou más características de conservação.

– Os fragmentos cerâmicos da fase III-1 (est. CLXII) revelam uma má conservação das arestas – sendo que 33 % apresentam arestas roladas, 32 % arestas boleadas e 35 % arestas vivas –, e uma dimensão reduzida fragmentos, mais de 60 % apresentam uma dimensão inferior ou igual à categoria 2 (cat. 1 = 6,4 % e cat. 2 = 61,3 %).

– Na análise individual dos contextos podemos observar que: 1) a A9, A13 e o Lx. 68 possuem presenças elevadas de fragmentos com arestas vivas – 35 %, 42 % e 57 % respectivamente –; 2) os Lxs. 65 e 45/87 e as A10 e A22 possuem presenças elevadas de fragmentos com arestas roladas – 48 %, 45 %, 57 % e 46 % respectivamente –; 3) o Lx. 65 e a A13 são os únicos contextos com fragmentos com uma categoria de dimensão 6; 4) a A13, A22, Lx. 45/87 e Lx. 68 são os únicos contextos com fragmentos com uma categoria de dimensão 2; 5) as A9, A10 e A13 são os contextos com maior presença de fragmentos com uma categoria de dimensão 1; 6) a presença de fragmentos com uma categoria de dimensão 2 vai de 48,5 % na A9 a 71,2 % na A13.

– Com base nas 6 observações acima indicadas podemos concluir o seguinte.

a) Não há uma relação causal entre a dimensão dos fragmentos e a conservação das arestas, quer dizer, um conjunto cerâmico com uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões pode ter ou não uma maioria de arestas roladas ou boleadas. As A9, A13 e o Lx. 68 são os contextos com maior presença de arestas vivas, no entanto a A13 é o contexto com maior presença de fragmentos de cat. 2 (71,2 %) e é o 3º contexto com maior presença de fragmentos de cat. 1 (8,1 %). A A9 e o Lx. 68 revelam uma forte presença de fragmentos de cats. 3 e 4, sendo que nestes contextos os fragmentos possuem dimensões médias e grandes a par de uma boa conservação das arestas. Podemos então concluir que a A9 e o Lx. 68 são contextos bem conservados mas a A13 é um contexto que indica um forte revolvimento, que levou a uma quebra excessiva dos fragmentos, apresentando estes arestas vivas.

b) Com base no que foi afirmado no ponto a) também podemos concluir que alguns contextos com uma maioria de fragmentos com arestas roladas e boleadas, revelam uma boa presença de fragmentos de dimensão média e grande, cats. > 3. A A22 e o Lx. 65 revelam uma presença de fragmentos de cat. de dimensão > 3 superior a 30 % – 32 % e 34 % respectivamente – e arestas roladas superiores a 45 %, 46 % e 48 % respectivamente. Uma hipótese interpretativa para o estado

destes fragmentos é a qualidade das pastas, que permite um esfarelamento das arestas ainda que os contextos estejam bem preservados e pouco revolvidos.

c) A presença, por si só, de fragmentos de grande dimensão – cats. 5 e 6 – não é um indicativo de um contexto bem preservado. O Lx. 45/87 apresenta fragmentos de cat. de dimensão igual a 5, sendo no entanto um contexto mal preservado (fragmentos maioritariamente de reduzida dimensão e de arestas roladas). A A9 não apresenta fragmentos de dimensão 5 e 6 e é um contexto com boa preservação (forte presença de fragmentos de categorias 3 e 4 e presença de arestas vivas).

d) Uma forte presença de fragmentos de categorias de dimensão 1 e 2 deve ser tida em conta na percepção da conservação do contexto. Cremos existir uma relação causal entre uma forte presença destas dimensões nos fragmentos e uma má preservação do estrato.

e) Podemos concluir que os contextos Lx. 68, A9, Lx. 65 e A22 são os mais bem preservados – ordenados do mais preservado para o pior preservado – e os contextos A13, A10 e Lx. 45/87 são os piores preservados, ordenados do mais mal preservado para o melhor.

d) Tratamentos de superfície

A análise dos tratamentos de superfície segue as seguintes associações e Lxs: A9; A10, A11, A12, A13, A14, A22 e Lxs. 45/87, 65, 66, 68, 82 e 97. Gostaríamos de fazer notar que: 1) a categoria Nf (superfície corroída) não é contabilizada como tratamento de superfície na análise estatística realizada e abaixo descrita; 2) o número reduzido de recipientes e a sua elevada fragmentação fazem sobrevalorizar algumas categorias de tratamentos de superfície e 3) os tratamentos de superfície dos recipientes foram analisados e descritos abaixo mas a sua valorização será discutida nos devidos pontos de discussão deste trabalho.

d1) Na A9 (estampa CLXXII), os tratamentos de superfície dominantes, ao nível dos fragmentos, são: Ali/Ali (30 %), Pol/Pol (16 %), Pol/Ali (13 %) e Ali/Pol (12 %). Todos os restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 5 %. Os tratamentos de superfície dominantes nos recipientes são: Ali/Ali e Pol/Pol.

d2) No Lx. 65 (estampa CLXXIII), os tratamentos de superfície dominantes, ao nível dos fragmentos, são: Pol/Ali (21 %), Ali/Ali (19 %), Ali/Pol e Pol/Pol (13 % cada), Rug/Pol (11 %) e Rug/Ali (6 %). Os restantes tratamentos de superfície – que são em número reduzido devido também ao número reduzido de fragmentos que compõem o complexo – possuem uma expressividade inferior a 5 %. Os tratamentos de superfície presentes nos recipientes – com igual valor estatístico – são: Pol/Ali , Rug/Ali e Rug/Pol.

d3) No *Lx. 97* (estampa CLXXIII), os tratamentos de superfície presentes são: Ali/Ali com 50 %; Pol/Pol com 30 % e Rug/Pol com 20 %. É de notar que este complexo possui um número reduzido de fragmentos sendo que as categorias presentes não podem ser sobrevalorizadas num âmbito global. Os tratamentos de superfície presentes nos recipientes são: Pol/Pol e Ali/Ali.

d4) Na *A10* (estampa CLXXIV), os tratamentos de superfície dominantes, ao nível dos fragmentos, são: Pol/Pol (18 %); Ali/Ali (11 %); Ali/Pol, Esp/Ali e Rug/Pol (9 % cada). Os restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 8 %. O único tratamento de superfície presente nos recipientes é o Rug/Pol, no entanto devido ao reduzido número de fragmentos e recipientes não podemos sobrevalorizar os resultados obtidos.

d5) Na *A11* (estampa CLXXIV), os tratamentos de superfície dominantes, ao nível dos fragmentos, são: Pol/Ali (51 %), Ali/Ali (22 %), Ali/Pol (11 %) e Pol/Pol (7 %). Todos os restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 2 %. O tratamento de superfície dominante nos recipientes é o Ali/Pol, seguido dos Ali/Ali e Rug/Pol.

d6) Na *A12* (estampa CLXXV), os tratamentos de superfície dominantes, ao nível dos fragmentos, são: Ali/Ali (23 %), Cep/Ali (14 %), Pol/Ali (12 %), Ali/Pol (11 %) e Rug/Pol (10 %). Os restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 6 %. O tratamento de superfície dominante nos recipientes é o Pol/Ali, seguido dos Are/Pol e Cep/Ali.

d7) No *Lx. 82* (estampa CLXXV), os tratamentos de superfície dominantes, ao nível dos fragmentos, são: Pol/Ali (61 %), Ali/Ali (15 %), Ali/Pol (6 %) e Rug/Ali (5 %). Os restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 4 %. O tratamento de superfície dominante nos recipientes é o Rug/Pol, seguido dos Ali/Ali e Ali/Pol.

d8) Na *A13* (estampa CLXXVI), os tratamentos de superfície dominantes, ao nível dos fragmentos, são: Pol/Ali (49 %), Ali/Ali (18 %), Ali/Pol (8 %) e Pol/Pol (5 %). Os restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 4 %. Os tratamentos de superfície dominantes nos recipientes são: Rug/Pol, Pol/Ali e Ali/Ali.

d9) No *Lx. 45/87* (estampa CLXXVII), os tratamentos de superfície dominantes, ao nível dos fragmentos, são: Pol/Ali (14 %), Ali/Ali (13 %), Pol/Pol (13 %), Rug/Pol e Esp/Ali (9 % cada). Os restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 8 %. O tratamento de superfície dominante nos recipientes é o Rug/Pol, seguido do Ali/Pol.

d10) Nos *Lx. 66 e 68* – mas sobretudo o *Lx. 68* (estampa CLXXVII) –, os tratamentos de superfície dominantes, ao nível dos fragmentos, são: Rug/Ali (46 %) e Ali/Ali (9 %). Os restantes tratamentos

de superfície possuem uma expressividade inferior a 2 %. O tratamento de superfície dominante nos recipientes é o Rug/Ali, seguido do Rug/Pol.

d11) Na *A14* (estampa CLXXVIII), os tratamentos de superfície dominantes, ao nível dos fragmentos, são: Rug/Ali (13 %), Ali/Ali (12 %), Pol/Pol (10 %), Rug/Pol (7 %), Esp/Ali e Ali/Pol (6 % cada). Os restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 3 %. O tratamento de superfície dominante nos recipientes é o Rug/Pol seguido dos Ali/Pol e Rug/Ali.

d12) Na *A22* (estampa CLXXIX), os tratamentos de superfície dominantes, ao nível dos fragmentos, são: Pol/Pol (22 %), Rug/Pol e Pol/Ali (12 % cada), Ali/Ali (10 %) e Ali/Pol (8 %). Os restantes tratamentos de superfície possuem uma expressividade inferior a 5 %. O tratamento de superfície dominante nos recipientes é o Pol/Pol seguido dos Are/Pol e Rug/Pol.

A análise dos tratamentos de superfície permitiu as seguintes conclusões:

– Os tratamentos de superfície dominantes no conjunto cerâmico da fase II (estampa CLXXI) são: na superfície externa, os polidos (38 %), alisados (26 %) e rugosos (13 %) e; na superfície interna, alisados (58 %) e polidos (30 %).

– Nos tratamentos de superfície externa quase todos os contextos estão de acordo com os resultados gerais da fase III-1 onde os polidos são predominantes. Os contextos Lx. 97, 66 e 68 são discordantes da análise geral pois o tratamento de superfície alisado é o predominante. Novamente, nos tratamentos de superfície interna quase todos os contextos estão de acordo com os resultados gerais da fase III-1 onde os alisados são predominantes. No entanto, os contextos A9, Lx. 97, A10 e A22 não se encontram de acordo com a análise geral pois é predominante o tratamento de superfície polido. Gostaríamos, no entanto, de fazer notar que alguns contextos onde, no geral, o tratamento de superfície externo é o polido, apresentam uma conjugação de superfície predominante que discorda com a análise geral. Quer dizer, na A9, A12 e A14 o tratamento de superfície predominante é o polido mas as conjugações predominantes são a Ali/Ali – para a A9 e A12 – e Rug/Ali na A14. Cremos na importância da análise das conjugações dos tratamentos de superfície para a compreensão do comportamento dos recipientes em cada contexto analisado.

– A análise individual dos contextos revela a presença dominante das seguintes associações de tratamentos de superfície (ordenadas por ordem decrescente): Pol/Ali e Ali/Ali; Pol/Pol; Rug/Ali e Rug/Pol; Ali/Pol. Como podemos constatar: 1) o tratamento Ali/Ali é bastante importante – ainda que não seja dominante em todos os contextos –; 2) a ordem de importância das conjugações não é totalmente concordante com a ordem obtida na análise dos tratamentos de superfície externa e interna autónoma e 3) os tratamentos de superfície internos predominantes – alisados e polidos – aparecem conjugados com vários tipos de tratamento de superfície externa sem que possamos ver

uma relação causal. Quer dizer, não parece existir uma relação entre o tipo de tratamento de superfície externo e o tratamento de superfície interno.

– As superfícies externas alisadas ocorrem em todas as pastas presentes no conjunto da fase III-1, à exceção da II. Este tipo de tratamento de superfície ocorre – com grande presença – nas pastas XI (80 % dos fragmentos), IX (56 %), IV (44 %), X (41 %) e VIII (28 %). É de notar que nos fragmentos de pasta VIII, os vários tipos de tratamentos de superfície ocorrem de um modo bastante homogêneo (28 % alisados, 23 % rugosos, 14 % cepilhados e 14 % polidos).

– As superfícies externas polidas ocorrem em todas as pastas presentes no conjunto da fase III-1, à exceção da IX. Este tipo de tratamento de superfície ocorre – com grande presença – nas pastas II (87 % dos fragmentos), V (75 %), III (54 %) e I (51 %). É de notar que se avaliarmos a totalidade dos fragmentos – sem ter conta as pastas –, 57 % dos polidos externos são de pasta III. Cremos que a análise por pasta – e não aquela que tem em conta a totalidade dos fragmentos – é mais acertada para a compreensão da ocorrência (ou não) de determinados tratamentos de superfície em determinados tipos de pastas.

– A superfície externa rugosa ocorre em 7 das 12 pastas (I, III, VI, VII, VIII, X e XII) presentes na fase III-1. Este tipo de tratamento de superfície ocorre – com grande presença – nas pastas XII (46 %) e VI (33 %). É de notar que se avaliarmos a totalidade dos fragmentos – sem ter conta as pastas –, 40 % dos rugosos externos são de pasta III, 21 % de pasta VIII e 34 % são de pastas VI e XII (17 % cada).

– Todas as superfícies externas areadas ocorrem em pasta VIII, no entanto apenas 8 % dos fragmentos de pasta VIII possuem superfícies externas areadas.

– As superfícies externas cepilhadas ocorrem em maioria na pasta VIII (60 %) no entanto apenas 14 % dos fragmentos de pasta VIII possuem superfícies externas cepilhadas.

– Com base no acima exposto podemos concluir que determinado tratamento de superfície não é exclusivo de determinado tipo de pasta no entanto determinada pasta pode ter tendência a usar determinado tipo de tratamento de superfície. Deste modo, nas pastas I, II, III e V ocorrem preferencialmente polidos externos; nas pastas VI e XII ocorrem rugosos e alisados externos; na pasta VIII ocorrem alisados, rugosos, cepilhados e areados – sendo esta a pasta que apresenta maior versatilidade – e nas pastas IV, VII, IX, X e XI ocorrem preferencialmente alisados externos. A grande presença de fragmentos com as superfícies externas corroídas nas pastas IV, VII, IX e X pode influenciar e deturpar os resultados obtidos. Assim a análise da relação entre o tipo de pasta e o tipo de tratamento de superfície deve ser estudada em todos os contextos e fases para que no final

possamos compreender se esta relação é um facto determinante da cultura material da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros.

– Cremos que os tipos de tratamentos de superfície presentes num dado contexto podem ajudar a caracterizar esse mesmo contexto ao nível da sua cronologia mas também da sua importância dentro de um dado período histórico-cronológico. Cremos que os tratamentos de superfície – como os cepilhados, rugosos e areados – são aqueles que melhor definem a Idade do Ferro do Crasto de Palheiros. A sua presença é um indicador cronológico mas pode ser também um indicador de actividades de importância social, económica, política, doméstica, etc, que pretendemos definir e discernir. Assim vemos que: 1) a A22 e A14 são os contextos com maior presença de rugosos, cepilhados, areados e espatulados; 2) na A22 e A14 a presença de rugosos é de 21 e 20 % respectivamente; 3) dentro da A14 são os Lxs. 66 e 68 que definem a importância dos rugosos e alisados, pois no Lx. 45/87 é evidente a importância dos polidos, seguidos dos alisados e espatulados; 4) a A12 e Lx. 97 são os contextos que seguem as A14 e A22 – a nível da importância dos rugosos – sendo nestes contextos os rugosos encontram-se em 3º lugar (em 1º lugar estão os alisados e em 2º estão os polidos); 5) as A9, A10, A13 e Lx. 82 são contextos que apresentam uma baixa presença de superfícies rugosas – entre 8 e 10 % –; 6) a A11 é o contexto com a presença mais baixa de rugosos – 1 % – e com uma das presenças mais baixas de cepilhados – 2 %.

e) Diversidade da cor nos fragmentos / Tipos de cozedura / Uso e deposição

A análise dos tipos de cor presentes nos fragmentos segue as associações e complexos já utilizados nas análises anteriores: A9; A10, A11, A12, A13, A14, A22 e Lxs. 45/87, 65, 66, 68, 82 e 97.

e1) Na A9 podemos observar o seguinte.

1) 63 % dos fragmentos possuem um cerne negro (P) no entanto, apenas 41 % possuem a superfície interior negra e 17 % a superfície exterior negra (estampa CLXXXI). Muitos cernes negros possuem outras cores superficiais, sendo a dominante o castanho-escuro, algo que pode ser observado no aumento de castanhos-escuros dos cernes para as superfícies externas.

2) 14 % dos fragmentos possuem um cerne castanho-escuro (C), 12 % possuem a superfície interior castanha-escura (havendo um ligeiro decréscimo) e 25 % a superfície exterior castanha-escura (podendo ser observado um claro aumento (estampa CLXXXI). É clara a diferença entre as quantidades de cernes e superfícies castanhas-escuras o que faz pressupor que este tipo de cor se conjuga com cernes de outra cor.

3) 13 % possuem um cerne vermelho-escuro (VE) no entanto, 20 % possuem a superfície interior vermelha-escura e 29 % a superfície exterior vermelha-escura (estampa CLXXXI). É evidente a maior presença de superfícies de cor VE do que cernes do mesmo tipo. A discrepância entre a cor dos cernes e das superfícies pode dever-se a vários factores entre eles a utilização dos recipientes e os processos pós-deposicionais.

4) As conjugações de cernes de cor negra (P) com superfícies de cor de tipos A, P, C e VE são dominantes – P-P-P (12 %), A-P-A (9 %), C-P-P, VE-P-P (8 % cada) e VE-P-VE (6 %) – revelando que um fragmento de cerne de cor negra pode possuir superfícies de cor muito diversa.

5) Fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies externas: VE (16 %), P (15 %), C (14 %), A (11 %), B (4 %) e VC (1 %) e superfícies internas: P (34 %), A (13 %), VE (9 %), C (4,5 %), B (1,5 %) e VC (1 %) (estampa CXCVI).

6) Cremos existir uma ligação entre os tipos de cor P e C, onde os fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem uma tendência para possuir superfícies castanhas-escuras mas onde o contrário ocorre mais raramente – fragmentos de cerne castanho-escuro com superfícies de cor negra. A maior presença de C-P-P (8 %) em relação à presença de C-C-P (4 %) e a maior presença de C-P-C (4,5 %) em relação à presença de P-C-P (1,5 %) aponta para uma relação entre os cernes negros e as superfícies castanhas-escuras. Cremos que esta discrepância pode ser o resultado dos processos pós-deposicionais ou do uso dos recipientes, mais propriamente a sua limpeza.

7) Nos recipientes, 5 dos 7 identificados – 71 % (estampa CLXXXI) – possuem um cerne negro sendo que a maioria (5) apresentam superfícies de cor tipo P ou C (estampa CXCVI). Neste caso, o estado dos recipientes demonstra alguma tendência dos fragmentos de cerne negro, possuírem superfícies de cor negra ou castanha-escura (cerca de 1/3 do conjunto).

8) Os amarelos (A) acusam uma discrepância acentuada entre os cernes (5 %) e as superfícies (22 %) (estampa CLXXXI) sendo que cinzentos-claros (B) e os vermelhos-claros (VC) apresentam uniformidade entre a quantidade de cernes e superfícies (estampa CLXXXI).

9) 32 % dos fragmentos apresentam uma boa preservação da cor pois a cor do cerne é concordante com a cor das superfícies.

e2) No *Lx. 65* podemos observar o seguinte.

1) 43 % dos fragmentos possuem um cerne negro (P) no entanto, apenas 25 % possuem a superfície interior negra e 12 % a superfície exterior negra (estampa CLXXXII). Muitos cernes negros possuem outras cores superficiais, algo descrito mais à frente.

2) 22 % dos fragmentos possuem um cerne castanho-escuro (C), 27 % possuem a superfície interior castanha-escura (havendo um ligeiro aumento) e 33 % a superfície exterior castanha-escura (podendo ser observado um maior aumento) (estampa CLXXXII).

3) 16 % possuem um cerne vermelho-escuro (VE) no entanto, 22 % possuem a superfície interior vermelha-escura e 31 % a superfície exterior vermelha-escura (estampa CLXXXII). É evidente a maior presença de superfícies de cor VE do que cernes do mesmo tipo.

4) As seguintes conjugações são dominantes: C-C-C (15 %), VE-VE-VE (12 %), C-PC (11 %), P-P-P (10 %), VE-P-P, VE-P-VE e A-A-A (6 % cada). Deste modo, as conjugações concordantes são dominantes bem como algumas em que o cerne é negro, independentemente das cores presentes nas superfícies (estampa CXCVII).

5) Fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies externas: VE (13 %), C (13 %), P (10 %), A (3 %) e VC (3 %) e superfícies internas: P (19 %), C (10 %), VE (6 %), A (4 %) e VC (1 %) (estampa CXCVII).

6) São 13 % os fragmentos de cerne negro com superfícies de tipo C (quer externas ou internas) e 4,5 % os fragmentos de cerne castanho-escuro com superfícies de tipo P. deste modo, cremos que os fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem uma tendência para possuir superfícies castanhas-escuras mas o contrário ocorre mais raramente.

7) Nos recipientes apenas 1 dos 4 identificados (estampa CLXXXII) possui um cerne negro sendo que apresentam superfícies de cor tipo C ou VE (estampa CXCVII). Neste caso, o estado dos recipientes revela uma grande presença de superfícies de cor vermelha-escura concordante com uma boa presença de fragmentos desta cor (estampa CXCVII).

8) Os cernes cinzentos-claros (B) estão bem representados (10 %) ainda que a representação nas superfícies seja muito inferior – superfícies internas 4 % e externas 3 % –; os cernes amarelos (A) e os vermelhos-claros (VC) apresentam-se pouco representados, 6 % e 1 % respectivamente ainda que a representação nas superfícies seja claramente superior – superfícies de cor A internas 13 % e externas 15 % e superfícies de cor VC internas 7 % e externas 6 % (estampa CLXXXII).

9) 45 % dos fragmentos apresentam uma boa preservação da cor pois a cor do cerne é concordante com a cor das superfícies.

e3) No *Lx. 97* podemos observar o seguinte.

1) 60 % dos fragmentos possuem um cerne negro (P) no entanto, 50 % possuem a superfície interior negra e apenas 10 % a superfície exterior negra (estampa CLXXXIII).

- 2) 30 % possuem um cerne vermelho-escuro (VE) no entanto, 40 % possuem a superfície interior vermelha-escura e 60 % a superfície exterior vermelha-escura (estampa CLXXXIII). É evidente a maior presença de superfícies de cor VE do que cernes do mesmo tipo.
- 3) 10 % dos fragmentos possuem um cerne e superfícies externas castanhas-escuras (C) sendo que não foram identificadas superfícies internas com este tipo de cor (estampa CLXXXIII).
- 4) Só existem cernes de cor C, P e VE ainda que as cores das superfícies sejam mais diversas e tinham sido identificados os tipos A e B.
- 5) As seguintes conjugações são dominantes: VE-VE-VE (20 %) e VE-P-VE (20 %). As restantes conjugações possuem uma igual importância de 10 %. É notória a relevância do tipo de cor VE tanto nos fragmentos como nos recipientes (estampa CXCVII).
- 6) Fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies externas: VE (30 %), C (10 %), A (10 %) e B (10 %) e superfícies internas: P (40 %), VE (20 %) e B (10 %) (estampa CXCVII).
- 7) Devido ao número reduzido de fragmentos e conjugações presentes não é possível estudar a relação entre os tipos de cor C e P.
- 8) Nos recipientes apenas 2 dos 3 identificados (estampa CLXXXII) possuem um cerne negro sendo que os tipos de cor predominantes nas superfícies são o P e VE (estampa CXCVII). Neste caso, o estado dos recipientes revela uma grande presença de superfícies de cor vermelha-escura concordante com uma boa presença de fragmentos desta cor (estampa CXCVII).
- 9) 20 % dos fragmentos apresentam uma boa preservação da cor pois a cor do cerne é concordante com a cor das superfícies.

e4) Na A10 podemos observar o seguinte.

- 1) 47 % dos fragmentos possuem um cerne negro (P) no entanto apenas 32 % possuem a superfície interior negra e 10 % a superfície exterior negra (estampa CLXXXIV). Podemos observar uma clara diminuição da presença do tipo de cor P quando comparamos cernes com superfícies, sendo notória a maior presença deste tipo de cor na superfícies interna quando comparamos apenas as superfícies dos fragmentos.
- 2) 24 % dos fragmentos possuem um cerne e superfícies internas castanhas-escuras (C) no entanto 42 % possuem superfícies externas deste tipo de cor (estampa CLXXXIV).
- 3) 20 % possuem um cerne vermelho-escuro (VE) no entanto, apenas 17 % possuem a superfície interior vermelha-escura e 28 % a superfície exterior vermelha-escura (estampa CLXXXIV). Podemos observar alguma discrepância entre a cor dos cernes e das superfícies.

4) Não existem cernes de cor VC no entanto identificamos superfícies com este tipo de cor, 3 % de superfícies internas e 1 % de superfícies externas.

5) As seguintes conjugações são dominantes: C-C-C (14 %), VE-VE-VE (11 %), P-P-P (9 %), C-C-P e A-P-A (8 %) e C-P-C (6 %). Podemos observar a importância de conjugações concordantes e aquelas que possuem um cerne de tipo P ou C (estampa CXC VIII).

6) Fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies externas: C (18 %), A (10 %), P e VE (9 % cada) e VC (1 %) e superfícies internas: P (19 %), A (14 %), C (8 %), VE (4 %), B e VC (1 % cada) (estampa CXC VIII).

7) São 19 % os fragmentos de cerne negro com superfícies de tipo C (quer externas ou internas) e 9 % os fragmentos de cerne castanho-escuro com superfícies de tipo P. Também neste conjunto de fragmentos podemos observar que os fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem uma tendência para possuir superfícies castanhas-escuras mas o contrário ocorre mais raramente (estampa CXC VIII).

8) Nos recipientes apenas 2 dos 3 identificados (estampa CXC VIII) possuem um cerne negro sendo que os tipos de cor predominantes nas superfícies são o C e VE (estampa CXC VIII).

9) Os cernes amarelos (A) são 5 % do conjunto ainda que sejam 22 % das superfícies internas e 19 % das externas. Deste modo, é clara a presença deste tipo de cor nas superfícies ainda que não o seja nos cernes. Os cernes cinzentos-claros (B) apresenta-se pouco representado, 4 % e o tipo VC encontra-se ausente. A presença dos tipos de cor B e VC é muito instável, ora é identificada nas superfícies ora nos cernes, mas não é concordante (estampa CXC VIII).

10) 39 % dos fragmentos apresentam uma boa preservação da cor pois a cor do cerne é concordante com a cor das superfícies.

e5) Na *All* podemos observar o seguinte.

1) Cerca 55 % dos fragmentos possuem cerne e superfície interior negra (P) no entanto apenas 15 % possuem a superfície exterior negra (estampa CLXXXV).

2) 28 % dos fragmentos possuem um cerne cinzento-claro (B) no entanto apenas 7 % possuem superfícies internas de tipo B e 2 % possuem superfícies externas deste tipo de cor (estampa CLXXXV). Podemos observar uma elevada presença de cernes de tipo B (muito raros na maioria dos contextos estudados) ainda que a presença de superfícies da mesma cor seja pouco significativa e dentro dos parâmetros analisados noutros contextos.

3) 11 % possuem um cerne castanho-escuro (C), 12 % possuem a superfície interior castanha-escura e 22 % a superfície exterior castanha-escura (estampa CLXXXV).

- 4) Não existem cernes de cor A no entanto 15 % das superfícies internas e 51 % das superfícies externas são deste tipo de cor (estampa CLXXXV).
- 5) As seguintes conjugações são dominantes: A-P-P (18 %), A-B-P (14 %), C-P-P (11 %), P-P-P e A-B-A (8 % cada) e C-C-C (7 %). Podemos observar a importância de conjugações não concordantes e aquelas que possuem um cerne de tipo P ou B (estampa CXCIX).
- 6) Fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies externas: A (21 %), C (15 %), P (14 %), VE (4 %) e VC e B (1 % cada) e superfícies internas: P (38 %), A e C (6 % cada), VE (3 %) e B e VC (2 % cada) (estampa CXCIX).
- 7) São 17 % os fragmentos de cerne negro com superfícies de tipo C (quer externas ou internas) e 3 % os fragmentos de cerne castanho-escuro com superfícies de tipo P. Também aqui podemos observar que os fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem uma tendência para possuir superfícies castanhas-escuras (estampa CXCIX).
- 8) Nos recipientes 3 dos 4 identificados (estampa CLXXXV) possuem um cerne negro sendo que os tipos de cor predominantes nas superfícies são o C e P (estampa CXCIX).
- 9) Os cernes de tipo VC e VE apresentam-se pouco representados bem como nas superfícies (apesar do ligeiro aumento) (estampa CXCIX).
- 10) 20 % dos fragmentos apresentam uma boa preservação da cor pois a cor do cerne é concordante com a cor das superfícies (estampa CXCIX).

e6) Na A12 podemos observar o seguinte.

- 1) 64 % dos fragmentos possuem cerne negro (P) no entanto apenas 31 % possuem a superfície interior negra e 22 % superfície exterior negra (estampa CLXXXVI).
- 2) 14 % dos fragmentos possuem um cerne castanho-escuro (C) no entanto 39 % possuem superfícies internas e externas deste tipo de cor (estampa CLXXXVI).
- 3) 14 % possuem cernes de tipo VC e VE – 7 % cada – sendo que ambos os tipos de superfície apresentam presenças semelhantes aos cernes (estampa CLXXXVI).
- 4) As seguintes conjugações são dominantes: C-P-C (24 %), P-P-P (13 %), C-P-P (8 %), VC-VC-VC (7 %), A-P-A, P-C-C e VE-VE-VE (5 % cada). Podemos observar a importância de conjugações não concordantes e aquelas que possuem um cerne de tipo P (estampa CC).
- 5) Fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies externas: C (33 %), P (16 %), A (7 %), VE (5 %), VC (2 %) e B (1 %) e superfícies internas: C (28 %), P (27 %), VE e A (6 % cada) e VC e B (1 % cada) (estampa CC).

6) São 36 % os fragmentos de cerne negro com superfícies de tipo C (quer externas ou internas) e 6 % os fragmentos de cerne castanho-escuro com superfícies de tipo P. Também aqui podemos observar que os fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem uma tendência para possuir superfícies castanhas-escuras (estampa CC).

7) Todos os recipientes identificados (estampa CLXXXVI) possuem um cerne negro sendo que os tipos de cor predominantes nas superfícies são o A e P (estampa CC).

8) Os cernes de tipo B e A apresentam-se pouco representados ainda que cerca de 15 % das superfícies possuem uma cor de tipo A (estampa CC).

9) 31 % dos fragmentos apresentam uma boa preservação da cor pois a cor do cerne é concordante com a cor das superfícies (estampa CC).

e7) No *Lx. 82* podemos observar o seguinte.

1) 51 % dos fragmentos possuem cerne negro (P) no entanto apenas 46 % possuem a superfície interior negra e 11 % superfície exterior negra (estampa CLXXXVII).

2) 35 % dos fragmentos possuem um cerne cinzento-claro (B) no entanto 14 % possuem superfícies internas cinzentas-claras e 3 % superfícies externas deste tipo de cor (estampa CLXXXVII).

3) 9 % possuem cernes de tipo C sendo 7 % das superfícies internas e 16 % das superfícies externas são deste tipo de cor (estampa CLXXXVII).

4) As seguintes conjugações são dominantes: A-P-P (17 %), A-B-A (11 %), A-B-B e A-P-A (10 % cada), A-B-P (9 %) e P-P-P e C-P-P (7 % cada). Podemos observar a importância de conjugações não concordantes e aquelas que possuem um cerne de tipo B seguido do P (estampa CCI).

5) Fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies externas: A (28 %), C (9 %), P (8 %), VE (4 %) e B (1 %) e superfícies internas: P (33 %), A (10 %), C e VE (3 % cada) e B (1 %) (estampa CCI).

6) São 10 % os fragmentos de cerne negro com superfícies de tipo C (quer externas ou internas) e 2 % os fragmentos de cerne castanho-escuro com superfícies de tipo P (estampa CCI).

7) Nos recipientes, 6 dos 9 identificados (estampa CLXXXVII) possuem um cerne negro sendo que o tipo de cor predominante nas superfícies é o A (estampa CCI).

8) Os cernes de tipo A e VE apresentam-se pouco representados ainda que 26 % das superfícies internas e 63 % das superfícies externas possuem uma cor de tipo A (estampa CLXXXVII).

9) 12 % dos fragmentos apresentam uma boa preservação da cor pois a cor do cerne é concordante com a cor das superfícies (estampa CCI).

e8) Na *A13* podemos observar o seguinte.

- 1) 55 % dos fragmentos possuem cerne negro (P) no entanto apenas 46 % possuem a superfície interior negra e 14 % superfície exterior negra (estampa CLXXXVIII).
- 2) 27 % dos fragmentos possuem um cerne cinzento-claro (B) no entanto 10 % possuem superfícies internas cinzentas-claras e 2 % superfícies externas deste tipo de cor (estampa CLXXXVIII).
- 3) 10 % possuem cernes de tipo C sendo 15 % das superfícies internas e 22 % das superfícies externas são deste tipo de cor (estampa CLXXXVIII).
- 4) As seguintes conjugações são dominantes: A-P-P (15 %), A-B-A e A-B-P (9 % cada), P-P-P e C-P-P (8 % cada), A-B-B, A-P-A e C-P-C (7 % cada). Podemos observar a importância de conjugações não concordantes e aquelas que possuem um cerne de tipo P e B (estampa CCII).
- 5) Fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies externas: A (22 %), C (15 %), P (11 %), VE (4 %), VC (2 %) e B (1 %) e superfícies internas: P (33 %), A e C (8 % cada), VE (3 %) e B e VC (1 % cada) (estampa CCII).
- 6) São 17 % os fragmentos de cerne negro com superfícies de tipo C (quer externas ou internas) e 3 % os fragmentos de cerne castanho-escuro com superfícies de tipo P (estampa CCII).
- 7) Nos recipientes, 14 dos 17 identificados (estampa CLXXXVIII) possuem um cerne negro sendo que o tipo de cor predominante nas superfícies é o A seguido do C (estampa CCII).
- 8) Os cernes de tipo A e VC são os menos representados ainda que 20 % das superfícies internas e 51 % das superfícies externas possuem uma cor de tipo A (estampa CLXXXVIII).
- 9) 18 % dos fragmentos apresentam uma boa preservação da cor (estampa CCII).

e9) No *Lx. 45/87* podemos observar o seguinte.

- 1) 55 % dos fragmentos possuem cerne negro (P) no entanto apenas 40 % possuem a superfície interior negra e 23 % superfície exterior negra (estampa CLXXXIX).
- 2) 27 % possuem cernes de tipo VE sendo 28 % das superfícies internas e 40 % das superfícies externas são deste tipo de cor (estampa CLXXXIX).
- 3) 12 % possuem cernes de tipo C sendo 19 % das superfícies internas e 21 % das superfícies externas são deste tipo de cor (estampa CLXXXIX).
- 4) As seguintes conjugações são dominantes: P-P-P e VE-VE-VE (14 % cada), VE-P-P (11 %), VE-P-VE (7 %) e C-P-C (6 %). Podemos observar a importância de conjugações concordantes e aquelas que possuem um cerne de tipo P (estampa CCIII).
- 5) Fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies externas: VE (20 %), P (17 %), C (10 %), A (9 %) e VC (0,5 %) e superfícies internas: P (32 %), VE e C (9 % cada), A (6 %) e VC (0,5 % cada) (estampa CCIII).

6) São 12 % os fragmentos de cerne negro com superfícies de tipo C (quer externas ou internas) e 2 % os fragmentos de cerne castanho-escuro com superfícies de tipo P (estampa CCIII).

7) Nos recipientes, 50 % (estampa CLXXXIX) possuem um cerne negro sendo que os tipos de cor predominantes nas superfícies são A e VE (estampa CCIII).

8) Os cernes de tipo A e VC são os menos representados ainda que 12 % das superfícies internas e 15 % das superfícies externas possuem uma cor de tipo A. O tipo de cor VC é estável, mantendo aproximadamente a mesma presença nas superfícies e cernes (estampa CLXXXIX).

9) 34 % dos fragmentos apresentam uma boa preservação da cor (estampa CCIII).

e10) Nos *Lxs. 66 e 68* podemos observar o seguinte.

1) 63 % possuem cernes de tipo P sendo que 37 % das superfícies internas e 3 % das superfícies externas são deste tipo de cor (estampa CXC).

2) 26 % possuem cernes de tipo B sendo que 3 % das superfícies internas e 29 % das superfícies externas são deste tipo de cor (estampa CXC).

3) 5 % possuem cernes de tipo C sendo que 9 % das superfícies internas e 17 % das superfícies externas são deste tipo de cor (estampa CXC).

4) As seguintes conjugações são dominantes: B-B-A (20 %), A-P-P (18 %), A-P-A (17 %), C-P-P (8 %) e C-P-C (5 %). Podemos observar a importância de conjugações não concordantes e aquelas que possuem um cerne de tipo P (estampa CCIV).

5) Fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies externas: A (37 %), C (13 %), VE e B (5 % cada) e P (3 %) e superfícies internas: P (33 %), A (20 %), C (5 %), VE (3 %) e VC e B (1 % cada) (estampa CCIV).

6) São 13 % os fragmentos de cerne negro com superfícies de tipo C (quer externas ou internas) sendo que estão ausentes os fragmentos de cerne castanho-escuro com superfícies de tipo P (estampa CCIV).

7) 75 % dos recipientes (estampa CXC) possuem um cerne negro sendo que os tipos de cor predominantes nas superfícies são A, VE e P (estampa CCIV).

8) Os cernes de tipo A e VE são os menos representados ainda que 46 % das superfícies internas e 43 % das superfícies externas possuem uma cor de tipo A. O tipo de cor VE é mais estável do que o tipo A, mantendo aproximadamente a mesma presença nas superfícies e cernes (estampa CCIV).

9) 11 % dos fragmentos apresentam uma boa preservação da cor (estampa CCIV).

e11) Na *A14* podemos observar o seguinte.

1) 58 % possuem cernes de tipo P sendo que 39 % das superfícies internas e 20 % das superfícies externas são deste tipo de cor (estampa CXCI).

- 2) 20 % possuem cernes de tipo VE sendo que 21 % das superfícies internas e 31 % das superfícies externas são deste tipo de cor (estampa CXCI).
- 3) 10 % possuem cernes de tipo C sendo que 16 % das superfícies internas e 20 % das superfícies externas são deste tipo de cor (estampa CXCI).
- 4) As seguintes conjugações são dominantes: P-P-P (11 %), VE-VE-VE (10 %), VE-P-P (9 %), A-P-A e A-P-P (8 % cada) e C-P-C e VE-P-VE (6 % cada). Podemos observar a importância de conjugações concordantes e aquelas que possuem um cerne de tipo P (estampa CCV).
- 5) Fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies externas: A e VE (16 % cada), P (13 %), C (11 %), B (1 %) e VC (0,4 %) e superfícies internas: P (33 %), A (10 %), C (8 %), VE (7 %), VC (1 %) e B (0,4 %) (estampa CCV).
- 6) São 13 % os fragmentos de cerne negro com superfícies de tipo C (quer externas ou internas) e 2 % os fragmentos de cerne castanho-escuro com superfícies de tipo P (estampa CCV).
- 7) 57 % dos recipientes (estampa CXCI) possuem um cerne negro sendo que os tipos de cor predominantes nas superfícies são A e VE (estampa CCV).
- 8) Os cernes de tipo A e VC são os menos representados ainda que 21 % das superfícies internas e 23 % das superfícies externas possuem uma cor de tipo A. O tipo de cor VC é mais estável do que o tipo A, mantendo aproximadamente a mesma presença nas superfícies e cernes. O tipo de cor B possui uma presença de 7 a 9 % nas superfícies externas e cernes ainda que nas superfícies internas seja praticamente inexistente (estampa CCV).
- 9) 28 % dos fragmentos apresentam uma boa preservação da cor (estampa CCV).

e12) Na A22 podemos observar o seguinte.

- 1) 49 % possuem cernes de tipo P sendo que 33 % das superfícies internas e 24 % das superfícies externas são deste tipo de cor (estampa CXCII).
- 2) 22 % possuem cernes de tipo VE sendo que 25 % das superfícies internas e 31 % das superfícies externas são deste tipo de cor (estampa CXCII).
- 3) 17 % possuem cernes de tipo C sendo que 19 % das superfícies internas e externas são deste tipo de cor (estampa CXCII).
- 4) As seguintes conjugações são dominantes: P-P-P e VE-VE-VE (12 % cada), VE-P-VE, A-P-A e A-P-P (6 % cada), A-A-A, C-P-C e VE-P-P (5 % cada) e P-C-P e C-C-C (4 % cada). Podemos observar a importância de conjugações concordantes e aquelas que possuem um cerne de tipo P (estampa CCVI).

- 5) Fragmentos cerâmicos de cerne negro possuem superfícies externas: P (15 %), A e VE (12 % cada), C (8 %), B (3 %) e VC (1 %) e superfícies internas: P (25 %), C e VE (7 % cada), A (6 %) e B e VC (1 % cada) (estampa CCVI).
- 6) São 10 % os fragmentos de cerne negro com superfícies de tipo C (quer externas ou internas) e 8 % os fragmentos de cerne castanho-escuro com superfícies de tipo P (estampa CCVI).
- 7) 56 % dos recipientes (estampa CXCII) possuem um cerne negro sendo que os tipos de cor predominantes nas superfícies são A, C e VE (estampa CCVI).
- 8) Os cernes de tipo A, B e VC são os menos representados ainda que 14 % das superfícies internas e 19 % das superfícies externas possuem uma cor de tipo A. Os tipos de cor B e VC são mais estáveis do que o tipo A, mantendo aproximadamente a mesma presença nas superfícies e cernes. (estampa CCVI).
- 9) 35 % dos fragmentos apresentam uma boa preservação da cor (estampa CCVI).

A análise integrada dos tipos de cor – baseada na avaliação dos 9 pontos atrás descritos³⁶ – presentes nos contextos englobados na fase III-1, resultou em várias hipóteses interpretativas. Estas hipóteses interpretativas são pequenos apontamentos sobre os contextos e suas possíveis relações.

Com base na avaliação dos pontos 1, 2 e 3 podemos dizer que:

- A A9, Lx. 65 e A10 constituem um 1º grupo onde a cadência de cores corresponde a P, C, VE – 1º, 2º e 3º lugar respectivamente – sendo que a A10 e o Lx. 65 são os mais semelhantes entre si. A A9 é o contexto mais discrepante dos 3 tendo em conta as percentagens de cor dos contextos indicados.
- Os Lxs. 97, 45/87, A14 e A22 constituem um 2º grupo onde a cadência de cores corresponde a P, VE, C sendo que os Lxs. 97, 45/87 e A14 são os mais semelhantes entre si. A A22 é o contexto mais discrepante dos 4, sendo que possui a menor presença do tipo P, maior presença do tipo C e uma das mais baixas presenças do tipo VE.
- A A11, Lx. 82, A13 e Lx. 66/68 constituem um 3º grupo onde a cadência de cores corresponde a P, B, C sendo que as A11 e A13 são muito semelhantes entre si e são seguidas pelo Lx. 82. O Lx. 66/68 é o contexto mais discrepante dos 4.

³⁶ Ponto 1: Tipo de cor predominante nos cernes e sua evolução (1º lugar); Ponto 2: Tipo de cor predominante nos cernes e sua evolução (2º lugar); Ponto 3: Tipo de cor predominante nos cernes e sua evolução (3º lugar); Ponto 4: Conjugações de cor predominantes; Ponto 5: Tipos de cores das superfícies de fragmentos com cerne tipo P; Ponto 6: Relação entre os tipos de cor C e P; Ponto 7: Recipientes – tipos de cor predominantes nos cernes e superfícies; Ponto 8: Tipos de cor pouco representados nos cernes e sua representação nas superfícies; Ponto 9: Preservação da cor nos fragmentos.

– A A12 é o contexto mais isolado e discrepante de todos os estudados sendo que a sua cadência de cores corresponde a P, C, VC, VE.

– A totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1 possui uma cadência de cores que corresponde a P, B, VE, C³⁷ sendo que se assemelha ao 2º e 3º grupo acima descritos. Os contextos constituintes do 2º e 3º grupos devem ter sido aqueles que mais contribuíram para as características da totalidade da fase III-1 relativas aos pontos 1, 2 e 3.

Com base na avaliação do ponto 4 e tomando como base os grupos constituídos na avaliação dos pontos 1 ao 3, podemos dizer o seguinte.

– O 1º grupo – A9, Lx. 65 e A10 – é parcialmente desagregado na avaliação das conjugações de cor predominantes. O Lx. 65 e A10 são concordantes sendo que a cadência de conjugações de cor é C-C-C, VE-VE-VE e P-P-P. A A9 é discordante com uma cadência de conjugações de cor P-P-P, A-P-A, C-P-P e VE-P-P.

– O 2º grupo – Lxs. 97, 45/87, A14 e A22 – mantêm-se quase inalterado na sua unicidade, com uma cadência de conjugações de cor P-P-P, VE-VE-VE, VE-P-VE e VE-P-P. O Lx. 97 é o mais discordante dos 4 no entanto o reduzido número de fragmentos pode ser o factor decisivo da parcial diferença.

– O 3º grupo – A11, Lx. 82, A13 e Lx. 66/68 –, tal como o 2º grupo, mantêm quase inalterada a sua homogeneidade com uma cadência de conjugações de cor A-P-P, A-B-A, A-P-B e C-P-P. O Lx. 66/68 é o mais discordante dos 4, possuindo uma cadência de conjugações de cor diferente (B-B-A, A-P-P e A-P-A) ainda que revelando igual importância do tipo de cor A nas superfícies e P nos cernes.

– A A12 é novamente um contexto discrepante, com uma cadência de conjugações de cor C-P-C, P-P-P e C-P-P ainda que semelhante à A9.

– A totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1 possui uma cadência de conjugações de cor que corresponde a P-P-P, A-P-P, A-P-A e VE-VE-VE³⁸ sendo, novamente, semelhante ao 2º e 3º grupo acima descritos.

³⁷ Na totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1: (ponto 1) 54 % possuem cernes de tipo P sendo que 40 % das superfícies internas e 16 % das superfícies externas são deste tipo de cor; (ponto 2) 14 % dos fragmentos possuem um cerne vermelho-escuro e cinzento-claro (VE e B), 16 e 6 % nas superfícies interiores e 22 e 4 % nas superfícies exteriores respectivamente e (ponto 3) 13 % dos fragmentos possuem um cerne castanho-escuro (C), 17 % possuem a superfície interior castanha-escuro e 24 % a superfície exterior castanha-escuro (estampa CLXXX).

³⁸ Na totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1 as conjugações P-P-P (10 %), A-P-P (9 %), A-P-A e VE-VE-VE (7 % cada) e C-C-C, C-P-C e C-P-P (6 % cada) são predominantes (estampas CXCIII e CXCIIV).

Com base na avaliação do ponto 5 e tomando como base os grupos constituídos na avaliação dos pontos 1 ao 4, podemos dizer o seguinte.

- Tanto nos tipos de cor presentes nas superfícies internas bem como nas externas, os grupos atrás descritos, desagregam-se totalmente.
- Forma-se um 1º grupo constituído pela A9, Lxs. 65, 97, 45/87 e A14 concordantes na 1ª cor dominante das superfícies externas sendo que os Lxs. 65 e 97 concordam nos dois primeiros tipos e o Lx. 45/87 e A14 nos três primeiros, VE, P e C respectivamente. A concordância do Lx. 45/87 com a A14 não é de admirar pois este complexo é o principal componente da dita associação.
- Forma-se um 2º grupo, relacionado com os tipos de cor presentes nas superfícies externas, constituído pela A10 e A12, concordante apenas na 1ª cor dominante, C.
- Forma-se um 3º grupo, relacionado com os tipos de cor presentes nas superfícies externas, constituído pela A11, Lx. 82, A13 e Lx. 66/68 concordante no 1º tipo de cor dominante sendo que o Lx. 82 e a A13 concordam em 5 tipos de cor, A, C, P, VE e B respectivamente. A concordância do Lx. 82 com a A13 não é de admirar – tal como aquela observada entre o Lx. 45/87 e a A14 – pois este complexo é o principal componente da A13.
- A A22 está isolada e é o contexto mais discrepante, com uma maioria de tipo P nas superfícies externas.
- A totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1 aproxima-se do grupo 3, com uma cadência de tipos de cor nas superfícies externas semelhante àquela presente na A11³⁹.
- Nos tipos de cor presentes nas superfícies internas é evidente a predominância do tipo P (sempre maioritário) à exceção da A12, onde é predominante o tipo C, ainda que com uma diferença mínima do tipo P. Na avaliação dos tipos de cor das superfícies internas foram constituídos dois grupos. O 1º grupo é constituído pela A9, Lx. 97, A10, Lx. 82, 66/68 e A14 e o 2º Pela A22, Lxs. 45/87 e 65. A totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1 é semelhante ao grupo 1.
- *Cremos que o parâmetro compreendido no ponto 5 – tipos de cores presentes nas superfícies de fragmentos de cerne com cor tipo P – não seja um parâmetro estrutural para a compreensão do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. Quer dizer, a grande discrepância apresentada pelos vários contextos aponta para este parâmetro não tenha um significado estrutural e que seja o resultado da manufactura, uso e deposição dos fragmentos cerâmicos em contexto arqueológico.*

³⁹

Na totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1, os fragmentos de cerne negro possuem superfícies externas de cor tipo A (16 %), C (13 %), P (12 %), VE (11 %), B (2 %) e VC (1 %) e superfícies internas de cor tipo P (30 %), A (9 %), C (8 %), VE (6 %), e B e VC (1 % cada) (estampas CXCI e CXCV).

Com base na avaliação do ponto 6 e tomando como base os grupos constituídos na avaliação dos pontos 1 ao 4, podemos dizer o seguinte.

- Os componentes do 1º grupo – A9, Lx. 65 e A10 – revelaram-se homogêneos e genericamente concordantes entre si. A razão entre os fragmentos de cerne de tipo C com superfícies de tipo P e aqueles de cerne de tipo P com superfícies de tipo C é de 34 a 47 %.
- O 2º grupo – Lxs. 97, 45/87, A14 e A22 – desagregou-se devido à ausência de dados para o Lx. 97 e à clara discordância da A22. O Lx. 45/87 e a A14 são concordantes sendo que a razão entre estes dois tipos de fragmentos é de 15 a 17 %.
- Os componentes do 3º grupo – A11, Lx. 82, A13, Lx. 66/68 – revelaram-se homogêneos sendo que a razão entre os fragmentos de cerne de tipo C com superfícies de tipo P e aqueles de cerne de tipo P com superfícies de tipo C é de 0 a 20 %.
- Como podemos observar os resultados do 2º e 3º grupo são muito semelhantes bem como aqueles obtidos para a A12. O Lx. 66/68 e a A22 são os contextos mais discordantes com todos os restantes.
- Podemos concluir que este parâmetro divide os contextos em dois grandes grupos – o 1º e um 2º constituído pelo 2º e 3º – e que a totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1⁴⁰ é semelhante ao 2º grande grupo sendo este maioritário.

Com base na avaliação do ponto 7 e tomando como base os grupos constituídos na avaliação dos pontos 1 ao 4, podemos dizer o seguinte.

- Os componentes do 1º grupo – A9, Lx. 65 e A10 – revelaram-se, genericamente concordantes sendo que 25 a 71 % dos cernes dos recipientes são de tipo de cor P e as suas superfícies são maioritariamente dos tipos C, P e VE. No entanto estas características são também comuns a outros contextos tais como a A11 e o Lx. 97.
- O 2º grupo – Lxs. 97, 45/87, A14 e A22 – encontra-se parcialmente desagregado devido às características do Lx. 97 que não são concordantes com as características dos restantes contextos. O Lx. 45/87, A14 e A22 são muito concordantes entre si sendo que 50 a 57 % dos cernes dos recipientes são de tipo de cor P e as suas superfícies são maioritariamente dos tipos A e VE.
- Os componentes do 3º grupo – A11, Lx. 82, A13, Lx. 66/68 – revelam-se pouco homogêneos pois a A11 não pode ser integrada neste grupo devido às suas características e as características dos restantes são ligeiramente discordantes. Os contextos Lx. 82, A13 e Lx. 66/68 possuem 50 a 75 %

⁴⁰ Na totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1, 14 % dos fragmentos possuem cerne negro e superfícies de tipo C (quer externas ou internas) e 4 % dos fragmentos possuem cerne castanho-escuro e superfícies de tipo P (estampas CXCIII e CXCV).

de recipientes com cerne tipo P e as suas superfícies são maioritariamente do tipo A, sendo que também podem ser C, VE ou P.

– Como podemos observar os resultados do 2º e 3º grupo são muito semelhantes bem como aqueles obtidos para a A12. Deste modo, concluímos que neste parâmetro os contextos se dividem em dois grandes grupos: 1º grupo) A9, Lx. 65, A10, A11 e Lx. 97 e o 2º grupo) Lx. 45/87, A14, A22, Lx. 82, A12, A13 e Lx. 66/68. A totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1⁴¹ é concordante no tipo de cor maioritário dos cernes mas discordante nos tipos de cor presentes nas superfícies, ainda que possa ser semelhante aos contextos integrados no 2º grande grupo.

Com base na avaliação do ponto 8 e tomando como base os grupos constituídos na avaliação dos pontos 1 ao 4, podemos dizer o seguinte.

– Os componentes do 1º grupo – A9, Lx. 65 e A10 – são genericamente concordantes entre si mas também o são com outro contexto, o A22. Estes contextos possuem 5 a 6 % de cernes de tipo A e 13 a 22 % de superfícies (internas e externas) do mesmo tipo. Este grupo é o que apresenta maior presença de cernes de tipo A e uma presença mediana de superfícies do mesmo tipo.

– Os componentes do 2º grupo – Lxs. 97, 45/87, A14 e A22 – são concordantes entre si, com a exceção da A22 e com a inclusão da A12. Deste modo, os contextos Lxs. 97, 45/87, A14 e A12 possuem 0 a 2 % de cernes de tipo A e 10 a 23 % de superfícies (internas e externas) do mesmo tipo. Este grupo possui uma baixa presença de cernes de tipo A e uma presença mediana do mesmo tipo nas superfícies.

– Os componentes do 3º grupo – A11, Lx. 82, A13, Lx. 66/68 – são totalmente concordantes entre si sendo que possuem 0 a 3 % de cernes de tipo A e 15 a 63 % de superfícies (internas e externas) do mesmo tipo. Este grupo possui uma baixa presença de cernes de tipo A e uma grande presença (a maior de todos os grupos) deste mesmo tipo de cor nas superfícies.

– A totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1⁴² é, no fundo, uma média de todos os valores apresentados sendo que não se integra em nenhum grupo, estando compreendida entre o 2 e o 3º grupos.

– *Cremos que o parâmetro compreendido no ponto 8 – Tipos de cor pouco representadas nos cernes e sua representação nas superfícies –, se relaciona com os pontos 1, 2 e 3. Quer dizer que,*

⁴¹ Na totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1, 62 % dos recipientes (est. CLXXX) possuem um cerne negro sendo que os tipos de cor predominantes nas superfícies são VE, C e A (estampas CXCI e CXCV).

⁴² Na totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1, os cernes de tipo A e VC são os menos representados (3 e 1 % respectivamente) ainda que 19 % das superfícies internas e 31 % das superfícies externas possuam uma cor de tipo A. O tipo de cor VC é mais estável do que o tipo A, mantendo aproximadamente a mesma presença nas superfícies e cernes sendo 2 % das superfícies internas e externas possuem este tipo de cor (estampas CXCI e CXCV).

as hipóteses conseguidas através das análises dos 3 primeiros pontos serão aproximadas àquelas conseguidas para o oitavo ponto.

A avaliação da preservação da cor nos fragmentos tem como objectivo a compreensão da preservação dos fragmentos nos estratos em estudo. Os estudos da preservação do estrato são difíceis pois englobam vários factores (alguns já discutidos) que serão reunidos e compilados nas conclusões finais.

Os resultados obtidos no ponto 9 são fruto da avaliação dos fragmentos com cores concordantes e da avaliação da diversidade de conjugações presente nos contextos em estudo. A concordância de cores (A-A-A, B-B-B, C-C-C, P-P-P, VC-VC-VC e VE-VE-VE) é vista como um indicador da boa preservação dos fragmentos e em consequência de uma boa preservação do contexto. A diversidade de conjugações de cor num dado contexto é compreendida como sinal de uma boa preservação do estrato quando esta diversidade é reduzida. Se a diversidade de conjugações de cor presentes no contexto é alta, tal é visto como um sinal da má preservação dos fragmentos cerâmicos. Os contextos estudados foram avaliados tendo em conta os dois factores atrás descritos. Deste modo, podemos observar o seguinte.

- Os contextos A10, Lx. 45/87, Lx. 65, A22, A9 e A12 são os mais bem preservados (organizados do melhor para o pior). A A10 possui 39 % de fragmentos com tipos de cor concordantes e 24 % de fragmentos com conjugações de cor com uma importância inferior a 3 % e a A12 possui 31 % de fragmentos com tipos de cor concordantes e 33 % de fragmentos com conjugações de cor com uma importância inferior a 3 %.
- Os contextos Lx. 66/68, A11, Lx. 82, A13 e A14 são os piores conservados (organizados do pior para o melhor) sendo que o Lx. 66/68 possui 11 % de fragmentos com tipos de cor concordantes e 32 % de fragmentos com conjugações de cor com uma importância inferior a 3 %.
- A avaliação do Lx. 97 não foi possível devido ao número reduzido de fragmentos.
- A totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1⁴³ revela uma mediana preservação da cor ainda que uma ampla diversidade de conjugações de cor presentes. Cremos que os dados da totalidade do conjunto matizam sempre a realidade individual de cada contexto em estudo.

⁴³ Na totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1, 27 % dos fragmentos apresentam uma boa preservação da cor (estampas CXCIII e CXCIV).

f) Espessuras presentes nos fragmentos e recipientes / Evolução da espessura das pastas

A análise das espessuras presentes nos fragmentos e recipientes segue as associações e complexos já utilizados nas análises anteriores – A9; A10, A11, A12, A13, A14, A22 e Lxs. 45/87, 65, 66, 68, 82 – à exceção do Lx. 97. O Lx. 97 possui um reduzido número de fragmentos que não permite uma avaliação evolutiva das pastas

f1) Na A9 (estampa CCVIII, quadro 1): 1) o reduzido número de fragmentos de pastas IX e XI não permite uma boa análise ainda que possamos constatar que um dos fragmentos de pasta XI é muito espesso (cats. 7); 2) as pastas I, VI e VIII possuem uma maioria de fragmentos na cat. 3 e desenvolvem-se até à cat. 6 e 4; 3) as pastas III, VII e X possuem uma maioria de fragmentos na cat. 4 e desenvolvem-se até à cat. 6 e 7; 4) a pasta XII possui uma maioria de fragmentos nas cats. 3 e 4 e desenvolve-se até à cat. 7 e 5) os recipientes encontram-se, na maioria, na cat. 3.

f2) No Lx. 65 (estampa CCVIII, quadro 2): 1) o reduzido número de fragmentos de pastas V, VI, VII, IX e XII não permite uma boa análise no entanto podemos constatar que os fragmentos de pasta V possuem uma cat. 5, os fragmentos de pasta VI possuem uma cat. 3 e os fragmentos de pastas VII, IX e XII possuem uma maioria na cat. 4; 2) as pastas I, III e VIII possuem uma maioria de fragmentos na cat. 3 e desenvolvem-se até às cats. 5, 7 e 6 respectivamente; 3) a pasta X possui uma maioria de fragmentos na cat. 5 e desenvolve-se até à cat. 5 e 4) os recipientes encontram-se equitativamente distribuídos pelas cats. 2, 3, 4 e 7.

f3) Na A10 (estampa CCIX, quadro 1): 1) o reduzido número de fragmentos de pastas IV, VII, VIII e XII não permite uma análise significativa no entanto constatamos que os fragmentos de pastas IV, VII e VIII são de espessuras medianas e os de pastas XII são mais espessos; 2) as pastas I e X possuem uma maioria de fragmentos na cat. 3 e desenvolvem-se até à cat. 4 e 6 respectivamente; 3) a pasta III possui uma maioria de fragmentos na cat. 4 e desenvolve-se até à cat. 5; 4) a pasta VI possui uma maioria de fragmentos na cat. 2 e desenvolve-se até à cat. 4 e 5) os recipientes encontram-se equitativamente distribuídos pelas cats. 3, 4, e 5.

f4) Na A11 (estampa CCIX, quadro 2): 1) o reduzido número de fragmentos de pastas VII, XI e XII não permite uma boa análise no entanto podemos constatar que todos os fragmentos possuem espessuras medianas /grossas (cat. 5); 2) as pastas I e III possuem uma maioria de fragmentos na cat. 3 e desenvolvem-se até às cats. 6 e 7 respectivamente; 3) a pasta VIII possui uma maioria de fragmentos na cat. 4 e desenvolvem-se até à cat. 5; 4) a pasta X possui igual número de fragmentos nas cats. 4 e 5 e 5) os recipientes encontram-se equitativamente distribuídos pelas cats. 2, 3, 4, e 6.

f5) Na *A12* (estampa CCX, quadro 1): 1) o reduzido número de fragmentos de pastas VII e XII não permite uma boa análise no entanto podemos constatar que a maioria dos fragmentos possui espessuras medianas /grossas (cat. 5); 2) a pasta I possui uma maioria de fragmentos na cat. 2 e desenvolvem-se até à cat. 4; 3) a pasta VIII possui uma maioria de fragmentos na cat. 3 e desenvolvem-se até à cat. 7; 4) a pasta X possui uma maioria de fragmentos na cat. 4 e desenvolvem-se até à cat. 4; 5) a pasta III possui igual número de fragmentos nas cats. 3 e 4 e 6) os recipientes encontram-se equitativamente distribuídos pelas categorias 2, 3, 4 e 6.

f6) No *Lx. 82* (estampa CCX, quadro 2): 1) o reduzido número de fragmentos de pasta IX não permite uma boa análise no entanto podemos constatar que todos os fragmentos possuem espessuras medianas/grossas (cat. 5); 2) as pastas I, III, VIII, X e XII possuem uma maioria de fragmentos na cat. 3 e desenvolvem-se até às cats. 5, 7 e 6 respectivamente; 3) a pasta VI possui uma maioria de fragmentos na cat. 4 e desenvolve-se até à cat. 5; 4) a pasta VII possui igual número de fragmentos nas cats. 4 e 5 e 5) encontra-se uma maioria de recipientes na cat. 4.

f7) Na *A13* (estampa CCXI, quadro 1): 1) o reduzido número de fragmentos de pastas IX e XI não permite uma boa análise no entanto ambos fragmentos possuem espessuras medianas/grossas (cat. 5); 2) as pastas I, III, VIII e XII possuem uma maioria de fragmentos na cat. 3 e desenvolvem-se até às cats. 6 e 7; 3) as pastas VI e X possuem uma maioria de fragmentos na cat. 4 e desenvolvem-se até às cats. 5 e 6 respectivamente; 4) a pasta VII possui uma maioria de fragmentos na cat. 5 e desenvolve-se até à cat. 5; 5) encontra-se uma maioria de recipientes na cat. 4, seguido da 3.

f8) No *Lx. 45/87* (estampa CCXI, quadro 2) podemos observar o seguinte: 1) o reduzido número de fragmentos de pasta IX não permite uma boa análise no entanto podemos constatar que a maioria dos fragmentos possui uma cat. 5; 2) as pastas I, III, IV, VI, VIII, X e XII possuem uma maioria de fragmentos na cat. 3 e desenvolvem-se até às cats. 4, 5 e 6; 3) a pasta VII possui uma maioria de fragmentos na cat. e e desenvolve-se até à cat. 6 e 4) encontra-se uma maioria de recipientes na cat. 3.

f9) Nos *Lxs. 66 e 68* (estampa CCXII, quadro 1) podemos observar o seguinte: 1) o reduzido número de fragmentos de pastas I, VI, VIII e XII não permite uma boa análise no entanto todos os fragmentos possuem espessuras medianas (até à cat. 4); 2) a pasta III possui uma maioria de fragmentos na cat. 3 e desenvolvem-se até à cat. 5; 3) a pasta X possui igual número de fragmentos nas cats. 3 e 4 e desenvolve-se até à cat. 5 e 4) encontra-se uma maioria de recipientes na cat. 4.

f10) Na A14 (estampa CCXII, quadro 2) podemos observar o seguinte: 1) o reduzido número de fragmentos de pasta IX não permite uma boa análise no entanto os fragmentos possuem espessuras medianas/grossas (cats. 4 e 5); 2) as pastas I, III, IV, VI, VIII, X e XII possuem uma maioria de fragmentos na cat. 3 e desenvolvem-se até às cats. 4, 5, e 6; 3) a pasta VII possui uma maioria de fragmentos na cat. 4 e desenvolvem-se até à cat. 6; 4) encontra-se uma maioria de recipientes na cats. 3 e 4.

f11) Na A22 (estampa CCXIII, quadro 1) podemos observar o seguinte: 1) o reduzido número de fragmentos de pastas VII, IX, XI e XII não permite uma boa análise no entanto a maioria dos fragmentos possui espessuras medianas/grossas (cat. 5) à exceção daquele de pasta XII; 2) as pastas I, II, III, VI, VIII e X possuem uma maioria de fragmentos na cat. 3 e desenvolvem-se até às cats. 4, 5, 6, 7 e 8 e 3) encontra-se uma maioria de recipientes na cat. 2 seguida da cat. 4.

A análise das espessuras dos fragmentos presentes nos diferentes contextos agrupados na fase III-1, Idade do Ferro Inicial do Crasto de Palheiros, permitiu as seguintes conclusões:

– Os dados apresentados para a totalidade da fase III-1 (estampa CCVII) são a soma de todos os fragmentos presentes nos vários contextos integrados nesta fase. Deste modo é possível a construção de gráficos de evolução das pastas para todas as pastas presentes – à exceção das pastas V e XI –, algo que não é possível em alguns dos contextos. As pastas cerâmicas possuem comportamentos diferentes dependendo do contexto e os dados da totalidade da fase III-1 apenas indicam a tendência global de cada pasta. De seguida avaliaremos pormenorizadamente cada pasta, tendo em conta os dados obtidos individualmente em cada contexto analisado.

– A *pasta I* não possui um comportamento semelhante em todos os contextos analisados no entanto, alguns contextos podem ser agrupados consoante a sua semelhança. Deste modo, foram criados 3 grupos: 1) A9, A11, A13; 2) A10, A22; 3) Lx. 45/87, A14. Os contextos Lx. 65, A12, Lx. 82, 66 e 68 encontram-se mais isolados ainda que com semelhanças entre si e com os grupos. Os fragmentos de pasta I encontram-se entre as categorias 1 e 6 e uma maioria na cat. 3. Os fragmentos de menor espessura encontram-se no Lx. 45/87 e os de maior espessura nas A9 e A11.

– A *pasta II* só está presente num contexto, a A22 e encontram-se entre as categorias 2 e 3 e uma maioria na cat. 3.

– A *pasta III* pode ser agrupada em dois conjuntos de contextos consoante o seu comportamento. Deste modo o grupo 1 é constituído pelos Lxs. 65 e 82 e as A11 e A13 e o grupo 2 é constituído pelos Lx. 45/87, A14 e A22. As A9 e A12 são semelhantes ao grupo 1 e a A10 e Lxs. 66 e 68 ao grupo 2. Os fragmentos de pasta III encontram-se entre as categorias 2 e 9 e uma maioria na cat. 3.

Os fragmentos de maior espessura encontram-se no grupo 1 e os de menor espessura no grupo 2. Os contextos A9 e A10 possuem uma maioria de fragmentos na cat. 4.

– Os fragmentos de *pasta IV* encontram-se entre as categorias 2 e 4 e uma maioria na cat. 3. esta pasta foi apenas identificada nos contextos A10, Lx. 45/87 e A14 sendo que em todos eles o seu comportamento é semelhante.

– A *pasta V* ocorre unicamente no Lx. 65 e com fragmentos da cat. 5.

– A *pasta VI* pode ser agrupada em dois conjuntos de contextos consoante o seu comportamento. Deste modo o grupo 1 é constituído pelos A9, A10, A14, Lxs. 65 e 45/87 e o grupo 2 é constituído pelos Lxs. 82, 66, 68 e A13. Os fragmentos de pasta VI encontram-se entre as categorias 2 e 7 e uma maioria na cat. 3. Os fragmentos de maior espessura encontram-se no grupo 1 e os de menor espessura no grupo 2. Nos contextos A11 e A12 não foram identificados fragmentos de pasta VI.

– A *pasta VII* possui um comportamento muito díspar sendo no entanto possível agrupar os contextos em dois grandes grupos: 1) A9, A10, Lx. 45/87 e A14 e 2) A11, A12, A13, A22, Lxs. 65, 82. No global os fragmentos encontram-se entre as categorias 3 e 6 com uma maioria na cat. 4. Os fragmentos de maior espessura encontram-se no grupo 1.

– A *pasta VIII* pode ser agrupada em dois conjuntos de contextos consoante o seu comportamento. Deste modo o grupo 1 é constituído pelos A9, A14, Lxs. 65, 82, 45/87 e o grupo 2 é constituído pelas A11, A12, A13 e A22. No global os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 8 com uma maioria na cat. 3. Os fragmentos de maior espessura encontram-se no grupo 2. Os contextos A10 e Lxs. 66 e 68 possuem um número muito reduzido de fragmentos desta pasta.

– A *pasta IX* não ocorre em todos os contextos e naqueles onde ocorre, apresenta-se com um número reduzido de fragmentos. Esta pasta encontra-se ausente dos contextos A10, A11, A12 e Lxs. 66 e 68. No global os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 7 com uma maioria na cat. 5. Há uma clara tendência para as espessuras grossas em todos os contextos onde esta pasta foi identificada.

– A *pasta X* pode ser agrupada em dois conjuntos: 1) A10, A14, A22, Lxs. 82, 45/87 e 2) A9, A11, A12, A13, Lxs. 65, 66 e 68. No global os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 7 com uma maioria na cat. 3. O grupo 2 possui maior número de fragmentos com espessuras médias/grossas (cat. 5).

– A *pasta XI* possui um número reduzido de fragmentos nos contextos onde ocorre. Esta pasta encontra-se ausente nos Lxs. 65, 82, 45/87, 66, 68 e nas A10, 12 e 14. Não foi possível encontrar a

tendência das espessuras dos fragmentos desta pasta no entanto podemos observar que os fragmentos de pasta XI são tendencialmente espessos ou muito espessos (cats. 5 e 7).

– A pasta XII possui um comportamento muito díspar sendo no entanto possível agrupar os contextos em dois grandes grupos: 1) A9, A13, A14 e Lxs. 82, 45/87 e 2) Lxs. 65, 66, 68 e A10, 11, 12, 22. O 1º grupo é constituído por contextos onde os fragmentos se apresentam entre as cats. 2 e 7 com uma maioria na cat. 3 e o 2º grupo é constituído por contextos com um número muito reduzido de fragmentos desta pasta, não sendo possível a sua caracterização.

– Tendo em conta as características de espessura (acima descritas) apresentadas para os fragmentos das pastas I, II, III, VI, VII, VIII e XII nos diversos contextos apresentamos a hipótese interpretativa de estes se agruparem em dois grandes grupos. Deste modo o 1º grupo é constituído pelas A9, A10, A14, A22 e Lxs 45/87, 66 e 68 e o 2º grupo é constituído pelas A11, A12, A13 e Lxs. 65 e 82.

– A categoria de espessura dominante nos fragmentos e recipientes é a 3, seguida da 4. Neste conjunto as espessuras dos fragmentos sem forma e dos bordos e bases encontram-se concordantes ainda que com diferenças percentuais em cada uma das categorias. Se observarmos o gráfico de evolução das espessuras dos recipientes para a totalidade da fase III-1 (estampa CCVII) podemos ver que nenhuma pasta possui uma curva evolutiva. Quer dizer que, as espessuras das pastas nos recipientes não possuem picos nem crescem gradualmente. cremos que as espessuras presentes nos bordos e bases dos recipientes não possuem uma lógica de espessura, não revelam uma tendência geral de uso e são o resultado dos tipos de bordos e bases escolhidos e usados. As espessuras dos recipientes estão relacionadas com as tipologias de forma e tamanho pretendidos pelo/a artesão.

– Após a análise das características das espessuras dos fragmentos de cada tipo de pasta, podemos afirmar que: 1) as pastas I, II e VI são usadas no fabrico de recipientes de paredes muito finas (cats. 1 e 2) e finas (cats. 3 e 4); 2) as pastas III, VIII, X e XII são usadas no fabrico de recipientes de paredes finas e medianas (cats. 4 e 5); 3) as pastas VII e IX são usadas no fabrico de recipientes de paredes de espessura mediana; 4) a pasta XI é usada no fabrico de recipientes de paredes com espessuras grossas (> a 5) e 5) os dados das pastas IV e V são inconclusivos.

5.3.1.2. Análise Morfológica

A análise morfológica do conjunto cerâmico da fase III-1 ponderou todos os bordos, bases e recipientes identificados em cada contexto individual, a saber: A9, A10, A11, A12, A13, A14, A22, Lxs. 65, 66, 68 e 82. Os bordos/recipientes integrados nesta fase são: 3 (est. LXXXVIII, 1), 23 (est. LXXVII, 5), 26 (est. LXXVII, 6), 33 (est. LXXVIII, 3), 42 (est. LXXXII, 3), 43 (LXXXII, 2), 48

(est. LXXXIII, 3), 50 (est. LXXIX, 4), 73 (est. LXXXI, 7), 74 (est. LXXXIV, 4), 75 (est. LXXXIV, 1), 81 (est. LXXXI, 8), 94 (est. XCI, 2), 99 (est. XCI, 1), 102, 108 (est. XCIV, 6), 115 (est. LXXXII, 8), 116 (est. XCII, 3), 118 (est. XCIII, 5), 119 (est. LXXXII, 11), 120 (est. XCII, 10), 122 (est. XCIII, 2), 124 (est. CXII, 2), 126 (est. XCIII, 6), 139 (est. XCIV, 3), 141 (est. XCIII, 1), 142, 146 (est. CVII, 1), 156, 157 (est. LXXXVII, 6), 161 (est. LXXXVI, 9), 164 (est. LXXXV, 4), 168 (est. LXXXIV, 6), 171, 172 (est. LXXXVII, 6), 178 (est. LXXXVI, 9), 179 (est. LXXXVI, 7), 182 (est. LXXXVI, 11), 184, 186 (est. LXXXV, 1), 191, 198 (est. LXXXIV, 7), 199 (est. LXXXIV, 8), 200 (est. LXXXVII, 5), 202 (est. XCVI, 8), 206 (est. LXXVI, 9), 213 (est. CXI, 2), 216 (est. XCVI, 9), 219 (est. LXXVI, 10), 221 (est. XCVI, 2) e 461 e as bases identificadas são: 21, 22 (est. XCVIII, 14), 33 (est. XCVIII, 12), 42 (est. XCIX, 10), 54, 58 (est. XCVIII, 8), 62 (est. XCIX, 12), 63, 74 (est. XCV, 14), 78, 81, 82, 96, 111 (est. CI, 9), 115 (est. XCVIII, 6), 127, 129, 133, 267 (est. XCIX, 13).

A análise morfológica efectuada para a fase III-1 teve em conta as seguintes análises: 1) tipo de recipiente por contexto (est. CCXIV, Q1); 2) tipos de recipientes e suas pastas (est. CCXIV, Q2); 3) tipo de recipiente e respectivos tipos de bordos (est. CCXIV, Q3); 4) tipos de recipientes e suas capacidades (est. CCXV, Q1); 5) tipo de base e respectivos ângulos de parede/pança (est. CCXV, Q2); 6) tipos de bordos, bases em alguns contextos relevantes – A9, Lx. 65, Lx. 97, A10, A11, A12, Lx. 82, A14 e A22 – (est. CCXVI); 7) tipos de bordos, bases e respectivas pastas na totalidade da fase III-1 (est. CCXVII) e 8) tipos de bordos, bases e respectivas pastas em alguns contextos relevantes – A9, A10, A11, A12, Lx. 82, A14 e A22 – (estampas CCXVIII e CCXIX).

A análise dos recipientes da totalidade do conjunto da fase III-1 (estampas CCXIV e CCXV) permitiu as seguintes observações.

– Os tipos 6b e 8a foram realizados em pastas I e VIII; o tipo 9a foi manufacturado em pastas VI e VIII e todos os restantes tipos foram construídos cada um em sua pasta. É de ressaltar que cada tipo (à excepção dos 6b, 8a e 9a) só é identificado por um recipiente.

– 10 dos 13 dos recipientes identificados são de perfil em “S” (tipos 6, 7, 8, e 9) sendo 5 em pasta VIII, 2 em VI, 2 em I e 1 em III. cremos que esta tendência revelada pela análise dos poucos recipientes reconstituídos pode revelar uma tendência geral do grupo. *Acreditamos que a grande maioria dos recipientes são formas de perfil em “S” que pode, evidentemente, variar na relação da altura/largura, abertura/altura, perfil em “S” mais ou menos acentuado, etc.*

– A pasta VIII é aquela que possui maior número e tipos de recipientes, estando presentes os tipos 3b, 6b, 7a, 8a e 9a seguida da pasta III com os tipos 1b, 2e e 7b. *É de notar que a maioria dos*

recipientes (falamos daqueles em que foi possível uma aproximação ao tipo de forma) é construída em pasta VIII sendo que a probabilidade de identificarmos maior variedade formal nesta pasta será superior à das outras presentes.

– Os recipientes de tipos 7b e 8a são aqueles de maior capacidade e são construídos em pastas III e VIII. *Cremos que os recipientes de formas 7 e 8 (juntamente com as formas 6 e 9) são aqueles que – quando construídos com grande dimensão – permitem uma maior capacidade*

– O tipo de base não parece estar relacionada com o tipo de pança (sua angulação) pois o tipo BA1 possui exemplares com 4 categorias de ângulo diferentes;

– A categoria de ângulo de base predominante é a 4 sendo que revela a presença de recipientes de pança arredondada e suave, seguida da categoria 5 relacionada com panças redondas levemente achatadas.

– É evidente a ausência de vasos troncocónicos bem como a reduzida presença de vasos com panças alargadas e achatadas (tipo prato). *Cremos que a ausência quer de vasos troncocónicos quer de “pratos” se encontra concordante com o predomínio de recipiente de perfil em “S”.*

– Não parece existir uma relação causal entre o tipo de recipiente e o tipo de bordo pois os tipos de recipientes que possuem mais de um exemplar (6b e 9a) possuem bordos de tipo diferente. O tipo de recipiente 6b possui bordos de tipo B1a7 e B4a2 (muito diferentes entre si) e o tipo de recipiente 9a possui bordos de tipo B1a1, B4a2 e B4a9 (diferentes entre si).

– Um mesmo tipo de bordo pode ser usado em vários tipos de recipientes alicerçando a ideia de que não existe uma relação causal entre o tipo de bordo e o tipo de recipiente. Assim os tipos de bordo: B1a1 está presente nos tipos de forma 7b e 9a, o tipo B1a7 nos tipos 6b e 7a, o tipo B1a9 nos tipos 8a e 8b e o tipo B4a2 nos tipos 6b e 9a.

– A capacidade dos recipientes identificados aponta para um conjunto onde predominam recipientes de pouca capacidade. Dos 12 recipientes identificados: 1) apenas 2 possuem uma capacidade de 5 a 10 litros; 2) 6 possuem uma capacidade inferior a 2 litros sendo que 4 possuem uma inferior a 1 l e 3) 4 possuem uma capacidade de 2 a 5 litros. *É de ressaltar que apenas 25 % dos bordos permitiram a reconstituição de recipientes – 13 de 53 – e que os recipientes de menor capacidade são aqueles mais rapidamente reconstituídos. Cremos que as características do conjunto possam ser diferentes daquelas apresentadas.*

Da análise contextual podemos afirmar que as A9, A14 e A22 são os contextos com maior número de recipientes identificados. As A14 e A22 são os contextos com maior número de bordos no entanto a A9 possui um número reduzido dos mesmos. Podemos concluir que, nestes contextos

os fragmentos de bordo/colo são um pouco maiores que nos restantes contextos indicando uma melhor preservação.

A análise dos tipos de bordo presentes na fase III-1 (est. CCXVII) permite concluir que os tipos de bordo predominantes são o tipo 1 – 32 % – seguido do 4 – 31 % – e que os tipos 2, 3 e 5 são claramente minoritários. Os bordos de tipo 2 encontram-se presentes no Lx. 82 e A9, o bordo de tipo 3 encontra-se presente no Lx. 82 e os de tipo 5 nas A14 e A22 (estampa CCXVI).

A análise dos tipos de base permite concluir que o tipo de base predominante é o 1, seguido do 3. O tipo de base 1 está presente em quase todos os contextos encontrando-se ausente no Lx. 97 e A11. O tipo 3 encontra-se ausente nos contextos A10, a11, a12, A14, A22 e Lx. 103.

5.3.1.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados

Os fragmentos decorados integrados nos complexos agrupados na fase III-1, são: CP-99-1759 (est. LI, 8), CP-99-3311 (est. LI, 12), CP-99-3134 (est. LII, 2), CP-99-1929 (est. LII, 6) e CP-99-3533 CP-99-3551, CP-99-3532, CP-99-3553, CP-99-3531 e CP-99-3534 (est. LIV).

O fragmento decorado CP-99-1759 (est. LI, 8) pertence ao quadrado Y15 e ao Lx. 48.5, pasta I, onde foram identificadas duas técnicas decorativas, incisão simples e estampilhado de motivo único, utilizadas numa faixa composta por três motivos. Os instrumentos utilizados foram três: o instrumento de incisão n.º 2 e dois tipos de carimbos, um são círculos concêntricos – de duas voltas – e o outro é um motivo de carácter vegetal.

O fragmento CP-99-3311 (est. LI, 12) pertence ao quadrado W15 e ao Lx. 77.2, pasta I, onde identificamos a técnica decorativa de penteado. O penteado foi desenhado com um pente de tipo 2 e é composto, pelo menos, por 5 faixas.

Os fragmentos CP-99-3134 e CP-99-1929 (est. LII, 2 e 6) pertencem aos quadrados V16, Y15 e aos Lxs. 91 e 45/87, respectivamente. Estes fragmentos pertenceram a recipientes de pasta I, decorados com a técnica decorativa de incisão simples, INC.S. As incisões foram desenhadas instrumentos de incisão de tipo 2.

Os fragmentos CP-99-3533 (T16, Lx. 77), CP-99-3551 (X13, Y13; Lx. 97), CP-99-3532 (T16, Lx. 101), CP-99-3553 (V17, Lx. 82), CP-99-3531 (T16, Lx. 101) e CP-99-3534 (T16, Lx. 77) – em conjunto com os fragmentos CP-98-3163 (X12, Y12; Lx. 51), CP-99-3552 (T16, c.0) e CP-98-3178 (X11, Lx. 51) – compõem um recipiente decorado construído em pasta I (est. LIV). Neste recipiente foram identificadas quatro técnicas decorativas que desenhavam vários motivos. As técnicas usadas foram: 1) incisão simples (usada com dois tipos de instrumentos diferentes, 1 e 2);

2) decoração plástica (usada para construir dois cordões); 3) estampilhado de motivo único (usada uma vez com o motivo de círculos concêntricos de 4 voltas) e 4) excisão (usada uma vez).

Esta decoração é composta por duas faixas decoradas sendo que não sabemos qual foi realizada primeiro. No entanto podemos descrever a forma como cada faixa foi desenhada. A primeira faixa possui a seguinte cadeia operativa.

1) É construído em primeiro lugar o cordão pois a construção deste, em qualquer lugar que não o primeiro, iria arruinar qualquer decoração incisa, estampilhada, etc.

2) O cordão não é repuxado da pasta cerâmica mas sim colado à parede do recipiente, pois parte dele “descolou” posteriormente revelando a fragilidade desta técnica.

3) A ordem utilizada para o desenho dos traços incisos é difícil de discernir, no entanto, cremos que os primeiros traços incisos a serem realizados são aqueles que se sobrepõem ao cordão, desenhando uma espiga.

4) O motivo principal desta faixa é o cordão, que se destaca pelo seu carácter elaborado e pela forma como foi delimitado por vários traços incisos (quer acima quer abaixo do cordão);

5) O último motivo a ser desenhado foi a faixa de ondas incisas – é o último motivo abaixo do cordão – que se sobrepõe parcialmente ao traço inciso acima delas.

6) Os traços que se sobrepõem ao cordão – quer os oblíquos quer o central – foram desenhados com um instrumento de tipo 1, sendo que todos os outros traços incisos foram desenhados com um instrumento de tipo 2.

A segunda faixa possui a seguinte cadeia operativa.

1) O primeiro motivo a ser realizado é novamente o cordão plástico, pelas mesmas razões apontadas para primeira faixa.

2) O segundo motivo a ser realizado foi a linha de círculos concêntricos pois estes são parcialmente apagados pela linha incisa que lhes sobrepõem.

3) A ordem do desenho das linhas incisas é difícil de discernir no entanto todas elas devem ter sido realizadas após o desenho dos círculos concêntricos.

4) O último motivo a ser realizado foi a linha de traços excisos que pela sua regularidade indica que foram realizados seguindo uma linha orientadora que seria o traço inciso colocado acima.

Em conclusão, na fase III-1, foram usadas 5 técnicas decorativas – incisão simples, penteado, decoração plástica, estampilhado de motivo único e excisão – e 6 instrumentos decorativos – instrumentos de incisão 1 e 2, pente 2 e três tipos de carimbos, círculos concêntricos de duas e quatro voltas e um motivo de cariz vegetal.

5.3.1.4. Organizações decorativas

Na fase III-1 encontram-se integradas 3 organizações decorativas – X, XXVIII e XXXIV – sendo que as duas últimas com duas subvariantes. O fragmento CP-99-3311 encontra-se integrado na X1a, o CP-99-1929 na XXVIII2b, o CP-99-3134 na XXVIII3a, o CP-99-1759 na XXXIV5 e o conjunto de fragmentos na XXXIV3c. Os fragmentos CP-99-3311, CP-99-1929, CP-99-3134 e CP-99-1759 encontram-se bastante incompletos sendo que as suas decorações podem ser mais complexas do que aquilo que pensamos.

O conjunto de fragmentos composto pelos CP-99-3533, CP-99-3551, CP-99-3532, CP-99-3553, CP-99-3531 e CP-99-3534 é aquele que permite maior número de observações pertinentes. Deste modo, gostaríamos de ressaltar o seguinte: 1) é uma decoração metopada complexa que conjuga faixas decoradas com espaços em branco; 2) cada faixa incisa é uma configuração diferente pois ambas são compostas por vários motivos diferentes que criam um desenho único; 3) cremos que cada faixa pode mesmo constituir uma unidade básica, que poderia ter sido conjugada com outras configurações e 4) a escolha da conjugação destas configurações em particular é significativa bem com a forma como foram construídas – cadeia operatória.

5.3.1.5. Elementos de preensão/suspensão nos recipientes

Não foram identificados elementos de preensão/suspensão nos recipientes nesta fase.

5.3.2. Talude Exterior Leste

5.3.2.0 Introdução aos contextos estudados

Os contextos integrados no talude exterior Leste correspondentes à fase III-1 são os Lxs. 146, 147, 151 e 151.1 integrados na associação A43; os Lxs. 133, 140 e 140/133 integrados na associação A47 e os Lxs. 136, 137 e 150, estudados isoladamente.

5.3.2.1. Análise Técnica

Foram exumados dos contextos relacionados com a Idade do Ferro Inicial (fase III-1) 1599 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 99 fragmentos de bordo; 2) 62 fragmentos de bordo conotados com a Idade do Ferro sendo 43 os recipientes); 3) 22 bases; 4) 126 fragmentos

decorados dos quais 15 são da Idade do Ferro e 46 recipientes, no total, conotados com a Idade do Ferro.

a) Tipos de Pastas

A análise de pastas da fase III-1 foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: totalidade da fase III-1 ou soma de todos os contextos (est. CCCLXXI), A43 (est. CCCLXXIII), A47 (est. CCCLXXIII) e Lx. 136 (est. CCCLXXIII). A análise da fase III-1, no TEL, foi levada a cabo de modo semelhante àquela conduzida para a Idade do Bronze (fase II) e Ferro Inicial (fase III-1) na PIL e descrita de modo pormenorizado nos pontos 5.1.1.1. e 5.2.1.1. e subpontos a1 a a9. Esta análise – tal como as anteriores já citadas – tem em conta 6 factores: 1) hierarquia de pastas na totalidade dos fragmentos; 2) hierarquia de pastas nos recipientes; 3) presença de fragmentos de pasta VI e sua importância; 4) presença de fragmentos de pasta VIII e sua importância, 5) presença de fragmentos de pasta II e sua importância e 6) n.º total de pastas presente em cada contexto estudado.

Apresentaremos de seguida os resultados obtidos para os restantes contextos estudados.

1) Na hierarquia de pastas na totalidade dos fragmentos.

– Os contextos analisados e integrados na fase III-1 no TEL, revelam discrepâncias entre si e com a totalidade da fase III-1 (constituída pela soma deles mesmos). Na A43, a pasta predominante é a X (35 %), seguida da III (26 %) e I (14 %); na A47 a pasta predominante é a III (30 %), seguida da I (23 %) e X (10 %) e no Lx. 136, a pasta predominante é a VI (26 %), seguida da III (24 %) e X (15 %). Na totalidade da fase III-1, a pasta predominante é a III (28 %), seguida da X (23 %) e I (18 %).

– *As A43 e A47 são, genericamente, semelhantes entre si sendo que a A43 é aquela que revela um carácter mais arcaizante (pois possui maior quantidade de fragmentos de pastas conotadas com a Pré-história do local).*

– O Lx. 136 afasta-se dos contextos acima citados pois possui uma quantidade considerável de fragmentos de pasta VI (ainda que a soma dos fragmentos das pastas I, III e X seja claramente superior àqueles de pasta VI). Apontamos este contexto como aquele mais moderno dentro da fase III-1.

– A totalidade da fase III-1 é o resultado da soma de todos os contextos sendo que os resultados apresentados não são mais do que uma média. Deste modo, a totalidade da fase III-1 revela a importância global das pastas III, X e I.

2) Na hierarquia de pastas dos recipientes.

- Os contextos analisados e integrados na fase III-1 no TEL, revelam discrepâncias entre si, com a totalidade da fase III-1 e com as hierarquias obtidas na contagem dos fragmentos (ponto 1). Na A43, a pasta predominante é a I (35 %), seguida da III (29 %) e XII (12 %), sendo que estas pastas ganham relevância sobre todas as outras, nomeadamente a pasta X (a mais presente nos fragmentos). Na A47 a pasta predominante é a III (50 %), seguida da I (29 %) e VI (8 %), sendo que aqui a maior discrepância encontra-se na pasta X (entre a quantidade de fragmentos e recipientes da mesma pasta). No Lx. 136, a pasta presentes são a VIII (67 %) e a III (33 %) sendo que esta realidade (a dos recipientes) se encontra em total desacordo com a dos fragmentos. Na totalidade da fase III-1, a pasta predominante é a III (41 %), seguida da I (30 %) e VI (9 %).
- Podemos constatar que as A43 e A47 continuam, genericamente, semelhantes entre si sendo que a pasta X perde importância e as pastas VI e XII revelam uma presença significativa. As pastas I e III são as dominantes quer nos fragmentos sem forma quer nos recipientes sendo que concluímos que a análise dos recipientes reforça (neste caso) os resultados obtidos para as pastas I e III.
- O Lx. 136 é o mais discrepante dos 3 sendo que revela grande discrepância em si mesmo. A pasta VIII surge como maioritária nos recipientes sendo que na totalidade dos fragmentos é, praticamente, inexistente.
- A hierarquia apresentada na totalidade dos fragmentos da fase III-1 não é concordante com os dados individuais de cada contexto no entanto tanto a análise individual dos contextos como a total permite a conclusão que os recipientes são tendencialmente construídos em pasta III e I, seguidos das pastas VI, VIII e XII.

3) Na presença de fragmentos de pasta VI distingue-se o Lx. 136 – com a quantidade mais elevada – seguido da A43 e, por fim, A47. Apontamos como fiável a concordância entre as A43 e A47 e a discrepância destas com o Lx. 136. A totalidade da fase III-1 revela pouca importância desta pasta pois a maioria dos contextos possui uma baixa quantidade da mesma.

4) Na presença de fragmentos de pasta VIII distingue-se, novamente, o Lx. 136 – com a quantidade mais elevada – seguido das A47 e A43. A presença de pasta VIII é muito baixa nas A43 e A47 bem como na totalidade da fase III-1. Novamente, o Lx. 136 se revela discrepante em relação aos outros contextos analisados.

5) A pasta II é representada, unicamente, pela A47.

6) N.º de pastas por contexto.

– Na totalidade da fase III-1 foram identificados todos os tipos de pasta, bem como na A47. Na A43 foram identificados 11 tipos e no Lx. 136 foram identificados 7 tipos. Esta discrepância de resultados pode dever-se: 1) à quantidade de fragmentos de cada contexto; 2) à mistura dos contextos da Idade do Ferro com aqueles calcolíticos e/ou 3) à riqueza/pobreza artefactual de cada contexto. Neste caso, cremos que os contextos das A43 e a47 são simultaneamente mais ricos do que o Lx. 136 e com maior grau de mistura de cerâmicas pré-históricas.

A análise individual dos estratos e aquela realizada à totalidade do conjunto cerâmico integrado na Idade do Ferro Inicial do TEL (estampa CCCLXXI) permitiu as seguintes conclusões:

– Na totalidade do conjunto (estampa CCCLXXI) a pasta predominante é a III, seguida da X e I. Esta hierarquia não se mantém na totalidade dos recipientes identificados onde a pasta predominante é a III, seguida da I e, por último, da VI. A discrepância presente nas hierarquias dos recipientes e da totalidade dos fragmentos (contabilizando aqueles sem forma) pode dever-se à presença de fragmentos de recipientes da ocupação calcolítica. *Se contabilizarmos os bordos identificados com a ocupação calcolítica (ver na estampa CCCLXXI o n.º total de bordos) vemos que a hierarquia das pastas usadas nos recipientes é a mesma da totalidade dos fragmentos.* Deste modo, podemos concluir que a análise da totalidade dos fragmentos (contabilizando os sem forma) não revela claramente as características próprias da ocupação da Idade do Ferro, sendo que as características do conjunto cerâmico desta ocupação têm que ser obtidas através da análise dos fragmentos sem forma e dos recipientes, separadamente.

– Para além da discrepância entre a contabilização geral dos fragmentos e dos recipientes conotados com a ocupação da Idade do Ferro, foi também identificado um desfazamento entre a presença de fragmentos sem forma de algumas pastas e a total ausência de recipientes das mesmas. As pastas II, V, IX e XI são representadas unicamente por fragmentos sem forma existindo uma ausência de recipientes da Idade do Ferro. As pastas onde ocorre uma ausência de recipientes e uma baixa presença de fragmentos podem indicar: 1) revolvimento do contexto com a mistura de cerâmicas de outras ocupações (anteriores ou posteriores), sendo que nas outras ocupações a presença destas pastas terá que ser mais evidente e/ou 2) possível diferenciação social dos recipientes construídos nestas pastas pois a sua fraca presença pode indicar que os recipientes são raros e valorizados ou raros e desvalorizados. Cremos que as pastas IX e XI estão relacionadas com a ocupação calcolítica, que a pasta II relacionada com a ocupação posterior da idade do Ferro (onde foi identificado um

recipiente desta pasta) e que a pasta V se encontra integrada nas ocupações da Idade do Ferro sem que saibamos definir, melhor, a sua importância ou presença.

– A análise dos 3 contextos (A43, A47 e Lx. 136) que constituem a fase III-1 no TEL (est. CCCLXXIII) indica que as pastas III, I e VI são tidas como a base de confiança do conjunto cerâmico da Idade do Ferro Inicial, ainda que sejam também utilizadas as pastas VII, VIII, X e XII. A presença elevada de fragmentos bem como de recipientes nas pastas III, I e VI apontam para um uso inequívoco destas pastas nesta ocupação ainda que nem sempre com esta ordem de preferência (a hierarquia depende do contexto analisado).

– A utilização das pastas VII (2 recipientes), VIII (3 recipientes), X (2 recipientes) e XII (2 recipientes) é muito semelhante entre si dependendo sobretudo do contexto analisado. No entanto, tendo em conta que a área escavada é muito reduzida não podemos afirmar que algumas pastas possuem um carácter mais arcaizante do que outras. Sabemos que a pasta X é claramente de raiz pré-histórica no entanto apenas podemos intuir que as pastas VII e XII teriam sido mais utilizadas no início da ocupação e que a pasta VIII tivesse ganho importância no desenrolar da ocupação.

– Uma visão global dos 6 factores acima analisados permite concluir que: 1) o Lx. 136 destaca-se dos restantes contextos sendo que cremos que este é mais moderno do que os outros dois; 2) as A43 e A47 são genericamente semelhantes entre si revelando conjuntos cerâmicos de carácter pré-histórico, onde são, claramente, predominantes as pastas I, III e X; 3) as pastas VI e VIII vão ganhando visibilidade ao longo da ocupação sendo evidente a sua presença no Lx. 136; 4) a importância cultural e social das pastas VI e VIII não é posta em causa pela sua fraca presença nos contextos pois um dos primeiros vasos da ocupação da Idade do Ferro no TEL é realizado em pasta VI e 5) tendo em conta que a preferência por determinadas pastas muda no decorrer da ocupação podemos intuir que o significado das mesmas também se transmuta (falaremos mais deste assunto aquando da análise comparativa entre fases).

– Apesar do conjunto de fragmentos identificados com a fase III-1 ter revelado a presença de todas as pastas presentes no Crasto de Palheiros (estampa CCCLXXI) cremos que os conjuntos cerâmicos não são constituídos por todas as pastas identificadas. Pelas razões já expostas, as pastas II, IV, V, IX e XI devem ser analisadas com cautela e deve ser relativizada a sua importância na caracterização dos conjuntos cerâmicos desta fase.

– As A43 e A47 são aquelas que apresentam maior diversidade de pastas sendo que tal pode ser compreendido como um indicador de contextos mais ricos, mais diversos mas, também, de contextos menos homogêneos e mais permeáveis à mistura de artefactos de várias ocupações. Deste

modo cremos que os contextos acima indicados foram mais permeáveis a acções de mistura com a ocupação calcolítica.

b) Análise da mistura dos contextos através das pastas dos recipientes e seus fragmentos

A análise da mistura dos contextos da fase III-1 no TEL foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: totalidade da fase III-1 ou soma de todos os contextos (est. CCCLXXI), A43 (est. CCCLXXIII), A47 (est. CCCLXXIII) e Lx. 136 (est. CCCLXXIII). A análise da fase III-1, no TEL, foi levada a cabo de modo semelhante àquela conduzida para a Idade do Bronze (fase II) e Ferro Inicial (fase III-1) na PIL e descrita de modo pormenorizado nos pontos respectivos. Esta análise – tal como as anteriores já citadas – tem em conta 3 factores: 1) presença em % de bordos calcolíticos na totalidade de bordos/recipientes de um dado contexto; 2) presença em % de bordos da Idade do Ferro na totalidade de bordos/recipientes de uma dado contexto e 3) presença em % de fragmentos de pastas IV, IX, X e XI.

Apresentaremos de seguida os resultados obtidos na análise dos contextos analisados.

b1) Na totalidade da fase III-1, 45 % dos recipientes são calcolíticos e 55 % dos recipientes são da Idade do Ferro (sejam bordos ou bases), sendo que 29 % dos fragmentos pertencem às pastas IV, IX, X e XI.

b2) Organizando os contextos por ordem decrescente de % de bordos calcolíticos temos os seguintes resultados: A43 (57 %), Lx. 136 (50 %) e A47 (25 %). A A43 é, igualmente, o contexto com maior presença de fragmentos de pastas IV, IX, X e XI (38 %) sendo que nos restantes estas pastas ocupam 19 % do conjunto (em cada contexto).

b3) Com base nestes resultados podemos concluir que: 1) o conjunto cerâmico mais misturado com materiais da ocupação calcolítica é a A43, sendo este é também o contexto mais antigo; 2) a A47 é o contexto com menor grau de mistura pois 75 % dos recipientes são da Idade do Ferro e 81 % da totalidade dos fragmentos podem ser integrados nesta ocupação.

b4) Concluimos que todos os contextos se encontram misturados, ainda que na A43 tal facto seja mais evidente.

c) Estado de conservação dos fragmentos = Estado de conservação do estrato

A análise do estado de conservação dos fragmentos e estado de conservação dos estratos dos contextos da fase III-1 no TEL foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: totalidade da fase III-1 ou soma de todos os contextos (est. CCCLXXII), A43 (est.

CCCLXXIV), A47 (est. CCCLXXV) e Lx. 136 (est. CCCLXXV). A análise da fase III-1, no TEL, foi levada a cabo de modo semelhante àquela conduzida para a Idade do Bronze (fase II) e Ferro Inicial (fase III-1) na PIL e descrita de modo pormenorizado nos pontos respectivos. Esta análise – tal como as anteriores já citadas – tem em conta 4 factores: 1) avaliação das pastas com maior presença de fragmentos de maior dimensão (e menor dimensão) por contexto; 2) avaliação das pastas com maior presença de fragmentos de arestas vivas (e arestas roladas) por contexto; 3) presença em % de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria de dimensão 3 e 4) conjugação dos resultados obtidos nos pontos de análise 1, 2 e 3 para a obtenção das pastas melhor e pior preservadas por contexto.

c1) Na totalidade da fase III-1 foram identificadas: 1) as pastas I, IV, V e IX com uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas; 2) as pastas III, VI, VII e X apresentam uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas; 3) as pastas VIII e XII com uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas com uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões; 4) a pasta XI possui uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas e 5) a pasta II é inconclusiva devido ao baixo número de fragmentos.

c2) Na A43 foram identificadas: 1) a pasta IX com uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas; 2) as pastas III e VII com uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas; 3) as pastas I, VI, VIII, X e XII apresentam uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas com uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões; 4) a pasta XI possui uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas e 5) as pastas IV e V são inconclusivas devido ao baixo número de fragmentos.

c3) Na A47 foram identificadas: 1) as pastas I, III, IV, V e IX com uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas; 2) as pastas VI e VII com uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas; 3) as pastas VIII e XII com uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas com uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões; 4) as pastas X e XI possuem uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas e 5) a pasta II é inconclusiva devido ao baixo número de fragmentos.

c4) No Lx. 136 foram identificadas: 1) a pasta I com uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas; 2) as pastas III e VI com uma boa presença de fragmentos de

grandes dimensões e arestas vivas; 3) as pastas VIII e X com uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas com uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões e 4) as pastas IV e VII são inconclusivas devido ao baixo número de fragmentos.

A análise da conservação dos fragmentos nos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões:

- As pastas III, VI e VII encontram-se, relativamente bem preservadas, pois os fragmentos possuem uma boa conservação das arestas e uma boa parte possui dimensões iguais ou superiores à categoria de dimensão 3.
- As pastas VIII, X e XII são fáceis de quebrar mas de difícil esboroamento das arestas pois apresentam fragmentos de pequenas dimensões mas de arestas vivas.
- A pasta XI é difícil de quebrar pois apresenta fragmentos de grandes dimensões ainda que com arestas roladas.
- A pasta I é frágil pois quebra e esboroa com facilidade sendo que em quase todos os contextos apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.
- As pastas II, IV, V e IX são inconclusivas devido ao reduzido número de fragmentos sendo que as conclusões obtidas na soma de todos os contextos (totalidade da fase III-1) devem ser lidas com cautela.
- Tendo em conta as observações realizadas sobre as pastas, acima indicadas, podemos concluir que não há concordância total entre a dimensão dos fragmentos e a conservação das suas arestas, sendo que as características encontradas conjugam dimensão e conservação das arestas de modo diverso.
- A análise revela também uma conservação das pastas diferenciada consoante o contexto, no entanto podemos observar a estabilidade da conservação de algumas pastas independentemente dos contextos, como por exemplo a pasta I, III ou VI.
- *Através da análise individual dos contextos podemos concluir que as pastas mais bem preservadas são a III, VI, VII e XI, as pior preservadas são a I, VIII, X e XII sendo que as pastas II, IV, V e IX são inconclusivas.* A análise da totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1 revela dados ligeiramente diferentes daqueles onde se avalia individualmente cada contexto. Assim as pastas mais bem preservadas são a III, VI, VII, e X, as piores preservadas são a I, IV, V, VIII, IX, XI e XII sendo que a pasta II foi dada como inconclusiva.
- *Os resultados da análise da totalidade do conjunto devem ser olhados com cautela pois a totalidade é uma soma virtual de todos os contextos, onde as pastas que possuem um número reduzido de fragmentos (II, IV, IX, XI) passam a ter um número que possibilita uma avaliação*

conclusiva (ainda que artificial). A avaliação individual dos complexos ou associações de complexos deve ter primazia sobre a global.

– A boa preservação de algumas pastas, como a III, VI, VII e XII pode indicar que a comunidade apostou no uso destas pastas devido à sua boa ou muito boa qualidade na manufatura dos recipientes. No entanto, se analisarmos a quantidade de fragmentos e recipientes de cada pasta veremos que as pastas VII e XII são minoritárias e que a pasta I é das mais utilizadas, independentemente de apresentar uma péssima conservação e uma possível fragilidade inerente. Deste modo, *a conservação das pastas não é um indicador por si só da utilização massiva das mesmas ou mesmo de uma preferência social.* No entanto a preservação das pastas é um indicador a ter em conta para a percepção da importância das mesmas no conjunto cerâmico em estudo.

– Assim, cremos que a má preservação das pastas IV, V, IX e XI (e a pouca quantidade de fragmentos das mesmas) se relaciona com o pouco (ou nenhum) uso destas pastas nesta ocupação. No entanto a má preservação das pastas I e VIII apenas indica que estas pastas estão mal preservadas nestes contextos, pois a quantidade de recipientes e seus fragmentos é bastante significativa.

A análise do estado de conservação das arestas e dimensão dos fragmentos (no global, sem ter em conta as pastas) nos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões.

– Os fragmentos cerâmicos englobados na fase III-1 revelam uma conservação mediana das arestas – sendo que 34 % apresentam arestas roladas, 27 % arestas boleadas e 39 % arestas vivas –, e uma dimensão, relativamente, boa (média) dos fragmentos, apenas 65 % apresentam uma dimensão inferior ou igual à categoria 2 (cat. 1 = 7,3 % e cat. 2 = 58,1 %). *A observação, já realizada a vários contextos permite-nos afirmar que mais de 30 % de fragmentos com uma dimensão de categoria igual ou superior à 3, é bastante significativo e revela um contexto relativamente bem conservado.*

– Na análise individual dos contextos podemos observar que: 1) a A43 e Lx. 136 possuem presenças elevadas de fragmentos com arestas vivas – 48 e 51 % respectivamente –; 2) apenas a A43 possui um número elevado de fragmentos de boas dimensões – cerca de 38 % –; 3) a A47 possui uma presença elevada de fragmentos com arestas roladas – 43 % –; 4) a A47 e o Lx. 136 possuem a mesma quantidade de fragmentos de boas dimensões – cerca de 32 % – apesar da diferença na conservação das arestas; 5) a A43 é o único contexto com fragmentos com uma categoria de dimensão 7; 6) a A47 é o único contexto com fragmentos com uma categoria de dimensão 6; 7) o Lx. 136 é o contexto com maior presença de fragmentos com uma categoria de

dimensão 1 – 9,5 % – e 8) a A47 é o contexto com maior presença de fragmentos com uma categoria de dimensão 2 – 59,4 %.

Com base nas 8 observações acima indicadas podemos concluir o seguinte.

a) O contexto melhor preservado é a A43, seguido da A47 e por fim do Lx. 136. Em teoria um contexto bem preservado deveria possuir fragmentos grandes e de arestas vivas. A análise realizada aos fragmentos cerâmicos revelou que contextos que possuem fragmentos com uma maioria de arestas vivas nem sempre possuem fragmentos de grandes dimensões, sendo o que ocorre no Lx. 136. Damos primazia à dimensão dos fragmentos, sendo que valorizamos a presença em % de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria 3 e à variabilidade na dimensão dos fragmentos. A A47 e o Lx. 136 possuem a mesma quantidade de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria 3 no entanto na A47 encontramos fragmentos de dimensão de categoria 5 e 6 sendo que no Lx. 136 se encontram ausentes.

b) Como já foi referido, uma das hipóteses interpretativa para o estado de conservação dos fragmentos é a qualidade das pastas. Deste modo, propusemos que contextos com uma maioria de fragmentos de pastas I, III, VII e X possuiriam uma presença significativa de fragmentos com arestas roladas e que contextos com uma presença significativa de fragmentos de pastas VI, VIII e XII possuiriam maior quantidade de arestas vivas. A análise dos contextos integrados na fase III-1 do TEL, suporta as hipóteses acima indicadas. A A43 e o Lx. 136 são os contextos com maior presença de fragmentos de pastas VI, VIII e XII – 14 e 38 % respectivamente – e são também os contextos com maior quantidade de arestas vivas – 48 e 51 % respectivamente. A A47 possui apenas 10 % de fragmentos de pastas VI, VIII e XII sendo, no entanto, o contexto com maior quantidade de fragmentos de pasta I, 23 %. A A47 possui 43 % de fragmentos com arestas roladas, sendo este o valor mais alto dos 3 contextos estudados. Deste modo, concluímos que a variação dos tipos de pastas influencia os resultados do estado de conservação dos fragmentos sendo que este estado de conservação depende não só do estado de conservação do estrato mas também, e talvez sobretudo, da qualidade das pastas.

c) A presença de fragmentos de grande dimensão – categorias superiores a 4 – parece ser um indicador favorável à boa conservação do estrato tal como a dimensão reduzida dos fragmentos parece ser um indicador favorável da sua má conservação. Os contextos considerados com melhor preservação – A43 e A47 – através de outros factores acima analisados revelam também a presença de fragmentos de grande dimensão ainda que em reduzida quantidade. Gostaríamos de realçar que a importância deste factor de análise se prende à presença de fragmentos de grande dimensão e não à presença significativa (em % significantes) de fragmentos de grande dimensão.

d) Tratamentos de superfície

A análise dos tratamentos de superfícies presentes nos fragmentos dos contextos integrados na fase III-1 no TEL foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: totalidade da fase III-1 ou soma de todos os contextos (est. CCCLXXXII), A43 (est. CCCLXXXIII), A47 (est. CCCLXXXIV) e Lx. 136 (est. CCCLXXXV). A análise da fase III-1, no TEL, foi levada a cabo de modo semelhante àquela conduzida para a Idade do Bronze (fase II) e Ferro Inicial (fase III-1) na PIL e descrita de modo pormenorizado nos pontos respectivos. Esta análise – tal como as anteriores já citadas – tem em conta 7 factores (a relembrar): 1) avaliação da hierarquia das conjugações de tratamentos de superfície por contexto, sendo analisadas as 4 primeiras conjugações predominantes; 2) avaliação da hierarquia de tratamentos de superfície externa por contexto, sendo analisados os quatro primeiros predominantes; 3) hierarquia de tratamentos de superfície externa e internas na totalidade da fase; 4) avaliação na totalidade da fase, por pasta, quais os tratamentos de superfície presentes e sua presença em %: *n.º de fragmentos de determinado tratamento de superfície/ totalidade dos fragmentos de determinada pasta*; 5) avaliação na totalidade da fase, por tratamento de superfície, qual a presença em cada pasta: *n.º de fragmentos de determinada pasta e tratamento de superfície/ totalidade dos fragmentos daquele tratamento de superfície*; 6) análise pormenorizada dos tratamentos de superfícies de tipo rugoso, cepilhado, areado e/ou grafitado por contexto e 7) contabilização dos fragmentos de superfícies corroídas, que não são contabilizadas como tratamento de superfície nem entram na análise estatística realizada e abaixo descrita, no entanto estes fragmentos são contabilizados para integrarem o estudo do estado de conservação dos fragmentos.

A análise dos tratamentos de superfície permitiu as seguintes conclusões.

- Os tratamentos de superfície dominantes na totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1 são: na superfície externa, os polidos (58 %), alisados (25 %), rugosos (5 %) e cepilhados (2 %); na superfície interna, polidos (62 %) e alisados (25 %).
- Todos os contextos analisados apresentam uma concordância com os resultados gerais no entanto as percentagens de cada tipo de tratamento de superfície variam. Em todos os contextos, os polidos são dominantes (73 % na A43; 44 % na A47 e 54 % no Lx. 136), seguidos dos alisados. No Lx. 136 encontramos os cepilhados em terceiro lugar e nas A43 e A47 encontramos os rugosos.
- Observamos que em todos os contextos o tratamento de superfície externo dominante é concordante com as conjugações de superfície dominantes ainda que existam particularidades em

cada contexto estudado. Em todos os contextos a conjugação predominante é a Pol/Pol (44 % na A43; 28 % na A47 e 39 % no Lx. 136), no entanto a segunda conjugação mais presente é na A43 a Pol/Alí, na A47 a Alí/Pol e no Lx. 136 a Alí/Alí.

– A análise individual dos contextos revela a presença dominante das seguintes associações de tratamentos de superfície (ordenadas por ordem decrescente): Pol/Pol; Pol/Alí, Alí/Pol, Alí/Alí e Rug/Pol. Os dados apresentados são o resultado de uma análise ponderada das conjugações predominantes nos contextos no entanto são concordantes com os dados observados na totalidade da fase III-1.

Após a análise integrada dos tratamentos de superfície por contexto segue-se a análise dos tratamentos de superfície por pasta na totalidade da fase III-1, quer dizer, excluindo os contextos. Esta análise é, estatisticamente, realizada de dois modos, indicados como os factores de análise 4 e 5 na parte introdutória da análise dos tratamentos de superfície. Este método já foi utilizado na avaliação dos conjuntos cerâmicos da PIL. Deste modo, podemos observar o seguinte:

– Através do método 1 (factor de análise 4): as superfícies externas polidas ocorrem em todas as pastas presentes no conjunto da fase III-1. Este tipo de tratamento de superfície ocorre – com grande presença – nas pastas II (100 % dos seus fragmentos), X (77 %), I e III (58 %), VII e IV (56 e 55 %, respectivamente), VIII e XI (50 %) e IX (47 %). Nestas pastas o tratamento de superfície polido é predominante, ao contrário do que ocorre nas pastas V, VI e XII. Através do método 2 (factor de análise 5): as pastas mais relevantes no tratamento de superfície polido são a X, III e I com 33, 30 e 18 % de fragmentos respectivamente.

– Através do método 1: as superfícies externas alisadas ocorrem em todas as pastas presentes no conjunto da fase III-1, à excepção da II. Este tipo de tratamento de superfície ocorre – com grande presença – nas pastas V (67 % dos seus fragmentos), XII (54 %), VI (41 %), VII (32 %) e VIII (30 %). Através do método 2: as pastas mais relevantes no tratamento de superfície alisado são a III, I, X e VII com 33, 17, 12 e 10 % de fragmentos, respectivamente.

– Através do método 1: as superfícies externas rugosas ocorrem em 6 das 12 pastas (I, III, VI, VIII, X e XII) presentes na fase III-1. Este tipo de tratamento de superfície ocorre – com grande presença – nas pastas VI e XII com 24 e 23 % dos seus fragmentos, respectivamente. Através do método 2: as pastas mais relevantes no tratamento de superfície rugoso são as III, VI, XII e I com 31, 26, 19 e 15 % dos fragmentos na totalidade. Através do cruzamento dos resultados obtidos pelo método 1 e 2 podemos afirmar que a probabilidade das pastas VI e XII apresentarem tratamento de superfície rugoso é muito mais alta do que em qualquer uma das outras pastas. Este facto é também alicerçado pela observação global das quantidades de fragmentos por pasta, senão vejamos (na totalidade da

fase III-1): 1) 28 % dos fragmentos são de pasta III, sendo que destes 5 % são rugosos, no entanto 30 % dos rugosos são de pasta III; 2) 9 % dos fragmentos são de pasta VI, sendo que destes 24 % são rugosos, no entanto 26 % dos rugosos são de pasta VI e 3) 4 % dos fragmentos são de pasta XII, destes 24 % são rugosos, no entanto 19 % dos rugosos são de pasta XII. Deste modo compreendemos mais facilmente que apesar da baixa presença de fragmentos de pastas VI e XII, estas possuem uma forte importância no aparecimento de determinados tratamentos de superfície, como é o rugoso.

– As superfícies externas areadas ocorrem nas pastas VIII e I, no entanto apenas 2 e 1,5 % dos fragmentos respectivos possuem superfícies externas areadas. Através do método 2: a pasta mais relevante no tratamento de superfície areado é a I com 80 % dos fragmentos seguida da VIII com 20 % dos fragmentos. No entanto é importante referir que a pasta I apresenta uma presença de 18 % e a pasta VIII de 3%. cremos que este tratamento de superfície é pouco utilizado mas quando tal acontece, ocorre preferencialmente em recipientes realizados em pasta VIII.

– Através do método 1: as superfícies externas cepilhadas ocorrem em 7 das 12 pastas (I, III, IV, VI, VII, VIII e XII) presentes na fase III-1. Este tipo de tratamento de superfície ocorre da seguinte forma: pasta VI (9 %), III e VIII (4 %), IV e XII (3 %) e I e VII (1 %). Como podemos observar este tratamento de superfície é minoritário em todas as pastas. Através do método 2: as pastas mais relevantes no tratamento de superfície cepilhado são a III (54 %), VI (20 %), I, IV, VIII e XII (6 % cada) e VII (3 %). Existe uma discrepância evidente na quantidade de fragmentos por pasta, sendo que o uso deste tratamento de superfície torna-se mais relevante nas pastas minoritárias, como a VIII, IV, XII, VII e VI. cremos que este tratamento de superfície é pouco utilizado, tal como acontece com o areado, quando ocorre é evidente a sua utilização em recipientes de pasta VI, VIII e XII no entanto, neste caso (fase III-1 no TEL) é evidente a escolha da pasta III em conjugação com este tratamento de superfície.

– No conjunto cerâmico da fase III-1 no TEL foram identificados 8 tratamentos de superfície (alisado, areado, brunido, cepilhado, espatulado, grafitado, polido e rugoso) que ocorrem de modo diferenciado em cada pasta. Na pasta I ocorrem 7 dos 8 tipos de tratamento de superfície, na VIII 5 tipos, nas III, VI, VII e XII 4 tipos, nas IV e X 3 tipos, nas V, IX e XI 2 tipos e na II 1 tipo. Deste modo as pastas I e VIII são as que revelam maior variedade de tratamentos de superfície, seguidas das pastas III, VI, VII e XII. Se tivermos em conta a quantidade de fragmentos – pressupondo que uma grande quantidade de fragmentos aumenta a probabilidade de maior variabilidade – de cada

pasta podemos concluir que as pastas VI, VII, VIII e XII são aquelas que apresentam maior variedade de tratamentos de superfície, pois são aquelas com menor quantidade de fragmentos.

– Cremos que determinado tratamento de superfície não é exclusivo de determinado tipo de pasta no entanto pode existir uma preferência para o uso de determinados tratamentos de superfície em determinadas pastas. A análise do conjunto cerâmico da fase III-1 revelou o seguinte: 1) as pastas X e XI usam preferencialmente os polidos e alisados; 2) a pasta III usa preferencialmente os polidos, alisados e cepilhados; 3) a pasta I usa, preferencialmente, os polidos e alisados mas também os areados, grafitados e brunidos sendo estes dois últimos exclusivos desta pasta; 4) as pastas VI e XII usam, preferencialmente, os alisados, rugosos e cepilhados; 5) a pasta VII usa, preferencialmente os alisados, cepilhados e espatulados, sendo este último exclusivo desta pasta e 6) a pasta VIII usa, preferencialmente os alisados, areados e cepilhados.

– Apesar do que atrás foi referido, gostaríamos de relembrar que, à excepção das pastas V, VI e XII, os polidos são sempre maioritários.

– As pastas que apresentam maior quantidade de fragmentos com as superfícies corroídas são a IX, IV, XI, I e VII ainda que se tivermos em conta a totalidade dos fragmentos de superfícies corroídas as pastas X, I e III são as que mais contribuem para os 8 % de superfícies externas degradadas. De qualquer modo, cremos que o mau estado de conservação dos fragmentos das pastas acima indicadas se deve quer às características das próprias pastas quer à sua utilização na ocupação calcolítica e posterior destruição nas ocupações humanas seguintes.

– Tal como já foi referido cremos que determinados tipos de tratamentos de superfície – como os cepilhados, rugosos e areados – são aqueles que melhor definem a Idade do Ferro do Crasto de Palheiros. Os contextos integrados na fase III-1 do TEL revelam os seguintes resultados: 1) na A43, 4,21 % dos tratamentos de superfície são dos tipos indicados; 2) na A47, 10,37 % e 3) no Lx. 136, 13,51 %. Podemos concluir que os contextos com maior quantidade de fragmentos destes tipos de tratamentos de superfície são, também, os mais modernos dentro da fase em estudo.

e) Diversidade da cor nos fragmentos / Tipos de cozedura / Uso e deposição

A análise da diversidade de cor foi realizada nos três contextos integrados na fase III-1 e respectivas estampas, a saber: totalidade da fase III-1 (estampas CCCLXXXVI, CCCXC, CCCXCI e CCCXCII), A43 (estampas CCCLXXXVII, CCCXCIII e CCCXCIV), A47 (estampas CCCLXXXVIII, CCCXCV e CCCXCVI) e Lx. 136 (estampas CCCLXXXIX e CCCXCVII). A análise integrada dos tipos de cor é baseada na avaliação de nove factores de análise, já descritos

(ver nota 1), cujos resultados permitem o agrupamento dos contextos consoante as suas semelhanças (quando tal é possível e se justifica).

Com base na avaliação dos pontos 1, 2 e 3 (Tipos de cor predominantes nos cernes e sua evolução: 1º, 2º e 3º lugares) podemos observar o seguinte.

– Todos os contextos que constituem a fase III-1 possuem uma maioria de fragmentos de cerne negro, sendo que organizados da menor para a maior percentagem temos: Lx. 136 (41 %), A47 (53 %) e A43 (63 %).

– A A43 e o Lx. 136 possuem uma hierarquia de cores presente nos cernes correspondente a P, C, VE, 1º, 2º e 3º lugar respectivamente. O tipo P está compreendido entre 41 e 63 %, o tipo C entre 16 e 32 % e o tipo VE entre 11 e 22 %.

– A A47 possui uma hierarquia de cores presente nos cernes correspondente a P, VE, C, com os seguintes valores respectivamente, 53, 20 e 15 %.

– A A47 apresenta uma hierarquia diferente dos outros dois contextos analisados no entanto, apresenta também valores percentuais aproximados a ambos. Na A47 o tipo VE está em 2º lugar, com uma presença de 20 % mas no Lx. 136 está em 3º lugar com uma presença de 22 %. Na A47 o tipo C está em 3º lugar com 15 % e na A43 está em 2º lugar com 16 %.

– Nesta análise damos valor às hierarquias no entanto temos também em atenção as quantidades que cada tipo apresenta. Deste modo, concluímos que a A43 é o contexto mais discrepante pois é aquele que apresenta maior quantidade de cernes negros e menores quantidades de cernes de outros tipos de cor, neste caso C (16 %) e VE (11 %).

– A A47 e o Lx. 136 são semelhantes entre si na quantidade de cernes de tipo VE, ainda que as quantidades de cernes de tipo C e P sejam mais oscilantes.

A avaliação dos restantes tipos de cores presentes nos cernes – ou aqueles com menor representatividade (ponto 8) – revelou o seguinte.

– Nas A43 e A47, o tipo de cor VC é o que menos ocorre nos cernes – 2 a 3 % – sendo que nas superfícies externas a sua máxima presença é de 9 % e nas superfícies internas é 7 %. No Lx. 136 o tipo de cor A é o que menos ocorre nos cernes – 1 % – sendo que nas superfícies externas a sua máxima presença é de 7 % e nas superfícies internas é de 9 %.

– Nas A43 e A47, os tipos A e B possuem presenças semelhantes, quer nos cernes – 2 e 3 % do tipo A e 6 e 5 % do tipo B, respectivamente – quer nas superfícies, sendo as superfícies externas as mais discrepantes no tipo B, 7 % na A43 e 1 % na A47.

– Cernes com cor de tipo VC não ocorrem no Lx. 136 nem superfícies de cor tipo B.

– A análise do ponto 8 revela que o Lx. 136 é o mais discrepante dos 3 contextos integrados na fase III-1. A totalidade da fase III-1 encontra-se de acordo com as A43 e A47 (sendo estes os contextos com maior número de fragmentos e por isso maioritários).

A análise das cores presentes nos recipientes relacionados com a ocupação da Idade do Ferro (ponto 7) permitiu concluir o seguinte.

– A A43 e o Lx. 136 possuem uma maioria de recipientes com cernes de cor de tipo P (65 e 67 %, respectivamente, sendo que o tipo de cor maioritário nos cernes dos recipientes da A47 é o tipo VE (41 %).

– Os tipos de cores presentes nas superfícies dos recipientes variam muito sendo que os tipos C, P e VE são aqueles com maior visibilidade. A A43 é aquela que apresenta uma maior presença dos tipos de cor C e P nas superfícies, sendo que o tipo C encontra-se entre 23 % (superfície interna) e 29 % (superfície externa) e o tipo P entre 47 % (superfície interna) e 23 % (superfície externa). Na A47 e no Lx. 136, os tipos P, C e VE apresentam uma importância muito semelhante; tipo C compreendido entre 21 e 33 %, tipo P compreendido entre 25 a 33 % e tipo VE compreendido entre 21 e 33 %.

– Podemos concluir que a A43 é aquele contexto mais discordante dos 3 analisados sendo que este resultado é concordante com os resultados obtidos na análise dos pontos 1, 2, 3 mas não no 8.

A avaliação das conjugações de cores e sua hierarquia presentes em cada contexto (ponto 4) revelou os seguintes resultados:

– Os contextos integrados na fase III-1 do TEL revelam diferentes hierarquias de conjugações de cores a par de diferentes quantidades para cada conjugação de cor. A A43 possui a seguinte hierarquia: P-P-P (21 %), VE-P-VE (16 %), C-C-C (8 %) e A-P-A (5 %). A A47 possui a seguinte: VE-VE-VE (9 %), P-P-P (9 %), C-C-C (6 %) e VE-P-VE (6 %). E, por último, o Lx. 136, possui a seguinte: C-C-C (24 %), C-P-C (16 %), VE-VE-VE (14 %) e VE-P-VE (6 %).

– Com base no observado podemos dizer que as A43 e A47 são os contextos mais semelhantes entre si e que o Lx. 136 é o mais díspar. No entanto, as quantidades de cada conjugação de cor presente nas associações 43 e 47 são diferentes tornando os conjuntos cerâmicos, de certo modo, diferentes.

– Damos importância às hierarquias presentes pois este foi o factor de avaliação escolhido no entanto mesmo quando dois contextos possuem uma mesma hierarquia devemos ter em atenção as quantidades presentes em cada conjugação. Deste modo podemos dizer que as A43 e A47 são bastante semelhantes embora a A47 revele uma menor homogeneidade.

– Concluimos que a A43 e o Lx. 136 são os contextos mais homogêneos embora com diferentes características. A A43 revela uma grande importância dos tipos P e VE (algo já revelado pelas cores presentes nos cernes) e o Lx. 136 revela uma maior importância dos tipos C e VE (algo também já indicado pelos tipos de cor e suas quantidades, presentes nos cernes). A A47 revela uma grande importância do tipo VE e P (também já indicado pela hierarquia presente nos tipos de cores dos cernes dos fragmentos, pontos de avaliação 1, 2 e 3) que a aproxima da A43 no entanto a quantidade de fragmentos presente em cada conjugação distancia-se (ao nível da homogeneidade e preservação) da A43.

A avaliação dos tipos de cores presentes nas superfícies dos fragmentos de cernes negro (ponto 5) permite intuir processos de descoloração sofrida pelos fragmentos cerâmicos. A análise deste factor revelou os seguintes resultados:

– A A43 é o contexto mais homogêneo e com maior quantidade de cerâmicas de coloração, tendencialmente, escura. Neste contexto 63 % dos fragmentos possuem cerne negro (tipo P), sendo que destes, nas superfícies externas 22 % são de tipo P, 19 % são de tipo VE e 7 % são de tipo C e nas superfícies internas 34 % são de tipo P e 16 % são de tipo VE.

– Na A47, 53 % dos fragmentos possuem cerne negro, sendo que destes, nas superfícies externas 12 % são de tipo P, 12 % são de tipo VE, 12 % são de tipo A e 11 % são de tipo C e nas superfícies internas 25 % são de tipo P, 9 % são de tipo C e 8 % são de tipo VE. Podemos observar que os tipos de cores presentes nos fragmentos de cerne negro são igualitários ao nível da quantidade tornando este conjunto cerâmico menos coeso do que a A43.

– No Lx. 136, 41 % dos fragmentos possuem cerne negro, sendo que destes, nas superfícies externas 17 % são de tipo C, 11 % são de tipo VE, 7 % são de tipo P e 5 % são de tipo A e nas superfícies internas 18 % são de tipo C, 9 % são de tipo P, 7 % são de tipo VE e 5 % são de tipo A. O Lx. 136 é o conjunto (dos 3 analisados) com menor quantidade de fragmentos sendo que é aquele que revela menos tipos de cor presentes, algo que pode ser explicado pela baixa quantidade de fragmentos. No entanto é de notar que é o conjunto cerâmico onde a totalidade de fragmentos de cerne de tipo P não possui uma maioria de superfícies de tipo P, quer externas quer internas. Deste modo, concluimos que o Lx. 136 é aquele que apresenta maior descoloração das superfícies dos fragmentos de cerne de tipo P seguido pela A47 e, por último, pela A43.

– cremos que a descoloração apresentada nos contextos integrados na fase III-1 do TEL pode estar relacionada com a preservação dos contextos. É certo que a descoloração dos recipientes está, em primeiro lugar, relacionada com utilização dos mesmos (uso ao fogo, lavagens, manuseio ao longo

do tempo, etc) no entanto as indicações de descoloração encontradas nestes contextos estão de acordo com uma ordem cronológica dos mesmos. A A43 é o contexto menos descolorado sendo o mais antigo e o Lx. 136 é o mais descolorado sendo o mais moderno (dentro da fase em questão). Deste modo, cremos que a descoloração está relacionada, aqui, com a evolução dos estratos que contém os conjuntos cerâmicos.

No ponto 6 analisamos os contextos consoante as presenças (percentagens) de fragmentos de cerne de tipo P com superfícies de tipo C e fragmentos de cerne de tipo C com superfícies de tipo P. A avaliação deste factor revelou os seguintes resultados:

– Na A43: 1) 63 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P, 2) 8,11 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P e superfícies de tipo C (externa e/ou interna); 3) 16 % a totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo C e 4) 4,92 % dos fragmentos possuem cerne de tipo C e superfícies de tipo P (externa e/ou interna).

– Na A47: 1) 53 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P, 2) 14,63 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P e superfícies de tipo C (externa e/ou interna); 3) 15 % a totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo C e 4) 5,11 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo C e superfícies de tipo P (externa e/ou interna).

– No Lx. 136: 1) 41 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P, 2) 18,92 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P e superfícies de tipo C (externa e/ou interna); 3) 32 % a totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo C e 4) 5,41 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo C e superfícies de tipo P (externa e/ou interna).

– Se ordenarmos os contextos consoante o resultado do índice usado (C Ps/P Cs) e por ordem decrescente (do mais descolorado para o menos descolorado) obtemos a seguinte ordem: Lx. 136 (índice = 0,29), A43 (índice = 0,35) e A47 (índice = 0,60).

– Podemos observar que o Lx. 136 é indubitavelmente, o contexto mais descolorado, pois além de possuir o índice mais elevado dos 3 contextos analisados é também aquele que apresenta menor quantidade de cernes negros mas maior quantidade de fragmentos de cernes negros de superfícies castanhas e maior quantidade de cernes castanhos com menor quantidade de cernes castanhos de superfícies negras.

– Podemos observar que a ordem obtida através deste factor de avaliação está de acordo com os resultados obtidos na avaliação do ponto 5 (acima descrito). Deste modo, vemos alicerçados os resultados obtidos no ponto 5.

Finalmente, apresentamos os resultados da avaliação conjunta dos fragmentos com cores concordantes e da diversidade de conjugações presente nos contextos em estudo (ponto 9). Este

factor de avaliação está relacionado com a compreensão do estado de conservação dos fragmentos e dos estratos.

É de notar que os resultados obtidos na análise do ponto 9 deveriam ser concordantes com os resultados obtidos na análise dos pontos 5 e 6, pois todos estes pontos de análise têm como objectivo a compreensão do estado de conservação dos fragmentos e dos estratos. Os resultados dos pontos 5 e 6 revelaram-se concordantes no entanto, sistematicamente, os resultados do ponto 9 não são concordantes com os dos pontos 5 e 6. Deste modo, revelamos de seguida os resultados obtidos:

– O contexto que apresenta maior preservação de cor é o Lx. 136, sendo que 45 % dos fragmentos possuem cores concordantes, seguido da A43 com 38 % de fragmentos de cores concordantes e, por último, a A47 com 21 % de fragmentos de cores concordantes.

– O contexto que apresenta maior diversidade de cor é a A47, sendo que 45 % dos fragmentos são representados por conjugações de cor de baixa presença (inferior a 3%), seguida da A43, com 35 % e, por último, do Lx. 136, com 14 % dos fragmentos.

– Tendo em conta os resultados obtidos podemos observar que o Lx. 136 seria o mais bem preservado, seguido da A43 e, por último, da A47. No entanto, os contextos com poucos fragmentos (como é o caso do Lx. 136) estão em desvantagem para com aqueles que integram muitos fragmentos (como é o caso das A43 e A47). Um conjunto com poucos fragmentos pode ser um resto dele próprio e falsear as suas características através das percentagens obtidas.

– Quer dizer, *cremos que os conjuntos cerâmicos são, originalmente, homogéneos, onde, teoricamente, a maioria dos fragmentos deveriam possuir cores concordantes. A presença de variabilidade nas cores seria o resultado de vários factores: 1) variabilidade nos recipientes resultante de cozeduras deficitárias; 2) descoloração dos recipientes resultante da utilização dos mesmos e 3) descoloração dos fragmentos através dos processos pós-deposicionais.*

– O Lx. 136 possui 74 fragmentos sendo que 10 fragmentos (14 %) possuem diferentes conjugações de cor e 33 fragmentos (45 %) possuem cores concordantes. *Creemos que o baixo número de fragmentos é sempre um sinal de ruptura do contexto e fragilidade (falta de coesão) do conjunto cerâmico sendo que as características do mesmo podem ser modificadas. Deste modo, um contexto com uma quantidade de fragmentos reduzida pode possuir pouca ou muita variabilidade, pouca ou muita coesão, sem que saibamos avaliar ao certo as suas características.*

– Para concluir, cremos que os pontos 5 e 6 são mais úteis na avaliação do estado de conservação dos fragmentos e estratos do que o ponto 9, pois são mais particularizantes. E que de acordo com o ponto 9 apenas podemos afirmar que a A47 encontra-se pior preservada que a A43.

f) Espessuras presentes nos fragmentos e recipientes / Evolução da espessura das pastas

A análise das espessuras presentes nos fragmentos e recipientes foi realizada a todos os contextos integrados na fase III-1 e com base nas seguintes estampas: Fase III-1 (estampa CCCXCVIII), A43 (estampa CCCXCIX, quadro 1), A47 (estampa CCCXCIX, quadro 2) e Lx. 136 (estampa CD). O quadro correspondente à totalidade da fase III-1 (estampa CCCXCVIII) é, como sabemos, a soma de todos os fragmentos presentes nos vários contextos integrados nesta fase. Desta forma, é possível construir gráficos de evolução das pastas para quase todas as pastas presentes, à exceção da pasta II, algo que não é possível em todos os contextos. As pastas cerâmicas possuem comportamentos diferentes dependendo do contexto e a totalidade da fase III-1 matiza as características individuais de cada pasta nos contextos analisados. Assim, os resultados obtidos para a totalidade da fase III-1 serão, prioritariamente, utilizados no estudo comparativo com outras fases.

A análise das espessuras presentes nos fragmentos e recipientes revelou os seguintes resultados:

- A *pasta I* está presente nos três contextos e em todos eles apresenta um número suficiente de fragmentos de modo a possuir uma linha evolutiva (visível no gráfico de evolução das pastas). Na totalidade da fase III-1, os fragmentos de pasta I encontram-se entre as categorias 2 e 5 e uma maioria na cat. 3. A comparação dos tipos de curva desta pasta presentes nos vários contextos permitiu concluir que a pasta não se comporta da mesma forma, independentemente de possuir características semelhantes em todos os contextos. Em todos os contextos a maioria dos fragmentos encontra-se na categoria 3, sendo que o intervalo vai da categoria 2 à 5 nas A43 e A47 e da 2 à 4 no Lx. 136. No entanto, a curva desta pasta é alta e afunilada na totalidade da fase III-1, na A47 e no Lx. 136 revelando muitos fragmentos e uma forte concentração de fragmentos na categoria 3. Na A43, a curva é baixa e achatada, revelando pouca quantidade de fragmentos (se tivermos em conta a totalidade do conjunto em questão) e uma certa homogeneidade na distribuição dos fragmentos nas categorias 3 e 4. Desta forma, podemos concluir que na A43 os fragmentos de pasta I são tendencialmente, mais grossos do que nos restantes contextos.
- Os poucos fragmentos de *pasta II* não permitem a construção de uma curva evolutiva quer para a totalidade da fase III-1 quer para o único contexto onde se encontra presente, a A47. Esta pasta é apenas representada por fragmentos de categoria 2.
- A *pasta III* está presente nos três contextos analisados e em todos eles apresenta um número suficiente de fragmentos de modo a possuir uma linha evolutiva. Na totalidade da fase III-1, os fragmentos de pasta III encontram-se entre as categorias 2 e 10 e uma maioria na cat. 4, no entanto

nos restantes contextos o intervalo das categorias presentes é diferente bem como o pico ou maioria dos fragmentos encontrados. Na A47, a curva desta pasta é alta e afunilada revelando uma clara concentração de fragmentos na categoria 4 sendo que a categoria 3 possui cerca de metade e a categoria 5 possui menos de um terço dos fragmentos da cat. 4. A totalidade da fase III-1, a A43 e o Lx. 136 revelam curvas altas mas achatadas no topo, que quer dizer maior homogeneidade na distribuição dos fragmentos pelas diversas categorias. No Lx. 136, as categorias 3 e 4 possuem o mesmo número de fragmentos, na totalidade da fase III-1 a categoria 3 possui 90 % do valor da cat. 4 e na A43, a cat. 4 possui 66 % do valor da cat. 3. A A43 é o único contexto em que o pico dos fragmentos se encontra na categoria 3, ainda que este valor seja matizado pela elevada presença de fragmentos na cat. 4. Deste modo, concluímos que a A43 é o contexto onde esta pasta possui fragmentos de espessuras mais finas e que a A47 é o contexto onde ela possui fragmentos de espessuras médias e grossas.

– A *pasta IV* está presente nos três contextos analisados embora na A43 e no Lx. 136 não possua um número suficiente de fragmentos para ser possível a construção de uma linha evolutiva. Deste modo teremos que basear a nossa observação nos resultados apresentados na A47, onde os fragmentos de pasta IV encontram-se entre as categorias 2 e 6 e uma maioria na cat. 4. Esta pasta possui uma curva baixa e achatada pois possui um número reduzido de fragmentos e a quantidade de fragmentos presente na cat. 3 equivale a 54 % da quantidade de fragmentos presente na cat. 4.

– A *pasta V* não está presente no Lx. 136 e possui um número reduzido de fragmentos na A43 – 1 fragmento de cat. 4 – e na A47 possui, também, poucos fragmentos embora distribuídos pelas cats. 4 e 5.

– A *pasta VI* encontra-se presente nos três contextos analisados no entanto, apresenta um número reduzido de fragmentos na A43 e no Lx. 136. Nestes dois contextos a pasta VI possui fragmentos de categorias 3, 4 e 5 com uma distribuição muito homogênea, não permitindo conclusões aturadas sobre o comportamento desta pasta. Na A43, a maioria dos fragmentos encontra-se na cat. 3 mas o número de fragmentos de cat. 5 equivale a 75 % dos de cat. 3. No Lx. 136, a maioria dos fragmentos encontra-se na cat. 4 sendo que o número de fragmentos da cat. 5 equivale, também a 75 % dos de cat. 4. Deste modo, teremos que basear a nossa observação nos resultados apresentados na A47, onde os fragmentos de pasta VI encontram-se entre as categorias 2 e 6 e uma maioria na cat. 4. Esta pasta possui uma curva baixa e achatada pois possui um número reduzido de fragmentos e a quantidade de fragmentos presente na cat. 3 equivale a 63 % da quantidade de fragmentos presente na cat. 4.

– A *pasta VII* encontra-se presente nos três contextos analisados mas no Lx. 136 o número insuficiente de fragmentos não possibilita a construção de uma linha evolutiva. A pasta VII tem um comportamento diferente nas A43 e A47, sendo que os resultados da totalidade da fase III-1 matizam as diferenças. Na totalidade da fase III-1, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 8 com uma maioria na cat. 4, na A43, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 7 com uma maioria na cat. 4 e na A47, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 8 com uma maioria na cat. 5. A curva da pasta VII na A43 é alta e afunilada e na A47 é mais baixa e achatada. Em ambos os contextos o número de fragmentos é semelhante (que permite ótimas condições de observação) revelando no entanto diferenças notórias. A distribuição dos fragmentos na A43 é menos coesa e os fragmentos são, tendencialmente mais finos do que os da A47. Na A47 a distribuição é muito mais homogénea, daí a curva ser mais baixa e achatada e os fragmentos são, claramente, mais grossos do que os da A43. Colocamos a hipótese interpretativa de que uma distribuição de fragmentos pouco coesa poder revelar a presença de vários recipientes de espessuras diversas e uma distribuição mais homogénea poder revelar a presença de um só recipiente ou recipiente de uma mesma espessura ou espessuras muito aproximadas. Desta forma, concluímos que a A43 revela maior diversidade do que a A47.

– A *pasta VIII* encontra-se nos três contextos estudados com um número baixo de fragmentos mas semelhante em todos os contextos. A totalidade da fase III-1 soma todos estes contextos e os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 6 e com uma maioria na cat. 4. Na A43, os fragmentos encontram-se entre as categorias 3 e 6 com uma maioria na cat. 4, na A47, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 4 com uma maioria na cat. 4 (embora na A47 não seja constituída verdadeiramente, uma curva) e no Lx. 136, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 5 com uma maioria na cat. 3. As curvas obtidas são muito dispares, sendo que na A47 não existe curva (é uma linha recta ascendente), na A43, a curva é de altura média e ligeiramente achatada no topo e no Lx. 136 a curva é a mais baixa de todas (é o contexto com menor número de fragmentos) e também a mais achatada e abolada. O Lx. 136 é o que revela maior homogeneidade e espessuras mais finas, seguido da A43 (ao nível da homogeneidade) e por fim da A47. Na A43 o número de fragmentos nas cats. 3 e 4 é muito semelhante, no Lx. 136 o número de fragmentos nas cats. 2 e 3 é, também, muito semelhante e, por fim, na A47 o número de fragmentos em cada categoria é mais díspar do que nos outros contextos. O número de fragmentos na A47 não permite um gráfico mais completo mas é de notar que o número de fragmentos na cat. 3 é equivalente a 64 % do da cat. 4. Concluímos que os fragmentos na A47 são, tendencialmente, mais finos do que os da A43.

– A *pasta IX* não ocorre no Lx. 136, possui um número reduzido de fragmentos na A47 e apresenta uma distribuição que possibilita a construção de um gráfico na A43. Na A43, os nove fragmentos encontram-se entre as categorias 3 e 7 com uma maioria na cat. 5. A curva desta pasta é baixa e, totalmente, arredondada, revelando grande homogeneidade na distribuição dos fragmentos. Na A47, os oito fragmentos desta pasta apenas dizem respeito à categoria 5. Deste modo, podemos ver uma grande disparidade na distribuição dos fragmentos nas A43 e A47, apesar da semelhança na quantidade dos mesmos. A curva da pasta IX na totalidade da fase III-1 revela-se alta e afunilada, com pouca homogeneidade na distribuição, algo que sabemos ser proveniente das características da A47. Aqui temos um exemplo claro de que como os resultados das fases falseiam os dados dos contextos que as integram. Em conclusão, o número reduzido de fragmentos em pasta IX dificulta a percepção da mesma ainda que possamos lançar a hipótese interpretativa de que os fragmentos da integrados na A47 pertençam a um mesmo recipiente, neste caso intruso e que na A47 pertençam a um ou mais recipientes que foram misturados com os materiais cerâmicos da ocupação da idade do Ferro.

– A *pasta X* encontra-se presente em todos os contextos integrados e analisados da fase III-1, com um número significativo de fragmentos (tendo em conta a quantidade de fragmentos por contexto). Na totalidade da fase III-1, os fragmentos encontram-se entre as categorias 1 e 7 com uma maioria na cat. 3, na A43, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 6 com uma maioria na cat. 3, na A47, os fragmentos encontram-se entre as categorias 1 e 7 com uma maioria na cat. 4 e no Lx. 136, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 6 com uma maioria na cat. 4. As curvas presentes nos contextos analisados são bastante diferentes entre si: Na A43 a curva é muito alta e afunilada, revelando grande quantidade de fragmentos e uma distribuição díspar. O número de fragmentos na cat. 2 equivale a 0,01 % dos fragmentos presentes na cat. 3 e o número presente na cat. 4 equivale a 46 % do da cat. 3. Podemos observar uma subida vertiginosa de fragmentos entre a cat. 2 e 3 e uma descida bastante acentuada da cat. 3 para a 4. Na A47, a curva é muito mais baixa (menor número de fragmentos), mais ampla (abarca mais categorias de espessura) e mais achatada (maior homogeneidade na distribuição dos fragmentos). O número de fragmentos na cat. 2 equivale a 13 % dos fragmentos presentes na cat. 3, o número de fragmentos na cat. 3 equivale a 68 % dos fragmentos presentes na cat. 4 e o número presente na cat. 5 equivale a 26 % do da cat. 4. No Lx. 136, a curva é a mais baixa de todas (menor número de fragmentos), tem a mesma amplitude da curva da A43 (abarca as mesmas categorias de espessura) e é a mais arredondada e achatada (maior

homogeneidade na distribuição dos fragmentos sendo que a diferença entre umas categorias e outras encontra-se entre 33 e 75 %).

– A *pasta XI* encontra-se ausente no Lx. 136, e possui um número reduzido de fragmentos nas A43 e A47. A distribuição dos fragmentos nestes contextos revela-se, em ambos, muito homogénea, com uma clara incidência de fragmentos com uma categoria de espessura alta (igual ou acima da categoria 6). Concluimos, que os fragmentos desta pasta são, preferencialmente, espessos.

– A *pasta XII* encontra-se ausente no Lx. 136 e nas A43 e A47 possui um número de fragmentos que permitiu a construção de gráficos evolutivos da pasta. Na totalidade da fase III-1, os fragmentos encontram-se entre as categorias 3 e 6 com uma maioria na cat. 4, na A43, os fragmentos encontram-se entre as categorias 3 e 5 com uma maioria na cat. 4 e na A47, os fragmentos encontram-se entre as categorias 3 e 6 com uma maioria na cat. 4. Na A43, a curva é baixa (evidência de poucos fragmentos) e afunilada, sendo clara a diferença de distribuição de fragmentos pelas categorias. O número de fragmentos na cat. 3 equivale a 11 % dos fragmentos presentes na cat. 4 e o número presente na cat. 5 equivale a 22 % do da cat. 4. Na A47 a curva é mais alta (evidencia de um número de fragmentos superior ao da A43) mas também mais arredondada, revelando uma distribuição mais equitativa. O número de fragmentos na cat. 3 equivale a 15 % dos fragmentos presentes na cat. 4 e o número presente na cat. 5 equivale a 56 % do da cat. 4.

Tendo em conta a análise descrita acima, podemos observar o seguinte.

1) Em cada contexto as pastas comportam-se de modo diferente, mesmo quando possuem a mesma amplitude de categorias de espessura e a mesma categoria com maioria de fragmentos. O comportamento difere, sobretudo, na forma como os fragmentos se distribuem pelas categorias. Deste modo é difícil agrupar os contextos com base nas semelhanças de todas as pastas identificadas. De qualquer modo e apesar das diferenças tentamos sempre perceber quais as semelhanças entre os contextos e assim chegamos às seguintes conclusões. A A43 possui um comportamento claramente diferente da A47 e Lx. 136. Na A43 encontramos maior diversidade ou menor homogeneidade por pasta e fragmentos, tendencialmente, menos espessos em quase todas as pastas presentes, à exceção das pastas I e VI. A A47 e o Lx. 136 revelam algumas semelhanças entre si sendo que os comportamentos das pastas I, III, IV e VI são semelhantes. Estes dois contextos divergem sobretudo no comportamento das pastas VII, VIII e X. Por último, a A47 distingue-se quer da A43 quer do Lx. 136 pela presença, única, da pasta II no entanto cremos nas suas semelhanças com o Lx. 136.

2) Após a análise das características das espessuras dos fragmentos de cada tipo de pasta – presentes em todos os contextos – podemos supor que: 1) a pasta II é usada no fabrico de

recipientes de paredes muito finas (cats. 1 e 2) e as pastas I, IV, VI e VIII em recipientes de paredes finas (cats. 3 e 4); 2) as pastas III, X e XII são usadas no fabrico de recipientes de paredes finas e medianas (cats. 4 e 5); 3) as pastas V, VII e IX são usadas no fabrico de recipientes de paredes de espessura mediana/grossa (cats. 5 e 6) e 4) a pasta XI é usada no fabrico de recipientes de paredes com espessuras grossas ou muito grossas, (> a 6).

3) A categoria de espessura dominante nos fragmentos e recipientes é, em ambos, a 3. Nesta fase as espessuras dos fragmentos sem forma e dos bordos e bases são, estatisticamente, concordantes sem que saibamos se esse comportamento é significativo.

4) O gráfico de evolução das espessuras dos recipientes para a totalidade da fase III-1 (estampa CCCXCVIII) podemos ver que só as pastas I e III possuem linhas evolutivas. As restantes pastas são representadas por um número reduzido de fragmentos que não permite a construção de gráficos evolutivos. Deste modo, qualquer semelhança ou diferença deve ser analisada com o cuidado devido. Mais uma vez afirmamos que as espessuras presentes nos bordos e bases dos recipientes não possuem uma lógica de espessura e não revelam uma tendência geral de uso. As espessuras presentes nos bordos dos recipientes são o resultado dos tipos de bordos e bases escolhidos e usados.

5.3.2.2. Análise Morfológica

A análise morfológica do conjunto cerâmico da fase III-1 ponderou todos os bordos, bases e recipientes identificados em cada contexto individual (A43, A47 e Lx. 136) e outros Lxs. Integrados somente na totalidade da fase III-1. Os bordos/recipientes integrados nesta fase são: 247, 248, 250, 252, 254, 270 (est. CV, 18), 314, 324 (est. CIV, 7), 326, 331, 332 (est. CVI, 6), 337 (est. CXIII, 4), 352, 354, 392, 397 (est. CV, 10), 398, 399 (est. XCIV, 14), 400, 404 (est. CXI, 13), 405, 412 (est. XCIV, 12), 418 (est. CIV, 1), 425, 426, 427 (est. CX, 6), 441 (est. CX, 11), 443, 445, 446 (est. CIX, 7), 452 (est. CVI, 1), 454 (est. CIV, 6), 462 (est. LVIII, 2), 463 (est. LXVIII, 9), 465 (est. LIX, 5), 466 (est. CIII, 1), 467 (est. CII), 469 (est. LXIV, 1), 471 (est. LXV, 1), 474 (est. LXVII), 475 (est. CVIII, 9), 476 (est. CVIII, 10), 1023 (est. CXVIII, 3) e as bases identificadas são: 154, 159, 164, 174, 185, 191, 192, 193, 197, 206, 208, 209, 223 (est. CXVII, 7), 224, 233 (est. CXVIII, 4), 244 (est. CXIX, 16), 247, 248, 253 (est. CXIX, 13), 258 (est. CXIX, 8), 509 (est. CXVII, 6) e 510 (est. CXVII, 3).

A análise morfológica efectuada para a fase III-1 é baseada na observação dos seguintes quadros: 1) tipos de recipientes por contexto (est. CDI, Q1); 2) tipos de recipientes e suas pastas na

totalidade da fase III-1 (est. CDI, Q2); 3) tipos de recipientes e suas capacidades na totalidade da fase III-1 (est. CDII, Q1); 4) relação entre os tipos de capacidade e os tipos de pasta presentes nos recipientes (est. CDII, Q2); 5) tipos de bases e seus contextos (est. CDII, Q3); 6) tipos de bases e respectivos ângulos de parede/pança (est. CDIII, Q1); 7) tipos de bordos, bases e respectivas pastas na totalidade da fase III-1 (est. CDIII, Q2); 8) tipos de recipientes e respectivos tipos de bordos na totalidade da fase III-1 (est. CDIV, Q1) e 9) tipos de bordos, bases e respectivas pastas nos contextos mais relevantes: Lx. 136 (est. CDIV, Q2), A43 (est. CDV, Q1) e A47 (est. CDV, Q2).

A análise dos recipientes da totalidade do conjunto da fase III-1 permitiu as seguintes observações.

– Na totalidade da fase III-1, 70 % dos bordos permitiram a reconstituição dos recipientes (31 dos 44 bordos presentes), no entanto cada contexto comporta-se de forma diferente na reconstituição dos seus recipientes. No geral, os contextos presentes revelam uma boa reconstituição da forma, apenas o Lx. 147 (integrado na A43) revela uma reconstituição de 33 %, sendo que todos os restantes estão acima dos 60 %. Os contextos foram ordenados por ordem decrescente (daquele com maior percentagem de reconstituições para aquele com menor percentagem de reconstituições): Lx. 151.1 e 150 (100 %), Lx. 146 – A43 (80 %), Lx. 133 – A47 (73 %), Lx. 136, Lx. 140 – A47 – e Lx. 151 – A43 – (67 %), Lx. 140/133 – A43 – (60 %) e Lx. 147 – A43 – (633 %). Os Lxs. 133, 146 e 151 são aqueles que apresentam maior número de recipientes identificados e possuem, também, uma percentagem significativa de reconstituição. Concluímos que a fase III-1 encontra-se bastante bem preservada.

– Na totalidade da fase III-1 os tipos de recipientes com maior presença são: *8a* (26 %), *8b* (19 %), *6a* (13 %) e *6b* e *B6a* (6 %). Os restantes tipos de recipientes apresentam presenças inferiores a 3 %. O comportamento encontrado nos contextos nem sempre é concordante com os resultados obtidos para a totalidade da fase III-1. O tipo de forma *8a* é, apenas, maioritário nos Lxs. 133 e 140/133 (A47), o *8b*, nos Lxs. 146 (A43) e 150, o *6a*, *6b* e *B6a* em nenhum. Os tipos de forma *7a* é o único presente no Lx. 147 (A43). Os tipos de formas *6b* e *8a*; *2c* e *B6a*; *5a*, *6a*, *8b* e *B6a* e *6b* e *7a* possuem o mesmo valor nos Lxs. 136, 140, 151 e 151.1, respectivamente. Como podemos observar a distribuição dos tipos de formas é muito diversa, revelando uma pequena preferência pelas formas *8a* e *8b* a que se segue um uso indiferenciado de muitas outras formas.

– Na totalidade da fase III-1, 87 % dos recipientes são de perfil em “S”, 27 dos 31 recipientes identificados. Os recipientes que não possuem perfil em “S” – tipos *2c*, *3b*, *B1e* e *B3b* – estão presentes nos seguintes contextos: Lx. 140, Lx. 133 e Lx. 140/133 (A47). Podemos observar que este tipo de recipientes está associado unicamente à A47.

- A análise dos tipos de bordo presentes na fase III-2 permite concluir que os tipos de bordo predominantes são o tipo 1 (40 %), seguido do 4 (13 %), do 2 (10 %) sendo que o tipo 3 é, claramente, minoritário e o tipo 5 encontra-se ausente. Os bordos de *tipo 1, 2 e 4* estão presentes nas A43 e A47. Os bordos de *tipo 3* só ocorrem na A47 e o Lx. 136 só apresenta bordos de *tipo 4*.
- A análise dos tipos de base permite concluir que o tipo de base predominante é o 1 (19 %), seguido do 3 (6 %), do 5 (4 %) sendo que os outros tipos (2 e 6) são muito residuais. Os tipos de *base 1 e 3* estão presentes nos três contextos analisados, o tipo de *base 5* encontra-se presente nas A43 e A47, os tipos de *base 2 e 6* só foram encontrados na A43.

A análise formal dos recipientes (est. CDI, Q2) permitiu as seguintes observações.

- As pastas com maior variedade de recipientes são a III (9 tipos diferentes que perfazem 61 % dos recipientes), I (6 tipos diferentes que perfazem 45 % dos recipientes) e VI (4 tipos diferentes que perfazem 13 % dos recipientes reconstituídos).
- Os tipos de formas *2c, 3b, 5a, 7a, 7b, 7e, B1e, B3b e B19* só são realizados numa pasta (cada forma na sua pasta) mas também só são representados por um recipiente. Deste modo, não podemos concluir em relação a estas formas algo sobre as suas pastas.
- Das formas que possuem maior número de exemplares (6a, 6b, 8a, 8b e B6a), a forma *8a* é aquela que apresenta maior variedade nos tipos de pasta em que é construída (I, III, VI, VIII e X), seguida da *6a e 8b* (I, III e VI), *6b* (I e III) e *B6a* (III).
- O tipo de forma *6b* é o que mostra uma distribuição mais igualitária (1 em cada pasta escolhida), nas formas *6a e 8a* há preferência pela pasta III, na *8b* pela pasta I e na *B6a* pela pasta III (2 recipientes construídos nesta pasta).
- Em 12 tipos de pastas identificados, 7 foram utilizados para construir recipientes (identificados com esta fase ocupacional) sendo que há uma clara preferência pelas pastas I e III (em grande número), seguidas das VI e X (em muito menor número). Podemos também observar que a forma *8a* é, preferencialmente, construída em pasta III e que a forma *8b* é, preferencialmente, construída em pasta I.
- Como já foi referido, na totalidade da fase III-1, 87 % dos recipientes identificados são de perfil em “S” – tipos 5, 6, 7, 8, B6 e B19– (27 dos 31 recipientes reconstituídos) sendo 10 (37 %) em pasta III, 8 (30 %) em pasta I, 4 (15 %) em pasta VI e os restantes 3 (11 %) em pastas VII, VIII e X.
- Os tipos de recipientes com maior capacidade (est. CDII, Q1) são o *8a e 7c* (10 a 20 l) e *6a, 6b e 7b* (5 a 10 l). Alguns subtipos das formas 7 e 8 são, claramente, construídos com grande tamanho para obter grande capacidade, sendo que recipientes de grande capacidade podem também ser

construídos em forma 6 (que é também construída em pequeno tamanho). Os outros recipientes de perfil em “S” (5a, 8b, B6a e B19) são construídos pequenos, médios ou grandes. A forma 8b revela uma tendência para ser construída em recipientes de pequena capacidade, a maioria até 1 l.

– Os recipientes de grande capacidade (est. CDII, Q2) foram construídos nas pastas VI, VII e III. Temos observado que não parece existir uma preferência por determinado tipo de pasta quando se constrói um recipiente de grande capacidade, pois recipientes de grande capacidade são construídos em vários tipos de pastas tendo estas características diferentes (III e VII de um grupo e VI e VIII de outro, ver capítulo sobre caracterização das pastas). No entanto é de notar que pastas I e II nunca são utilizadas em recipientes grandes revelando uma escolha técnica das pastas por parte do/a artesão.

– A capacidade dos recipientes revela um conjunto com grande diversidade de capacidades, onde estão presentes quer recipientes de pouca capacidade quer recipientes de média/grande capacidade. Não foi identificada uma clara predominância de determinadas capacidades sendo que a distribuição dos recipientes pelos vários tipos de capacidade é a seguinte: 1) 43 % possuem uma capacidade até 2 litros, sendo que dos dois tipos o 2 é o mais usado; 2) os recipientes de capacidade de 0,3 a 1 l (29 %) e de 2 a 5 l (32 %) são os mais numerosos e 3) 25 % dos recipientes possuem uma capacidade superior a 5 l. Nesta fase 64 % dos bordos permitiram reconstituição da sua capacidade. Apesar de encontrarmos uma distribuição equitativa por todos os tipos de capacidade é evidente a importância de recipientes de pequena capacidade que estão de acordo com o carácter doméstico da ocupação da Idade do Ferro.

– Na relação entre o tipo de recipiente e o tipo de bordo (est. CDIV, Q1) encontramos as seguintes características: 1) determinados tipos de recipientes possuem determinados tipos de bordo, algo que está relacionado com a tipologia de formas (as formas 2 possuem tipos de bordo 3, as formas 3 possuem tipos de bordo 4 ou 5); 2) os tipos de formas que não estão relacionados com nenhum tipo de bordo na tipologia de formas e que são identificados por vários exemplares nem sempre revelam uma relação de preferência com determinado tipo de bordos, como as formas 6 e 8; 3) determinados subtipos de formas como a 8a revelam uma preferência clara pelos tipos de bordo e 4) o tipo de bordo 1 é, claramente, o preferido para todo o tipo de formas.

– Um mesmo tipo de bordo pode ser usado em vários tipos de recipientes alicerçando a ideia de que não existe uma relação causal entre o tipo de bordo e o tipo de recipiente. No entanto parece existir uma preferência por determinados tipos de bordo, que se encontram em maior número: B1 a1 e B1 a7 (em 13 % do recipientes cada), B1 a5 (10 %), B1 a3, B2 b1, B2 b4, B4 a4 e B4 b2 (6 % cada).

- Na análise geral dos bordos (est. CDIII, Q2) a presença de cada tipo é diferente daquela dos recipientes, no entanto continua a ser evidente a importância do B1 a1 e B1 a7 sendo que ganha importância dentro do tipo B1 o subtipo a5. Destacam-se também o B2 b4 e B4 b2 sendo que fica matizada a importância dos tipos B1 a3, B2 b1 e B4 a4.
- Em relação às bases dos recipientes (est. CDII, Q3) podemos observar que todos os contextos analisados (A43, a47 e Lx. 136) possuem bases dos tipos 1 e 3, a A43 e A47 possuem também o tipo 5 e apenas a A43 possui o tipo 6. Podemos observar que os tipos 1 e 3 são os mais comuns, seguidos dos tipos 5 e 2.
- Não parece existir uma relação entre os tipos de base e as categorias de ângulo da parede dos recipientes (est. CDIII, Q1) sendo que: 1) o tipo de base 1 (BA1) possui exemplares em quase todas as categorias de ângulo com excepção da cat. 8; 2) nas categorias de ângulo que caracterizam os vasos troncocónicos (1, 2 e 3) só ocorrem os tipos de base 1, 2 e 3; 3) o tipo de base 5, que noutros contextos ocorre em vasos troncocónicos ocorre aqui num recipiente de pança arredondada e 4) o tipo de base 6 só ocorre na categoria de ângulo 8 sem que saibamos se tal revela uma relação intrínseca entre tipo e categoria.
- A categoria de ângulo de base predominante é a 5 sendo que revela a presença de recipientes de panças redondas levemente achatadas seguida da categoria 4 relacionada com recipientes de panças arredondadas suavemente.
- Podemos observar que 26 % das bases dizem respeito a recipientes de forma troncocónica, 9 % dizem respeito a recipientes tipo prato e 65 % dizem respeito a recipientes de pança globular, sejam eles recipientes de perfil em “S” ou não. Esta percentagem encontra-se discordante daquela obtida nos tipos de recipientes intuídos a partir do bordo em que 87 % dos bordos indicavam perfis em “S”. Esta discordância pode dever-se a vários factores, a saber: 1) o número de bordos e bases pode não dizer respeito ao mesmo número de recipientes; 2) nem todos os recipientes possuem fundo plano e 3) ambas percentagens podem ser correctas, pois a contabilização de bordos e bases deve ser autónoma. cremos que os conjuntos cerâmicos são definidos quer pelas características encontradas nos bordos quer nas características encontradas nas bases. Deste modo, a análise integrada dos dois aspectos revela um conjunto em que a presença dos recipientes de perfil em “S” é maioritária mas acompanhada por outro tipo de recipientes, tais como as formas tipo prato, tigela baixa quer com fundo plano quer globular e troncocónicos (que podem perfazer até 30 % da totalidade dos recipientes).

5.3.2.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados

A fase III-1 totaliza 1599 fragmentos sendo que 1469 são lisos, 96 são decorados calcolíticos e 34 são da Idade do Ferro, representando apenas 2 % do conjunto. No entanto dos 34 fragmentos são contabilizadas apenas 15 decorações presentes em possíveis recipientes diferentes. São os seguintes os números de inventário das 15 decorações presentes: recipiente n.º 462 com vários fragmentos (est. LVIII, 2), recipiente n.º 465 (est. LIX, 5), recipiente n.º 469 com vários fragmentos (est. LXIV, 1), recipiente n.º 471 com vários fragmentos (est. LXV, 1), recipiente n.º 474 com vários fragmentos (est. LXVII), CP-00-1076 (est. LXII, 17), CP-02-2421 (est. LXI, 9), CP-02-1296 (est. LXII, 9), CP-02-2532 (est. LXVI, 8), CP-03-3131 (est. LXV, 1), CP-03-15248 (est. XXX, 17), CP-03-5426 (est. LXII, 6), CP-03-5499 (est. LXII, 4), do mesmo recipiente CP-03-7907 e 7909 (est. LXI, 10), CP-02-3136 (est. LXIV, 2) e CP-02-4104 (est. LXVIII).

Na fase III-1, foram usadas 8 técnicas decorativas: incisão simples – INC.S (26 %); incisão simples com estampilhado de motivo único – INC.S + EST.C (26 %); cepilhado – CEP (13 %); brunido – BRU –, decoração espatulada – DEC.E –, decoração plástica – DEC.P –, incisão a torno – INC.T – e penteado – PENT.S (7 % cada). Nesta fase foram usados vários instrumentos decorativos, a saber: 1) pente 2, com 3 puas; 2) pente 3; 3) instrumentos de incisão 1, 2 e 4; 4) carimbo simples que consiste em círculos concêntricos em número de 2 (CP-02-2532; LXVI, 8) e 5) carimbo simples que consiste em círculos concêntricos em número de 3 (CP-00-1076; LXII, 17; CP-03-7907, LXI, 10 e CP-03-15248, XXX, 17).

5.3.2.4. Organizações decorativas

Na fase III-1 encontram-se integradas dez organizações decorativas, a saber: I, III, V, VI, IX, X, XI, XIV, XXI e XXXIV. A análise da distribuição das organizações decorativas por contexto permitiu concluir que: 1) o contexto com maior número de recipientes decorados (7) e também maior variedade decorativa (5) é a A47, sendo que estão presentes as organizações decorativas III, V, VI, IX e XXXIV; 2) a A43 possui dois recipientes decorados com duas organizações decorativas distintas – XI e XIV; 3) o Lx. 136 possui um recipiente decorativo com a organização decorativa X e 4) o Lx. 150 possui 5 recipientes decorados e 4 organizações decorativas diferentes, I, III, XXI e XXXIV. Devido às características próprias do Lx. 150 desvalorizamos a variedade decorativa apresentada e focamo-nos nos dados obtidos nos restantes contextos.

A análise dos tipos de organizações decorativas presentes indica, na PIL (est. CDLXVII), o que expomos de seguida.

- A organização decorativa maioritária é a XXXIV (27 %), que diz respeito às decorações estampilhadas, sendo seguida pela organização decorativa III (13 %). Todas as outras organizações decorativas distribuem-se de uma forma regular não se destacando nenhuma em particular, se olharmos apenas de um modo estatístico.
- Se tivermos em conta a preservação dos recipientes decorados observamos uma importância evidente das organizações decorativas XI, XIV e XXI que dizem respeito a recipientes extremamente bem preservados, sendo a sua caracterização considerada ótima.
- cremos encontrar na fase III-1 do TEL, uma tradição de decorações realizadas a linha incisa, no colo, proveniente da Idade do Bronze, que se revela em mais de 50 % de recipientes incisos e em 27 % de decorações realizadas no colo (est. CDLXVIII).
- No TEL, e nesta fase, encontramos uma relação ténue e esbatida com as decorações próprias da pré-História regional, como a I, V, que aqui só constituem 12 % dos recipientes.
- No TEL, e nesta fase, não encontramos um uso evidente ou maioritário da técnica do penteado sendo clara a preferência por decorações incisas simples ou espatuladas, decorações plásticas e também estampilhadas.

A análise das localizações das decorações nos recipientes (est. CDLXVIII) indica, no TEL, o que expomos de seguida.

- Uma maioria de fragmentos dos quais sabemos qual a sua localização no recipientes sendo que apenas 27 % dos fragmentos decorados não possibilitam saber ao certo a sua localização e por isso supõe-se que façam parte de alguma zona da pança do recipiente.
- As decorações são preferencialmente realizadas no colo (27 %), de seguida na linha de diâmetro máximo, na pança (20 %) e, por último, na linha colo/pança 13 %.
- Existem 5 recipientes (contabilizados a partir do bordo) sendo que 3 estão praticamente completos (recipientes números 469, 471 e 474). Destes 3 dois revelam apenas decoração no colo.
- Apenas um recipiente é decorado ao nível do bordo. Esta decoração e localização é muito rara no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros.

A análise das pastas dos recipientes decorados (est. CDLXIX) indica, no TEL, o que expomos de seguida.

- Uma maioria de recipientes decorados realizados em pasta I (34 %), seguida da III (27 %) e, por último, das VI, VIII e X (distribuídas de forma equitativa).
- Os recipientes mais bem preservados – organizações decorativas XI, XIV e XXI – encontram-se em pastas III, X e III.

– As decorações presentes na pasta VI estão de acordo com aquilo que acreditamos, ou seja, a pasta VI ser um sinal de ruptura com o passado e pertencer, invariavelmente à ocupação da Idade do Ferro. Deste modo, estão presentes nesta pasta as organizações decorativas III e XXXIV.

– *A presença de recipientes decorados realizados em pasta X, de clara importância no contexto desta ocupação (como é o recipiente número 474) que são uma ligação com o passado, no uso de uma pasta de tradição pré-histórica à qual se alia uma técnica decorativa de longa duração (incisão simples).*

5.3.2.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes

No conjunto de 1599 fragmentos da fase III-1 foram identificadas três asas: 1) CP-03-3539 e 3559 (est. LXIII, 1) de secção de tipo 4.1 e localização de tipo 2; 2) CP-03-3560 (est. LXIII, 8), de secção de tipo 4.3 e localização 3 e 3) CP-03-7615 (est. LXIII, 5), onde não foi possível discernir o tipo de secção nem de localização.

Todas as asas pertencem ao Lx. 151 (A43), sendo as duas primeiras realizadas em pasta X e a última em pasta VIII. Colocamos a hipótese (algo remota devido ao mau estado de conservação deste fragmento cerâmico) do fragmento de asa CP-03-7615 ter pertencido a uma asa localizada algures na pança do recipiente de colagem horizontal e não vertical, como todos os tipos definidos e encontrados na totalidade do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros.

5.3.3. Área Norte

5.3.3.0 Introdução aos contextos estudados

A análise do conjunto cerâmico correspondente à fase III-1 do Crasto de Palheiros na área norte englobou vários contextos localizados na PIN – Plataforma Inferior Norte – e na PEN – Plataforma sobre o Talude Exterior Norte. Os contextos encontram-se da seguinte forma: 1) os Lxs. 61 e 71 correspondem ao interface entre a fase I e a III-1 e encontram-se na Plataforma do Talude Exterior Norte; 2) os Lxs. 110, 115 e a A56 (Lxs. 70.2 e 106) encontram-se na Plataforma Inferior Norte, a norte do corte realizado pelo estradão (PIN 2) e integram-se na fase III-1 e 3) a A33 (Lxs. 82 e 90), A32 (Lxs. 65, 79, 81 e 73.2), A52 (Lxs. 63 e 95) e Lx. 79 encontram-se na Plataforma Inferior Norte, a sul do corte realizado pelo estradão (PIN 2.1) e integram-se na fase III-1. O Lx. 79 é o único contexto integrado numa associação estudado individualmente.

5.3.3.1. Análise Técnica

Os contextos acima indicados e relacionados com a ocupação da fase III-1 integram 2413 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 144 fragmentos de bordo no total; 2) 105 fragmentos de bordo conotados com a Idade do Ferro; 3) 66 fragmentos de base; 4) 117 fragmentos decorados dos quais 22 estão conotados com a Idade do Bronze/Ferro

a) Tipos de Pastas

A análise das pastas dos contextos escolhidos da fase III-1 foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: Lx. 61 (est. DXLIX, Q1), Lx. 71 (est. DXLIX, Q1), Lx. 79 (est. DXLIX, Q2), A52 (est. DXLIX, Q2), A56 (est. DLII), A33 (est. DLIII, Q1), A32 (est. DLIII, Q1), Lx. 79 (est. DLIII, Q2) e A52 (est. DLIII, Q2). Como já foi referido a análise de pastas realizada é baseada em 6 factores que caracterizam os contextos de modo diferenciado.

Apresentaremos de seguida os resultados obtidos para os contextos analisados.

1) Na hierarquia de pastas na totalidade dos fragmentos.

Os contextos analisados e integrados na fase III-1 na área norte, revelam algumas discrepâncias entre si, sendo que se agrupam consoante algumas das suas semelhanças que expomos de seguida.

- Os Lxs. 110, 115 e a A56 revelam uma hierarquia de pastas semelhante onde as duas primeiras pastas dominantes são as mesmas (a I e a III). Deste modo estes 3 contextos possuem como pasta predominante a I (40, 44 e 35 %, respectivamente), seguida da III (32, 45 e 30 %, respectivamente). Estas associações discordam na 3ª pasta dominante que no Lx. 110 é a VII (13 %), na A56 é a IV (23 %) e no Lx. 115 é, em unísono, a IV e VII (4 % cada).
- A A32 e o Lx. 79 revelam uma hierarquia de pastas semelhante onde as três pastas dominantes são as mesmas (I/III/VIII). Estes contextos encontram-se bastante próximos dos Lxs. 110, 115 e A56, ainda que aqui a presença de pasta VIII seja, muito mais, evidente.
- A A52 revela uma hierarquia discrepante em relação aos restantes contextos que é a VIII/III/I, com 38, 25 e 19 %, respectivamente. Podemos observar que é o contexto com maior presença de fragmentos de pasta VIII, com uma baixa presença de pasta I, só comparável ao Lx. 71 e A33 e com uma presença normal de fragmentos de pasta III.

- Os Lxs. 61 e 71 discordam totalmente na hierarquia apresentada no entanto são os únicos contextos onde a pasta X se encontra nas três pastas dominantes. Deste modo e apesar das diferenças cremos que estes contextos se aproximam na qualidade das pastas presentes.
- A A33 revela uma hierarquia discrepante em relação aos restantes contextos que é a III/VI/I, com 26, 24 e 19 %, respectivamente. A presença de 24 % de fragmentos de pasta VI na A33 aproxima-a do Lx. 61, onde estão presentes 25 % de fragmentos de pasta VI.
- De uma forma resumida podemos dizer que: 1) os Lxs. 110, 115, A56, A32 e Lx. 79 são semelhantes nas pastas presentes; 2) Os Lxs. 61 e 71 são semelhantes na presença de pasta X; 3) a A33 e A52 são os contextos mais discrepantes apresentando uma grande quantidade de fragmentos de pastas VI e VIII, respectivamente.

Comparativamente aos contextos estudados das fases I e II podemos observar o seguinte: 1) uma diminuição drástica da presença de fragmentos de pasta X, sendo que apenas, nos Lxs. 61 e 71 – interface com a fase I – esta pasta apresenta uma presença semelhante àquela encontrada nas fases anteriores; 2) as pastas IV e IX de grande importância na fase I encontram-se pouco visíveis na fase II e III-1; 3) as pastas I e III possuem um comportamento semelhante nos contextos da fase II e III-1 sendo que são mais relevantes do que na fase I; 4) presença de uma hierarquia semelhante em contextos da fase II e fase III-1 que é a I/III/VII; 5) maior relevância da pasta III na fase III-1 do que na fase II, quer dizer um maior número de contextos possui percentagens mais elevadas desta pasta na fase III-1 e 6) os contextos da fase III-1 revelam maior homogeneidade do que os contextos da fase II e estes maior homogeneidade do que os da fase I, quer dizer que os conjuntos cerâmicos vão sendo cada vez mais próximos entre si.

- Na fase III-1 e de uma forma global é evidente a importância percentual das pastas I, III, VII, VIII e VI onde é evidente a utilização das pastas VI e VIII, próprias da ocupação da Idade do Ferro e o abandono de pastas tipicamente calcolíticas, IV e X.

2) Na hierarquia de pastas dos recipientes.

Os contextos analisados e integrados na fase III-1 na área norte, revelam os seguintes resultados relativos às pastas dos seus recipientes.

- Na totalidade os recipientes ocorrem nas pastas I, II, III, IV, VI, VII, VIII e X sendo que a A32, Lx. 79 e Lx. 71 são os contextos que apresentam maior variedade de pastas nos recipientes conotados com a Idade do Ferro. Em relação à fase II podemos observar um aumento do número de pastas identificadas em recipientes (bordos e bases), sendo que na fase II estão presentes 5 pastas – I, III, VI, VII e X – e na fase III-1 estão presentes 8 pastas.

- Ordenando os contextos por número de pastas presentes nos recipientes e por ordem crescente, temos: Lx. 110 (2 pastas); Lx. 61 e A56 (3 pastas), Lx. 115, A33 e A52 (4 pastas), Lx. 71 (5 pastas), e A32 e Lx. 79 (6 pastas). Cremos que o número de pastas identificadas nos recipientes não está directamente relacionada com o número de fragmentos por contexto, pois a A52 é o contexto com menor número de fragmentos e ainda assim possui recipientes com 4 pastas diferentes.
- Podemos observar algumas discrepâncias entre os resultados da globalidade dos fragmentos e aqueles dos recipientes no entanto, na generalidade, as pastas mais evidentes na globalidade dos fragmentos são as pastas mais evidentes nos recipientes. Nos contextos Lx. 71, 110, 115, A32, Lx. 79 e A52 as pastas mais evidentes na globalidade dos fragmentos estão de acordo com as pastas mais evidentes nos recipientes. No Lx. 61, a pasta III ganha preponderância nos recipientes sendo que a pasta VI, tão presente na globalidade dos fragmentos, não é representada por recipientes. Na A56 as pasta I e VIII ganham uma relevância que não possuem na globalidade dos fragmentos e na A33, as pastas II, III, IV e VI possuem igual importância nos recipientes.
- Em relação à fase II, podemos observar: 1) a perduração da utilização das pastas I e III; 2) uma diminuição da utilização da pasta X e, 3) uma utilização, clara, das pastas VI e VIII.

3) Na presença de fragmentos de pasta VI distinguem-se os Lxs. 71, 110, 115 e A56 onde esta pasta se encontra ausente sendo que se encontra presente nos restantes contextos. A presença de pasta VI encontra-se entre 9 e 25 %, sendo que os contextos ordenam-se da seguinte forma, por ordem crescente: A52 (9 %), Lx. 79 (14 %), A32 (17 %), A33 (24 %) e Lx. 61 (25 %). Em relação à fase anterior podemos ver um aumento da percentagem de pasta VI, quer no número mínimo quer no número máximo. Na fase II a pasta VI encontra-se entre 5 e 15 % e na fase III-1 subiu, de 9 a 25 %. No entanto o número de contextos que apresentam fragmentos de pasta VI são, percentualmente inferiores aos da fase II. A fase II integra um número inferior de contextos, em relação à fase III-1 no entanto em ambas encontramos 5 contextos estudados individualmente, com a presença de fragmentos de pasta VI. É de notar que alguns contextos integrados nesta fase não apresentam fragmentos desta pasta sendo que tal pode ser devido a várias hipóteses, que colocaremos em local próprio.

4) Na presença de fragmentos de pasta VIII distinguem-se os Lxs. 61, 71 e 115 onde esta pasta se encontra ausente sendo que se encontra presente nos restantes contextos. A presença de pasta VIII encontra-se entre 0,6 e 38 %, sendo que os contextos ordenam-se da seguinte forma, por

ordem crescente: Lx. 110 e A56 (0,6 %), A33 (13 %), A32 (17 %), Lx. 79 (19 %) e A52 (38 %). Na fase II a pasta VIII só foi identificada num contexto – A71 – sendo que na fase III-1 dá-se um aumento muito grande da presença desta pasta (ainda que esteja ausente em alguns contextos).

5) A pasta II encontra-se ausente em todos os contextos estudados da fase III-1, tal como ocorria nos contextos da fase II.

6) N.º de pastas por contexto.

O mínimo de pastas identificadas num contexto integrado nesta fase foi de 5 e o máximo foram 9. Ordenando os contextos daquele com o menor número de pastas para o maior, obtemos a seguinte hierarquia: Lx. 115 e A56 (5 pastas), Lx. 110 e A52 (6 pastas), Lx. 71, A33, A32 e Lx. 79 (7 pastas) e Lx. 61 (9 pastas). Podemos observar que comparativamente às fases anteriores dá-se um decréscimo do número de pastas por contexto que cremos estar relacionado com uma menor mistura dos materiais cerâmicos das diversas ocupações presentes no Crasto de Palheiros. Na fase II o mínimo de pastas identificadas num contexto foi de 6 e o máximo foram 11 sendo que na fase III-1 tanto diminui o número mínimo como o número máximo.

Em resumo a análise de pastas permitiu as conclusões que expomos de seguida.

a) A variedade de pastas não se encontra relacionada com a quantidade de fragmentos por contexto, pois todos os contextos possuem um número significativo de fragmentos sendo que: a A32 e o Lx. 79 excedem os 600 fragmentos e os restantes contextos possuem mais de uma centena de fragmentos.

b) A pouca variedade de pastas presente nos Lxs. 110, 115, A56 e A52 está relacionada com o bom estado de conservação destes contextos e um baixo nível de mistura. Nos contextos 71, 79, A33 e A32 o número de pastas presente é um pouco mais elevado do que nos quatro contextos anteriores acima citados no entanto cremos que todos se encontram bem preservados. O Lx. 61 é o único contexto que revela um número significativo de pastas – 9 – sendo que cremos que este contexto se encontra revolido e integrando materiais cerâmicos de outras ocupações.

c) Os contextos podem ser divididos em dois grandes grupos. Um primeiro grupo diz respeito aos contextos onde as pastas I, III, VII são mais evidentes e onde as pastas VI e VIII se encontram ausentes ou se encontram numa quantidade muito reduzida. Deste modo, compõem o grupo 1 os seguintes contextos: Lxs. 110, 115, A56 e Lx. 71. Um segundo grupo diz respeito aos contextos onde é evidente a utilização das pastas VI e VIII ainda que nem sempre da mesma forma ou com a mesma presença. O grupo 2 é composto pelos seguintes contextos: Lx. 61, A33, A32, Lx. 79 e A52. Dentro deste grupo existem as seguintes discrepâncias: 1) a presença de uma ou outra pasta varia

mas é sempre evidente a sua utilização; 2) a A52 é o contexto com maior presença de pasta VIII, destacando-se dos restantes e 3) o Lx. 61 deveria estar integrado num grupo 1 pois cremos que a presença de fragmentos de pasta VI se deve à mistura com contextos da Idade do Ferro.

b) Análise da mistura dos contextos através das pastas dos recipientes e seus fragmentos

A análise das pastas dos contextos escolhidos da fase III-1 foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: Lx. 61 (est. DXLIX, Q1), Lx. 71 (est. DXLIX, Q1), Lx. 79 (est. DXLIX, Q2), A52 (est. DXLIX, Q2), A56 (est. DLII), A33 (est. DLIII, Q1), A32 (est. DLIII, Q1), Lx. 79 (est. DLIII, Q2) e A52 (est. DLIII, Q2). Como já foi referido a análise da mistura dos contextos é baseada na avaliação de 3 factores sendo que apresentaremos de seguida os resultados obtidos na análise dos contextos analisados.

b1) A A33 não apresenta recipientes calcólicos sendo o contexto, desta fase, com menos mistura de recipientes calcólicos. No entanto este contexto apresenta 10 % de fragmentos potencialmente calcólicos, pois pertencem às pastas IV, IX, X e XI.

b2) O Lx. 71 é o contexto com maior presença de recipientes calcólicos (62 %) bem como aquele com maior presença de fragmentos calcólicos (48 %). Este contexto é considerado aquele com maior nível de mistura seguido do Lx. 61 onde 54 % dos recipientes são calcólicos e onde 34 % dos fragmentos podem ser calcólicos.

b3) Organizando os contextos por ordem decrescente de % de bordos calcólicos temos os seguintes resultados: Lx. 71 (62 %), Lx. 61 (54 %), Lx. 110 (40 %), A56 e A52 (25 %), Lx. 115 (17 %), A32 e Lx. 79 (11 %) e A33 (0 %). Podemos observar que, à excepção dos Lxs. 71 e 61 todos os contextos apresentam uma maioria de recipientes da Idade do Ferro.

b4) Organizando os contextos por ordem decrescente de % de fragmentos de pastas IV, IX, X e XI temos os seguintes resultados: Lx. 71 (48 %), Lx. 61 (34 %), A56 (23 %), A33 (10 %), Lx. 110 (6 %), Lx. 115, A32 e Lx. 79 (4 %) e A52 (2 %).

b5) É de notar que as ordens obtidas nos pontos b3 e b4 são muito semelhantes sendo que só identificamos discrepâncias nas A52 e A33. A A52 possui a presença mais baixa de fragmentos calcólicos no global, mas apresenta uma presença significativa de recipientes calcólicos e a A33 não apresenta recipientes calcólicos mas apresenta fragmentos sem forma de pastas tipicamente calcólicas.

b6) Os contextos de interface – Lxs. 71 e 61 – são aqueles que apresentam maior mistura com conjuntos cerâmicos de ocupações anteriores.

b7) Os contextos com menores níveis de mistura são os Lxs. 110, 115, A32 e Lx. 79. As A56, A33 e A52 revelam alguma mistura ainda que não tão elevada como nos Lxs. 71 e 61.

b8) Em relação à fase anterior é visível um aumento dos bordos da Idade do Bronze e Ferro, com um decréscimo dos bordos calcolíticos e também um decréscimo acentuado da presença de fragmentos, tipicamente, de pastas calcolíticas.

c) Estado de conservação dos fragmentos = Estado de conservação do estrato

A análise do estado de conservação dos fragmentos e estado de conservação do estratos dos contextos escolhidos da fase III-1 foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: Lx. 71 (est. DL), Lx. 61 (est. DL), Lx. 110 (est. DLI), Lx. 115 (est. DLI), A56 (est. DLII), A33 (est. DLIV), A32 (est. DLIV), Lx. 79 (est. DLV) e A52 (est. DLV). Como já foi referido a análise do estado de conservação dos fragmentos e estado de conservação dos estratos dos contextos foi realizada com na avaliação de 4 factores principais, sendo que apresentamos de seguida os resultados obtidos.

c1) A *pasta I* encontra-se presente em todos os contextos analisados sendo que em todos apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

c2) A *pasta II* encontra-se em três dos nove contextos integrados na fase III-1 (A33, A32 e Lx. 79) e em todos apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

c3) A *pasta III* encontra-se presente em todos os contexto analisados sendo que: 1) em todos os contextos apresenta uma maioria de fragmentos com arestas roladas; 2) no Lx. 61 apresenta uma maioria de fragmentos de arestas roladas e pequenas dimensões e 3) nos restantes contextos apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões apesar da presença significativa de fragmentos de arestas roladas.

c4) A *pasta IV* encontra-se presente em quase todos os contextos analisados, à excepção da A52, sendo que: 1) nos Lxs. 61, 71, 115, A33, A32 e Lx. 79 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e 2) no Lx. 110 e A56 apresenta uma maioria de fragmentos de arestas roladas e uma presença significativa de fragmentos de grandes dimensões.

c5) A *pasta VI* encontra-se presente em sete dos nove contextos analisados sendo que: 1) nos Lxs. 61, 110, 115, A33 e A32 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas, 2) no Lx. 79 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma

presença significativa de fragmentos de arestas roladas e 3) na A52 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões.

c6) A *pasta VII* encontra-se presente em todos os contextos analisados sendo que: 1) no Lx. 115 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas; 2) nos lxs. 61, 71, A56, A33, A32 e Lx. 79 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e 3) no Lx. 110 e A52 apresenta uma maioria de fragmentos de arestas roladas ainda que com uma presença significativa de fragmentos de grandes dimensões.

c7) A *pasta VIII* encontra-se apenas em seis dos nove contextos analisados sendo que: 1) no Lx. 110 e A56 apresenta uma maioria de fragmentos de arestas roladas e de pequenas dimensões; 2) na A32 e Lx. 79 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas e 3) na A33 e A52 apresenta uma maioria de fragmentos de arestas vivas e uma presença significativa de fragmentos de grandes dimensões.

c8) A *pasta IX* encontra-se presente, apenas, em dois dos nove contextos analisados (Lxs. 61 e 71) sendo que: 1) no Lx. 61 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e 2) no Lx. 71 apresenta uma maioria de fragmentos de arestas vivas e uma presença significativa de fragmentos de grandes dimensões.

c9) A *pasta X* encontra-se presente em quatro dos nove contextos analisados (Lxs. 61, 71, 79 e A52) sendo que: 1) nos Lxs. 61 e 71 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas e 2) no Lx. 79 e A52 apresenta uma maioria de fragmentos de arestas roladas e de pequenas dimensões.

c10) A *pasta XI* encontra-se presente em dois dos nove contextos analisados (Lxs. 61 e 71) sendo que: 1) no Lx. 71 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e 2) no Lx. 61 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas uma presença significativa de fragmentos de grandes dimensões.

c11) A *pasta XII* encontra-se presente, apenas em um contextos (Lx. 61) sendo que apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

A análise da conservação dos fragmentos nos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões.

– As *pastas I, II e XII* encontram-se muito mal conservadas pois apresentam em todos os contextos onde ocorrem uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas. Consideramos estas pastas as piores conservadas de todas.

- As *pastas IV e VII* encontra-se genericamente mal conservadas. A pasta IV apresenta, em 6 dos 8 contextos onde ocorre, uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e em 2 dos contextos apresenta uma conservação mediana com uma presença significativa de fragmentos de grandes dimensões ainda que com arestas roladas. A pasta VII apresenta em 6 contextos, uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas, em 2 dos contextos apresenta uma conservação mediana com uma presença significativa de fragmentos de grandes dimensões ainda que com arestas roladas e em 1 contexto um boa conservação (no Lx. 115).
- As *pastas III e X* apresentam uma conservação mediana, onde na maioria dos contextos ocorrem fragmentos de grandes dimensões ainda que com arestas roladas. A pasta III apresenta uma má conservação no Lx. 61 (arestas roladas e pequenas dimensões) e nos restantes contextos uma conservação mediana (arestas roladas e grandes dimensões).
- As *pastas VI e VIII* são as mais bem preservadas, pois possuem uma maioria de fragmentos com uma boa conservação das arestas e uma boa dimensão. A pasta VI possui uma boa preservação em 5 contextos (arestas vivas e grandes dimensões), uma má preservação num contexto (arestas roladas e pequenas dimensões) e uma conservação mediana, também em um contexto (arestas roladas e grandes dimensões). A pasta VIII uma boa conservação em 2 contextos, uma preservação mediana, também em 2 contextos e, por último, uma má preservação, também em 2 contextos.
- As *pastas IX e XI* não possibilitam uma caracterização segura.

De seguida definimos, a partir do estado de conservação dos fragmentos, o estado de conservação dos estratos:

- Os contextos pior preservados são os Lxs. 61, 71, 79, A32 e A33 pois apresentam uma maioria de pastas mal conservadas – 4 a 5 pastas com uma maioria de fragmentos de arestas roladas e pequenas dimensões –, algumas pastas medianamente conservadas – uma a três pastas com uma maioria de fragmentos de arestas roladas mas de boas dimensões – e algumas pastas bem conservadas – uma a duas pastas com fragmentos de arestas vivas e boas dimensões.
- Os Lxs. 110, 115 e A52 são os contextos melhor preservados onde 2 pastas se encontram bem preservadas, 1 a 3 pastas encontram-se medianamente conservadas e 1 a 2 pastas encontram-se bem preservadas.
- A A56 é um contexto onde as pastas se repartem de igual forma entre uma boa e má conservação sendo que não é possível concluir, devidamente, o estado de conservação deste contexto.
- O Lx. 61 e a A52 são os únicos contextos que apresentam uma pasta, caracteristicamente, quebrada com uma maioria de arestas vivas e fragmentos de pequena dimensão. No Lx. 61 é a pasta

XII e na A52 é a pasta VI. Cremos que estes contextos podem ter sofrido algum revolvimento pequeno que é mais visível em pastas propensas à quebras, como são as referidas.

A análise global do estado de conservação das arestas e dimensão dos fragmentos nos diversos contextos revelou as seguintes características:

- A presença de arestas roladas (em %) encontra-se entre 28 e 58 % sendo que os contextos organizam-se da seguinte forma (por ordem crescente de arestas roladas): A52 (28 %), Lx. 61 (30 %), A33 (33 %), A32 (40 %), Lx. 79 (42 %), Lx. 115 (52 %), Lx. 110 (56 %) e Lx. 71 e A56 (58 %).
- A presença de arestas vivas (em %) encontra-se entre 5 e 34 % sendo que os contextos organizam-se da seguinte forma (por ordem decrescente de arestas vivas): A52 (34 %), Lx. 61 (31 %), A33 (24 %), Lx. 71 e A32 (16 %), Lx. 115 (14 %), Lx. 79 (13 %), Lx. 110 (10 %) e A56 (5 %).
- A presença de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria 3 (em %) encontra-se entre 17,4 e 30,5 % sendo que os contextos organizam-se da seguinte forma (por ordem decrescente): Lx. 110 (30,5 %), Lx. 115 (30 %), A56 (27,8 %), Lx. 61 (26 %), A52 (23 %), Lx. 79 (18,3 %), Lx. 71 e A32 (18,2 %) e A33 (17,4 %).

Com base nos dados acima referidos concluímos o seguinte.

- A análise revela uma relação proporcional entre as percentagens de arestas roladas e de arestas vivas, quer dizer que quando uma aumenta a outra diminui. As hierarquias obtidas revelam uma ordem semelhante nos contextos sendo que apenas os Lxs. 71 e 79 são um pouco discrepantes nos lugares que ocupam em cada hierarquia. Estas pequenas diferenças podem dever-se às percentagens de arestas roladas e vivas de cada contexto e a pequenas diferenças que existem entre os contextos.
- A análise não revela uma relação proporcional entre o tipo de arestas e o tamanho dos fragmentos, sendo que contextos com uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões podem ou não possuir uma maioria de arestas vivas.
- Comparando os dados obtidos nesta análise mais geral com aqueles conseguidos na análise de conservação das pastas, mais pormenorizada, podemos constatar que os resultados são diferentes. Quer dizer, os resultados da análise pormenorizada de pastas é genericamente coincidente com a análise geral da dimensão dos fragmentos no entanto é divergente em relação à análise geral do estado de conservação das arestas. Este facto está relacionado com a noção que temos que um contexto bem preservado tem forçosamente que ter fragmentos grandes ainda que não tenha que possuir uma maioria de fragmentos com arestas vivas.

d) Tratamentos de superfície

A análise dos tratamentos de superfícies presentes nos fragmentos dos contextos integrados na fase III-1 na área norte foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: Lx. 61 (est. DLVI, Q1), Lx. 71 (est. DLVI, Q2), Lx. 110 (est. DLVII, Q1), Lx. 115 (est. DLVII, Q2), A56 (est. DLVIII, Q1), A33 (est. DLVIII, Q2), A32 (est. DLIX), Lx. 79 (est. DLX, Q1) e A52 (est. DLX, Q2). Como já foi referido a análise dos tratamentos de superfície realizada sobre a área norte é baseada em 4 factores de avaliação sendo que são os mesmos que foram usados na avaliação dos tratamentos de superfície da fase I na área norte.

A análise dos tratamentos de superfície revelou as seguintes características.

- Os nove contextos analisados da fase III-1 da área norte apresentam grande variedade formal e distributiva nos tratamentos de superfície presentes nas superfícies externas. O Lx. 71 apresenta dois tipos de tratamentos (o alisado e o polido), o Lx. 115 e a A56 apresentam três tipos (polido, alisado e rugoso), o Lx. 61 apresenta quatro tipos (alisado, polido, rugoso e cepilhado), a A52 apresenta 5 tipos (polidos, alisados, rugosos, cepilhados e brunidos) e, por último, o Lx. 110, A32, A33 e Lx. 79 apresenta 6 tipos (alisados, areados, polidos, rugosos, cepilhados e brunidos).
- Nas superfícies externas encontramos uma maioria de polidos em seis dos nove contextos analisados (Lx. 61, 71, 110, 115, A56 e A52). No entanto no geral a percentagem de polidos é inferior à de alisados, pois os contextos com maior número de fragmentos possuem uma maioria de superfícies externas alisadas (A32, A33 e Lx. 79). A presença de polidos externos encontra-se entre 41 e 66 %, A52 e Lx. 61 respectivamente e a presença de alisados externos encontra-se entre 51 e 58 %, A32 e A33, respectivamente. Na soma de todos os contextos os alisados correspondem a 44 % e os polidos a 38 %.
- Ordenando os contextos por ordem crescente de polidos externos temos a seguinte hierarquia: A52 (41 %), Lx. 110 (42 %), A56 (45 %), Lx. 71 (49 %), Lx. 115 (59 %) e Lx. 61 (66 %). Ordenando os contextos por ordem crescente de alisados externos temos a seguinte hierarquia: A32 (51 %), Lx. 79 (52 %) e A33 (58 %). Podemos observar que o intervalo da presença de polidos sobe em relação aos contextos da fase II, sendo que continua mais baixo do que os da fase I. O intervalo de presença de alisados externos também sobe em relação à fase anterior. Podemos concluir que na fase II a distribuição dos tratamentos de superfície é mais homogénea dentro de cada contexto sendo que na fase III-1 é mais díspar. Quer dizer que, na fase III-1, um tratamento de superfície maioritário possui uma percentagem elevada de fragmentos, distinguindo-se dos outros tratamentos de forma evidente.

- À exceção do Lx. 71, todos os contextos apresentam areados, cepilhados e/ou rugosos sendo que ordenando os contextos por ordem crescente de areados, cepilhados e/ou rugosos externos temos a seguinte hierarquia: A56 (0,57 %), Lx. 115 (1,27 %), Lx. 79 (5,15 %), A32 (5,16 %), A33 (9,03 %), Lx. 110 (10,13 %), Lx. 61 (10,96 %) e A52 (23,96 %). O tratamento de superfície areado ocorre nos Lxs. 110 e 79 e nas A32 e A33, o tratamento de superfície cepilhado não ocorre na A56, Lx. 115 e Lx. 71 e o tratamento de superfície rugoso não ocorre no Lx. 71. Na soma de todos os contextos os areados, cepilhados e/ou rugosos possuem uma presença de 5,26 %.
- Em resumo, os Lxs. 71, 115 e A56 destacam-se pela presença de alisados e polidos, a A32 e o Lx. 79 destacam-se pela presença de rugosos e cepilhados e a A53 e A33 destacam-se pela presença de cepilhados e areados para além da presença de rugosos externos.
- Observamos que em todos os contextos, o tratamento de superfície externo dominante é concordante com as conjugações de superfície dominantes, quer dizer um contexto em que os polidos são majoritários possui uma primeira conjugação de tratamentos de superfície em que o polido externo é majoritário, por ex. Pol/Pol ou Pol/Alí.
- Os contextos foram divididos em dois grandes grupos de características diferentes. O 1º grupo possui a conjugação Pol/Pol como dominante sendo que a sua presença encontra-se entre 28 e 53 %. O 2º grupo possui a conjugação Alí/Pol como dominante sendo que a sua presença encontra-se entre 33 e 37 %.
- O 1º grupo é composto pelos seguintes contextos: Lx. 61, 71, 110, 115, A56 e A52. Do Primeiro grupo os Lxs. 71, 110, 115 e A56 são bastante semelhantes, quer na hierarquia apresentada que na percentagem de cada conjugação de tratamento de superfície. Estes 4 contextos possuem a seguinte hierarquia: Pol/Pol (28 a 30 %); Alí/Alí (15 a 29 %); Pol/Alí (13 a 19 %) e Alí/Pol (9 a 18 %). O Lx. 61 destaca-se pela presença muito alta da conjugação Pol/Pol (53 %) e a A52 destaca-se pela presença da conjugação Rug/Pol (22 %) em segundo lugar.
- O 2º grupo é composto pelos seguintes contextos: A32, A33 e Lx. 79, sendo que todos eles são bastante semelhantes entre si. A hierarquia obtida é a seguinte: Alí/Pol (33 a 37 %), Alí/Alí (17 a 18 %), Pol/Alí (15 a 18 %), Pol/Pol (8 a 14 %).

As conclusões relativas à fase III-1 são o resultado de uma análise ponderada dos resultados individuais de todos os contextos pois não foi realizada a soma dos mesmos como uma totalidade. Deste modo obtivemos as seguintes premissas.

- Não se verifica uma relação proporcional entre os tratamentos de superfície areado, cepilhado e/ou rugoso (como grupo) e o alisado. Quer dizer que contextos com uma presença elevada de

alisados podem possuir ou não uma presença elevada de areados, cepilhados e/ou rugosos. Também observamos que não há uma relação proporcional entre eles, quer dizer, os alisados não substituem os areados, cepilhados e/ou rugosos ou o inverso.

– Podemos dizer que existe, genericamente, uma relação entre os vários tratamentos de superfície num mesmo contexto, quando uns são maioritários outros são minoritários, no entanto não há uma relação proporcional que se revele da mesma forma em todos os contextos. Podemos lançar a hipótese interpretativa que não há a substituição de uns tratamentos de superfície por outros.

– Deste modo, os contextos: A33, A32 e Lx. 79 destacam-se pela presença de alisados (de uma forma maioritária) e uma baixa presença de areados, cepilhados e/ou rugosos. Os Lxs. 71, 115 a A56 destacam-se pela presença de polidos e baixa presença de areados, cepilhados e/ou rugosos. Os Lxs. 61 e 110 destacam-se pela presença de polidos e por uma presença baixa – mas significativa, à volta de 10 % – de areados, cepilhados e/ou rugosos. E, por último, a A52 destaca-se pela maior presença de areados, cepilhados e/ou rugosos, cerca de 24 %.

e) Diversidade da cor nos fragmentos / Tipos de cozedura / Uso e deposição

A análise da diversidade de cor foi realizada em todos os contextos da fase III-1 da área norte com base nas respectivas estampas, a saber: Lx. 61 (estampas DLXI e DLXX), Lx. 71 (estampas DLXII e DLXXI), Lx. 110 (estampas DLXIII e DLXXII), Lx. 115 (estampas DLXIV e DLXXIII), A56 (estampas DLXV e DLXXIV), A33 (estampas DLXVI e DLXXV), A32 (estampas DLXVII e DLXXVI), Lx. 79 (estampas DLXVIII, DLXXVIII e DLXXIX) e A52 (estampas DLXIX e DLXXX). Como já foi referido a análise dos tipos de cor é baseada na avaliação de nove factores de análise sendo que os contextos são agrupados consoante as suas características.

Com base na avaliação dos pontos 1, 2 e 3 (Tipos de cor predominantes nos cernes e sua evolução : 1º, 2º e 3º lugares) podemos observar o seguinte.

– Todos os contextos analisados da fase III-1 possuem uma maioria de fragmentos de cerne negro, sendo que organizados da menor para a maior percentagem temos: Lx. 61 (44 %), Lx. 110 e A33 (47 %), A56 (48 %), A32 (51 %), Lx. 79 (53 %), Lx. 71 (54 %), Lx. 115 (56 %) e A52 (61 %).

– Na totalidade dos contextos o tipo de cor P está compreendido entre 44 e 61 %, o tipo de cor VE está compreendido entre 22 e 32 % e o tipo de cor C está compreendido entre 13 e 22 %. Comparativamente aos contextos da fase II podemos observar um descida, ligeira, do tipo de cor P, uma descida ainda acentuada do tipo de cor C e uma subida do tipo VE.

– Quase todos os contextos, à excepção dos Lxs. 71 e 110, possuem uma hierarquia de cores presente nos cernes correspondente a P, VE, C, 1º, 2º e 3º lugar respectivamente. O tipo P está

compreendido entre 44 e 61 %, o tipo VE entre 22 e 32 % e o tipo C entre 13 e 22 %. Os intervalos das presenças dos tipos de cor correspondem ao da totalidade dos contextos. Em comparação à fase anterior podemos observar um aumento exponencial de contextos com uma hierarquia P-VE-C que na fase II só foi identificada no Lx. 99, com 42, 27 e 24 %, respectivamente.

– Os Lxs. 71 e 110 possuem uma hierarquia P-C-VE com as seguintes presenças: no tipo P, 54 e 47 %, respectivamente; no tipo C, 22 e 24 %, respectivamente e no tipo VE, 15 e 16 % respectivamente.

– Como os contextos são muito semelhantes optamos por observar em pormenor as percentagens de cada tipo de cor nos cernes. Desse modo, podemos observar algumas diferenças que afinam os resultados acima obtidos. Deste modo, concluímos o seguinte.

a) Os Lxs. 71 e 110 agrupam-se pois possuem a mesma hierarquia de cores – P, C e VE – sendo que possuem valores percentuais, também, muito semelhantes. O tipo P é representado por 54 e 47 % (respectivamente), o tipo C é representado por 22 e 24 % (respectivamente) e, por último, o tipo VE é representado por 15 e 16 % (respectivamente).

b) Os Lxs. 61, 115 e a A56 agrupam-se pois possuem a mesma hierarquia de cores – P, VE e C – e valores percentuais também semelhantes. O tipo P é representado por 44, 56 e 48 % (respectivamente), o tipo VE é representado por 23, 22 e 23 % (respectivamente) e, por último, o tipo C é representado por 22, 20 e 16 % (respectivamente). Em relação ao primeiro grupo (ponto a) vemos diferenças nas quantidades de fragmentos de cor C e VE, sendo que a quantidade de fragmentos de cerne de tipo P é, sensivelmente, a mesma em todos os contextos.

c) As A33, A32 e Lx. 79 agrupam-se pois possuem a mesma hierarquia de cores – P, VE e C – e valores percentuais também semelhantes. O tipo P é representado por 47, 51 e 53 % (respectivamente), o tipo VE é representado por 32, 30 e 28 % (respectivamente) e, por último, o tipo C é representado por 15, 14 e 13 % (respectivamente). Vemos em relação ao grupo 2 (ponto b) uma maior presença do tipo VE, uma menor presença do tipo C e uma presença semelhante do tipo P.

d) A A52 é o contexto mais discrepante de todos pois apesar de possuir uma hierarquia P, VE e C apresenta valores percentuais bastante discrepantes em relação aos grupos já descritos. Neste contexto o tipo P é representado por 61 % dos fragmentos, o tipo VE por 22 % e o tipo C por 13 %. Neste contexto encontramos a presença mais baixa do tipo C, a mais alta do tipo P e uma das mais baixas do tipo VE (equivalente ao Lx. 115).

A avaliação dos restantes tipos de cores presentes nos cernes – ou aqueles com menor representatividade (ponto 8) – revelou o seguinte.

– Os Lxs. 71 e 110 continuam semelhantes entre si (em relação à avaliação dos pontos 1, 2 e 3), pois possuem uma hierarquia A–B–VC sendo que o tipo A é representado por 1 e 4 %, respectivamente, o tipo B é representado por 3 e 4 %, respectivamente e o tipo VC é representado por 5 e 4 %, respectivamente.

– Os Lxs. 61 e 115 continuam semelhantes entre si (em relação à avaliação dos pontos 1, 2 e 3), pois possuem uma hierarquia B–A–VC sendo que o tipo B é representado por 3 e 1 %, respectivamente, o tipo A é representado por 3 e 2 %, respectivamente e o tipo VC é representado, apenas, no Lx. 61 e por 4 % dos cernes dos fragmentos. A A56 fazia parte do grupo 2 (da avaliação dos pontos 1, 2 e 3) no entanto neste factor de avaliação é ligeiramente discrepante dos Lxs. 61 e 115. a A56 possui a hierarquia B–VC–A, sendo que pode ser agrupada com outros contextos, que possuem também esta hierarquia. No entanto os valores percentuais presentes nos tipos VC e A são bastante superiores àqueles presentes nos contextos que representam a hierarquia B–VC–A. Deste modo, consideramos a A56 um contexto discrepante dentro da avaliação do ponto 8.

– As A33, A32 e Lx. 79 continuam semelhantes entre si (em relação à avaliação dos pontos 1, 2 e 3), pois possuem uma hierarquia B–VC–A sendo que o tipo B é representado, em todos os contextos, por 1 % dos fragmentos, o tipo VC é representado por 1 e 2 % e o tipo A é representado por 3 e 2 % dos cernes dos fragmentos.

– Na A52 as cores minoritárias nos cernes são o tipo A (1 %) e o tipo B (3 %) sendo que o tipo VC se encontra ausente. Deste modo a A52 é o contexto mais discrepante mantendo-se isolada.

A presença destes três tipos de cores minoritários ocorre da seguinte forma: 1) o tipo B está compreendido, nas superfícies internas, de 0 a 6 % e nas superfícies externas de 0 a 5 %; 2) o tipo VC está compreendido, nas superfícies internas, de 0 a 14 % e nas superfícies externas de 1 a 14 % e 3) o tipo A está compreendido, nas superfícies internas, de 9 a 19 % e nas superfícies externas de 11 a 24 %. Podemos ver que o tipo de cor A encontra-se sempre presente de uma forma bastante significativa nas superfícies dos fragmentos sendo que tal é bastante visível em todos os contextos, à excepção dos Lxs. 110 e 115.

A análise das cores presentes nos recipientes relacionados com a ocupação da Idade do Bronze e/ou Ferro (ponto 7) permitiu observar o seguinte.

– Os Lxs. 71 e 110 (agrupados nos pontos 1, 2, 3 e 8) possuem uma maioria de recipientes de cernes negros (67 %) com uma maioria de superfícies de cores escuras, tipos C e P.

– O Lx. 115 e a A56 (agrupados nos pontos 1, 2, 3 e 8) possuem uma maioria de recipientes de cernes negros (de 60 a 78 %) com uma maioria de superfícies de cores de tipos VE e A. O Lx. 61 que faz parte deste grupo na avaliação dos pontos 1, 2, 3 e 8 difere do Lx. 115 e da A56 na quantidade de cernes negros presentes nos recipientes. No Lx. 61, o tipo de cor VE é maioritário nos cernes.

– As A33, A32, Lx. 79 e A52 possuem tipo de cores semelhantes quer nos cernes quer nas superfícies dos recipientes. Estes contextos possuem mais de 25 % dos recipientes com cernes de tipo VE sendo que nas superfícies, quer interna quer externa, este tipo de cor, também, é bastante significativo.

A avaliação das conjugações de cores e sua hierarquia presentes em cada contexto (ponto 4) revelou os seguintes resultados.

– Os contextos da fase III-1 na área norte revelam algumas discrepâncias nas hierarquias de conjugações de cores a par de diferentes quantidades para cada conjugação de cor. Quer dizer, são raros os contextos totalmente semelhantes quer na hierarquia apresentada quer na percentagem de cada conjugação. Deste modo optamos por agrupar os contextos a partir das conjugações dominantes, sem termos em conta, totalmente, a hierarquia apresentada e valorizando os tipos de cores de cada conjugação. Quer dizer que contextos que apresentam uma maioria de conjugações que contenham os tipos C e P são agrupados e contextos que apresentem uma maioria de conjugações que contenham o tipo VE são agrupados noutra grupo.

– Os Lxs. 61, 71, 110 e 115 são semelhantes nas conjugações de cor (maioritárias) que apresentam sendo que é evidente a importância dos tipos de cor P e C e com muito menor importância o tipo VE e A. Nestes contextos as conjugações maioritárias são as seguintes: C-C-C, P-P-P, C-P-C e VE-VE-VE. A hierarquia acima apresentada é uma conjugação das hierarquias apresentadas nos 4 contextos.

– As A56, A33, A32, Lx. 79 e A52 são semelhantes nas conjugações de cor (maioritárias) que apresentam sendo que é evidente a importância dos tipos de cor VE, P e A (por esta ordem). Nestes contextos as conjugações maioritárias são as seguintes: VE-VE-VE, P-P-P, A-P-A e VE-P-VE. A hierarquia acima apresentada é uma conjugação das hierarquias apresentadas nos 5 contextos. Dos 5 contextos a A56 é o mais discrepante, pois o tipo de cor C revela alguma importância.

– Com base nos grupos acima indicados podemos observar que: 1) os contextos que possuem maior quantidade de cernes negros ou castanhos-escuros são aqueles que apresentam presença de conjugações de cor com estes tipos de cor – Lxs. 61, 71, 110 e 115; 2) os contextos que possuem

uma grande visibilidade de cernes de tipo VE possuem, também, conjugações de cor ou este tipo está presente ou onde estão presentes outros tipos de cor que não os tipos P e C; 3) cremos existir uma relação entre as conjugações de cor presentes em cada contexto e os tipos de cor maioritários nos cernes, pois a cor nos cernes deve ser o factor de maior influencia na cor das superfícies e 4) cremos existir uma relação entre os tipos de cor VE, VC e A pois os contextos que apresentam maior presença do tipo VE possuem também uma boa visibilidade dos tipos A e VC.

A avaliação dos tipos de cores presentes nas superfícies dos fragmentos de cernes negro (ponto 5) permite intuir processos de descoloração sofrida pelos fragmentos cerâmicos. A análise deste factor revelou os seguintes resultados.

– O Lx. 115 é o único contexto em que os fragmentos de cerne negro possuem uma maioria de superfícies externas também negras. Neste contexto 56 % dos fragmentos possuem cerne negro e 25 % possuem cerne e superfície externa de tipo P (cerca de 45 % dos fragmentos de cerne negro possuem superfícies externa, também, negras).

– O Lx. 61 revela uma distribuição igualitária entre os tipos P, C e A. Neste contexto 44 % dos fragmentos possuem cernes de tipo P e 36 % dos fragmentos possuem cernes de tipo P e superfícies externas de tipo P, C e A (12 % em cada sendo que cerca de 27 % dos fragmentos de cerne negro possuem superfícies externa, também, negras).

– Os Lxs. 71, 110 e A56 revelam uma maior quantidade de cerâmicas de coloração, tendencialmente, escura, sendo evidente a importância do tipo C. Nestes contextos 54, 47 e 48 % dos fragmentos, respectivamente, possuem cernes negros (tipo P), sendo que, 21, 19 e 16 % (respectivamente) possuem cerne de tipo P e superfícies externas de tipo C. No Lx. 71 cerca de 11 % dos fragmentos de cerne negro possuem superfícies externa, também, negras, no Lx. 110 cerca de 34 % dos fragmentos de cerne negro possuem superfícies externa, também, negras e na A56 cerca de 15 % dos fragmentos de cerne negro possuem superfícies externa, também, negras.

– As A33, A32, A52 e Lx. 79 revelam uma maior quantidade de cerâmicas de coloração, tendencialmente, mais clara, sendo evidente a importância do tipo A e VE. Nestes contextos 47, 51, 53 e 61 % dos fragmentos, respectivamente, possuem cernes negros (tipo P), sendo que, 13, 13, 14 e 19 % (respectivamente) possuem cerne de tipo P e superfícies externas de tipo A (sendo este o tipo de cor maioritário). Na A33 cerca de 26 % dos fragmentos de cerne negro possuem superfícies externa, também, negras, na A32 cerca de 24 % dos fragmentos de cerne negro possuem superfícies externa, também, negras, na A52 cerca de 25 % dos fragmentos de cerne negro possuem superfícies externa, também, negras e no Lx. 79 cerca de 23 % dos fragmentos de cerne negro possuem superfícies externa, também, negras.

– Todos os contextos revelam uma maioria de fragmentos de cernes de tipo P com superfícies internas com o mesmo tipo de cor sendo que 35 a 64 % dos fragmentos de cerne negro possuem superfícies internas negras. Podemos observar que apenas 11 a 45 % dos fragmentos possuem cerne negro e superfícies externas negras.

Como podemos observar que a descoloração dos fragmentos ocorre de um modo diferente nas superfícies externas e internas sendo que cremos que a descoloração dos mesmos se deve aos processos de manufactura e uso. Deste modo, cremos que algumas das características encontradas se devem ao conjunto cerâmico e não a factores pós-deposicionais relacionados com o estrato. Quer dizer que se a descoloração dos fragmentos fosse o resultado único do processo pós-deposicional as a cor das superfícies internas e externas dos fragmentos deveria possuir as mesmas características. Assim, podemos concluir o que expomos de seguida.

a) Os Lxs. 115, 61 e 110 revelam uma coesão interna, onde são evidentes as cores escuras, negros e castanhos-escuros (tipos P e C, por esta ordem de importância). Estes contextos possuem as presenças mais altas do tipo P quer nas superfícies externas (de 27 a 45 %), quer nas superfícies internas (de 52 a 59 %).

b) O Lx. 71 e A56 revelam a importância dos tipos C e A, sendo que a maioritária é o tipo C. Estes contextos possuem as presenças mais baixas do tipo P nas superfícies externas (11 e 15 %) e nas superfícies internas (35 e 44 %).

c) As A33, A32, A52 e Lx. 79 revelam a importância dos tipos A, P e VE, sendo que a maioritária é o tipo A. Estes contextos possuem presenças medianas do tipo P quer nas superfícies externas (de 23 a 26 %), quer nas superfícies internas (cerca de 50 % em quase todos os contextos). O Lx. 79 é o mais discrepante dos 4 contextos pois cerca de 64 % dos fragmentos de cerne negro possuem superfícies internas da mesma cor.

No ponto 6 analisamos os contextos consoante as presenças (percentagens) de fragmentos de cerne de tipo P com superfícies de tipo C e fragmentos de cerne de tipo C com superfícies de tipo P. A avaliação deste factor revelou os seguintes resultados:

– Se ordenarmos os contextos consoante o resultado do índice usado ($C\ P_s/P\ C_s$) e por ordem crescente obtemos a seguinte ordem: Lx. 115 e A56 (índice = 0,03); Lx. 110 (0,19); Lx. 71 (0,21); Lx. 61 (0,25); A52 (0,33), Lx. 79 (0,57 %), A32 (0,64 %) e A33 (0,69) O valor mais baixo corresponde a contextos que possuem grande quantidade fragmentos cerâmicos de cerne negro com superfícies de tipo de cor C e pouca quantidade de fragmentos de cerne de tipo C com superfícies de tipo P. O valor mais alto corresponde a contextos onde ocorre o contrário. O índice é a relação entre

os dois valores, quanto mais afastados se apresentam os valores, mais o índice se aproxima do valor 0 e quanto mais próximos se encontram os valores, mais o índice se aproxima do valor 1.

O estudo comparativo dos resultados obtidos nos pontos 5 e 6 revelam o seguinte.

a) Parece existir uma relação entre os resultados obtidos no ponto 5 e aqueles do ponto 6. Os contextos da fase III-1 dividem-se, ao nível da cor, em dois grandes grupos, o 1º grupo diz respeito aos contextos onde os tipos P e C são dominantes (Lxs. 61, 71, 110, 115 e A56) e o 2º grupo diz respeito aos contextos onde os tipos VE e A se encontram muito presentes, quer nos cernes quer nas superfícies (A33, A32, A52 e Lx. 79). No ponto 6 podemos ver que os contextos que apresentam uma maior diferença entre a quantidade de cernes castanhos-escuros e a quantidade de cernes negros são os do 1º grupo e os contextos que apresentam uma menor amplitude entre a quantidade de cernes castanhos-escuros e a quantidade de cernes negros são os do 2º grupo. Dentro de cada grupo há diferenças pontuais de preservação mas, globalmente, os resultados dos pontos de avaliação 5 e 6 são coincidentes.

b) Tendo em conta as características dos contextos apresentadas no ponto 6, ordenamos os contextos por ordem decrescente (daquele que cremos ser o mais bem preservado para o pior preservado): A56, Lx. 115, 71, 110, 61, A52, A32, A33 e Lx. 79.

c) Cremos que a comparação dos resultados dos pontos 5 e 6 permite observar de uma forma mais pormenorizada o comportamento da cor dos fragmentos e qual a influencia dos processos de manufactura, uso e pós-deposicionais.

Apresentamos de seguida os resultados da avaliação conjunta dos fragmentos com cores concordantes e da diversidade de conjugações presente nos contextos em estudo (ponto 9). Este factor de avaliação está relacionado com a compreensão do estado de conservação dos fragmentos e dos estratos. Foram os seguintes os resultados obtidos.

– Ordenando os contextos da mais baixa preservação de cor para a mais alta, obtemos a seguinte hierarquia: Lx. 79 (31 %), Lx. 71 e A32 (32 %), A52 e A33 (36 %), Lx. 61 (40 %), A56 (44 %), Lx. 110 (56 %) e Lx. 115 (62 %).

– Ordenando os contextos da maior diversidade de cor para a menor, obtemos a seguinte hierarquia: Lx. 79 (34 %), A32 (33 %), Lx. 61 e Lx. 71 (32 %), A33 (29 %), A52 (17 %), A56 (14 %), Lx. 110 (13 %) e Lx. 115 (11 %).

– Podemos observar que as hierarquias obtidas num e noutra factor de avaliação são muito semelhantes, à excepção do Lx. 61 e A52, que se revelam mais discrepantes que os restantes

contextos. Deste modo ordenando os contextos do mais bem preservado para o pior preservado temos: Lx. 115, 110, A56, A52, Lx. 61, A33, A32, Lx. 71 e 79.

– Os resultados da avaliação do ponto 9 não são, totalmente, concordantes com os resultados obtidos nas avaliações dos pontos 5 e 6. No entanto podemos concluir que os Lxs. 110, 115, 61, A52 e A56 são os contextos melhor preservados ao nível da cor e os Lxs. 71, 79, A32 e A33 são os contextos pior preservados.

f) Espessuras presentes nos fragmentos e recipientes / Evolução da espessura das pastas

A análise das espessuras presentes nos fragmentos e recipientes foi realizada a todos os contextos da fase III-1 e com base nas seguintes estampas: Lx. 61 (estampa DLXXXI, Q1), Lx. 71 (estampa DLXXXI, Q2), Lx. 110 (estampa DLXXXII, Q1), Lx. 115 (estampa DLXXXII, Q2), A56 (estampa DLXXXIII, Q1), A33 (estampa DLXXXIII, Q2), A32 (estampa DLXXXI, Q1), Lx. 79 (estampa DLXXXIV, Q2) e A52 (estampa DLXXXV, Q1).

A análise da espessura dos fragmentos é baseada nos resultados individuais de cada contexto pois não foram realizados gráficos globais que correspondessem à totalidade da fase. As pastas cerâmicas possuem comportamentos diferentes em cada contexto sendo que as conclusões finais atenderão a uma média comportamental das pastas presentes.

A análise das espessuras presentes nos fragmentos e recipientes revelou os seguintes resultados:

– A *pasta I* encontra-se presente em todos os contextos analisados e é representada, no total, por 631 fragmentos. Na maioria dos contextos, sendo a exceção o Lx. 61, possui um número suficiente de fragmentos de modo a constituir uma linha evolutiva (visível no gráfico de evolução das pastas). Na maioria dos contextos, os fragmentos de pasta I possuem uma maioria de cat. 3 sendo que as categorias encontram-se entre as categorias 2 e 7. Ordenando os contextos daqueles com espessuras mais finas para as mais grossas, temos: A52, A56, A33, Lx. 115, 79, 71, A32 e Lx. 110. Chegamos a esta hierarquia através da comparação dos valores em cada categoria, por exemplo: na A52 os fragmentos de cat. 4 equivalem a 18 % dos de cat. 3 e os de cat. 2 equivalem, também, a 18 dos de cat.3 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 5 e no Lx. 110, os fragmentos de cat. 4 equivalem a 73 % dos de cat. 3 e os de cat. 2 equivalem a 30 % dos de cat. 3 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 7.

- A *pasta II* encontra-se presente em três dos nove contextos analisados (A33, A32 e Lx. 79) e é representada, no total, por 95 fragmentos. A avaliação a partir de uma linha evolutiva (visível no gráfico de evolução das pastas) só é possível na A32 e Lx. 79. Ambos os contextos revelam, naturalmente, as mesmas características, sendo que os fragmentos desta pasta encontram-se entre as categorias 1 e 3 com uma maioria na cat. 2, sendo que os fragmentos das categorias 1 e 3 equivalem a 20 % dos de cat.3. Consideramos esta pasta de espessuras muito finas.
- A *pasta III* encontra-se presente em todos os contextos analisados sendo possível construir um gráfico evolutivo em todos eles. A pasta III é representada por 476 fragmentos distribuídos de diferentes formas de acordo com os contextos onde está integrada. Ordenando os contextos daqueles com espessuras mais finas para as mais grossas, temos: Lx. 71, 110, A56, A32, Lx. 115, 79, 61, A33 e A52. Chegamos a esta hierarquia através da comparação dos valores em cada categoria, por exemplo: no Lx. 71 os fragmentos de cat. 4 equivalem a 50 % dos de cat. 3 e os de cat. 2 equivalem a 9 dos de cat.3 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 6 e no Lx. 110, os fragmentos de cat. 5 equivalem a 25 % dos de cat. 4 (que neste contexto é maioritária) e os de cat. 3 equivalem a 63 % dos de cat. 4 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 9.
- A *pasta IV* está presente em quase todos os contextos analisados, à exceção da A52, sendo que apresenta um número muito reduzido de fragmentos no Lx. 115 não permitindo a construção de um gráfico evolutivo. A pasta IV é representada por 210 fragmentos distribuídos de uma forma díspar de acordo com o número reduzido de fragmentos presente em cada contexto. Ordenando os contextos daqueles com espessuras mais finas para as mais grossas, temos: A33, A32, Lx. 79, 71, 110, 61 e A56. Chegamos a esta hierarquia através da comparação dos valores em cada categoria, por exemplo: na A33 os fragmentos de cat. 4 equivalem a 18 % dos de cat. 3 e os de cat. 2 equivalem a 9 % dos de cat.3 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 4 e na A56, os fragmentos de cat. 6 equivalem a 33 % dos de cat. 5 (que neste contexto é maioritária) e os de cat. 4 equivalem a 93 % dos de cat. 5 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 3 e a 7.
- A *pasta V* encontra-se ausente dos contextos da fase III-1 na área norte.
- A *pasta VI* encontra-se em quase todos os contextos, à exceção do Lx. 71 e da A56, sendo que se encontra em número muito reduzido no Lx. 115. Esta pasta é representada por 304 fragmentos distribuídos de forma bastante díspar tal como ocorre em quase todas as pastas. Ordenando os contextos daqueles com espessuras mais finas para as mais grossas, temos: Lx. 110, A33, Lx. 61, 79, A32 e A52. Chegamos a esta hierarquia através da comparação dos valores em cada categoria,

por exemplo: no Lx. 110 os fragmentos de cat. 3 equivalem a 63 % dos de cat. 2 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 4 e na A52, os fragmentos de cat. 5 equivalem a 25 % dos de cat. 4 (que neste contexto é maioritária) e os de cat. 3 equivalem a 75 % dos de cat. 4 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 3 e a 6.

– A *pasta VII* encontra-se presente em todos os contextos analisados no entanto nos Lxs. 61 e 115 apresenta um número insuficiente de fragmentos que não permitem a construção de gráficos evolutivos. Esta pasta é representada por 157 fragmentos distribuídos de forma díspar pelos contextos. Os contextos ordenam-se da seguinte forma (por ordem crescente; das espessuras mais finas para as mais espessas): A33, A32, Lx. 79, 71, A56, A52 e Lx. 110. Para exemplificar a nossa hierarquia podemos dizer que: na A33 os fragmentos de cat. 3 e 5 equivalem a 20 % dos de cat. 4 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 3 e a 7 e no Lx. 110, os fragmentos de de cat. 6 equivalem a 29 % dos de cat. 5 (que neste contexto é maioritária) e os de cat. 4 equivalem a 57 % dos de cat. 5 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 3 e a 13.

– A *pasta VIII* encontra-se em quase todos os contextos, à excepção dos Lxs. 61, 71 e 115 sendo que o Lx. 110 e a A56 apresentam um número muito reduzido de fragmentos não sendo possível a caracterização das espessuras através de gráficos evolutivos. Esta pasta é representada por 293 fragmentos distribuídos de forma díspar pelos contextos. Os contextos ordenam-se da seguinte forma (por ordem crescente; das espessuras mais finas para as mais espessas): A33, A52, Lx. 79 e A32. Para exemplificar a nossa hierarquia podemos dizer que: na A33 os fragmentos de cat. 3 e 4 estão em igual número e os de cat. 2 equivalem a 57 % dos de cats. 3 e 4 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 5 e na A32, os fragmentos de de cat. 4 equivalem a 89 % dos de cat. 3 e os de cat. 2 equivalem a 11 % dos de cat. 3 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 3 e a 6.

– A *pasta IX* encontra-se em dois dos nove contextos integrados na fase III-1 – Lxs. 61 e 71 – sendo que em um – Lx. 61 – não é possível a caracterização da espessura dos fragmentos através da construção de gráficos evolutivos. Esta pasta é representada por 21 fragmentos. No Lx. 71, os fragmentos de pasta IX encontram-se compreendidos entre 3 e 5 e com uma maioria na cat. 3. Os fragmentos de cat. 4 equivalem a metade dos de cat. 3.

– A *pasta X* encontra-se presente em dois dos nove contextos integrados na fase III-1 – Lxs. 61 e 71 –, sendo representada por 80 fragmentos. Destes contextos o Lx. 61 é aquele que apresenta espessura um pouco mais finas. No Lx. 61, os fragmentos de pasta X encontram-se compreendidos

entre 2 e 6 e com uma maioria na cat. 3. Os fragmentos de cat. 5 equivalem a 13 % dos de cat. 4 e os fragmentos de cat. 3 equivalem a 88 % dos de cat. 4.

– A *pasta XI* encontra-se presente em dois dos nove contextos integrados na fase III-1 – Lxs. 61 e 71 –, sendo representada por 24 fragmentos. Destes contextos o Lx. 71 é aquele que apresenta espessura um pouco mais fina. No Lx. 71, os fragmentos de pasta XI encontram-se compreendidos entre 3 e 6 e com uma maioria na cat. 4. Os fragmentos de cat. 5 equivalem a 44 % dos de cat. 4 e os fragmentos de cat. 3 equivalem a 22 % dos de cat. 4.

– A *pasta XII* encontra-se, apenas, num contexto – Lx. 61 – sendo representada por 10 fragmentos. O número reduzido de fragmentos e a sua forma de distribuição não permite a caracterização da espessura dos fragmentos.

Tendo em conta a análise realizada podemos dizer o seguinte.

a) No global, a espessura dos fragmentos, de quase todas as pastas, pode ser considerada mediana sendo que as categorias mais usadas são a 3 e 4. A exceção é encontrada nas pastas VII e XI. A caracterização da pasta XI é muito frágil pois baseia-se num número muito reduzido de fragmentos, sendo que não podemos dizer qual das duas apresenta espessuras mais grossas.

b) A pasta II é usada em recipientes de paredes muito finas (cats. 2 e 3).

c) As pastas I, VI, VIII e IX são, maioritariamente, usadas em recipientes de paredes finas (cats. 3 e 4). É de notar que a caracterização das pastas VIII e IX é bastante frágil pois baseia-se num número muito reduzido de fragmentos.

d) As pastas III, IV e X são usadas no fabrico de recipientes de paredes finas / medias (cats. 4 e 5) sendo que desta e pasta IV é aquela que apresenta espessuras mais grossas.

e) As pastas VII e XI são usadas no fabrico de recipientes de paredes de espessura mediana/grossa (cats. 5 e 6).

f) A pasta XII não permitiu a caracterização das espessuras dos recipientes devido ao baixo número de fragmentos.

Descrevemos de seguida a caracterização dos contextos a partir da análise da espessura das pastas. Foram os seguintes os dados obtidos.

a) Todos os contextos integrados na fase III-1 permitiram a caracterização da espessura de algumas pastas ainda que uns mais do que outros. Deste modo, os contextos escolhidos da fase III-1 na área norte comportam-se de modo diferenciado sendo que três permitem uma caracterização total e todos os restantes uma caracterização parcial.

b) Ordenando os contextos por ordem decrescente (daquele que permite uma maior caracterização de pastas para o que não permite nenhuma) obtivemos a seguinte hierarquia: Lx. 71, A32 e Lx. 79 (100 % - 7/7, pastas em todos contextos); A33 (86 % - 6/7 pastas); A52 e Lx. 110 (83 % - 5/6 pastas); A56 (80 % - 4/5 pastas); Lx. 61 (56 % - 5/9 pastas) e Lx. 115 (40 % - 2/5 pastas).

c) Consideramos que de todos os contextos analisados apenas Os Lxs. 61 e 115 apresentam uma má caracterização das espessuras das pastas. Nos restantes contextos, mais de 80 % das pastas permitem a caracterização da espessura dos fragmentos sendo que tal revela: 1) um bom número de fragmentos em cada pasta presente e 2) uma distribuição dos fragmentos pelas categorias evidenciando, sempre, aquelas que tem mais uso e permitindo a construção de um gráfico evolutivo. É possível que uma boa caracterização das espessuras seja um sinal do bom estado de conservação do estrato – quer dizer um estrato que sofreu pouco com processos de desagregação de terras – no entanto um estrato de grandes dimensões que contenha muitos fragmentos, ainda que se apresente revolvido e desagregado, pode permitir uma boa caracterização das espessuras.

d) Deste modo, concluímos que os contextos da fase III-1 apresentam um número significativo de fragmentos que permite a sua caracterização.

5.3.3.2. Análise Morfológica

A análise morfológica do conjunto cerâmico correspondente à fase II ponderou todos os bordos, bases e recipientes identificados em cada contexto individual analisado (Lxs. 61, 71, 110, 115, A56, A33, A32 e A52). Os bordos/recipientes integrados nesta fase são: 496 (est. CXXII, 10), 514, 525 (est. CXXII, 7), 527 (est. CXXII, 6), 531 (est. CXXIII, 4), 553 (est. CXXIII, 8), 554 (est. CXXIII, 10), 555 (est. CXXIII, 4), 562 (est. CXXIII, 6), 563 (est. CXXII, 1), 565, 575, 583, 588, 590 (est. CXXVII, 3), 592, 596 (est. CXXVII, 2), 597, 608, 624, 643 (est. CXXVIII, 10), 648, 659, 668, 669, 686, 716, 754, 768, 785, 788, 795, 798, 799, 801, 811, 814, 817, 819, 821, 829, 834, 839, 851, 869, 870, 890, 914 (est. CXXX, 10), 921 (est. CXXV, 6), 922, 926, 928, 930, 937, 939, 942, 958 (est. CXXIX, 11), 969 (XLIII, 9), 972 (XXXIX, 6), 982 (XXXVI, 1), 989, 994 (XXXIII, 6), 1003 (XXXII, 5) e 1020 e as bases identificadas são: 290, 292, 295 (est. CXXX, 5), 300, 305, 306, 307, 308, 315, 321, 322, 347, 349, 350, 354, 394, 447 (est. CXXX, 2), 448 (est. CXXX, 6), 449 (est. CXXX, 7), 450, 451 (est. CXXX, 8), 455, 456, 457, 459, 465, 466, 467, 469, 509 (est. CXVII, 6) e base do recp. n.º 590 (est. CXXVII, 3).

A análise morfológica da fase III-1 é baseada na observação dos seguintes quadros: 1) tipos de recipientes por contexto (estampas DLXXXV, Q2; DLXXXV, Q3 e DLXXXVI, Q1); 2) tipos de

recipientes e suas pastas (estampas DLXXXVI, Q2; DLXXXVI, Q3; DLXXXVI, Q4; DLXXXVII, Q1; DLXXXVII, Q2; DLXXXVII, Q3; DLXXXVII, Q4; e DLXXXVIII, Q1); 3) tipos de recipientes e suas capacidades (estampas DLXXXVIII, Q2; DLXXXVIII, Q3; DLXXXVIII, Q4; DLXXXIX, Q1; DLXXXIX, Q2; DLXXXIX, Q3; DLXXXIX, Q4 e DLXXXIX, Q5); 4) relação entre os tipos de capacidade e os tipos de pasta presentes nos recipientes (estampas DXC, Q1; DXC, Q2; DXC, Q3; DXC, Q4; DXC, Q5; DXCI, Q1; DXCI, Q2 e DXCI, Q3); 5) tipos de bases e seus contextos (estampas DXCI, Q4; DXCI, Q5 e DXCII, Q1); 6) tipos de bases e respectivos ângulos de parede/pança (estampas DXCII, Quadros 3, 4 e 5; DXCIII, Quadros 1 e 2); 7) tipos de recipientes e respectivos tipos de bordos na totalidade da fase I/III-1 – Lxs. 61 e 71 – (est. DXCIII, Q3), na totalidade dos contextos integrados na PIN2, na fase III-1 – Lxs. 110, 115 e A56 – (est. DXCIII, Q4) e nos contextos integrados na PIN2.1, na fase III-1 – A33, A32 e A52 – (estampas DXCIV, Quadros 1, 2 e 3) e 8) tipos de bordos, bases e respectivas pastas nos contextos onde se encontram presentes, Lxs. 61 e 71 (est. DXCIV, Q4), Lx. 110 (est. DXCV, Q1), Lx. 115 (est. DXCV, Q2), A56 (est. DXCV, Q3), A33 (est. DXCV, Q4), A32 (est. DXCVI, Q1) e A52 (est. DXCVI, Q2).

A análise formal dos recipientes integrados na fase III-1 permitiu as seguintes observações.

– Quase todos os contextos integrados na fase III-1, da área norte revelam uma reconstituição de formas mediana que se encontra acima dos 50 %, à exceção da A56, Lx. 61 e A32. Ordenando os contextos por ordem decrescente (dos que apresentam maior reconstituição formal para aqueles que apresentam menor reconstituição) temos: Lx. 110 (100 % - 3 recipientes de 3 bordos); Lx. 71 (88 % - 7/8); A33 e A52 (67 % - 2/3); Lx. 115 (63 % - 5/8); A56 (44 % - 4/9), Lx. 61 (33 % - 2/6) e A32 (25 % - 6/24). Concluímos que, na totalidade os recipientes apresentam uma preservação média baixa pois, apenas, 48 % dos bordos permitiram reconstituição.

– Na totalidade dos contextos da fase III-1 na área norte, ocorrem 16 tipos de formas sendo que 10 encontram-se representadas, apenas, por 1 exemplar. Os tipos *2b*, *3b*, *9a*, *B1c*, *B3b*, *B5a*, *B5b*, *B6b*, *B11* e *B14a* são representados por 1 exemplar em cada tipo e os tipos *1b*, *2c*, *6a*, *8a*, *8b* e *B5e* são representados por vários recipientes em cada tipo. O tipo *8a* é o mais numeroso, com 7 exemplares, correspondendo a 23 % dos recipientes reconstituídos, seguido do tipo *6a*, 4 exemplares, correspondendo a 13 %, dos tipos *1b* e *8b*, 3 exemplares cada correspondendo a 10 % e, por último, do tipo *B5e*, 2 exemplares, correspondendo a 6 % dos recipientes reconstituídos. Os restantes tipos (1 exemplar em cada) correspondem cada um a 3 % dos recipientes reconstituídos.

– Todos os contextos revelam uma grande diversidade de formas dentro das possibilidades do número total de bordos presentes. Quer dizer os contextos possuem 1 a 5 formas diferentes das 16

no total e possuem 2 a 7 recipientes reconstituídos. O Lxs. 71 possui 7 recipientes reconstituídos onde foram identificadas 5 formas diferentes e o Lx. 61 possui 2 recipientes reconstituídos onde foram identificadas 2 formas diferentes.

– Os recipientes reconstituídos integrados na fase III-1 revelam uma maioria de formas integradas na ocupação da Idade do Ferro (71 %) no entanto cerca de 29 % são recipientes conotados culturalmente com a Idade do Bronze regional. É de notar que na fase II, da área norte, apenas 20 % dos recipientes se encontram conotados culturalmente com a ocupação sendo que cremos que esta discrepância de números se deve à continuidade da ocupação e a uma melhor preservação da ocupação da Idade do ferro que se sobrepôs à da Idade do Bronze.

– Dos contextos integrados na fase III-1, 3 não apresentam recipientes conotados com a Idade do Bronze – Lx. 61, A33 e A52 – sendo que os restantes ordenam-se da seguinte forma (por ordem decrescente – daquele com maior presença para o com menor presença de recipientes conotados com a Idade do Bronze): A56 (75 %), Lx. 115 (60 %), Lx. 110 (33 %), A32 (17 %) e Lx. 71 (14 %). Podemos ver que a A56 e o Lx. 115 apresentam uma maioria de recipientes reconstituídos conotados com a Idade do Bronze, sendo que cremos que estes contextos podem corresponder a uma ocupação contínua.

– No conjunto dos recipientes identificados 48 % são de perfil em “S” (*tipos 6a, 8a, 8b e 9a*, 15 exemplares), 29 % são globulares de vários tipos (*tipos 2b, 2c, B1c, B5a, B5b, B5e e B14a*, 9 exemplares), 16 % são taças rectas (*tipos 1b, 3b e B3b*, 5 exemplares) e 7 % são recipientes carenados (*tipos B6b e B11*, 2 exemplares). É de notar que se tivermos em conta, unicamente, os recipientes conotados com a Idade do Ferro veremos que 68 % correspondem a recipientes de perfil em “S”.

– Na totalidade dos contextos analisados podemos observar que o tipo de bordo predominante é o tipo 1 (47 %), seguido do tipo 4 (22 %), tipo 2 (15 %), tipo 3 (11 %) e, por último, o tipo 6 (3 % cada). É de notar que 3 % dos bordos (2 exemplares) não permitiram concluir o tipo e subtipo do qual faziam parte. O *tipo de bordo 1* encontra-se presente em quase todos os contextos, à excepção da A52; o *tipo de bordo 5* encontra-se presente em 5 dos contextos analisados – Lxs. 61 e 71, 110, A33, A32 e A52 –, o *tipo de bordo 2* encontra-se presente em 4 dos contextos analisados – Lxs. 61 e 71, 110, 115 e A56 –, o *tipo de bordo 3* encontra-se em 2 dos contextos analisados – Lxs. 61 e 71, 115 e o *tipo de bordo 6* ocorre, unicamente, na A32. Podemos observar que o tipo de bordo 2 se encontra mais presente nos contextos integrados na PIN2 e o tipo de bordo 4 encontra-se mais integrado nos contextos da PIN2.1. Cremos que a presença do tipo de bordo 2 nos contextos da

PIN2 se relaciona com a preservação da ocupação da Idade do Bronze, pois este tipo de bordo encontra-se bastante visível na ocupação da Idade do Bronze da área norte.

– Este conjunto cerâmico possui 31 bases sendo que foram identificados 4 tipos – 1, 2, 3 e 5 – e duas bases não permitiram a identificação do tipo formal. Na totalidade dos contextos analisados podemos observar que o tipo de base predominante é o tipo 1 (68 %), seguido do tipo 2 (13 %), do tipo 3 (10 %) e, por último, do tipo 5 (3 %). O *tipo de base 1* encontra-se presente em quase todos os contextos, à excepção da A56; o *tipo de base 2* encontra-se em 3 dos contextos analisados – Lx. 115, A33 e A32 –, o *tipo de base 3* encontra-se em 2 dos contextos analisados – Lxs. 61 e 71 e A32 – e, por último, o *tipo de base 5* encontra-se, unicamente, na A52. Não detectamos uma relação entre determinado tipo de base e determinada zona de ocupação pois cada tipo encontra-se presente na PIN2 e PIN2.1. Em comparação com a fase anterior observamos uma maior variedade de bases – relacionado com o maior número de bases – e a presença dos dois tipos também presentes na fase II, o *tipo 2* e *5*.

A análise formal dos recipientes permitiu as seguintes observações:

– Os 31 recipientes identificados são construídos em 8 pastas – I, II, III, IV, VI, VII, VIII e X – sendo que 10 são construídos em pasta I (32 %), 9 em pasta III (29 %), 3 em pasta I e 3 em pasta X (10 % cada), 2 em pasta IV e 2 em pasta VI (6,5 % cada) e 1 em pasta VII e 1 em pasta VIII (3 % cada). Os recipientes conotados com a ocupação da Idade do Bronze estão construídos nas pastas I, III, VII e X ainda que, à excepção da pasta VII que só possui um exemplar, nenhuma destas pastas seja exclusiva de recipientes conotados com esta ocupação. Na pasta X, dois dos três recipientes são da Idade do Ferro, na pasta III, 6 dos 9 recipientes são da Idade do ferro e na pasta I, 6 dos 10 recipientes são da Idade do Ferro. Cada tipo de pasta encontra-se em recipientes de diferentes tipos sendo que parece não existir uma relação entre tipos de recipientes e tipos de pasta, quer dizer que determinado tipo de pasta é usado em muitos tipos de recipientes. As pastas VII e VIII são, respectivamente, um *tipo B5e* e um *8a*. O recipiente de *tipo B5e* é único e por isso não é possível avaliar se este tipo ocorre em várias pastas no entanto o *tipo 8a* ocorre em mais três tipos de pastas, I, II e III.

– Em comparação à fase anterior podemos observar um aumento significativo dos tipos de pastas presentes ainda que haja um decréscimo significativo da importância da pasta I.

– No geral, podemos dizer que há uma clara predominância das pastas I e III sendo estas pastas usadas em muitos (e de diferentes formas) recipientes. Aparentemente não há uma relação entre formas e tipos de pastas sendo que apenas podemos afirmar que os tipos de pastas I, III, II e X são dominantes e escolhidos para realizar formas muito diferentes.

– Analisando a totalidade dos bordos podemos observar: 1) um decréscimo na importância da pasta I (32 % dos recipientes reconstituídos mas apenas 31 % dos bordos) que passa a ser a segunda pasta predominante; 2) predominância da pasta III, que corresponde a 33 % da totalidade dos bordos; 3) um decréscimo na importância da pasta X (de 10 para 5 %) que deixa de ser uma das predominantes para ser uma pasta usada de modo minoritário e 4) maior relevo das pastas II e VII.

– Podemos lançar a hipótese interpretativa que na ocupação da Idade do Ferro inicial o uso das pastas I e III é muito evidente sendo estas as pastas mais utilizadas. No entanto muitas outras pastas – II, VI, VII, VIII e X – foram utilizadas de um modo minoritário, sendo que consideramos o seu uso claramente esporádico. O grosso do conjunto cerâmico da idade do Ferro da fase III-1 é caracterizado por recipientes construídos nas pastas I e III. Podemos observar que a utilização das pastas VI e VIII é pouco evidente sendo que cremos que a utilização destas pastas não é caracterizante da fase em questão.

– Os 31 recipientes reconstituídos distribuem-se por 6 categorias de capacidade (1, 2, 3, 4, 5 e 7) sendo que os recipientes considerados de grande capacidade (categoria 5: de 5 a 10 l, categoria 6: de 10 a 20 l ou categoria 7: superior a 20 l) são apenas dois (6 % do total). As categorias de capacidade maioritárias são a 2 e 4 (cerca de 40 % em conjunto) – 0,3 a 1 l na cat. 2 e 2 a 5 l na cat. 4 – seguidas das categorias 1 e 3 (cerca de 32 % em conjunto) – até 0,3 l na cat 1 e 1 a 2 l na cat. 3. Podemos observar que este conjunto é constituído maioritariamente por recipientes de pequena capacidade (sendo que são aqueles que permitem maior reconstituição) sendo que: 1) as taças rectas são recipientes muito pequenos (cat. 1) realizados em três pastas diferentes – I, VI e X –; 2) os globulares, integrados na Idade do Bronze e Ferro, são recipientes pequenos e médios (cats. 2 e 4) realizados em quatro pastas diferentes – I, III, IV e VIII –; 3) apenas um globular, conotado com a ocupação da idade do bronze, possui uma capacidade média (cat. 4) sendo que mantém as características encontradas nos globulares da fase II; 4) dos 13 recipientes de perfil em “S” 6 pertencem às categorias 2 e 3, 5 à cat. 4, 1 à cat. 5 e 1 à cat. 7; 5) os recipientes considerados grandes são recipientes de perfil em “S” sendo que cremos que há uma relação entre tipo de forma e capacidade e 6) o tipo de forma 8a é aquele que apresenta recipientes de maior tamanho.

– Aparentemente não há uma relação entre tipos de pastas e capacidades dos recipientes, sendo que uma mesma pasta, como a I, possui recipientes construídos em várias categorias de capacidades, 1, 2, 3 e 4. os recipientes de maior capacidade foram construídos nas pastas III e VIII mas como só são dois não podemos avaliar convenientemente as características dos recipientes grandes.

– O conjunto de recipientes reconstituídos da fase III-1 caracteriza-se por alguma variedade de capacidades sendo que estão presentes recipientes, pequenos, médios e grandes. No entanto, é notória a predominância de recipientes pequenos e médios que cremos relacionados com a função de cozinhar ou servir alimentos para serem consumidos de uma forma imediata. As características do conjunto podem dever-se a uma reconstituição parcial do mesmo e a uma tendência para uma maior reconstituição dos recipientes pequenos.

– Apesar do número reduzido de recipientes e da dificuldade de compreender se existe, ou não, uma relação entre o tipo de recipiente e o tipo de bordo, podemos observar o seguinte: 1) as taças rectas – tipos 1b, 3b e B3b – possuem bordos de tipo 2, 3 e 4, que estão de acordo com os tipos de formas definidos; 2) os globulares – tipos 2b, 2c, B1c, B5a, B5b, B5e e B14a – possuem bordos de tipo 2, 3 e 6, que estão, também, de acordo com os tipos de formas definidos; 3) os recipientes de perfil em “S” – tipos 6a, 8a, 8b e 9a – possuem bordos de tipos 1, 2 e 4, sendo que neste caso não há uma relação entre tipo de bordo e tipo de forma na definição dos tipos de forma; 4) os recipientes carenados – B6b e B11 – apresentam os tipos de bordo 1 e 2; 5) os tipos de bordos 3 e 6 são os únicos exclusivos de taças e globulares sendo que os restantes tipos de bordo são usados em recipientes de várias formas; 6) os tipos de bordo 1 e 4 são os mais versáteis sendo usados em vários tipos de recipientes em “S”; 7) os tipos de bordos 2 e 1 são usados em recipientes de forma 6a, sendo que o tipo de forma também define o tipo de bordo, no caso do tipo de bordo 2 e 8) cremos que quando um tipo de bordo não se encontra, intrinsecamente, relacionado com determinado tipo de forma, pode ocorrer em qualquer tipo de forma sendo que não nos parece evidente uma relação causal entre tipos de bordo e tipos de recipiente.

– Da totalidade dos 64 bordos presentes, podemos dizer o seguinte: 1) 2 não possuem tipo e subtipo; 2) foram identificados 25 tipos (tipo + subtipo de bordo) no total, 3) 16 tipos são representados unicamente por 1 exemplar; 4) os tipos de bordo que ocorrem com mais frequência são o B1 a9 e B4 b2 (8 exemplares cada), B1a5 (7 exemplares), B1 a7 (6 exemplares) e B2 b4 (4 exemplares); 5) os tipos B1 a1, B2 b5, e B3 a2 são representados por 3 exemplares cada e 6) os tipos B1 a2 e B1 a10 são representados por 2 exemplares cada.

– A análise dos tipos de bordos leva-nos a lançar a hipótese de que a variedade dos mesmos é uma espécie de decoração presente nos recipientes. Esta hipótese é lançada porque: a) alguns tipos de bordo ocorrem apenas uma vez; b) há uma variedade muito grande de tipos de bordos; c) apenas alguns tipos são de uso corrente, não sendo associados a um aspecto decorativo mas sim funcional e d) a diversidade de tipos de bordos choca com a pouca diversidade de tipos de formas sendo que cremos que o bordo é um elemento decorativo por si.

- Como já foi referido foram identificadas 31 bases sendo que: 15 foram construídas em pasta III (48 %), 6 foram construídas em pasta I (19 %), 3 em pasta VI e 3 em pasta VII (10 % cada), 2 em pasta VIII (7 %) e 1 em pasta II e 1 em pasta IV (3 % cada). Podemos observar um desfasamento entre o número de bases e o número de bordos bem como uma ausência de bases de pasta X.
- No conjunto de bordos e bases de uma mesma pasta podemos observar que algumas pastas possuem o mesmo número de bordos e bases e outras não. Deste modo podemos dizer o seguinte: 1) na totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1 o número de bases equivale a 48 % do número de bordos; 2) podemos lançar a hipótese de que menos de metade dos recipientes pode não possuir fundo recto; 3) na pasta VI o número de bases é igual ao número de bordos (100 % de equivalência) e na pasta X não existe nenhuma base (0 % de equivalência); 4) ordenando os contextos por ordem decrescente de equivalência temos, pasta VII (75 %), pasta III (71 %), VIII (40 %), IV (33 %), I (30 %) e II (20 %) e 5) avaliando as pastas que tem maior número de bordos e bases – I e III – podemos lançar a hipótese de que os recipientes realizados em pasta um possui mais fundo convexos do que aqueles realizados em pasta III.
- Em relação aos contextos podemos dizer o seguinte: 1) em todos os contextos há um desfasamento entre o número de bases e o número de bordos; 2) a A56 é o único contexto que não apresenta nenhuma base; 3) o desfasamento entre o número de bordos e bases é mais evidente numa pastas do que noutras e 4) os dados gerais reflectem os dados contextuais. Relembramos que é recorrente em todo o conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros um número de bases significativamente inferior ao número de bordos sendo que cremos que tal facto indica que muitos recipientes possuíam fundo côncavo ou globular.
- Em relação ao ângulo da parede da base, podemos dizer o seguinte: 1) não parece existir uma relação entre os tipos de base e as categorias de ângulo da parede dos recipientes pois um mesmo tipo de base (que possua um número suficiente de bases para ser analisado) possui vários tipos de ângulo de parede; 2) estão presentes 5 categorias de ângulo – a 2, 3, 4, 5, 6 e 7; 3) ordenando as categorias de ângulo por ordem decrescente temos, cat. 4 (32 % das bases), 3 (26 %), 5 (19 %), 6 (7 %) e 2 e 7 (3 % cada) e 4) 3 bases (10 %) não permitiram a reconstituição da parede do recipiente.
- A presença das categorias 4 e 5 indica recipientes de perfil em “S”, a categoria 2 indica a presença de recipientes troncocónicos, a cat. 3 de recipientes troncocónicos ou de perfil em “S” esguios e as categorias 6 e 7 indicam a presença de pratos ou recipientes de fundo muito “aberto” (podem ser um recipiente de perfil em “S” com uma pança muito larga). Podemos observar que 50 % das bases correspondem a recipientes de perfil em “S” típico, cerca de 30 % correspondem a vasos

troncocónicos ou recipientes de perfil em “S” muito esguio e 10 % correspondem a recipientes tipo prato.

5.3.3.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados

Os contextos integrados na fase III-1 totalizam 2413 fragmentos cerâmicos sendo que 2296 são lisos (95 %), 95 são decorados calcolíticos e 22 são da Idade do Bronze ou Ferro, correspondendo a 19 decorações diferentes (0,8 %). São os seguintes os números de inventário das 19 decorações presentes: CP-03-319 (est. XXXVI, 1), CP-03-236 (est. XXIX, 18), CP-03-14077 e CP-03-14098 (est. XXXIX, 6), CP-03-14097 (est. XXXI, 9), CP-03-14099 (est. XXIX, 5), CP-03-14151 (est. XLIII, 9), CP-03-14152 (est. XXXIII, 6), CP-03-11504 (est. XXX, 13), CP-03-11560 (est. XXXI, 6), CP-03-13829 (est. XL, 8), CP-03-13774, CP-03-15226 e CP-03-11548 (est. XXXII, 5), CP-03-13814 (est. XLIII, 11), CP-03-388 (est. XXVII, 20), CP-03-12456 (est. XXVIII, 11), CP-03-11984 (est. XXXVII, 10), CP-03-12003 (est. XL, 6), CP-03-4701 (est. XXVII, 4), CP-03-15251 (est. XXVII, 6) e CP-03-15258 (est. XLIV, 1).

Nos fragmentos decorados integrados na fase III-1 foram usadas 6 técnicas decorativas: incisão simples – INC.S (47 %); penteado – PENT.S (27 %); excisão – EXC (11 %) e, por último, decoração plástica – DEC.P –, decoração espatulada – DEC.E – e cepilhado – CEP (5 % cada). Neste conjunto nenhum fragmento decorado apresenta mais do que uma técnica decorativa. Em relação à fase anterior podemos observar: 1) um decréscimo da incisão simples (de 58 para 47 %); 2) um aumento dos penteados e 3) a presença de excisos.

Nesta fase foram usados vários instrumentos decorativos, a saber: 1) pente 1 com 5, 6, 7 e 11 puas; 2) pente 3 e 3) instrumentos de incisão 1, 2 e 3.

5.3.3.4. Organizações decorativas

Os fragmentos decorados integrados na fase III-1 totalizam 8 organizações decorativas – I, III, IV, VI, X, XI, XXX, e XXXI – sendo que 3 fragmentos não possibilitaram a identificação da organização decorativa. Ordenando os contextos por ordem decrescente (daquele com maior número de fragmentos decorados para aquele com menor número) obtivemos a seguinte hierarquia: Lx. 71 (37 % – 7 fragmentos); A32 (21 % – 4 fragmentos); A56 e A52 (16 % cada – 3 fragmentos cada) e Lx. 115 (10 % – 2 fragmentos). Podemos observar que: 1) nem todos os contextos apresentam fragmentos decorados; 2) um complexo de interface é o contexto com maior número de

decorados, que pode estar relacionado com a mistura de ocupações e 3) em relação à fase II observamos um decréscimo do número de decorações (percentual).

O número reduzido de fragmentos decorados não permite conclusões válidas estatisticamente. Desse modo, todas as conclusões obtidas são muito frágeis e podem estar a indicar uma realidade que não corresponde de todo às características do conjunto cerâmico na respectiva ocupação. Assim, a análise da distribuição das organizações decorativas por contexto permite dizer o seguinte.

1) Ordenando os contextos pela relação entre organização decorativa e número de fragmentos presente temos: A56 (100 % – 3 organizações decorativas diferentes no conjunto de 3 fragmentos decorados); Lx. 115 (100 % – 2/2); Lx. 71 (71 % – 5/7); A32 (50 % – 2/4) e A52 (33 % – 1/3). Das A32, A52, A56 e Lx. 115 vemos que a A56 é o contexto com maior diversidade decorativa.

2) Na A56 e no Lx. 115 está presente a organização decorativa VI, sendo que cremos que contextos próximos revelam maior probabilidade de possuírem características semelhantes (a todos os níveis de análise nos quais também se inclui a análise aos fragmentos decorados).

3) Os contextos apresentam alguma repetição de organizações decorativas, como a I (Lx. 71 e A52), IV (Lx. 71 e A32), VI (A56 e Lx. 115) e X (Lx. 71 e 115).

4) Ordenando os contextos em relação ao número de fragmentos decorados e lisos, temos: A52 (3 % – 3 fragmentos decorados no total de 96 fragmentos); Lx. 71 (3 % - 7/236); A56 (2 % – 3/178), Lx. 115 (1 % – 2/157) e A32 (0,6 % – 4/698). Podemos observar que os contextos da PIN 2 são mais “ricos” em termos decorativos que os da PIN2.1

A análise dos tipos de organizações decorativas presentes indica (est. DCCXCV):

– As organizações decorativas III, XI, XXX e XXXI são representadas, unicamente, por um exemplar (5 % cada), as organizações decorativas IV e VI são representadas por dois exemplares (11 % cada), a organização decorativa I é representada por 3 exemplares (16 %) e a organização decorativa X é representada por 5 exemplares (26 %).

– Das 13 organizações decorativas presentes (tendo em conta as variantes) apenas 5 – IIa, III2b, VIIb, X1a e XI1 – estão presentes em toda a ocupação da Idade do Ferro. As organizações decorativas I3a, IV2a, IV4, X3e, X13b, XXX2 e XXXXI ocorrem unicamente em complexos integrados na fase III-1. A organização decorativa VI1a ocorre em contextos das fases II e III-1. Podemos dizer que: 1) 42 % das decorações presentes perduram na ocupação da Idade do ferro; 2) 37 % das decorações ocorrem, unicamente, nesta ocupação e 3) 5 % das decorações encontravam-se presentes na fase II.

– Com base numa conjugação de factores de avaliação (tipo de pasta, contexto, estado de conservação do contexto e sua caracterização ao nível das pastas e decoração presente – desenho e técnica) lançamos as seguintes hipóteses: 1) dois fragmentos presentes no Lx. 71, de pasta X e IV e com a decoração I1a e IV2a, respectivamente, podem ser relacionados com a ocupação calcolítica; 2) os subtipos VIIa, VIIb e XI integram-se em organizações decorativas (VI e XI) típica da ocupação da Idade do Bronze, sendo que cremos que algumas decorações da Idade do Ferro são “variantes” de decorações da Idade do Bronze; 3) o subtipo XXXI encontra-se no Lx. 106 (A56) sendo que cremos ser uma intrusão da ocupação da Idade do Bronze; 4) os subtipos I1a, I3a, IV4, X1a, X3e, X13b e XXX caracterizam a ocupação da Idade do Ferro Inicial ao nível das decorações, sendo que apenas os subtipos I1a, III2b, X1a e XXX permanecem durante a restante ocupação da Idade do Ferro.

A análise das localizações das decorações nos recipientes (est. DCCXCVIII) indica:

– Nos contextos analisados está presente uma maioria de fragmentos (47 % - 9 fragmentos) que não possibilitam saber ao certo a sua localização e por isso supõe-se que façam parte de alguma zona da pança do recipiente – localização tipo 8.

– Deste modo, 53 % dos fragmentos possibilitaram a localização da decoração nos recipientes sendo que dentro deste grupo dá-se uma distribuição bastante equitativa por vários tipos de localização. As localizações de *tipo 5, 6, 9 e 11* são representadas, cada uma, por 1 exemplar; as localizações de *tipos 1 e 2* são representadas, cada uma, por 2 exemplares; e a localização de *tipo 7* é representada por 3 exemplares.

– Com base na localização da decoração dos recipientes podemos concluir que: 1) a localização de tipo 7 está muito relacionada com a ocupação calcolítica, sendo que 2 dos 3 fragmentos decorados que apresentam esta localização são calcolíticos; 2) as localizações de tipo 2 e 11 podem estar mais relacionadas com a tradição de cerâmicas decoradas da Idade do Bronze pois as decorações que apresentam uma ligação à ocupação da Idade do Bronze possuem estas localizações; 3) localizações de tipo 1 apontam claramente para a Idade do Bronze pois o único recipiente com esta localização pode conotar-se com a Idade do Bronze regional; 4) a localização de tipo 5, quando relacionada com recipientes de fundo recto revela que na Idade do Ferro estavam presentes recipientes extensamente decorados, sendo que podemos supor que toda a pança dos recipientes era decorada e 5) a presença de fragmentos que não permitem saber qual a localização da decoração no recipiente subiu em relação ao conjunto cerâmico da fase II na área norte.

– Em resumo, podemos ver que 69 % dos fragmentos decorados presentes correspondem à ocupação da Idade do Ferro Inicial sendo que a caracterizam. No entanto, 10 % correspondem a

fragmentos decorados da ocupação calcolítica (sendo que a sua presença se deve a uma primeira má interpretação e portanto esta presença não caracteriza os contextos em estudo em relação aos fragmentos decorados calcolíticos), 5 % estão relacionados directamente com a Idade do Bronze e 16 % relacionam-se, culturalmente, com a Idade do Bronze.

A análise das pastas dos recipientes decorados (est. DCCCI) indica o que expomos de seguida.

– A maioria dos recipientes decorados é realizada em pasta I (42 % – 8 fragmentos), seguida da II e X (16 % cada – 3 fragmentos cada), III e VIII (10,5 % cada – 2 fragmento cada) e IV (5 %). Em relação à fase anterior podemos observar: 1) um decréscimo da importância das pastas III e X cuja presença era ainda mais evidente na fase I; 2) uma subida evidente da importância da pasta II e VIII, que aparecem pela primeira vez na ocupação da Idade do Ferro; 3) a manutenção da pasta I como a preferida para a realização de recipientes decorados; e 4) a ausência da pasta VII em recipientes decorados sem que saibamos se tal é relevante.

– As 2 decorações que foram claramente identificadas com a ocupação calcolítica foram construídas em pastas IV e X e o recipiente decorado da Idade do Bronze foi construído, também, em pasta X. Podemos ver que a pasta X continua a ser utilizada na Idade do Ferro mas de uma forma muito esporádica. As organizações decorativas, culturalmente, relacionadas com a Idade do Bronze foram construídas em pasta I e III.

– Em resumo podemos dizer que as pastas usadas em recipientes decorados são bastante reduzidas (5 tipos), com uma clara importância das pastas I, II e VIII.

5.3.3.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes

No conjunto de 2413 fragmentos integrados na fase III-1 foi identificada uma asa – CP-03-13829 (est. XL, 8) – de secção de tipo 3 sendo que não foi possível saber a sua localização. Esta asa pertenceu a um recipiente de pasta I e apresenta uma decoração incisa de um motivo em espinha. Pertence ao Lx. 70.2 (A56) sendo que cremos relacionar-se, culturalmente, com a ocupação da Idade do Bronze.

O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro

Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica

5.4. Artefactos cerâmicos da Idade do Ferro – 300/200 AC a 80 DC

5.4.1. Plataforma Superior Leste

5.4.1.0 Introdução aos contextos estudados

A análise do conjunto cerâmico correspondente à fase III-2 do Crasto de Palheiros na Plataforma Superior Leste – PSL – engloba um único contexto, a A73.

5.4.1.1. Análise Técnica

A A73 integra 104 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 7 bordos no total; 2) 4 bordos conotados com a Idade do Ferro; 3) 1 base; 4) 18 fragmentos decorados dos quais 5 estão conotados com a Idade do Ferro e 5 recipientes conotados com a Idade do Ferro.

a) Tipos de Pastas

A análise das pastas da A73 foi realizada com base na tabela e gráfico presente na estampa DCCLXXXIX. Como já foi referido a análise de pastas realizada é baseada em 6 factores que caracterizam os contextos de modo diferenciado.

Apresentaremos de seguida os resultados obtidos para o contexto analisado.

1º factor) A A73 possui a hierarquia X/III/I na totalidade dos fragmentos com a representação de 31, 23 e 14 %, respectivamente.

2º factor) A A73 possui a hierarquia III/VIII/X nos recipientes coma representação de 60, 20 e 20 %, respectivamente.

– Podemos observar um desfasamento entre as hierarquias e valores das mesmas. Nos fragmentos e recipientes é evidente a importância das pastas III e X ainda que na totalidade dos fragmentos a pasta X seja maioritária e nos recipientes possui uma importância menos significativa. Na totalidade dos fragmentos é evidente a presença de pasta I, que não é representada por nenhum recipiente (nem calcólico nem da Idade do Ferro) e a pouca relevância da pasta VIII, representada apenas por 3 % da totalidade dos fragmentos. No entanto a pasta VIII representa 20 % dos recipientes.

– É visível aqui um desfasamento claro entre os resultados dos fragmentos e os resultados dos recipientes sendo que este desfasamento encontra-se presente em quase todos os contextos do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. Cremos que diferenças na fragmentação dos recipientes,

estado de conservação dos estratos, número de recipientes e muitos outros factores influenciam os resultados diferenciados entre a totalidade dos fragmentos e a dos recipientes.

3º factor) Na A73, a pasta VI é representada por 6 % de fragmentos. É de notar que não foi identificado nenhum recipiente (bordo ou base) desta pasta.

4º factor) Na A73, a pasta VIII é representada, também, por 6 % de fragmentos. É de notar que foi identificado um recipiente realizado nesta pasta.

5º factor) Na A73, a pasta II é representada por 4 % de fragmentos. É de notar que não foi identificado nenhum recipiente (bordo ou base) desta pasta.

6º factor) Na A73 foram identificadas 8 pastas – I, II, III, VI, VII, VIII, IX e X – sendo que apenas 3 são representadas por recipientes – III, VIII e X.

– Consideramos que este contexto possui um número considerável de pastas aliado a um número relativamente baixo de fragmentos e de recipientes. cremos que a variedade presente revela um contexto degradado que não sabemos se teria estas características aquando da sua formação.

– cremos que a presença das pastas II, VI e VIII está de acordo com a datação deste contexto, reafirmando a sua cronologia. A baixa percentagem destas pastas pode estar relacionada com o estado de conservação do próprio contexto.

b) Análise da mistura dos contextos através das pastas dos recipientes e seus fragmentos

A análise das pastas da A73 foi realizada com base na tabela e gráfico presente na estampa DCCLXXXIX. Como já foi referido a análise da mistura dos contextos é baseada na avaliação de 3 factores sendo que apresentaremos de seguida os resultados obtidos.

– Na A73, 37 % dos recipientes são calcólicos (sendo que 63 % são da Idade do Ferro) e 34 % dos fragmentos são potencialmente calcólicos, pois pertencem às pastas IV, IX, X e XI.

– É evidente uma presença significativa de fragmentos calcólicos (34 %) aliada a uma presença mais ou menos significativa de recipientes calcólicos.

c) Estado de conservação dos fragmentos = Estado de conservação do estrato

A análise do estado de conservação dos fragmentos e estado de conservação do estratos da A73 foi realizada com base na tabela e gráfico presente na estampa DCCLXXXIX. Como já foi referido a análise do estado de conservação dos fragmentos e estado de conservação do estratos dos contextos foi realizada com na avaliação de 4 factores principais, sendo que apresentamos de seguida os resultados obtidos.

- As pastas II, III, VI, VIII e IX encontram-se mal conservadas pois possuem uma maioria de fragmentos com arestas roladas e de pequenas dimensões.
- A pasta VII encontra-se bem conservada pois possui uma maioria de fragmentos de arestas vivas e uma presença significativa de fragmentos de boas dimensões.
- As pastas I e X encontram-se medianamente conservadas pois possuem uma boa presença de fragmentos de boas dimensões ainda que com uma maioria de fragmentos com arestas roladas.

A análise da conservação dos fragmentos por pasta permite dizer que este contexto se encontra, genericamente, mal conservado pois 5 das 8 pastas presentes encontram-se mal conservadas. Das três restantes pastas, uma encontram-se bem conservada e as outras duas apenas apresentam uma maior percentagem (em relação a todas as outras) de fragmentos de maiores dimensões.

A análise global do estado de conservação das arestas e dimensão dos fragmentos afirma o resultado mais pormenorizado da análise de pastas. Podemos ver que 64 % dos fragmentos possuem arestas roladas sendo que esta percentagem é muito alta quando comparada com muitos outros contextos. Podemos também observar que quase 31 % dos fragmentos possuem uma dimensão igual ou superior à categoria 3 de dimensão sendo que consideramos, também, esta percentagem alta quando comparada com muitos outros contextos. cremos que a forte presença de fragmentos de grande dimensão se deve às características físicas deste contexto. Este contexto localiza-se numa zona alta do povoado, com forte declive sendo que cremos que os fragmentos de menor dimensão foram sucessivamente destruídos por processos erosivos, nomeadamente chuvas e enxurradas que se fazem sentir periodicamente.

d) Tratamentos de superfície

A análise dos tratamentos de superfícies presentes nos fragmentos da A73 foi realizada com base na tabela e gráfico presente na estampa DCCXC. Como já foi referido a análise dos tratamentos de superfície realizada sobre a área norte é baseada em 4 factores de avaliação sendo que são os mesmos que foram usados na avaliação dos tratamentos de superfície da fase I na área norte.

A análise dos tratamentos de superfície revelou as seguintes características.

- A A73 apresenta três tipos de tratamentos de superfície nas superfícies externas e 2 tipos nas superfícies internas. Nas superfícies externas; 32 % dos fragmentos são alisados, seguido de 24 % de polidos e 1 % de rugosos. É de notar que 43 5 dos fragmentos apresentam uma superfície externa

corroída. Nas superfícies internas; 30 % dos fragmentos são alisados e 22 % são polidos, sendo que 48 % dos fragmentos apresentam uma superfície interna corroída.

– Podemos observar através da percentagem de fragmentos com superfícies corroídas que este contexto se encontra muito mal preservado.

– O tratamento de superfície externo dominante é concordante com as conjugações de superfície dominantes, quer dizer um contexto em a conjugação de superfície dominante possui o tratamento de superfície alisado.

– A hierarquia de conjugações de tratamentos de superfície presente na A73 é a seguinte: Ali/Ali (22 %); Pol/Pol (13 %); Ali/Pol (5 %) e Pol/Ali (4 %). A conjugação que integra o tratamento de superfície rugoso – Rug/Pol – é representada, unicamente, por um fragmento, de pasta III.

– Podemos observar que a presença de tratamentos de superfície relacionados com a ocupação da Idade do Ferro – areado, cepilhado e/ou rugoso – tem uma presença muito reduzida neste contexto, que não está de acordo com a presença das pastas VI e VIII, normalmente associadas e estes tipos de tratamentos de superfície.

e) Diversidade da cor nos fragmentos / Tipos de cozedura / Uso e deposição

A análise da diversidade de cor da A73 foi realizada com base na tabela e gráfico presente nas estampas DCCXCI e DCCXCII. Como já foi referido a análise dos tipos de cor é baseada na avaliação de nove factores de análise sendo que apresentamos de seguida os resultados obtidos.

1, 2 e 3º factor de avaliação) A A73 possui uma hierarquia P/C/VE de tipos de cor dominantes nos cernes (P, C e VE nos 1º, 2º e 3º lugares, respectivamente). A presença dos tipos P, C e VE é de 59, 17 e 10 %, respectivamente.

8º factor de avaliação) A A73 possui uma hierarquia VC/A/B de tipos de cor minoritárias nos cernes da totalidade dos fragmentos (VC/A/B nos 1º, 2º e 3º lugares, do mais baixo para o mais alto, respectivamente). A presença dos tipos VC, A e B é de 4, 5 e 6 %, respectivamente.

7º factor de avaliação) A análise das cores presentes nos recipientes relacionados com a ocupação da Idade do Ferro revela que 80 % dos recipientes possuem cerne de tipo P e 20 % de tipo C e que 60 % dos recipientes possuem superfícies externas e internas de tipo A, seguidas dos tipos P, B e VC. É evidente a presença nas superfícies dos tipos A, B e VC algo que pode estar relacionado com a descoloração dos fragmentos devido à má conservação do estrato.

4º factor de avaliação) A A73 apresenta a seguinte hierarquia de conjugações de cores: C-C-C e P-P-P (13 %), C-P-P (11 %) e C-P-C (9 %). Vemos que as conjugações de cores dominantes engloba os dois tipos de cores (P e C) mais presentes nos cernes dos fragmentos. Com uma presença de 8 %

encontramos as conjugações C-VE-VE e C-VE-C que englobam o tipo VE, também presente de uma forma maioritária nos cernes dos fragmentos.

5º factor de avaliação) Na A73, os fragmentos de cerne negro (59 %) possuem uma maioria de superfícies externas de tipo C (20 % de fragmentos), seguido do tipo P (16 %) e do tipo A (11 %). Os fragmentos de cerne negro possuem uma maioria de superfícies internas de tipo P (29 %), seguido do tipo C (11 %) e do tipo A (8 %). É visível a presença dos tipos C e A que indicam uma possível descoloração dos fragmentos de cerne negro que, em teoria, deveriam possuir superfícies externas e internas da mesma cor.

6º factor de avaliação) Podemos ver que na A73, 22,11 % dos fragmentos possuem cerne de tipo P com superfícies de tipo C no entanto não foram identificados fragmentos de cerne de tipo C com superfícies de tipo P. A avaliação deste factor reduz-se à percentagem de fragmentos de cerne de tipo P com superfícies de tipo C sendo que não foi possível a concretização do índice de avaliação. Deste modo cremos que este contexto se encontra muito degradado, revelando o mau estado de conservação através da má conservação das arestas, dimensão, superfície e cor dos fragmentos. O resultado apresentado para o ponto 6 encontra-se de acordo com o resultado da avaliação do ponto 5.

9º factor de avaliação) Na A73, 38 % dos fragmentos apresentam preservação de cor e 25 % dos fragmentos apresentam diversidade nas conjugações de cor. Podemos ver que ambas as percentagens não podem ser consideradas nem muito mais baixas nem muito altas. Cremos que os resultados estão relacionados com o número reduzido de fragmentos presente neste contexto.

f) Espessuras presentes nos fragmentos e recipientes / Evolução da espessura das pastas

A análise das espessuras presentes nos fragmentos e recipientes da A73 foi realizada com base na tabela e gráfico presente na estampa DCCXCIII.

A análise das espessuras presentes nos fragmentos e recipientes revelou os seguintes resultados:

- Os fragmentos de *pasta I* encontram-se entre as categorias 2 e 4 com uma maioria na cat. 3. Os fragmentos de cat. 2 equivalem a 38 % dos de cat. 3 e os de cat. 4 equivalem a 50 % dos de cat.3.
- Os fragmentos de *pasta II* encontram-se em número muito reduzido não permitindo uma avaliação correcta das espessuras.

- Os fragmentos de *pasta III* encontram-se entre as categorias 3 e 5 com uma maioria na categoria 4. Os fragmentos de cat. 3 equivalem a 62 % dos de cat. 4 e os de cat. 5 equivalem a 23 % dos de cat. 4.
- Os fragmentos de *pasta VI* encontram-se em número muito reduzido não permitindo uma avaliação correcta das espessuras.
- Os fragmentos de *pasta VII* encontram-se entre as categorias 4 e 7 com uma maioria na categoria 6. Os fragmentos de cat. 5 equivalem a 83 % dos de cat. 6 e os fragmentos de cat. 7 equivalem a 17 % dos de cat. 6.
- Os fragmentos de *pasta VIII* encontram-se em número muito reduzido não permitindo uma avaliação correcta das espessuras.
- Os fragmentos de *pasta IX* encontram-se em número muito reduzido não permitindo uma avaliação correcta das espessuras.
- Os fragmentos de *pasta X* encontram-se entre as categorias 2 e 7 com uma maioria na categoria 4. Os fragmentos de cat. 3 equivalem a 69 % dos de cat. 4 e os fragmentos de cat. 5 equivalem a 46 % dos de cat. 4.

Tendo em conta a análise realizada podemos ordenar as pastas daquelas com espessuras mais finas para aquelas com espessuras mais grossas. Desse modo, temos: pasta II, I, VIII, VI, IX, III, X e VII. A avaliação das pastas II, VI, VIII e IX deve ser olhada com cautela. Como podemos observar metade das pastas presentes não possibilitam uma avaliação correcta sendo que aqui se confirma também o mau estado de conservação do estrato.

5.4.1.2. Análise Morfológica

A análise morfológica do conjunto cerâmico da A73 ponderou todos os bordos, bases e recipientes identificados. Os bordos/recipientes integrados neste contexto são: 950, 951, 952 e 953 e a base identificada é a 508.

A análise morfológica da A73 é baseada na observação dos seguintes quadros: 1) tipos de recipientes e suas pastas (estampa DCCXCIII, Q2); 2) tipos de recipientes e suas capacidades (estampa DCCXCIII, Q3); 3) tipos de bases e respectivos ângulos de parede/pança (estampa DCCXCIV, Q1); 4) tipos de recipientes e respectivos tipos de bordos (est. DCCXCIV, Q2) e 5) tipos de bordos, bases e respectivas pastas (est. DCCXCIV, Q3).

A análise formal dos recipientes integrados na A73 permitiu as seguintes observações.

- A A73 revela uma reconstituição de formas de 25 % sendo que a consideramos baixa. Neste contexto apenas um dos quatro bordos presentes permitiu a reconstituição da forma sendo que esse recipiente pertence ao tipo 8a.
- Na A73 estão presentes 3 bordos de pasta III – um deles pertence ao recipiente de tipo 8a –, 1 bordo de pasta VIII e 1 base de pasta X. O recipiente de tipo 8a possui uma capacidade mediana/baixa – de 1 a 2 litros – e a base de tipo 1 possui um ângulo na cat. 7 indicando um recipiente tipo prato ou recipiente com uma pança globular aberta.
- Os tipos de bordos presentes são o B1 a5, B1 a7 e B4 b2 que são muito comuns nos conjuntos cerâmicos da Idade do Ferro. O tipo da base é o 1.1.

5.4.1.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados

A A73 é representada por 104 fragmentos cerâmicos sendo que 86 são lisos (83 %), 13 são decorados calcolíticos e 5 são da Idade do Ferro, correspondendo a 5 decorações diferentes (4,8 %). São os seguintes os números de inventário das 5 decorações presentes: CP-99-1028 (est. L, 3), CP-99-1080 (est. L, 4), CP-99-828 (est. L, 8), CP-99-772 (est. L, 5) e CP-99-787 (est. L, 2).

Nos fragmentos decorados integrados na A73 foram usadas 3 técnicas decorativas: penteado – PENT.S (60 %); incisão simples – INC.S (20 %) e cepilhado – CEP (20 %). Neste conjunto apenas um fragmento decorado apresenta mais do que uma técnica decorativa correspondendo a 20 % dos fragmentos decorados.

Nesta fase foram usados vários instrumentos decorativos, a saber: 1) pente 1 com 6 puas; 2) pente 2 com 6 puas; 3) pente 3; 4) pente 7 com 3 puas e 5) instrumentos de incisão 1 e 2.

5.4.1.4. Organizações decorativas

Os fragmentos decorados integrados na A73 totalizam 4 organizações decorativas – III, IV, X e XIX – sendo que 1 fragmento não possibilita a identificação da organização decorativa. Estão presentes 3 tipos de pastas – I, II e III – e 3 tipos de localização – 2, 8 e 9.

– É de notar que dois dos recipientes decorados – CP-99-1028 e CP-99-1080 – (sendo que apenas um foi integrado numa organização decorativa CP-99-1080, org. dec. XIX) pertencem a recipientes carenados e a decoração é realizada englobando a linha de diâmetro máximo (tipo de loc. 9).

– Cada organização decorativa é representada apenas por um subtipo que são; III1a, IV1a1, X13a e XIX sendo que cremos que todos se integram, relativamente bem, no conjunto decorativo da Idade do Ferro. A boa integração destas decorações deve-se à estética das decorações presentes e às pastas dos recipientes sendo que a organização III1a foi realizada em pasta III, as organizações IV1a1 e XIX foram realizadas em pasta I e a X13a foi realizada em pasta II.

5.4.1.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes

No conjunto de 104 fragmentos integrados na A73 foram identificadas duas asas – CP-99-767 (est. L, 6) e CP-99-1021 (est. L, 7) – de secção de tipo 5.1 e 4.1, respectivamente, sendo que não foi possível saber as suas localizações no corpo de recipiente. Estas asas pertencem a recipientes de pastas I e III (CP-99-1021 e CP-99-767, respectivamente). No conjunto dos fragmentos, os fragmentos de asas totalizam cerca de 2 %.

5.4.2. Plataforma Inferior Leste

5.4.2.0 Introdução aos contextos estudados

A análise do conjunto cerâmico correspondente à fase III-2 do Crasto de Palheiros da Plataforma Inferior Leste – PIL – engloba: 1) os complexos 2, 4, 5, 14, 21, 29, 31, 32, 33, 43, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 55, 60, 61, 62, 63, 67, 76, 80, 85, 13.1, 31.1, 31.2, 4.1, 42.2, 42.3, 45.1, 45a, 47.2, 48.1, 48.3, 48.4 e 85.1; 2) as camadas 0, 1, 0/1, 1a, 1b e 1c; 3) os quadrados M/9-11, N/9-10, P/8, R/8-11, S/9, 10, 14, T/9-14, V/9-14, 18, 19, W/9-16, 19, X/10-19, Y/8, 12-19, Z6, 15-17 e 4) as associações de complexos A1, A15, A17, A18, A19, A2, A20, A21, A25, A3, A4, A5 e A6.

5.4.2.1. Análise Técnica

Foram exumados dos contextos relacionados com a Idade do Ferro do período de 300/200 AC a 80 DC (fase III-2) 3929 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 228 fragmentos de bordo no total; 2) 152 fragmentos de bordo conotados com a Idade do Ferro sendo que totalizam 125 bordos/recipientes); 3) 85 fragmentos de base sendo que totalizam 72 bases/recipientes; 4) 206 fragmentos decorados dos quais 48 são da Idade do Ferro e 5) 129 recipientes conotados com a Idade do Ferro.

a) Tipos de Pastas

A análise de pastas da fase III-2 foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: U. Hab. 1 (est. CCXXI, CCXXIII), U. Hab. 2 (ests. CCXXII, CCXXIII), U. Hab. 3 (est. CCXXIV, CCXXV), U. Hab. 4 (est. CCXXVI, CCXXVII), U. Hab. 5 (Est. CCXXVIII), A6 (Est. CCXXIX), A18 (ests. CCXXX, CCXXXI, CCXXXII, CCXXXIII), A19 (Ests. CCXXXIV, CCXXXV, CCXXXVI), A20, A21 e Lx. 48.4 (est. CCXXXVII, CCXXXVIII, CCXXXIX) e A25 (est. CCXL). A análise da fase III-2 foi levada a cabo de modo semelhante àquela conduzida para a Idade do Bronze (fase II) e Ferro Inicial (fase III-1) descrita de modo pormenorizado nos pontos 5.1.1.1. e 5.2.1.1. e subpontos a1 a a9. Esta análise – tal como as anteriores já citadas – tem em conta 5 factores: 1) hierarquia de pastas na totalidade dos fragmentos; 2) hierarquia de pastas nos recipientes; 3) presença de fragmentos de pasta VI e sua importância; 4) presença de fragmentos de pasta VIII e sua importância e 5) presença de fragmentos de pasta II e sua importância.

Alguns complexos (descritos estatisticamente nas estampas acima indicadas) possuem um número reduzido de fragmentos que não possibilita uma avaliação significativa. Deste modo excluímos da avaliação de pastas os seguintes complexos: 2, 13.1 (10 fragmentos), 32 (13 fragmentos), 50 (8 fragmentos), camada 0 da U. Hab. 3 (36 fragmentos), 67 (2 fragmentos) e 76 821 fragmentos). A avaliação destes contextos permite, novamente, concluir que contextos com poucos fragmentos são de difícil leitura e quando essa leitura é realizada as conclusões obtidas devem ser observadas com cautela.

Apresentaremos de seguida os resultados obtidos para os restantes contextos estudados.

1) Na hierarquia de pastas na totalidade dos fragmentos.

– As A1, A4, A3, A6 e A17 integram-se num mesmo grupo onde a pasta predominante é a VIII, seguida da III e X (A1 e A4), X (A3 e A6) e XII (A17). A predominância da pasta VIII varia de 27 a 42 %.

– Os contextos Lx. 63, A18, Lx. 45, 45a, 80, A20 e Lx. 48.4 integram-se num 2º grupo onde a pasta predominante é a III, seguida das VIII e I (Lx. 63 e A18), I (Lx. 45, 45a e 48.4), XII (Lx. 80) e X (A20). A predominância da pasta III varia de 22 a 58 %. O Lx. 63 e a A18 são os contextos de estatística mais semelhante àquela obtida para a totalidade da fase III-2.

- Os contextos A2, A25, Lx. 33 e A21 integram-se num 3º grupo onde a pasta predominante é a I, seguida da VI e VIII (A2 e A25), VII (Lx. 33) e III (A21). A predominância da pasta I varia de 25 a 42 %.
- Os contextos Lx. 5 e A5 integram um 4º grupo onde a pasta predominante é a X, não sendo concordante mais nenhuma. A predominância da pasta X varia de 31 a 42 %.
- Os contextos Lx. 43, A15 e A19 integram um último grupo onde a pasta predominante é a VI, seguida da VIII (Lx. 43 e A19) e III (A15). A predominância da pasta VI varia de 29 a 34 %.

2) Na hierarquia de pastas dos recipientes.

- As A1, A4, A5 e A6 integram um primeiro grupo onde a pasta predominante dos recipientes é a VIII, seguida da I e III (A1, A5 e A6) e III e VI (A4). A predominância da pasta VIII varia de 27 a 40 %. A A1 é o contexto de estatística mais semelhante àquela obtida para a totalidade da fase III-2.
- Os contextos A2, A3, Lx. 45, A21, Lx. 63, 45a, A17, A18 e A20 integram um 2º grupo onde a pasta predominante dos recipientes é a III, seguida das VIII e I (A2, A3, Lx. 45 e A21), III e VII (Lx.63, 45a e A17), VIII e XII (A18) e I (A20). A predominância da pasta III varia de 23 a 66 %.
- Os contextos A15 e Lx. 48.4 integram um 3º grupo onde a pasta predominante nos recipientes é a I, seguida da VII, III e VI (A15) e das III e VI (Lx. 48.4). A predominância da pasta I varia de 25 a 43 %.
- Os contextos Lx. 43 e A19 integram um 4º grupo onde a pasta predominante nos recipientes é a VI, seguida da I e VIII. A predominância da pasta VI varia de 41 a 47 %.
- Os complexos 33, 5, 80 e A25 encontram-se isolados dos restantes pois nos Lxs. 33 e 5 todos os recipientes foram realizados em pasta III e no Lx. 80 a pasta predominante é a XII (45 %) e na A25, os recipientes distribuem-se de igual forma pelas pastas I, III, VI e VII.

3) Na presença de fragmentos de pasta VI distinguem-se os contextos A15, A19, Lx. 43, A25, A2 – com as quantidades mais elevadas, de 34 a 19 % – seguidos dos Lxs. 45, 33, A6, A1, A5, Lx. 45a e A18 – com uma média / baixa quantidade de fragmentos desta pasta, de 14 a 7 % –, as A4, A3, A17, A20 e Lx. 48.4 – com uma baixa quantidade de fragmentos desta pasta, de 6 a 1 % – e os Lxs. 5, 63, 80 e A21 com total ausência de fragmentos desta pasta.

4) Na presença de fragmentos de pasta VIII distinguem-se os contextos A6, A17, A1, A4, A3, Lx. 43 e 63 – com as quantidades mais elevadas, de 42 a 23 % – seguidos dos A25, A19, A5, Lx. 45, A18, A15, A20 e A2 – com uma quantidade média de fragmentos desta pasta, de 22 a 17 %

–, os Lxs. 80, 45a, 33, 48.4 e A21 – com uma baixa quantidade de fragmentos desta pasta, de 6 a 1 % – e o Lx. 5 com total ausência de fragmentos de pasta VI.

5) Na presença de fragmentos de pasta II distinguem-se os contextos Lxs. 45A, 45, A20 e A18 – com uma quantidade mais elevada do que nos restantes contextos ainda que baixa, de 6 a 2 % – as A2, A17, A19, A21 e Lx. 43 – com uma quantidade baixa de fragmentos, 1 % – e todos os restantes contextos onde esta pasta se encontra ausente.

Tendo em conta a presença de fragmentos de pastas VI e VIII podemos dizer que: as A3 e A4 são semelhantes – com uma baixa presença de fragmentos de pasta VI e uma alta de pasta VIII – as A1 e A6 são semelhantes entre si – com uma presença média de fragmentos de pasta VI e um muito alta de pasta VIII – e as A2, A15, A19, A25 e Lx. 43 são semelhantes entre si com presenças significativas quer de fragmentos de pasta VI quer de pasta VIII.

– Uma visão global dos 5 factores expostos permite concluir que: os contextos A15, A19, Lx. 43 destacam-se pela marcada presença de fragmentos e recipientes de pastas VI; os contextos 45a, 45 A18, A20 e A2 destacam-se pela marcada presença de fragmentos e recipientes de pastas III e VIII; os contextos 63, 33 e A21 são aqueles os contextos com maior presença de fragmentos e recipientes de pastas III e I; os contextos A25 e Lx. 48.4 apresentam uma forte presença de fragmentos e recipientes de pasta I e os contextos A1, A4, A6, A3, A17 e A5 destacam-se pela presença de fragmentos e recipientes de pastas VIII e III.

A análise individual dos estratos e aquela realizada à totalidade do conjunto cerâmico integrado na Idade do Ferro correspondente à fase III-2 (estampa CCXX) permitiu as seguintes conclusões.

– Na totalidade do conjunto (estampa CCXX) a pasta predominante é a III, seguida da VIII e I. Esta hierarquia não se mantém na totalidade dos recipientes identificados onde a pasta predominante é a I, seguida da III e X. Nos recipientes da Idade do Ferro encontramos uma predominância da pasta VIII, seguida da III e I.

– A discrepância presente nas hierarquias de todos os recipientes e fragmentos sem forma deve-se à presença de fragmentos de recipientes da ocupação calcolítica. Se contabilizarmos apenas os bordos identificados com a ocupação da Idade do Ferro podemos observar que a hierarquia das pastas usadas nos recipientes se aproxima daquela obtida para a totalidade dos fragmentos.

– Foi identificado um desfasamento entre a quantidade de fragmentos sem forma (medida em %) e suas pastas e os recipientes identificados para cada uma. As pastas V e XI são representadas unicamente por fragmentos sem forma existindo uma ausência de recipientes. *As pastas I, II, IV e X possuem uma presença menos significativa de fragmentos sem forma do que recipientes. Quer dizer que, comparativamente, estas pastas possuem um número pouco significante de fragmentos mas um número significante de recipientes dentro do computo geral.* A pasta IX possui uma importância semelhante quer nos fragmentos quer nos recipientes. As pastas I, IV, IX e X revelam o peso dos recipientes calcólicos no cálculo estatístico geral, sendo que a ausência destes revela sempre resultados diferentes. *A baixa representatividade da pasta II revela o seu moderado uso e apenas em alguns contextos.*

– As pastas III, VI, VII e VIII são tidas como a base de confiança do conjunto cerâmico da Idade do Ferro – pois são aquelas que se apresentam mais constantes –, ainda que sejam também utilizadas as pastas I, II e XII. A presença elevada de fragmentos bem como de recipientes nas pastas I, III, VI e VIII apontam para um uso inequívoco destas pastas nesta ocupação ainda que nem sempre com esta ordem de preferência (hierarquia esta que depende do contexto particular a ser analisado).

– Apesar do conjunto de fragmentos identificados com a fase III-2 ter revelado a presença de todas as pastas presentes no Crasto de Palheiros (estampa CCXX) cremos que as pastas IV, V, IX, X e XI devem ser analisadas com cautela pois ora estão relacionadas com a ocupação calcólica ora não temos dados suficientes para a sua análise, caso da pasta V. Assim as pastas de referência para a fase III-2 são a I, III, VI, VII, VIII e XII. *Concluimos, então, que algumas das pastas típicas da ocupação da Idade do Ferro na PIL (pastas I, III e VII) encontram-se em continuidade com aquelas pastas utilizadas na ocupação da Idade do Bronze e Ferro (fase III-1).*

– Os contextos A4, A5, Lx. 45a, A18, Lx. 43 e A19 são aqueles que apresentam maior diversidade das pastas (11/10 em 12) sendo que tal pode ser compreendido como um indicador de contextos mais ricos, mais diversos mas igualmente de contextos menos homogêneos e mais permeáveis à mistura de artefactos de várias ocupações. Alguns destes contextos possuem um número elevado de fragmentos (1188 na A18) mas outros possuem um número bastante reduzido (96 no Lx. 45a). É possível que a diversidade de pastas nos diversos contextos esteja relacionada com vários factores: 1) proximidade da ocupação da Idade do Ferro na ocupação da Idade do Bronze e 2) contextos menos homogêneos e coesos, mais permeáveis a acções de mistura na ocupação da Idade do Ferro Inicial. Cremos que a diversidade de pastas presente nos contextos da Idade do Ferro da ocupação de 300/200 AC a 80 DC pode estar relacionada com o número de fragmentos presente em cada contexto, sendo que contextos com um número elevado de fragmentos possuem uma probabilidade

maior de conter maior diversidade de pastas. No entanto alguns contextos possuem um número bastante reduzido de fragmentos e uma boa diversidade de pastas – o Lx. 33, A6, Lx. 45A – sendo que podemos concluir que a diversidade de um contexto não está unicamente relacionada com o número de fragmentos presente. Cremos que nos contextos integrados na fase III-2 a diversidade de pastas está relacionada com as áreas de funcionamento doméstico. Quer dizer, que os contextos relacionados com a actividade doméstica (camadas de incêndio das U. Habs, pisos de argila) são mais diversos.

b) Análise da mistura dos contextos através das pastas dos recipientes e seus fragmentos

A análise comparativa dos bordos calcólicos e recipientes da Idade do Ferro presentes nos contextos estudados revelou os seguintes resultados:

b1) na totalidade da fase III-2, 37 % dos bordos são calcólicos frente a 63 % de recipientes da Idade do Ferro (est. CCXX).

b2) organizando os contextos por ordem decrescente de % de bordos calcólicos temos os seguintes resultados: Lx. 33 (86%); Lx. 48.4 (63 %); Lx. 5, A5 e A21 (50 %); Lx. 80 (42 %), A4 (40 %), A3 (39 %), A19 (35 %); A2 e A25 (33 %); Lx. 43 (30 %); A20 (25 %); A18 (23 %); A1 (18 %); Lx. 63 (17 %); Lx. 45 (13 %); A17 (1 %) e A6, Lx. 45A e A15 (0 %).

b3) Se tivermos em conta apenas estes resultados podemos concluir que os contextos que se apresentam mais misturados com materiais cerâmicos da ocupação calcólica são os Lxs. 33, 48.4, 5, A5 e A21. No entanto a análise conjunto dos recipientes calcólicos e dos fragmentos identificados com pastas, normalmente conotadas com a ocupação calcólica – IV, IX, X e XI – permite concluir que: 1) os contextos Lx. 5, A5, A20, A3 e A4 são aqueles com maior presença de fragmentos sem forma e o Lx. 5 e a A5 possuem também uma elevada presença de recipientes calcólicos; 2) os contextos Lx. 33, 80, 48.4, A19, A21 e A25 são aqueles com uma elevada/média presença de recipientes calcólicos mas com uma baixa presença de fragmentos sem forma; 3) os contextos A1, A2, Lx. 63, 43 e A18 são aqueles com uma presença média quer de fragmentos sem forma quer de recipientes e 4) os contextos A6, A17, A15, Lxs. 45 e 45a são aqueles que apresentam menor mistura com materiais cerâmicos calcólicos pois apresentam uma fraca presença tanto de recipientes como de fragmentos sem forma conotados com esta ocupação.

b4) Concluimos que, à excepção das A6, A17, A15, Lxs. 45 e 45a, todos os contextos se encontram misturados, convivendo no mês mo estrato cerâmicas da ocupação calcólica e da Idade do Ferro.

c) Estado de conservação dos fragmentos = Estado de conservação do estrato

A análise do estado de conservação dos fragmentos exige o agrupamento dos complexos em conjuntos de dimensão considerável, para que a estatística seja viável. Deste modo, foram excluídos desta análise os contextos Lxs. 5, 33 e 63 e foram adicionadas as associações que correspondem à totalidade dos conjuntos cerâmicos das Unidades habitacionais (1, 2, 3 e 4, sendo que na 5 a A5 corresponde já a todos os fragmentos encontrados). Assim na análise do estado de conservação dos fragmentos foram avaliados 22 contextos: A1 (Est. CCXXI), A2 (Est. CCXXII), A3 (Est. CCXXIV), A4 (Est. CCXXVI), A5 (Est. CCXXVIII), A6 (Est. XXCCIX), A15 (Est. CCXXXV), A17 (Est. CCXXXII), A18 (Est. CCXXXIII), A19 (Est. CCXXXVI), A20 (Est. CCXXXVIII), A21 (Est. CCXXXVIII), A25 (Est. CCXL), U.Hab. 1 (Est. CCXXIII), U.Hab. 2 (Est. CCXXIII), U.Hab. 3 (Est. CCXXV), U.Hab. 4 (Est. CCXXVII), Lxs. 43 (Est. CCXXXV), 45 (Est. CCXXXI), 45a (Est. CCXXXI), 48,4 (Est. CCXXXIX) e 80 (Est. CCXXXII).

Os contextos acima citados foram analisados seguindo as mesmas premissas da análise dos contextos integrados na fase III-1 e descritos em pormenor no ponto *c, 1 a 10*, no capítulo respectivo.

A análise do estado de conservação dos fragmentos nos diversos contextos permitiu as conclusões apresentadas de seguida.

- A *pasta I* encontra-se mal preservada em todos os contextos onde foi identificada (22 contextos);
- A *pasta II* encontra-se bem preservada em 3 contextos (Lx. 45, 45a e A18) e os dados encontrados foram inconclusivos em 6 dos contextos (A2, A17, Lx. 43, A19, A20 e A21) em que foi identificada (ao todo 9 contextos);
- A *pasta III* encontra-se bem preservada em 17 dos contextos (A1, A2, A3, A5, Lx. 45a, A17, Lx. 80, 43, A15, A19, A20, A21, Lx. 48.4 e U. Habs. 1 a 4) e mal preservada em 5 (A4, A6, Lx. 45, A18 e A25);
- A *pasta IV* encontra-se mal preservada em 1 contexto (Lx. 45a) e é inconclusiva em 6 (A4, A5, A18, Lx. 43, A19 e A21) daqueles onde foi identificada;
- A *pasta V* encontra-se bem preservada num contexto (A6) e mal preservada em 2 (A4, U. Hab. 4) dos 3 onde foi identificada;
- A *pasta VI* encontra-se bem preservada em 11 contextos (A3, A4, A5, Lx. 45, A17, A18, Lx. 43, A15, A19, A25 e U. Hab. 4), mal preservada em 7 (A1, A2, A6, Lx. 45a, U. Habs. 1, 2 e 3) e foi inconclusiva em 2 (A20 e Lx. 48.4) dos 20 contextos onde foi identificada;

- A *pasta VII* encontra-se bem preservada em 4 contextos (A5, U. Habs. 1, 3 e 4), mal preservada em 12 (A1, A2, A3, A4, Lx. 45, 45a, A17, A18, Lx. 43, A19, Lx. 48.4 e U. Hab. 2) e foi inconclusiva em 6 (A6, Lx. 80, A15, A20, A21 e A25) do total de contextos analisados;
 - A *pasta VIII* encontra-se bem preservada em 15 contextos (A1, A2, A4, A6, Lx. 45, A17, Lx. 80, A18, A15, A19, A25, U. Hab. 1, 2, 3 e 4), mal preservada em 4 (A3, A5, Lx. 43 e A20) e foi inconclusiva em 3 (Lx. 45a, A21 e Lx. 48.4) do total de contextos analisados;
 - A *pasta IX* encontra-se mal preservada num contexto (U. Hab. 4) e foi inconclusiva em 16 (A1, A3, A4, A5, A6, Lxs. 43, 45, 45a, 80, A17, A18, A19, A21, A25, U. Habs. 1 e 3) dos 17 contextos onde foi identificada;
 - A *pasta X* encontra-se bem preservada num contexto (Lx. 80), mal preservada em 19 (A1-6, Lxs. 43, 45, 48.4, A17-21, A25 e U. Habs. 1 a 4) e foi inconclusiva em 2 (Lx. 45A e A15) do total de contextos analisados;
 - A *pasta XI* encontra-se bem preservada num contexto (U. Hab. 4) e mal preservada noutra (A4) dos dois onde foi identificada;
 - A *pasta XII* encontra-se bem preservada em 6 contextos (A3, Lx. 80, A18, A21, U. Habs. 3 e 4), mal preservada em 7 contextos (A4-6, Lx. 45, A17, Lx. 43 e A19) e foi inconclusiva em 3 (A20, A25 e Lx. 48.4) dos 15 contextos onde foi identificada;
- *Através da análise individual de todos os contextos podemos concluir que as pastas mais bem preservadas são a II, III, VI e VIII, as pior preservadas são a I, V, VII, X e XII sendo que as pastas IV, IX e XI são inconclusivas.* A análise da totalidade do conjunto cerâmico da fase III-2 (Est. CCXX) revela dados ligeiramente diferentes daquele que avalia individualmente cada contexto. Assim as pastas mais bem preservadas são a III, VI, VII, VIII e XII, as piores preservadas são a I, II, IV, V, IX, X e XI sendo que nenhuma pasta foi dada como inconclusiva. *Cremos que os resultados da análise da totalidade do conjunto falseiam a realidade das cerâmicas desta fase pois a totalidade é uma soma virtual de contextos. Esta soma faz com que pastas que possuem um número reduzido de fragmentos (II, IV, IX, XI) em vários contextos possuam na totalidade uma visibilidade que é artificial mas que permite uma avaliação conclusiva. No entanto devemos olhar os resultados na totalidade com cautela pois a avaliação individual dos complexos ou associações de complexos deve ter primazia sobre aquela global.*
- Podemos concluir que as pastas IV, IX e XI existem em número reduzido e são inconclusivas no que diz respeito à sua conservação. Cremos que a falta de caracterização destas pastas está de

acordo com a destruição da ocupação calcolítica através das ocupações posteriores algo já observado no conjunto cerâmico da fase III-1.

Creemos que a boa preservação das pastas II, III, VI e VIII indica que a comunidade apostou no uso destas pastas devido à sua boa ou muito boa qualidade na manufactura dos recipientes. Este indicador já pode ser observado para as pasta II, III e VI na fase III-1. Assim podemos observar um crescimento na importância da pasta VIII, uma maior aposta no uso desta pasta na fase III-2.

Creemos que a má preservação das pastas I, V, VII, X e XII se relaciona com o uso não exclusivo destas pastas na fase III-2 e a características inerentes às pastas que lhes conferem uma má conservação (alta porosidade, falta de ENPs como as micas, uso de argilas mais granulosas ou com maior quantidade de pasta argilosa). Na fase III-1 as pastas V e VII possuíam uma má conservação, algo que se mantém nesta fase no entanto as pastas I e XII possuíam uma conservação oscilante, quer boa ou má consoante os contextos. Na fase III-2 é evidente a má conservação da pasta I no entanto a pasta XII – apesar de termos indicado a sua má conservação – juntamente com a VI, é aquela que apresenta maior oscilação e um número mais equitativo de contextos com boa (6) e má (7) conservação. *Sentimos dificuldade na caracterização da conservação de pastas com muitas micas (como são a VI e XII) pois quando elas fragmentam possuem sempre arestas vivas e o facto de as possuírem não é um indicador de que os fragmentos estão bem conservados (ao contrário de pastas mais porosas como a I e III)*. Optamos por concluir que estas pastas se apresentam mal conservadas quando os seus fragmentos se apresentavam muito pequenos independentemente da forma como se apresentavam as suas arestas.

– Os fragmentos cerâmicos englobados na fase III-2 (est. CCXX) revelam uma conservação mediana das arestas – sendo que 36 % apresentam arestas roladas, 26 % arestas boleadas e 38 % arestas vivas –, e uma dimensão reduzida fragmentos, mais de 70 % apresentam uma dimensão inferior ou igual à categoria 2 (cat. 1 = 9,4 % e cat. 2 = 61,5 %).

– Na análise individual dos contextos podemos observar que: 1) as A17, U. Hab. 3, A3, Lx. 45a, A1, U. Hab. 4 e Lx. 48.4 possuem presenças elevadas de fragmentos com arestas vivas – 54, 52, 49, 45, 45, 44 e 43 % respectivamente –; 2) destes contextos nem todos possuem um número elevado de fragmentos de boas dimensões – igual ou superior à categoria 3 – tal como a A17 e o Lx. 48.4 com 24 e 20 % de fragmentos de maiores dimensões, respectivamente; 3) as A20, A15, Lx. 43, A19, A25, A2 e A21 possuem presenças elevadas de fragmentos com arestas roladas – 61, 52, 45, 44, 42, 41 e 39 % respectivamente –; 4) destes contextos nem todos possuem um número reduzido de fragmentos de boas dimensões tal como as A20, A15 e A2 que possuem boas quantidades de fragmentos de grande dimensão à semelhança dos contextos que possuem uma maioria de arestas

vivas – A20 (35 %), A15 (42 %) e A2 (31 %); 5) o Lx. 45 e a A18 são os únicos contextos com fragmentos com uma categoria de dimensão 7; 6) a A1, A5, U. Habs. 1 e 4, Lx. 45a, A17, A18, Lx. 43, A19 e A25 são os únicos contextos com fragmentos com uma categoria de dimensão 6; 7) as A17 (14,7 %), Lx. 80 (13,9 %), Lx. 43 (12,5 %), A19 e U. Hab. 1 (12,5 % cada) são os contextos com maior presença de fragmentos com uma categoria de dimensão 1 – que se encontra, no total, entre 4,8 e 14,7 % e 8) o Lx. 48.4 (74,2 %), A21 (71 %), A5 (69,3 %), A25 (68,4 %) e Lx. 45 (63,4 %) são os contextos com maior presença de fragmentos com uma categoria de dimensão 2 – que se encontra, no total, entre 46,9 e 74,2 %.

Com base nas 8 observações acima indicadas podemos concluir o seguinte.

a) Tal como foi observado na fase III-1, a análise do estado de conservação dos fragmentos da fase III-2 revela que a relação obtida entre a dimensão dos fragmentos e a conservação das arestas não é a esperada. *O estudo de conservação dos fragmentos partiu do pressuposto que um contexto com elevada presença de arestas vivas se encontra mais bem preservado do que aquele com arestas roladas e que um contexto com elevada presença de fragmentos de grandes dimensões se encontra mais bem preservado do que aquele com fragmentos de pequenas dimensões. Em teoria um contexto bem preservado deveria possuir fragmentos grandes e de arestas vivas.* A análise realizada aos fragmentos cerâmicos na PIL, nas fases II, III-1 e III-2 revelou que contextos que possuem fragmentos com uma maioria de arestas vivas nem sempre possuem fragmentos de grandes dimensões. Na fase III-2 os contextos A17 e o Lx. 48.4 são dos que apresentam maior presença de arestas vivas, no entanto a A17 é o contexto com maior presença de fragmentos de cat. 1 (14,7 %) e o Lx. 48.4 é o contexto com maior presença de fragmentos de cat. 2 (74,2 %). Em alguns contextos a elevada presença de arestas vivas parece estar relacionada com a elevada presença de fragmentos de dimensões pequenas apontando para uma excessiva quebra dos fragmentos. Colocamos a hipótese de contextos com forte revolvimento apresentem uma presença elevada de fragmentos com arestas vivas aliada a uma elevada presença de fragmentos de pequena dimensão. A associação desta forma destes dois factores poderá indicar com mais certeza contextos revolvidos. Podemos, no entanto, concluir que *a dimensão dos fragmentos é mais significativa do que o estado de conservação nas arestas na compreensão do estado de conservação dos contextos.*

b) Podemos observar no ponto a que a relação entre a dimensão dos fragmentos e o estado de conservação das arestas não é o esperado. Tal como ocorre na fase III-1 alguns contextos com uma maioria de fragmentos com arestas roladas e boleadas, revelam uma boa presença de fragmentos de dimensão média e grande, cats. > 3. A A20, A15 e A2 revelam uma presença de

fragmentos de cat. de dimensão > 3 superior a 30 % – 34, 42 e 31 % respectivamente – e arestas roladas superiores a 40 % – 61, 52 e 41 % respectivamente. Tal como foi referido para a fase III-1 uma hipótese interpretativa para o estado destes fragmentos é a qualidade das pastas, quer dizer contextos com uma maioria de fragmentos de pastas I, III, VII e X – que permitem um esfarelamento das arestas – possuiriam uma maioria de fragmentos com arestas roladas, independentemente do grau de erosão do contexto. No entanto os dados não são conclusivos pois muitos dos contextos acima citados – A1, A3, A17 e Lx. 48.4 com uma maioria de fragmentos de arestas vivas e os A2, A15, A19, A20, A21, A25 e Lx. 43 com uma maioria de fragmentos de arestas roladas – possuem presenças acima dos 40 % para o conjunto de fragmentos pertencente às pastas I, III, VII e X. Ainda que os contextos com uma maioria de arestas roladas apresentem as presenças mais significativas: A20, 70 %; A21, 65 % e A2, 62 %. *Cremos que contextos com uma elevada presença de fragmentos pertencentes às pastas I, III, VII e X possuem uma tendência para apresentar arestas roladas, no entanto tal nem sempre acontece como é o caso do Lx. 48.4.*

c) A presença de fragmentos de grande dimensão – categorias superiores a 4 – não é um indicativo, por si só, de um contexto bem preservado no entanto de todos os contextos que possuem fragmentos de dimensão 6 e 7 – A1, A5, U. Hab. 1 e 4, Lx. 45a, A17 e A18 – apenas um – A5 – pode ser considerado mal preservado, com uma maior presença de arestas roladas do que vivas e com apenas 23 % de fragmentos de dimensão igual ou superior à cat. 3. *Cremos que a presença de fragmentos de grande dimensão é um indicador favorável à boa conservação do estrato tal como a dimensão reduzida dos fragmentos é um indicador favorável da sua má conservação.*

d) Tendo em conta a análise integrada dos vários factores acima expostos podemos concluir que os contextos Lx. 45a, U. Hab. 4, A1, U. Hab. 1, A18, A17, U. Hab. 3, A3, U. Hab. 2, A4, A6 e A2 são os mais bem preservados – ordenados do mais preservado para o pior preservado – e os contextos A21, Lxs. 48.4, 80, 45, A5, A25, Lx. 43, A19 A20 e A15 são os piores preservados, ordenados do mais mal preservado para o melhor.

d) Tratamentos de superfície

A análise dos tratamentos de superfície foi realizada a 20 contextos, a saber: A1-6, A15, A17, A20-21, A25, Lxs. 5, 33, 43, 45, 45a, 63, 67, 80 e 48.4. Tal como referimos para a fase III-1 gostaríamos de relembrar que: 1) a categoria Nf (superfície corroída) não é contabilizada como tratamento de superfície na análise estatística realizada e abaixo descrita; 2) o número reduzido de recipientes e a sua elevada fragmentação fazem sobrevalorizar algumas categorias de tratamentos de superfície; 3) os tratamentos de superfície dos recipientes foram analisados e descritos abaixo mas a

sua valorização será discutidas nos devidos pontos de discussão deste trabalho e 4) os resultados das conjugações de tratamentos de superfície e a análise individual dos mesmos é muitas das vezes diferenciada, sendo que tais casos são observados em pormenor.

A análise dos tratamentos de superfície permitiu as seguintes conclusões.

– Os tratamentos de superfície dominantes no conjunto cerâmico da fase III-2 (estampa CCXLI) são: na superfície externa, os polidos (33 %), alisados (29 %) e rugosos (16 %) e; na superfície interna, polidos (46 %) e alisados (42 %).

– Nos tratamentos de superfície externa a maioria dos contextos está em de acordo com os resultados gerais da fase III-2 onde os polidos são dominantes. Em 12 dos 20 contextos o tratamento de superfície dominante é o polido no entanto nos restantes oito, o tratamento dominante é o alisado. Os contextos discordantes são: A3-6, A17, A20, Lxs. 63 e 48.4. Nos tratamentos de superfície interna 50 % dos contextos estão de acordo com os resultados gerais da fase III-2 onde os polidos são predominantes e 50 % são discordantes pois os alisados são dominantes. Os contextos discordantes são: A3-6, A20-21, Lxs. 33, 45a, 63 e 80.

Observamos que em alguns contextos o tratamento de superfície externo dominante é discordante das conjugações de superfície dominantes. Tal ocorre na A21 e Lx. 45a onde o tratamento de superfície predominante é o polido mas as conjugações predominantes são a Ali/Ali – para a A21 – e Rug/Ali e Pol/Ali no Lx. 45a. Cremos que estes contextos devem ser tidos como discordantes da análise geral e englobarem o grupo de contextos discordantes de superfícies externas, acima descrito (A3, A4, A5, A6, A17, A20, Lxs. 63 e 48.4). Podemos concluir que os contextos mais discordantes da análise geral observada na estampa CCXLI são as A3-6, A20-21, Lxs. 33, 45a, 63 e 80.

– A análise individual dos contextos revela a presença dominante das seguintes associações de tratamentos de superfície (ordenadas por ordem decrescente): Pol/Pol; Ali/Ali; Pol/Ali; Cep/Pol; Rug/Ali; Ali/Pol e Rug/Pol. Os dados apresentados são o resultado de uma análise ponderada das conjugações predominantes nos contextos. Como podemos constatar através da observação da estampa CCXLI os dados apresentados não são concordantes com os dados observados na totalidade da fase III-2. Cremos no entanto, que a ordem proposta é mais relevante do que aquela sugerida pela análise da totalidade do conjunto, que é a seguinte: Pol/Pol; Ali/Ali; Pol/Ali; Ali/Pol; Rug/Pol; Rug/Ali e Cep/Pol.

Podemos também observar o seguinte.

1) Nos contextos A3-6, A17, A20-21, Lxs. 33, 45, 45a, 48.4, 63, 67 e 80 a conjugação de superfície dominante é discordante da análise geral, sendo que não é Pol/Pol. Sendo que alguns destes contextos já eram discordantes na análise individual dos tratamentos de superfície externa e interna vemos que esta diferença se agudiza para os seguintes contextos: A3-6, A20-21, Lxs. 33, 45a, 63 e 80.

2) As hierarquias de conjugações de tratamento de superfície obtidas nos diferentes contextos diferem daquela acima descrita. Apenas a A25 possui uma hierarquia semelhante à totalidade da fase III-2, a saber: Pol/Pol; Ali/Ali; Pol/Ali e Rug/Ali, sendo concordante nas três primeiras conjugações.

3) Os contextos analisados agrupam-se em 5 conjuntos consoante as suas semelhanças nas hierarquias de conjugações: 1º grupo) A1, A2, Lx. 5, Lx. 43 e A15 onde a conjugação dominante é a Pol/Pol; 2º grupo) A21 e A25 onde a conjugações dominantes são as Pol/Pol e Ali/Ali; 3º grupo) A4, A6, A20, A3, Lx. 63 e A5 onde a conjugação dominante é a Ali/Ali; 4º grupo) A17 e Lx. 48.4 onde a conjugação dominante é a Cep/Pol e o 5º grupo) Lx. 33, 45a, 67, 80 e 45 onde a conjugação dominante é a Pol/Ali.

4) Se tivermos em conta os contextos discordantes da análise geral, acima descritos, e os grupos criados no ponto 3 concluímos que apenas o grupo 1 é concordante com a análise total e que os grupos 3 e 5 são os mais discordantes.

– Concluímos que a maioria dos contextos possui características que se afastam daquelas obtidas para a análise da totalidade do conjunto da fase III-2 sendo que vemos esta totalidade como algo criado artificialmente por nós. Os contextos que se aproximam da totalidade do conjunto da fase III-2 não são aqueles com maior número de fragmentos e por isso a sua proximidade é um facto casual e sem razão aparente. cremos que a importância desta análise jaz na constituição de grupos através das semelhanças entre si.

Após a análise integrada dos tratamentos de superfície por contexto segue-se a análise dos tratamentos de superfície por pasta na totalidade da fase III-2, quer dizer, excluindo os contextos. Esta análise é, estatisticamente, realizada de dois modos, no primeiro avalia-se em cada pasta os tratamentos de superfície presentes – cada pasta possui x fragmentos de y tratamento de superfície – e no segundo, avalia-se em cada tratamento as pastas presentes – cada tratamento de superfície possui x fragmentos de y pasta. Estas duas avaliações são importantes porque apesar de diferentes afinam os resultados permitindo uma melhor compreensão da relação entre os tipos de pastas e os

tratamentos de superfície. Este método já foi utilizado na avaliação da fase II e III-1. Deste modo, podemos observar o seguinte:

– Através do método 1: as superfícies externas polidas ocorrem em todas as pastas presentes no conjunto da fase III-2, à exceção da IV. Este tipo de tratamento de superfície ocorre – com grande presença – nas pastas II (100 % dos seus fragmentos), V (77 %), I (58 %), III (45 %) e XI (43 %). Nestas pastas o tratamento de superfície polido é predominante. Através do método 2: as pastas mais relevantes no tratamento de superfície polido são a I, III e X com 33, 32 e 10 % de fragmentos respectivamente.

– Através do método 1: as superfícies externas alisadas ocorrem em todas as pastas presentes no conjunto da fase III-2, à exceção da II. Este tipo de tratamento de superfície ocorre – com grande presença – nas pastas IV (73 % dos seus fragmentos), IX (64 %), X (41 %) e VII (37 %). Através do método 2: as pastas mais relevantes no tratamento de superfície alisado são a III, I, VIII e X com 22, 19, 19 e 17 % de fragmentos, respectivamente. É de notar que a pasta VIII é muito diversa nos vários tipos de tratamentos de superfície presentes e que estes ocorrem de um modo bastante homogêneo (27 % alisados, 22 % rugosos, 20 % cepilhados e 16 % polidos).

– Através do método 1: as superfícies externas rugosas ocorrem em 7 das 12 pastas (I, III, VI, VII, VIII, X e XII) presentes na fase III-2, tal como acontece na fase III-1. Este tipo de tratamento de superfície ocorre – com grande presença – nas pastas XII, VI e VIII com 56, 39 e 22 % dos seus fragmentos, respectivamente. Através do método 2: as pastas mais relevantes no tratamento de superfície rugoso são as VI, VIII, XII e III com 31, 28, 24 e 13 % dos fragmentos na totalidade.

– As superfícies externas areadas ocorrem em pasta VIII e VI, no entanto apenas 3 e 0,2 % dos fragmentos respectivos possuem superfícies externas areadas. Concluimos que este tratamento de superfície é pouco utilizado mas quando tal acontece, ocorre unicamente em recipientes realizados com estas duas pastas.

– Através do método 1: as superfícies externas cepilhadas ocorrem em 7 das 12 pastas (I, III, IV, VI, VII, VIII e XII) presentes na fase III-2. Este tipo de tratamento de superfície ocorre com grande presença na pasta VIII, sendo que em todas as outras é minoritário. Através do método 2: as pastas mais relevantes no tratamento de superfície cepilhado são as VIII e III ainda que 69 % dos fragmentos cepilhados se encontrem na pasta VIII. No entanto apenas 20 % dos fragmentos de pasta VIII possuem superfícies externas cepilhadas. Concluimos que este tratamento de superfície é pouco utilizado, tal como acontece com o areado, mas quando ocorre é evidente a sua utilização em

recipientes de pasta VIII, ainda que possa também ocorrer em recipientes de pastas III, VI, I, XII, VII e IV.

– Tal como foi analisado na fase III-1, determinado tratamento de superfície não é exclusivo de determinado tipo de pasta no entanto determinada pasta pode ter tendência a usar determinado tipo de tratamento de superfície. Esta premissa mantêm-se na análise da fase III-2 e revela que o conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros é norteado por determinados ideias que, ainda que, não sejam totalmente exclusivas são linhas de orientação. Deste modo – e tal como podemos observar na análise do conjunto cerâmico da fase III-1 –, nas pastas I, II, III, V e XI ocorrem preferencialmente polidos externos; nas pastas VI e XII ocorrem rugosos e alisados externos; na pasta VIII ocorrem alisados, rugosos, cepilhados e areados – distribuídos de uma forma relativamente homogénea – e nas pastas IV, VII, IX e X ocorrem preferencialmente alisados externos. As pastas VI e VIII são as mais versáteis seguidas das I, III e XII.

– As pastas que apresentam maior quantidade de fragmentos com as superfícies corroídas são a VII, X, XI e IX sendo que devemos ser cautelosos na interpretação dos resultados. De qualquer modo, é visível a má conservação das pastas, VII, IX e X, pois já na análise da totalidade do conjunto cerâmico da fase III-1 foi identificada a má conservação da superfície de muitos dos fragmentos relativos a estas pastas. Assim concluímos que o mau estado de conservação dos fragmentos das pastas acima indicadas se deve quer às características das próprias pastas quer à sua utilização na ocupação calcolítica e posterior destruição nas ocupações humanas seguintes.

– Tal como foi esclarecido na análise dos tratamentos de superfície da fase III-1, cremos que determinados tipos de tratamentos de superfície – como os cepilhados, rugosos e areados – são aqueles que melhor definem a Idade do Ferro do Crasto de Palheiros. Deste modo, agrupamos os contextos consoante o seu grau de semelhança relativa a estes tratamentos de superfície e obtivemos os seguintes resultados: 1) os contextos Lx. 45a, 80, A3, A15, A17 e A21 são aqueles com maior presença de rugosos externos, com 27, 25, 22, 21, 20 e 19 %, respectivamente; 2) os contextos A4, A5, Lx. 45, A25 e Lx. 43 são aqueles com presença de areados externos, ainda que com baixa representatividade, de 3 a 0,5 %; 3) os contextos A17, Lx. 48.4, 43, 45a e 45 são aqueles com maior presença de cepilhados externos, com 22, 22, 11, 7, e 6 %, respectivamente; 4) os contextos com maior quantidade de rugosos, cepilhados ou areados são – por ordem decrescente – A17, Lx. 48.4, 45a, 80, 43, A3, A15 e A25, de 42 a 22 %; 5) os contextos Lxs. 67, 5, 33, 63, A1 e A6 são aqueles que apresentam uma presença mais baixa de superfícies rugosas, cepilhadas ou areadas, de 0 a 12 % e 6) os contextos A4, A5, A20, A2, A21 e Lx. 45 são aqueles que apresentam uma presença média de rugosos, cepilhados e areados, de 16 a 20 %.

e) Diversidade da cor nos fragmentos / Tipos de cozedura / Uso e deposição

A análise da diversidade de cor foi realizada a 21 contextos, a saber: A1-6, A15, A17-A21, A25, Lxs. 5, 33, 43, 45, 45a, 63, 67, 80 e 48.4 com base nas estampas CCLVI a CCCIII. A análise integrada dos tipos de cor – baseada na avaliação dos 9 pontos atrás descritos (nota 1) – resultou em várias hipóteses interpretativas onde os contextos são agrupados consoante as suas semelhanças. Os contextos são agrupados consoante o ponto em análise pois cada ponto analisa aspectos diferentes da cor presente nos fragmentos. No entanto tentamos chegar a grupos em que os seus constituintes fossem genericamente concordantes em quase todos os 9 pontos em análise. Como já foi dito, os grupos apontados são linhas de orientação na compreensão dos contextos.

Com base na avaliação dos pontos 1, 2 e 3 podemos dizer o seguinte.

– Todos os Lxs. que constituem a fase III-2 possuem uma maioria de fragmentos com cerne negro, sendo que organizados da menor para a maior percentagem temos: A2 (40 %), Lx. 33, A6, Lxs. 67 e 80, A1, Lx. 5, totalidade da fase III-2, A3, Lx. 45, A18, A4, Lx. 63, Lx. 45a, A19, Lx. 43, A25, A5, A17, A15, A20, A21 e Lx. 48.4 (69 %).

– O Lx. 63, 45, A18, Lx. 43, A15 e A19 constituem um 1º grupo onde a hierarquia de cores presente nos cernes corresponde a P, VE, C – 1º, 2º e 3º lugar respectivamente – sendo que o Lx. 63 e a A18 são semelhantes entre si, Lx. 45, 43 e A19 são semelhantes entre si e a A15 é o contexto mais discrepante dos 6 tendo em conta as percentagens de cor dos contextos indicados. O tipo P está compreendido entre 55 e 63 %, o tipo VE entre 17 e 29 % e o tipo C entre 10 e 14 %.

– A A3, A4, Lx. 5, A5, Lx. 45A, A17, A21, Lx. 48.4 e A25 constituem o 2º grupo onde a hierarquia de cores presente nos cernes corresponde a P, C, VE – 1º, 2º e 3º lugar respectivamente – sendo que a A3, A4, Lx. 5 e A5 são semelhantes entre si, Lx. 45a, A17 e A25 são semelhantes entre si, A21, Lx. 48.4 são semelhantes entre si tendo em conta as percentagens de cor dos contextos indicados. O tipo P está compreendido entre 52 e 69 %, o tipo C entre 16 e 25 % e o tipo VE entre 6 e 17 %.

– A A2, Lx. 33 e A6 constituem o 3º grupo onde a hierarquia de cores presente nos cernes corresponde a P, C, B – 1º, 2º e 3º lugar respectivamente – sendo que a A2 e Lx. 33 são semelhantes entre si e a A6 é o mais discrepante dos 3 tendo em conta as percentagens de cor dos contextos indicados. O tipo P está compreendido entre 40 a 47 %, o tipo C entre 20 a 36 % e o tipo B entre 9 e 16 %.

– Dos 21 contextos estudados 3 são mais discrepantes que todos os outros sendo a sua inclusão nos grupos algo forçada. O primeiro contexto: a A20 possui uma hierarquia P, C, VE – 63, 16 e 16 % respectivamente – sendo que pode ser integrada nos grupos 1 ou 2. Cremos que a sua integração

deve ser realizada no grupo 2. O segundo contexto: a A1 encontra-se muito isolada dos restantes contextos pois a sua hierarquia é P, C, A – 50, 23 e 14 % respectivamente – não sendo possível integra-la em nenhum grupo. E, por último, os Lxs. 67 e 80 possuem uma hierarquia de cores semelhante à do grupo 3 – P (48 %), B (23 %) e C (13 %) – onde podem facilmente ser integrados.

A avaliação dos restantes tipos de cores presentes nos cernes – ou aqueles com menor representatividade, ponto 8 – revelou o seguinte.

– Numa análise geral, o tipo de cor VC é o que menos ocorre nos cernes – 0,5 a 3 % – sendo que nas superfícies externas a sua máxima presença é de 9 %. Nos contextos em que o tipo VC não ocorre, surge o tipo A como aquele com menor presença. No entanto o tipo de cor A está sempre muito presente nas superfícies dos fragmentos, 6 a 28 % nas superfícies internas e 9 a 46 % nas externas. O tipo de cor B é o que mais ocorre destas três minoritárias – VC, A e B – ainda que com pouca representatividade nas superfícies. Ocorre 1 a 10 % nos cernes, 0 a 5 % nas superfícies internas e externas. cremos que a “boa” representatividade deste tipo de cor nos cernes está relacionada com as cerâmicas de cor escura ou negra. Quer dizer, algumas cores englobadas no tipo B dizem respeito a cinzentos relativamente claros que são o resultado de cozeduras ineficientes de argilas de cor escura. Quando a cozedura é levada a cabo de um modo mais eficiente a cor dos recipientes pode ter uma tonalidade negra ou cinzenta-escura (tipo P).

– No grupo 1, os contextos Lx. 63 e A15 encontram-se um pouco desfasados dos restantes. O tipo de cor que menos ocorre nos cernes é o VC, seguido do A e B, no entanto na A15 é o B e no Lx. 63 é o A. cremos que tal não é muito significativo pois a presença dos tipos A e B nas superfícies é semelhante em todos os contextos integrados no grupo 1.

– No grupo 2, os contextos Lx. 45a e A5 são os mais discrepantes. No Lx. 45a, encontramos uma ausência do tipo VC e na A5 apenas a presença de 1 % deste mesmo tipo. Os contextos A3, A4, A17 e Lx. 48.4 são semelhantes pois possuem uma mesma hierarquia VC, A, B – do menos utilizado para o mais utilizado –, bem como os contextos Lx. 5, A21 e A25 com a hierarquia VC, B, A.

– O grupo 3 revela uma total discrepância dos seus constituintes no que diz respeito à hierarquia dos tipos de cor menos presentes nos cernes. A A2 possui uma hierarquia VC, A, B, o Lx. 33, A e VE, a A6, VC, A, VE e os Lxs. 67 e 80, A VE, VC. Os mais próximos entre si são a A2 e A6 e os Lxs. 33, 67 e 80.

– A A20 (VC, A) pode integrar-se novamente no 2º grupo bem como a A1 (VC, B, A), em conjunto com o Lx. 5, A21 e A25.

A análise das cores presentes nos recipientes relacionados com a ocupação da Idade do Ferro (ponto 7) permitiu concluir o seguinte.

- 13 dos 21 contextos analisados possuem recipientes com uma maioria de cernes com cor de tipo P (45 a 100 %), a saber: A1, A2, A3, A4, Lx. 63, A5, A6, Lx. 45, A18, Lx. 43, A19, A20 e A25.
- Os tipos de cores presentes nas superfícies dos recipientes são inconstantes criando alguma variabilidade na análise geral dos contextos. Podemos, no entanto, dividir os contextos acima indicados em 2 grupos: *1º grupo*) A1, A3, A4, Lx. 63, A5, A20 e A25 com uma maioria de superfícies com tipos de cores C e P e o *2º grupo*) A2, A6, Lx. 45, A18, Lx. 43, A19 com uma maioria de superfícies com tipos de cores VE e C.
- A A17 e os Lxs. 67 e 80 podem ser integrados no grupo 2 devido à elevada presença do tipo de cor VE tanto nas superfícies como nos cernes. A presença deste tipo de cor nos cernes é um pouco discrepante dos dados gerais para este grupo 2 no entanto cremos que a importância do tipo de cor VE não deve ser menosprezada.
- Os Lxs. 5, 33, 45a, A15, A21 e Lx. 48.4 integram o *grupo 3* onde a cor predominante nos cernes é o tipo C e nas superfícies são os tipos C e VE.
- Podemos concluir que os grupos formados na análise dos recipientes não são concordantes com aqueles obtidos na análise dos fragmentos (pontos 1, 2, 3 e 8).

A avaliação das conjugações de cores e sua hierarquia presentes em cada contexto permitiu o agrupamento dos mesmos em 4 conjuntos, a saber:

- O *grupo 1* é constituído pelos contextos Lx. 63, 45, 45a, 43, A18 e A19 e possui uma maioria das seguintes conjugações: VE-P-VE, P-P-P, VE-VE-VE e A-P-P. Este grupo coincide genericamente com o grupo 1 dos pontos 1, 2 e 3 – à excepção do Lx. 45a e A15 – e com o grupo 2 do ponto 7, à excepção das A2 e A6. Podemos dizer que estes contextos possuem uma maioria de fragmentos de cerne de tipo P, seguidos dos de tipo VE e C, com uma grande presença de fragmentos cerâmicos com superfícies de coloração vermelha-escura. Esta tendência para as colorações de tipo VE é intuída quer na avaliação dos pontos 1, 2 e 3 quer no ponto 4, que avalia a permanência das mesmas conjugações de cor num conjunto considerável de fragmentos.
- O *grupo 2* é constituído pelos contextos A1, A2, A5, A6, Lx. 5 e 33 e possui uma maioria das seguintes conjugações: C-C-C, P-P-P e C-P-C. Este grupo coincide com o grupo 3 dos pontos 1, 2 e 3 aos quais se juntam as A1, A5 e Lx. 5, presentes no grupo 2. Podemos dizer que estes contextos possuem uma maioria de fragmentos de cernes de tipo P e C – comum aos grupos 2 e 3 dos pontos 1, 2 e 3 – em que é evidente a coloração castanha-escura (tipo C) das superfícies (interna e externa)

mas também vermelha-escura (tipo VE), algo que pode ser observado através da análise dos recipientes.

– O *grupo 3* é constituído pelos contextos A3, A4, A17 e Lxs. 67 e 80 e possui uma maioria das seguintes conjugações: A-P-P, P-P-P e C-C-C. Este grupo é pequeno e coincide em alguns dos seus elementos com o grupo 2 (que integra mais contextos) dos pontos 1, 2 e 3. Podemos dizer que estes contextos possuem uma maioria de fragmentos de cernes de tipo P e C, as A3, A4 e A17 mantêm uma unicidade obtida já nos pontos 1, 2, 3 e 8 onde se assemelham na coloração geral dos cernes de todos os fragmentos. A estes contextos junta-se o Lxs. 67 e 80 que nos pontos 1, 2, 3 e 8 são já discrepantes. Há contextos que nunca se integram totalmente num grupo, não revelando a homogeneidade necessária para tal e este é o caso dos Lxs. 67 e 80⁴⁴.

– O *grupo 4* é constituído pelos contextos A15, A20, A21, A25 e Lx. 48.4 e possui uma maioria das seguintes conjugações: P-P-P, VE-VE-VE, C-P-P, C-P-C e A-P-P. Este grupo, tal como o 3 acima descrito, coincide em alguns elementos como grupo 2 dos pontos 1, 2 e 3. Podemos dizer que estes contextos possuem uma maioria de fragmentos de cernes de tipo P e C e as A20, A21 e A25 assemelham-se na coloração geral dos cernes de todos os fragmentos (ponto 8). As cores presentes nas superfícies (dos recipientes, ponto 7) são maioritariamente os tipo C, VE e P, concordantes com as conjugações maioritárias.

Para completar a avaliação dos tipos de cores presentes nos recipientes – bem como a descoloração sofrida pelos fragmentos cerâmicos – são avaliados os tipos de cores presentes nas superfícies dos fragmentos de cernes negro (ponto 5). A análise deste ponto levou ao agrupamento dos contextos da seguinte forma:

– Os contextos *Lx. 33, 43, A6, A21 e A25* possuem uma maioria de fragmentos de cernes de tipo P com superfícies externas com a mesma coloração. Todos os contextos, à excepção do Lx. 43, possuem um conjunto cerâmico tendencialmente de coloração escura. Apesar de estes contextos não integrarem sempre os mesmos grupos, na avaliação dos pontos 1, 2, 3, 4, 7 e 8, integram sempre grupos onde as colorações de tipo P e C são maioritárias. O Lx. 43 revela-se como um contexto onde as cerâmicas de coloração VE são já muito visíveis mas não ainda o suficiente para serem maioritárias e mais presentes que aqueles de tipo P ou C.

– Os contextos *A1, A2, A3, A4, A5 e Lx. 5* possuem uma maioria de fragmentos de cernes de tipo P com superfícies externas de tipo C. Este grupo revela uma certa coesão e concordância com os

⁴⁴Nós sabemos porque é que os Lxs. 67 e 80 não possuem as mesmas características dos restantes. O lx 67 é constituído apenas por um fragmentos sendo que o que estamos a avaliar é o Lx. 80. O Lx. 80 é constituído na sua maioria pelos muitos fragmentos de um só recipiente, sendo que as suas características quase que dão apenas conta das características deste único recipiente, que infelizmente, não foi possível reconstituir apesar dos seus muitos fragmentos.

grupos anteriormente obtidos. São conjuntos cerâmicos tendencialmente de coloração escura mas com forte tendência para as superfícies de tipo C. É de notar que os contextos relacionados com as U. Habs. incendiadas revelam colorações muito escuras e mesmo uma forte descoloração dos fragmentos de cerne de tipo P. Cremos que esta descoloração estará relacionada com a utilização dos recipientes, uso, lavagens, etc.

– Os contextos *Lx. 63, 45a, A15 e A19* possuem uma maioria de fragmentos de cernes de tipo P com superfícies externas de tipo VE, ainda que a A19 possua também uma elevada presença do tipo P nas superfícies. São conjuntos cerâmicos tendencialmente de coloração vermelha-escura, ainda que com uma maioria de cernes de tipo P, algo universal a todos os contextos. Constituem outros grupos (ainda que nem sempre os mesmos, no caso do *Lx. 45a*) onde o tipo VE é proeminente.

– Os contextos *Lxs. 45, 67, 80, A17, A18, A20 e Lx. 48.4* possuem uma maioria de fragmentos de cernes de tipo P com superfícies externas de tipo A ainda que a A20 e *Lx. 48.4* possuam também uma elevada presença do tipo P nas superfícies. Este conjunto é o menos homogêneo de todos e aquele mais discordante com os grupos obtidos anteriormente. Nos *Lxs. 45, 67, 80, A17, A18* existe uma clara evidência de cerâmicas de coloração vermelha-escura no entanto esta avaliação está a transmitir o conhecimento de que nestes contextos a maioria dos fragmentos de cerne de tipo P possui uma superfície externa de tipo A. Conclui-se que a par da importância de cerâmicas de coloração VE existe um pequeno conjunto de cerâmicas de coloração de tipo A. A A20 e o *Lx. 48.4* são um pouco discrepantes destes outros contextos pois a importância dos tipo P e A nos fragmentos de cernes negros é igual. A A20 e o *Lx. 48.e* revelam uma menor importância da coloração VE.

Se analisarmos os grupos obtidos nos pontos 1, 2 e 3 através do factor de avaliação do ponto 5 – coloração das superfícies dos fragmentos de cerne negro – concluímos o seguinte.

– Genericamente, podemos dizer que os complexos que integram o 1º grupo (pontos 1, 2 e 3) com uma hierarquia maioritária P, VE, C – onde se revela a importância dos cernes vermelhos-escuros – possuem presenças (percentagens) mais elevadas de fragmentos de cerne negro (tipo P) com colorações claras/“coloridas” nas superfícies. Nos contextos *Lx. 63 e A15* a maioria dos fragmentos possuem cerne negro e superfícies VE, nos *Lx. 45 e A18* são maioritárias as superfícies de tipo A e na A19 e *Lx. 43* existe uma distribuição semelhante de fragmentos de superfícies P e VE entre 14 a 15 % para cada tipo de cor.

– Na avaliação da cor é difícil discernir o que é relevante, quer dizer, determinadas cores possuem presenças muito próximas e não sabemos se tal é relevante para a compreensão dos conjuntos

cerâmicos e seus estratos. O que podemos intuir nas avaliações realizadas são sempre tendências mais ou menos gerais.

– Os complexos que integram o 2º grupo (pontos 1, 2 e 3) com uma hierarquia maioritária P, C, VE, onde se revela a importância dos cernes enegrecidos, máximo de 87 % dos tipos P e C no Lx. 48.4 e mínimo de 71 % no Lx. 5. Nas A3, A4, A5, A21, A25 e Lx. 5 os fragmentos de cerne negro possuem uma maioria de superfícies de tipos P e C. No entanto dos Lxs. 45a, 48.4 e A17 são ligeiramente discordantes. O Lx. 45a possui uma maioria de superfícies VE, a A17 uma maioria de superfícies A, sendo que ambos possuem uma relativa importância de cernes VE – 17 % no Lx. 45a, o valor máximo obtido neste grupo e 13 % na A17. No Lx. 45A, 57 % dos fragmentos possuem cerne de tipo P e 34 % dos fragmentos (no total) possuem cerne de tipo P e superfícies externa de tipo VE (sendo mais de metade dos fragmentos de cerne negro). O Lx. 45a, bem como a A17, enquadram-se bem no 1º grupo, onde é importante a cor VE tanto nos cernes como nas superfícies. No Lx. 48.4, 69 % dos fragmentos (da totalidade) possuem cerne de tipo P e 24 % (da totalidade) possuem cerne de tipo P e superfície de tipo A e outros 24 % (da totalidade) possuem cerne e superfície de tipo P.

– Os complexos que integram o 3º grupo (pontos 1, 2 e 3) com uma hierarquia maioritária P, C, B, possuem uma certa homogeneidade nas cores dos cernes e superfícies externas sendo evidente a presença dos tipos P e C. Os contextos Lx. 33, A2 e A6 possuem uma maioria de cernes de tipo P e C e uma maioria de fragmentos de cernes de tipo p e C com superfícies externas de tipo C e P. Este 3º grupo pode ser integrado no 2º grupo, à excepção do Lx. 45a e A17.

– As A1 e A20 integram o 2º ou 3º grupo onde é evidente a importância de fragmentos de cerne e superfícies de tipo C e P.

Em conclusão, a análise da cor permite o agrupamento dos contextos em dois conjuntos: 1º) Lx. 43, 63, 45a, 67, 80 45, A15, A17, A18, e A19 com evidente importância dos tipos de cor VE e A; 2º) Lx. 5, 33, 48.4, A6, A20, A21, A25, A1, A2, A3, A4 e A5 com evidente importância dos tipos P e C.

Na generalidade dos contextos, à excepção dos Lx. 45a, os fragmentos de cerne negro possuem uma maioria de superfícies internas negras. No Lx. 45a é evidente a importância de superfícies internas de tipo VE.

Este factor de avaliação (ponto 5) aponta para uma descoloração das superfícies externas, que pode ser fruto do tipo de cozedura, utilização e deposição. Deste modo, os grupos formados podem reflectir diferentes tipos de cozedura, utilizações e deposições. Para discernirmos se um

dados grupo de contextos revela um gosto cultural, por determinados tipos de cerâmicos / cores teremos que avaliar os dados resultantes da análise do ponto 6.

No ponto 6 ordenamos os contextos consoante as presenças (percentagens) de fragmentos de cerne de tipo P com superfícies de tipo C e fragmentos de cerne de tipo C com superfícies de tipo P. Ordenamos os contextos consoante o resultado do índice usado (C Ps/P Cs) e por ordem decrescente (dos mais descolorado para o menos descolorado): A5 (índice = 0,05), Lx. 5, A3, A4, A1, A15, Lx. 33, Lx. 45, A20, A25, Lx. 43, A19, Lx. 48.4, A6, A18, Lxs. 67 e 80, A17 (índice = 0,34), Lx. 63, A21, A2 e Lx. 45a (índice = 1)

Podemos observar que a grande maioria dos contextos sofre uma grande descoloração, apontada pela elevada presença de P Cs e baixa presença de C Ps. Cremos que os fragmentos de cerne de tipo C com superfícies de tipo P (C Ps) são fruto de cozeduras pouco eficientes e que numa situação ideal a presença de C Ps deveria ser próxima à de P Cs. No entanto é evidente a omnipresença de fragmentos de cerne de tipo P com superfícies de tipo C que cremos serem fruto de uma descoloração de fragmentos de cerne e superfícies de tipo P.

De todos os contextos analisados apenas consideramos 4 pouco descolorados, que são: Lx. 63, A21, A2 e Lx. 45a. No Lx. 63, 5,8 % dos fragmentos são C Ps e 13,04 % são P Cs; na A21, 11,12 % são C Ps e 16,67 % são P Cs; na A2, 14,37 % são C Ps e 16,66 % são P Cs e no Lx. 45a, 8,34 % são C Ps e 8,33 % são P Cs. Nestes 4 contextos a diferença de valor entre os dois tipos de fragmentos é muito pequena sendo que em todos os outros contextos essa diferença é notória. Por exemplo, na A3, 1,8 % são C Ps e 18,02 % são P Cs.

Em conclusão: 1) a descoloração de fragmentos de cerne negro está presente em quase todos os contextos e faz supor que todos os fragmentos se encontrem descolorados sendo mais fácil a detecção desta situação nos fragmentos de cerne negro; 2) os contextos considerados pouco descolorados pertencem tanto ao 1º como ao 2º grande grupo (ver conclusão do ponto 5) – os Lxs. 63 e 45a pertencem ao 1º grupo com evidente importância dos tipos de cor VE e A e as A21 e A2 pertencem ao 2º grupo com evidente importância dos tipos P e C –; 3) a pertença dos contextos tanto ao 1º como ao 2º grupo faz supor que os conjuntos cerâmicos são originalmente de várias tonalidades, onde podemos encontrar uns tendencialmente mais escuros ou enegrecidos e uns mais claros, mais vermelhos e 4) os resultados da avaliação do ponto 6 permitem concluir que a análise do ponto 5 revela – em parte – o aspecto dos conjunto cerâmicos tal como eles foram utilizados pelas comunidades no passado.

Por último, apresentamos os resultados da avaliação do ponto 9, que serve sobretudo a análise do estado de conservação dos fragmentos e em consequência do estrato donde provêm. Tal como já foi referido os resultados obtidos no ponto 9 são fruto da avaliação dos fragmentos com cores concordantes e da diversidade de conjugações presente nos contextos em estudo. Geralmente a concordância de cores é vista como um indicador da boa preservação dos fragmentos e a diversidade de conjugações de cor é compreendida como sinal de uma má preservação do estrato porque se supõe uma descoloração dos fragmentos como causa da diversidade de cor. O factor “diversidade de conjugações de cor” (nas estampas respectivas está indicado no gráfico circular como “Outros”) mede a possível descoloração em todos os fragmentos – nomeadamente em todos aqueles que não são de tipo P ou C (já avaliados no ponto 6) – ou mesmo tal como o nome indica a diversidade de cor num dado conjunto cerâmico.

As razões da nossa explicação sobre o ponto 9, acima escrita, prendem-se com a particularidade da análise do conjunto cerâmico da fase III-2. Quer dizer, a avaliação da cor, em todos os seus factores (dos pontos 1 ao 8) permitiu o agrupamento dos contextos em dois grandes grupos em que um deles (o 1º) contém contextos com cores mais claras que o outro. Os contextos contidos no grupo 1 poderão ter uma maior presença de diversas conjugações de cor que poderão falsear os resultados obtidos e criar ideias de preservação dos estratos erradas.

Se ordenarmos os contextos através dos resultados do índice entre os “Outros”/“Concordância de cores” obtemos a seguinte ordem – do mais bem preservado para o pior preservado: A18, Lx. 43, A19, A4, A17, Lx. 45, Lxs. 67 e 80, Lx. 5, Lx. 33, A3, A1, Lx. 48.4, A20, A25, A6, A5, Lx. 63, Lx. 45a, A21, A2 e A15.

– Os contextos Lx. 63, A6, Lx. 45a, A15, A20, A21, Lx. 5 e A3 integram poucos fragmentos (inferiores a 112). Os contextos com poucos fragmentos possuem uma tendência para revelar grande diversidade de conjugações e pouca concordância nas mesmas, porque num conjunto homogéneo – claramente de ocupação – todos os fragmentos possuem a mesma importância. Quer dizer, um conjunto com poucos fragmentos está em desvantagem para com aqueles que integram muitos fragmentos. Um conjunto com poucos fragmentos pode ser um resto dele próprio e falsear as suas características.

– Dos 8 contextos indicados, 4 possuem um índice que revela uma má conservação – uma presença de “Outros”, superior, semelhante ou ligeiramente inferior à de “Concordância de cores” – que são a A15 (índice = 1,39), A21 e Lx. 45a (índice = 0,97) e Lx. 63 (índice = 0,91). A A15 possui 31 % de fragmentos com tipos de cor concordantes e 43 % de fragmentos com conjugações de cor com uma importância inferior a 3 %; a A21, 32 % de fragmentos com tipos de cor concordantes e 31 %

de fragmentos com conjugações de cor com uma importância inferior a 3 %; o Lx. 45A, 29 % de fragmentos com tipos de cor concordantes e 28 % de fragmentos com conjugações de cor com uma importância inferior a 3 % e o Lx. 63, 35 % de fragmentos com tipos de cor concordantes e 32 % de fragmentos com conjugações de cor com uma importância inferior a 3 %.

– Destes 4 contextos, 3 pertencem ao grupo 1, que se caracteriza pela sua tendência ao uso dos tipos de cores VE e A. Tendo em conta que são contextos com o número baixo de fragmentos e com uma tendência a forte coloração cremos que a sua integração em contextos com má preservação deve ser pensada cuidadosamente.

– Os contextos pior preservados ao nível da cor coincidem com aqueles que possuem uma tendência para os tipos P e C, integrados no 2º grupo. A grande diversidade de conjugações alisada a uma pouca concordância das mesmas revela nestes contextos, uma fraca preservação dos estratos e a corrosão do conjunto cerâmico.

– Cremos que o índice utilizado revela, na generalidade, quais os estratos que se encontram mais deteriorados ao nível da cor ainda que tais resultados tenham que ser balizados pelas conclusões gerais e pela formação de grupos de cor, tal como foi realizado.

f) Espessuras presentes nos fragmentos e recipientes / Evolução da espessura das pastas

A análise das espessuras presentes nos fragmentos e recipientes foi realizada a 21 contextos – A1-6, A15, A17-A21, A25, Lxs. 5, 33, 43, 45, 45a, 63, 67, 80 e 48.4 – com base nas estampas CCCIV a CCCXV. O quadro correspondente à totalidade da fase III-2 (estampa CCCIV) é, como sabemos, a soma de todos os fragmentos presentes nos vários contextos integrados nesta fase. Deste modo é possível a construção de gráficos de evolução das pastas para todas as pastas presentes algo que não é possível para todas as pastas em alguns dos contextos. Deste modo, tal como descrito para a fase III-1, as pastas cerâmicas possuem comportamentos diferentes dependendo do contexto e os dados da totalidade da fase III-2 apenas indicam a tendência global de cada pasta.

A análise das espessuras dos fragmentos presentes nos diferentes contextos permitiu agrupar os mesmos consoante as características que cada pasta possui ao nível da espessura. De seguida descrevemos o comportamento de cada pasta individualmente.

– A *pasta I* está presente em todos os contextos e em todos eles apresenta um número suficiente de fragmentos de modo a possuir uma linha evolutiva (visível no gráfico de evolução das pastas). Na totalidade da fase III-2, os fragmentos de pasta I encontram-se entre as categorias 1 e 6 e uma

maioria na cat. 3. Os contextos foram agrupados em 3 conjuntos: 1º) Lxs. 67, 80, 43, A18 e A19 – das espessuras mais finas –; 2º) A2, A6, Lx. 45a, A15, A20 e A21 – das espessuras medianas – e o 3º) A1, A3, A4, Lx. 5, 33, 63, A5, Lx. 45, A17, Lx. 48.4 e A25, das espessuras mais grossas.

– A *pasta II* não está presente em todos os contextos e naqueles onde ocorre, nem sempre possui um número suficiente de fragmentos para ser possível a construção de uma linha evolutiva. Esta pasta está ausente dos contextos A1, A3, A4, Lx. 5, 33, 63, A5, A6, lxs. 67 e 80, A15, Lx. 48.4 e A25, possui fragmentos isolados nos contextos A2, Lx. 45, A17, A20 e A21 e ocorre nos contextos A18, Lx. 43 e A19. No conjunto destes 3 contextos, os fragmentos de pasta II encontram-se entre as categorias 2 e 4 e uma maioria na cat. 3.

– A *pasta III* está presente em todos os contextos e em todos eles apresenta um número suficiente de fragmentos de modo a possuir uma linha evolutiva. Na totalidade da fase III-2, os fragmentos de pasta III encontram-se entre as categorias 2 e 8 e uma maioria na cat. 3. Os contextos foram agrupados em 4 conjuntos: 1º) A2, Lx. 63, A6, Lx. 45a, 33, A15 e A3 – das espessuras mais finas –; 2º) A1, A4, Lxs. 67, 80 e 48.4 – das espessuras medianas finas –; 3º) Lx. 45, A17, A18, Lx. 43 e A19 – das espessuras medianas grossas e o 4º) Lx. 5, A5, A20 e A21 das espessuras mais grossas.

– A pasta IV não está presente em todos os contextos e naqueles onde ocorre, nem sempre possui um número suficiente de fragmentos para ser possível a construção de uma linha evolutiva. Esta pasta está ausente nos contextos A1, A2, A3, Lx. 5, 33, 63, A6, Lx. 45, A17, Lxs. 67, 80, A15, A20, Lx. 48.4 e A25, possui fragmentos isolados nos contextos A5, Lx. 45A, A18 e A21 e ocorre nos contextos A4, Lx. 43 e A19. No conjunto destes 3 contextos, os fragmentos de pasta IV encontram-se entre as categorias 2 e 4 e uma maioria na cat. 3.

– A *pasta V*, tal como ocorre com a II e IV, não está presente em todos os contextos e naqueles onde ocorre, nem sempre possui um número suficiente de fragmentos para ser possível a construção de uma linha evolutiva. Esta pasta está ausente dos contextos A1, A2, A3, Lx. 5, 33, 63, 45, 45a, 67, 80, A17, A18, Lx. 43, A15, A19, A20, A21, Lx. 48.4 e A25, possui fragmentos isolados nos contextos A4 e A5 e ocorre no contexto A6. Neste contexto, os fragmentos de pasta V encontram-se entre as categorias 4 e 5 e uma maioria na cat. 4.

– A *pasta VI* em quase todos os contextos – à exceção dos Lxs. 63, 67, 80 e A21 –, sendo que em alguns não possui um número suficiente de fragmentos para ser possível a construção de uma linha evolutiva. Esta pasta possui fragmentos isolados nos contextos A20 e Lx. 48.4 e os contextos podem ser agrupados em dois conjuntos consoante o comportamento da pasta. O 1º grupo integra os contextos A1, A2, A3, A6, Lx. 33, 45 e 45a e diz respeito aos conjuntos de fragmentos com menores espessuras. O 2º grupo integra os contextos A4, A17, A18, Lx. 43, A15, A19 e A25 e diz

respeito aos conjuntos de fragmentos com maiores espessuras. Na totalidade da fase III-2, os fragmentos de pasta VI encontram-se entre as categorias 2 e 8, uma maioria na cat. 3 e uma ausência na cat. 7.

– A *pasta VII* encontra-se em todos os contextos mas em alguns não possui um número suficiente de fragmentos para ser possível a construção de uma linha evolutiva. Esta pasta possui fragmentos isolados nos contextos A6, Lxs. 67, 80, A15, A20 e A21 e os restantes contextos podem ser agrupados em dois conjuntos. O 1º grupo integra os contextos A1, A2, Lx. 5, 33, 45a, A17 e A25 e diz respeito aos contextos com fragmentos de menores espessuras (dentro do global). O 2º grupo integra os contextos A3, A4, Lx. 63, A5, Lx. 45, A18, Lx. 43, A19 e Lx. 48.4 e diz respeito aos contextos com fragmentos de maiores espessuras. Na totalidade da fase III-2, os fragmentos encontram-se entre as categorias 3 e 11 com uma maioria na cat. 4.

– A *pasta VIII* encontra-se em (quase) todos os contextos – à exceção do Lx. 5 – mas em alguns não possui um número suficiente de fragmentos para ser possível a construção de uma linha evolutiva. Esta pasta possui fragmentos isolados nos contextos Lx. 33, 45a, A21 e Lx. 48.4 e os restantes foram agrupados em 3 conjuntos consoante o seu comportamento. Deste modo, o grupo 1 é constituído pelos A1, A2, A5, Lx. 45, A17, A15 e A25 – das espessuras mais finas –, o grupo 2 é constituído pelos A3, A4, Lx. 43 e A19 – das espessuras medianas – e o grupo 3 é constituído pelos Lx. 63, A6, Lxs. 67, 80, A18 e a20 e diz respeito às espessuras mais grossas. Na totalidade da fase III-2, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 7 com uma maioria na cat. 3.

– A *pasta IX* não ocorre em todos os contextos e naqueles onde ocorre nem sempre apresenta um número significativo de fragmentos. Está ausente dos contextos A2, Lx. 5, 33, 48.4, A15 e A20, possui fragmentos isolados nos contextos A1, A3, Lx. 63, A5, A6, Lx. 45, 45a, A17, Lxs. 67, 80, A21 e A25 e os restantes foram agrupados em 2 conjuntos consoante o seu comportamento. O 1º grupo é apenas constituído pelo Lx. 43 e A19 – diz respeito às espessuras mais finas – e o 2º grupo é apenas constituído pela A18 e A4, sendo que diz respeito às espessuras mais grossas. É de notar que a linha evolutiva conseguida na A18 é fruto da soma dos fragmentos isolados encontrados nos contextos que a constituem, sendo que esta linha evolutiva pouco fiável. Na totalidade da fase III-2, os fragmentos encontram-se entre as categorias 3 e 9 com uma maioria na cat. 4.

– A *pasta X* está presente em todos os contextos e apenas no Lx. 45a ocorre com um número reduzido de fragmentos sendo que não é possível constituir uma linha evolutiva neste contexto. Os contextos foram agrupados em 2 conjunto: o 1º grupo é constituído pelos A3, Lx. 5, 63, A17, A18, A15 e A19 – diz respeito às espessuras mais finas – e o 2º grupo é constituído pelos contextos A1,

A2, A4, Lx. 33, A5, A6, Lx. 45, 67, 80, 43, 48.4, A20 e A21 e diz respeito às espessuras mais grossas. Na totalidade da fase III-2, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 7 com uma maioria na cat. 4.

– A *pasta XI* está ausente em quase todos os contextos, possui um número reduzido de fragmentos no Lx. 33 e apenas ocorre, com fragmentos espessos na A4 e Lx. 5. No conjunto destes 3 contextos, os fragmentos encontram-se entre as categorias 4 e 9 com uma maioria na categoria 6 e uma ausência na categoria 8.

– A *pasta XII* encontra-se ausente em alguns contextos – A1, A2, Lx. 5 e A15 – e possui um número reduzido de fragmentos nos contextos Lx. 33, 63, A5, A20 e A25 não sendo possível constituir uma linha evolutiva nestes contextos. Os contextos foram agrupados em 2 conjuntos: o 1º grupo é constituído pelos contextos A4, Lx. 45, 45a e A17 – diz respeito às espessuras mais finas – e o 2º grupo é constituído pelos contextos A3, A6, Lxs. 67, 80, 43, 48.4, A18, A19 e A21 e diz respeito às espessuras mais grossas. Na totalidade da fase III-2, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 7 com uma maioria na categoria 3.

Tendo em conta a análise descrita acima, podemos observar o seguinte.

1) É possível agrupar os contextos se tivermos em conta apenas as características de uma pasta ou de cada pasta individualmente. No entanto esta tarefa torna-se muito difícil se tivermos em conta todas as pastas ou por exemplo só aquelas relacionadas com a ocupação da Idade do Ferro. Alguns contextos agrupam-se com características semelhantes nas espessuras de uma, duas, ou três (máximo) pastas mas não nas restantes.

2) Deste modo, vemos que as A18, A19, Lxs. 43, 45, 67, 80, A20 e A21 são genericamente semelhantes discordando mais nas características das pastas VI e VIII. As U. Habs – A1-6 – concordam genericamente umas com as outras, discordando mais nas pastas III e VII. Os contextos Lx. 5, 33, 63, 45a e A15 concordam genericamente entre si, bem como a A17 e A25. O Lx. 48.4 aparece mais isolado.

3) Os agrupamentos dos contextos, com base numa visão integrada de todas as pastas, são mais frágeis do que aqueles realizados para cada pasta individualmente. Assim, é necessária cautela nas conclusões que forem retiradas a partir destes agrupamentos.

4) *Após a análise das características das espessuras dos fragmentos de cada tipo de pasta – presentes em todos os contextos – podemos supor que: 1) as pastas I, II e IV são usadas no fabrico de recipientes de paredes muito finas (cats. 1 e 2) e finas (cats. 3 e 4); 2) as pastas III, V, VI, VIII, X e XII são usadas no fabrico de recipientes de paredes finas e medianas (cats. 4 e 5); 3) as pastas*

VII e IX são usadas no fabrico de recipientes de paredes de espessura mediana/grossa e 4) a pasta XI é usada no fabrico de recipientes de paredes com espessuras grossas ou muito grossas, > a 5.

5) Os resultados relativos às espessuras ocorridas em cada tipo de pasta são ligeiramente diferentes daqueles apontados para a fase III-1. Tal pode dever-se às características inerentes dos dados (dados insuficientes) ou a uma alteração cultural, relacionada com a utilização das argilas. Podemos observar que a pasta VI, transforma-se de uma pasta pouco utilizada e em recipientes finos, para uma pasta mais utilizada e em recipientes medianos. Todas as outras pastas mantêm as suas características e podemos também caracterizar as pastas IV e V, algo não realizado na fase III-1.

6) A categoria de espessura dominante nos fragmentos é a 3 e nos recipientes é a 5, seguida da 5. Neste conjunto as espessuras dos fragmentos sem forma e dos bordos e bases não são concordantes e podemos observar uma maior espessura dos bordos e bases.

7) Tal como acontece na fase III-1, se observarmos o gráfico de evolução das espessuras dos recipientes para a totalidade da fase III-2 (estampa CCCIV) podemos ver que nenhuma pasta possui uma curva evolutiva. Quer dizer que, as espessuras das pastas nos recipientes não possuem picos nem crescem gradualmente. cremos que as espessuras presentes nos bordos e bases dos recipientes não possuem uma lógica de espessura, não revelam uma tendência geral de uso e são o resultado dos tipos de bordos e bases escolhidos e usados. As espessuras dos recipientes estão relacionadas com as tipologias de forma e tamanho pretendidos pelo/a artesão. No caso da fase III-2 podemos ver um aumento das espessuras de bordos e bases em relação àqueles identificados na fase III-1.

5.4.2.2. Análise Morfológica

A análise morfológica do conjunto cerâmico da fase III-2 ponderou todos os bordos, bases e recipientes identificados em cada contexto individual, a saber: A1-6, A15, A17-A21, A25, Lxs. 5, 33, 43, 45, 45a, 63, 67, 80 e 48.4. Os bordos/recipientes integrados nesta fase são: 1 (est. LXXXIII, 1), 2 (est. LXXV, 1), 4 (est. LXXX, 3), 5 (est. XC), 6 (est. LXXVI, 1), 8 (est. LXXVI, 5), 9 (est. LXXV, 3), 11 (est. LXXXIII, 1), 12 (est. LXXV, 2), 14 (est. LXXV, 4), 15 (est. LXXVI, 3), 16 (est. LXXX, 5), 17 (est. LXXV, 5), 18 (est. LXXIX, 7), 20 (est. LXXVII, 1), 21 (est. LXXVII, 3), 22 (est. LXXX, 2), 24 (est. LXXVII, 4), 30, 34 (est. LXXVIII, 4), 37 (est. LXXVIII, 6), 38 (est. LXXXI, 3), 40 (est. LXXXII, 6), 49 (est. LXXXI, 4), 52 (est. LXXVI, 8), 56 (est. LXXXII, 5), 60 (est. LXXXIII, 2), 61 (est. LXXXIII, 6), 67 (est. LXXIX, 6), 68 (est. CXII, 7), 71 (est. LXXXII, 1), 72 (est. CVIII, 6), 73 (est. LXXXI, 7), 75 (est. LXXXIV, 1), 77 (est. CXIX, 2), 78 (est. CVIII, 4),

83 (est. XCI, 11), 84 (est. XCI, 5), 85 (est. LXXXV, 12), 88 (est. XCI, 12), 90 (est. XCI, 9), 92, 93 (est. LXXXIV, 2), 97 (est. XCI, 8), 98 (est. XCIII, 3), 100 (est. XCI, 10), 103, 104, 105 (est. LXXXII, 9), 106 (est. XCIV, 1), 107 (est. XCIII, 8), 109 (est. XCIV, 5), 110 (est. LXXXII, 12), 111 (est. LXXXII, 13), 112 (est. LXXXV, 11), 117 (est. XCII, 7), 121 (est. LXXXII, 10), 123 (est. XCII, 11), 125, 127, 128 (est. XCII, 12), 129 (est. XCII, 13), 130 (est. XCII, 5), 133 (est. XCII, 2), 134 (est. XCIII, 7), 135 (est. LXXXV, 6), 136 (est. XCII, 4), 137 (est. XCII, 1), 138, 140, 143, 144 (est. XCII, 9), 145 (est. XCII, 6), 146 (est. CVII, 1), 147, 149 (est. LXXXIII, 9), 153, 155 (est. LXXXIII, 8), 156, 160 (est. LXXV, 6), 162 (est. LXXXIII, 3), 166 (est. LXXXIII, 9), 167 (est. LXXXVI, 2), 169 (est. LXXXIII, 10), 170 (est. LXXXVII, 1), 172 (est. LXXXVII, 6), 173, 174 (est. LXXXVII, 8), 175 (est. LXXXII, 12), 176 (est. LXXXV, 8), 177 (est. LXXXIII, 11), 180 (est. LXXXVII, 11), 181 (est. LXXXV, 5), 183 (est. LXXXVI, 5), 192 (est. LXXXVII, 7), 194 (est. LXXXIII, 13), 195 (est. LXXXVI, 6), 197 (est. LXXXVII, 10), 201 (est. XCV, 6), 210 (est. XCIII, 10), 217 (est. XCIII, 11), 218 (est. XCV, 11), 220 (est. XCV, 1), 221 (est. XCVI, 1 e 2), 222 (est. XCV, 3), 223, 224, 227, 228, 229 (est. XCVI, 10), 230, 232 (est. XCIII, 9), 235 (est. XCV, 8), 236 (est. XCV, 10), 237 (est. XCV, 12), 238, 240 (est. XCIII, 4), 245 (est. XCVI, 4), 246, 456 (est. XCIV, 2), 457 (est. LXXXV, 10), 459 (est. XCI, 6), 460, 1015 (est. XCVII, 2) e as bases identificadas são: 2, 6 (est. C, 7), 7 (est. XCVIII, 3), 8 (est. XCVIII, 11), 9 (est. XCVIII, 5), 10, 12, 15, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30 (est. C, 9), 31, 32 (est. C, 6), 34 (est. CI, 7), 35, 36, 37, 38, 39 (est. XCVIII, 2), 40, 41, 43, 45 (est. XCIX, 18), 46, 47 (est. XCIX, 6), 48, 49, 50, 51, 52 (est. CI, 5), 55, 56, 60 (est. XCIX, 17), 61 (est. XCVIII, 7), 62 (est. XCIX, 12), 69 (est. CI, 3), 75 (est. CI, 6), 77, 79, 80 (est. CI, 4), 83, 85, 92, 100 (est. XCIX, 16), 105, 106 (est. XCIX, 11), 107, 108 (est. CI, 8), 109 (est. XCIX, 7), 118 (est. XCVIII, 10), 119 (est. XCIX, 15), 121, 125 (est. LXXXVIII, 2), 126, 128, 130, 132, 134, 135, 138, 140, 142, 145, 266 (est. XCVIII, 1) e 268.

A análise morfológica efectuada para a fase III-2 teve em conta os seguintes quadros: 1) tipos de recipientes por contexto (est. CCCXVI); 2) tipos de recipientes e suas pastas na totalidade da fase III-2 (est. CCCXVII, Q1); 3) tipos de recipientes e suas capacidades na totalidade da fase III-2 (est. CCCXVII, Q2); 4) tipos de recipientes e respectivos tipos de bordos na totalidade da fase III-2 (est. CCCXVIII); 5) tipos de bases e seus contextos (est. CCCXIX, Q1); 6) tipos de bases e respectivos ângulos de parede/pança (est. CCCXIX, Q2); 7) tipos de bordos, bases e respectivas pastas na totalidade da fase III-2 (est. CCCXX) e 8) tipos de bordos, bases e respectivas pastas em alguns contextos relevantes – A1, A2, U. Hab. 2, A3, U. Hab. 3, A4, Lx. 5, 33, 63, A5, A6, Lx. 67, 80, A17, A18, A15, A19, A20, A21, Lx. 48.4, A25, c. 1 e c. 1b – (estampas CCCXXI a CCCXXVI).

A análise dos recipientes da totalidade do conjunto da fase III-2 (estampas CCCXVI a CCCXXVI) permitiu as observações que expomos de seguida.

– Na totalidade da fase III-2, 54 % dos bordos permitiram a reconstituição dos recipientes (67 dos 125 bordos presentes), no entanto cada contexto comporta-se de forma diferente na reconstituição dos seus recipientes. Nos contextos A2, A3, Lx. 33, A5, A6, Lx. 48.4 e A25 todos os bordos foram identificados a tipos de formas sendo que foi possível uma reconstituição a 100 %. Já na U. Hab. 3 (complexos da integrados na U. Hab. 3 à excepção da A3), Lx. 67, A20 e c. 1 não foi possível a reconstituição de nenhum recipiente. Os restantes contextos foram ordenados por ordem decrescente (daquele com maior percentagem de reconstituições para aquele com menor percentagem de reconstituições): A1 (76 %), U. Hab. 2 (75 %), c. 1b (67 %), A4 (62 %), Lx. 5 (50 %), A17 (44 %), Lx. 80 (36 %), Lx. 63, A15, A19, A21 (33 % cada) e A18 (18 %). É de notar que os contextos Lx. 80, A18 e A19 são alguns dos contextos com maior número de recipientes identificados no entanto possuem uma percentagem baixa de reconstituição. Este facto pode estar relacionado com uma má conservação do estrato que se revela numa excessiva fragmentação dos recipientes, sendo difícil a reconstituição dos mesmos.

– Na totalidade da fase III-2 os tipos de recipientes com maior presença são: *8a* (19 %), *8b* (16 %), *6a* (15 %), *6b* (13 %), *3b* (7 %) e *7a* (6 %). Os restantes tipos de recipientes apresentam presenças inferiores a 3 %. O comportamento encontrado nos contextos nem sempre é concordante com os resultados obtidos para a totalidade da fase III-2. O tipo de forma *8a* é maioritário nos contextos A2, U. Hab. 2, A4, A6 e A17, o *8b*, na A1, Lx. 63, A5, a18 e A25, a *6a*, no Lx. 5, A6, Lx. 80, A18, A15, e Lx. 48.4, a *6b*, na A1, U. Hab. 2, a15 e c. 1b, a *3b*, na A19 e a *7a* na A3. Observado os resultados desta forma vemos que há uma preferência pelo tipo de forma *6a*, seguido do *8a*, *8b* e por último, *6b*, sendo que a ordem de preferência não é a mesma do somatório dos contextos (totalidade da fase III-2). Os tipos de forma *3b* e *7a* só são maioritários cada um em seu contexto e por isso a sua importância é muito relativa.

– Na totalidade da fase III-2, 74 % dos recipientes são de perfil em “S”, 53 dos 67 recipientes identificados. Os recipientes que não possuem perfil em “S” – tipos 1 a 4 – estão presentes nos seguintes contextos: A1, U. Hab. 2, A4, A5, Lx. 80, A18, A19, A21 e Lx. 48.4. Podemos observar que este tipo de recipientes estão associados maioritariamente à Área Diversificada 6 mas também ao incêndio de algumas Unidades habitacionais (1, 4 e 5).

– A análise dos tipos de bordo presentes na fase III-2 permite concluir que os tipos de bordo predominantes são o tipo 1 – 30 % – seguido do 4 – 23 % – e que os tipos 2, 3 e 5 são claramente

minoritários. Os bordos de *tipo 1* estão quase presentes em todos os contextos, à excepção da A20 e Lx. 48.4. Os bordos de *tipo 2* só ocorrem no Lx. 5, A6, Lx. 80, A19, Lx. 48.4 e c. 1b sendo clara a preferência da Área Diversificada 6 e ausência da U. Habs. incendiadas. Os bordos de *tipo 3* encontram-se presentes na U. Hab. 2, A18 e A19 sendo novamente evidente a importância da Área Diversificada 6. Os bordos de *tipo 4* estão quase presentes em todos os contextos, à excepção do Lx. 5, 33, A6, A20, Lx. 48.4 e A25 e por último, os bordos de *tipo 5* ocorrem nos contextos A4, Lx. 67, Lx. 80, A17, A19 e Lx. 48.4, sendo evidente a sua presença em estratos mais antigos dentro do período estudado e a ausência em quase todas as U. Habs. incendiadas.

– A análise dos tipos de base permite concluir que o tipo de base predominante é o 1 – 22 % – seguido do 3 – 8 % – sendo que os outros tipos (3 e 5) são muito residuais. O tipo de *base 1* está presente em quase todos os contextos encontrando-se ausente no Lx. 33 e A21. O tipo de *base 3* encontra-se presente em quase todos os contextos, à excepção das A3, A5, A6, Lx. 67, A20, A21 e Lx. 48.4. O tipos de *base 2 e 5* são os menos utilizados, a *base 2* só ocorre nos contextos Lx. 67, A18 e A21 e a *base 5* na A21 e A25.

A análise formal dos recipientes permitiu as seguintes observações.

– As pastas com maior variedade de recipientes são a VIII (28 % dos recipientes), I e III (21 % dos recipientes cada) e VI (18 % dos recipientes reconstituídos).

– Os tipos de formas *1b, 1c, 4b, 5a, 7b, 7c, 7d, 9a e 10* só são realizados numa pasta (cada forma na sua pasta) mas também só são representados por um recipiente. Deste modo, não podemos concluir em relação a estas formas algo sobre as suas pastas.

– Das formas que possuem maior número de exemplares (6a, 6b, 8a e 8b), a forma *6a* é aquela que apresenta maior variedade nos tipos de pasta em que é construída (I, III, VI, VII, VIII e XII), seguida da *8a* (com as mesmas pastas da 6a mas com maior número de recipientes, portanto com maior número de possibilidades mas sem que tal ocorra), *8b* (I, II, III, VI e VIII) e *6b* (I, III, VI e VIII).

– O tipo de forma *6a* é o que mostra uma distribuição mais igualitária pelas pastas, na forma *6b* há preferência pela pasta VI, na *8a* pela pasta III, na *8b* pela pasta I sendo que é a única forma construída em pasta II.

– É de notar que em todas as pastas se constroem muitos tipos de recipientes, no entanto na pasta I há uma preferência pela forma *8b* – bem como das formas 1, 2 e 3 –, na pasta II pela *8b*, na pasta III pela *8a*, nas pastas VI e VIII a distribuição é muito igualitária e nas restantes pastas não é conclusiva.

– A pasta VIII é aquela que possui maior número e tipos de recipientes, estando presentes os tipos 1a, 1c, 3b, 4b, 6a, 6b, 7a, 7d, 8a e 8b seguida da pasta III com os tipos e 1b, 2a, 5a, 6a, 6b, 8a, 8b, 9a e 10 e da pasta I com os tipos 1a, 2a, 3c, 6a, 6b, 8a e 8b. Tal como já foi referido para a fase III-1 quando encontramos uma maioria de recipientes em determinada pasta, essa mesma pasta terá uma maior probabilidade de variedade formal, tal acontece com a pasta VIII (tanto na fase III-1 como III-2). No entanto as pastas I e III possuem o mesmo número de recipientes (identificados) sendo que na pasta III encontramos maior variedade formal. Assim, concluímos que as pastas VIII, III, I e VI possam ser de facto aquelas escolhidas para realizar todo o tipo de recipientes sem que haja uma predilecção especial por qualquer uma delas.

– Na totalidade da fase III-2, 78 % dos recipientes identificados são de perfil em “S” – tipos 5, 6, 7, 8, e 9 – (52 dos 67 recipientes reconstituídos) sendo 14 (27 %) em pasta VIII, 12 (23 %) em pasta III, 11 (21 %) em pasta I e 9 (17 %) em pasta VI. A maioria inabalável de recipientes de perfil em “S2 é uma tendência que tem vindo a revelar-se desde a fase III-1, onde também este tipo de recipientes era maioritário. *Acreditamos que a grande maioria dos recipientes são formas de perfil em “S” ainda que estejam sempre presentes outro tipo de formas que completavam estes conjuntos de recipientes algo monótonos. A nível formal, os conjuntos revelam alguma monotonia ainda que tal possa não ocorrer a nível das capacidades dos recipientes.*

– Os tipos de recipientes com maior capacidade são o 7b e 7d (> 20 l), 6a e 8a (10 a 20 l) e 7a (5 a 10 l). O tipo 7 é claramente uma forma construída com grande tamanho para obter grande capacidade, algo que já se tinha constatado na fase III-1. Todos os outros recipientes de perfil em “S” são construídos pequenos, médios ou grandes, ainda que ausentes nas capacidades inferiores a 300 ml, à excepção da forma 8b. De facto a forma 8b revela uma tendência para ser construída em recipientes de pequena capacidade, a maioria até 1 l ainda que possa chegar aos 2 litros. Os recipientes de grande capacidade foram construídos nas pastas VI, VIII, III e VII. Cremos que esta escolha de pasta revela que não há uma preferência por determinado tipo de pasta quando se constrói um recipiente de grande capacidade, pois estas pastas pertencem a grupos com características diferentes (III e VII de um grupo e VI e VIII de outro, ver capítulo sobre caracterização das pastas).

– Tal como ocorre na fase III-1, a capacidade dos recipientes identificados aponta para um conjunto onde predominam recipientes de pouca capacidade. Dos recipientes identificados: 1) 49 % possuem uma capacidade até 2 litros, sendo que os tipos 1 e 2 são aqueles mais usados; 2) os recipientes de capacidade de 0,3 a 1 l e de 2 a 5 l são os mais numerosos e 3) 26 % dos recipientes possuem uma

capacidade superior a 5 l, sendo que 10 % possuem já uma capacidade superior a 10 l. Nesta fase 52 % dos bordos permitiram reconstrução ao invés dos apenas 25 % da fase III-1 no entanto os resultados são praticamente coincidentes com os da fase anterior. *É evidente a importância de recipientes de pequena capacidade que estão de acordo com o carácter doméstico da ocupação da Idade do Ferro. O uso de vasos pequenos aponta para actividades como a confecção e consumo de alimentos, em pequenas quantidades, relacionadas com núcleos familiares de pequena dimensão. A existência de alguns recipientes de grande dimensão aponta para possíveis armazenamentos de alimentos, ainda que em pequenas quantidades. É notório que o armazenamento é realizado em recipientes de pequena dimensão (tendo em conta a função) mas que provavelmente estavam adaptados a uma baixa produção e a uma má conservação. cremos que a população não armazenava aqueles alimentos susceptíveis de se estragarem em pouco tempo e talvez aqueles que duravam mais tempo eram produzidos nas quantidades necessárias mas sem grande excedente.*

– Ao contrário do que foi testemunhado para a fase III-1, na PIL, os tipos de bases parecem estar algo relacionados com os tipos de pança (sua angulação). De facto, o tipo BA1 possui exemplares em quase todas as categorias de ângulo, no entanto os tipos 2 e 3 estão ausentes das categorias de ângulo que caracterizam os vasos troncocónicos, sendo que nestas categorias (1, 2 e 3) só ocorrem os tipos de base 1 e 5. Os tipos de bases 2 e 3 caracterizam-se por um extremidade saliente que tendo em conta a nossa análise pode ser o resultado da construção de um recipiente de pança arredondada e achatada. A saliência pode ser criada naturalmente na construção da pança e não ser anulada por tratamentos de superfície posteriores. Independentemente da forma como a saliência das bases é construída, o tipo de base é uma escolha cultural / artesanal, pois não foi anulada, logo foi aproveitada ou assimilada.

– Tal como ocorre na fase III-1, na PIL, a categoria de ângulo de base predominante é a 4 sendo que revela a presença de recipientes de pança arredondada e suave, seguida da categoria 5 relacionada com panças redondas levemente achatadas. Deste modo revela-se, no geral, a perpetuação dos mesmos tipos de pança.

– É evidente a reduzida presença de vasos troncocónicos bem como de vasos com panças alargadas e achatadas (tipo prato). Novamente, o conjunto cerâmico, na PIL (da fase III-1 para a III-2) revela uma perpetuação do mesmo aspecto geral. A ausência quer de vasos troncocónicos quer de “pratos” encontra-se concordante com o domínio de recipiente de perfil em “S”.

– Não parece existir uma relação causal entre o tipo de recipiente e o tipo de bordo pois os tipos de recipientes que possuem mais que um exemplar possuem bordos de tipos muito diferentes, por exemplo B1 ou B4.

– Um mesmo tipo de bordo pode ser usado em vários tipos de recipientes alicerçando a ideia de que não existe uma relação causal entre o tipo de bordo e o tipo de recipiente. No entanto parece existir uma preferência por determinados tipos de bordo, que se encontram em maior número: B1 a7 (em 13 % do recipientes), B1 a9 (12 %), B4 b6 (7 %), B4 b4 (6 %), B1 a1, B1 a5, B4 a2 e b5 a1 (4 % cada). Na análise geral dos bordos (est. CCCXX) a presença de cada tipo é diferente daquela dos recipientes, no entanto continua a ser evidente a importância do B1 a7, B1 a9, B1 a1, B1 a5, B1 a6, B4 b4, B4 b6 e B4 a2.

5.4.2.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados

A fase III-2 totaliza 3929 fragmentos sendo que 3723 são lisos, 158 são decorados calcolíticos e 48 são da Idade do Ferro, representando apenas 1 % do conjunto. No entanto dos 48 fragmentos são contabilizadas apenas 32 decorações presentes em possíveis recipientes diferentes. São os seguintes os números de inventário: recipiente n.º 153 com vários fragmentos (est. LX), CP-97-554 (est. LVII, 5), CP-98-948 (est. LVII, 6), CP-98-1548 (est. LVII, 3), CP-98-2939 (est. LVI, 1), CP-98-2940 (est. LI, 4), do mesmo recipientes CP-98-2955 e 3056 (est. LVI, 4 e 7), CP-99-1595 (est. LII, 10), CP-99-1706 (est. LII, 9), do mesmo recipiente CP-99-2095 e 2096 (est. LVII, 1), CP-99-2917 (est. LII, 11), CP-95 / w/11, c. 1 (est. LII, 1), CP-98-1274 (est. LI, 10), CP-99-2055 (est. LI, 2), CP-99-3548 (est. LI, 7), CP-99-3748 (est. LI, 3), CP-99-3871 (est. LI, 1), CP-99-3941 (est. LI, 5), CP-95 / c..0 (est. LIX, 3), CP-95 / W/11 (est. LII, 8), CP-98-565 (est. LVI, 6), CP-98-1812 (est. LII, 5), CP-98-1826 (est. LVII, 7), CP-98-1839 (est. LVI, 5), CP-98-2840 (est. LII, 7), CP-98-3276 (est. LIX, 3), CP-98-3383 (est. LI, 14), CP-98-3391 (est. LI, 16), CP-98-3405 (est. LI, 13), CP-98-3872 (est. LVI, 9), CP-98-3877 (est. LI, 17) e CP-99-2898 (est. LI, 11).

Na fase III-2, foram usadas 8 técnicas decorativas: incisão simples – INC.S (47 %) – e a torno – INC.T (19 %), penteado – PENT.S (19 %), estampilhado rolado – EST. R (12 %) – de motivo único – EST.C (9 %), cepilhado – CEP (6 %), decoração plástica – DEC.P (3 %) e impressão da ponta do pente – IMP (3 %). Nesta fase foram usados vários instrumentos decorativos, a saber: 1) pente 1, com número de puas 5, 6 e 7; 2) pente 2 com número de puas 4 e 9; 3) pente 3; 4) instrumentos de incisão 1, 2 e 3; 5) uma matriz de rolo em que o elemento a ser impresso é uma ponta de forma oval (convexa) subdividida internamente em 4 parte – é impresso um desenho de pequeno dimensões que se assemelha à ponta de um minúsculo pente (CP-98-2939; est. LVI, 1) –; 6) uma matriz de rolo que consiste numa simples roda dentada que imprime pequenos pontos sucessivos de grande homogeneidade tanto no tamanho como na sequência (CP-98-2940; LI, 4); 7)

carimbo simples que consiste em círculos concêntricos em número de 4 (CP-99-3548; LI, 7); 8) carimbo simples que cremos ser a ponta de um pente de 4 puas de tipo 2, de ponta pequena, regular e ligeiramente convexa, imprimindo um desenho algo semelhante àquele presente no fragmento decorado CP-98-2939 (CP-99-3941, est. LI, 5); 9) matriz de rolo muito primitiva que consiste numa roda dentada com várias saliências paralelas entre si, de tamanho diferente e que imprimem um desenho semelhante ao de um pente (CP-98-3391 e 3877, ests. LI, 16 e 17) e 10) matriz simples que consiste num pente de tipo 2, de 4 puas (CP-99-3748, LI, 3). É de notar que o desenho de círculos concêntricos em número de 3 que ocorre no fragmento CP-99-2898 (est. LI, 11) não consiste numa matriz ou carimbo. Este desenho foi realizado manualmente com um instrumento de incisão, devido à sua irregularidade, quer no traço, quer no desenho global. Ao todo foram utilizados, pelo menos, quinze instrumentos decorativos diferentes.

Podemos observar que, em comparação com a fase II e III-1, na PIL, registou-se um aumento nas técnicas e instrumentos decorativos presentes ainda que com a ausência de duas técnicas decorativas. Na fase III-2 estão presentes, ao contrário de na fase II e III-1, a impressão da ponta de pente, cepilhado, estampilhado rolado e incisão a torno e caíram em desuso o brunido e a excisão. O número de instrumentos decorativos duplicou face à fase anterior.

5.4.2.4. Organizações decorativas

Na fase III-2 encontram-se integradas doze organizações decorativas sendo que quatro delas já estavam presentes nas fases II e III-1, a saber: IX, X, XXVIII e XXXIV. A análise da distribuição das organizações decorativas por contexto permitiu concluir que todos os contextos de ocupação (as unidades habitacionais, a área diversificada 6, os Lxs. 80 e 48.4) integravam pelo menos um recipiente decorado. A estrutura de deposição de carácter funerário integrava também um fragmento decorado que pode ser ou não parte intencional da mesma.

A análise dos tipos de organizações decorativas presentes indica, na PIL (est. CCCXXVII), o que expomos de seguida.

- Um uso restrito das decorações estampilhadas (XXXIV) e cepilhadas (III) sendo que as linhas incisivas rectas paralelas ao bordo (I) e as decorações que usam a técnica do penteado (X) são mais numerosas que aquelas.
- A evidente importância de decorações semelhantes àquelas identificadas na pré-História regional, como a I, V, XXVIII e XXIX.
- Uma tradição de decorações realizadas a linha incisa, no colo, proveniente da Idade do Bronze.

- Uma tradição de decorações realizada através da técnica do penteado proveniente, pelo menos, da Idade do Ferro Inicial.
- O uso de, pelo menos, uma composição bem conhecida da Pré-História regional e que se mantém em uso durante toda a Idade do Ferro, a XXVIII.
- A existência de uma decoração complexa (XIII) que congrega motivos bem conhecidos – um reticulado oblíquo e triângulos preenchidos com linhas convergentes – que quando identificados separadamente integram outras organizações decorativas, V e XXIX.
- A possível existência de decorações muito complexas que integram vários motivos nunca antes conjugados e que devido à fragmentação dos recipientes são de difícil percepção.

A análise das localizações das decorações nos recipientes (est. CCCXXVIII) indica, na PIL, o que expomos de seguida.

- Uma maioria de fragmentos (38 %) em que não é possível saber ao certo a sua localização e por isso supõe-se que façam parte de alguma zona da pança do recipiente.
- As decorações são preferencialmente realizadas no colo e de seguida na linha colo/pança.
- Existe apenas um recipiente completo, de tipo de localização 4.
- Apesar do tipo de localização 2 não ser aquele que integra maior número de fragmentos é no entanto aquele que integra maior número de organizações decorativas. A localização 2 apresenta-se como a mais diversificada.

5.4.2.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes

No grande conjunto de 3929 fragmentos da fase III-2 foram apenas identificadas duas asas, sendo que uma delas integra um recipiente. O recipiente n.º 103 (est. LIII, 1 e IX, 19) possui uma asa de secção de tipo 4.3 e localização de tipo 2. Este recipiente faz parte da A5, U. Hab. 5, foi realizado em pasta X e é de tipo 7c (integrado na tipologia de formas da Idade do Ferro) ou 19 (integrado na tipologia de formas da Idade do Bronze).

O segundo exemplar de asa possui o número de inventário CP-99-2254 (est. LVI, 3) e é caracterizado por uma secção de tipo 4. Não é possível intuir a localização pois o fragmento é muito pequeno. Fez parte de um recipiente de pasta III, integrado no Lx. 45 (A18).

5.4.3. Talude Exterior Leste

5.4.3.0 Introdução aos contextos estudados

Os contextos do Talude Exterior Leste integrados na fase III-2 são: os Lxs. 125, 126 e 128 integrados na associação A42; os Lxs. 123, 139 e 139/140 integrados na associação A44; os Lxs. 138, 142, 145, 145/142 e 145/148 integrados na associação A48. O Lx. 140 foi analisado individualmente e os Lxs. 137 e 141 foram integrados na totalidade da fase III-2.

5.4.3.1. Análise Técnica

Foram exumados dos contextos relacionados com Idade do Ferro do período de 300/200 AC a 80 DC (fase III-2) 3072 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 197 fragmentos de bordo; 2) 149 fragmentos de bordo conotados com a Idade do Ferro; 3) 72 bases; 4) 160 fragmentos decorados e 5) 121 recipientes, no total, conotados com a Idade do Ferro.

a) Tipos de Pastas

A análise de pastas da fase III-2 foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: totalidade da fase III-2 ou soma de todos os contextos (est. CCCLXXI), A42 (est. CCCLXXVI), A44 (est. CCCLXXVI), A48 (est. CCCLXXVII) e Lx. 140 (est. CCCLXXVII).

A análise da fase III-2, no TEL, foi baseada nos 6 factores de análise já descritos. Deste modo apresentaremos de seguida os resultados obtidos para os restantes contextos estudados.

1) Na hierarquia de pastas na totalidade dos fragmentos.

- Os contextos analisados e integrados na fase III-2 no TEL, revelam discrepâncias entre si e com a totalidade da fase III-2 (constituída pela soma deles mesmos). Na A42, a pasta predominante é a III (26 %), seguida da VIII (23 %) e VI (22 %); na A44 a pasta predominante é a III (25 %), seguida das I e X (15 % cada) e VI (13 %); na A48 a pasta predominante é a VI (23 %), seguida da VIII (21 %) e I (20 %) e no Lx. 140, a pasta predominante é a III (26 %), seguida da VIII (16 %) e VI (11 %). Na totalidade da fase III-2, a pasta predominante é a III (23 %), seguida da VI (18 %) e VIII (18 %).
- A A42 e o Lx. 140 são os contextos mais semelhantes entre si, com uma hierarquia igual apresentando apenas pequenas diferenças nas quantidades de fragmentos de cada pasta.

- A hierarquia presente na A48 assemelha-se àquela presente na A42 e Lx. 140, revelando clara importância das pastas VI e VIII mas desvalorizando a pasta III. *As quantidades de fragmentos de pastas VI e VIII, na A48, são semelhantes àsquelas presentes na A42 e Lx. 140 no entanto a hierarquia é diferente. A grande diferença entre a A48, a A42 e Lx. 140 encontra-se na presença de pasta I e ausência de pasta III, na hierarquia das três principais pastas de cada conjunto cerâmico.*
- A A44 possui o conjunto cerâmico mais discrepante dos quatro analisados sendo aquela que revela um carácter mais arcaizante pois possui maior quantidade de fragmentos de pastas conotadas com a Pré-história do local. A A44 revela uma forte presença das pastas I e X, sendo que a pasta VI encontra-se em número reduzido e a pasta VIII nem pode ser integrada nas três pastas predominantes.
- Tendo em conta esta primeira análise realizada podemos apontar para uma primeira cronologia dos contextos integrados na fase III-2 onde o contexto mais antigo é a A44, seguida do Lx. 140, A42 e, por último, a A48. cremos que as hierarquias apresentadas revelam aspectos arcaizantes e modernos dos conjuntos cerâmicos que podem ajudar na caracterização cronológica dos contextos.
- A totalidade da fase III-2 é o resultado da soma de todos os contextos sendo que os resultados apresentados não são mais do que uma média. Deste modo, a totalidade da fase III-2 revela a importância global das pastas III, VI e VIII onde se pode já ver uma mudança em relação à fase III-1, no TEL, onde a hierarquia global era a III, X e I.

2) Na hierarquia de pastas dos recipientes.

- Os contextos analisados e integrados na fase III-2 no TEL, revelam discrepâncias entre si, com a totalidade da fase III-2 (onde nenhum contexto é concordante com a totalidade) e com as hierarquias obtidas na contagem dos fragmentos (ponto 1). Na A42, a pasta predominante é a VIII (26 %), seguida da VI (25 %) e III (23 %), sendo que as pastas VIII e VI ganham relevância sobre todas as outras, nomeadamente sobre a pasta III (a mais presente nos fragmentos). Na A44 a pasta predominante é a III (50 %), seguida da I e VI (17 % cada) e X (13 %), sendo que aqui se revela uma maior importância das pastas I e VI (em relação à estatística geral dos fragmentos) mantendo-se a importância das pastas III e X. Na A48 a pasta predominante é a VIII (32 %), seguida da VI (29 %) e I (16 %), sendo que aqui a hierarquia geral dos fragmentos e dos recipientes é, genericamente, a mesma. Neste contexto a diferença entre a estatística dos recipientes e a geral encontra-se na pasta VIII, que nos recipientes ganha maior relevância. No Lx. 140, a pasta presentes são a III (26 %), seguidas das VI e X (21 % cada) e a XII (11 %) sendo que a hierarquia apresentada nos recipientes

encontra-se em total desacordo com a dos fragmentos. Neste contexto os recipientes de pastas VI, X e XII possuem uma relevância que os dados gerais dos fragmentos não revelam. Na totalidade da fase III-2, a pasta predominante é a VI (23 %), seguida da VIII (20 %) e III (20 %), sendo que não é concordante com nenhum dos quatro contextos analisados.

– Podemos constatar que os contextos não se agrupam da mesma forma encontrada na análise geral dos fragmentos. No entanto, a A44 e o Lx. 140 continuam a ser os contextos com características mais arcaicas, onde encontramos a presença bem marcada de recipientes de pasta X e I mas também de VI, XII e III. As A42 e A48 continuam a ser os contextos com características mais modernas, onde encontramos a presença bem marcada de recipientes de pastas VIII e VI mas também de pastas I e III.

– Deste modo concluímos que as pastas VI e VIII estão claramente relacionadas com ocupações mais recentes, ganhando relevância quer no número de fragmentos quer no número de recipientes. Os resultados obtidos na análise dos recipientes não modificam a ordem cronológica dos contextos obtida na análise geral dos fragmentos, que é (do mais antigo para o mais moderno): A44, Lx. 140, A42 e, por último, a A48.

– Se optarmos por agrupar os quatro contextos a partir dos resultados obtidos nesta análise teremos um primeiro grupo constituído pela A44 e Lx. 140 e um segundo grupo constituído pela A42 e A48. Assim, podemos observar uma ligeira discrepância nos agrupamentos (em relação à análise geral dos fragmentos), mas que não interfere com a ordem cronológica já obtida.

– Como já foi referido, a hierarquia apresentada na totalidade dos fragmentos da fase III-2 não é concordante com os dados individuais de cada contexto. A análise global apenas indica as pastas VI, VIII e III como aquelas de grande referência nos conjuntos cerâmicos integrados nesta fase.

3) Na presença de fragmentos de pasta VI distinguem-se as A42 e A48 – com as quantidades mais elevadas (23 e 22 %, respectivamente) – seguidas da A44 e Lx. 140 (13 e 11 %, respectivamente). Podemos ver que as A42 e A48, os contextos mais modernos possuem uma presença semelhante àquela encontrada no Lx. 136 (o contexto mais moderno da fase III-1) e que a A44 e Lx. 140 (os contextos mais antigos) possuem quantidades semelhantes àquelas encontradas nas A43 e A47 (contextos mais antigos da fase III-1). A totalidade da fase III-2 revela uma importância relativa desta pasta, que não chega a 20 % do conjunto cerâmico mas que se revela muito mais evidente do que na fase anterior, onde a sua presença era de 9 %.

4) Na presença de fragmentos de pasta VIII distinguem-se, novamente, as A42 e A48 – com as quantidades mais elevadas (23 e 21 %, respectivamente) – seguidas do Lx. 140 e da A44 (16 e 10 %, respectivamente). Podemos observar que em todos os contextos a presença de pasta VIII é bastante relevante (8 de 10 a 23 %) sendo comparável ao contexto mais moderno da fase III-1, o Lx. 136 (14 %). A totalidade da fase III-2 revela uma importância relativa desta pasta, semelhante à da pasta VI (18 % do conjunto cerâmico) mas que se revela, também, muito mais evidente do que na fase anterior, onde a sua presença era de 3 %, na análise da totalidade da fase III-1.

5) A pasta II é representada pela A48 e Lx. 140, sendo muito evidente a sua presença na A48, considerado o contexto mais moderno integrado na fase III-2.

6) N.º de pastas por contexto.

– Na totalidade da fase III-2 foram identificados 11 dos 12 tipos de pasta, sendo a exceção a pasta V. Na A48 e Lx. 140 foram identificados 11 tipos e nas A42 e A44 foram identificados 10 tipos, encontrando-se ausente a pasta II. Cremos que a presença de grande variedade de tipos de pasta nos contextos estudados se deve à riqueza artefactual dos contextos estudados, independentemente do grau de mistura e da presença sempre constante em todos os contextos.

A análise individual dos estratos e aquela realizada à totalidade do conjunto cerâmico integrado na Idade do Ferro da fase III-2 do TEL (estampa CCCLXXI) permitiu as seguintes conclusões.

– Na totalidade do conjunto (estampa CCCLXXI) a pasta predominante é a III, seguida da VI e VIII. Esta hierarquia não se mantém na totalidade dos recipientes identificados onde a pasta predominante é a VI, seguida da VIII e, por último, da III. Cremos que a discrepância sempre presente nas hierarquias dos recipientes e da totalidade dos fragmentos deve-se à presença de fragmentos de recipientes da ocupação calcolítica e à fragmentação própria de cada recipiente e sua pasta. A análise da totalidade dos bordos do conjunto cerâmico da fase III-2 (ver na estampa CCCLXXI o n.º total de bordos) permite perceber que as pastas I, III, IV, VII e X são representadas quer por recipientes calcolíticos quer por recipientes da idade do Ferro e que a pasta IX é, unicamente, representada, por recipientes calcolíticos. Dessa forma, podemos perceber que a análise da totalidade dos fragmentos (contabilizando os sem forma) não revela claramente as características próprias da ocupação da Idade do Ferro pois esta nunca se encontra, totalmente, separada de recipientes da ocupação calcolítica.

- Com base na análise do número de fragmentos e recipientes por pasta colocamos a hipótese interpretativa de que as pastas I, III e X fragmentam em maior número de fragmentos (com fragmentos de menor dimensão) ou correspondem a recipientes maiores e que as pastas VI, VII, VIII e XII fragmentam em menor número (com fragmentos de maior dimensão) ou correspondem a recipientes de menor dimensão.
- No conjunto cerâmico da fase III-2 apenas a pasta XI apresenta uma ausência de recipientes aliado a um número reduzido de fragmentos sem forma. Cremos que a ausência de recipientes e uma baixa presença de fragmentos indica, nesta pasta e nesta fase de ocupação, o revolvimento do contexto com a mistura de cerâmicas da ocupação calcolítica, onde esta pasta se integra. As pastas I, III, IV, IX e X possuem também recipientes calcolíticos que afirmam a mistura entre ocupações cronologicamente diferentes – Idade do Ferro e Calcolítico.
- A análise dos 4 contextos (A42, A44, A48 e Lx. 140) que constituem a fase III-2 no TEL (estampas CCCLXXVI e CCCLXXVII) indica que as pastas VIII, III e VI são tidas como a base de confiança do conjunto cerâmico da Idade do Ferro da fase III-2, ainda que sejam também utilizadas as pastas I, X e XII. Em relação à fase III-1 podemos observar uma diminuição da utilização de recipientes realizados em pastas I, III e X e um aumento notório das pastas II, VI, VIII e XII.
- A utilização das pastas VI (31 recipientes), VIII (27 recipientes), III (26 recipientes) e I (23 recipientes) é muito semelhante entre si dependendo sobretudo do contexto analisado. As A42 e A48 são os contextos melhor caracterizados ao nível dos recipientes pois são aqueles que possuem maior número de recipientes (e também maior número de fragmentos no total). Estes contextos contribuem decisivamente para o grande número de recipientes realizados em pastas VI e VIII. Deste modo, *concluimos que, apesar da área escavada ser muito reduzida, as pastas VI e VIII são sinal de modernidade e de uma clara ocupação da Idade do Ferro.*
- Em conclusão, a análise global dos 6 factores acima analisados permite afirmar que apesar das discrepâncias encontradas os contextos revelam uma ordem cronológica intuída a partir das características dos conjuntos cerâmicos. Como já referimos os contextos possuem a seguinte ordem (do mais antigo para o mais moderno): A44, Lx. 140, A42 e A48, sendo que os últimos dois contextos revelam uma presença, inequívoca, de recipientes realizados em pastas VI e VIII.
- O conjunto cerâmico da fase III-2 revelou a presença de 11 das 12 pastas presentes no Crasto de Palheiros (estampa CCCLXXI) sendo que tal revela a variedade e inovação deste conjunto cerâmico. Cremos que o conjunto cerâmico da fase III-2 no TEL é rico a nível técnico revelando a presença de várias formas de fabrico, independentemente de algumas pastas ganharem importância (quiçá social) e maior relevo estatístico.

b) Análise da mistura dos contextos através das pastas dos recipientes e seus fragmentos

A análise da mistura dos contextos da fase III-2 no TEL foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: totalidade da fase III-2 ou soma de todos os contextos (est. CCCLXXI), A42 (est. CCCLXXVI), A44 (est. CCCLXXVI), A48 (est. CCCLXXVII) e Lx. 140 (est. CCCLXXVII). Como já foi referido (apenas para lembrar) a análise da mistura dos contextos através das pastas dos recipientes e seus fragmentos tem em conta 3 factores de análise: 1) presença em % de bordos calcolíticos na totalidade de bordos/recipientes de um dado contexto; 2) presença em % de bordos da Idade do Ferro na totalidade de bordos/recipientes de uma dado contexto e 3) presença em % de fragmentos de pastas IV, IX, X e XI.

Apresentaremos de seguida os resultados obtidos na análise dos contextos indicados.

b1) Na totalidade da fase III-2, 24 % dos recipientes são calcolíticos e 76 % dos recipientes são da Idade do Ferro (sejam bordos ou bases), sendo que 14 % dos fragmentos pertencem às pastas IV, IX, X e XI. Podemos observar, em relação à fase III-1, um decréscimo dos recipientes calcolíticos (45 para 24 %) e dos fragmentos que pertencem às pastas IV, IX, X e XI (de 29 para 14 %).

b2) Organizando os contextos por ordem decrescente de % de bordos calcolíticos temos os seguintes resultados: A44 (34 %), Lx. 140 (30 %), A48 (17 %) e A42 (16 %). A A44 é, igualmente, o contexto com maior presença de fragmentos de pastas IV, IX, X e XI (21 %), seguida do Lx. 140 (18 %) sendo que as A42 e A48 possuem a mesma presença de fragmentos destas pastas (10 % em cada contexto).

b3) Com base nestes resultados podemos concluir que: 1) o conjunto cerâmico mais misturado com materiais da ocupação calcolítica é a A44, sendo este também o contexto mais antigo; 2) as A42 e A48 são os contextos com menor grau de mistura (não se evidenciando nenhum entre os dois) pois cerca de 80 % dos recipientes são da Idade do Ferro e cerca de 90 % da totalidade dos fragmentos podem ser integrados nesta ocupação.

b4) Concluimos que todos os contextos se encontram misturados, ainda que consideremos baixo os graus de mistura apresentados.

c) Estado de conservação dos fragmentos = Estado de conservação do estrato

A análise do estado de conservação dos fragmentos e estado de conservação dos estratos dos contextos da fase III-2 no TEL foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos

gráficos: totalidade da fase III-2 ou soma de todos os contextos (est. CCCLXXII), A42 (est. CCCLXXVI), A44 (est. CCCLXXVIII), A48 (est. CCCLXXVII) e Lx. 140 (est. CCCLXXVIII). Como já foi referido, esta análise baseia-se em 4 factores: 1) avaliação das pastas com maior presença de fragmentos de maior dimensão (e menor dimensão) por contexto; 2) avaliação das pastas com maior presença de fragmentos de arestas vivas (e arestas roladas) por contexto; 3) presença em % de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria de dimensão 3 e 4) conjugação dos resultados obtidos nos pontos de análise 1, 2 e 3 para a obtenção das pastas melhor e pior preservadas por contexto.

c1) Na totalidade da fase III-2 foram identificadas: 1) as pastas I, II, IV, VIII, IX e X com uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas; 2) as pastas VI e VII com uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas; 3) a pasta XII com uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas com uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões e 4) as pastas III e XI possuem uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas.

c2) Na A42 foram identificadas: 1) as pastas I, IV, VIII e X com uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas; 2) a pasta VI com uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas; 3) a pasta XII com uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas com uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões; 4) as pastas III e VII possuem uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas e 5) as pastas IX e XI são inconclusivas devido ao baixo número de fragmentos.

c3) Na A44 foram identificadas: 1) as pastas I, IV e X com uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas; 2) as pastas VI, VII e VIII apresentam uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas; 3) a pasta XII com uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas com uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões; 4) a pasta III possui uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas e 5) as pastas IX e XI são inconclusivas devido ao baixo número de fragmentos.

c4) Na A48 foram identificadas: 1) as pastas I, II, VIII e X com uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas; 2) as pastas VI e VII apresentam uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas; 3) a pasta III possui uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas e 4) as pastas IV, IX, XI e XII são inconclusivas devido ao baixo número de fragmentos.

c5) No Lx. 140 foram identificadas: 1) as pastas I, VII, VIII e X possuem uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas; 2) a pasta VI apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas; 3) as pastas III e XI possuem uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas; 4) as pastas IV e XII com uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas com uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões e 4) as pastas II e IX são inconclusivas devido ao baixo número de fragmentos.

A análise da conservação dos fragmentos nos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões.

– As *pastas VI e VII* encontram-se, relativamente bem preservadas, pois os fragmentos possuem uma boa conservação das arestas e uma boa parte possui dimensões iguais ou superiores à categoria de dimensão 3.

– A *pasta XII* é fácil de quebrar mas de difícil esboroamento das arestas pois apresentam fragmentos de pequenas dimensões mas de arestas vivas.

– A *pasta III e XI* é difícil de quebrar pois apresenta fragmentos de grandes dimensões ainda que com arestas roladas.

– As *pastas I, II, IV, VIII e X* apresentam-se frágeis pois quebraram e esboroaram com facilidade sendo que em quase todos os contextos apresentam uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

– A *pasta IX* é inconclusiva devido ao reduzido número de fragmentos em todos os contextos analisados.

– Apesar da análise revelar uma conservação das pastas diferenciada consoante o contexto podemos observar a estabilidade da conservação de algumas pastas independentemente dos contextos, como por exemplo, a má conservação das pastas I e X ou a boa conservação da pasta VI.

– *Através da análise individual dos contextos podemos concluir que as pastas mais bem preservadas são a III, VI, VII e XI (as mesmas pastas que se encontravam bem preservadas na fase III-1 do TEL), as pior preservadas são a I, II, IV, VIII, X e XII sendo que a pasta IX é inconclusiva. Na fase III-1 as pastas II e IV revelaram-se inconclusivas no entanto o número de fragmentos destas pastas na fase III-2 permitiu concluir que, para esta fase de ocupação, estas pastas se encontram mal preservadas. A análise da totalidade do conjunto cerâmico da fase III-2 revelou-se de acordo com a análise individual dos contextos sendo que a única diferença é que a pasta IX foi*

incluída no grupo das pastas pior preservadas quando na análise individual dos contextos foi dada como inconclusiva.

– Como já foi referido o comportamento das pastas na fase III-2 é semelhante ao comportamento das pastas na fase III-1 (no TEL), sendo o que foi dito acerca do comportamento e uso das pastas na fase III-1 é válido para a fase III-2. Existe uma boa preservação das pastas III, VI, VII e XII que pode indicar que a comunidade apostou no uso destas pastas devido à sua boa qualidade na manufactura dos recipientes. No entanto, as pastas VII e XII são minoritárias (em número de fragmentos e recipientes) e pastas como a I, VIII e X foram bastante utilizadas (revelando um número significativo quer de fragmentos quer de recipientes) independentemente de apresentarem uma má conservação.

– Deste modo, a conservação das pastas não é um indicador por si só de uma preferência social ou cultural, pois são utilizadas várias pastas, que possuem uma má conservação, a par de outras que possuem uma boa conservação. Cremos que a escolha de utilização de determinada pasta não é apenas técnica.

A análise do estado de conservação das arestas e dimensão dos fragmentos (no global, sem ter em conta as pastas) nos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões.

– Os fragmentos cerâmicos englobados na fase III-2 revelam uma conservação mediana das arestas – sendo que 40 % apresentam arestas roladas, 26 % arestas boleadas e 34 % arestas vivas –, e uma dimensão, relativamente, boa (média) dos fragmentos, apenas 69 % apresentam uma dimensão inferior ou igual à categoria 2 (cat. 1 = 9,3 % e cat. 2 = 59,7 %).

– Como já foi referido na análise da fase III-1 do TEL, as observações, já realizadas a vários contextos permitem-nos afirmar que mais de 30 % de fragmentos com uma dimensão de categoria igual ou superior à 3, é bastante significativo e revela um contexto relativamente bem conservado. Deste modo, cremos que a totalidade da fase III-2 encontra-se, relativamente, bem preservada apesar das diferenças encontradas entre a fase III-1 e a fase III-2.

– A fase III-2 revela, em relação à fase III-1, uma subida dos fragmentos com arestas roladas e uma descida dos fragmentos de restas boleadas e vivas; de 34 % para 40 % de arestas roladas, de 27 % para 26 % nas arestas boleadas e de 39 para 34 % nas arestas vivas.

– Na análise individual dos contextos podemos observar que: 1) todos os contextos possuem uma presença semelhante de fragmentos com arestas vivas – de 31 a 35 % – sendo que tal não acontecia na fase III-1 onde a discrepância entre os contextos era maior e onde o valor máximo de arestas vivas chega aos 51 %; 2) as A42 e A48 são aquelas que possuem presenças mais elevadas de fragmentos com arestas roladas – 41 e 55 % respectivamente – sendo que são os contextos mais

modernos dentro da fase e aqueles que, possivelmente, sofreram mais com os processos pós-deposicionais; 3) a A44 é aquela que possui o número mais elevado de fragmentos de boas dimensões – cerca de 34 % – sendo também o contexto mais antigo integrado na fase III-2; 4) a A44 é aquela com maior número de fragmentos de arestas vivas (36 %) e menor presença de fragmentos de categoria de dimensão 1 (6,7 %); 5) a A48 possui o segundo número mais elevado de fragmentos de boas dimensões – 33 % –, a presença única de fragmentos com categorias de dimensão alta (6 e 8) sendo que é o contexto com maior presença de arestas roladas e é também o contexto mais antigo; 6) o Lx. 140 é o contexto com menor presença de fragmentos de boas dimensões – 26 % – e aquele com menor presença de fragmentos com arestas vivas – 31 % e 7) o Lx. 140 é o contexto com maior presença de fragmentos com uma categoria de dimensão 1 – 12,6 % – e o contexto com maior presença de fragmentos com uma categoria de dimensão 2 – 61,3 %.

Com base nas 7 observações acima indicadas cremos o seguinte.

a) O contexto melhor preservado é a A44, seguida da A48 e A42 e, por último, o Lx. 140. Esta conclusão baseia-se sobretudo na dimensão dos fragmentos e na sua variabilidade (como já foi explicado), sendo que o estado de conservação das arestas fica em segundo plano.

b) A ordem obtida no estado de conservação dos contextos (A44, A48, A42 e Lx. 140) não é a ordem cronológica apontada para estes mesmos contextos (A44, Lx. 140, A42 e A48). Como podemos observar os contextos melhor preservados são o mais antigo e o mais moderno dentro da fase em análise, sendo que a explicação deste facto será feita no capítulo respectivo.

b) Como já foi referido, uma das hipóteses interpretativas para o estado de conservação dos fragmentos é a qualidade das pastas sendo que esta hipótese interpretativa teve foi validada, de certa forma, nos resultados obtidos na fase III-1 no TEL. No entanto na fase III-2 e observando as A44 e A48 (os contextos mais bem preservados) *podemos concluir que não existe (neste caso) uma relação intrínseca entre a qualidade das pastas e o estado de conservação do estrato*. A A44 possui uma maioria de fragmentos de pastas I, III, VII e X e uma minoria de fragmentos com arestas roladas e a A48 possui uma presença significativa de fragmentos de pastas VI, VIII e XII e uma maioria de fragmentos com arestas roladas.

c) *Deste modo, concluímos que esta hipótese interpretativa serve de explicação em alguns contextos mas não noutros e que a variação dos tipos de pastas nem sempre influencia os resultados do estado de conservação dos fragmentos sendo que este estado de conservação depende de uma variedade de factores que continuaremos a tentar discernir.*

d) Como já foi referido, a presença de fragmentos de grande dimensão – categorias superiores a 4 – parece ser um indicador favorável à boa conservação do estrato tal como a dimensão reduzida dos fragmentos parece ser um indicador favorável da sua má conservação. Os contextos considerados com melhor preservação – A44 e A48 – revelam (para além de outros factores) a presença de fragmentos de grande dimensão ainda que em reduzida quantidade. E o contexto pior preservado, o Lx. 140 revela a maior presença de fragmentos de categoria de dimensão 1.

d) Tratamentos de superfície

A análise dos tratamentos de superfícies presentes nos fragmentos dos contextos integrados na fase III-2 no TEL foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: totalidade da fase III-2 ou soma de todos os contextos (est. CDVI), A42 (est. CDVII), A44 (est. CDVIII), A48 (est. CDVIX) e Lx. 140 (est. CDX). Esta análise é baseada na observação de 7 factores (já descritos em pormenor) sendo que permitiu as seguintes conclusões:

– Os tratamentos de superfície dominantes na totalidade do conjunto cerâmico da fase III-2 são: na superfície externa, os polidos (50 %), alisados (22 %), rugosos (9 %) e cepilhados (5 %); na superfície interna, polidos (67 %) e alisados (19 %). Em relação à fase III-1, dá-se um aumento dos rugosos e cepilhados nas superfícies externas e uma diminuição dos polidos e alisados nas superfícies internas.

– Todos os contextos analisados apresentam uma concordância com os resultados gerais no entanto as percentagens de cada tipo de tratamento de superfície variam. Em todos os contextos, nas superfícies externas, os polidos são dominantes (de 42 % na A48 a 58 % na A44), seguidos dos alisados (de 16 % na A42 a 29 % na A48), rugosos (de 7 % na A44 a 13 % na A42) e, por último, os cepilhados (de 4 % na A44 a 7 % na A42). Em relação à fase III-1, dá-se uma diminuição considerável, por exemplo, das presenças de superfície externas polidas, que na fase III-1 se encontram entre 54 e 73 %. Através desta primeira análise podemos observar que o contexto tido como mais antigo (A44) é aquele que apresenta maior quantidade de superfícies externas polidas e que o contexto tido como mais moderno (A48) é aquele que apresenta menor quantidade do mesmo tipo de superfícies.

– Observamos que em todos os contextos o tratamento de superfície externo dominante é concordante com as conjugações de superfície dominantes ainda que existam particularidades em cada contexto estudado. Em todos os contextos a conjugação predominante é a Pol/Pol (de 33 %, Nas A44, A48 e Lx. 140 a 35 % na A42) no entanto a segunda conjugação mais presente é na A44 a Pol/Ali (22 %), na A48 e Lx. 140 a Ali/Pol (22 e 15 %, respectivamente) e na A42, a Rug/Pol (12

%). Em relação à fase III-1, dá-se uma diminuição considerável, por exemplo, da conjugação predominante Pol/Pol, que na fase III-1 se encontram entre 39 e 44 %.

– A análise individual dos contextos revela a presença dominante das seguintes associações de tratamentos de superfície (ordenadas por ordem decrescente): Pol/Pol; Ali/Pol, Pol/Ali, Rug/Pol e Ali/Ali. Os dados apresentados são o resultado de uma análise ponderada das conjugações predominantes nos contextos no entanto são concordantes com os dados observados na totalidade da fase III-2. Podemos observar uma diferença em relação aos resultados obtidos para a fase III-1 no TEL, onde a hierarquia era a Pol/Pol; Pol/Ali, Ali/Pol, Ali/Ali e Rug/Pol, sendo notória a menor importância dos alisados e rugosos (que na fase III-2 ganham visibilidade).

Após a análise integrada dos tratamentos de superfície por contexto segue-se a análise dos tratamentos de superfície por pasta na totalidade da fase III-2, quer dizer, excluindo os contextos. Esta análise foi realizada de dois modos, já descritos anteriormente, sendo que podemos observar o seguinte:

– Através do método 1: as superfícies externas polidas ocorrem em todas as pastas presentes no conjunto da fase III-1. Este tipo de tratamento de superfície ocorre – com grande presença – nas pastas II (76 % dos seus fragmentos), I (67 %), III (63 %), X (61 %), IV (60 %) e VII (58 %). Nestas pastas o tratamento de superfície polido é predominante, ao contrário do que ocorre nas pastas VI, IX, XI e XII. Através do método 2: as pastas mais relevantes no tratamento de superfície polido são a III, I, VIII e X com 29, 19, 15 e 13 % respectivamente. Em relação à fase III-1 podemos observar um decréscimo nas quantidades de superfícies externas polidas e nas pastas onde estas superfícies são maioritárias. Na fase III-1, apenas as pastas VI e XII não possuem os polidos como tratamento de superfície externo maioritário e as presenças vão de 100 % na pasta II a 47 % na pasta IX. As pastas que mais contribuem para a presença dos polidos como superfície externa são, de igual forma, as pasta I, III e X à quais se soma a pasta VIII na fase III-2. Na fase III-1 as percentagens são mais elevadas do que aquelas encontradas na fase III-2 (de 33 a 18 %). Deste modo podemos observar uma diminuição da utilização deste tratamento de superfície em pastas que permaneceram em utilização de modo semelhante.

– Através do método 1: as superfícies externas alisadas ocorrem em todas as pastas presentes no conjunto da fase III-2. Este tipo de tratamento de superfície ocorre, de forma maioritária, nas pastas IX (63 % dos seus fragmentos) e XII (45 %), sendo que nas restantes pastas possui presenças entre os 6 % (pasta II) e os 28 % (pasta VII). Através do método 2: as pastas mais relevantes no tratamento de superfície alisado são a III, VIII, VI e I com 21, 19, 17 e 13 % de fragmentos,

respectivamente. Em relação à fase III-1 podemos observar que o tratamento de superfície alisado é utilizado de uma forma mais equitativa por todas as pastas. Intuímos que a diversidade no conjunto cerâmico aumenta da fase III-1 para a III-2, sendo que a nível técnico dá-se uma maior relevância às pastas VI e VIII e a nível estético ganha relevância um tratamento de superfície como o alisado que passa a ser utilizado de forma mais evidente em maior número de pastas.

– Através do método 1: as superfícies externas rugosas ocorrem em 7 das 11 pastas (I, III, VI, VII, VIII, X e XII) presentes na fase III-2. Este tipo de tratamento de superfície ocorre – com grande presença – nas pastas VI e XII com 33 e 18 % dos seus fragmentos, respectivamente, mas também ocorre nas pasta VIII, com 8 %. nas restantes pastas a sua presença é, claramente, minoritária. Através do método 2: as pastas mais relevantes no tratamento de superfície rugoso são as VI, VIII, III e XII com 65, 16, 8 e 6 % dos fragmentos na totalidade. Através desta análise podemos afirmar que a probabilidade das pastas VI e VIII apresentarem tratamento de superfície rugoso é muito mais alta do que em qualquer uma das outras pastas. Este facto é também alicerçado pela observação global das quantidades de fragmentos por pasta, senão vejamos (na totalidade da fase III-2): 1) 23 % dos fragmentos são de pasta III, sendo que destes 3 % são rugosos, no entanto 8 % dos rugosos são de pasta III; 2) 18 % dos fragmentos são de pasta VI, sendo que destes 33 % são rugosos, no entanto 65 % dos rugosos são de pasta VI; 3) 7 % dos fragmentos são de pasta VIII, destes 8 % são rugosos, no entanto 16 % dos rugosos são de pasta VIII e 4) 3 % dos fragmentos são de pasta XII, destes 18 % são rugosos, no entanto 6 % dos rugosos são de pasta XII. Através desta análise cruzada podemos compreender o seguinte: 1) a pasta III possui muitos fragmentos logo, apesar de apresentar poucos rugosos, estes possuem alguma importância na contabilização deste tratamento de superfície; 2) as pastas VI e VIII são claramente escolhidas para a utilização do tratamento de superfície rugoso, pois são sempre importantes na contabilização deste tratamento de superfície e 3) a pasta XII possui uma presença significativa de rugosos que devido ao seu baixo número não são evidentes na contabilização geral deste tratamento de superfície (acontece o oposto na pasta III). Comparativamente à fase III-1, podemos dizer que: 1) se dá um aumento das pastas com este tratamento de superfície bem como um aumento da presença deste tratamento por pasta; 2) as pastas VI e VIII passam a ser, preferencialmente, escolhidas para a utilização deste tratamento de superfície e 3) nas pastas III e XII encontramos uma diminuição na sua utilização em conjunto com este tratamento de superfície. Podemos observar uma mudança de comportamento da fase III-1 para a fase III-2 que se caracteriza pela especialização das técnicas e pastas envolvidas.

– As superfícies externas areadas ocorrem, unicamente, nas pastas VI e VIII com uma presença de 3 e 7 %, respectivamente. Através do método 2: a pasta mais relevante no tratamento de superfície

areado é a VIII com 69 % dos fragmentos. É importante referir que as pastas VI e VIII possuem uma quantidade de fragmento muito semelhante, 553 e 549, respectivamente. Deste modo, concluímos que há uma clara preferência pela pasta VIII na utilização deste tratamento de superfície. Comparativamente à fase III-1 encontramos uma grande semelhança pois também na fase III-1 este tratamento de superfície é pouco utilizado mas quando tal acontece, ocorre preferencialmente em recipientes realizados em pasta VIII.

– Através do método 1: as superfícies externas cepilhadas ocorrem em 5 das 11 pastas (I, III, VI, VIII e XII) presentes na fase III-2. Este tipo de tratamento de superfície ocorre da seguinte forma: pasta VIII (10 %), VI (8 %), III (6 %) e I e XII (2 %). Como podemos observar este tratamento de superfície é minoritário em todas as pastas. Através do método 2: as pastas mais relevantes no tratamento de superfície cepilhado são a VIII (36 %), III (29 %), VI (28 % cada), I (6 %) e XII (1 %). Tendo em conta a quantidade de fragmentos por pasta podemos concluir que este tratamento de superfície é, preferencialmente, utilizado em recipientes de pastas VIII, VI, III, XII e I (por esta ordem de preferência). Quer dizer, valorizamos a presença deste tratamento de superfície quando ele ocorre numa pasta de poucos fragmentos de modo mais evidente ou semelhante ao de uma pasta de muitos fragmentos. Por exemplo, o comportamento é semelhante nas pastas III, VI e VIII e no entanto a pasta III possui 127 % de fragmentos das pastas VI e VIII. E o comportamento é semelhante entre as pastas I e XII e no entanto a pasta I é quase 5 vezes mais do que a pasta XII. Comparativamente à fase III-1 podemos observar diferenças na distribuição deste tipo de tratamento de superfície, quer no tipo de pastas quer na sua presença. Na fase III-2, este tipo de tratamento de superfície, apesar de minoritário, encontra-se mais presente (em termos de percentagem) mas mais restrito em termos de pastas onde ocorre. Deste modo, observamos, novamente, uma especialização técnica que alia tipos de pastas a tipos de tratamento de superfície.

– No conjunto cerâmico da fase III-2 no TEL foram identificados 7 tratamentos de superfície (alisado, areado, cepilhado, espatulado, grafitado, polido e rugoso) que ocorrem de modo diferenciado em cada pasta. Na pasta III, VI e VIII ocorrem 6 dos 7 tipos de tratamento de superfície, na I 5 tipos, na XII 4 tipos, nas II, VII e X 3 tipos e nas IV, IX e XI 2 tipos. Deste modo as pastas I, III, VI, VIII e XII são as que revelam maior variedade de tratamentos de superfície. Se tivermos em conta a quantidade de fragmentos de cada pasta podemos concluir que as pastas VI, VIII, I, III e XII são aquelas que apresentam maior variedade de tratamentos de superfície (por esta ordem hierárquica). Comparativamente à fase III-1 podemos observar uma grande semelhança de resultados, sendo que nesta primeira fase as pastas VI, VIII e XII já revelam uma tendência para a

utilização de vários tratamentos de superfície, revelando, talvez, uma menor especialização destas pastas. As diferenças são encontradas nas características das pastas I, III e VII, sendo que as duas primeiras ganham em diversidade e a última perde-a.

– Em conclusão, a análise do conjunto cerâmico da fase III-2 revelou o seguinte: 1) as pastas X e XI encontram-se muito deterioradas, mas usam preferencialmente os polidos e alisados (tal como identificado na fase III-1); 2) a pasta III usa preferencialmente os polidos, alisados e cepilhados (tal como identificado na fase III-1); 3) a pasta I usa, preferencialmente, os polidos e alisados havendo um decréscimo da utilização de outros tratamentos de superfície em relação à fase III-1; 4) as pastas VI e VIII usam, preferencialmente, os alisados, rugosos e cepilhados, sendo as que apresentam maior diversidade; 5) as pastas IV e VII usam, preferencialmente os polidos e alisados sendo que a pasta VII perde em diversidade comparativamente à fase III-1; 6) a pasta XII, apresenta-se, a seguir às pastas VI e VIII, como a mais diversa, ganhando relevo em relação à fase III-1 e 7) a pasta II perde em especialização pois apesar dos polidos serem preferidos, ocorrem também, outros tratamentos de superfície.

– As pastas que apresentam maior quantidade de fragmentos com as superfícies corroídas são a XI, X, IV, XII e VII sendo que à evidente uma diferença com a fase anterior, onde as pastas IX, IV, XI, I e VII eram as mais corroídas. Se tivermos em conta a totalidade dos fragmentos de superfícies corroídas as pastas III, I e VIII são as que mais contribuem para os 9 % de superfícies externas degradadas, sendo que as pastas I e III contem uma maioria de fragmentos.

– Tal como já foi referido cremos que determinados tipos de tratamentos de superfície – como os cepilhados, rugosos e areados – são aqueles que melhor definem a Idade do Ferro do Crasto de Palheiros. Os contextos integrados na fase III-2 do TEL ordenam-se da seguinte forma (daquele com menor presença destes tratamentos de superfície para aquele com maior presença): A44 (10,8 %), Lx. 140 (13,76 %), A48 (15,48 %) e A42 (22,63 %). Podemos concluir que os contextos com maior quantidade de fragmentos destes tipos de tratamentos de superfície são, também, os mais modernos dentro da fase em estudo.

e) Diversidade da cor nos fragmentos / Tipos de cozedura / Uso e deposição

A análise da diversidade de cor foi realizada nos três contextos integrados na fase III-1 e respectivas estampas, a saber: totalidade da fase III-2 (estampas CDXI, CDXVI, CDXVII, CDXVIII e CDXIX), A42 (estampas CDXII, CDXX, CDXXI e CDXXII, Q1), A44 (estampas CDXIII, CDXXIII e CDXXIV), A48 (estampas CDXIV, CDXXII, Q2; CDXXV e CDXXVI) e Lx. 140 (estampas CDXV, CDXXVII e CDXXVIII). Como já foi referido, a análise integrada dos tipos

de cor é baseada na avaliação de nove factores de análise cujos resultados são conjugados com o objectivo de agrupar os contextos consoante as suas semelhanças.

Com base na avaliação dos pontos 1, 2 e 3 (Tipos de cor predominantes nos cernes e sua evolução: 1º, 2º e 3º lugares) podemos dizer o seguinte.

– Todos os contextos que constituem a fase III-2 possuem uma maioria de fragmentos de cerne negro, sendo que organizados da menor para a maior percentagem temos: A48 (46 %), Lx. 140 (48 %), A44 (49 %) e A42 (54 %).

– A A44 e o Lx. 140 possuem uma hierarquia de cores presente nos cernes correspondente a P, C, VE, 1º, 2º e 3º lugar respectivamente. O tipo P está compreendido entre 48 e 49 %, o tipo C possui o valor de 19 % e o tipo VE de 17 %.

– As A42 e A48 possuem uma hierarquia de cores presente nos cernes correspondente a P, VE, C, 1º, 2º e 3º lugar respectivamente. O tipo P está compreendido entre 46 e 54 %, o tipo VE possui o valor de 19 % e o tipo C está compreendido entre 16 e 18 %.

– Deste modo, foram constituídos dois grupos: o 1º diz respeito à A44 e Lx. 140 onde encontramos maior quantidade de fragmentos com cernes escuros e menor quantidade de cernes vermelhos e o 2º diz respeito às A42 e A48 onde encontramos maior quantidade de cernes vermelhos apesar de uma maioria (sempre presente) de cernes negros.

– Os grupos conseguidos através da análise dos pontos 1, 2 e 3 coincidem com a hierarquia cronológica já obtida na análise das pastas e tratamentos de superfície. Assim, o grupo 1 corresponde aos contextos mais antigos e o grupo 2 aos contextos mais modernos, integrados na fase III-2.

A avaliação dos restantes tipos de cores presentes nos cernes – ou aqueles com menor representatividade (ponto 8) – revelou o seguinte.

– Nas A42 e A44, o tipo de cor VC é o que menos ocorre nos cernes (3 %) sendo que nas superfícies externas a sua máxima presença é de 9 % e nas superfícies internas é 7 %. Na A48 o tipo de cor B é o que menos ocorre nos cernes – 5 % – sendo que nas superfícies externas a sua máxima presença é de 3 % e nas superfícies internas é de 1 %. No Lx. 140 o tipo de cor A é o que menos ocorre nos cernes – 3 % – sendo que nas superfícies externas a sua máxima presença é de 19 % e nas superfícies internas é de 15 %.

– As A42 e A44 são muito semelhantes entre si, quer na hierarquia apresentada (dos tipos de cor minoritários presentes nos cernes dos fragmentos) sendo esta a VC (3 %), A (3 a 4 %), B (4 a 6 %) quer na quantidade dos mesmos tipos de cor nas superfícies dos fragmentos.

– As percentagens apresentadas por cada tipo de cor minoritária nos cernes (VC, B e A) são semelhantes em todos os contextos, embora as hierarquias sejam diferentes. Apesar da A48 possuírem uma hierarquia diferente entre si e daquelas apresentadas pelas A42 e A44, o valor do tipo VC é de 5 e 4 %, respectivamente, e o do tipo B é de 5 %. Podemos observar que são valores muito próximos daqueles apresentados pelas A42 e A44.

– Apesar de devermos olhar estes resultados com cautela bem como as conclusões que deles tiramos, podemos apontar a A48 como o contexto mais discrepante, seguida do Lx. 140. O contexto mais discrepante dos quatro analisados é também o mais moderno integrado na fase III-2.

A análise das cores presentes nos recipientes relacionados com a ocupação da Idade do Ferro (ponto 7) permitiu concluir o seguinte.

– As A42, A44 e A48 possuem uma maioria de recipientes com cernes de cor de tipo P (53, 39 e 34 %, respectivamente) sendo que os tipos de cor maioritários nos cernes dos recipientes do Lx. 140 são os tipos C e VE (32 % cada).

– Os tipos de cores presentes nas superfícies dos recipientes variam bastante sendo que os tipos VE, A e C são aqueles com maior visibilidade. A A42 é aquela que apresenta uma maior presença do tipo de cor P nas superfícies, sendo que este tipo tem uma presença de 32 % nas superfícies internas e de 19 % nas superfícies externas. O Lx. 140 é o contexto que apresenta uma maior presença dos tipos de cor VE e VC nas superfícies, sendo que o tipo VE encontra-se entre 42 % (superfície interna) e 47 % (superfície externa) e o tipo VC possui o valor de 21 % em ambos os tipos de superfície. As A44 e A48 revelam a importância dos tipos VE, C e A, sendo muito semelhantes entre si.

– Podemos concluir que o Lx. 140 é o contexto mais discordante dos 4 analisados sendo que este resultado não é concordante com os resultados obtidos na análise dos pontos. Esta variação é para nós inexplicável e apenas se justifica a ela mesma, sendo reveladora de mais uma característica dos contextos em estudo.

A avaliação das conjugações de cores e sua hierarquia presentes em cada contexto (ponto 4) revelou os seguintes resultados.

– Os contextos integrados na fase III-2 do TEL revelam algumas diferenças nas hierarquias de conjugações de cores, a saber: 1) a A44 possui a seguinte hierarquia: P-P-P (8 %), C-C-C (8 %), VE-VE-VE (7 %) e C-P-C (7 %); 2) a A42 e Lx. 140 possuem hierarquias diferentes mas coincidentes no primeiro e segundo lugar – P-P-P (12 e 9 %, respectivamente) e VE-VE-VE (10 e 8 %, respectivamente) – e 3) a A48 possui a seguinte hierarquia: VE-VE-VE (11 %), P-P-P (8 %), C-P-C (7 %) e C-C-C (6 %).

– Com base no observado podemos dizer que: 1) a A44 destaca-se pelas conjugações que usam os tipos de cor P e C, sendo um conjunto cerâmico que se distingue dos restantes pelo maior uso de tons escuros; 2) a A42 e o Lx. 140 são semelhantes entre si, revelando alguma importância do tipo VE e sendo essa importância mais evidente na A42 e 3) a A48 destaca-se pela maioria da conjugação VE-VE-VE onde podemos pressupor a importância do tipo VE.

– Com base na análise realizada e lembrando os resultados obtidos na análise dos pontos 1, 2 e 3 podemos concluir que os contextos mais antigos são mais escuros e predominam, quer nos cernes quer nas superfícies, os tipos de cor P e C. Os contextos mais modernos, tal como as A42 e A48 revelam uma maior presença do tipo de cor VE, quer nos cernes quer nas superfícies, ainda que este não seja maioritário. Podemos observar uma tendência de uso que se reflecte num crescimento do uso do tipo de cor VE à medida que a ocupação da Idade do Ferro se desenvolve temporalmente.

A avaliação dos tipos de cores presentes nas superfícies dos fragmentos de cernes negro (ponto 5) permite intuir processos de descoloração sofrida pelos fragmentos cerâmicos. A análise deste factor revelou os seguintes resultados.

– A A42 é o único contexto onde encontramos uma maioria de fragmentos de cerne de tipo P com superfícies externas do mesmo tipo. Neste contexto 54 % dos fragmentos possuem cerne negro (tipo P), sendo que nas superfícies externas 15 % são de tipo P, 14 % são de tipo VE e A e 7 % são de tipo C e nas superfícies internas 27 % são de tipo P e 9 % são de tipo A.

– As A44 e A48 revelam uma maioria de fragmentos de cerne de tipo P com superfícies externas de tipo C. Na A44, 49 % dos fragmentos possuem cerne negro, sendo que, no total, nas superfícies externas 14 % são de tipo C, 10 % são de tipo VE e A e 9 % são de tipo P e nas superfícies internas 23 % são de tipo P e 9 % são de tipo C. Na A48, 46 % dos fragmentos possuem cerne negro, sendo que, no total, nas superfícies externas 12 % são de tipo C, 11 % são de tipo A e 10 % são de tipo P e nas superfícies internas 24 % são de tipo P e 8 % são de tipo C. Podemos observar que estes dois contextos são bastante semelhantes entre si nas quantidades de tipos de cor apresentadas nas superfícies dos fragmentos de cerne negro.

– O Lx. 140 é o contexto mais discrepante dos 4 analisados e é também aquele que apresenta maior descoloração. No Lx. 140, 48 % dos fragmentos possuem cerne negro, sendo que, no total, nas superfícies externas os tipos P, C e VE possuem o mesmo valor (11 %) e nas superfícies internas o tipo P é, claramente, maioritário, com 25 % dos fragmentos (mais de 50 % dos fragmentos que possuem cerne negro).

– Com base nas análises já realizadas podemos observar uma certa discrepância entre o Lx. 140 e as associações de Lxs. criadas por nós (A42, A44 e A48) sobretudo nos pontos de análise 7 e 8. Lançamos aqui uma hipótese interpretativa de que as diferenças encontradas nestes pontos de análise possam estar relacionadas com a origem destes contextos, quer dizer o Lx. 140 é um contexto estratigráfico mas as associações são uma soma de contextos estratigráficos. Deste modo, os resultados obtidos nas associações podem ter suavizado algumas das características individuais de cada contexto estratigráfico, sendo que esses poderiam aproximar-se ou diferenciar-se do Lx. 140 de outras formas ainda não identificadas. O que queremos dizer é que o Lx. 140 revela uma maior variedade de cor que pode ser também uma das características de todos os outros contextos em estudo ainda que estes não o revelem.

– Em conclusão e em oposto ao ocorrido na fase III-1 as descolorações encontradas nestes contextos não estão de acordo com a ordem cronológica dos mesmos ainda que os resultados sejam muito aproximados entre contextos. O Lx. 140 é o contexto mais descolorado, seguido da A44 sendo que estes são os contextos mais antigos ainda que em ordem inversa. A A42 é o contexto menos descolorado seguida da A48 sendo que estes são os contextos mais modernos, mas também em ordem inversa.

No ponto 6 analisamos os contextos consoante as presenças (percentagens) de fragmentos de cerne de tipo P com superfícies de tipo C e fragmentos de cerne de tipo C com superfícies de tipo P. A avaliação deste factor revelou os seguintes resultados:

– Na A42: 1) 54 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P, 2) 9,89 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P e superfícies de tipo C (externa e/ou interna); 3) 16 % a totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo C e 4) 4,69 % dos fragmentos possuem cerne de tipo C e superfícies de tipo P (externa e/ou interna).

– Na A44: 1) 49 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P, 2) 16,28 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P e superfícies de tipo C (externa e/ou interna); 3) 19 % a totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo C e 4) 6,36 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo C e superfícies de tipo P (externa e/ou interna).

– Na A48: 1) 46 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P, 2) 13,05 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P e superfícies de tipo C (externa e/ou interna); 3) 18 % a totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo C e 4) 9,82 % da totalidade dos fragmentos possui cerne de tipo C e superfícies de tipo P (externa e/ou interna).

– No Lx. 140: 1) 48 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P, 2) 12,40 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P e superfícies de tipo C (externa e/ou interna); 3)

19 % a totalidade dos fragmentos possui cerne de tipo C e 4) 4,59 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo C e superfícies de tipo P (externa e/ou interna).

– Se ordenarmos os contextos consoante o resultado do índice usado (C Ps/P Cs) e por ordem decrescente (do mais descolorado para o menos descolorado) obtemos a seguinte ordem: Lx. 140 (índice = 0,37), A44 (índice = 0,39), A42 (índice = 0,47) e A48 (índice = 0,75).

– Com base nos resultados integrados acima descritos, cremos que a A42 é o contexto menos descolorado, apesar de não ser aquele que possui um índice mais baixo, pois é o contexto com maior número de fragmentos de cerne negro e aquele com menor número de fragmentos de cerne negro com superfícies castanhas. De seguida encontramos o Lx. 140, A44 e A48, sendo que esta ordem segue aquela obtida nos resultados da avaliação do índice.

– Com base na avaliação única do índice os resultados de descoloração não são coincidentes com a cronologia dos contextos (tal como acontecia no ponto 5), por exemplo o contexto mais moderno é o menos descolorado e, teoricamente, devia acontecer o contrário.

– A ordem obtida através deste factor de avaliação está, genericamente, de acordo com os resultados obtidos na avaliação do ponto 5 e que permitia a conjugação destes dois pontos de análise na percepção do estado de conservação dos conjuntos cerâmicos. No entanto é de notar que os resultados das ambas as avaliações não coincidem com a ordem cronológica dos contextos e desse modo esta avaliação não revela uma relação intrínseca entre o estado de conservação dos conjuntos cerâmicos e a sua cronologia.

Finalmente, apresentamos os resultados da avaliação conjunta dos fragmentos com cores concordantes e da diversidade de conjugações presente nos contextos em estudo (ponto 9). Este factor de avaliação está relacionado com a compreensão do estado de conservação dos fragmentos e dos estratos e os seus resultados deveriam ser concordantes com os resultados obtidos na análise dos pontos 5 e 6. Sistemáticamente, os resultados do ponto 9 não são concordantes com os dos pontos 5 e 6.

Revelamos de seguida os resultados obtidos.

– Os contextos que apresentam maior preservação de cor são as A42 e A48, com 33 % dos fragmentos de cores concordantes, seguido do Lx. 140 com 30 % de fragmentos de cores concordantes e, por último, a A44 com 27 % de fragmentos de cores concordantes.

– O contexto que apresenta maior diversidade de cor é o Lx. 140 sendo que 46 % dos fragmentos são representados por conjugações de cor de baixa presença (inferior a 3%), seguido das A42 e A44 ambas com 42 % e, por último, a A48 com 40 % dos fragmentos.

– Tendo em conta os resultados obtidos podemos observar que a A48 seria o contexto mais bem preservado (a nível da cor), seguida da A42, A44 e, por último, do Lx. 140.

– A análise do ponto 9 revela-se, genericamente, concordante com as análises dos pontos 5 e 6. Quer dizer, os resultados não seguem a ordem cronológica dos contextos, o contexto mais bem preservado a nível da cor é o mais moderno e os piores preservados são os mais antigos. Quer dizer, não ocorre uma boa preservação de cor nos contextos mais antigos que supostamente estariam mais protegidos dos processos erosivos. Desta forma concluímos que o estado de conservação da cor, nesta fase, se relaciona, mais directamente, com variabilidade nos recipientes resultante de cozeduras deficitárias e a descoloração dos recipientes resultante da utilização dos mesmos.

f) Espessuras presentes nos fragmentos e recipientes / Evolução da espessura das pastas

A análise das espessuras presentes nos fragmentos e recipientes foi realizada a todos os contextos integrados na fase III-1 e com base nas seguintes estampas: Fase III-2 (estampa CDXXIX), A42 (estampa CDXXX, quadro 1), A44 (estampa CDXXX, quadro 2), A48 (estampa CDXXXI, quadro 1) e Lx. 140 (estampa CDXXXI, quadro 2). O quadro correspondente à totalidade da fase III-2 (estampa CDXXIX) é, como já foi referido, a soma de todos os fragmentos presentes nos vários contextos integrados nesta fase. Deste modo, é possível construir gráficos de evolução das pastas para todas as pastas presentes algo que não é possível em todos os contextos, para as pastas II, XI e XII.

A análise das espessuras presentes nos fragmentos e recipientes revelou os seguintes resultados:

– A *pasta I* está presente nos quatro contextos e em todos eles apresenta um número suficiente de fragmentos de modo a possuir uma linha evolutiva (visível no gráfico de evolução das pastas). Na totalidade da fase III-2, os fragmentos de pasta I encontram-se entre as categorias 1 e 6 e uma maioria na cat. 3. A comparação dos tipos de curva desta pasta presentes nos vários contextos permitiu concluir que a pasta se comporta, genericamente, da mesma forma, ainda que as curvas não sejam, totalmente, coincidentes. Em todos os contextos a maioria dos fragmentos encontra-se na categoria 3, sendo que o intervalo vai da categoria 2 à 5 nas A42 e A44 e da 2 à 6 na A48 e no Lx. 140. Nas A42, A44 e A48 a curva desta pasta é alta e afunilada (revelando muitos fragmentos e uma forte concentração de fragmentos na categoria 3) sendo que na A48 a diferença entre o número de fragmentos de cat. 3 e 4 é menor do que nos restantes contextos. Na A48 o número de fragmentos em cat. 4 equivale a 84 % do da cat. 3, sendo que nos restantes contextos este valor

oscila entre 53 e 65 %. No Lx. 140 a A43, a curva é mais baixa e achatada, revelando pouca quantidade de fragmentos em relação aos outros contextos em análise. Desta forma, podemos concluir que em todos os contextos os fragmentos de pasta I são, tendencialmente, finos.

– A *pasta II* encontra-se ausente nas A42 e A44, no Lx. 140 o número reduzido de fragmentos não permite a construção de um gráfico e, desse modo, a A48 é o único contexto onde o número de fragmentos permite uma análise mais aturada. Na A48, a maioria dos fragmentos encontra-se na categoria 2, sendo que o intervalo vai da categoria 1 à 3 e na totalidade da fase III-2, a maioria dos fragmentos encontra-se na categoria 2, sendo que o intervalo vai da categoria 1 à 4. É notório o desfasamento entre o número de fragmentos presente na cat. 2 e aqueles presentes nas restantes categorias. Desta forma, concluímos que os fragmentos de pasta II são, tendencialmente, muito finos.

– A *pasta III* está presente em todos contextos analisados (A42, A44, A48 e Lx. 140) e em todos eles apresenta um número suficiente de fragmentos de modo a possuir uma linha evolutiva. Na totalidade da fase III-2, os fragmentos de pasta III encontram-se entre as categorias 2 e 7 e uma maioria na cat. 4, que está de acordo com quase todos os contextos, à excepção da A48. Ordenando os contextos daquele que possui uma distribuição mais díspar, com uma curva afunilada para aquele que possui uma distribuição mais homogénea, com uma curva abolada, temos: a A44, com uma clara concentração de fragmentos na categoria 4 sendo que a categoria 3 possui cerca de metade e a categoria 5 possui cerca de um terço dos fragmentos da cat. 4; seguida do Lx. 140, onde os fragmentos de categoria 3 equivalem a 64 % dos de cat. 4; segue-se a A42, os fragmentos de categoria 3 equivalem a 73 % dos de cat. 4 e, por último a A48 onde os fragmentos de cat. 3 e 4 possuem o mesmo número de elementos. Deste modo, concluímos que a A42 é o contexto onde esta pasta possui fragmentos distribuídos de forma mais díspar, revelando menor homogeneidade sendo que a A48 é o contexto mais homogéneo. Podemos dizer que esta pasta revela fragmentos de espessuras, tendencialmente, médias e grossas.

– A *pasta IV* está presente em todos os contextos analisados embora na A48 não possua um número suficiente de fragmentos para ser possível a construção de uma linha evolutiva. No restantes contextos é identificada por um número reduzido de fragmentos distribuídos por poucas categorias de espessura. Na totalidade da fase III-2, a maioria dos fragmentos encontra-se na categoria 4, sendo que o intervalo vai da categoria 2 à 7 sendo que este resultado não é concordante com nenhum contexto. Na A42 e Lx. 140, a maioria dos fragmentos encontra-se na categoria 4, sendo que o intervalo vai da categoria 3 à 5; na A44, a maioria dos fragmentos encontra-se na categoria 3,

sendo que o intervalo vai da categoria 2 à 5 e na A48 identificamos um fragmento nas cats. 3, 4, 5 e 7. A distribuição dos fragmentos é mais uniforme nas A44 e A48 sendo que a A42 é o contexto onde os fragmentos se encontram distribuídos de forma mais díspar. Podemos concluir que há uma evidência de tamanho que recai na cat. 4, que faz desta pasta, tendencialmente, de espessuras medianas.

– A *pasta VI* encontra-se presente em todos os contextos analisados tendo sido possível construir gráficos evolutivos em todos eles. Na totalidade da fase III-2, A42 e Lx. 140, a maioria dos fragmentos encontra-se na categoria 4, sendo que o intervalo vai da categoria 2 à 7; na A44 e A48, a maioria dos fragmentos encontra-se na categoria 3, sendo que o intervalo vai da categoria 2 à 6, na A44 e da 2 à 7 na A48. Com base na análise efectuada podemos dizer que nas A44 e A48, os fragmentos de pasta VI são, tendencialmente, mais finos do que aqueles identificados no Lx. 140 e A42. A distribuição mais homogénea foi identificada na A44 e a menos homogénea no Lx. 140. O contexto mais antigo possui cerâmicas menos espessas e distribuídas de uma forma mais equitativa por todas as categorias.

– A *pasta VII* encontra-se presente em todos os contextos analisados e permitiu a construção de gráficos evolutivos em todos eles. Esta pasta tem um comportamento muito semelhante em todos os contextos, sendo o Lx. 140 o mais díspar. Na totalidade da fase III-2, A42, A44 e A48, os fragmentos encontram-se entre as categorias 3 e 7 com uma maioria na cat. 4, na A43 e no Lx. 140, os fragmentos encontram-se entre as categorias 3 e 6 com uma maioria na cat. 4. Na análise individual dos contextos, os valores em cada categoria oscilam, no entanto podemos dizer que: 1) o valor dos fragmentos de cat. 3 equivalem a 6 a 33 % daquele encontrado na cat. 4 e 2) o valor dos fragmentos de cat. 5 equivalem a 49 a 77 % daquele encontrado na cat. 4. Podemos observar uma preferência global pelas cats. 4 e 5 que tornam esta pasta, tendencialmente, de espessuras médias/grossas.

– A *pasta VIII* encontra-se presente em todos os contextos analisados e permitiu a construção de gráficos evolutivos em todos eles. Esta pasta tem um comportamento semelhante em todos os contextos, sendo a A42 é o mais díspar. Na totalidade da fase III-2 e na A42, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 6 e com uma maioria na cat. 3. Nas A44, A48 e Lx. 140, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 5 com uma maioria na cat. 3. As curvas obtidas são muito semelhantes não sendo evidente grandes disparidades entre as categorias dos diversos contextos. Os valores em cada categoria oscilam, no entanto podemos dizer o seguinte: 1) o valor dos fragmentos de cat. 4 equivalem de 56 a 83 % (A48 e A42, respectivamente) daquele encontrado na cat. 3 e 2) o valor dos fragmentos de cat. 5 equivalem de 10 a 50 % (Lx. 140 e A48,

respectivamente) daquele encontrado na cat. 4. Alguns contextos revelam uma distribuição mais homogênea, como é o caso da A48 e outros revelam uma distribuição mais díspar, como é o caso do Lx. 140. No entanto, apesar das diferenças, consideramos o comportamento desta pasta muito semelhante em todos os contextos, sendo que revela, na globalidade, espessuras medianas, tendo em conta que a cat. 5 é muito residual (se comparada com as outras cats. presentes).

– A *pasta IX* possui um número muito reduzido de fragmentos que se encontra entre 3 e 6, dependendo do contexto. Possui um comportamento diferente em cada contexto analisado sendo que a totalidade da fase III-2 soma os resultados e permite um gráfico evolutivo, totalmente virtual. Na análise individual dos contextos é evidente uma preferência pelas categorias 3 e 4 sendo que concluímos (cuidadosamente) que as espessuras desta pasta, são tendencialmente, medianas.

– A *pasta X* encontra-se presente em todos os contextos integrados e analisados da fase III-2, com um número significativo de fragmentos (semelhante aos de pasta VI ou VII dependendo do contexto). O comportamento desta pasta difere dependendo contexto sendo que encontramos as seguintes características: na totalidade da fase III-2 e na A44, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 7 com uma maioria na cat. 3; na A42, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 7 com uma maioria na cat. 4; na A48, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 6 com uma maioria na cat. 4 e no Lx. 140, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 6 com uma maioria na cat. 3. A distribuição dos fragmentos entre as cats. 3 e 4 é muito semelhante mesmo em contextos onde a cat. 3 é maioritária, como é o caso da A44. A distribuição dos fragmentos encontra-se entre as cats. 2 e 7, sendo que o valor da cat. 5 em relação à 4 é sempre superior a 30 % e excede, por vezes os 50 %. Concluímos que os fragmentos desta pasta são, tendencialmente, de espessura média e grossa.

– A *pasta XI* possui um número muito reduzido de fragmentos que se encontra entre 2 e 6, dependendo do contexto. Tal como acontece na pasta IX a pasta XI possui um comportamento diferente em cada contexto analisado sendo que a totalidade da fase III-2 soma todos os resultados e permite um gráfico evolutivo muito frágil, porque é constituído por pouquíssimos fragmentos e é totalmente virtual. Na análise individual dos contextos é evidente uma maioria na categorias 5 mas é notória a preferência pelas categorias 6, 7 e 8 sendo que o intervalo ocorrido encontra-se entre as cats. 3 e 10. Podemos concluir (cuidadosamente) que as espessuras desta pasta, são tendencialmente, muito grossas.

– A *pasta XII* encontra-se presente em todos os contextos analisados ainda que na A48 seja identificada, apenas, por 2 fragmentos. O Lx. 140 é o contexto com maior número de fragmentos

destas pasta (48) e as A42 e A44 possuem um número bastante reduzido. No entanto estes três contextos permitem a construção de gráficos evolutivos. A análise individual dos contextos revela uma presença mais constante nas cats. 5 e 6. Na totalidade da fase III-2, os fragmentos encontram-se entre as categorias 3 e 7 com uma maioria na cat. 5; nas A42 e Lx. 140, os fragmentos encontram-se entre as categorias 3 e 6 com uma maioria na cat. 5, na A44, os fragmentos encontram-se entre as categorias 3 e 5 com uma maioria na cat. 5 e na A48 só foram identificados fragmentos nas cats. 4 e 7. Podemos concluir que na globalidade os fragmentos desta pastas possuem espessuras médias e grossas. É de notar que na A48 (o contexto mais moderno) esta pasta é residual.

Tendo em conta a análise descrita acima, podemos observar o seguinte.

– Em oposto ao que ocorre na fase III-1 nem todas as pastas se comportam de modo diferente consoante o contexto. Algumas pastas revelam um comportamento semelhante em todos os contextos analisados sendo que outras revelam comportamentos muito díspares e outras comportamentos semelhantes com algumas diferenças pontuais. Deste modo: 1) as pastas I, VII e VIII possuem um comportamento semelhante em todos os contextos analisados; 2) as pastas II, IV, IX, XI e XII revelam comportamentos muito díspares que são, em parte, consequência do baixo número de fragmentos identificados para cada uma destas pastas e 3) as pastas III, VI e X revelam comportamentos algo diferentes que podem estar relacionados com a amplitude de categorias de espessura, o “pico” dos fragmentos em suma a forma como os fragmentos se distribuem pelas categorias.

– *Após a análise das características das espessuras dos fragmentos de cada tipo de pasta – presentes em todos os contextos – podemos supor que: 1) a pasta II é usada no fabrico de recipientes de paredes muito finas (cats. 1 e 2) e as pastas I, IV e VIII em recipientes de paredes finas (cats. 3 e 4); 2) as pastas III, VII, X e XII são usadas no fabrico de recipientes de paredes de espessura mediana/grossa (cats. 5 e 6); 3) a pasta XI é usada no fabrico de recipientes de paredes com espessuras grossas ou muito grossas, (> a 6) e 4) a pasta VI é usada quer na construção de recipientes de paredes finas quer de paredes medianas/grossas.*

– A categoria de espessura dominante nos fragmentos e recipientes é, em ambos, a 4. Nesta fase as espessuras dos fragmentos sem forma e dos bordos e bases são, estatisticamente, concordantes sem que saibamos se esse comportamento é significativo. Em relação à fase III-1 é de notar uma tendência global de espessamento dos fragmentos.

– O gráfico de evolução das espessuras dos recipientes para a totalidade da fase III-2 (estampa CDXXIX) podemos ver que só as pastas I, III, VI e VIII possuem linhas evolutivas. As restantes

pastas são representadas quer por um número reduzido de fragmentos que não permite a construção de gráficos evolutivos quer por um grupo que se distribui de uma forma pouco homogênea. Cremos que as espessuras presentes nos bordos e bases dos recipientes não possuem uma lógica de espessura e não revelam uma tendência geral de uso no entanto não deixa de ser evidente que as espessuras dos bordos não são muito superiores ou inferiores à espessura apresentada pelas paredes. Cremos que tal facto reside em problemas construtivos e técnicos dos recipientes. Uma parede muito fina não suporta um bordo muito espesso e uma parede uma espessa em principio não possui um bordo muito fino. Cremos que existe uma certa proporcionalidade entre ambas as partes que se relaciona com a estética dos recipientes.

5.4.3.2. Análise Morfológica

A análise morfológica do conjunto cerâmico da fase III-2 ponderou todos os bordos, bases e recipientes identificados em cada contexto individual (A42, A44, A48 e Lx. 140) e outros Lxs. integrados somente na totalidade da fase III-2. Os bordos/recipientes integrados nesta fase são: 249, 251, 253, 255 (est. CIX, 9), 256, 257, 258, 259, 263 (est. CIV, 14), 264, 266, 267, 268 (est. CIX, 8), 269, 271, 272 (est. CV, 3), 273, 274 (est. CXI, 12), 275 (est. CVI, 10), 276, 277, 278, 279, 280, 281 (est. CIX, 3), 286 (est. CIV, 2), 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 303, 306, 309, 310 (est. CIV, 13), 311, 312 (est. CXI, 3), 315 (est. CXVI, 2), 317, 319 (est. CVI, 13), 320 (est. CV, 7), 321, 322 (est. CV, 13), 323, 325 (est. CIV, 11), 327, 328, 330, 333 (est. CVI, 4), 334 (est. CV, 16), 335, 336 (est. CIV, 9), 340 (est. CVI, 7), 341 (est. CVII, 3), 342 (est. CXI, 15), 343, 344, 345, 346, 347, 348 (est. CVI, 12), 349 (est. CXIII, 2), 350 (est. XCIV, 13), 351, 355, 358, 360 (est. CXI, 10), 361 (est. CXI, 14), 362 (est. CXII, 5), 363, 364 (est. CXII, 1), 365 (est. CXI, 1), 366 (est. CIX, 4), 367 (est. CXI, 11), 369 (est. XCIV, 11), 370, 371 (est. CV, 11), 372 (est. CXI, 16), 373 (est. CIX, 5), 374 (est. CX, 9), 381, 384, 385 (est. CV, 6), 388, 391 (est. CXI, 5), 393 (est. CVI, 3), 394, 396, 403, 407, 408, 409, 414 (est. CIX, 1), 416 (est. CV, 12), 417 (est. CV, 5), 419 (est. CV, 4), 420, 421, 424 (est. CX, 10), 430, 432, 433, 434 (est. CV, 17), 435 (est. CXI, 9), 439 (est. CVI, 19), 442, 444, 447 (est. CIV, 8), 449 (est. CXI, 4), 450, 451, 453 (est. CXIII, 7), 455 (est. CVI, 5), 468 (est. CIX, 6), 469, 470 (est. LXIV, 3), 472 (est. CIII, 2), 473 (est. CXIII, 8) e 477 (est. CXV, 2) e as bases identificadas são: 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 167 (est. CXIX, 5), 176, 177, 179, 180, 183, 184, 186, 188, 189, 190, 194, 195, 196, 198, 199 (est. CXIX, 2), 200, 203 (est. CXVII, 9), 204, 205, 207, 211 (est. CXIX, 4), 212, 213 (est. CXIX, 3), 216 (est. CXVI, 7), 217 (est. CXVIII, 7), 218 (est. CXIX, 14), 220 (est. CXVIII, 6), 221, 222, 226, 227, 228, 230 (est.

CXVIII, 1), 231 (est. CXVIII, 10), 232, 234, 235 (est. CXVIII, 8), 237, 238, 239, 240, 246, 249, 250 (est. CXIX, 6), 251, 254, 256, 257 (est. CXIX, 7), 259, 261, 262, 263, 264 (est. CXVIII, 5), 265 e 272.

A análise morfológica efectuada para a fase III-2 é baseada na observação dos seguintes quadros: 1) tipos de recipientes por contexto (est. CDXXXII, Q1); 2) tipos de recipientes e suas pastas na totalidade da fase III-2 (est. CDXXXII, Q2); 3) tipos de recipientes e suas capacidades na totalidade da fase III-2 (est. CDXXXIII, Q1); 4) relação entre os tipos de capacidade e os tipos de pasta presentes nos recipientes (est. CDXXXIII, Q2); 5) tipos de bases e seus contextos (est. CDXXXIII, Q3); 6) tipos de recipientes e respectivos tipos de bordos na totalidade da fase III-1 (est. CDXXXIV); 7) tipos de bordos, bases e respectivas pastas na totalidade da fase III-2 (est. CDXXXV); 8) tipos de bases e respectivos ângulos de parede/pança (est. CDXXXVI, Q1) e 9) tipos de bordos, bases e respectivas pastas nos contextos mais relevantes: A42 (est. CDXXXVI, Q2), A44 (est. CDXXXVII, Q1), Lx. 140 (est. CDXXXVII, Q2), e A48 (est. CDXXXVIII).

A análise dos recipientes da totalidade do conjunto da fase III-2 permitiu as seguintes observações.

– Na totalidade da fase III-2, 49 % dos bordos permitiram a reconstituição dos recipientes (59 dos 121 bordos presentes), no entanto cada contexto comporta-se de forma diferente na reconstituição dos seus recipientes. Em relação à fase III-1 podemos observar uma diminuição significativa na reconstituição dos recipientes, de 70 para 49 %. As A42 e A44 revelam uma boa reconstituição da forma, rondando os 60 % no entanto a A48 e o Lx. 140 são contextos onde a reconstituição das formas se encontra entre os 20 e os 40 %. Os contextos foram ordenados por ordem decrescente (daquele com maior percentagem de reconstituições para aquele com menor percentagem de reconstituições): A44 (62 %), A42 (60 %), A48 (41 %) e Lx. 140 (21 %). Podemos dizer que, o contexto mais bem preservado é também o mais antigo e que a fase III-2 se encontra medianamente conservada.

– Na totalidade da fase III-2 os tipos de recipientes com maior presença são: *8b* (24 %), *6a* (17 %), *8a* (15 %) e *1b* e *9a* (6 %). Os restantes tipos de recipientes apresentam presenças inferiores a 3 %. Em relação à fase III-1 podemos observar: 1) um ligeiro aumento da presença dos tipos de formas *8b* e *6a*; 2) um ligeiro decréscimo da presença das formas *6b* e *8a* e 3) uma ausência total dos tipos de formas conotados com a Idade do Bronze.

– O comportamento encontrado nos contextos nem sempre é concordante com os resultados obtidos para a totalidade da fase III-2. O tipo de forma *8b* é, apenas, maioritário na A42, o *8a*, na A44, o *9a* na A48, os *2e*, *6a* e *8b* possuem a mesma importância no Lx. 140 e o *1b* em nenhum. Podemos ver

que não há uma coincidência dos resultados da totalidade da fase III-2 com aqueles dos contextos que a integram. Podemos observar uma distribuição muito diversa, onde estão presentes muitos tipos de formas que se distribuem de forma muito equitativa. Cremos existir uma ligeira preferência pelos tipos de formas *1b*, *1c*, *3c*, *6a*, *8a*, *8b* e *9a* à qual se segue um uso indiferenciado de muitas outras formas.

– Na totalidade da fase III-2, 71 % dos recipientes são de perfil em “S”, 42 dos 59 recipientes reconstituídos. Os recipientes que não possuem perfil em “S” – tipos 1, 2 e 3 – estão, também, presentes em todos os contextos analisados. Os contextos foram ordenados por ordem decrescente (daquele com maior presença de recipientes que não possuem perfil em “S” para aquele com menor presença): A44 (38 %), Lx. 140 (33 %), A42 (25 %) e A48 (17 %). Podemos observar que este tipo de recipientes possuem uma relação proporcional com a cronologia dos contextos estudados, quer dizer, o contexto mais antigo é aquele que apresenta maior presença deste tipo de recipientes e o contexto mais moderno é aquele que apresenta menor presença deste tipo de recipientes. Em relação à fase III-1 podemos observar: 1) um decréscimo dos recipientes de perfil em “S” (87 para 71 %) 2) um aumento da diversidade dos recipientes que não possuem um perfil em “S” e 3) um aumento dos contextos que integram recipientes que não possuem um perfil em “S”, pois na fase III-1 este tipo de recipientes estavam associados unicamente à A47.

– A análise dos tipos de bordo presentes na fase III-2 (est. CDXXXV) permite concluir que os tipos de bordo predominantes são os tipos 1 (35 %), 4 (12 %), 2 (8 %) sendo que os tipos 3 e 5 são, claramente, minoritários com valores de 5 e 3 %, respectivamente. Os bordos de *tipo 1, 2 e 4* estão presentes nos quatro contextos analisados, os bordos de *tipo 3* só ocorrem nas A42, A44 e A48 e os bordos de *tipo 5* ocorrem na A42 e Lx. 140. Em relação à fase III-1 podemos observar: 1) uma redução das presenças (em %) dos tipos de bordo 1, 2, 3 e 4 e 2) a presença do tipo de bordo 5 que se encontrava ausente na fase III-1.

– A análise dos tipos de base (est. CDXXXV) permite concluir que o tipo de base predominante é o 1 (18 %), seguido do 3 (7 %), do 2 (4 %) sendo que os tipos 5 e 7 são, claramente, minoritários com valores de 1 e 0,5 %, respectivamente. Os tipos de *base 1 e 3* estão presentes nos quatro contextos analisados, o tipo de *base 2* encontra-se presente nas A42, A48 e Lx. 140; o tipo de *base 5* só foi identificado no Lx. 140 e na A48 e o tipo de *base 7* só ocorre na A44. Em relação à fase III-1 podemos observar: 1) um decréscimo na presença das bases de *tipos 1 e 5*; 2) uma subida, ligeira, na presença das bases de *tipos 2 e 3*; 3) ausência de bases de *tipo 6*, que estava presente na fase III-1 e 4) a presença de bases de *tipo 7* que se encontrava ausente na fase III-1.

A análise formal dos recipientes (est. CDXXXII, Q2) permitiu as observações que expomos de seguida.

– As pastas com maior variedade de recipientes são: a III (8 tipos diferentes que perfazem 24 % dos recipientes reconstituídos); a I (7 tipos diferentes que perfazem 22 % dos recipientes) e VIII (7 tipos diferentes que perfazem 20 % dos recipientes) e, por último a VI (6 tipos diferentes que perfazem 22 % dos recipientes). As pastas I, III, VI e VIII possuem um número muito semelhante de bordos e de recipientes reconstituição sendo que as comparações realizadas entre estas pastas possuem grande valor estatístico. Deste modo, podemos concluir de modo acertado que a pasta III é aquela que apresenta maior diversidade formal. Em relação à fase III-1 podemos observar que: **1)** as pastas III, I e VI são as mais relevantes; **2)** dá-se um decréscimo da presença destas pastas nos recipientes, tornando-se a sua distribuição mais equitativa na fase III-2 e **3)** a pasta VIII ganha uma importância significativa.

– Os tipos de formas *2a, 2d, 2e, 2f, 3a, 5a, 6b e 7b* só são realizados numa pasta (cada forma na sua pasta) mas também só são representados por um recipiente. Deste modo, não podemos concluir em relação a estas formas algo sobre as suas pastas.

– Das formas que possuem maior número de exemplares (1b, 1c, 2b, 2c, 3c, 6a, 7a, 8a, 8b e 9a), as formas *8a e 8b* são aquelas que apresentam maior variedade nos tipos de pasta em que são construídas (I, III, VI, VIII e X na *8a* e I; II, III, VI e VIII na *8b*), seguidas da *6a* (I, III, VI e XII), *1b* (I, VIII e X), *2b, 2c e 3c* (III e X na *2b*; IV e VI na *2c*; III e VIII na *3c*; VI e VIII na *9a*) e *1c e 7a* (III na *1c* e VI na *7a*). Em relação à fase III-1 podemos observar um aumento significativo dos tipos de formas presentes ainda que as pastas mais usadas em ambos as ocupações sejam as mesmas.

– Das formas que possuem maior número de exemplares (1b, 1c, 2b, 2c, 3c, 6a, 7a, 8a, 8b e 9a), os tipos de formas *2b, 2c, 3c, 6a e 9a* são os que revelam uma distribuição mais igualitária, nas formas *1b e 8b* há preferência pela pasta VIII, na *1c* pela pasta III, na *7a* pela pasta VI, na *8a* pela pasta I. Em relação à fase III-1 podemos observar uma discrepância nos tipos de formas maioritários bem como nas pastas escolhidas, preferencialmente, para a sua construção.

– Em 12 tipos de pastas identificados, 10 foram utilizados para construir recipientes (identificados com esta fase ocupacional) sendo que há uma clara preferência pelas pastas III e VI seguidas, de perto, das VIII e I. Podemos também observar que não existe uma relação clara entre os tipos de pastas e os tipos de formas, quer dizer que um mesmo tipo de forma é construído em diversos tipos de pastas sem ser *evidente* a preferência por uma. Em relação à fase III-1 podemos observar : *1)* um claro aumento do número de pastas identificados em recipientes e *2)* uma diminuição da especialização, quer dizer, de pastas associadas a determinados recipientes. A aparente

especialização encontrada na fase III-1 pode estar relacionada com o baixo número de fragmentos que cria uma outra realidade pois, para lembrarmos, a forma 8a era, preferencialmente, construída em pasta III e que a forma 8b era, preferencialmente, construída em pasta I.

– Os tipos de recipientes com maior capacidade (est. CDXXXIII, Q1) são o 7b e 8a (10 a 20 l) e o 5a (5 a 10 l). Alguns subtipos das formas 7 e 8 são, claramente, construídos com grande tamanho para obter grande capacidade, sendo que cremos que a forma escolhida potencia a capacidade do recipiente. Nesta fase, os tipos de formas restantes possuem todos uma capacidade igual ou inferior a 5 l, sendo que não são considerados grandes. As formas que não se encontram integradas nas formas de perfil em “S” (1, 2 e 3) e o tipo de forma 8b revelam capacidades pequenas, a maioria até 1 l. Os tipos de formas 6 e 9 revelam capacidades pequenas e médias, com uma maioria de recipientes com uma capacidade entre 1 e 5 l. Em relação à fase III-1 podemos observar: 1) semelhança das capacidades dos recipientes de tipos 7b e 8a, sendo estes de grande tamanho; 2) semelhança das capacidades do tipo 8b, sendo este de pequeno tamanho e 3) menor diversidade na fase III-2 nos recipientes de grande capacidade sendo que na fase III-1 os tipos de formas 6a, 6b e 7b possuíam capacidades de 5 a 10 l.

– Os recipientes de grande capacidade (est. CDXXXIII, Q2) foram construídos nas pastas III, VI e VIII. Tal como observado na fase III-1, não parece existir uma preferência por determinado tipo de pasta quando se constrói um recipiente de grande capacidade. Os recipientes de grande capacidade são construídos em diversos tipos de pastas (na fase III-1 nas III, VI e VII) sendo que estas possuem características físicas distintas (ver capítulo sobre caracterização das pastas). Nas fases III-1 e III-2 as pastas I e II não são utilizadas em recipientes muito grandes revelando uma certa escolha técnica destas pastas para recipientes médios ou pequenos.

– Nesta fase 43 % dos bordos permitiram a reconstituição da sua capacidade sendo que a amostra tem um valor relativo, que consideramos pobre, pois nem sequer representa metade dos recipientes. No entanto, esta pequena amostra revela as seguintes características: 1) conjunto com grande diversidade de capacidades, onde estão presentes quer recipientes de pouca capacidade quer recipientes de média/grande capacidade (de 50ml a 20 l); 2) 54 % possuem uma capacidade até 2 litros, sendo que dos dois tipos o 2 é o mais usado; 3) os recipientes de capacidade de 0,3 a 1 l (44 %) e de 2 a 5 l (21 %) são os mais numerosos; 4) 10 % dos recipientes possuem uma capacidade superior a 5 l e 5) 10 % possuem uma capacidade inferior a 300 ml. Podemos observar uma distribuição bastante diferenciada, uma preferência por recipientes de pequena ou média capacidade, uma presença reduzida quer de recipientes individuais quer de recipientes típicos de

armazenamento e, por último, um uso evidente de recipientes de uso doméstico facilmente transportáveis e que estão de acordo com o carácter doméstico da ocupação da Idade do Ferro. Em relação à fase III-1 podemos observar: 1) um decréscimo significativo na reconstituição dos recipientes (menos 20 % do que na fase III-1); 2) um decréscimo na reconstituição da capacidade dos recipientes que está de acordo com o decréscimo na reconstituição formal dos mesmos; 3) uma preferência semelhante pelas mesmas capacidades nos recipientes, sendo os tipos 2 e 4 os mais usados e 4) uma diferença acentuada na distribuição dos recipientes pelas mesmas capacidades, na fase III-2 a presença de recipientes com uma capacidade até 2 l é superior àquela apresentada na fase III-1 (54 % na fase III-2 e 43 % na fase III-1) e a presença de recipientes com uma capacidade superior a 5 l é inferior àquela apresentada na fase III-1 (10 % na fase III-2 e 25 % na fase III-1).

– Na relação entre o tipo de recipiente e o tipo de bordo (est. CDXXXIV) encontramos as seguintes características: 1) determinados tipos de recipientes possuem determinados tipos de bordo, algo que está relacionado com a tipologia de formas – as formas 1 e 2 possuem tipos de bordo 2 e 3 e os tipos de formas 3 possuem tipos de bordo 4 e 5 –; 2) os tipos de formas que não estão relacionados com nenhum tipo de bordo na tipologia de formas e que são identificados por vários exemplares não revelam uma relação de preferência com determinado tipo de bordos, como as formas 6a, 8a e 8b; 3) determinados subtipos de formas como a 8a revelam uma preferência pelos tipos de bordo 4 e 4) o tipo de bordo 1 é, claramente, o preferido para todo o tipo de formas (mais de 50 % dos bordos identificados). Em relação à fase III-1 é evidente a manutenção das mesmas características na fase III-2, sendo que formalmente, as duas fases são muito semelhantes.

– Um mesmo tipo de bordo, como por exemplo o B1 a5, B1a9, B2 b4, B4 a2 e B4 a4, pode ser usado em vários tipos de recipientes alicerçando a ideia de que não existe uma relação causal entre o tipo de bordo e o tipo de recipiente. No entanto parece existir uma preferência por determinados tipos de bordo, que se encontram em maior número: B1 a9 (em 10 % dos recipientes), B1 a5 e B3 a3 (em 8 % dos recipientes cada), B2 b4 (7 %), B1 a6, B4 a2, B4 a4 e B4 a9 (5 % cada).

– Na análise geral dos bordos (est. CDXXXV) a presença de cada tipo é diferente daquela dos recipientes, no entanto continua a ser evidente a importância do B1 a9 e B1 a5 (12 % dos 121 bordos) sendo que ganha importância dentro do tipo B1 o subtipo a7 (13 % do total) e o subtipo a6 (9 %).

– Em relação às bases dos recipientes (est. CDXXXV) podemos observar que são muito utilizados os tipos BA 1.1 (26 % das bases), BA 1.2 (21 % das bases), BA 3.2 (10 %) e BA 2.2 (8 %). As bases de recipientes ocorrem maioritariamente em pastas VI (43 %), III 817 % e I (15 %).

- Não parece existir uma relação entre os tipos de base e as categorias de ângulo da parede dos recipientes (est. CDXXXVI, Q1) sendo que: 1) o tipo de base 1 (BA1) possui exemplares em todas as categorias de ângulo presentes; 2) os tipos de bases 2 e 3 possuem exemplares em quase todas as categorias de ângulo, à excepção da cat. 2 e 3) nas categorias de ângulo que caracterizam os vasos troncocónicos (1, 2 e 3) ocorrem quase todos os tipos de base, à excepção do tipo 7.
- Tal como ocorre na fase III-1, a categoria de ângulo de base predominante é a 5 sendo que revela a presença de recipientes de panças redondas levemente achatadas seguida da categoria 4 relacionada com recipientes de panças arredondadas suavemente.
- Na fase III-2, podemos observar que: 12 % das bases dizem respeito a recipientes de forma troncocónica, 8 % dizem respeito a recipientes tipo prato e 58 % dizem respeito a recipientes de pança globular, sejam eles recipientes de perfil em “S” ou não. Esta percentagem encontra-se discordante daquela obtida nos tipos de recipientes intuídos a partir do bordo em que 71 % dos bordos indicavam perfis em “S”. Esta discordância pode dever-se a vários factores, a saber: 1) discordância entre o número de bordos e o número de bases sendo que o número de bases equivale a 60 % do número de bordos (72 de 121); 2) as bases podem não dizer respeito aos recipientes descritos, quer porque são em número inferior quer porque é impossível saber a relação entre uns e outros; 3) deste modo nem todos os recipientes possuem fundo plano e 4) ambos resultados percentuais podem ser correctos, pois a contagem de bordos e bases pode e deve ser autónoma. Deste modo, a análise integrada dos bordos e bases revela um conjunto em que a presença dos recipientes de perfil em “S” é maioritária mas acompanhada por outro tipo de recipientes e que oscila entre 58 e 71 %. Outros recipientes de diversas formas, como “pratos” e “tigelas” podem perfazer até 40 % do conjunto cerâmico. Em relação à fase III-1 podemos observar: 1) uma diminuição dos recipientes de perfil em “S” e um aumento dos outros recipientes e 2) os mesmos problemas de análises entre os resultados da análise dos bordos e das bases.

5.4.3.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados

A fase III-2 totaliza 3072 fragmentos sendo que 2912 são lisos, 119 são decorados calcolíticos e 41 são da Idade do Ferro, representando apenas 1 % do conjunto. No entanto dos 41 fragmentos são contabilizadas apenas 19 decorações presentes em possíveis recipientes diferentes. São os seguintes os números de inventário das 19 decorações presentes: recipiente n.º 470 com vários fragmentos (est. LXIV, 3), recipiente n.º 1019 (est. LXIV, 5), CP-00-353 (est. LXII, 14), CP-00-122 (est. LXIII, 4), CP-02-1057 (est. LXII, 13), CP-00-1152 (est. LXV, 2), do mesmo recipiente

CP-02-3291 e CP-02-7162 (est. LXII, 1), CP-02-859 (est. LXII, 5), sem n.º (est. LXI, 8), CP-02-558 (est. LXII, 11), CP-02-666 (est. LXVI, 6), do mesmo recipiente CP-02-7164 e CP-00-1153 (est. LXIV, 4), CP-02-1323 (est. LXII, 10), CP-02-2916 (est. LXII, 2), CP-02-2934 (est. LXII, 3), CP-02-2620 (est. LXII, 16), CP-02-2722 (est. LXII, 12), CP-02-2957 (est. LXIII, 4) e CP-02-7159 (est. XXX, 3).

Na fase III-2, foram usadas 8 técnicas decorativas: penteado – PENT.S (37 %); incisão simples – INC.S (32 %); incisão a torno – INC.T – e estampilhado de motivo único – EST.C – (21 % cada); decoração espatulada – DEC.E –, decoração plástica – DEC.P – e impressão da ponta do pente – IMP – (10,5 % cada) e excisão – EXC (5 %). Em relação à fase III-1 podemos observar: 1) uma ausência das técnicas cepilhadas e brunidas, presentes na fase III-1; 2) uma presença das técnicas de excisão e impressão da ponta do pente, ausentes na fase III-1; 3) menor visibilidade na fase III-2 da incisão simples e da estampilhagem de motivo único e 4) maior visibilidade de todas as outras técnicas presentes, com destaque para o penteado e incisão a torno.

Na fase III-2 foram usados vários instrumentos decorativos, a saber: 1) pente 2, com 3, 4, 5 e 6 puas; 2) pente 9 com 6 puas; 3) instrumentos de incisão 1, 2, 3 e 4; 4) carimbo simples que consiste em círculos concêntricos em número de 2 (CP-02-353; LXII, 14); 5) carimbo simples que consiste em círculos concêntricos em número de 3 (CP-02-7159; XXX, 3); 6) carimbo simples que consiste em círculos concêntricos em número de 3 (CP-00-1152; LXV, 2) e 7) carimbo complexo que consiste em círculos concêntricos em número de 3 (CP-02-7164; LXIV, 4). Em relação à fase III-1, podemos observar: 1) um aumento significativo de vários instrumentos (4 tipos de pentes, mais um instrumento de incisão, mais 3 carimbos diferentes de círculos concêntricos) sem que haja um aumento significativo do número de decorações presentes (15 na fase III-1 e 19 na fase III-2); 2) ausência do tipo de pente 3, presente na fase III-1 e 3) na fase III-2 encontra-se uma maior conjugação de técnicas decorativas num mesmo recipiente, sendo que 5 das 19 decorações conjugam várias técnicas decorativas.

5.4.3.4. Organizações decorativas

Na fase III-2 encontram-se integradas cinco organizações decorativas, a saber: I, IV, IX, X e XXXIV. A análise da distribuição das organizações decorativas por contexto permitiu concluir que: 1) a A48 é o contexto com maior número de decorado (6 decorações = 32 %), seguida da A44 (5 = 26 %) e, por último a A42 e o Lx. 140 (4 = 21 % em cada contexto); 2) as cinco organizações decorativas distribuem de uma forma, relativamente, equitativa, sendo que cada contexto apenas possui 3 das organizações decorativas presentes; 3) na A48 e Lx. 140 estão presentes as

organizações decorativas I, X e XXXIV; 4) na A44 estão presentes as organizações decorativas I, IV e XXXIV e 5) na A42 estão presentes as organizações decorativas IX, X e XXXIV. Em relação à fase III-1 podemos observar: 1) uma diminuição significativa das organizações decorativas presentes, sendo que se encontram ausentes as organizações III, V, VI, XI, XIV e XXI; 2) uma diminuição percentual do número de recipientes decorados na fase III-2; 3) na fase III-2 não encontramos contextos mais diversos do que outros sendo que se encontra uma maior homogeneidade do que na fase III-1 (onde o contexto com maior número de recipientes decorados é também aquele com maior variedade decorativa) e 4) consideramos a fase III-2 menos rica em termos decorativos do que a fase III-1.

A análise dos tipos de organizações decorativas presentes indica, na PIL (est. CDLXVII), o que expomos de seguida.

– A organização decorativa maioritária é a I (37 %), seguida da X e XXXIV (21 % cada) e, por último, da IV e IX (5 % cada). É de notar uma distribuição diferenciada que se destaca da distribuição, mais, homogénea identificada na fase III-1. Em relação à fase III-1 podemos, também, observar: 1) uma diminuição da presença da organização decorativa XXXIV, sendo esta típica da Idade do Ferro; 2) um aumento da presença das organizações decorativas I e X, sendo o aumento da primeira muito significativo e evidente e 3) uma diminuição da diversidade decorativa dentro das próprias organizações decorativas.

– Se tivermos em conta a preservação dos recipientes decorados observamos uma importância evidente das organizações decorativas I, IX e XXXIV que dizem respeito a recipientes melhor preservados ou caracterizados. Em relação à fase III-1 consideramos a fase III-2 pior preservada pois não se encontram recipientes tão completos e as decorações que se encontram melhor preservadas não são as mesmas da fase III-1 (que eram as XI, XIV e XXI).

– Podemos observar na fase III-2 do TEL, a continuação de uma tradição de decorações realizadas a linha incisa, no colo, provavelmente, proveniente da Idade do Bronze, que se revela em cerca de metade dos recipientes incisos e em $\frac{3}{4}$ de decorações realizadas no colo (est. CDLXVIII).

– A simplicidade das decorações presentes na fase III-2 leva a uma proximidade às decorações próprias da pré-História regional, visível na presença maioritária da organização decorativa I que constitui 37 % dos recipientes. No entanto cremos que esta aproximação, que não se encontra de acordo ou numa linha de acção proveniente da fase III-1 é apenas fruto do acaso e não uma característica própria das decorações da Idade do Ferro na região.

– É de notar na fase III-2 um aumento significativo do uso da técnica do penteado, que não está de acordo com a realidade da fase III-1, que caracteriza as decorações próprias da Idade do Ferro.

A análise das localizações das decorações nos recipientes (est. CDLXVIII) indica, no TEL, o que expomos de seguida.

– Uma maioria de fragmentos dos quais não sabemos qual localização da sua decoração (42 %) sendo que ocorre um aumento significativo, em relação à fase III-1, desta realidade (onde apenas 27 % dos fragmentos decorados não possibilitam saber ao certo a sua localização). cremos que na fase III-2 os recipientes decorados se encontram pior preservados que os da fase III-1.

– As decorações são preferencialmente realizadas no colo (21 %) sendo que todas as outras localizações identificadas possuem o mesmo valor dentro do conjunto cerâmico em análise. Os tipos de localização 4 (linha colo/pança + pança), 9 (linha de diâmetro máximo, na pança) e 11 (em asas) possuem o mesmo valor que é de cerca de 10,5 % ou 2 decorações por localização. Em relação à fase III-1 podemos observar uma maior homogeneização ainda que com um predomínio das decorações realizadas preferencialmente no colo.

– Em relação à fase III-1 podemos observar a ausência de decorações no bordo e a presença de duas asas decoradas, sendo que ambas localizações são muito raras no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros.

A análise das pastas dos recipientes decorados (est. CDLXIX) indica, no TEL, o que expomos de seguida.

– Uma maioria de recipientes decorados realizados em pasta I (63 %), seguida da VI (15 %) e, por último, das III e VIII (10,5 % cada). Em relação à fase III-1 podemos observar: 1) uma distribuição muito mais diferenciada onde é evidente a escolha de recipientes de pasta I; 2) uma distribuição homogênea de decorações em recipientes de pastas III, VI e VIII e com uma utilização muito inferior aos de pasta I e 3) uma ausência de recipientes decorados em pasta X.

– As organizações decorativas presentes nas pastas VI e VIII (que acreditamos serem um sinal de ruptura com o passado e pertencer, invariavelmente à ocupação da Idade do Ferro) são a I, IV e XXXIV sendo a I, claramente maioritária. Em relação à fase III-1 podemos observar que os recipientes em pastas VI e VIII apresentam vários tipos de decorações e que estas decorações nem sempre são as mais típicas da Idade do Ferro, como a XXXIV. Deste modo, torna-se evidente uma falta de associação entre pasta típica da idade do Ferro com organização decorativa típica da Idade do Ferro. É de notar que os recipientes que apresentam a organização decorativa XXXIV são maioritariamente realizados em pasta I.

5.4.3.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes

No conjunto de 3072 fragmentos da fase III-2 foram identificadas nove asas (que equivale a 3 em 1000) sendo que duas se encontram muito fracturadas não sendo possível a sua caracterização (secção e localização) e as restantes apenas possibilitam a caracterização da secção. Deste modo, as asas identificadas são: 1) CP-00-122 (est. LXIII, 4) de secção de tipo 4.2 e pasta I; 2) CP-00-314 e CP-00-1003 (est. LXI, 4), de secção de tipo 4 e pasta VI; 3) CP-02-2325 e CP-02-2357 (est. LXI, 7) de secção de tipo 4 e pasta III; 4) CP-02-2335 e CP-02-3782 (est. LXI, 5) de secção de tipo 2.1 e pasta III; 5) CP-02-2957 (est. LXIII, 2) de secção de tipo 2.2 e pasta I; 6) CP-02-3524 (est. LXIII, 3) de secção de tipo 2 e pasta VII; 7) CP-02-1122 (est. LXIII, 7) de secção de tipo 4 e pasta VII e 8) os fragmentos CP-02-2320 e CP-02-2359 ambos do Lx. 137, de pasta III e que não possibilitam a sua caracterização.

Os fragmentos 1 e 2 (acima indicados) pertencem à A42, os 3 e 4 pertencem ao Lx. 137, 5 e 6 pertencem à A44 e o 7 pertence ao Lx. 140. Os fragmentos de asa 1 e 5 apresentam decoração sendo esta constituída por caneluras espatuladas mais ou menos volumosas. Em relação à fase III-1 podemos observar: 1) uma distribuição bastante homogénea de asas em todos os contextos analisados, à excepção da A48, o contexto mais moderno dentro da fase em questão; 2) um aumento do número de asas (na fase III-1 equivaliam a 2 em 1000) ainda que não muito significativo; 3) uma maior diversidade de asas em relação aos tipos de pastas e tipos de secção; 4) uma pior caracterização dos recipientes com asa, pois na fase III-1 foi possível caracterizar a localização das asas nos recipientes e 5) a presença de asas mais complexas com decoração associada.

Creemos que na fase III-1 se dá um aumento do uso de recipientes com asa ainda que estes sejam objectos bastante raros,. Infelizmente a caracterização formal destes recipientes não é possível.

5.4.4. Área Norte

5.4.4.0 Introdução aos contextos estudados

A análise do conjunto cerâmico correspondente à fase III-2 do Crasto de Palheiros na área norte englobou vários contextos localizados na Plataforma Inferior Norte e suas três zonas de escavação (PIN1, PIN2 e PIN2.1). Os contextos encontram-se da seguinte forma: 1) as A35, A36,

A37, A38 e A39 integram a PIN1; 2) as A30, A34, A67, A49, A53, A59, A54, A65, Lx. 93, 105 e 85.1 os Lxs. 61 e 71 integram a PIN2 e 3) o Lx. 73 e a A31 integram a PIN2.1.

5.4.4.1. Análise Técnica

Os contextos acima indicados e relacionados com a ocupação da fase III-2 integram 7035 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 443 bordos no total; 2) 335 bordos conotados com a Idade do Ferro; 3) 130 bases; 4) 327 fragmentos decorados dos quais 69 estão conotados com a Idade do Ferro e 261 recipientes conotados com a Idade do Ferro.

a) Tipos de Pastas

A análise das pastas dos contextos escolhidos da fase III-2 foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: A30 (est. DXCVII), A34 (est. DXCVIII), A67 (est. DXCIX), A49 (est. DC), A53 (est. DCI), A59 (est. DCII), A54 (est. DCIII), A65 (est. DCIV, Q1) e Lx. 93 (est. DCIV, Q1), Lx. 105 (est. DCIV, Q2), Lx. 85.1 (est. DCIV, Q2), Lx. 73 (est. DCVII), A31 (est. DCVII), A35 (est. DCIX), A36 (est. DCIX), A37 (est. DCIX), A38 (est. DCXI) e A39 (est. DCXI). Como já foi referido a análise de pastas realizada é baseada em 6 factores que caracterizam os contextos de modo diferenciado.

Apresentaremos de seguida os resultados obtidos para os contextos indicados.

1) Na hierarquia de pastas na totalidade dos fragmentos.

Os contextos analisados e integrados na fase III-2 na área norte, revelam discrepâncias e semelhanças entre si, sendo que se agrupam consoante as suas semelhanças. Deste modo, foram criados os seguintes grupos.

1º Grupo: As A30 e A34 revelam uma hierarquia de pastas semelhante nas três pastas dominantes (VI/I/III). Deste modo, estes 2 contextos possuem como pasta predominante a VI (51 e 41 %, respectivamente), seguida da I (14 e 29 %, respectivamente) e, por último, da III (13 e 18 %, respectivamente). Estes contextos são aqueles com maior presença de pasta VI.

2º Grupo: As A49, A53, A54, A65, Lx. 93 e 105 revelam uma hierarquia de pastas semelhante onde as três pastas dominantes são as mesmas (I/III/VII). A pasta I possui uma presença de 32 e 45 %, a pasta III de 18 a 34 % e a pasta VII de 10 a 27 %. A A67 encontra-se bastante próxima destes contextos, sendo que possui uma hierarquia semelhante nas duas primeiras pastas dominantes (I/III/VI). cremos que a presença mais elevada de pasta VI se deve à sua integração no conjunto cerâmico da U. Hab. 10, que possui uma grande presença desta pasta (A34 – VI/I/III).

3º Grupo: Os Lxs. 85.1, 73 e A31 revelam a predominância da pasta III, ainda que não na mesma percentagem. O Lx. 85.1 possui a hierarquia III/I/VIII com 50, 44 e 6 %, respectivamente. O Lx. 73 e A31 partilham a mesma hierarquia (III/VIII/VII) sendo que a pasta III é representada por 30 e 29 % (respectivamente), a pasta VIII é representada por 21 e 24 % e a pasta VII é representada por 15 %, em ambos os contextos.

4º Grupo: As A59, A35, A37, A36 e A38 partilham a mesma pasta dominante (VIII) sendo que a A59 é discordante na 2ª e 3ª pasta e as restantes associações são discordantes entre si na 3ª pasta. Deste modo a A59 possui a hierarquia VIII/VI/I onde vemos o predomínio das pastas VIII e VI, muito importantes na caracterização dos contextos. As A35 e A37 possuem a hierarquia VIII/III/I, a A36 a VIII/III/VI e a A38 a hierarquia VIII/III/X.

– A A39 é o contexto mais discrepante em relação aos restantes contextos pois possui a hierarquia X/VIII/III sendo único contexto onde a pasta X é dominante. As A38 e A39 são os únicos contextos que apresentam a pasta X nos três primeiros lugares hierárquicos.

– De uma forma resumida podemos dizer que: 1) as U. Habs. potencialmente mais modernas e correspondentes ao final da ocupação possuem uma maior presença de pasta VI e VIII – A30, A34, A67 e A59; 2) os contextos parecem agrupar-se por zona de escavação, quer dizer que os contextos que pertencem à PIN2 são semelhantes entre si e os que pertencem à PIN1 são também semelhantes entre si, no entanto as PIN 1 e 2 revelam discrepâncias entre si e 3) as A39 e A38 são os contextos com maior presença de pasta X, sendo que consideramos esta pasta tão importante na caracterização de um contexto como as pastas VI e VIII.

– Comparativamente aos contextos estudados das fases II e III-1 podemos observar o seguinte: 1) uma diminuição drástica da presença de fragmentos de pasta X, que se vem a acentuar desde a fase I; 2) uma diminuição ligeira das pastas I e III, sendo que a presença destas pastas tem vindo a decrescer, paulatinamente, desde a fase II, já que na fase I estas pastas não eram muito relevantes (sobretudo a pasta I); 3) um aumento significativo da presença da pasta VII, que ganha relevância percentual e contextual, quer dizer que dá-se um aumento dos contextos que possuem maior quantidade desta pasta; 4) um número significativo de contextos – que corresponde ao 2º grupo – possui uma hierarquia semelhante a contextos da fase II e III-1, sendo esta hierarquia a I/III/VII; 5) maior presença das pastas VI e VIII que ganham relevância percentual e contextual e 6) cremos que os contextos da fase III-2 revelam uma homogeneidade semelhante aos da fase III-1 que é visível no agrupamento dos contextos.

– Na fase III-2, tal como já era notório na fase III-1 (mas não de uma forma tão evidente), é visível a importância percentual das pastas I, III, VII, VI e VIII onde é evidente a utilização das pastas VI e VIII, próprias da ocupação da Idade do Ferro e o abandono de pastas tipicamente calcólicas como a X.

2) Na hierarquia de pastas dos recipientes.

Os contextos analisados e integrados na fase III-2 na área norte, revelam discrepâncias entre os resultados da análise global das pastas dos fragmentos e dos recipientes. Desse modo, foram criados novos grupos relativos às pastas dos recipientes.

1º Grupo: Nas A34, A67, A49, A53, Lx. 93, 73, A31 e A39 os recipientes de pastas III e I são majoritários.

2º Grupo: Nas A54, A38, A65, Lx. 105 e 85.1 os recipientes de pastas I e III são majoritários e nas A54 e A38 dá-se também a presença, evidente, de recipientes de pasta VIII.

3º Grupo: Nas A30, A35, A36 e A37 os recipientes de pastas VI, VIII e III (por esta ordem) são majoritários.

– Na totalidade os recipientes ocorrem nas pastas I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII sendo que os contextos com maior número de fragmentos, recipientes e pastas são aqueles que apresentam maior variedade de pastas nos recipientes conotados com a Idade do Ferro. Em relação às fase anteriores podemos observar um aumento paulatino do número de pastas identificadas em recipientes, sendo que na fase II foram identificadas 5 pastas e nas fases III-1 e III-2 foram identificadas 8 pastas. No entanto a diferença entre a fase III-1 e III-2 reside na presença, na fase III-1, de recipientes de pasta X (ausentes na fase III-2) e na presença, na fase III-2, de recipientes de pasta V (ausentes na fase III-1).

– Ordenando os contextos por número de pastas presentes nos recipientes e por ordem crescente, temos: A59 (sem recipientes); A39 (1 pastas), A30, A67, Lx. 85.1 e A38 (2 pastas), Lx. 105 (3 pastas), A34, A53, A65, e A37 (4 pastas), Lx. 93 e A35 (5 pastas), A49, A54, Lx. 73, A31 e A36 (6 pastas). Cremos que o número de pastas identificadas nos recipientes não está totalmente relacionado com o número de fragmentos por contexto, no entanto o grupo de contextos que possui recipientes de 6 pastas diferentes são os contextos com maior número de fragmentos. Se observarmos os contextos com um número mais de fragmentos podemos observar alguma discrepância nos resultados. Cremos que por um lado o número de fragmentos potencia o aparecimento de mais recipientes (e em diversas pastas), por outro o estado de conservação dos contextos pode, também, influenciar as características gerais dos contextos.

– A discrepância entre os resultados da globalidade dos fragmentos e dos recipientes é muito grande sendo que 12 dos 18 contextos analisados não apresentam uma concordância entre as pastas maioritárias nos recipientes e as pastas maioritárias nos fragmentos. Nas A30, A54, A65, Lx. 73, A31 e A37 as pastas mais evidentes na globalidade dos fragmentos estão de acordo com as pastas mais evidentes nos recipientes. A maioria dos contextos que apresentam discordância entre a quantidade de fragmentos e recipientes por pasta são aqueles onde a pasta I é evidente nos fragmentos (ainda que ocorram também alguns de pastas III e VIII). Deste modo cremos que os recipientes de pasta I quebram em muitos fragmentos sendo que a presença desta pasta é mais elevada que as restantes no entanto o número de recipientes não é, sempre, mais significativo.

3) Na presença de fragmentos de pasta VI distingue-se o Lx. 85.1 onde esta pasta se encontra ausente sendo que se encontra presente nos restantes contextos. A presença de pasta VI encontra-se entre 1,89 e 51 %, sendo que os contextos ordenam-se da seguinte forma, por ordem crescente: A54 (1,89 %), A53 (2 %), A59 (2,5 %), A65 e Lx. 93 (3 %), A39 (4 %), Lx. 105 e A37 (5 %), A49 (7 %), A35 (10 %), A38 (12 %), A67 (14 %), Lx. 73, A31 e A36 (15 %), A34 (41 %) e A30 (51 %). Podemos ver que: 1) 1 contexto não possui nenhum fragmento de pasta VI; 2) 10 contextos possuem uma presença muito baixa desta pasta (entre 2 a 10 % dos fragmentos); 3) 5 contextos apresentam uma presença de 10 a 15 % dos contextos e 4) apenas dois contextos apresentam uma presença muito significativa de fragmentos desta pasta (41 e 51 %).

4) Na presença de fragmentos de pasta VIII distinguem-se as A30, A34, A53 e Lx. 93 onde esta pasta se encontra ausente sendo que se encontra presente nos restantes contextos. A presença de pasta VIII encontra-se entre 0,09 e 37 %, sendo que os contextos ordenam-se da seguinte forma, por ordem crescente: A49 (0,09 %), A65 (2 %), Lx. 105 (5 %), Lx. 85.1 (6 %), A67 (9 %), A54 (9,31 %), Lx. 73 (21 %), A39 (23 %), A31 (24 %), A35 (26 %), A36 (28 %), A59 (32 %), A38 (34 %) e A37 (37 %). Podemos ver que: 1) 4 contextos não possuem nenhum fragmento de pasta VIII; 2) 6 contextos possuem uma presença muito baixa desta pasta (entre 0,09 a 9 % dos fragmentos); 3) 5 contextos apresentam uma presença de 21 a 28 % dos contextos e 4) 3 contextos apresentam uma presença muito significativa de fragmentos desta pasta (32 a 37 %).

5) A pasta II distingue-se as A30, A67, A53, Lx. 85.1, A35, A36, A37, A38 e A39 onde esta pasta se encontra ausente sendo que se encontra presente nos restantes contextos. A presença de pasta II encontra-se entre 0,27 e 3,57 %, sendo que os contextos ordenam-se da seguinte forma, por

ordem crescente: A54 (0,27 %), A34 (0,5 %), A49, A65 e Lx. 93 (1 %), Lx. 105 (1,46 %), A31 (2,24 %), Lx. 73 (2,56 %) e A59 (3,57 %). Podemos ver que: 1) 9 contextos não possuem nenhum fragmento de pasta II; 2) 6 contextos possuem uma presença muito baixa desta pasta (entre 0,27 a 1,46 % dos fragmentos) e 3) 3 contextos apresentam as presenças mais altas encontradas nesta pasta (de 2,24 a 3,57 %).

6) N.º de pastas por contexto.

O mínimo de pastas identificadas num contexto integrado nesta fase foi de 3 e o máximo foram 11. Ordenando os contextos daquele com o menor número de pastas para o maior, obtivemos a seguinte hierarquia: Lx. 85.1 (3 pastas), A34, A67 e A59 (6 pastas), Lx. 93, 105, A38 e A39 (7 pastas), A30, A53, A54, A65 e Lx. 73 (8 pastas), A49 e A37 (9 pastas), A31 e A35 (10 pastas) e A36 (11 pastas). Podemos observar, em relação, à fase anterior um aumento do número de pastas por contexto que cremos estar relacionado com uma maior mistura de materiais cerâmicos das diversas ocupações presentes no Crasto de Palheiros e, talvez, uma maior diversidade técnica da própria ocupação.

Em resumo a análise de pastas permitiu as conclusões que expomos de seguida.

a) A variedade de pastas não se encontra relacionada com a quantidade de fragmentos por contexto, pois todos os contextos possuem um número significativo de fragmentos sendo que, a A49, A54, Lx. 73, A31, A35 e A36 excedem os 600 fragmentos e os restantes contextos possuem quase todos mais de uma centena de fragmentos, à excepção da A67, A59, Lx. 85.1, A38 e A39. Temos que ter em atenção que o número de pastas é finito sendo que o número de fragmentos num contexto é, teoricamente, infinito. Deste modo, a leitura da relação entre fragmentos e pastas deve ser olhada com cuidado.

b) As A36, A35, A31, A49, Lx. 73 e A54 apresentam um número muito elevado de fragmentos e um número elevado de pastas portanto não podemos concluir se correspondem a contextos “ricos” artefactualmente ou a contextos com nível de mistura elevado. As A37, A65, A53 e A30 possuem conjuntos cerâmicos medianos na quantidade de fragmentos sendo que o número de pastas é bastante significativo. Deste modo, estes contextos revelam uma boa diversidade artefactual. As A39, A38, A59, A67 e Lx. 85.1 apresentam um número baixo de fragmentos e de pastas sendo que não podemos saber se são “pobres” porque possuem essa característica ou porque se encontram muito fraccionados em termos de conjunto cerâmico. Os Lxs. 93, 105 e A34 revelam conjuntos cerâmicos de quantidade mediana e com uma baixa variedade de pastas sendo que estes contextos são os mais seguros ao nível da mistura de materiais cerâmicos de outras ocupações.

c) Os contextos podem ser divididos em quatro grandes grupos. Um primeiro grupo diz respeito aos contextos onde as pastas I, III, VII são mais evidentes, o segundo diz respeito aos contextos onde a pasta VI possui uma boa relevância, o terceiro grupo diz respeito aos contextos onde a pasta VIII se destaca e o quarto grupo diz respeito aos contextos onde as pastas VI e VIII se encontram, ambas com uma presença significativa. Os contextos foram agrupados tendo em conta as características de um modo exclusivo. Deste modo, compõem o *grupo 1* os seguintes contextos: A49, A53, A54, A65, Lx. 93, 85.1 e 105. O *grupo 2* é composto pelos seguintes contextos: A30, A34 e A67, o *grupo 3* é composto pelas A59, A35, A37 e A39 e o *grupo 4* é composto pelas A36, A38, Lx. 73 e A31.

b) Análise da mistura dos contextos através das pastas dos recipientes e seus fragmentos

A análise das pastas dos contextos escolhidos da fase III-2 foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: A30 (est. DXCVII), A34 (est. DXCVIII), A67 (est. DXCIX), A49 (est. DC), A53 (est. DCI), A59 (est. DCII), A54 (est. DCIII), A65 (est. DCIV, Q1) e Lx. 93 (est. DCIV, Q1), Lx. 105 (est. DCIV, Q2), Lx. 85.1 (est. DCIV, Q2), Lx. 73 (est. DCVII), A31 (est. DCVII), A35 (est. DCIX), A36 (est. DCIX), A37 (est. DCIX), A38 (est. DCXI) e A39 (est. DCXI). Como já foi referido a análise da mistura dos contextos é baseada na avaliação de 3 factores sendo que apresentaremos de seguida os resultados obtidos na análise dos contextos indicados.

b1) As A59, Lx. 85.1, A38 e A39 não apresentam recipientes calcolíticos sendo os contextos, desta fase, com menos mistura de recipientes calcolíticos. A A59 e o Lx. 85.1 não apresentam fragmentos, potencialmente, calcolíticos (de pastas IV, IX, X e XI) sendo que as A38 e A39 apresentam 17 e 35 %, respectivamente, de fragmentos potencialmente calcolíticos. Deste modo, consideramos o Lx. 85.1 como aquele menos misturado com materiais de outras ocupações (nomeadamente a calcolítica), seguido da A59, A38 e, por último A39.

b2) As A34, A65 e A30 são os contextos com maior presença de recipientes calcolíticos (56 e 55 %) ainda que a presença de fragmentos calcolíticos seja relativamente, baixa em todos os contextos. Estes contextos são considerados aqueles com maior nível de mistura seguidos da A49 e A35 onde 38 % dos recipientes são calcolíticos.

b3) Organizando os contextos por ordem decrescente de % de bordos calcolíticos temos os seguintes resultados: A34, A65 (56 %), A30 (55 %), A49 e A35 (38 % cada), Lx. 93 (31 %), A54 (30 %), A37 (29 %), A67 e Lx. 105 (25 %), A31 (20 %), Lx. 73 e A36 (19 % cada), A53 (12 %) e

A59, Lx. 85.1, A38 e A39 (0 %). Podemos observar que, à excepção das A34, A65 e A30 todos os contextos apresentam uma maioria de recipientes da Idade do Ferro.

b4) Organizando os contextos por ordem decrescente de % de fragmentos de pastas IV, IX, X e XI temos os seguintes resultados: A39 (35 %), A38 (17 %), A54 (13 %), A30, A67 e A36 (12 %), A35 (10 %), A37 (9 %), A53 e Lx. 93 (8 %), Lx. 105 (6 %), A34 e A65 (3 %), A49 e A31 (2 %), Lx. 73 (1 %) e A59 e Lx. 85.1 (0 %).

b5) É de notar que as ordens obtidas nos pontos b3 e b4 não são muito semelhantes sendo que identificamos discrepâncias em vários contextos, que são: A39, A38, A54, A67, A36, A53, A34, A65 e A49.

c) Estado de conservação dos fragmentos = Estado de conservação do estrato

A análise do estado de conservação dos fragmentos e estado de conservação do estratos dos contextos escolhidos da fase III-2 foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: A30 (est. DXCVII), A34 (est. DXCVIII), A67 (est. DXCIX), A49 (est. DC), A53 (est. DCI), A59 (est. DCII), A54 (est. DCIII), A65 (est. DCV), Lx. 93 (est. DCV), Lx. 105 (est. DCVI), Lx. 85.1 (est. DCVI), Lx. 73 (est. DCVIII), A31 (est. DCVIII), A35 (est. DCX), A36 (est. DCX), A37 (est. DCXI), A38 (est. DCXII) e A39 (est. DCXII). Como já foi referido a análise do estado de conservação dos fragmentos e estado de conservação do estratos dos contextos foi realizada com na avaliação de 4 factores principais, sendo que apresentamos de seguida os resultados obtidos.

c1) A *pasta I* encontra-se presente em todos os contextos analisados sendo que apresenta: 1) na A30 e Lx. 93 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas e uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões; 2) na A67, A53, A59, A54, Lx. 85.1, A37 e A39 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas; 3) na A34, A65, Lx. 105, A35, A36 e A38 apresenta uma maioria de fragmentos de arestas roladas e uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e 4) na A49, Lx. 73 e A31 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas e uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões.

c2) A *pasta II* encontra-se em 9 dos 18 contextos integrados na fase III-2 (A34, A49, A59, A54, A65, Lx. 93, 105, 73 e A31) sendo que apresenta: 1) na A34, A59, A54, A65 e Lx. 105 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e 2) na A49, Lx. 73 e A31 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas e uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões.

c3) A *pasta III* encontra-se presente em todos os contexto analisados sendo que: 1) na A34, A49, A53, A65, Lx. 73, A31e A38 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas e uma boa

presença de fragmentos de grandes dimensões; 2) no Lx. 85.1, A35, A36 e A39 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas; 3) na A67, A59, Lx. 93, 105 e A37 apresenta uma maioria de fragmentos de arestas roladas e uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e 4) na A30 e A54 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas e uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões.

c4) A *pasta IV* encontra-se presente em 15 dos 18 contextos analisados (A30, A34, A67, A49, A53, A54, A65, Lx. 93, 105, 73, A31, A35, A36, A37, A38 e A39) sendo que: 1) na A34, A53, A54, Lx. 105, 73, A31, A35, A36 e A37 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas; 2) na A30, A67, Lx. 93 e A39 apresenta uma maioria de fragmentos de arestas roladas e uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e 3) na A49 e A65 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas e uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões.

c5) A *pasta V* encontra-se presente em 10 dos 18 contextos analisados (A49, A53, A54, A65, Lx. 93, 73, A31, A35, A36 e A37) sendo que: 1) na A54, A65, Lx. 93, A31, A35, A36 e A37 apresenta uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas e 2) na A49, A53 e Lx. 73 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões.

c6) A *pasta VI* encontra-se presente em quase todos os contextos analisados (a exceção é o Lx. 85.1) sendo que: 1) na A30, A34, A67, A49, Lx. 73, A31, A35 e A36 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas e uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões; 2) no Lx. 93, A37, A38 e A39 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e 3) na A53, A59, A54, A65 e Lx. 105 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas e uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões.

c7) A *pasta VII* encontra-se presente em quase todos os contextos analisados (a exceção é o Lx. 85.1) sendo que: 1) na A49, A54, A65, Lx. 93, 105 e A31 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas e uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões; 2) na A30, A67, A59, A35, A36, A37, A38 e A39 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas; 3) na A53 e Lx. 73 apresenta uma maioria de fragmentos de arestas roladas e uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e 4) na A34 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas e uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões.

c8) A *pasta VIII* encontra-se presente em 14 dos 18 contextos analisados (A67, A49, A59, A54, A65, Lx. 105, 85.1, 73, A31, A35, A36, A37, A38 e A39) sendo que: 1) na A65, Lx. 85.1, A35, A37, A38 e A39 apresentam uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas

roladas; 2) na A59, A54, Lx. 73, A31 e A36 apresenta uma maioria de fragmentos de arestas roladas e uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e 3) na A67, A49 e Lx. 105 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas e uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões.

c9) A *pasta IX* encontra-se presente em 6 dos 18 contextos analisados (A30, A53, A35, A36, A37 e A38) sendo que: 1) na A30, A53, A36, A37 e A38 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e 2) na A35 apresenta uma maioria de fragmentos de arestas roladas e uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões.

c10) A *pasta X* encontra-se presente em 8 dos 18 contextos analisados (A30, A49, A31, A35, A36, A37, A38 e A39) sendo que: 1) na A39 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas e uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões; 2) na A30, A49, A31 e A35 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas; 3) na A36 e A37 apresenta uma maioria de fragmentos de arestas roladas e uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e 4) na A38 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas e uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões.

c11) A *pasta XI* encontra-se presente em 5 dos 18 contextos analisados (A30, A53, A31, A35 e A36) sendo que: 1) na A30, A53, A31 e A36 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e 2) na A35 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas e uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões.

c12) A *pasta XII* encontra-se presente em um dos 18 contextos analisados (A36) sendo que apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

A análise da conservação dos fragmentos nos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões.

– As *pastas II, IV, V, IX, XI e XII* encontram-se mal conservadas pois apresentam em vários contextos quer uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas quer com uma maioria de arestas vivas e de pequenas dimensões. Consideramos que a pasta mais mal preservada é a V, seguida da IV e II.

– As *pastas I e VIII* encontram-se genericamente mal conservadas. A pasta I apresenta, em 7 dos 18 contextos, uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e em 6 dos contextos apresenta uma conservação mediana com uma presença significativa de fragmentos de grandes dimensões ainda que com arestas roladas. A pasta VIII apresenta em 6 dos 14 contextos onde ocorre, uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas, em 5 dos

contextos apresenta uma conservação mediana com uma presença significativa de fragmentos de grandes dimensões ainda que com arestas roladas.

– As *pastas VII e X* apresentam uma conservação mediana pois há um equilíbrio entre os contextos onde esta pasta se encontra degradada e os contextos onde se encontra preservada.

– As *pastas III e VI* são as mais bem preservadas, pois possuem uma maioria de fragmentos com uma boa conservação das arestas e uma boa dimensão. A pasta III possui uma boa preservação em 7 contextos (arestas vivas e grandes dimensões), uma má preservação em 4 contextos (arestas roladas e pequenas dimensões) e uma conservação mediana em 5 contextos (arestas roladas e grandes dimensões). A pasta VI apresenta uma boa conservação em 8 contextos e uma má preservação em 4 contextos.

– As *pastas IX, XI e XII* não possibilitam uma caracterização segura.

De seguida definimos, a partir do estado de conservação dos fragmentos, o estado de conservação dos estratos.

– Os contextos pior preservados são (por ordem decrescente, do pior preservado para o medianamente preservado): o Lx. 85.1, A37, A39, A38, A53, A54, A35, A36 e A59. Para exemplificar como foi obtida a ordem, podemos dizer que no Lx. 85.1 todas as pastas presentes possuem uma maioria de fragmentos de arestas roladas e de pequenas dimensões (mal preservadas); na A37, todas as pastas presentes apresentam uma maioria de fragmentos de arestas e roladas e 7 das 9 pastas apresentam uma maioria de fragmentos de pequena dimensão e, por último, na A59 5 das 6 pastas presentes (83 %) apresentam uma maioria de fragmentos de arestas e roladas e 4 das 6 pastas (67 %) apresentam uma maioria de fragmentos de pequena dimensão. Os contextos são sempre comparados a nível percentual pois o número de pastas presente varia de consoante o contexto. Podemos afirmar que todos estes contextos revelam um forte revolvimento mecânico (que fragmentou de modo significativo o conjunto cerâmico) e uma forte erosão, levada a cabo por agentes climatéricos e do solo (pois todos os contextos apresentam uma maioria de fragmentos de arestas roladas).

– Os contextos melhor preservados são (por ordem decrescente, do melhor preservado para o medianamente preservado): A31, Lx. 73, A49, A34, Lx. 93, A67, A65, Lx. 105 e A30. Para exemplificar como foi obtida a ordem, podemos dizer que na A31, 3 das 10 pastas presentes (30 %) apresentam uma maioria de fragmentos de arestas e roladas e 4 das 10 pastas (40 %) apresentam uma maioria de fragmentos de pequena dimensão e na A30, 5 das 8 pastas presentes (63 %) apresentam uma maioria de fragmentos de arestas e roladas e 5 das 8 pastas (63 %) apresentam uma

maioria de fragmentos de pequena dimensão. A A49 é o único contexto que revela um forte revolvimento mecânico, visível na quantidade de fragmentos com arestas vivas e de pequenas dimensões, sem a presença de uma forte erosão provocada por agentes climáticos e do solo.

A análise global do estado de conservação das arestas e dimensão dos fragmentos nos diversos contextos revelou as seguintes características.

– A presença de arestas roladas (em %) encontra-se entre 19 e 67 % sendo que os contextos organizam-se da seguinte forma (por ordem crescente de arestas roladas): A65 e A49 (19 %), Lx. 73 (20 %), A31 (21 %), A34 (23 %), A30 (32 %), Lx. 93 (34 %), A53 (37 %), Lx. 105 (38 %), A38 (41 %), A39 (46 %), A54 (48 %), A67 e A36 (53 %), A35, A59 e A37 (57 %) e Lx. 85.1 (67 %).

– A presença de arestas vivas (em %) encontra-se entre 6 e 52 % sendo que os contextos organizam-se da seguinte forma (por ordem decrescente de arestas vivas): A34 (52 %), A65 (47 %), A30 e A49 (45 %), Lx. 73 e A31 (31 %), A53 (29 %), Lx. 93 e 105 (28 %), A38 e A39 (27 %), A67 (25 %), A35 (21 %), A59 (18 %), A54 (17 %), A36 (16 %), A37 (9 %) e Lx. 85.1 (6 %).

– A presença de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria 3 (em %) encontra-se entre 11,2 e 28,2 % sendo que os contextos organizam-se da seguinte forma (por ordem decrescente): A30 (28,2 %), Lx. 93 (27,4 %), A38 (26,8 %), A65 (24,4 %), Lx. 105 (23,3 %), A31 e A39 (23 %), A34 (22,7 %), A67 (22,1 %), Lx. 73 (21,8 %), A53 (21,4 %), A54 (21,2 %), A49 (20 %), A35 (18,3 %), A36 (18,1 %), A59 (17,9 %), A37 (12,9 %) e Lx. 85.1 (11,2 %).

Com base nos dados acima referidos concluímos o seguinte.

– A análise revela uma relação proporcional entre as percentagens de arestas roladas e de arestas vivas, quer dizer que quando uma aumenta a outra diminui. As hierarquias obtidas revelam uma ordem semelhante nos contextos sendo que apenas 7 dos 18 contextos (A34, A65, A30, A49, A59, A54 e A36) são um pouco discrepantes nos lugares que ocupam em cada hierarquia. Estas pequenas diferenças podem dever-se às percentagens de arestas roladas e vivas de cada contexto e a pequenas diferenças que existem entre os contextos.

– A análise não revela uma relação proporcional entre o tipo de arestas e o tamanho dos fragmentos, sendo que contextos com uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões podem ou não possuir uma maioria de arestas vivas.

– As hierarquias obtidas na análise geral do estado de conservação das arestas (sem ter em conta as pastas) e da dimensão dos fragmentos (também sem ter em conta as pastas) não são coincidentes uma com a outra e com aquela resultante da análise de conservação das pastas. O estudo das várias áreas leva-nos a crer no seguinte: 1) a análise pormenorizada de pastas é genericamente coincidente com a análise geral da dimensão dos fragmentos no entanto é divergente em relação à análise geral

do estado de conservação das arestas; 2) quanto maior for o número de contextos integrados numa fase mais difícil é de obter hierarquias totalmente semelhantes; 3) noções pré-concebidas de que um contexto bem preservado tem forçosamente que possuir fragmentos grandes ainda que não tenha que possuir uma maioria de fragmentos com arestas vivas, desvirtua em parte os resultados obtidos e 4) os resultados obtidos são sempre uma interpretação baseada em diferentes dados sendo que os resultados serão sempre balizados pelos dados originais, pelas ideias pré-concebidas e pela interpretação.

d) Tratamentos de superfície

A análise dos tratamentos de superfícies presentes nos fragmentos dos contextos integrados na fase III-2 na área norte foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: A30 (est. DCXIII, Q1), A34 (est. DCXIII, Q2), A67 (est. DCXIV, Q1), A49 (est. DCXIV, Q2), A53 (est. DCXV, Q1), A59 (est. DCXV, Q2), A54 (est. DCXVI, Q1), A65 (est. DCXVI, Q2), Lx. 93 (est. DCXVII, Q1), Lx. 105 (est. DCXVII, Q2), Lx. 85.1 (est. DCXVIII, Q1), Lx. 73 (est. DCXVIII, Q2), A31 (est. DCXIX), A35 (est. DCXX), A36 (est. DCXXI, Q1), A37 (est. DCXXII, Q1), A38 (est. DCXXII, Q2) e A39 (est. DCXXI, Q2). Como já foi referido a análise dos tratamentos de superfície realizada sobre a área norte é baseada em 4 factores de avaliação sendo que são os mesmos que foram usados na avaliação dos tratamentos de superfície da fase I na área norte.

A análise dos tratamentos de superfície revelou as características que expomos de seguida.

- Os 18 contextos analisados da fase III-2 da área norte apresentam grande variedade formal e distributiva nos tratamentos de superfície presentes nas superfícies externas. O Lx. 85.1 apresenta 3 tipos de tratamentos (alisado, polido e rugoso); a A65, A67, Lx. 105, A37, A38 e A39 apresentam 4 tipos (alisado, brunido, polido e rugoso na A65; alisado, cepilhado, polido e rugoso na A67, Lx. 105, A37, A38 e A39); a A30, A53, A54, A59, Lx. 93 e 73 apresentam 5 tipos (alisado, cepilhado, grafitado, polido e rugoso na A30, alisado, brunido, cepilhado, polido e rugoso na A53, A54, Lx. 93, 73 e alisado, areado, espatulado, polido e rugoso na A59); a A34, A49, A31, A36 e A35 apresentam 6 tipos (alisado, brunido, cepilhado, espatulado, polido e rugoso na A34 e A49; alisado, areado, brunido, cepilhado, polido e rugoso na A31; alisado, cepilhado, espatulado, grafitado, polido e rugoso na A36 e alisado, areado, cepilhado, engobado, polido e rugoso na A35).
- Nas superfícies externas encontramos uma maioria de polidos em 9 dos 18 contextos analisados (A30, A65, Lx. 93, 105, A35, A36, A37, A38 e A39), uma maioria de alisados em 8 contextos

(A49, A53, A54, A59, A67, Lx. 85.1, 73, A31) e um contexto com uma maioria de rugosos (A34). No entanto no geral a percentagem de polidos é inferior à de alisados, pois os contextos com maior número de fragmentos possuem uma maioria de superfícies externas alisadas. A presença de polidos externos encontra-se entre 11,11 e 49,44 %, Lx. 85.1 e Lx. 93 respectivamente e a presença de alisados externos encontra-se entre 26,83 e 61,11 %, A38 e Lx. 85.1, respectivamente. Na soma de todos os contextos os alisados correspondem a 42 % e os polidos a 32 %.

– Ordenando os contextos por ordem crescente de polidos externos temos a seguinte hierarquia: Lx. 85.1 (11,11 %), A59 (18,52 %), A34 (21,62 %), A53 (23,53 %), Lx. 73 (23,82 %), A31 (24,02 %), A67 (28,57 %), A49 (32,18 %), A54 (37,25 %), A30 (32,73 %), A35 (35,56 %), A38 (36,59 %), A37 (37,78 %), A36 (39,90 %), Lx. 105 (40,29 %), A65 (41,73 %), A39 (42,31) e Lx. 93 (49,44 %). Ordenando os contextos por ordem crescente de alisados externos temos a seguinte hierarquia: A38 (26,83 %), A35 (28,16 %), A34 (28,65 %), A30 (29,09 %), A36 (31,82 %), Lx. 105 (32,52 %), Lx. 93 (35,86 %), A37 (36 %), A65 (38,13 %), A39 (38,46 %), A67 (38,96 %), A54 (40,35 %), A59 (40,74 %), A31 (46,36 %), Lx. 73 (48,18 %), A49 (51,88 %), A53 (56,30 %) e Lx. 85.1 (61,11 %). Podemos observar que o intervalo da presença de polidos desce em relação aos contextos das fases II e III-1 e que o intervalo de presença de alisados externos sobe em relação à fase anterior. No geral, podemos dizer que o tratamento de superfície alisado está mais presente na fase III-2 do que na fase III-1 e que o tratamento de superfície polido está menos presente nesta fase do que na anterior. cremos que a diferença nos tratamentos de superfície se relaciona com as diferenças já referidas, nas pastas.

– À excepção do Lx. 71, todos os contextos apresentam areados, cepilhados, grafitados e/ou rugosos sendo que ordenando os contextos por ordem crescente de areados, cepilhados, grafitados, e/ou rugosos externos temos a seguinte hierarquia: A49 (1,22 %), Lx. 93 (3,34 %), A53 (4,62 %), A35 (5,37 %), A37 (5,78 %), A54 (7,42 %), A39 (7,69 %), A65 (7,91 %), Lx. 105 (10,68 %), Lx. 85.1 (11,11 %), A36 (14,14 %), A67 (16,88 %), A38 (17,07 %), A30 (17,27 %), Lx. 73 (17,52 %), A31 (19,76 %), A59 (22,22 %) e A34 (35,66 %). O tratamento de superfície areado ocorre na A59 e A31; o tratamento de superfície cepilhado não ocorre na A59, A65, e Lx. 85.1, o tratamento de superfície grafitado ocorre na A30 e A36 e o tratamento de superfície rugoso está presente em todos os contextos. Na soma de todos os contextos os areados, cepilhados e/ou rugosos possuem uma presença de 11,21 %.

– cremos existir uma relação entre o tipo de pasta e o tipo de tratamento de superfície aplicado no recipiente e por isso comparamos os resultados da análise de pastas com os resultados obtidos na análise dos tratamentos de superfície. Podemos observar que: 1) os contextos que compõem o grupo

1 – A49, A53, A54, A65, Lx. 93, 85.1 e 105 –, que possuem uma maioria das pastas I, III e VII possuem percentagens baixas de areados, cepilhados, grafitados e rugosos, sendo que a percentagem máxima presente é de 11 %; 2) os contextos que compõem o 2º grupo – A30, A34 e A67 –, possuem uma presença visível da pasta VI e possuem as percentagens mais altas de areados, cepilhados, grafitados e rugosos – A30 e A67: 17 % e A34: 36 %; 3) os contextos que compõem o 3º grupo – A59, A35, A37 e A39 –, possuem uma presença visível da pasta VIII e possuem presenças muito baixas de areados, cepilhados, grafitados e rugosos, à exceção da A59, sendo que a percentagem máxima presente é de 8 % e 4) os contextos que compõem o 4º grupo – A36, A38, Lx. 73 e A31 – destacam-se pela forte presença das pastas VI e VIII e por uma presença de areados, cepilhados, grafitados e rugosos dentre 14 e 20 %. Podemos ver que os resultados estatísticos vão de encontro aos resultados empíricos do estudo do conjunto cerâmico.

– Observamos que em todos os contextos, o tratamento de superfície externo dominante é concordante com as conjugações de superfície dominantes, quer dizer um contexto em que os polidos são majoritários possui uma primeira conjugação de tratamentos de superfície em que o polido externo é majoritário, por ex. Pol/Pol ou Pol/Alí e os contextos em que os alisados são majoritários possuem uma primeira conjugação de tratamentos de superfície em que o alisado externo é majoritário, por ex: Alí/Alí ou Alí/Pol. Os contextos onde o tratamento de superfície externo geral não concorda com a conjugação de tratamento de superfície majoritária são as A30 e A65.

– Os contextos que integram a fase III-2 na área norte possuem características muito diversas no tipo de conjugações de tratamentos de superfície presentes. A experiência na análise dos materiais cerâmicos diz-nos que quanto maior for o número de contextos que compõem uma determinada fase, mais difícil se torna observar as suas semelhanças e mais discrepantes nos parecem. A natureza dos conjuntos cerâmicos subdivididos por unidades estratigráficas é, por princípio, particularizante sendo que os diversos contextos revelam sempre divergências. No caso da análise da hierarquia das conjugações de tratamentos de superfície (a que estamos a realizar agora) podemos intervir de duas formas: 1ª) conduzimos a análise através do agrupamento dos contextos a partir das semelhanças nas hierarquias mas sem ter em conta as percentagens de cada conjugação e 2ª) conduzimos a análise através dos grupos já criados na análise de pastas.

– Através do agrupamento dos contextos consoante as semelhanças nas hierarquias temos a formação de 3 grupos e a presença de 2 contextos discrepantes. As hierarquias obtidas são uma

médias da totalidade das hierarquias presente em cada grupo, sendo que podem não corresponder a todos os contextos. Deste modo, foram criados os seguintes grupos:

1º Grupo) As A30, A31 e Lx. 73 constituem o 1º grupo, sendo que a conjugação de tratamentos de superfície predominante é a Ali/Pol, com uma presença de 19, 29 e 31 %, respectivamente. A hierarquia presente é a seguinte: Ali/Pol; Ali/Ali; Pol/Pol e Pol/Ali.

2º Grupo) As A65, A67, A59, A54, A49, A53 e Lx. 85.1 constituem o 2º grupo, sendo que a conjugação de tratamentos de superfície predominante é a Ali/Ali, com uma presença de 24 a 44 %. A hierarquia presente é a seguinte: Ali/Ali; Pol/Pol; Pol/Ali e Rug/Pol ou Ali/Pol.

3º Grupo) As A35, A36, A37, A38, Lxs. 93 e 105 constituem o 2º grupo, sendo que a conjugação de superfície predominante é a Pol/Pol, com uma presença de 20 a 29 %. A hierarquia presente é a seguinte: Pol/Pol; Ali/Ali; Ali/Pol e Pol/Ali ou Rug/Pol.

A A34 e A39 são os contextos discrepantes que possuem as seguintes hierarquias: A34 – Rug/Pol; Ali/Ali; Pol/Pol e Ali/Pol e na A39 – Pol/Ali; Ali/Ali; Ali/Pol e Pol/Pol.

– Através do agrupamento dos contextos consoante a análise através dos grupos já criados na análise de pastas podemos observar o seguinte: 1) dos contextos que compõem o grupo 1 – A49, A53, A54, A65, Lx. 93, 85.1 e 105 – apenas o Lx. 85.1 apresenta uma conjugação de tratamentos de superfície que contenha areados, cepilhados, grafitados ou rugosos – neste caso Rug/Pol – nas quatro primeiras conjugações dominantes; 2) dos contextos que compõem o 2 grupo – A30, A34 e A67 – apenas a A30 não apresenta uma conjugação de tratamentos de superfície que contenha areados, cepilhados, grafitados ou rugosos nas quatro primeiras conjugações dominantes; 3) dos contextos que compõem o 3 grupo – A59, A35, A37 e A39 – apenas a A35 não apresenta uma conjugação de tratamentos de superfície que contenha areados, cepilhados, grafitados ou rugosos nas quatro primeiras conjugações dominantes e 4) dos contextos que compõem o 4 grupo – A36, A38, Lx. 73 a A31 – apenas a A37 não apresenta uma conjugação de tratamentos de superfície que contenha areados, cepilhados, grafitados ou rugosos nas quatro primeiras conjugações dominantes.

– podemos dizer que, na generalidade, um contexto que possui uma presença visível das pastas VI e VIII, possuirá, com grande probabilidade, uma maior visibilidade de areados, cepilhados, grafitados e rugosos externos e uma presença de uma conjugação de tratamento de superfície, que contenha um destes tratamentos referidos, nas quatro principais conjugações presentes.

As conclusões relativas à fase III-2 são o resultado de uma análise ponderada dos resultados individuais de todos os contextos pois não foi realizada a soma dos mesmos como uma totalidade. Deste modo, obtivemos as premissas que expomos de seguida.

- Não se verifica uma relação proporcional entre os tratamentos de superfície areado, cepilhado, grafitado e/ou rugoso (como grupo) e os restantes tratamentos de superfície (por ex: alisado ou polido, naqueles que são maioritários). Quer dizer que contextos com uma presença elevada de alisados podem possuir ou não uma presença elevada de areados, cepilhados, grafitados e/ou rugosos, por exemplo, A A49 possui 52 % de alisados externos e 1 % de areados, cepilhados, grafitados e/ou rugosos no entanto o Lx. 73 possui 48 % de alisados e 18 % de areados, cepilhados, grafitados e/ou rugosos. No Lx. 73 o número de alisados e polidos é mais baixo para que o número de areados, cepilhados, grafitados e/ou rugosos seja mais alto.
- Não se verifica uma relação directa entre polidos, alisados e areados, cepilhados, grafitados e/ou rugosos, quer dizer que o polido não é substituído pelo alisado e o alisado não é substituído pelo areado, cepilhado, grafitado e/ou rugoso. É evidente que quando a percentagem de areados, cepilhados, grafitados e/ou rugosos é alta, a percentagem de alisados e polidos tem que ser mais baixa, mas, aparentemente, não há uma evolução preferencial que coloque determinados tratamentos de superfície em desuso.
- Deste modo, e tendo em conta todos os factores de análise: **1)** a A36, A67, A38, A30, Lx. 73, A31, A59 e A34 destacam-se pela presença evidente dos tratamentos de superfície areado, cepilhado, grafitado e rugoso (contabilizados como um todo), com uma presença de 14 a 36 % e com a presença da conjugação de tratamentos de superfície Rug/Pol nos quatro primeiros lugares, à excepção da A30; **2)** estes mesmos contextos destacam-se pela presença evidente das pastas VI e VIII; **3)** a A49, Lx. 93, A53, A35, A37, A54, A39, A65, Lx. 105 e 85.1 destacam-se por uma baixa presença dos tratamentos de superfície areado, cepilhado, grafitado e rugoso (contabilizados como um todo) – de 1 a 11 % e com a ausência da conjugação Rug/Pol nos quatro primeiros lugares e **4)** estes mesmos contextos possuem uma forte presença das pastas I, III e VII ainda que a VIII esteja também presente na A35, A37 e A39.

e) Diversidade da cor nos fragmentos / Tipos de cozedura / Uso e deposição

A análise da diversidade de cor foi realizada em todos os contextos da fase III-2 da área norte com base nas respectivas estampas, a saber: A30 (est. DCXXIII e DCXLI), A34 (est. DCXXIV e DCXLII), A67 (est. DCXXV e DCXLIII), A49 (est. DCXXVI, DCXLIV e DCXLV, Q1), A53 (est. DCXXVII e DCXLVI), A59 (est. DCXXVIII e DCXLV, Q2), A54 (est. DCXXIX e DCXLVII), A65 (est. DCXXX e DCXLVIII), Lx. 93 (est. DCXXXI e DCXLIX), Lx. 105 (est. DCXXXII e DCL), Lx. 85.1 (est. DCXXXIII e DCLI), Lx. 73 (est. DCXXXIV, DCLII e DCLIII),

A31 (est. DCXXXV, DCLIV e DCLV), A35 (est. DCXXXVI, DCLVI e DCLVII), A36 (est. DCXXXVII, DCLVIII e DCLIX), A37 (est. DCXXXVIII, DCLX e DCLXI, Q1), A38 (est. DCXXXIX e DCLXII) e A39 (est. DCXL e DCLXI, Q2). Como já foi referido a análise dos tipos de cor é baseada na avaliação de nove factores de análise sendo que os contextos são agrupados consoante as suas características.

Com base na avaliação dos pontos 1, 2 e 3 (Tipos de cor predominantes nos cernes e sua evolução : 1º, 2º e 3º lugares) podemos dizer que:

– Todos os contextos analisados da fase III-2 possuem uma maioria de fragmentos de cerne negro, sendo que organizados da menor para a maior percentagem temos: A65 (25 %), A30 (40 %), A49 (41 %), A53 e Lx. 105 (43 % cada), A54 (44 %), Lx. 93 (45 %), A35 (47 %), A34 (49 %), A67 (51 %), A37 (52 %), A59 e A36 (54 % cada), Lx. 73 e A31 (55 %), Lx. 85.1 (56 %), A38 (58 %) e A39 (62 %).

– Na totalidade dos contextos o tipo de cor P está compreendido entre 25 e 62 %, o tipo de cor VE está compreendido entre 11 e 40 % e o tipo de cor C está compreendido entre 11 e 28 %. Comparativamente aos contextos das fases anteriores podemos observar uma maior amplitude dos intervalos sendo que na fase III-1 o tipo de cor P está compreendido entre 44 e 61 % (na fase III-2 entre 25 e 62%), o tipo de cor VE está compreendido entre 22 e 32 % (na fase III-2 entre 11 e 40 %) e o tipo de cor C está compreendido entre 13 e 22 % e na fase III-2 entre 11 e 28 %. cremos que, os valores indicam uma maior presença do tipo VE sendo que quando esta ocorre os outros tipos têm, forçosamente, que possuir um valor mais baixo. Nesta primeira fase de análise da cor dos fragmentos é notório o aumento do tipo VE.

– Os 18 contextos que integram a fase III-2 foram agrupados em dois grande grupos a partir da hierarquia obtida na cor dos cernes dos fragmentos. Apenas um contexto revela uma hierarquia diferente da dos dois grupos criados sendo que é tido como discrepante.

– As A59, A36, A54, A31, A35, A37, A53, A34, A49, Lx. 85.1, 93 e 73 possuem uma hierarquia P-C-VE sendo que o tipo P está compreendido entre 25 e 56 %, o tipo C entre 17 e 28 % e o tipo VE entre 11 e 21 %.

– As A30, A67, A38, A39 e Lx. 105 constituem o 2º grupo e possuem uma hierarquia de cores presente nos cernes correspondente a P-VE-C, 1º, 2º e 3º lugar respectivamente. O tipo P está compreendido entre 40 e 62 %, o tipo VE entre 22 e 40 % e o tipo C entre 11 e 17 %.

– A A65 possui uma hierarquia P-C-A, com 25, 23 e 20 %, respectivamente.

– Comparando os dois grupos obtidos com os 4 grupos da análise de pastas, concluímos que: 1) contextos com diferentes quantidades de cada pasta e integrados em grupos de pastas diferentes

possuem as mesmas características de cor nos cernes dos fragmentos; 2) no geral, a quantidade de fragmentos de pastas VI e VIII não é o suficiente para que seja visível características diferentes na cor dos cernes – cernes de tipo VE e A; 3) a maioria dos contextos possui cernes de tipo de cor P e C, sendo que o tipo VE é claramente minoritário, sendo a exceção a A30; 4) cremos que a forte presença do tipo VE no cerne dos fragmentos da A30 (40 %), está relacionada com a quantidade de fragmentos de tipo VI (51 %) e 5) cremos que se as quantidade de pastas VI e VIII fossem mais elevadas as cores presentes nos cernes seriam diferentes.

– Em resumo, podemos dizer que os grupos criados a partir da análise das cores presentes nos cernes não são concordantes com aqueles criados na análise de pastas. Deste modo, podemos afirmar que não existe uma relação clara e evidente estatisticamente entre os tipos de cores e os tipos de pastas ainda que na análise empírica tal fosse indicado. Apenas é visível uma relação entre o tipo VE e a pasta VI, quer dizer que quando o tipo VE se encontra muito presente, é provável que o contexto contenha uma boa quantidade de fragmentos de pasta VI. No entanto quando um contexto possui uma maioria de tipos P e C, tal não quer dizer que a pasta VI não seja visível.

A avaliação dos restantes tipos de cores presentes nos cernes – ou aqueles com menor representatividade (ponto 8) – permitiu o agrupamento dos contextos em 5 grupos, a saber:

1º Grupo) É composto pelas A30, A36, A59, A31, A37, Lx. 85.1 e A39, onde as hierarquias presentes são a A-B-VC e A-VC-B. O tipo A encontra-se entre 0 e 4 %, o tipo VC entre 0 e 4 % e o tipo B entre 2 e 6 %.

2º Grupo) É composto pela A67 e Lx. 105, onde a hierarquia presente é a A-VC-B. O grupo 2 distingue-se do grupo 1 porque possui as percentagens mais altas do tipo VC.

3º Grupo) É composto pelas A54, A65, A49 e Lx. 93 onde as hierarquias presentes são a B-VC-A e B-VC-VE e onde a presença do tipo A é a mais alta de todas. O tipo B está compreendido entre 2 e 3 %, o tipo VC está compreendido entre 3 e 11 % e o tipo A está compreendido entre 8 e 20 %.

4º Grupo) É composto pelas A38, A53 e Lx. 73 onde as hierarquias presentes são a B-VC-A e B-A-VC. O grupo 4 distingue-se do grupo 3 porque as percentagens dos tipos VC e A são muito mais baixas, ainda que a hierarquia seja, genericamente, a mesma. O tipo B está compreendido de 0 a 3 %, o tipo VC está compreendido de 2 a 4 % e o tipo A está compreendido entre 2 a 3 %.

5º Grupo) É composto pelas A34 e A35 onde a hierarquia presente é a VC-B-A e onde o tipo VC possui as percentagens mais baixas. O tipo VC está compreendido de 1 a 3 %, o tipo B possui o valor de 3 % em ambos os contextos e o tipo A está compreendido de 3 a 5 %.

Comparando os resultados da análise de pastas e dos pontos 1, 2 e 3 das cores presentes podemos dizer que os grupos formados sobre o factor de análise 8 não são concordantes com os grupos formados nas restantes análises. A única característica visível é que os contextos que pertencem aos grupos 2, 3 e 4 da análise de pastas (contextos com maior visibilidades das pastas VI e VIII) possuem uma tendência para se agruparem, ainda que com características divergentes.

A análise das cores presentes nos recipientes relacionados com a ocupação da Idade do Bronze e/ou Ferro (ponto 7) permitiu observar o seguinte:

– Metade dos contextos analisados – A49, A38, A39, A36, A35, A31, Lx. 73, 85.1, A54 e Lx. 105 – não possuem recipientes onde as cores maioritárias nos cernes são as mesmas cores maioritárias das superfícies. Desse modo é possível obter agrupamentos diferentes consoante se agrupam os contextos por tipos de cores nos cernes ou por tipos de cores nas superfícies dos recipientes. Optamos por agrupar os contextos consoante os tipos de cores nos cernes. Assim, foram criados 4 grupos sendo que um contexto – A59 – não faz parte de nenhum grupo porque não possui recipientes.

– O *grupo 1* é constituído pelas A34, A49, A53, A37, A38 e A30 sendo que os tipos de cor maioritários são o P e o C, por esta ordem. A A49 possui, maioritariamente, superfícies de tipos C e VE, a A38 de tipos C e A e a A39 de tipo VE.

– O *grupo 2* é constituído pelas A36, A35, A31 A54 e Lxs. 73 e 85.1 sendo que os tipos de cor maioritários são o P e o VE, por esta ordem. Quase todos os contextos possuem, maioritariamente, superfícies de tipos C e VE sendo que a A54 possui superfícies de tipos P e A.

– O *grupo 3* é constituído pela A65 e Lxs. 93 e 105 sendo que os tipos de cor maioritários são o C e o P, por esta ordem. O Lx. 105 possui, maioritariamente recipientes com as superfícies de cores C e VE.

– O *grupo 4* é constituído pelas A30 e A67 que possuem uma maioria dos tipos VE, C e A, tanto nos cernes como nas superfícies.

Podemos observar que os grupos obtidos são discordantes dos grupos obtidos através das várias análises realizadas anteriormente. Cremos que, a falta de coerência entre as várias análises se deve ao número elevado de contextos em análise. Quer dizer que quando se analisam muitos contextos ao mesmo tempo (pois pertencem a uma mesma fase) as diferenças percentuais são mais evidentes que as semelhanças ainda que ambas estejam presentes.

A avaliação das conjunções de cores e sua hierarquia presentes em cada contexto (ponto 4) revelou os seguintes resultados:

– A análise das conjugações de cores presentes nos contextos da fase III-2 na área norte revela o seguinte: 1) não existem contextos que partilhem a mesma hierarquia de cores bem como a mesma percentagem de cada conjugação de cor; 2) a presença da primeira conjugação maioritária encontra-se entre 12 e 23 %; 3) a presença da quarta conjugação maioritária encontra-se entre 7 e 12 %; 4) as quatro conjugações maioritárias ocupam na totalidade dos conjuntos uma presença entre 42 e 60 %; 5) ainda que cada conjugação possa ser considerada minoritária (pois as percentagens isoladas são muito baixas), o conjunto das quatro conjugações maioritárias é bastante significativo, pois na maioria dos contextos corresponde a mais de metade dos fragmentos; 6) na maioria dos contextos as quatro conjugações possuem cerca do mesmo peso percentual, por ex. na A31, a hierarquia é a seguinte: A-P-A (14 %), VE-VE-VE (11 %), C-C-C (11 %) e A-P-P (9 %); 7) em alguns contextos a primeira conjugação destaca-se das seguintes, por ex. na A30: VE-VE-VE (23 %) e VE-P-P (12 %); 8) cremos que fragmentos com uma mesma conjugação de cor e a mesma pasta possuem uma forte probabilidade de pertencerem ao mesmo recipiente; 9) quanto mais alta é a percentagem das quatro primeiras conjugações de cor maior probabilidade do contexto apresentar homogeneidade de recipientes, quer dizer que o contexto é composto por recipientes fragmentados e não por fragmentos dispersos e sem sentido (pois tal também ocorre) e 10) a coesão de um dado (% de conjugações de cor maioritárias) pode ser influenciada pelo número de fragmentos (já que toda a análise é um estudo estatístico).

Os contextos foram agrupados consoante os tipos de cor dominantes nas conjugações presentes, quer dizer que contextos que apresentem uma maioria de conjugações que contenham os tipos C e P são agrupados num conjunto e contextos que apresentem uma maioria de conjugações que contenham o tipo VE são agrupados noutro conjunto. Deste modo foram criados 5 grupos:

1º Grupo) É composto pelas A30, A34 e A67 que são semelhantes nas conjugações de cor (maioritárias) que apresentam sendo evidente a importância dos tipos de cor VE e P, por esta ordem. Nestes contextos as conjugações maioritárias são as seguintes: VE-VE-VE, P-P-P, VE-P-VE e VE-P-P. A hierarquia acima apresentada é uma conjugação das hierarquias apresentadas nos 3 contextos. É de notar que este grupo coincide inteiramente com o grupo 2 da análise de pastas, onde a pasta VI é evidente.

2º Grupo) É composto pelas A49, A59, A53, A35 e Lx. 105 que são semelhantes nas conjugações de cor (maioritárias) que apresentam sendo evidente a importância dos tipos de cor C e VE. Nestes contextos as conjugações maioritárias são as seguintes: C-C-C; VE-VE-VE, C-P-C e VE-P-VE. A

hierarquia acima apresentada é uma conjugação das hierarquias apresentadas nos 5 contextos. Dos 5 contextos a A49, A59 e A53 revelam alguma importância do tipo P.

3º Grupo) É composto pelas A54, A65, Lxs. 93, 85.1 e 73 que são semelhantes nas conjugações de cor (maioritárias) que apresentam sendo evidente a importância dos tipos de cor A e C. Nestes contextos as conjugações maioritárias são as seguintes: A-A-A; C-C-C; A-P-A e C-P-C.

4º Grupo) É composto pelas A31, A38 e A39 que são semelhantes nas conjugações de cor (maioritárias) que apresentam sendo evidente a importância dos tipos de cor A, VE e C. Nestes contextos as conjugações maioritárias são as seguintes: A-P-A; VE-VE-VE; C-P-C e C-C-C.

5º Grupo) É composto pelas A36 e A37 que são semelhantes nas conjugações de cor (maioritárias) que apresentam sendo evidente a importância dos tipos de cor P e C.. Nestes contextos as conjugações maioritárias são as seguintes: C-C-C; P-P-P; C-P-C e A-P-A.

– Com base nos grupos acima indicados podemos observar que: 1) não há uma relação entre a quantidade de cernes negros ou castanhos-escuros e os tipos de conjugações maioritárias, por ex, na A39, 62 % dos fragmentos possuem cernes negros no entanto os tipos de cores maioritários nas conjugações são o tipo A e VE; 2) pode existir uma relação entre os cernes e as conjugações de cor, quando temos em conta apenas a cor do cerne da conjugação; 3) os contextos que possuem uma grande visibilidade de cernes de tipo VE possuem, também, conjugações de cor onde este tipo está presente ou onde estão presentes outros tipos de cor que não os tipos P e C – como nas A30, A39, A67 e Lx. 105 –; 4) muitas das conjugações maioritárias em vários contextos são conjugações de cores concordantes – VE-VE-VE, C-C-C, A-A-A – ainda que os cernes de tipos C, VE e A seja sempre minoritários e 5) cremos que a cor dos cernes deve ser o factor de maior influencia na cor das superfícies no entanto cremos que o factor de maior influencia nos tipos de conjugações maioritárias presentes num dado contexto não é a cor dos cernes, mas sim o número de recipientes e seu estado de conservação.

A avaliação dos tipos de cores presentes nas superfícies dos fragmentos de cernes negro (ponto 5) permite intuir processos de descoloração sofrida pelos fragmentos cerâmicos. A análise deste factor revelou os seguintes resultados.

– A A37 é o único contexto em que os fragmentos de cerne negro possuem uma maioria de superfícies externas também negras. Neste contexto 52 % dos fragmentos possuem cerne negro e 19 % possuem cerne e superfície externa de tipo P (cerca de 37 % dos fragmentos de cerne negro possuem superfícies externa, também, negras).

– As A67 e A49 revelam uma distribuição igualitária entre os tipos VE e C. Na A67, 51 % dos fragmentos possuem cernes de tipo P e 10 % dos fragmentos possuem cernes de tipo P e superfícies

externas de tipo P (apenas 20 % dos fragmentos sendo que 55 % dos fragmentos de cerne negro possuem superfícies externas de tipos VE e C). Na A49, 41 % os fragmentos possuem cernes de tipo P e 9 % dos fragmentos possuem cernes de tipo P e superfícies externas de tipo P.

– As A34, A35, A36, A53, A54, A65, Lx. 93 e 105 revelam uma maior quantidade de cerâmicas de coloração, tendencialmente, escura, sendo evidente a importância do tipo C. Estes contextos apontam para uma descoloração dos recipientes de cor negra, sendo que tal será avaliado através do factor de análise 6.

– As A30 e A59 revelam uma maior quantidade de cerâmicas de coloração, tendencialmente, mais clara, sendo evidente a importância do tipo A e, por último, os Lxs. 85.1, 73, A31, A38 e A39 revelam, também, uma maior quantidade de cerâmicas de coloração, tendencialmente, mais clara, sendo evidente a importância do tipo VE.

– Quase todos os contextos revelam uma maioria de fragmentos de cernes de tipo P com superfícies internas com o mesmo tipo de cor – à excepção da A65, A39 e Lx. 85.1 – sendo que 6 a 71 % dos fragmentos de cerne negro possuem superfícies internas negras e 0 a 37 % dos fragmentos de cerne negro possuem superfícies externas negras. Em relação à fase anterior podemos observar um decréscimo significativo da coloração negra nas superfícies externas dos fragmentos de cerne negro e um aumento (no intervalo e no valor máximo) da coloração negra nas superfícies internas dos fragmentos de cerne negro.

Como podemos observar que a descoloração dos fragmentos ocorre de um modo diferente nas superfícies externas e internas sendo que cremos que a descoloração dos mesmos se deve aos processos de manufactura e uso. Em comparação com a fase anterior podemos observar um aumento da descoloração externa que pode estar relacionada com uma maior longevidade dos vasos aliado a um uso mais intensivo.

No ponto 6 analisamos os contextos consoante as presenças (percentagens) de fragmentos de cerne de tipo P com superfícies de tipo C e fragmentos de cerne de tipo C com superfícies de tipo P. A avaliação deste factor revelou os seguintes resultados.

– Se ordenarmos os contextos consoante o resultado do índice usado (C Ps/P Cs) e por ordem crescente obtemos a seguinte ordem: A59, A39 e Lx. 85.1 (índice = 0); Lx. 105 (0,03); A53 e A54 (0,09); A30 (0,11); A36 (0,13), A67 e A38 (0,17), A49 e Lx. 93 (0,18), A35 (0,20), Lx. 73 (0,28), A65 (0,35), A34 e A37 (0,41) e A31 (0,43). Em comparação com a fase anterior, na área norte, podemos observar: 1) um intervalo de valores menos amplo; 2) um valor máximo menor sendo que o contexto pior preservado nesta fase é mais bem preservado do que o pior preservado da fase

anterior; 3) a presença de contextos com índice igual a 0 sendo que na fase anterior tal não acontece e 4) tendo em conta os valores dos vários contextos podemos dizer que a preservação de cor dos contextos da fase III-2 é bastante superior à da fase III-1, na área norte.

O estudo dos resultados obtidos na análise do ponto 5 permitem observar o seguinte.

a) As hierarquias obtidas pelos vários valores em estudo – fragmentos de cerne negro e superfícies castanhas-escuras; fragmentos de cernes castanho-escuro e de superfícies negras e índice relacional – não são coincidentes. Quer dizer que se definirmos a preservação de cor de um dado contexto pelo valor apresentado dos fragmentos de cerne negro e superfícies castanhas-escuras esta será diferente se de seguida avaliarmos o valor de fragmentos de cernes castanho-escuro e de superfícies negras ou o índice relacional. De uma forma resumida, podemos dizer que os resultados do índice não são observáveis empiricamente enquanto que os valores dos fragmentos de cerne negro e superfícies castanhas-escuras são observáveis no estudo prático dos materiais cerâmicos.

b) Deste modo, aquando do estudo empírico a percepção de preservação de cor é diferente da da obtida pelo índice sendo que cremos ser semelhante à ordem obtida pelo valor dos fragmentos de cerne negro e superfícies castanhas-escuras. Assim, a ordem obtida é a seguinte (do melhor preservado para o pior preservado): A59, A30, A31, Lx. 73, A49, A37, A65, A38, A67, A54, Lx. 105, A35, Lx. 85.1, Lx. 93, A34, A53, A36 e A39. Destes contextos, apenas as A59, A30, A378, A67, Lx. 93 e A34 possuem valores coincidentes com o índice sendo que possuem o mesmo “estatuto” nos dois factores de análise.

c) Não há uma relação entre os resultados obtidos no índice e aqueles do ponto 6. Quer dizer que a relação entre os fragmentos de cerne negro e superfícies castanhas-escuras e os fragmentos de cernes castanho-escuro é *independente* da cor maioritária nas superfícies dos fragmentos de cerne negro.

d) Há uma relação entre os resultados obtidos nos fragmentos de cerne negro e superfícies castanhas-escuras e aqueles do ponto 6. Quer dizer que um contexto que possua o tipo de cor C como maioritário nas superfícies externas (avaliação do ponto 6) terá maior probabilidade de possuir um valor alto de fragmentos de cerne negro e superfícies castanhas-escuras (um dos factores de análise do ponto 5).

e) Tendo em conta a hierarquia obtida pelo índice, podemos dizer que contextos com os tipos de cor C, P e A como maioritários nos fragmentos de cerne negro encontram-se em iguais circunstâncias na avaliação do ponto 6. Quer dizer que a avaliação do índice é exclusiva aos fragmentos de cerne negro e superfícies castanhas-escuras e fragmentos de cerne castanho-escuro e superfícies negras, sendo que os restantes tipos de cor são colocados de parte.

f) os contextos com maior quantidade de tipos de cor C e A nas superfícies de fragmentos de cernes negros aumentam consideravelmente as percentagens de fragmentos de cerne negro e superfícies castanhas-escuras. Neste factor o ponto 5 coincide com o 6. Podemos também observar que contextos onde o tipo de cor VE é muito evidente apresentam uma baixa presença do tipo C. Esta observação de laboratório é coincidente com a observação empírica, aquando do estudo dos materiais, que apontava a presença do tipo C nas superfícies como uma descoloração típica dos fragmentos de cerne negro. No entanto, quando os fragmentos possuem uma superfície de coloração VE (de origem – logo após a manufactura) tem tendência a mantê-la e não descolorarem da mesma forma que os de tipo P.

Apresentamos de seguida os resultados da avaliação conjunta dos fragmentos com cores concordantes e da diversidade de conjugações presente nos contextos em estudo (ponto 9). Este factor de avaliação está relacionado com a compreensão do estado de conservação dos fragmentos e dos estratos. Foram os seguintes os resultados obtidos:

– Ordenando os contextos da mais baixa preservação de cor para a mais alta, obtemos a seguinte hierarquia: A39 (19 %), A31 (35 %), A59 (37 %), A37 (38 %), A36 e Lx. 73 (39 %), A67 (40 %), A30 (42 %), A34 (43 %), A53, A38 e A35 (44 %), Lx. 93 (49 %), Lx. 85.1 e A49 (50 %), A65 (53 %) e Lx. 105 e A54 (54 %). Em comparação à fase anterior podemos observar: 1) um intervalo de valores mais amplo – de 19 a 54 na fase III-2 e de 31 a 62 na fase III-1; 2) a indicação de valores mais baixos na preservação de cor dos fragmentos no entanto na fase III-2, 28 % dos contextos possuem uma preservação acima dos 50 % e na fase III-1 são 22 % dos contextos e 3) consideramos a fase III-2 melhor preservada ao nível da cor do que a fase III-1.

– Ordenando os contextos da maior diversidade de cor para a menor, obtemos a seguinte hierarquia: A37 (38 %), A36 (36 %), A31 (35 %), Lx. 73 e A53 (33 %), A67 (32 %), A30 (31 %), A35 (30 %), A38 (27 %), A34 (26 %), Lx. 93 e A65 (25 %), A54 (24 %), A49 (19 %), Lx. 105 (16 %) e A39, A59 e Lx. 85.1 (0 %). Em comparação à fase anterior podemos observar: 1) a presença de um intervalo com maior amplitude – 0 a 38 % na fase III-2 e 11 a 34 % na fase III-1 –; 2) um valor máximo próximo de conjugações minoritárias nas duas fases, em volta dos 30 % e 3) ambas fases possuem a mesma percentagem de contextos (44 %) com um valor acima de 30 % de conjugações minoritárias.

– Podemos observar que as hierarquias obtidas num e noutro factor de avaliação não são totalmente semelhantes sendo que 7 contextos – A39, A59, A53, A35, Lx. 85.1, A65 e A54 – revelam-se mais discrepantes que os restantes contextos. As A39, A59 e Lx. 85.1 não apresentam conjugações de cor

minoritárias (que cheguem aos 3 %) porque são conjunto cerâmicos com um número muito reduzido de fragmentos, 26, 28 e 36 fragmentos, respectivamente. Deste modo ordenando os contextos do mais bem preservado para o pior preservado temos: Lx. 85.1, A59, A39, Lx. 105, A54, A65, A49, Lx. 93, A38, A35, A53, A34, A30, A67, Lx. 73, A36, A31 e A37.

– Os resultados da avaliação do ponto 9 não são concordantes com os resultados obtidos nas avaliações dos pontos 5 e 6. Podemos dizer que a avaliação do ponto 6 é muito mais empírica (excluindo o índice) do que a avaliação do ponto 9. O índice do ponto 6 e os factores de análise do ponto 9 são resultados mais estatísticos que que cremos poderem ou não reflectir uma realidade empírica.

f) Espessuras presentes nos fragmentos e recipientes / Evolução da espessura das pastas

A análise das espessuras presentes nos fragmentos e recipientes foi realizada a todos os contextos da fase III-2 e com base nas seguintes estampas: A30 (est. DCLXIII, Q1), A34 (est. DCLXIII, Q2), A67 (est. DCLXIV, Q1), A49 (est. DCLXIV, Q2), A53 (est. CLXV, Q1), A59 (est. DCLXV, Q2), A54 (est. DCLXVI, Q1), A65 (est. DCLXVI, Q2), Lx. 93 (est. DCLXVII, Q1), Lx. 105 (est. DCLXVII, Q2), Lx. 85.1 (est. DCLXVIII, Q1), Lx. 73 (est. DCLXVIII, Q2), A31 (est. DCLXIX, Q1), A35 (est. DCLXIX, Q2), A36 (est. DCLXX, Q1), A37 (est. DCLXX, Q2), A38 (est. DCLXXI, Q1) e A39 (est. DCLXXI, Q2).

A análise da espessura dos fragmentos é baseada nos resultados individuais de cada contexto pois não foram realizados gráficos globais que correspondessem à totalidade da fase. As pastas cerâmicas possuem comportamentos diferentes em cada contexto sendo que as conclusões finais atenderão a uma média comportamental das pastas presentes.

A análise das espessuras presentes nos fragmentos e recipientes revelou os seguintes resultados:

– A *pasta I* encontra-se presente em todos os contextos analisados ainda que em dois não seja possível constituir uma linha evolutiva (visível no gráfico de evolução das pastas) devido ao baixo número de fragmentos e a uma má distribuição. Na maioria dos contextos, os fragmentos de pasta I possuem uma maioria de cat. 3 – à excepção das A30, A59 e A35 – sendo que as espessuras encontram-se entre as categorias 1 e 8. Ordenando os contextos daqueles com espessuras mais finas para as mais grossas, temos: A30, Lx. 73, A31, A36, A54, A34, Lx. 105, A37, A49, A53, Lx. 93, A65, A67, Lx. 85.1, A59 e A35. Chegamos a esta hierarquia através da comparação dos valores em cada categoria, por exemplo: na A30, os fragmentos de categorias 3 e 4 equivalem a 50 % dos de

cat. 2 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 4, com uma maioria de fragmentos na cat. 2 e *na A35*, os fragmentos de cat. 5 equivalem a 9 % dos de cat. 4 e os de cat. 3 equivalem a 98 % dos de cat. 4 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 1 e a 7 com uma maioria de fragmentos na cat. 4.

– A *pasta II* encontra-se presente em nove contextos analisados (A34, A49, A59, A54, A65, Lx. 93, 105, 73 e A31) sendo representada por gráficos evolutivos, apenas em três contextos (A49, Lx. 73 e A31). Esta pasta possui um comportamento semelhante em todos os contextos, sendo que os fragmentos desta pasta encontram-se entre as categorias 1 e 3 com uma maioria na cat. 2. Ordenando os contextos daqueles com espessuras mais finas para as mais grossas, temos: A31, Lx. 73 e A49. Chegamos a esta hierarquia através da comparação dos valores em cada categoria, por exemplo: *na A31*, os fragmentos de cat. 3 equivalem a 13 % dos de cat. 2 e *na A49*, os fragmentos de cat. 3 equivalem a 40 % dos de cat. 2.

– A *pasta III* encontra-se presente em todos os contextos analisados sendo possível construir um gráfico evolutivo em todos eles. Ordenando os contextos daqueles com espessuras mais finas para as mais grossas, temos: A38, A34, A36, A53, A65, A54, A49, A31, Lx. 73, A39, A30, Lx. 105, Lx. 85.1, A67, Lx. 93, A37, A35 e A59. Chegamos a esta hierarquia através da comparação dos valores em cada categoria, por exemplo: *na A38*, os fragmentos de cat. 4 equivalem a 67 % dos de cat. 3 e os de cat. 2 equivalem a 33 dos de cat.3 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 5, com uma maioria na cat. 3 e *na A59*, os fragmentos de cat. 4 equivalem a 50 % dos de cat. 5 (que neste contexto é maioritária) sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 3 e a 5.

– A *pasta IV* está presente em 15 dos contextos analisados – A34, A67, A49, A53, A54, A65, Lx. 93, 105, 73, A31, A35, A36, A37 e A39 – apresentando um número muito reduzido de fragmentos e uma má distribuição na A53, A65 e A39 sendo que não permite a construção de um gráfico evolutivo. Ordenando os contextos daqueles com espessuras mais finas para as mais grossas, temos: A49, Lx. 73, A34, A31, Lx. 105, A35, A37, A54, A36, A67 e Lx. 93. Chegamos a esta hierarquia através da comparação dos valores em cada categoria, por exemplo: *no Lx. 73*, os fragmentos de cat. 4 equivalem a 43 % dos de cat. 3 e os de cat. 2 equivalem a 14 % dos de cat. 3 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 4, com uma maioria na cat. 3 e *no Lx. 93*, os fragmentos de cat. 5 equivalem a 47 % dos de cat. 4 e os de cat. 3 equivalem a 59 % dos de cat. 4 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 3 e a 6, com uma maioria na cat. 4.

– A *pasta V* está presente em 10 dos contextos analisados – A49, A53, A54, A65, Lx. 93, 73, A31, A35, A36 e A37 – apresentando um número muito reduzido de fragmentos e uma má distribuição

na A65, Lx. 93, A35, A36 e A37 sendo que não permite a construção de um gráfico evolutivo. Ordenando os contextos daqueles com espessuras mais finas para as mais grossas, temos: Lx. 73, A31, A49, A53 e A54. Chegamos a esta hierarquia através da comparação dos valores em cada categoria, por exemplo: *no Lx. 73*, os fragmentos de cat. 4 equivalem a 91 % dos de cat. 3 e os de cat. 2 equivalem a 9 % dos de cat. 3 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 5, com uma maioria na cat. 3 e *na A54*, os fragmentos de cat. 5 equivalem a 82 % dos de cat. 4 e os de cat. 3 equivalem a 18 % dos de cat. 4 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 3 e a 6, com uma maioria na cat. 4.

– A *pasta VI* encontra-se em quase todos os contextos, à excepção do Lx. 85.1, mas não permite gráficos evolutivos em todos eles. Nas A53, A65 e A39 possui um número muito reduzido de fragmentos que não permite uma avaliação correcta das espessuras. Ordenando os contextos daqueles com espessuras mais finas para as mais grossas, temos: A34, A30, Lx. 105, Lx. 73, A31, A35, A59, A37, Lx. 93, A67, A54, A38, A49 e A36. Chegamos a esta hierarquia através da comparação dos valores em cada categoria, por exemplo: *na A34*, os fragmentos de cat. 4 equivalem a 69 % dos de cat. 3, os fragmentos de cat. 2 equivalem a 31 % dos de cat. 3, o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 5, com uma maioria na cat. 3 e *na A36*, os fragmentos de cat. 5 equivalem a 50 % dos de cat. 4, os de cat. 3 equivalem a 92 % dos de cat. 4 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 6, com uma maioria na cat. 4.

– A *pasta VII* encontra-se em quase todos os contextos, à excepção do Lx. 85.1, mas não permite gráficos evolutivos em todos eles. Nas A59 e A39 apresenta um número insuficiente de fragmentos que não permitem a construção de gráficos evolutivos. Os contextos ordenam-se da seguinte forma (por ordem crescente; das espessuras mais finas para as mais espessas): A34, A65, A53, A35, A54, A31, Lx. 73, A36, A30, Lx. 105, A49, A37, A67 e A38. Para exemplificar a nossa hierarquia podemos dizer que: *na A34*, os fragmentos de cat. 4 equivalem a 83 % dos de cat. 3 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 3 e a 6, com uma maioria na cat. 3 e *na A38*, os fragmentos de cat. 6 equivalem a 33 % dos de cat. 5, que neste contexto é maioritária.

– A *pasta VIII* encontra-se em 14 dos contextos – A67, A49, A59, A54, A65, Lx. 105, Lx. 85.1, Lx. 73, A31, A35, A36, A37, A38 e A39 – ainda que em 4 não seja possível constituir gráficos evolutivos. As A49, A65, Lxs. 105 e 85.1 apresentam um número muito reduzido de fragmentos não sendo possível a caracterização das espessuras através de gráficos evolutivos. Os contextos ordenam-se da seguinte forma (por ordem crescente; das espessuras mais finas para as mais espessas): Lx. 73, A38, A67, A31, A59, A36, A37, A39, A35 e A54. Para exemplificar a nossa hierarquia podemos dizer que: *no Lx. 73*, os fragmentos de cat. 4 equivalem a 20 % dos de cat. 3 e

os de cat. 2 equivalem a 37 % dos de cats. 3 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 6, com uma maioria na cat. 3 e na A54, ao fragmentos de cat. 5 equivalem a 57 % dos de cat. 4 e os de cat. 3 equivalem a 86 % dos de cat. 3 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 3 e a 6, com uma maioria na cat. 4.

– A *pasta IX* encontra-se em 6 dos contextos integrados na fase III-2 – A30, A53, A35, A36, A37 e A38 – sendo que só é possível a caracterização da espessura dos fragmentos através da construção de gráficos evolutivos nas A35 e A36. Consideramos os fragmentos presentes na A36 ligeiramente mais finos ainda que em ambos os contextos os fragmentos revelem espessuras medianas.

– A *pasta X* encontra-se presente em 8 dos contextos integrados na fase III-2 – A30, A49, A31, A35, A36, A37, A38 e A39 –, sendo que só é possível a caracterização da espessura dos fragmentos através da construção de gráficos evolutivos nas A35, A36, A37, A38 e A39. Os contextos ordenam-se da seguinte forma (por ordem crescente; das espessuras mais finas para as mais espessas): A38, A36, A37, A35 e A39. Para exemplificar a nossa hierarquia podemos dizer que: *na A35*, os fragmentos de cat. 4 equivalem a 67 % dos de cat. 3 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 3 e a 6, com uma maioria na cat. 3 e *na A39*, ao fragmentos de cat. 5 equivalem a 33 % dos de cat. 4 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 4 e a 8, com uma maioria na cat. 4.

– A *pasta XI* encontra-se presente em 5 dos contextos integrados na fase III-2 – A30, A53, A31, A35 e A36 –, sendo que só é possível a caracterização da espessura dos fragmentos através da construção de gráficos evolutivos nas A53 e A35. Destes dois contextos a A53 é aquele que apresenta espessuras um pouco mais finas.

– A *pasta XII* encontra-se, apenas, num contexto – A36 – não tendo sido possível a caracterização da espessura dos fragmentos por número insuficiente de fragmentos.

Tendo em conta a análise realizada podemos dizer o seguinte.

a) No global, a espessura dos fragmentos, de quase todas as pastas, pode ser considerada mediana sendo que as categorias mais usadas são a 3 e 4. A exceção é encontrada na pasta VII. A caracterização das pastas IX, X, XI e XII não é segura pois baseia-se num número muito reduzido de fragmentos.

b) A pasta II é usada em recipientes de paredes muito finas (cats. 2 e 3).

c) As pastas I, VI e VIII são, maioritariamente, usadas em recipientes de paredes finas (cats. 3 e 4).

d) As pastas III, IV e V são usadas no fabrico de recipientes de paredes finas / medias (cats. 4 e 5) sendo que destas e pasta III é aquela que apresenta espessuras mais grossas mas também é a melhor caracterizada.

e) A pasta VII é usada no fabrico de recipientes de paredes de espessura mediana/grossa (cats. 5 e 6).

f) As pastas IX, X, XI e XII não permitiram a caracterização das espessuras dos recipientes devido ao baixo número de fragmentos.

Descrevemos de seguida a caracterização dos contextos a partir da análise da espessura das pastas. Foram os seguintes os dados obtidos.

a) Todos os contextos integrados na fase III-1 permitiram a caracterização da espessura de algumas pastas ainda que uns mais do que outros. Deste modo, os contextos escolhidos da fase III-1 na área norte comportam-se de modo diferenciado sendo que dois – A67 e Lx. 73 – permitem uma caracterização total e todos os restantes uma caracterização parcial.

b) Ordenando os contextos por ordem decrescente (daquele que permite uma maior caracterização de pastas para o que não permite nenhuma) obtivemos a seguinte hierarquia: A67 e Lx. 73 (100 % - 6/6 pastas na A67 e 8/8 pastas no Lx. 73); A35 (90 % - 9/10 pastas); A54 (88 % - 7/8 pastas); A34 (83 % - 5/6 pastas); A31 (80 % - 8/10 pastas); A49 e A37 (78 % - 7/9 pastas em ambos os contextos); A36 (73 % - 8/11 pastas); Lx. 93, 105 e A38 (71 % - 5/7 pastas em todos os contextos); A59 e Lx. 85.1 (67 % - 4/6 pastas na A59 e 2/3 pastas no Lx. 85.1); A53 (63 % - 5/8 pastas); A30 (50 % - 4/8 pastas); A39 (43 % - 3/7 pastas) e A65 (38 % - 3/8 pastas).

c) Consideramos que: 1) as A39 e A65 apresentam uma má caracterização das espessuras das pastas; 2) os contextos A59, Lx. 85.1, A53 e A30 possuem uma caracterização mediana – entre 50 e 67 % e 3) 12 dos contextos possuem uma boa caracterização pois mais de 70 % das pastas permitem a caracterização da espessura dos fragmentos. É possível que uma boa caracterização das espessuras seja um sinal do bom estado de conservação do estrato – quer dizer um estrato que sofreu pouco com processos de desagregação de terras – no entanto um estrato de grandes dimensões que contenha muitos fragmentos, ainda que se apresente revolvido e desagregado, pode permitir uma boa caracterização das espessuras. Na fase III-2 muitos contextos possuem um número elevado de fragmentos que dificulta a percepção do estado de conservação do contexto.

d) As A67, A59, A54, A35 e A37 revelam as espessuras tendencialmente mais grossas em todas as pastas. No geral os contextos revelam bastantes semelhanças pois a maioria dos fragmentos possui categorias 3 e 4. No entanto, uns contextos possuem mais pastas com uma maioria de fragmentos

em cat. 3 e outros uma maioria de fragmentos em cat. 4 ou superior. Os contextos acima indicados revelam várias pastas em que a maioria dos fragmentos de encontra na cat. 4.

5.4.4.2. Análise Morfológica

A análise morfológica do conjunto cerâmico correspondente à fase III-2 ponderou todos os bordos, bases e recipientes identificados em cada contexto individual analisado (A30, A34, A49, A53, A54, A65, A67, Lx. 93, 105, A31, A35, A36, A37, A38 e A39). Os bordos/recipientes integrados nesta fase são: 478 (est. CXXV, 3), 480 (est. CXX, 1), 481 (est. CXXI, 2), 482 (est. CXX, 3), 483 (est. CXXI, 5), 484, 485, 486 (est. CXXI, 6), 491, 495, 498, 501, 504, 506, 511, 512, 515 (est. CXXII, 5), 516 (est. CXXII, 4), 518, 520, 521, 522, 524, 525 (est. CXXII, 7), 528, 529 (est. CXXIV, 5), 530, 532 (est. CXXIV, 6), 534, 535, 539 (est. CXXIV, 3), 540 (est. CXXIV, 2), 541 (est. CXXIII, 1), 542, 543 (est. CXXIII, 2), 544 (est. CXXIII, 3), 545, 546 (est. CXXIII, 5), 547, 548, 549 (est. CXXVII, 7), 550, 552, 553 (est. CXXIII, 8), 554 (est. CXXIII, 10), 557, 559 (est. CXXIII, 7), 560, 561 (est. CXXII, 2), 566 (est. CXXVII, 5), 567, 568, 569 (est. CXXVII, 4), 573, 576, 579, 580, 584, 591 (est. CXXVI), 593, 600, 601, 602 (est. CXXVII, 1), 605, 607, 609, 610, 611, 614, 615, 616, 617, 620 (est. CXXVIII, 13), 621, 623, 625, 627, 631, 634 (est. CXXVIII, 8), 635, 636, 637, 639, 640, 644 (est. CXXVIII, 9), 645 (est. CXXVIII, 11), 650, 651, 654, 656, 657, 663, 673, 675, 676, 677, 678, 679, 682, 683, 685, 688, 692, 701, 703, 705, 706, 708, 713, 715, 717, 720, 723, 724, 731, 737, 738, 739, 743, 746, 747, 749, 750, 751, 752, 755, 757, 760, 763, 765, 771, 772, 775, 782, 789, 797, 800, 803, 804, 805, 806, 807, 809, 810, 812, 813, 815, 816, 822, 823, 824, 826, 827, 828, 831, 832, 833, 836, 837, 840, 843, 844, 845, 846, 848, 849, 852, 853, 854, 857, 858, 860, 861, 862, 872, 874, 876, 878, 880, 883, 884, 885, 889, 891, 892, 893, 895, 900, 907, 911 (est. CXXVIII, 1), 915, 916 (est. CXXX, 12), 918, 919 (est. CXXV, 5), 920 8est. CXXIX, 1), 924, 925, 930, 941, 943, 944, 946 (est. CXXIX, 3), 947 (est. CXXIX, 4), 948 8est. CXXIX, 2), 955 (est. CXXIX, 9), 964, 965, 968, 970, 971, 973, 978, 979, 992, 995, 996, 1000, 1001, 1006, 1010, 1012 e 1013 e as bases identificadas são: 275, 276, 277, 278, 283, 287 (est. CXXX, 1), 288, 289, 293, 294, 296, 309, 310, 312, 314, 316, 320, 323, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 337, 338, 344, 345, 346, 351, 356, 361, 364, 365, 366, 371, 376, 378, 379, 380, 382, 384, 388, 404, 405, 406 (est. CXXX, 3), 407, 408, 420, 421, 422, 423 (est. CXXIX, 12), 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 452, 453, 454, 458, 461, 462, 463, 464, 485, 486 e 576.

A análise morfológica da fase III-2 é baseada na observação dos seguintes quadros: 1) tipos de recipientes por contexto (estampas DCLXXII, Q1; DCLXXII, Q2 e DCLXXIII, Q1); 2) tipos de recipientes e suas pastas (estampas DCLXXIII, Quadros 2, 3 e 4; DCLXXIV, Quadros 1, 2, 3 e 4; DCLXXV, Quadros 1, 2 e 3; DCLXXVI, Quadros 1, 2 e 3 e DCLXXVII, Q1); 3) tipos de recipientes e suas capacidades (estampas DCLXXVII, Quadros 2, 3 e 4; DCLXXVIII, Quadros 1, 2, 3 e 4; DCLXXIX, Quadros 1, 2 e 3 e DCLXXX, Quadros 1, 2, 3 e 4); 4) relação entre os tipos de capacidade e os tipos de pasta presentes nos recipientes (estampas DCLXXXI, Quadros 1, 2, 3, 4 e 5; DCLXXXII, Quadros 1, 2, 3, 4 e 5 e DCLXXXIII, Quadros 1, 2, 3 e 4); 5) tipos de bases e seus contextos (estampas DCLXXXIV, Quadros 1, 2 e 3); 6) tipos de bases e respectivos ângulos de parede/pança (estampas DCLXXXIV, Quadros 3 e 4; DCLXXXV, Quadros 1, 2, 3, 4, 5 e 6; DCLXXXVI, Quadros 1, 2, 3, 4, 5 e 6); 7) tipos de recipientes e respectivos tipos de bordos na totalidade da fase III-2 / PIN2 (est. DCLXXXVII), nos contextos integrados na PIN2, na fase III-2 (estampas DCLXXXVIII, Quadros 1, 2 e 3; DCLXXXIX, Quadros 1, 2 e 3 e DCXC, Quadros 1, 2 e 3), no contexto integrado na PIN2.1, na fase III-2 – A31 – (estampa DCXCI), na totalidade da fase III-2 / PIN1 (est. DCXCII) e nos contextos integrados na PIN1, na fase III-2 (estampas DCXCIII, Quadros 1 e 2 e DCXCIV, Q1) e 8) tipos de bordos, bases e respectivas pastas nos contextos onde se encontram presentes, A30 (est. DCXCIV, Q2), A34 (est. DCXCIV, Q3), A49 (est. DCXCV, Q1), A54 (est. DCXCV, Q2), A53 (est. DCXCVI, Q1), A65 (est. DCXCVI, Q2), A67 (est. DCXCVI, Q3), Lx. 85.1 (est. DCXCVI, Q4), Lx. 93 (est. DCXCVII, Q1), Lx. 105 (est. DCXCVII, Q2), A31 (est. DCXCVIII, Q1), A35 (est. DCXCVIII, Q2), A36 (est. DCXCIX, Q1), A37 (est. DCXCIX, Q2), A38 (est. DCXCIX, Q3), A39 (est. DCXCIX).

A análise formal dos recipientes integrados na fase III-2 permitiu as seguintes observações.

– Dos 18 contextos integrados na fase III-2 e analisados a nível técnico apenas 14 permitem uma análise morfológica de recipientes (A30, A34, A49, A53, A54, A65, A67, Lx. 93, Lx. 105, A31, A35, A36, A37 e A38). Metade dos contextos integrados na fase III-2, da área norte revela uma boa reconstituição de formas, que se encontra acima dos 50 %. No geral, somando todos os bordos e recipientes, 50 % dos bordos permitiram a reconstituição dos recipientes. Deste modo, 50 % dos contextos apresentam uma reconstituição abaixo dos 50 % e dessa forma consideramos que a fase III-2 possui uma preservação média / baixa. Ordenando os contextos por ordem decrescente (dos que apresentam maior reconstituição formal para aqueles que apresentam menor reconstituição) temos: A30 e A38 (100 % - 2 recipientes de 2 bordos na A30 e 3/3 na A38); A37 (80 % - 8/10); A54 (70 % - 14/20); A65 (67 % - 2/3); Lx. 93 (53 % - 10/19), A31 (51 % - 21/41), A36 (48 % - 11/23), Lx. 105 (45 % - 5/11), A49 (44 % - 17/39), A35 (42 % - 10/24), A34 (38 % - 3/8), A67 (33

% - 1/3) e A53 (29 % - 4/14). A fase III-2 é muito semelhante, ao nível da reconstituição com a fase III-1, pois na fase III-1 a reconstituição era de 48 %. Consideramos em ambas as fases uma preservação média baixa.

– Na totalidade dos contextos da fase III-2 na área norte, ocorrem 29 tipos de formas sendo que 14 encontram-se representadas, apenas, por 1 exemplar. Os tipos *1a, 2a, 3a, 3c, 4a, B3b, B4b, B5a, B5c, B5d, B9, B12a, B12b e B14b* são representados por 1 exemplar em cada tipo e os tipos *1b, 2b, 2c, 2d, 2e, 5a, 6a, 6b, 7a, 7b, 7d, 8a, 8b, B13 e B18* são representados por vários recipientes em cada tipo. Os tipos *8a* e *8b* são os mais numerosos, com 19 exemplares cada, correspondendo a 34 % dos recipientes reconstituídos ao todo, seguido do tipo *6a*, 17 exemplares, correspondendo a 15 %, dos tipos *1b, 2c* e *6b*, 7 exemplares cada correspondendo a 19 % ao todo, e, por último, do tipo *2b*, 4 exemplares, correspondendo a 3,6 % dos recipientes reconstituídos. Os restantes tipos (de 3 a 1 exemplar em cada) correspondem cada um a menos de 3 % dos recipientes reconstituídos.

– Em comparação com a fase anterior podemos observar: 1) um aumento significativo do número de formas presentes que pode estar relacionado com o maior número de bordos e recipientes identificados com esta fase; 2) os tipos *3b, 9a, B1c, B5b, B5e, B6b, B11 e B14a* só foram identificados na fase III-1 encontrando-se ausente na fase III-2; 3) os tipos *2b, B3b e B5a* foram identificados nas fases III-1 e III-2 por um exemplar em cada, sendo tipos, claramente, minoritários; 4) os tipos *1b, 2c, 6a, 8a e 8b* encontram-se em ambas as fases e com um número significativo de recipientes, sendo claramente formas de grande uso; 5) na fase III-2 dá-se uma subida da importância do tipo *8b*, pois ele é, conjuntamente com o tipo *8a*, a forma maioritária ainda que ao nível da percentagem a diferença entre fases não seja tão evidente (10 % na III-1 e 17 % na III-2) e 6) cremos que a diversidade presente na fase III-2 modifica as presenças de cada tipo de recipiente, no entanto é de notar a importância de determinados tipos – *1b, 2c, 6a, 8a e 8b*.

– Na totalidade da fase III-2 estão presentes 29 tipos de formas (contando com os subtipos) que não ocorrem todas no mesmo contexto. No geral, os contextos possuem 1 a 17 recipientes (bordos reconstituídos) e revelam 1 a 11 tipos de formas diferentes (dos 29 tipos presentes). O número máximo de recipientes reconstituídos é 17 e o número máximo de bordos é 39 – ambos na A49 – sendo que tal não propicia totalmente o aparecimento de todos os tipos num só contexto. Os contextos mais diversos – A49 e A54, ambas com 11 tipos de formas diferentes – apenas representam 38 % das formas presentes na fase III-2. E o contexto com menor representação – 1 exemplar na A67 – apenas diz respeito a 3 % da globalidade de formas presentes. Deste modo, concluímos que os contextos revelam: 1) pouca diversidade em relação às características globais da

fase e 2) boa diversidade em relação às características internas. Quer dizer que, no geral, os contextos revelam poucos recipientes mas de várias formas sendo pobres em número, ricos em diversidade interna e pobres em diversidade externa pois esta está directamente relacionada com o número de recipientes presentes. Na fase III-1, o contexto mais diverso representa 31 % das formas presentes na fase e o menos diverso representa 6 %. Podemos ver que ocorre um ligeiro aumento de representatividade na fase III-2 mas não podemos afirmar que tal é, verdadeiramente, significativo.

– Os recipientes reconstituídos integrados na fase III-2 revelam uma maioria de formas integradas na ocupação da Idade do Ferro (88 %) no entanto cerca de 12 % são recipientes conotados culturalmente com a Idade do Bronze regional. É de notar que na fase III-1, da área norte, 29 % dos recipientes encontram-se conotados com a Idade do Bronze e na fase II, apenas 20 % dos recipientes se encontram conotados culturalmente com esta ocupação. Cremos ser normal um decréscimo na presença de recipientes conotados com a ocupação da Idade do Bronze pois estes recipientes encontram-se descontextualizados.

– Na fase III-2, 71 % dos contextos apresentam recipientes conotados com a Idade do Bronze – A30, A34, A49, A53, A65, A67, Lx. 93. Lx. 105, A35 e A37 – sendo que os restantes ordenam-se da seguinte forma (por ordem decrescente – daquele com maior presença para o com menor presença de recipientes conotados com a Idade do Bronze): A54 (50 % - 7 dos 14 recipientes), A38 (33 % - 1/3), A31 (19 % - 4/21) e A36 (9 % - 1/11). Podemos ver que a A54 é o contexto com maior presença de recipientes conotados com a Idade do Bronze e que este contexto é muito próximo a nível estratigráfico da A56 (fase III-1) que possui 75 % de recipientes conotados com a Idade do Bronze. Cremos numa continuidade ocupacional na zona ocupada pelas A56 e A54 e na zona da U. Hab. 14 (A32 na fase III-1 e A31 na fase III-2). A presença de recipientes conotados com a Idade do Bronze na zona da PIN1 (A36 e A38) não é clara e não cremos estar relacionada com uma continuidade de ocupação.

– No conjunto dos recipientes identificados 68 % são de perfil em “S” (*tipos 5a, 6a, 6b, 7a, 7b, 7d, 8a, 8b, B12a, B12b e B18, 75 exemplares*), 20 % são globulares de vários tipos (*tipos 2a, 2b, 2c, 2d, 2e, 4a, B4b, B5a, B5c, B5d e B14b, 22 exemplares*), 10 % são taças rectas (*tipos 1a, 1b, 3a, 3c e B3b, 11 exemplares*), 2 % são recipientes troncocónicos (*tipo B13, 2 exemplares*) e 1 % são recipientes carenados (*tipo B9, 1 exemplar*). É de notar que se tivermos em conta, unicamente, os recipientes conotados com a Idade do Ferro veremos que 72 % correspondem a recipientes de perfil em “S”. Em relação à fase anterior (III-1), na área norte, é visível um aumento significativo dos recipientes de perfil em “S” – de 48 para 68 % – e de uma diminuição dos recipientes globulares (de 29 para 20 %), taças rectas (de 16 para 10 %) e recipientes carenados (de 7 para 1 %). Na fase III-1,

68 % dos recipientes conotados com a Idade do Ferro possuem perfil em “S” sendo que na fase III-2 correspondem a 72 %. Deste modo vemos que a presença de recipientes de perfil em “S” em ambas as ocupações da Idade do Ferro ronda os dois terços.

– Na totalidade dos contextos analisados podemos observar que o tipo de bordo predominante é o tipo 1 (56 %), seguido do tipo 4 (21 %), tipo 2 (10 %), tipo 3 (9 %), tipo 5 (2 %) e, por último, o tipo 6 (1 %). É de notar que 1 % dos bordos (1 exemplar) não permitiu concluir o tipo e subtipo que o caracterizava. O *tipo de bordo 1* encontra-se presente em 13 contextos (A34, A49, A54, A53, A65, A67, Lx. 93, 105, A31, A35, A36, A37 e A38); o *tipo de bordo 2* encontra-se presente em 12 contextos analisados (A34, A49, A54, A53, A65, A67, Lx. 93, 105, A31, A36, A37 e A38); o *tipo de bordo 4* encontra-se presente em 11 contextos (A30, A34, A49, A54, A67, Lx. 93, 105, A31, A35, A36 e A37); o *tipo de bordo 3* encontra-se em 8 contextos (A49, A54, A53, A65, Lx. 93, 105, A35 e A36); o *tipo de bordo 5* ocorre em 3 contextos (Lx. 105, A35 a A36) e o *tipo de bordo 6* ocorre em 2 contextos (A54 e A38). Podemos observar que: 1) os contextos que apresentam maior diversidade de tipos de bordos (5) são a A54, Lx. 105 e A36; 2) os contextos com menor diversidade de tipos de bordos (3 ou menos) são a A30, A34, A53, A65, A67, A31 e A37; 3) o Lx. 85.1 e A39 não são representados por bordos, apenas por bases e na A39 a base presente não permitiu a reconstituição formal; 4) a A31 e a A36 são os contextos com maior diversidade de tipos de bases; 5) não há uma relação entre a zona de escavação (PIN1, 2 e 2.1) e os tipos de bordos e bases presentes, ainda que os tipos de bordos 3 e 5 não estejam presentes na PIN2.1.

– Em comparação à fase anterior podemos dizer que: 1) os tipos de bordo 1 e 4 são dominantes em ambas as ocupações; 2) o tipo de bordo 2 encontra-se mais presente na fase III-1 (15 % para 10 %) ainda que possua uma presença bastante significativa nos contextos da fase III-2 (está presente em 12 contextos); 3) o tipo de bordo 5 encontra-se ausente na fase III-1 e presente na fase III-2 e 4) o tipo de bordo 6 é minoritário em ambas as fases. A presença dos vários tipos de bordos nas duas fases oscila, no entanto cremos que o importante é a permanência de uso da maioria dos tipos. Quer dizer que na fase III-1 o conjunto cerâmico caracteriza-se pela presença de determinados tipos de bordo que se mantêm durante toda a ocupação da Idade do Ferro, independentemente de serem muito ou pouco usados. Para nós é mais importante a presença de determinado tipo em determinado contexto do que o número de recipientes com determinado tipo relativos às fases em análise ou aos contextos. É de notar que um tipo de bordo pode ser maioritário e não ser aquele que mais ocorre nos diversos contextos. Nesta fase o tipo de bordo 4 está mais presente do que o tipo de bordo 2 no entanto o tipo de bordo 2 ocorre em mais contextos do que o tipo de bordo 4. Este comportamento

pode ser explicado por um uso mais diverso de determinados bordos, como o 4 (usado em vários tipos de formas) e por um uso mais restrito de outros tipos de bordo, como o 2, usado em recipientes restritos mas que não deixam de ser, globalmente, utilizados. A regra é que *é imprescindível ter pelo menos um*.

– Este conjunto cerâmico possui 86 bases sendo que foram identificados 4 tipos – 1, 2, 3 e 5 – e nove bases não permitiram a identificação do tipo formal. Na totalidade dos contextos analisados podemos observar que o tipo de base predominante é o *tipo 1* (50 %), seguido do *tipo 3* (20 %), do *tipo 2* (18 %) e, por último, do *tipo 5* (2 %). O *tipo de base 3* encontra-se presente em 10 contextos (A34, A49, A54, A53, A65, Lx. 93, 105, A31, A35 e A36); o *tipo de base 1* encontra-se em 9 contextos (A30, A49, A54, A65, Lx. 93, A31, A35, A36 e A37); o *tipo de base 2* encontra-se em 7 contextos (A30, A49, Lx. 85.1, 93, A31, A35 e A36) e, por último, o *tipo de base 5* encontra-se em 2 contextos (A31 e A36). Podemos dizer que: 1) a base maioritária não é aquela que ocorre em maior número de contextos; 2) não detectamos uma relação entre determinado tipo de base e determinada zona de ocupação; 3) os contextos com maior diversidade de bases são o Lx. 93, A31, A35 e A36 e 4) a grande maioria dos contextos na PIN2 revela pobreza formal ao nível das bases.

– Em relação à fase anterior podemos observar: 1) um decréscimo do tipo de base 1 (de 68 para 50 %); 2) um decréscimo dos tipos 2 e 3, com uma descida da importância do tipo 2 que na fase III-1 ocupava o 2º lugar de tipo formal preferido; 3) manutenção do tipo de base 5 como minoritário, mas com uma presença semelhante em ambas as fases e 4) manutenção dos mesmos tipos formais em ambas as fases, na área norte (1, 2, 3 e 5).

A análise formal dos recipientes permitiu as seguintes observações.

– Os 111 recipientes identificados são construídos em 7 pastas – I, III, IV, V, VI, VII e VIII – sendo que 35 são construídos em pasta III (31,53 %), 33 em pasta I (29,73 %), 16 em pasta VI (14,41 %), 15 em pasta VIII (13,51 % cada), 6 em pasta VII (5,41 %), 4 em pasta IV (3,6 %) e 2 em pasta V (1,8 % cada). Os recipientes conotados com a ocupação da Idade do Bronze estão construídos nas pastas I, III, VII e VIII sendo que nenhuma destas pastas é exclusiva de recipientes conotados com esta ocupação. Na pasta I, 6 dos 33 recipientes encontram-se conotados com a Idade do Bronze (equivalem a 18 % dos recipientes identificados nesta pasta), na pasta III, 4 dos 35 recipientes são da Idade do Bronze (11 %), na pasta VII, 1 dos 6 recipientes são da Idade do Bronze (17 %) e na pasta VIII, 2 dos 15 recipientes estão conotados com a Idade do Bronze (13 %). Deste modo cremos que na ocupação da Idade do Bronze foram utilizadas pastas semelhantes às da Idade do Ferro e dessa forma podemos afirmar uma continuidade técnica ao nível das pastas entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro. Cada tipo de pasta encontra-se em recipientes de diferentes tipos sendo que

parece não existir uma relação entre tipos de recipientes e tipos de pasta, quer dizer que determinado tipo de pasta é usado em muitos tipos de recipientes. Todas as pastas presentes foram utilizadas em mais de um tipo formal, mesmo aquelas que são representadas por poucos exemplares, como as pastas IV e V.

– Em comparação à fase anterior podemos observar que: 1) na fase III-1 foram identificados recipientes construídos em pasta X (que equivaliam a 10 % dos recipientes reconstituídos) no entanto esta pasta encontra-se ausente na fase III-2; 2) a pasta II encontra-se presente em ambas as fases mas na fase III-2 não permitiu a reconstituição de recipientes (sendo representada por dois bordos); 3) a pasta V encontra-se ausente na fase III-1 mas presente na fase III-2; 4) as pastas I e III são maioritárias em ambas as ocupações; 5) as pastas VI e VIII ganham clara relevância na fase III-2 e 6) a pasta VII mantém-se minoritária. É de notar a manutenção do estatuto das pastas I, III e VII ainda que seja visível uma mudança de comportamento das pastas VI e VIII.

– Em resumo, podemos dizer que há uma clara predominância das pastas I e III sendo estas pastas usadas em muitos recipientes e de diferentes formas. Aparentemente não há uma relação entre formas e tipos de pastas sendo que apenas podemos afirmar que os tipos de pastas I, III, VI e VIII são aqueles escolhidos para realizar as muitas formas presentes na fase III-2.

– Analisando a totalidade dos bordos podemos observar: 1) as percentagens de bordos por pasta são as seguintes: pasta I (27,73 %), II (0,91%), III (31,36 %), IV (1,82 %), V (0,91 %), VI (14,09 %), VII (9,55 %) e VIII (13,64 %); 2) apesar do número de bordos ser claramente superior ao número de recipientes reconstituídos (220 bordos e 111 recipientes), as percentagens de pastas nos bordos são muito semelhantes àquelas presentes nos recipientes; 3) a pasta VII revela-se discrepante pois a sua importância é mais evidente na contabilização dos bordos do que dos recipientes e 4) a pasta II revela, também discrepante, pois nenhum recipiente foi reconstituído sendo representada, unicamente, por bordos.

– cremos que as pastas I e III são a base segura do conjunto cerâmico de toda a ocupação da Idade do Ferro pois estão presentes, de uma forma dominante, nas fases III-1 e III-2. As pastas II, VI, VII, VIII e X foram utilizadas de um modo minoritário, sendo que consideramos o seu uso claramente esporádico na fase III-1. Na fase III-2 é evidente uma utilização mais assídua das pastas VI e VIII, seguida da VII (se tivermos em conta os resultados da análise de todos os bordos). A pasta II é claramente minoritária e a pasta X encontra-se ausente.

– A análise da distribuição dos tipos de formas mais numerosos – *tipos 8a, 8b, 6a, 6b, 1b, 2c e 2b* – por contexto e por tipos de pastas, revelou o seguinte.

a) Não há uma relação directa entre o número de recipientes de determinada forma e o número de contextos que a apresentam. Quer dizer que, os tipos de formas mais numerosos não possuem uma distribuição igual nos vários contextos. Os *tipos 8a* e *8b* são representados por 19 exemplares cada sendo que o *tipo 8a* encontra-se presente em 8 contextos (A49, A54, Lx. 93, 105, A31, A35, A36 e A37) e o *tipo 8b* em 10 contextos (A30, A34, A49, A53, Lx. 93, 105, A31, A35, A36 e A37). O *tipo 8b* é o tipo formal com maior distribuição. O *tipo 6a* é representado por 17 exemplares e encontra-se em 9 contextos (A34, A49, A53, A65, A67, Lx. 93, A31, A36 e A37), os *tipos 6b, 1b e 2c* são representados por 7 exemplares cada e encontram-se distribuídos por 3 e 5 contextos respectivamente (A30, A49 e Lx. 93 no *6b*; A49, A54, A31, A35 e A36 no *1b* e A49, A54, A65, Lx. 93 e A36 no *2c*) e, por último, o *tipo 2b* encontra-se representado por 4 exemplares distribuídos em 4 contextos diferentes (A49, A53, A54 e Lx. 105).

b) Independentemente do número de recipientes que representam determinado tipo de forma esta parece ser realizada num determinado número de pastas. Quer dizer que, as várias formas presentes são realizadas em várias pastas e aparentemente não há uma tendência para a utilização de determinada pasta. Os tipos *8a* e *6a* são realizados em 5 pastas, o *8b* em 6 pastas, os tipos *6b* e *1b* em 4 pastas e os tipos *2c* e *2b* em 3 pastas. O tipo de forma *6b*, representado por 7 exemplares, é construído em 4 pastas e o tipo *6a*, representado por 17 exemplares, é construído em 5 pastas. Em resumo, na soma geral dos contextos as formas apresentam-se construídas em inúmeras pastas.

c) Apesar de não existir uma relação de exclusividade entre tipos de pastas e tipos de formas é notória uma tendência de uso de determinadas pastas. Quer dizer que, por exemplo, o tipo de forma *8b* ocorre com 6 pastas diferentes sendo que em 6 contextos ocorre em pasta III, em 4 contextos em pasta VIII, em 3 contextos em pasta I e, apenas, num contexto ocorre em pastas V, VI e VII. O tipo de forma *6a* ocorre em 5 contextos em pasta III e em 4 contextos em pasta I, sendo as outras pastas muito minoritárias. Deste modo, podemos observar uma tendência de uso ainda que ela não seja exclusiva nem restritiva.

d) O comportamento mais usual dos recipientes é ocorrerem em determinado contexto em uma ou duas pastas diferentes. Quer dizer que, independentemente do número de recipientes, por contexto o número de pastas é reduzido. No entanto alguns contextos revelam uma diversidade “anormal” pois determinado tipo de forma é representado por vários recipientes realizados em pastas diferentes. Tal ocorre na A49 com a tipo *6b*, na A31 com o tipo *8b* e *8a*, na A54 com o tipo *1b*, na A35 com o tipo *8b* e na A37 com o tipo *6a*. Não sabemos explicar devidamente esta diversidade, no entanto cremos poder estar relacionada com a reposição de recipientes partidos ou com a continuidade da ocupação.

– Os 111 recipientes reconstituídos distribuem-se por 7 categorias de capacidade (1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7) sendo que os recipientes considerados de grande capacidade distribuem-se da seguinte forma: 1) categoria 5 (de 5 a 10 l) com 12 recipientes (10,5 %); 2) categoria 6 (de 10 a 20 l) com 4 recipientes (4 %) e 3) categoria 7 (superior a 20 l) com 3 recipientes (3 % do total). Podemos ver que cerca de 17,5 % dos recipientes são grandes e podem ser considerados de armazenamento sendo que, em relação à fase anterior, dá-se um claro aumento de recipientes de grande capacidade. As categorias de capacidade maioritárias são a 2 e 4 (cerca de 45 % em conjunto) – 0,3 a 1 l na cat. 2 e 2 a 5 l na cat. 4 – seguidas das categorias 5 e 1 (cerca de 19,5 % em conjunto) – de 5 a 10 l na cat. 5 e de 0 a 0,3 l na cat. 1. Podemos observar que este conjunto é constituído por recipientes de várias capacidades sendo que a distribuição destas capacidades é bastante homogénea. Consideramos este conjunto muito equilibrado pois todas as categorias de capacidades estão bem representadas. Deste modo, concluímos que: 1) 28 % dos recipientes possuem uma capacidade até 1 litro sendo que são considerados pequenos e de uso individual ou restrito; 2) 44 % dos recipientes possuem uma capacidade de 1 a 5 litros sendo que são considerados de capacidade média e de uso familiar doméstico (consumo de alimentos); 3) 17,5 % correspondem a recipientes de grande capacidade sendo que 7 % podem ser considerados inamovíveis devido ao seu peso; 4) as taças rectas são, maioritariamente, recipientes muito pequenos (cat. 1) realizados numa só pasta – I –, no entanto o tipo 3c ocorre com uma capacidade de 1 a 2 l e em pasta VI –; 5) os globulares são recipientes ligeiramente maiores que as taças rectas, sendo considerados de capacidade média (cats. 2, 3 e 4) realizados em 5 pastas diferentes – I, III, IV, V e VI –; 6) apenas dois tipos de globulares, conotados com a ocupação da Idade do Ferro (tipos 2a e 2b), possuem uma capacidade muito pequena (cat. 1); 7) há uma tendência para os globulares possuírem uma capacidade média / grande, bastante superior à das taças rectas sendo que consideramos as taças rectas objectos individuais mas os globulares são considerados recipientes de uso mais diversificado; 8) os recipientes de perfil em “S” são representados por recipientes pequenos, médios e grandes (das cats. 2 à 7); 9) os recipientes considerados grandes são recipientes de perfil em “S” sendo que cremos que há uma relação entre tipo de forma e capacidade e 10) os tipos de forma B18 e 7d são aqueles que apresentam recipientes de maior tamanho.

– Em comparação com a fase anterior podemos observar diferenças notórias sendo que a fase III-1 se caracteriza por recipiente de pequeno e médio tamanho e a fase III-2 se caracteriza por recipientes de todos os tamanhos, com uma boa caracterização de todos os tipos de capacidade. As características da fase III-1 podem dever-se a uma má reconstituição de recipientes de grande

tamanho, no entanto não deixa de ser importante observar as diferenças entre as duas fases de ocupação.

– Não há uma relação directa e inequívoca entre os tipos de pastas e os tipos de capacidade dos recipientes pois uma mesma pasta possui recipientes construídos em várias categorias de capacidades. No entanto, podemos observar o seguinte: 1) a pasta I possui uma maioria de recipientes em categorias 2 e 3; 2) a pasta III em cats. 4 e 3; 3) a pasta VI em cats 3 e 5; 4) a pasta VII em cat. 5; 5) a pasta VIII em cat. 4; 6) a categoria 1 tem uma maioria de recipientes em pastas I e VIII; 7) as categorias 2 e 3 possuem uma maioria de recipientes em pastas I e III; 8) a cat. 4 em pastas III e VIII; 9) a cat. 5 em pastas VI e III; 10) a cat. 6 em pasta VI; 11) a cat. 7 em pasta III. Tendo em conta estas observações podemos dizer o seguinte: a) A pasta I nunca é usada para recipientes de grande tamanho (cats. 6 e 7) sendo que é evidente a sua escolha para a manufactura de recipientes pequenos e médios; b) as pastas VI e VII são usadas em recipientes de grande tamanho sendo evidente uma tendência de uso destas pastas em recipientes grandes e c) as pastas III e VIII são usadas em todo o tipo de recipientes com uma tendência para os médio / grandes.

– O conjunto de recipientes reconstituídos da fase III-2 caracteriza-se por uma boa variedade de capacidades sendo que estão presentes recipientes, pequenos, médios e grandes. A distribuição dos recipientes pelas várias categorias de capacidade é bastante equitativa sendo que apesar da predominância de recipientes pequenos e médios é evidente a presença de recipientes grandes e muito grandes.

A análise de distribuição dos tipos de capacidade por contexto revelou o seguinte.

a) A distribuição dos tipos de capacidade por contexto é desigual sendo que alguns contextos revelam apenas recipientes de pequeno tamanho, outros revelam recipientes de quase todos os tamanhos e outros revelam grandes oscilações no tamanho dos seus recipientes. Deste modo podemos dizer que: 1) as A30, A53, A65, A67 e Lx. 105 contem apenas recipientes de pequeno / médio tamanho (até 5 litros); 2) as A49, A31, A35, A36 e A37 contem recipientes de quase todos os tamanhos revelando homogeneidade na distribuição (estes contextos são muito diversificados); 3) as A34, A54 e Lx. 93 revelam uma distribuição muito desigual onde ocorrem tanto recipientes muito pequenos como muito grandes.

b) Apesar das diferenças de distribuição os contextos com recipientes de maior tamanho são a A34, A54, Lx. 93, A31 e A36.

c) Ordenando os contextos por ordem decrescente de variedade nos tipos de capacidade, temos: A31 (6 tipos de capacidade); A49 e A36 (5 tipos); A54, Lx. 93, A35 e A37 (4 tipos); A30, A34, A53, A65 e Lx. 105 (2 tipos) e A67 (1 tipo).

– Apesar do número reduzido de recipientes e da dificuldade de compreender se existe, ou não, uma relação entre o tipo de recipiente e o tipo de bordo, podemos observar o seguinte: 1) as taças rectas – tipos *1a, 1b, 3a, 3c e B3b* – possuem bordos de tipo 2, 3 e 5, que estão de acordo com os tipos de formas definidos (tipo 1a com bordo de tipo 3, 1b com bordo 2 e 3, tipos 3a e 3c com bordo de tipo 5 e B3b com bordo 3); 2) os globulares – tipos *2a, 2b, 2c, 2d, 2e, 4a, B4b, B5a, B5c, B5d e B14b* – possuem bordos de tipo 1, 2, 3 e 6, que estão, também, de acordo com os tipos de formas definidos (os tipos 2c e 2e podem possuir bordos de tipo 2 e 3 mas também bordos de tipo 1, pois estes globulares podem possuir um bordo ligeiramente extrovertido; os tipos B4b, B5a e B5c possuem bordos extrovertidos muito pronunciados no caso do B4b e muito pouco pronunciados no caso dos tipos B5a e B5c; e o tipo B14b está claramente relacionado com o tipo de bordo 6); 3) os recipientes de perfil em “S” – tipos *5a, 6a, 6b, 7a, 7b, 7d, 8a, 8b, B12a, B12b e B18* – possuem bordos de tipos 1, 2, 4 e 5, sendo que neste caso não há uma relação entre tipo de bordo e tipo de forma na definição do tipos de forma; 4) o recipiente carenado – *B9* – apresenta o tipo de bordo 6; 5) os tipos de bordos 3 e 6 são os únicos exclusivos de taças e globulares sendo que os restantes tipos de bordo são usados em recipientes de várias formas; 6) os tipos de bordo 1 e 4 são os mais versáteis sendo usados em vários tipos de recipientes em “S”; 7) os tipos de bordos 2 e 1 são usados em recipientes de forma 6a, sendo que o tipo de forma também define o tipo de bordo, no caso do tipo de bordo 2; 8) o tipo de bordo 5 revela nesta fase maior versatilidade sendo que ocorre em vários tipos de formas; 9) cremos que quando um tipo de bordo não se encontra, intrinsecamente, relacionado com determinado tipo de forma, pode ocorrer em qualquer tipo de forma sendo que não nos parece evidente uma relação causal entre tipos de bordo e tipos de recipiente e 10) as relações entre tipos de bordo e tipos de formas são semelhantes nas fases III-1 e III-2 sendo que as características acima apontadas são, genericamente, as mesmas.

– Da totalidade dos 220 bordos presentes, podemos dizer o seguinte: 1) foram identificados 47 tipos (tipo + subtipo de bordo) no total, 2) 20 tipos são representados unicamente por 1 exemplar; 3) os tipos de bordo que ocorrem com mais frequência são o B1 a7 (31 exemplares), B1a5 (30 exemplares), B1 a9 (25 exemplares), B4 b2 (17 exemplares), B1 a1 (16 exemplares) e B3 a2 (10 exemplares).

– Em comparação com a fase anterior podemos observar um aumento considerável do número de bordos bem como dos tipos e subtipos presentes. No entanto os tipos de bordos maioritários são os mesmos dominantes da fase III-1 sendo que é visível uma continuidade de uso de determinados

tipos como o B1 a9, B4 b2, B1a5, B1 a7, B2 b4, B1 a1, B2 b5 e B3 a2 (enumerados pela ordem apresentada na fase III-1).

– A análise dos bordos presentes na fase III-1 levou-nos a colocar diversas hipóteses interpretativas sobre este elemento do recipiente cerâmico. Afirmamos que a variedade apresentada nos bordos é uma espécie de decoração presente nos recipientes. A análise da fase III-2 vem reafirmar esta hipótese interpretativa pois: 1) os tipos maioritários são os mesmos da fase III-1 sendo visível uma continuidade destes tipos de bordo; 2) dá-se um aumento significativo de tipos de bordos sendo que 20 dos 47 que ocorrem nesta fase só são representados por um exemplar; 3) continua a ocorrer uma grande variedade de tipos de bordos apesar do aumento do número de exemplares; 4) a diversidade de tipos de bordos choca com a pouca diversidade de tipos de formas que se acentua nesta fase, pois os tipos de formas são, genericamente os mesmo da fase III-1.

– Como já foi referido foram identificadas 86 bases sendo que: 31 foram construídas em pasta III (36 %), 18 foram construídas em pasta I (21 %), 14 em pasta VI e 14 em pasta VII (16 % cada), 4 em pasta VIII (5 %), 3 em pasta IV (4 %) e 1 em pasta II e 1 em pasta V (1 % cada). Podemos observar em relação à fase anterior uma manutenção da mesma ordem de preferências e com a presença de bases em pasta V. É evidente um desfasamento entre o número de bases e o número de bordos que está presente em todo o conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros de todas as fases.

– No conjunto de bordos e bases de uma mesma pasta podemos observar que em todas pastas possuem o número de bordos é superior ao número de bases. Deste modo podemos dizer o seguinte: 1) na totalidade do conjunto cerâmico da fase III-2 o número de bases equivale a 39 % do número de bordos; 2) podemos lançar a hipótese de que menos de metade dos recipientes pode não possuir fundo recto ou que este desfasamento se deve à presença de fundos rectos com um tamanho muito inferior ao do bordo gerando menor quantidade de fragmentos; 3) na pasta IV o número de bases equivale a 75 % do número de bordos (sendo a presença mais alta) e na pasta VIII o número de bases equivale a 13 % do número de bordos (sendo a equivalência mais baixa); 4) ordenando os contextos por ordem decrescente de equivalência temos, pasta IV (75 %), pasta VII (67 %), II e V (50 % cada), III e VI (45 %), I (30 %) e VIII (13 %) e 5) avaliando as pastas que tem um número semelhante de bordos e bases – I e III e VI e VIII – podemos lançar a hipótese de que os recipientes realizados em pasta I e VIII possuem mais fundos convexos do que aqueles realizados em pasta III e VI, respectivamente.

– É possível observar que as pastas com menor quantidade de fundos por bordo (I e VIII) são aquelas que apresentam, maioritariamente, recipientes de pequena e média capacidade sendo que as pastas que apresentam maior quantidade de fundos por bordo (III, VI e VII) são aquelas que

apresentam maior tendência para a ocorrência de recipientes médios e grandes. Podemos lançar a hipótese interpretativa que os recipientes de pequena capacidade possuem um fundo convexo na linha do fundo do recipiente 476 (forma 6b) e que os recipientes de maior capacidade possuem um fundo recto, ainda que este seja normalmente de tamanho inferior ao bordo. No entanto é possível que a conservação de fundos de pequeno tamanho e de número de fragmentos muito reduzido seja difícil e portanto pouco visível (ou totalmente ausente) no registo arqueológico.

– Em relação à fase anterior é visível um decréscimo na relação entre bases e bordos, sendo que na fase III-1 o número de bases equivale a 48 % do número de bordos enquanto que na fase III-2 equivale a 39 %. É também visível diferenças pontuais no comportamento de cada pasta nas duas fases de ocupação, por exemplo, na fase III-1 a pasta VI possui o mesmo número de bases e bordos enquanto que na fase III-2 o número de bases equivale a 45 % do número de bordos. Em suma, cremos que não devemos desvalorizar esta relação entre o número de bordos e o número de bases pois (apesar das dificuldades inerentes à conservação da cultura material em sítios arqueológicos) esta pode estar indicar uma realidade estética que se prende com o tipo de formas usadas na Idade do Ferro.

– Em relação aos contextos podemos dizer o seguinte: 1) em todos os contextos há um desfaseamento entre o número de bases e o número de bordos; 2) as A67 e A37 são os únicos contextos que não apresentam nenhuma base; 3) o desfaseamento entre o número de bordos e bases é mais evidente numa pastas do que noutras; 4) os contextos com menor número de bordos e bases têm tendência a ser mais homogêneos a relação entre bordos e bases ser mais equitativa; 5) o Lx. 85. 1 e a A39 não são representados por bordos mas sim por bases; 6) a A49, o Lx. 93, a A53 são contexto onde a discrepância entre o número de bordos e bases é muito grande e 7) cremos que os dados gerais reflectem, genericamente os dados contextuais.

– Em relação ao ângulo da parede da base, podemos dizer o seguinte: 1) não parece existir uma relação entre os tipos de base e as categorias de ângulo da parede dos recipientes pois um mesmo tipo de base possui vários tipos de ângulo de parede no entanto parece existir uma relação entre o apenas o tipo de base 1 e a categoria de ângulo 2; 2) estão presentes 5 categorias de ângulo – a 2, 3, 4, 5 e 6; 3) ordenando as categorias de ângulo por ordem decrescente temos, cat. 4 (33 % das bases), 5 (28 %), 3 (17 %), 6 (5 %) e 2 (3 %) e 4) 12 bases (14 %) não permitiram a reconstituição da parede do recipiente.

– Em comparação à fase anterior é visível um aumento das panças arredondadas (cats. 4 e 5) e uma diminuição tanto dos recipientes mais troncocónicos como daqueles tipo prato (pois a cat. 7 encontra-se ausente na fase III-2 e presente na fase III-1).

– A presença das categorias 4 e 5 indica recipientes de perfil em “S”, a categoria 2 indica a presença de recipientes troncocónicos, a cat. 3 de recipientes troncocónicos ou de perfil em “S” esguios e as categorias 6 e 7 indicam a presença de pratos ou recipientes de fundo muito “aberto” (podem ser um recipiente de perfil em “S” de pança muito grande e larga / atarracada). Podemos observar que cerca de 60 % das bases correspondem a recipientes de perfil em “S” típico, cerca de 20 % correspondem a vasos troncocónicos ou recipientes de perfil em “S” muito esguio e 5 % correspondem a recipientes tipo prato. Também aqui são evidentes as diferenças em relação à fase anterior, pois na fase III-1 os recipientes de perfil em “S” muito esguio ou troncocónicos tinham um peso de 30 % e os recipientes de perfil em “S” típicos de 50 %.

5.4.4.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados

Os contextos integrados na fase III-2 totalizam 7035 fragmentos cerâmicos sendo que 6708 são lisos (95 %), 258 são decorados calcolíticos e 69 são da Idade do Bronze ou Ferro, correspondendo a 64 decorações diferentes (0,9 %). São os seguintes os números de inventário das 64 decorações presentes: CP-02-6550 (est. XXXVII, 5), CP-02-7017 (est. XXX, 19), CP-03-5117 e CP-02-4908 (est. XLII, 5), CP-03-5126 (est. XXX, 12), CP-02-6288 (est. XXIX, 11), CP-02-6297 (est. XXXIII, 1), CP-03-7118 (est. XXXV, 11), CP-03-7133 (est. XXVII, 7), CP-03-7139 (est. XXXVII, 3), CP-03-11572 (est. XLVI, 6), CP-03-5324 (est. XXXVII, 19), CP-03-8741 (est. XXVIII, 7), CP-03-10760 (est. XLIII, 4), CP-03-10780 (est. XXVII, 19), CP-03-10798 (est. XXIX, 14), CP-03-10840 (est. XXXVIII, 13), CP-03-10947 (est. XLIV, 3), CP-03-11881 (est. XXVIII, 14), CP-03-11916 (est. XXVIII, 3), CP-03-13696 (est. XXXVIII, 9), CP-03-4794 (est. XXXIII, 8) CP-03-5842 e CP-03-10924 (est. XXXII, 4), CP-03-9274 (est. XXX, 20), CP-03-9379 (est. XXXVII, 8), CP-03-9408 (est. XXX, 16), CP-03-9685 (est. XXXVIII, 4), CP-03-11667 (est. XXXVIII, 3), CP-03-2294, CP-03-2305 e CP-03-2314 (est. XLII, 10), CP-03-3697 (est. XXIX, 3), CP-03-5303 (est. XLIX, 3), CP-03-13932 (est. XLII, 8), CP-03-10596 (est. XXXVII, 2), CP-03-10692 (est. XXXVII, 6), CP-03-15255 (est. XXXIII, 4), CP-03-2516 (est. XXVII, 11), CP-03-2527 (est. XXVII, 9), CP-03-2549 (est. XXVII, 1), CP-03-12517 (est. XXVII, 12), CP-03-11144 (est. XXVII, 16), CP-03-15251 (est. XXX, 8), CP-03-4442 (est. XXIX, 13), CP-03-2372 (est. XXXIII, 2), CP-03-5744 (est. XXVII, 2), CP-03-6279 (est. XXVII, 10), CP-03-10545 (est. XXX, 5), CP-03-11116 (est. XXXVII, 16), CP-03-11165 (est. XXIX, 10), CP-03-15252 (est. XXX, 15), CP-03-

15254 (est. XXX, 14), CP-02-4372 (est. XLII, 7), CP-02-5960 (est. XXXV, 1), CP-02-6492 (est. XXXVIII, 14), CP-02-6693 (est. XXIX, 9), CP-02-6695 (est. XXXIII, 7), CP-02-6782 (est. XL, 4), CP-02-6787 (est. XLIX, 5), CP-02-6820 (est. XXXVIII, 10), CP-02-6829 (est. XXXI, 3), CP-02-6863 (est. XXIX, 2), CP-02-6922 (est. XXXV, 5), CP-02-7144 (est. XXXVII, 17), CP-02-7629 (est. XLVII, 6) e CP-02-7671 (est. XXXVIII, 11).

Nos fragmentos decorados integrados na fase III-2 foram usadas 11 técnicas decorativas: incisão simples – INC.S (53 %); penteado – PENT.S (23 %); cepilhado – CE e estampilhado de motivo único – EST.C – (9 % cada); impressão da ponta do pente – IMP – (8 %); decoração a espátula – DEC.E – (6 %); excisão – EXC (5 %); brunido – BRU –, decoração plástica – DEC.P – e estampilhado rolado – EST.R – (3 % cada) e, por último, incisão a torno – INC.T – (2 %). Neste conjunto cerâmico 19 % dos fragmentos decorados apresentam mais do que uma técnica decorativa (correspondem a 12 fragmentos).

Em relação à fase anterior podemos observar: 1) um aumento considerável das técnicas decorativas usadas (de 6 para 11); 2) um aumento da incisão simples, decoração espatulada e cepilhado; 3) um decréscimo do penteado, excisão e decoração plástica e 4) a presença (sempre importante) de estampilhado e incisão a torno.

Nesta fase foram usados vários instrumentos decorativos, a saber: 1) pente 1 com 3, 4, 5, 6 e 13 puas; 2) pente 2 com 4, 5 e 6 puas; 3) pente 3; 4) pente 4 com 7 puas; 5) pente 6 com 6 puas; 6) pente 7 com 4 puas; 7) pente 8 que não sabemos quantas puas continha (est. XLII, 10); 8) instrumentos de incisão 1 que serviram para fazer traços incisos e pequenos pontos (estampas XXXVII, 19; XXXVIII, 3 e XXXVIII, 14); 9) instrumentos de incisão 2, 3 e 4; 10) carimbo de círculos concêntricos de 3 voltas (XXX, 14) e 4 voltas (XXX, 8); 11) pequeno carimbo de dois círculos concêntricos sendo que a volta exterior possui um pontilhado em alto relevo (XXX, 19); 12) motivo realizado por a ponta de um pente arredondado ou um carimbo próprio que imita a forma de uma pétala (XXX, 14) e 13) carimbo natural que cremos ser um elemento vegetal.

Em relação à fase anterior é visível um aumento considerável do número de instrumentos, da sua variedade e da presença de muitos carimbos artificiais.

5.4.4.4. Organizações decorativas

Os fragmentos decorados integrados na fase III-2 totalizam 18 organizações decorativas – I, II, III, IV, V, VI, VII, IX, X, XI, XV, XVI, XX, XXIII, XXVI, XXX, XXXII e XXXIV – sendo que 5 fragmentos não possibilitaram a identificação da organização decorativa. A zona com maior

número de decorados é a PIN2, com 35 fragmentos, seguida da PIN2.1, com 15 fragmentos e, por último, da PIN1, com 14 fragmentos. Ordenando os contextos por ordem decrescente (daquele com maior número de fragmentos decorados para aquele com menor número) obtivemos a seguinte hierarquia: A59 e A65 (1,56 % – 1 fragmento); A30, A39, A53 e Lx. 105 (3,13 % – 2 fragmentos cada); A36, A38, A67 (4,69 % – 3 fragmentos cada); A34 (6,25 % – 4 fragmentos); A35 e A54 (9,38 % – 6 fragmentos cada); A49 e Lx. 93 (10,94 % – 7 fragmentos cada) e A31 (23,44 % – 15 fragmentos). Podemos observar que: 1) quase todos os contextos apresentam fragmentos decorados, à excepção do Lx. 85.1 e A37; 2) a distribuição dos decorados é bastante homogénea – de 1 a 7 fragmentos em 14 contextos – sendo a excepção a A31, com 15 fragmentos; 3) o contexto com maior número de fragmentos decorados (A31) pertence à PIN2.1 que não é a zona que apresenta maior número de decorados; 4) sendo que a A31 é o único contexto integrado na fase III-2 na PIN2.1, cremos que se caracteriza por uma grande presença de recipientes decorados que contrasta com a realidade das restantes zonas estudadas; 5) a zona de escavação mais extensa é a PIN2, seguida da PIN1 e, por último da PIN2.1 sendo que o número de fragmentos decorados identificados, no geral, está relacionado com a extensão da escavação e 6) deste modo, a PIN2 é a menos diversa, seguida da PIN e por último da PIN2.1.

Em relação à fase III-1 podemos observar um número maior de fragmentos decorados e de organizações decorativas no entanto a percentagem de decorações é semelhante (0,8 % na fase III-1 e 0,9 % na fase III-2).

A análise da distribuição das organizações decorativas por contexto permite dizer o seguinte.

1) Ordenando os contextos pela relação entre organização decorativa e número de fragmentos presente temos: A59 e A65 (100 % – 1 organização decorativa no total de 1 fragmento decorado), A30, A39 e Lx. 105 (100 % – 2/2); A67 (100 % – 3/3); Lx. 93 (86 % – 6/7); A54 (83 % – 5/6), A34 (75 % – 3/4), A49 (71 % – 5/7), A36 e A38 (67 % – 2/3), A35 (67 % – 4/6), A53 (50 % – 1/2) e A31 (40 % – 6/15). *Cremos que o Lx. 93 e a A54 são os contextos com maior diversidade decorativa.*

2) Ordenando os contextos em relação ao número de fragmentos decorados e lisos, temos: A39 (7,69 % – 2 fragmentos decorados no total de 26 fragmentos); A38 (7,32 % - 3/41); A67 (3,9 % – 3/28), A34 (3,57 % – 4/185), A30 (1,82 % – 2/110), Lx. 93 (1,56 % – 7/449), A31 (1,2 % – 15/1249), Lx. 105 (0,97 % – 2/206), A35 (0,87 % – 6/689), A53 (0,84 % – 2/238), A54 (0,81 % – 6/741), A65 (0,72 % – 17/139), A49 (0,66 % – 7/1066) e A36 (0,51 % – 3/594). *Cremos que os contextos da PIN 1 são aqueles que apresentam menor quantidade de recipientes decorados pois dois dos contextos possuem das percentagens mais baixas e os outros dois, apesar das percentagens*

altas, possuem um número muito reduzido de fragmentos que pode falsear os resultados estatísticos. Os contextos da PIN2 são os que consideramos mais “ricos” pois não é possível uma correcta avaliação da PIN2.1, nesta fase, devido à sua caracterização a partir de um único contexto.

3) A organização decorativa maioritária – I com 25 % dos fragmentos – não é aquela que ocorre em maior número de contextos. A organização decorativa X – 17 % dos fragmentos – ocorre em 60 % dos contextos (9 contextos num total de 15) enquanto que a organização decorativa I ocorre em 47 % dos contextos (7 contextos). É possível perceber que a distribuição das organizações decorativas deve enquadrar-se numa lógica de preferências no entanto o número reduzido de fragmentos não permite uma percepção pormenorizada. Podemos apenas dizer que determinadas organizações decorativas servem toda a comunidade e outras não. cremos que umas são mais “correntes do que outras. Em suma, umas são o corpo decorativo tradicional – I, III e X – e outras correspondem a inovações usadas ponderadamente e com forte conotação cultural – XXXIV.

4) Os contextos que apresentam alguma repetição de organizações decorativas (por exemplo, os vários contextos que possuem fragmentos com a organização decorativa I) não se encontram relacionados estratigraficamente – ou espacialmente – sendo que a repetição de organizações decorativas não comprova uma evolução de gosto estético.

A análise dos tipos de organizações decorativas presentes indica (est. DCCXCV) o que expomos de seguida.

– As organizações decorativas II, IV, V, VII, XV, XVI, XX, XXIII, XXVI e XXX são representadas, unicamente, por um exemplar (1,56 % cada), as organizações decorativas VI e XI são representadas por dois exemplares (3,13 % cada), as organizações decorativas IX e XXXII são representadas por 3 exemplares (4,69 %), as organizações III e XXXIV são representadas por 6 exemplares (9,38 %), a organização X é representada por 11 exemplares (17,19 %) e a organização I por 16 exemplares (25 %).

– Das 37 organizações decorativas presentes (tendo em conta as variantes) apenas uma – IIa – está presente em toda a ocupação da Idade do Ferro (fases III-1, III-2 e III-3). As restantes organizações decorativas encontram-se distribuídas da seguinte forma: 1) 62 % das organizações decorativas ocorrem unicamente em complexos integrados na fase III-2 (são 23 os subtipos: IIe, I2a, I3b, II3, III1a, IV1b, VI4, VII, IX2a, X1b, X2c1, X2c2, X3f, X3h, X3i, X6a2, XV, XVI, XX, XXIII, XXX3, XXXII e XXXIV1c); 2) 13,5 % ocorrem, também, em contextos das fases I e II (são 5 subtipos: IIb, III3, VIa, IX2b e XXVI); 3) 8 % ocorrem em contextos da fase III-1 (são 3 os subtipos: III2b,

VI1b e XI1) e 4) 13,5 % ocorrem, também, em contextos da fase III-3 (são 5 subtipos: I1c, I1d, X2a, X13a e XXXIV6).

Em relação às fases anteriores, podemos observar o seguinte.

a) Na fase III-1, 42 % das decorações presentes perduram na ocupação da Idade do Ferro no entanto na fase III-2, apenas 21 % estão presentes em fases anteriores.

b) Na fase III-1, 37 % das decorações ocorrem, unicamente, nesta fase de ocupação enquanto que na fase III-2, 62 % das organizações decorativas ocorrem unicamente em complexos integrados na fase III-2 .

c) Na fase III-2, 13,5 % ocorrem em contextos da fase III-3 sendo que esta percentagem é muito inferior àquela apresentada para a perduração de organizações decorativas da fase III-1 para a III-2.

d) A fase III-2 revela uma maior variedade de organizações decorativas que foram criadas exclusivamente neste período e usadas num curto espaço de tempo.

– Com base numa conjugação de factores de avaliação (tipo de pasta, contexto, estado de conservação do contexto e sua caracterização ao nível das pastas e decoração presente – desenho e técnica) lançamos as hipóteses que expomos de seguida.

1) O fragmento presente na A35, de pasta XI e com a decoração I13 pode ser relacionado com a ocupação calcolítica. O fragmento apresenta uma decoração que se integra bem nas decorações pré-históricas e é realizado numa pasta conotada, unicamente, com esta ocupação.

2) Cremos que algumas decorações da Idade do Ferro são “variantes” de decorações da Idade do Bronze que perduraram na fase III-1 e também na III-2, como são as organizações decorativas III, VI, IX e XI. A organização decorativa III diz respeito às decorações realizadas através da técnica de cepilhado, presentes em contextos da Idade do Bronze e Ferro (III-1 e III-2). Na fase III-2 está presente nas A49, A31, A54 e Lx. 93 e nas pastas I, III, V, VII e VIII. A organização decorativa VI define-se pelo desenho do motivo de espiga sendo que na fase III-2 encontra-se presente na A49 e com pasta I. A organização decorativa IX encontra-se presente na Idade do Bronze e na fase III-2 está presente na A31, A54 e A65 e nas pastas I e III. Por último, a organização decorativa XI define-se pelo uso da técnica de decoração plástica, estando presente em contextos da Idade do Bronze e Ferro (fases III-1 e III-2) sendo que na fase III-2 integra a A36, nas pastas VI e VIII. O uso das pastas VI e VIII afirma o uso da técnica em cerâmicas plenamente integradas na Idade do Ferro.

3) Cremos que algumas organizações decorativas autónomas – VII, XV, XVI e XX – são muito semelhantes a outras organizações decorativas sendo que as relacionamos em termos cronológicos. A organização decorativa VII assemelha-se em termos técnicos à organização XXXIV, sendo que

cremos estar plenamente integrada nesta fase. As organizações decorativas XV e XX assemelham-se à organização decorativa IX e XXI, sendo que as consideramos de tradição da Idade do Bronze. A organização decorativa XVI assemelha-se à organização IV sendo que cremos ser uma criação da Idade do Ferro baseada na tradição de decorações Pré-históricas.

4) Algumas decorações encontram-se muito isoladas sendo que não se assemelham a outras, não lembram uma tradição estética e desse modo cremos encontrarem-se muito parceladas (XXIII, XXVI e XXXII).

5) São poucos os fragmentos que consideramos intrusos pois a maioria apresenta decorações plausíveis para a fase em análise bem como pastas em uso. No entanto consideramos o fragmento do Lx. 93, de pasta III e organização decorativa XXX como um intruso da Idade do Bronze.

6) As organizações decorativas I e X estão plenamente integradas na fase III-2 pois são organizações decorativas que percorrem toda a ocupação do sítio e são em realizadas em pastas em uso. Em relação à organização decorativa X podemos dizer que surgem novos subtipos, alguns completamente dissemelhantes dos restantes (como é o caso dos 2c1 e 2c2) e outros semelhantes em termos de imagem a outros subtipos (como é o caso dos 3h e 3i). Durante a Idade do Ferro é visível um gosto pelas faixas de penteado quebradas de uma forma muito bem definida sendo que cremos que este gosto vem desde a idade do Bronze e encontra-se presente nos subtipos 4a1, 4a2, 3g, 3h, 3i e 5. A organização decorativa I é a mais simples sendo que vemos no subtipo 3b um maior grau de complexidade.

A análise das localizações das decorações nos recipientes (est. DCCXCVIII) indica o que expomos de seguida.

– Nos contextos analisados está presente uma maioria de fragmentos (53 % - 34 fragmentos) que não possibilitam saber ao certo a sua localização e por isso supõe-se que façam parte de alguma zona da pança do recipiente – localização tipo 8. Em relação à fase anterior é visível um aumento de fragmentos que não possibilitam saber qual a localização de decoração sendo que na fase III-1 correspondiam a 47 % do conjunto.

– Deste modo, 47 % dos fragmentos possibilitaram a localização da decoração nos recipientes sendo que dentro deste grupo dá-se uma distribuição, dos vários tipos de localização, mais díspar do que aquela da fase III-1. As localizações de *tipo 4, 5, 9 e 11* são representadas, cada uma, por 1 exemplar; as localizações de *tipos 3 e 7* são representadas por 3 e 4 fragmentos, respectivamente e, por último as localizações de *tipo 1 e 2* são as mais numerosas, com 6 e 13 exemplares,

respectivamente. Em relação à fase anterior podemos observar que os tipos 1, 2 e 7 mantêm a sua importância sendo que em ambas as fases são os tipos de localização maioritários.

– Com base na localização da decoração dos recipientes podemos concluir que: 1) a localização de tipo 7 está relacionada com recipientes desta ocupação sendo que cremos que apesar de ser uma localização muito usual em cerâmicas calcolíticas, aparece aqui como plenamente integrada em ocupações humanas mais tardias; 2) as localizações de tipo 2 e 11 continuam relacionadas com a tradição de cerâmicas decoradas da Idade do Bronze, já notada na fase III-1, pois os fragmentos com esta localização possuem (entre outras) as organizações decorativas I, III, IX e XX; 3) a localização de tipo 1 aponta também para a Idade do Bronze com perduração na Idade do Ferro onde estão presentes tipos típicos da Idade do bronze mas também tipos originais da Idade do Ferro; 4) as localizações de tipos 4 e 5, quando relacionadas com recipientes de fundo recto revelam que na Idade do Ferro estavam presentes recipientes extensamente decorados onde podemos supor que toda a pança do recipientes era decorada – um exemplar possui a técnica de estampilhado – e 5) a presença de fragmentos que não permitem saber qual a localização da decoração no recipiente subiu em relação ao conjunto cerâmico da fase III-1 na área norte e por sua vez a fase III-1 já revela um aumento em relação à fase II. Podemos lançar a hipótese de que ocorre uma mudança, paulatina, na decoração dos recipientes, sendo que esta deixa de estar tão associada a determinadas partes do recipientes para fazer parte apenas da pança do mesmo.

– Em resumo podemos dizer o seguinte: 1) 68 % dos fragmentos decorados presentes correspondem à ocupação da Idade do Ferro, da fase III-2, sendo que a caracterizam; 2) 2 % correspondem a fragmentos decorados da ocupação calcolítica – organização decorativa II3 – (sendo que a sua presença se deve a uma primeira má interpretação e portanto esta presença não caracteriza os contextos em estudo em relação aos fragmentos decorados calcolíticos); 3) 2 % estão relacionados directamente com a Idade do Bronze (organização decorativa XXX); 4) 22 % relacionam-se, culturalmente, com a Idade do Bronze (organizações decorativas III, VI, IX e XI) e 5) 6 % são criações da Idade do Ferro baseadas numa tradição cultural que se alicerça na Idade do Bronze mas que a modifica substancialmente (organizações decorativas VII, XV, XVI e XX). Podemos observar em relação à fase anterior uma diminuição da presença de fragmentos decorados calcolíticos e uma maior presença de cerâmicas de tradição da Idade do Bronze.

A análise das pastas dos recipientes decorados (est. DCCCI) indica o que expomos de seguida.

– Os recipientes decorados são na sua maioria realizados em pasta I (42 % – 26 fragmentos) e III (33 % – 21 fragmentos), seguidas das pastas VIII (6 %), II, IV e VII (5 % cada – 3 fragmentos cada)

e por último das pastas V, VI X e XI (1 fragmento cada). Em relação à fase anterior podemos observar: 1) uma maior variedade de pastas com recipientes decorados; 2) a manutenção da importância da pasta I com a subida da importância da pasta III; 3) um decréscimo da importância das pastas II, VIII, X que se deve a uma distribuição menos homogénea na fase III-2 e 4) a presença de recipientes decorados em pastas V e VII, ausentes na fase III-1, sem que saibamos se tal é relevante.

– Em resumo podemos dizer que as pastas usadas em recipientes decorados são quase a totalidade das pastas presentes em todo o conjunto cerâmico (10 tipos) no entanto é evidente a importância das pastas I e III, seguidas (em muito menor número) pelas pastas II, IV e VII.

5.4.4.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes

No conjunto de 7035 fragmentos integrados na fase III-2 foram identificadas 7 asas, que são: CP-03-9120 (est. XLI, 13), CP-03-9681 (est. XL, 11), CP-03-3749 (est. XL, 9), CP-02-1908 (est. XLI, 10), CP-02-4372 (est. XLII, 7), CP-02-5861 (est. XLI, 14) e CP-02-5886 (est. XLVI, 2). As asas são realizadas 3 em pasta III, 2 em pasta VIII e 2 em pasta I. Não é possível saber qual a localização das asas nos recipientes à excepção de uma – CP-02-5886 (est. XLVI, 2) – que tem a localização 2 (no colo). Em relação às secções podemos dizer que 2 asas possuem secção de tipo 2, 2 asas de tipo 4, uma asa de tipo 2.1, uma asa de tipo 4.4 e, por último, uma asa da qual só possuímos o arranque no recipiente. Em relação à fase anterior é visível um aumento, muito pequeno, do número de asas sendo que na fase III-1 as asas correspondiam a 0,04 % e na fase III-2 a 0,1 %.

O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro

Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica

5.5. Artefactos cerâmicos da Idade do Ferro Tardio – 80 a 120 DC

5.5.1. Plataforma Inferior Leste

5.5.1.0 Introdução aos contextos estudados

Os contextos da Plataforma Inferior Leste integrados na fase III-3 são: a associação A28 que integra as camadas 0/1 e 0/1a nos quadrados Q/8, 9, 11 e 12, R/10, 11 e 12, S/11 e 12, T/9, 11 e 12, W/13 e 14, X/15, 16 e 18, e Y/15, 16 e 17; a A29 que integra as camadas superfícies – solo humoso, camada 0 – nos quadrados L/9, M/9, O/9, P/7, 8, 9, 11 e 12, Q/8, 9, 11 e 12, R/8, 9, 10, 11 e 12, S/8, 9, 10, 12, 13 e 14, T/8, 9, 12, 13, 14, 16 e 18, W/9, 13, 14, 16, 17, 18 e 19, V/8, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19, X/11, 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 19 e Y/14, 15, 16, 17 e 19; a A26 que integra os Lxs. 81, 43.1, 43.2 e 43.3 nos quadrados V/18, X/17 e 18 e Y/18; a A16 que integra as camadas 1 e 1a nos quadrados T/13 e 14, V/13 e 14 e W/13 e 14; a camada 1a nos quadrados M, N, O, P, Q, R, S e T/8, S, T, V e W/9, T, W e X/11, T, V e X/12 e Y12 e a camada 1 nos quadrados P, Q, R, S e T/10, S, T e X/11, T/8 e 9, T, V, W e X/12, X e Y/13 e X e Y/14.

5.5.1.1. Análise Técnica

Foram exumados dos contextos relacionados com a ocupação após o incêndio de cerca de 80 DC (fase III-3) 2054 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 87 bordos no total; 2) 72 bordos conotados com a Idade do Ferro); 3) 48 bases; 4) 82 fragmentos decorados dos quais 10 são da Idade do Ferro (sendo que apenas 6 estão conotados com esta fase) e 82 recipientes conotados com a Idade do Ferro.

a) Tipos de Pastas

A análise de pastas da fase III-3 foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: A28, A29, c. 1 (est. CCCXXX) e A16, A26, c. 1a (est. CCCXXXII). A análise da fase III-3, foi levada a cabo de modo semelhante àquela conduzida para todas as outras fases. Esta análise – tal como já descrito – tem em conta 5 factores: 1) hierarquia de pastas na totalidade dos fragmentos; 2) hierarquia de pastas nos recipientes; 3) presença de fragmentos de pasta VI e sua importância; 4) presença de fragmentos de pasta VIII e sua importância e 5) presença de fragmentos de pasta II e sua importância.

Apresentaremos de seguida os resultados obtidos para os restantes contextos estudados.

1) Na hierarquia de pastas na totalidade dos fragmentos.

- As camadas 1 e 1a integram-se num mesmo grupo onde a pasta predominante é a X, seguida da III e I (c. 1) ou I e VI (c. 1a). A predominância da pasta X varia de 22 a 25 %.
- Os contextos A16 e A26 integram-se num 2º grupo onde a pasta predominante é a VI, seguida da III e VIII (A16) ou I (A26). A predominância da pasta VI varia de 30 a 39 %.
- Os contextos A28 e A29 encontram-se isolados, a A28 com maioria de pasta VIII e a A29 com maioria III. O A29 é o mais concordante com a totalidade da fase III-3 apesar de não ser aquele que mais contribui (em número de fragmentos) para a totalidade do conjunto.

2) Na hierarquia de pastas dos recipientes.

- Os contextos A28, A29 e c. 1a integram um primeiro grupo onde a pasta predominante dos recipientes é a III, seguida da VIII, I e VI. Os contextos mais próximos (dos três) são a A28 e A29 sendo que a predominância de pasta III varia de 29 a 33 %. A A28 é o contexto de estatística mais semelhante àquela obtida para a totalidade da fase III-3.
- Os contextos c. 1 e A26 integram um 2º grupo onde a pasta predominante dos recipientes é a VI, seguida das VIII e III (c. 1) e III e VIII (A26). A predominância da pasta VI varia de 35 a 50 %.
- A A16 encontra-se isolada pois possui uma maioria de recipientes de pasta I, seguida da VII.

3) Na presença de fragmentos de pasta VI distinguem-se os contextos A16 e A26 – com as quantidades mais elevadas, de 30 a 39 % – seguidos dos contextos A28, A29, c. 1 e 1a – com uma média / baixa quantidade de fragmentos desta pasta, de 14 a 20 %. A totalidade da fase III-3 está mais de acordo com os contextos A28, A29, c. 1 e 1a.

4) Na presença de fragmentos de pasta VIII distinguem-se os contextos A28, A29, A16 e c.1 – com as quantidades mais elevadas, de 13 a 21 % – seguidos dos A26 e c. 1a – com uma quantidade baixa de fragmentos desta pasta, de 3 a 5 %. A totalidade da fase III-3 está mais de acordo com os contextos A28, A29, A16 e c.1.

5) Na presença de fragmentos de pasta II distinguem-se os contextos A29 e c. 1a – com a presença deste tipo de pasta, ainda que baixa, de 0,29 a 0,51 % – e os restantes contextos (A28, c.1, A16 e A26) onde esta pasta se encontra ausente. A totalidade da fase III-3 está de acordo com os contextos A29 e c. 1a.

Uma visão global dos 5 factores expostos permite concluir que: 1) as A28 e A29 são muito semelhantes podendo ser integradas com a camada 1a; 2) a A16 é, em termos de recipientes, o contexto mais discrepante, no entanto nas restantes características pode ser sempre agrupada com outros conjuntos (A26, c. 1a e c. 1); 3) a camada 1 e a A26 são aqueles contextos que mais oscilam, sendo que oscilam um pouco mais do que a c. 1a e a A16; 4) a totalidade da fase III-3 tem tendência a ser concordante com a A28, A29m e c. 1a, que são dos contextos mais numerosos e 5) a camada 1 possui um número elevado de fragmentos mas é discrepante da totalidade, sendo visível que a camada 1 não possui as mesmas características da camada 0 (A28 e A29).

A análise individual dos estratos e aquela realizada à totalidade do conjunto cerâmico integrado na Idade do Ferro correspondente à fase III-3 (estampa CCCXXIX) permitiu as seguintes conclusões.

– Na totalidade do conjunto (estampa CCCXXIX) a pasta predominante é a III, seguida da VI e X. Esta hierarquia não se mantém na totalidade dos recipientes identificados onde a pasta predominante é III, seguida da VIII/I e X. Nos recipientes da Idade do Ferro encontramos uma predominância da pasta VIII, seguida da III e VI. A A29 é concordante com a totalidade da fase III-3 ao nível dos fragmentos e a A28 é concordante com a totalidade da fase III-3 ao nível dos recipientes. Todos os outros contextos possuem hierarquias diferentes e mesmo estes atrás apontados não são totalmente concordantes. Como já foi referido, as somas dos conjuntos cerâmicos que integram uma fase não é reveladora da diversidade que essa mesma fase apresenta.

– Existe uma discrepância entre a hierarquia da totalidade dos fragmentos e a dos recipientes (sejam estes a totalidade sejam só aqueles relacionados com a ocupação calcolítica). cremos que tal facto se deve a um índice de fragmentação desigual relacionado com cada tipo de pasta. No entanto se contabilizarmos apenas os bordos identificados com a ocupação da Idade do Ferro podemos observar que a hierarquia das pastas usadas nos recipientes se aproxima daquela obtida para a totalidade dos fragmentos, nos contextos A28, A29 e A26. Nos restantes contextos (c. 1, A16 e c. 1a) as hierarquias não são concordantes revelando uma grande discrepância.

– *Existe um desfasamento claro entre a totalidade dos fragmentos e suas pastas e os recipientes identificados para cada uma, por contexto.* Na totalidade dos fragmentos, fase III-3 (est. CCCXXIX) apenas a pasta IV é representada unicamente por fragmentos sem forma. As pastas I, II, III, V, VIII, XI e XII possuem uma presença menos significativa de fragmentos sem forma do que recipientes. As pastas VI e VII possuem uma presença mais significativa de fragmentos do que de

recipientes (bordos e bases) e as pastas IX e X possuem uma importância semelhante quer nos fragmentos quer nos recipientes. Se tivermos em conta os contextos observamos que nuns encontram-se ausentes os recipientes de determinadas pastas e noutros de outras. A pasta III é a única, com fragmentos e recipientes, presente em todos os contextos. As pastas II, VI, VII e VIII possuem uma ausência de recipientes nos contextos c. 1a, A28, A26 e A16 respectivamente, quer dizer só se encontram presentes com fragmentos e ausentes de recipientes em um contexto, cada uma. As pastas I, V, X e XI encontram-se presentes com fragmentos e ausentes de recipientes em dois contextos cada uma, A28 e A26, pastas I e X, A29 e c. 1a pasta V e camadas 1 e 1a pasta XI. As pastas IX e XII encontram-se presentes com fragmentos e ausentes de recipientes em três contextos cada uma, A26, A28 e A29, pasta IX e A26, A28 e c. 1 pasta XII. Os contextos que apresentam maior discrepância entre a presença de recipientes e fragmentos são as A28 e A26, seguidas das A29, c. 1 e c. 1a e, por último, a A16. *Podemos observar que são os contextos mais próximos da camada humosa, ou mesmo a camada humosa que apresentam maior discrepância. Podemos também observar que as pastas conotadas com a Idade do Ferro são menos discrepantes do que aquelas conotadas com o Calcolítico.*

– Tal como ocorre na fase III-2, as pastas III, VI, VII e VIII são aquelas que apresentam maior coerência de uso na fase III-3, ainda que sejam também utilizadas as pastas I, II e XII. A presença elevada de fragmentos bem como de recipientes nas pastas III, VI e VIII apontam para um uso inequívoco destas pastas sendo estas as preferidas ainda que a hierarquia não seja esta (III, VI, VIII).

– Tal como ocorre na fase III-2, a totalidade de fragmentos identificados com a fase III-3 revela a presença de todas as pastas do Crasto de Palheiros, 12 de 12 (estampa CCCXXIX). No entanto as características presentes nas pastas II, IV, V, IX, XI e XII devem ser olhadas com cautela pois não se encontram presentes em todos os contextos e quando ocorrem é em número reduzido. As pastas IV, IX e XI estão relacionadas com a ocupação calcolítica e as pastas II, V e XII estão relacionadas com a Idade do Ferro, muita embora em todas os dados são insuficientes para a sua análise. Deste modo, concluímos que as pastas I, III, VI, VII e VIII são aquelas que se apresentam mais seguras como tendo sido utilizadas na fase III-3. Como podemos observar, a utilização de pastas encontra-se em continuidade com as fases anteriores ainda que seja a fase anterior aquela que apresenta maior diversidade.

– Os contextos A29, c. 1a e c. 1 são aqueles que apresentam maior diversidade das pastas (12/10 em 12) e os contextos A28, A26 e A16 são aqueles que apresentam menor diversidade (9/6 em 12). Tendo em conta que estamos a analisar contextos de superfície mais permeáveis à mistura de

artefactos de várias ocupações, cremos que a diversidade apresentada pela A29, c. 1a e c. 1 está relacionada com o número elevado de fragmentos sendo que contextos com um número elevado de fragmentos possuem uma probabilidade maior de conter maior diversidade de pastas. Os contextos A28, A26 e A16. É de lembrar que a A28 e A26 são os contextos com o maior número de pastas representadas por fragmentos sem forma e com ausência de recipientes (5 tipos de pastas em cada um destes contextos).

b) Análise da mistura dos contextos através das pastas dos recipientes e seus fragmentos

A análise comparativa dos bordos calcolíticos e recipientes da Idade do Ferro presentes nos contextos estudados revelou os seguintes resultados.

b1) Na totalidade da fase III-3, 33 % dos bordos são calcolíticos frente a 67 % de recipientes da Idade do Ferro (est. CCCXXIX), mostrando que o número de recipientes calcolíticos diminuiu em relação à fase anterior.

b2) Organizando os contextos por ordem decrescente de % de bordos calcolíticos temos os seguintes resultados: c. 1 (38 %), c. 1a (33 %), A29 (26 %), A16 (20 %), A28 (14 %) e A26 (0 %). Como podemos observar o número de bordos calcolíticos reduz-se drasticamente em relação à fase anterior em todos os contextos, sendo que é de notar que se encontram menos presentes nas camadas superficiais e naquelas superficiais relacionadas com a área diversificada 6 (A26). *Encontramos uma concordância na área diversificada 6, onde os bordos calcolíticos são reduzidos sendo que são ainda mais reduzidos nas camadas superficiais.*

b3) A presença de recipientes calcolíticos parece estar relacionada com a presença de fragmentos calcolíticos, quer dizer, contextos que apresentem uma baixa presença de fragmentos calcolíticos (A26, A16 e A28) possuem uma baixa presença de recipientes calcolíticos. No entanto, na A16 a presença (em %) de recipientes é bem superior à totalidade dos fragmentos calcolíticos dentro do conjunto. Na maioria dos contextos (A29, c. 1, A16 e c. 1a) a presença de recipientes calcolíticos dentro do cômputo geral dos recipientes é superior à presença de fragmentos calcolíticos dentro do cômputo geral dos fragmentos. Em suma, *a presença de recipientes calcolíticos num dado contexto é sempre superior à presença de fragmentos do mesmo período, sendo que parece existir uma “selecção” dos fragmentos calcolíticos em cada contexto estudado.*

b4) Todos os contextos estudados apresentam fragmentos cerâmicos calcolíticos e da Idade do Ferro sendo que mesmo o contexto que apresenta 100 % de recipientes da Idade do Ferro (A26)

apresenta, também, 8 % de fragmentos sem forma de pastas relacionadas, exclusivamente, com a ocupação calcolítica.

b5) Se tivermos em conta apenas os dados acima expostos (excluindo aqueles obtidos no ponto c) concluímos que os contextos menos misturados são a A26, A16 e A28.

c) Estado de conservação dos fragmentos = Estado de conservação do estrato

A análise do estado de conservação dos fragmentos integrados na fase III-3 teve como base as seguintes estampas: totalidade da fase III-3 (Est. CCCXXIX), A28 e A29 (Est. CCCXXXI), A16 e A26 (Est. CCCXXXIV) e c. 1 e c. 1a (Est. CCCXXXIII).

Os contextos acima citados foram analisados seguindo as mesmas premissas da análise dos contextos integrados na fase III-1 e descritos em pormenor no ponto *c, 1 a 10*, no capítulo respectivo.

A análise do estado de conservação dos fragmentos nos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões.

- A *pasta I* encontra-se mal preservada em 5 dos contextos (A28, A29, A26, A16, c. 1) e bem preservada em 1 (c. 1a) dos contextos estudados (6 contextos);
- A *pasta II* é tida como mal preservada na totalidade da fase III-3 no entanto os dados são inconclusivos nos dois contextos (A29 e c. 1a) em que foi identificada sendo que os resultados da totalidade da fase III-3 são uma soma dos dados destes dois contextos;
- A *pasta III* encontra-se bem preservada em 5 dos contextos (A28, A29, A26, A16, c. 1) e mal preservada em 1 (c. 1a) dos contextos estudados (6 contextos);
- A *pasta IV* é tida como mal preservada na totalidade da fase III-3 no entanto os são inconclusivos nos 2 contextos (A29 e c. 1) em que foi identificada sendo que os resultados da totalidade da fase III-3 são uma soma dos dados destes dois contextos, tal como ocorre na pasta II;
- A *pasta V* encontra-se bem preservada num contexto (A29) e os dados são inconclusivos em dois (A28, c. 1a) dos três contextos onde foi identificada;
- A *pasta VI* encontra-se bem preservada em todos os contextos estudados;
- A *pasta VII* encontra-se bem preservada em cinco dos contextos (A28, A29, A16, c. 1 e c. 1a) e os dados são inconclusivos num contexto (A26) do total de contextos analisados;
- A *pasta VIII* encontra-se bem preservada em dois contextos (A28 e A29), mal preservada em três (A16, c. 1 e c. 1a) e os dados são inconclusivos em um (A26) dos contextos do total de contextos analisados;

- A pasta IX encontra-se mal preservada num contexto (A29) e é inconclusiva em quatro (A28, A26, c. 1 e c. 1a) dos cinco contextos onde foi identificada;
- A pasta X encontra-se bem preservada num contexto(c. 1) e mal preservada nos restantes contextos analisados (A28, A29, A16, A26 e c. 1a);
- A pasta XI encontra-se mal preservada em dois contextos (A29 e c. 1) e os dados são inconclusivos em um (c. 1a) dos três contextos onde foi identificada;
- A pasta XII encontra-se mal preservada em três contextos (A29, a26 e c. 1a) e é inconclusiva em dois (A28 e c. 1) dos cinco contextos onde foi identificada;
- *Através da análise individual de todos os contextos podemos concluir que as pastas mais bem preservadas são a III, VI e VII, as pior preservadas são a I, VIII, X, XI e XII sendo que as pastas II, IV, V e IX são inconclusivas. A análise da totalidade do conjunto cerâmico da fase III-3 (Est. CCCXXIX) revela dados ligeiramente diferentes daquele que avalia individualmente cada contexto. Como já foi dito cremos que os resultados da análise da totalidade do conjunto falseiam a realidade das cerâmicas desta fase pois a totalidade é uma soma virtual de contextos.*
- *Cremos que as pastas II, IV, V e IX não foram utilizadas nesta ocupação e que a sua presença (sempre em número reduzido) se deve a outras ocupações, a II e V estão relacionadas, provavelmente com a ocupação anterior da Idade do Ferro e a IV e IX com a ocupação calcolítica (destruída pelas ocupações posteriores e fruto de revolvimentos ou fragmentos provenientes de escorrimento).*
- Cremos que a boa preservação das pastas III, VI e VII quer o seu uso quer a suas boas qualidades de preservação.
- Cremos que a má preservação das pastas I, VIII, X, XI e XII indica por um lado o uso não exclusivo destas pastas e uma possível má preservação. As pastas I, VIII e XII podem ter sido utilizadas nesta ocupação no entanto as pastas X e XI estão relacionadas com a ocupação calcolítica. A má preservação das pastas I, VIII e XII pode estar relacionada com as características inerentes a estas pastas.
- Os fragmentos cerâmicos englobados na fase III-3 (Est. CCCXXIX) revelam uma má conservação das arestas sendo que 43 % apresentam arestas roladas, 21 % arestas boleadas e 34 % arestas vivas e uma dimensão reduzida fragmentos, cerca de 68 % apresentam uma dimensão inferior ou igual à categoria 2 (cat. 1 = 6,9 % e cat. 2 = 59,9 %).
- Na análise individual dos contextos podemos observar que: 1) a A26 possui uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões (superiores à cat. 3), 19 %, e uma presença elevada de

fragmentos com arestas vivas, 38 %; 2) a A28 possui uma elevada presença de fragmentos de grandes dimensões, 36 % e uma boa presença de fragmentos com arestas vivas; 3) a A16 e c. 1 possuem presenças elevadas de fragmentos grandes, 34 a 35 % e uma elevada presença de fragmentos com arestas roladas, 46 a 61 %; 4) a c. 1a possui fragmentos grandes dentro da média (30 %) e uma elevada presença de fragmentos com arestas vivas, 41 % e 5) a A29 possui fragmentos grandes dentro da média (30 %) e uma elevada presença de fragmentos com arestas roladas, 47 %.

Tendo em conta o que já foi dito, sobre a relação do estado de conservação das arestas e dimensão dos fragmentos (ver análise do estado de conservação dos fragmentos das fases III-1 e III-2 na PIL), apontamos as seguintes hipóteses interpretativas para os contextos que integram a fase III-3.

1) A A26 possui uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença elevada de fragmentos com arestas vivas sendo que cremos que esta associação de estratos revela contextos revolvidos violentamente ou recentemente. Tendo em conta que a A26 é constituída pelos Lxs. 81, 43.1, 43.2 e 43.3, *cremos que o estado de conservação dos fragmentos revela violência na destruição do estrato pois estes já não faziam parte da camada humosa.*

2) A A28 possui uma elevada presença de fragmentos de grandes dimensões e uma boa presença de fragmentos com arestas vivas sendo que cremos que esta associação pode revelar boa preservação dos estratos aliado a um ligeiro ou recente (moderno) revolvimento. Tendo em conta que a A28 é constituída pelas camadas 0/1 e 0/1a, sendo uma camada de transição para estratos nitidamente arqueológicos e pouco revolvidos pela agricultura, concluímos que possui um bom estado de conservação dos fragmentos ainda que revele revolvimentos recentes (daí as arestas vivas).

3) As A16 e camada 1 possuem presenças elevadas de fragmentos grandes e de arestas roladas sendo que cremos que estes contextos revelam uma fragmentação antiga (arqueológica) aliada a uma boa preservação. Tendo em conta que a A16 integra as camadas 1 e 1a sobre os Lxs. 75, 82 e 83 consideramos que a presença de muitas arestas roladas é sinal da antiguidade do depósito e não da sua má preservação.

4) A camada 1a possui bastantes fragmentos grandes e uma elevada presença de fragmentos com arestas vivas sendo que cremos que este contexto se encontra fragmentado mas bem preservado e que esta fragmentação é antiga (arqueológica).

5) A A29 possui bastantes fragmentos grandes e uma elevada presença de fragmentos com arestas roladas sendo que cremos que esta associação de estratos revela contextos mal preservados.

Tendo em conta que a A29 é composta pelas camadas 0 e superficiais, o mau estado de conservação das arestas pode ser sinal de fortes revolvimentos e deterioração relacionada com o meio ambiente (chuvas, insolação).

6) De todos os contextos analisados, apenas a A26 revela uma baixa presença de fragmentos de grande dimensão sendo que concluímos que a maioria dos estratos revelam uma boa preservação, provavelmente, aliada à última ocupação do sítio que apenas foi destruída pela intempérie e pela agricultura.

d) Tratamentos de superfície

A análise dos tratamentos de superfície foi realizada a 6 contextos, a saber: A28 (Est. CCCXXXVI), A29 (Est. CCCXXXVII), c. 1 (Est. CCCXXXVIII), A16 (Est. CCCXXXIX), A26 (Est. CCCXL) e c. 1a (Est. CCCXLI).

A análise dos tratamentos de superfície permitiu as seguintes conclusões.

- Os tratamentos de superfície dominantes no conjunto cerâmico da fase III-3 (estampa CCCXXXV) são: na superfície externa, os polidos (31 %), alisados (26 %) e rugosos (16 %) e; na superfície interna, polidos (42 %) e alisados (35 %).
- Nos tratamentos de superfície externa a maioria dos contextos está em de acordo com os resultados gerais da fase III-3 onde os polidos, seguidos dos alisados, são dominantes. Em 4 dos 6 contextos o tratamento de superfície dominante é o polido no entanto na A28 e A16, os tratamentos de superfície dominantes são o alisado e o rugoso, respectivamente. Nos tratamentos de superfície interna, 4 dos 6 contextos possuem o polido como tratamento de superfície dominante no entanto na A28 e camada 1a o tratamento de superfície dominante é o alisado. Obviamente, os resultados da totalidade da fase III-3 seguem aqueles da maioria dos contextos sendo que os tratamentos de superfície externos e internos dominantes são os polidos. Concluímos que os contextos mais discordantes ao nível da análise geral observada na estampa CCCXXXV são as A28, A16 e camada 1a.
- A análise individual dos contextos revela a presença dominante das seguintes associações de tratamentos de superfície (ordenadas por ordem decrescente): Pol/Pol; Ali/Ali; Pol/Ali; Rug/Pol e Ali/Pol. Os dados apresentados são o resultado de uma análise ponderada das conjugações predominantes nos contextos. Como podemos constatar, através da observação da estampa CCCXXXV, os dados apresentados não são totalmente concordantes com os dados observados na

totalidade da fase III-3. cremos no entanto, que a ordem proposta é mais relevante do que aquela sugerida pela análise da totalidade do conjunto, que é a seguinte: Pol/Pol; Ali/Ali; Pol/Ali e Ali/Pol.

Podemos também observar o seguinte.

1) Nos contextos A28, A16 e A26 a conjugação de superfície dominante, bem como a hierarquia das conjugações, é discordante da análise geral, sendo que não é Pol/Pol. As A28 e A16 já eram discordantes na análise individual dos tratamentos de superfície externa (e interna no caso da A28) no entanto a A26 apenas revela a sua discordância na hierarquia de conjugações.

2) As hierarquias de conjugações de tratamento de superfície obtidas nos diferentes contextos diferem daquela acima descrita. As camadas 1, 1a e a A29 possuem uma hierarquia semelhante à totalidade da fase III-3, ainda que não apresente uma quantidade significativa da conjugação Nf/Nf (que ocorre em 14 % dos fragmentos da totalidade da fase III-3).

3) Os contextos analisados são muito díspares e só foi possível criar um grupo com três contextos sendo que os restantes se encontram isolados. Deste modo o grupo é constituído pelas camadas 1 e 1a e A29, onde a conjugação dominante é a Pol/Pol, seguida da Ali/Ali e Pol/Ali. As A28, A16 e A26 possuem cada uma sua hierarquia diferente uma das outras.

4) Todos os contextos apresentam uma concordância entre a análise geral dos tratamentos de superfície e as conjugações dominantes. Deste modo, por exemplo, um contexto com uma maioria de tratamentos de superfície externos polidos revela uma conjugação dominante Pol/Pol ou Pol/Ali e um contexto com uma maioria de tratamentos de superfície externos alisados revela uma conjugação dominante de tipo Ali/Ali. Este factor nem sempre ocorre, tal como podemos observar nos contextos integrados na fase III-2.

cremos que os resultados obtidos para a totalidade do conjunto da fase III-3 são artificiais e pouco reveladores da diversidade que pode ser encontrada em cada fase. No entanto, ao contrário do observado na fase III-2, os contextos que se aproximam da totalidade do conjunto da fase III-3 são aqueles com maior número de fragmentos e por isso a totalidade da fase III-3 reflecte, aqui, uma tendência geral do conjunto. cremos, no entanto e como já foi referido, que a importância deste tipo de estudos de materiais jaz na análise individualizada dos contextos e na constituição de grupos semelhantes entre si.

Após a análise integrada dos tratamentos de superfície por contexto segue-se a análise dos tratamentos de superfície por pasta na totalidade da fase III-3. O método analítico já foi explicada para as fases II, III-1 e III-2 no entanto relembramos aqui o essencial. No método 1 em cada pasta os tratamentos de superfície presentes sendo que cada pasta possui x fragmentos de y tratamento de

superfície. No método 2 avalia-se em cada tratamento as pastas presentes sendo que cada tratamento de superfície possui X fragmentos de Y pasta.

Deste modo, observamos o seguinte.

– Através do método 1: *as superfícies externas polidas* ocorrem em todas as pastas presentes no conjunto da fase III-3, à exceção da IV (tal como ocorre na fase III-2). Este tipo de tratamento de superfície ocorre – com grande presença – nas pastas II (100 % dos seus fragmentos), V (83 %), I (49 %), VII (37 %), X (36 %) e III (33 %). Nestas pastas o tratamento de superfície polido é predominante. Através do método 2, as pastas mais relevantes no tratamento de superfície polido são a I, III e X com 27, 21 e 20 % de fragmentos, respectivamente.

– Através do método 1: *as superfícies externas alisadas* ocorrem em todas as pastas presentes no conjunto da fase III-3, à exceção da II (tal como ocorre na fase III-2). Este tipo de tratamento de superfície ocorre – com grande presença – nas pastas XI (56 % dos seus fragmentos), IX (50 %), IV (40 %), XII (32 %) e III (30 %). Através do método 2: as pastas mais relevantes no tratamento de superfície alisado são a III, X, VI, I e VIII com 24, 17, 15, 14 e 13 % de fragmentos, respectivamente. É de notar que as pastas III, VI e VIII apresentam diversos tipos de tratamentos de superfície e que estes se distribuem de um modo bastante homogêneo, principalmente na pasta VIII (tal como ocorre na fase III-2).

– Através do método 1: *as superfícies externas rugosas* ocorrem em 6 das 12 pastas (I, III, VI, VII, VIII e XII) presentes na fase III-3. Este tipo de tratamento de superfície ocorre – com grande presença – nas pastas VI, VIII e XII com 44, 33 e 26 % dos seus fragmentos, respectivamente. Através do método 2: as pastas mais relevantes no tratamento de superfície rugoso são as VI, VIII e III com 52, 27 e 11 % dos fragmentos na totalidade.

– *As superfícies externas areadas* ocorrem nas pastas VIII e VI, no entanto apenas 1 e 0,25 % dos fragmentos respectivos possuem superfícies externas areadas. Concluimos que este tratamento de superfície é pouco utilizado mas quando tal acontece, ocorre unicamente em recipientes realizados com estas duas pastas, tal como já tinha sido observado na fase III-2.

– Através do método 1: *as superfícies externas cepilhadas* ocorrem em 5 das 12 pastas (I, III, VI, VIII e XII) presentes na fase III-3. Este tipo de tratamento de superfície ocorre com as seguintes percentagens: 1, 4, 2, 5 e 2 %, respectivamente sendo considerado minoritário em todas as pastas. Através do método 2: as pastas mais relevantes no tratamento de superfície cepilhado são as III, VIII e VI, com 41, 33 e 15 %, respectivamente. Este tratamento de superfície é pouco utilizado, tal

como acontece com o areado, mas quando ocorre é evidente a sua utilização em recipientes de pasta III e VIII.

– Através do método 1: *as superfícies externas espatuladas* ocorrem em 5 das 12 pastas (I, III, VI, VIII e XII) presentes na fase III-3. Este tipo de tratamento de superfície ocorre com as seguintes percentagens: 1, 5, 7 e 2 %, respectivamente sendo considerado minoritário em todas as pastas. Através do método 2: as pastas mais relevantes no tratamento de superfície cepilhado são as VI, III e VIII, com 48, 36 e 9 %, respectivamente. Este tratamento de superfície é pouco utilizado, tal como acontece com o areado e cepilhado, mas quando ocorre é evidente a sua utilização em recipientes de pasta VI e III.

– Tal como já foi referido determinado tipo de tratamento de superfície não é exclusivo de determinado tipo de pasta no entanto determinada pasta pode ter tendência a usar determinado tipo de tratamento de superfície. O tipo de tratamento de superfície polido (na superfície externa) ocorre preferencialmente nas pastas I e III, apesar de estar presente em muitas outras pastas e em algumas em maioria. O tipo de tratamento de superfície alisado ocorre, preferencialmente, nas pastas III e X, o rugoso e areado nas pastas VI e VIII, o cepilhado nas pastas III e VIII, o espatulado nas pastas VI e III e, por último, o brunido na pasta I. Como se pode observar, as pastas I, III e X são as preferidas para os polidos ou alisados e as pastas VI e VIII são aquelas onde ocorrem mais tratamentos de superfície “alternativos”: rugosos, areados, espatulados e cepilhados.

– As pastas II, IV, V, VII, IX, XI e XII não revelam preferências específicas quer porque se encontram mal caracterizadas nesta ocupação quer devido à sua própria natureza. Cremos que as pastas se encontram deficientemente caracterizadas sendo que as hipóteses interpretativas de seguida apresentadas devem ser lidas com a devida cautela (e comparando os resultados com aqueles de fases anteriores). Todas as pastas à excepção da XII se encontram no grupo de preferência dos polidos e alisados; nas pastas II, V e VII, ocorrem, preferencialmente polidos e nas pastas IV, IX e XI ocorrem, preferencialmente alisados. Na pasta XII encontram-se bem presentes os rugosos, alisados e cepilhados. Deste modo as pastas III, VI e VIII são as mais versáteis seguidas das pastas I, VII, X e XII. As pastas II, IV, V, IX e XI são aquelas que se apresentam mais monótonas mas são também aquelas com menor número de exemplares, factor que pode influenciar os resultados estatísticos.

– As pastas que apresentam maior quantidade de fragmentos com as superfícies corroídas são a VII, X, IX, I, XI e III, com 35, 34, 33, 21, 18 e 17 % respectivamente. Na totalidade das superfícies corroídas são as pastas X, I e III que mais contribuem para o número de superfícies corroídas sendo que estas pastas possuem, também, um número considerável de fragmentos (que pode potenciar os

resultados). No entanto, outras pastas possuem um número elevado de fragmentos, como as pastas VI e VIII, sem apresentarem um número muito elevado de superfícies corroídas. Deste modo, cremos que as pastas X, VII, I, IV, IX e XI (apresentadas por ordem decrescente) são aquelas que apresentam maior presença de fragmentos corroídos e maior tendência para possuírem os mesmos devido às suas características inerentes.

– Tal como realizado na fase III-1, agrupamos os contextos consoante o seu grau de semelhança relativa aos tratamentos de superfície rugoso, areado e cepilhado e obtivemos os seguintes resultados: 1) os contextos A16, A26, A29 e A28 são aqueles com maior presença de rugosos externos, com 24, 19, 18, 17 %, respectivamente; 2) os contextos A29 e camada 1 são aqueles com presença de areados externos, ainda que com baixa representatividade, 0,34 e 0,32 %, respectivamente; 3) os contextos A16, A29 e camada 1 são aqueles com maior presença de cepilhados externos, com 4, 3 e 2 %, respectivamente; 4) os contextos com maior quantidade deste tipo de tratamentos de superfície são A16, A29 e A26, com 28, 22 e 20 %, respectivamente; 5) os contextos A29 e c. 1 são os únicos que apresentam os três tipos de tratamentos de superfície (rugoso, cepilhado ou areado) e 6) concluímos que se destacam os contextos A29, c.1 e A16.

e) Diversidade da cor nos fragmentos / Tipos de cozedura / Uso e deposição

A análise da diversidade de cor foi realizada aos seis contextos integrados na fase III-3 (A28, A29, A16, A26, camadas 1 e 1a) com base nas estampas CCCXLII a CCCLX. A análise dos tipos de cor baseada na avaliação dos nove pontos já descritos sendo que os contextos são agrupados consoante as suas semelhanças.

Com base na avaliação dos pontos 1, 2 e 3 podemos dizer o seguinte.

– Todos os Lxs. que constituem a fase III-3 possuem uma maioria de fragmentos com cerne negro, sendo que organizados da menor para a maior percentagem temos: A16 (49 %), A29, c. 1, A26 (53 %), A28 (55 %) e c. 1a (61 %).

– Na hierarquia de cores presente nos cernes obtivemos os seguintes resultados: 1) à excepção da A28, todos os contextos possuem uma hierarquia P, C, VE – 1º, 2º e 3º lugar respectivamente – e 2) a A28 é o único contexto verdadeiramente discrepante no entanto optamos por criar dois grupos de contexto. Os dois grupos distinguem-se pela maior ou menor presença do tipo VE. Sabemos que estes grupos são muito semelhantes e que se a fase III-3 fosse constituída por um número maior de contextos, estes seriam agrupados em conjunto. No entanto, cremos numa necessidade de subdividir

os dados de forma a permitir uma melhor compreensão dos mesmos, ainda que corramos o risco de sermos demasiado pormenorizados.

- O 1º grupo é constituído pelas camadas 1 e A26, com a hierarquia P, C, VE sendo que o tipo P tem o valor de 53 %, o tipo C está compreendido entre 19 e 25 % e o tipo VE entre 17 e 19 %.
- O 2º grupo é constituído pela A29, A16 e camada 1a, possui a hierarquia P, C, VE sendo que o tipo P está compreendido entre 49 e 61 %, o tipo C entre 19 e 21 % e o tipo VE entre 14 e 15 %.
- Como já foi referido a A28 encontra-se isolada, com uma hierarquia P, VE, C, com os valores 55, 21 e 14 %, respectivamente.
- Os resultados apresentados para a totalidade da fase III-3 reflectem os resultados da maioria dos contextos, sendo que estes resultados são uma média grosseira.

A avaliação dos restantes tipos de cores presentes nos cernes – ou aqueles com menor representatividade, ponto 8 – revela o seguinte:

- Um determinado contexto possui um determinado tipo de cor minoritário no cerne (por exemplo o tipo VC com 1 %), sendo que os outros tipos de cor vão apresentar-se de modo mais significativo (por exemplo o tipo B com 4 %). Noutro contexto o equilíbrio entre os tipos de cores pode ser diferente, por exemplo o tipo B ser mais significativo que o tipo VC. O que queremos dizer é que existe uma relação causal entre os vários tipos de cor, quando uns aumentam os outros diminuem mas também queremos explicar o seguinte:
- Na análise geral, o tipo de cor VC é o que menos ocorre nos cernes – 0,5 a 7 % – sendo que nas superfícies externas a sua máxima presença é de 11 %. Ora, 7 % é uma presença significativa no entanto apenas ocorre uma vez e num contexto (A16) em que os cernes minoritários são os de tipo A (4 %) e B (6 %). De seguida, quando o tipo VC não ocorre como minoritário, é substituído pelo A, com uma presença entre 1 e 4 %. Como podemos observar a presença do tipo A até é inferior, em número, à do tipo VC no entanto a maioria dos contextos possui um número mais elevado de cernes de tipo A do que de tipo VC. Este é o factor que queremos valorizar pois acreditamos numa relação entre os tipos de cor. O tipo de cor A está sempre muito presente nas superfícies dos fragmentos, 8 a 15 % nas superfícies internas e 14 a 18 % nas externas. O tipo de cor B é o que mais ocorre destes três tipos de cor minoritários – VC, A e B – ainda que com pouca representatividade nas superfícies. É de notar que esta hierarquia VC, A, B já estava presente na fase III-2 da PIL. O tipo de cor B ocorre 1 a 6 % nos cernes, 0 a 5 % nas superfícies internas e 0 a 3 % nas superfícies externas. É de notar, também, que este tipo de cor possui sempre uma baixa representatividade nas superfícies. Como já foi referido cremos que a “boa” representatividade

deste tipo de cor nos cernes e a sua “baixa” representatividade nas superfícies está relacionada com as cerâmicas de cor escura ou negra e com a sua cozedura.

– Os contextos foram agrupados em três pequenos grupos que não coincidem com os grupos resultantes da análise dos pontos 1, 2 e 3. A A28 já não se encontra isolada e os restantes contextos agrupam-se de forma diferente.

– O *grupo 1* é constituído pelos contextos A29 e camada 1, com a hierarquia VC, A, B. O tipo de cor que menos ocorre nos cernes é o VC, seguido do A e B, no entanto na camada 1 é o B e na A29 é o A. cremos que tal não é muito significativo pois a presença dos tipos A e B nas superfícies é semelhante em todos os contextos integrados no grupo.

– O *grupo 2* é constituído pelos contextos A28 e camada 1a, com a hierarquia A, VC, B. cremos que o 2º grupo se integra mais facilmente no 1º grupo, porque damos importância à cadência VC, A, B.

– O *grupo 3* é constituído pelos contextos A16 e A26, com a hierarquia A, B, VC.

A análise das cores presentes nos recipientes relacionados com a ocupação da Idade do Ferro (ponto 7) permitiu concluir o seguinte.

– Quase todos os contextos analisados possuem recipientes com uma maioria de cernes com cor de tipo P sendo a exceção a A16.

– Os tipos de cores presentes nas superfícies dos recipientes distribuem-se maioritariamente pelos tipos P, C e VE sendo que foram agrupados em três conjuntos. O *1º grupo* é constituído pelos contextos A26, c. 1a e A29 com uma maioria de superfícies internas e externas de tipos de cores P, C e VE. O *2º grupo* é constituído pelos contextos A28, c. 1 e A16 com uma maioria de superfícies com tipos de cores VE e C, sendo que na A16 observamos, também, uma forte presença dos tipos A e B.

– É de notar a presença de conjuntos com cores mais claras (C e VE) e conjuntos com cores mais escuras (P e C) sendo que cremos importante a diferença de coloração nos conjuntos estudados.

– Os grupos resultantes da análise dos recipientes não são concordantes com aqueles obtidos na análise dos fragmentos (pontos 1, 2, 3 e 8).

A avaliação das conjugações de cores e sua hierarquia por contexto (ponto 4) permitiu as conclusões que expomos de seguida.

– É notória a prevalência de conjugações que integram os tipos C e VE, sendo que as conjugações que integrem o tipo P nas superfícies são menos visíveis (dentro dos quatro primeiro lugares estipulados).

– Os contextos foram agrupados em dois conjuntos. O *grupo 1* é constituído pelos contextos A28, A16 e A26 e possui uma maioria das seguintes conjugações: VE-P-VE, VE-VE-VE, P-P-P e C-C-C. O *grupo 2* é constituído pelos contextos A29 e camadas 1 e 1a e possui uma maioria das seguintes conjugações: C-C-C, C-P-C, VE-VE-VE e P-P-P.

– nenhum dos dois grupos se assemelha totalmente a grupos resultantes das análises já realizadas. Existem alguns aspectos semelhantes mas nunca de forma a que se possa afirmar que determinado grupo de contextos é homogéneo em todas as análises realizadas.

Para completar a avaliação dos tipos de cores presentes nos recipientes – bem como a descoloração sofrida pelos fragmentos cerâmicos – são avaliados os tipos de cores presentes nas superfícies dos fragmentos de cernes negro (ponto 5). A análise permitiu as seguintes conclusões:

– os resultados das avaliações dos pontos 1, 2, 3 e 7 são “afinados” pelos resultados da avaliação do ponto 5. Desta forma, é possível integrar os resultados dos vários pontos e criar grupos mais homogéneos entre si, mais coerentes e dos quais possuímos uma nova e mais completa compreensão. Deste modo podemos dizer o seguinte:

– Os contextos *A29 e as camadas 1 e 1a* possuem uma maioria de fragmentos de cernes de tipo P com superfícies externas da mesma coloração e internas de tipo C. Este grupo não coincide com os grupos criados a partir da avaliação dos pontos 1, 2 e 3, no entanto é de notar que os grupos criados através da análise dos pontos 1, 2 e 3 são uma tentativa nossa de agrupamento sem que as características dos grupos sejam totalmente exclusivas. No entanto os contextos A29, c. 1 e c. 1a são semelhantes no ponto de avaliação 7 sendo que agora esses resultados são afirmados. Todos estes contextos possuem um conjunto cerâmico tendencialmente de coloração escura, com prevalência das colorações de tipo P e C. A camada 1 revela-se como o contexto onde as cerâmicas de cerne de coloração VE são mais numerosas mas não ainda o suficiente para serem maioritárias e mais presentes que aquelas de tipo P ou C.

– Os contextos *A16 e A26* possuem uma maioria de fragmentos de cernes de tipo P com superfícies externas e internas do mesmo tipo. No entanto o “peso” da coloração de tipo C é baixo e nota-se uma crescente importância dos tipos VE e A. Nos recipientes é evidente a importância de colorações mais claras ainda que nos cernes estes contextos integrem o mesmo grupo dos anteriores, com uma hierarquia de colorações de cernes P, C, VE.

– O contexto *A28* encontra-se isolado, tal como ocorre na avaliação dos pontos 1, 2 e 3, resultado este parcialmente contraditório com a avaliação do ponto 7. Este contexto possui uma maioria de fragmentos de cernes de tipo P, com uma presença significativa de cernes de tipo VE, onde é evidente a presença de fragmentos de cerne de tipo P com superfícies externas de tipo VE. É notória

a importância da coloração de tipo VE, mais evidente do que nos contextos A16 e A26 ainda que no ponto 7 estes três contextos integrem um mesmo grupo. No entanto cremos que a A28 deve ser isolada e percebida como um contexto discrepante dos restantes onde é evidente algumas diferenças importantes.

Se analisarmos os grupos obtidos nos pontos 1, 2 e 3 através do factor de avaliação do ponto 5 – coloração das superfícies dos fragmentos de cerne negro – concluímos o seguinte.

– O complexo (A28) com uma hierarquia maioritária de P, VE, C (pontos 1, 2 e 3) onde é revelado a importância dos cernes vermelhos-escuros possui uma presença (percentagem) mais elevada de fragmentos de cerne negro (tipo P) com colorações claras/“coloridas” nas superfícies. Este factor ocorre na fase III-2 da PIL e, deste modo, entendemos que ele é conclusivo. Quer dizer, um contexto que possui uma elevada presença de fragmentos com cernes de tipo VE, possui também fragmentos com superfícies de tipo VE ainda que estes possam não possuir cernes desta mesma cor. O que aqui é medido é uma tendência geral do conjunto porque as colorações dos fragmentos cerâmicos são muito inconstantes, fruto de cozeduras deficitárias.

– Os restantes contextos são bastantes semelhantes entre si, possuem todos uma hierarquia de cernes maioritária P, C, VE, onde se revela a importância dos cernes enegrecidos, sendo que as diferenças apontadas são estatisticamente pouco relevantes. Optamos por uma avaliação da cor pormenorizado pois não sabemos distinguir o que é ou não relevante e por isso cremos que uma avaliação mais pormenorizada permitirá conclusões mais acertadas.

Este factor de avaliação (ponto 5) mede a coloração das superfícies de fragmentos de cerne de tipo P sendo que as diferenças de coloração podem ser o resultado de uma descoloração das superfícies externas (fruto da utilização e deposição) ou ser o resultado da cozedura e as cerâmicas possuem ainda a sua coloração original. Deste modo, os grupos formados podem reflectir diferentes tipos de cozedura, utilizações ou deposições. Como não sabemos distinguir no conjunto cerâmico quais os fragmentos que revelam uma ou outra razão de descoloração, optamos por avaliar os contextos consoante as presenças (percentagens) de fragmentos de cerne de tipo P com superfícies de tipo C e fragmentos de cerne de tipo C com superfícies de tipo P (ponto 6). O ponto de avaliação 6 analisa, unicamente, os fragmentos de colorações escuras e suas descolorações, permitindo perceber se num dado contexto ocorre, ou não, uma descoloração dos fragmentos de cerne de tipo P.

Ordenamos os contextos consoante o resultado do índice usado (C Ps/P Cs) e por ordem decrescente (dos mais descolorado para o menos descolorado): c. 1a (índice = 0,13), c. 1 (0,21), A29 (0,29), A28 (0,42), A16 (0,44) e A26 (0,73).

Podemos observar que as camadas 1, 1a e a A29 sofreram uma forte descoloração, apontada pela elevada presença de P Cs e baixa presença de C Ps. O que quer dizer que muitos fragmentos de cerne negro apresentam superfícies castanhas e que os fragmentos de cerne castanho com superfícies negras são diminutos, sendo que são estes que balizam os resultados. Numa situação ideal a presença de C Ps deveria ser próxima à de P Cs porque não existem razões para não ser. É de notar que em todos os contextos a presença de cernes negros é muito semelhante (de 49 a 61 %) sendo que as camadas 1, 1a e a A29 apenas revelam uma tendência para os fragmentos possuírem superfícies de colorações de tipo P ou C. cremos que nestes contextos a descoloração dos fragmentos de cerne negro é maior pois nos outros contextos a coloração dos cernes é semelhante, as das superfícies é que é diferente.

A A28, apesar de ser o contexto com maior presença de fragmentos cerâmicos de cerne ou superfícies de coloração VE, apresenta ainda uma relativa descoloração dos fragmentos de cerne negro. É possível que os fragmentos de outras colorações também tenham sofrido descolorações no entanto, tal não foi medido. cremos que quando um contexto é descolorado, é descolorado no geral e esta análise é apenas um indicador. Deste modo, a A28 revela uma descoloração evidente dos fragmentos de cerne negro apesar das características inerentes a este contexto e já apontadas.

As A16 e A26 revelam o menor índice de descoloração apesar de serem contextos onde a presença de fragmentos de cerne e superfícies de coloração de tipo P é evidente. Deste modo é visível que contextos com presenças aproximadas de fragmentos de cerne de tipo P possuem descolorações dos mesmos diferenciadas.

As conclusões obtidas na análise do ponto 6 da fase III-3 são muito semelhantes aquelas obtidas na mesma análise da fase III-2, na PIL. Concluimos que a descoloração de fragmentos de cerne negro está presente em todos os contextos embora seja mais evidente nuns do que noutros. cremos que todos os fragmentos se encontrem descolorados sendo mais fácil a detecção desta situação nos fragmentos de cerne negro. Os contextos considerados menos descolorados são aqueles com maior presença de fragmentos com superfícies de colorações mais claras. cremos que tal pode indicar que um contexto com cerâmicas tendencialmente mais escuras poderá sofrer uma descoloração mais forte nas mesmas condições pós-deposicionais de outros contextos. Supomos que os conjuntos cerâmicos são originalmente de várias tonalidades, onde podemos encontrar uns tendencialmente mais escuros ou enegrecidos e uns mais claros ou mais vermelhos sendo que a

descoloração dos contextos pode, e deve, estar relacionada com as características das cerâmicas e dos factores de utilização e pós-deposicionais.

Por último, apresentamos os resultados da avaliação do ponto 9, do qual já descrevemos anteriormente a forma de análise e a sua importância. Desta avaliação concluímos o seguinte:

– Nos contextos analisados a presença de conjugações de cores concordantes está compreendida entre 31 e 37 % e a diversidade de conjugações de cor (medida no valor “Outros” - ver estampas – que engloba as conjugações de cor com uma presença inferior a 3 %) está compreendida entre 28 e 40 %. Deste modo, *tanto a conservação como a diversidade de cores não são factores maioritários nos conjuntos estudados.*

– A c. 1, a A16 e a c. 1a são os contextos com maior concordância de cor no entanto a A16 é também o contexto com maior diversidade nas conjugações de cor.

– Nos contextos com maior concordância de cor encontramos dois (camadas 1 e 1a) com prevalência de cores escuras e um com prevalência de cores mais claras (A16). No entanto aquele de prevalência de cores mais claras é o que apresenta maior diversidade nas conjugações. Deste modo, *confirmamos a nossa hipótese interpretativa lançada para a fase III-2, na PIL, de que os contextos que contêm cores mais claras poderão ter uma maior presença de diversas conjugações de cor sendo que estas poderão falsear os resultados obtidos e criar ideias de preservação dos estratos erradas.*

– No entanto o contexto que apresenta menor diversidade de conjugações de cores é aquele que apresenta cores mais claras, a A28. Deste modo, a premissa anterior pode ser uma tendência geral mas não é exclusiva.

Se ordenarmos os contextos através dos resultados do índice entre os “Outros”/“Concordância de cores” obtemos a seguinte ordem – do, supostamente, pior preservado para o melhor preservado: A29, A16, A26, c. 1, c. 1a e A28. Como podemos observar estes resultados são discordantes daqueles obtidos na análise da coloração das superfícies dos fragmentos de cerne negro. A A29 é um contexto de coloração escura, tal como as camadas 1 e 1a, ao contrário das A16 e A26, bem como da A28. Esta análise contradiz aquelas até agora realizadas e por isso deve ser olhada com cautela.

– cremos que o índice utilizado, bem como os dois factores de divisão ou análise escolhidos nem sempre funcionam de um modo coerente. Quer dizer, se uma análise confunde mais do que revela, talvez tenha sido construída sobre pressupostos errados. Deste modo, os resultados da análise do

ponto 9 devem ser sempre balizados pelas conclusões gerais e pela formação de grupos de cor, tal como foi realizado.

f) Espessuras presentes nos fragmentos e recipientes / Evolução da espessura das pastas

A análise das espessuras presentes nos fragmentos e recipientes foi realizada a 6 contextos – A28, A29, c. 1, A16, a26 e c. 1a – com base nas estampas CCCLXII a CCCLXIV. O quadro correspondente à totalidade da fase III-3 (estampa CCCLXI) representa a soma de todos os fragmentos presentes nos vários contextos integrados nesta fase. Deste modo, é possível a construção de gráficos de evolução das pastas para quase todas as pastas presentes, sendo a exceção a pasta II. Em alguns contextos não é possível a construção de gráficos de evolução das pastas para algumas delas. Como já foi referido, as pastas cerâmicas possuem comportamentos diferentes dependendo do contexto e os dados da totalidade da fase apenas indicam a tendência global de cada pasta.

A análise das espessuras dos fragmentos presentes nos diferentes contextos permitiu as seguintes observações.

– A *pasta I* está presente em todos os contextos e em todos eles apresenta um número suficiente de fragmentos de modo a possuir uma linha evolutiva (visível no gráfico de evolução das pastas). Na totalidade da fase III-3, os fragmentos de pasta I encontram-se entre as categorias 1 e 7 e uma maioria na cat. 3. Os contextos foram agrupados em 2 conjuntos: 1º) c. 1, A16 e A26 – das espessuras mais finas – e 2º) c. 1a, A28 e A29, das espessuras mais grossas.

– A *pasta II* não está presente em todos os contextos e naqueles onde ocorre, não possui um número suficiente de fragmentos para ser possível a construção de uma linha evolutiva. Esta pasta está apenas presente nos contextos A29 e c. 1a. No conjunto destes 2 contextos, os fragmentos de pasta II encontram-se entre as categorias 2 e 3 e uma maioria na cat. 2.

– A *pasta III* está presente em todos os contextos e em todos eles apresenta um número suficiente de fragmentos de modo a possuir uma linha evolutiva. Na totalidade da fase III-3, os fragmentos de pasta III encontram-se entre as categorias 2 e 7 e uma maioria na cat. 4. Os contextos foram agrupados em 2 conjuntos: 1º) c. 1, A16 e A26 – das espessuras mais finas – e 2º) A28, A29, c. 1a, das espessuras mais grossas.

– A *pasta IV* não está presente em todos os contextos e naqueles onde ocorre, não possui um número suficiente de fragmentos para ser possível a construção de uma linha evolutiva. Esta pasta

está presente na A29 e c. 1. No conjunto destes 2 contextos, os fragmentos de pasta IV encontram-se entre as categorias 3 e 4 e uma maioria na cat. 3.

– A *pasta V* não está presente em todos os contextos e naqueles onde ocorre, nem sempre possui um número suficiente de fragmentos para ser possível a construção de uma linha evolutiva. Esta pasta está presente na A28, A29 e c. 1a, sendo que na A29 apresenta uma linha evolutiva. Neste contexto, os fragmentos de pasta V encontram-se entre as categorias 4 e 6, uma maioria na cat. 4, sendo esta linha evolutiva semelhante à da totalidade dos fragmentos desta pasta.

– A *pasta VI* encontra-se presente em todos os contextos sendo o seu comportamento semelhante em todos eles. É uma pasta com características de espessura medianas sendo que na c. 1a encontramos uma linha evolutiva de espessuras mais grossas. Na totalidade da fase III-3, os fragmentos de pasta VI encontram-se entre as categorias 2 e 7 e uma maioria na cat. 4.

– A *pasta VII* encontra-se em todos os contextos no entanto na A26 não possui um número suficiente de fragmentos para ser possível a construção de uma linha evolutiva. Os contextos podem ser agrupados em dois conjuntos. O 1º grupo integra os contextos A16 e A28 e diz respeito aos contextos com fragmentos de menores espessuras (dentro do global) e o 2º grupo integra os contextos A29, c. 1 e c. 1a e diz respeito aos contextos com fragmentos de maiores espessuras. Na totalidade da fase III-3, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 8 com uma maioria na cat. 5.

– A *pasta VIII* encontra-se presente em todos os contextos no entanto nas A16 e A26 não possui um número suficiente de fragmentos para ser possível a construção de uma linha evolutiva. Os contextos A28 e c. 1a dizem respeito às espessuras mais finas e a A29 e c. 1 dizem respeito às espessuras mais grossas. Na totalidade da fase III-3, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 7 com uma maioria na cat. 3, sendo esta linha evolutiva semelhante à da c. 1.

– A *pasta IX* não ocorre em todos os contextos e naqueles onde ocorre nem sempre apresenta um número significativo de fragmentos. Está ausente da A16, possui fragmentos isolados nas camadas 1, 1a, A26 e A28 restando a A29 com uma linha evolutiva. É de notar que a linha evolutiva da A29 não é semelhante àquela da totalidade da fase III-3. Na totalidade da fase III-3, os fragmentos encontram-se entre as categorias 3 e 7, com uma maioria na cat. 3 e uma ausência da cat. 6.

– A *pasta X* está presente em todos os contextos e apenas na A26 ocorre com um número reduzido de fragmentos sendo que não é possível constituir uma linha evolutiva neste contexto. Os contextos foram agrupados em 2 conjuntos: o 1º grupo é constituído pela A16 e c. 1 – diz respeito às espessuras mais finas – e o 2º grupo é constituído pelas A28, A29 e c. 1a e diz respeito às

espessuras mais grossas. Na totalidade da fase III-3, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 7 com uma maioria na cat. 4.

– A *pasta XI* está ausente em 3 dos 6 contextos, sendo estes a A29, c. 1 e c. 1a. Possui um número reduzido de fragmentos na A29 e c. 1a e uma linha evolutiva na c. 1, que não é totalmente coincidente com a geral. Na totalidade da fase III-3, os fragmentos encontram-se entre as categorias 4 e 11 com uma maioria na categoria 5 e uma ausência na categoria 8.

– A *pasta XII* encontra-se ausente na A16, possui um número reduzido de fragmentos na A28 e c. 1 e possui linhas evolutivas nas A29, A26 e c. 1a. Nenhuma destas linhas evolutivas é semelhante totalmente à da totalidade da fase III-3, sendo que a A26 é o contexto com as espessuras mais finas e a A29 com as espessuras mais grossas. Na totalidade da fase III-3, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 7 com uma maioria na categoria 4.

Tendo em conta a análise descrita acima, podemos observar o seguinte.

1) Tal como foi referido para a fase III-2, na PIL, é possível agrupar os contextos se tivermos em conta apenas as características de uma pasta ou no máximo três. No entanto os agrupamentos tornam-se impossíveis se tivermos em conta todas as pastas ou mesmo só aquelas relacionadas com a ocupação da Idade do Ferro. Deste modo os grupos de semelhança são sempre muito deficitários sendo que são meros indicadores de algumas semelhanças.

2) As A16, A26 e c. 1 são semelhantes no comportamento das pastas I, II, III, IV, V e VI, sendo que a A16 se agrupa com a A28 nas semelhanças das pastas II, VI e VII. Estes 3 contextos são também genericamente semelhantes nas pastas IX e X.

3) As c. 1a, A29 e A28 são semelhantes no comportamento das pastas I, III e X, sendo as c. 1a e A29 semelhantes no comportamento das pastas II, VII e XI e a A28 e c. 1a no comportamento da pasta VIII.

4) Como pode ser observado o agrupamento dos contextos, com base em todas as pastas, é muito difícil e, neste caso, revela apenas uma tendência para os contextos A16, A26 e c.1 serem mais semelhantes entre si e os contextos c. 1a, a29 e A28 serem também mais semelhantes entre si e diferentes dos anteriores (ainda que essa diferença não seja assim tão marcada).

5) Após a análise das características das espessuras dos fragmentos de cada tipo de pasta – presentes em todos os contextos – podemos supor que: 1) as pastas I, VIII e IX são usadas no fabrico de recipientes de paredes muito finas (cats. 1 e 2) e finas (cats. 3 e 4); 2) as pastas III, V, VI, X e XII são usadas no fabrico de recipientes de paredes medianas (cats. 4 e 5) e 3) as pastas VII e XII são usadas no fabrico de recipientes de paredes com espessuras grossas ou muito grossas, > a 5.

6) Podemos observar nas tabelas dos recipientes relativas a cada contexto e suas pastas, que as espessuras das pastas nos recipientes (bordos e bases) não segue uma linha evolutiva e o pico de espessuras é geralmente diferente daquele obtido na totalidade dos fragmentos da pasta estudada. Como já foi observado nas fases anteriores, na PIL, as espessuras dos fragmentos sem forma e dos bordos e bases não são concordantes sendo que na generalidade podemos observar uma maior espessura dos bordos e bases.

7) À exceção da pasta VIII, nenhuma pasta possui uma curva evolutiva de recipientes na análise da totalidade da fase III-3, tal como ocorre nas fases III-1 e III-2, na PIL. Quer dizer que, as espessuras das pastas nos recipientes não possuem “picos” nem crescem gradualmente. Tal como já foi referido, cremos que as espessuras presentes nos bordos e bases dos recipientes não possuem uma lógica de espessura, não revelam uma tendência geral de uso e são o resultado dos tipos de bordos e bases escolhidos e usados. As espessuras dos recipientes estão relacionadas com as tipologias de forma e tamanho pretendidos pelo/a artesão.

5.5.1.2. Análise morfológica

A análise morfológica do conjunto cerâmico da fase III-3 ponderou todos os bordos, bases e recipientes identificados em cada contexto individual, a saber: A28, A29, c. 1, A16, a26 e c. 1a. Os bordos/recipientes integrados nesta fase são: 1 (est. LXXXIII, 1), 6 (est. LXXVI, 1), 7 (est. LXXX, 4), 10 (est. LXXVI, 7), 13 (est. LXXVI, 2), 15 (est. LXXVI, 3), 19 (est. CXV, 1), 20 (est. LXXVII, 1), 26 (est. LXXVII, 6), 27 (est. LXXVIII, 1), 28 (est. LXXVI, 4), 33 (est. LXXVIII, 6), 35 (est. LXXVIII, 2), 36 (est. LXXVII, 7), 37 (est. LXXVIII, 6), 39 (est. LXXXI, 1), 41 (est. CIII, 3), 43 (est. LXXXII, 2), 44 (est. LXXXI, 2), 45 (est. LXXX, 9), 47 (est. LXXXII, 4), 51 (est. LXXX, 7), 54 (est. XCI, 14), 57 (est. LXXXI, 5), 58 (est. CVIII, 1), 59 (est. LXXX, 8), 62 (est. LXXIX, 3), 63 (est. LXXXIII, 4), 64 (est. CVIII, 8), 65 (est. LXXIX, 1), 66 (est. LXXXI, 6), 70 (est. LXXIX, 5), 79 (est. LXXXV, 14), 80 (est. LXXXIV, 5), 86 (est. XCI, 13), 87 (est. XCI, 17), 91 (est. XCI, 16), 101 (est. XCI, 7), 113 (est. XCIII, 4), 114 (est. XCII, 8), 131 (est. CVIII, 5), 141 (est. XCIII, 1), 148 (est. LXXXVII, 9), 150 (est. LXXXVI, 10), 151 (est. LXXXV, 9), 152, 154 (est. LXXXVII, 3), 156, 158 (est. LXXXIII, 7), 159 (est. LXXXVI, 12), 161 (est. LXXXVII, 8), 165 (est. LXXXVI, 13), 185 (est. LXXXVI, 4), 187 (est. LXXXV, 2), 188, 189, 193 (est. LXXXVII, 2), 195 (est. LXXXVI, 6), 196 (est. LXXXVI, 1), 206 (est. LXXVI, 9), 207 (est. CVIII, 2), 211, 212, 221 (est. XCVI, 2), 226 (est. XCV, 9), 231, 233, 234, 239 (est. XCVI, 6), 243 e 464 e as bases identificadas

são: 1 (est. XCVIII, 9), 3, 4, 5 (est. XCIX, 5), 8, 11, 13 (est. XCIX, 9), 16, 17, 19, 44, 57, 59, 60 (est. XCIX, 17), 64, 65, 68, 69 (est. CI, 3), 70 (est. XCV, 13), 71, 72 (est. C, 4), 73 (est. C, 8), 76 (est. C, 1), 84, 85, 89 (est. XCVIII, 7), 90 (est. CI, 2), 93, 94, 95, 99 (est. C, 5), 102 (est. CI, 10), 103, 104 (est. XCIX, 1), 107, 110 (est. XCIX, 8), 113 (est. XCIX, 3), 114, 116, 120, 123, 124, 136, 137, 140, 143 e 144. .

A análise morfológica efectuada para a fase III-3 teve em conta os seguintes quadros: 1) tipos de recipientes por contexto (est. CCCLXV, Q1); 2) tipos de recipientes e suas pastas na totalidade da fase III-3 (est. CCCLXV, Q2); 3) tipos de recipientes e suas capacidades na totalidade da fase III-3 (est. CCCLXVI, Q1); 4) tipos de bases e seus contextos (est. CCCLXVI, Q2); 5) tipos de bases e respectivos ângulos de parede/pança (est. CCCLXVI, Q3); 6) tipos de recipientes e respectivos tipos de bordos na totalidade da fase III-3 (est. CCCLXVII); 7) tipos de bordos, bases e respectivas pastas na totalidade da fase III-3 (est. CCCLXVIII) e 8) tipos de bordos, bases e respectivas pastas nos contextos analisados; A28 (est. CCCLXIX, Q1), A29 (est. CCCLXIX, Q2), A26 (est. CCCLXIX, Q3), c. 1 (est. CCCLXX, Q1), A16 (est. CCCLXX, Q2) e c. 1a (est. CCCLXX, Q3).

A análise dos recipientes da totalidade do conjunto da fase III-2 (estampas CCCLXV a CCCLXVIII) permitiu as seguintes observações.

– Na totalidade da fase III-3, 37,5 % dos bordos permitiram a reconstituição dos recipientes (27 dos 72 bordos presentes), no entanto cada contexto comporta-se de forma diferente na reconstituição dos seus recipientes. Os contextos foram ordenados por ordem decrescente (daquele com maior percentagem de reconstituições para aquele com menor percentagem de reconstituições): A26 (67 %), A29 (45 %), A16 (38 %), c. 1a (30 %), c. 1 (25 %) e A28 (20 %). É de notar que alguns contextos com grande número de recipientes identificados (c. 1 e A29) possuem uma percentagem baixa de reconstituição (sobretudo a camada 1). Este facto pode estar relacionado com uma má conservação do estrato que se revela numa excessiva fragmentação dos recipientes, sendo a reconstituição dos mesmos, difícil. No entanto, é preciso cautela na leitura dos dados, pois um contexto que possua 4 bordos e 2 permitiam reconstituição, possui logo 50 % de reconstituição estando em vantagem em relação aos contextos que possuem um número muito superior de bordos. Idealmente os estudos estatísticos deveriam ser realizados com conjuntos que possuíssem quantidades semelhantes de fragmentos cerâmicos, bordos e recipientes, no entanto tal não acontece. Gostaríamos a penas de frisar que muitas das diferenças podem ser fruto do acaso e não de características inerentes aos estratos.

– Na totalidade da fase III-3 os tipos de recipientes com maior presença são: *8b* (22 %), *6a* e *9a* (11 % cada) e *3b*, *3c*, *5a*, *6b* e *8a* (7 % cada, equivalente a 2 recipientes para cada tipo). Os restantes tipos de recipientes (*1b*, *2c*, *4b*, *7a*, *19B*) apresentam presenças inferiores a 4 %, equivalente a um recipiente para cada tipo. Os comportamentos dos recipientes identificados nos contextos não são concordantes com os resultados obtidos para a totalidade da fase III-3. Os contextos, individualmente, não apresentam todos estes tipos de formas e as suas presenças têm pesos diferentes daquela da totalidade. O tipo de forma *8b* não é maioritário em nenhum contexto sendo nos contextos onde ocorre possui as seguintes presenças: 44 % na A29, 33 % na c. 1a e 20 % na c. 1. O tipo de forma *6a* possui as seguintes presenças: 33 % na c. 1a, 20 % na c. 1 e 11 % na A29 e o tipo de forma *9a* possui as seguintes presenças: 50 % fora dos contextos estudados, 25 % na A26 e 11 % na A29. Não existe nenhum tipo de forma que ocorra em mais de 3 contextos ao mesmo tempo sendo que concluímos que as formas *8b*, *6a* e *9b* são as preferidas sem existir detrimento de uma ou de outras. Os tipos de formas *3b*, *3c*, *5a*, *6b* e *8a* ocorrem sempre em dois contextos diferentes sendo que entendemos que possuem o mesmo “peso” dentro do conjunto estudado.

– Na generalidade, os dados obtidos na análise individual dos contextos está de acordo com aqueles obtidos na totalidade da fase III-3. A exceção à regra é a importância do tipo de forma *8b* na totalidade da fase III-3, que não é identificada na análise individual dos contextos. O que observamos é que na A29 existe um grande número de recipientes de forma *8b* identificados sendo que tal fez exacerbar a sua importância. Gostaríamos de fazer notar que o tipo de forma *8b* é facilmente identificável pois as suas características são exclusivas. Quer dizer, todos os recipientes de colo hiperbólico são identificados como forma *8b*, independentemente do tipo de pança, da altura do recipiente, da relação entre altura e largura, entre outros. Deste modo, este tipo de forma encontra-se em vantagem em relação àquelas outras onde a relação entre altura e largura está mais definida ou daquelas onde se conhece o tipo de pança e a sua inclinação, sendo que a sua identificação é mais evidente e mais fácil, existindo um número maior deste tipo de recipientes identificados.

– Na totalidade da fase III-3, 74 % dos recipientes são de perfil em “S”, 20 dos 27 recipientes identificados. Os recipientes que não possuem perfil em “S” – tipos 1 a 4 – estão presentes em quase todos os contextos, sendo a exceção a camada 1a. Os recipientes que não possuem perfil em “S” correspondem a 100 % na A28, 67 % na A16, 50 % na A26, 20 % na c. 1 e 11 % na A29. Tendo em conta as características dos contextos estudados não conseguimos entender os resultados obtidos. A A28 possui 100 % recipientes que não possuem perfil em “S” mas a A29 (relacionada

estratigraficamente com a anterior) possui apenas 11 %. cremos que esta diversidade nos resultados pode estar relacionada com o número de bordos identificados e reconstituídos em cada contexto individualmente.

– Na generalidade existe uma clara preferência pelos perfis em “S”, com clara incidência nas formas 8b, 6a e 9a e nas formas que não possuem perfil em “S” existe uma incidência nos tipos 3b e 3c. No entanto apenas a A16 possui um recipiente de cada.

A análise formal dos recipientes permitiu as seguintes observações.

– As pastas possuem percentagens de reconstituição diferenciadas sendo que as ordenamos por ordem decrescente: a V (100 % dos bordos permitiram a reconstituição da forma), as III e VIII (42 % de reconstituição em cada pasta indicada), as I e VI (33 %), a VII (25 %) e a XII (0 %).

– No entanto, as pastas mais utilizadas, sendo aquelas com maior número de bordos identificados (e não com maior número de recipientes reconstituídos) são: a III (26 %), a VI (25 %), a VIII (24 %) e a I (17 %). A taxa de reconstituição está muito relacionada com o número de bordos por pasta, uma pasta que possua poucos bordos tem mais probabilidade de possuir uma taxa de reconstituição elevada, que é o que acontece com a pasta V, que só apresenta um recipiente. Deste modo, os resultados devem ser lidos com cautela e sobretudo devem ser tidos em conta quando comparadas pastas com números de recipientes semelhantes, que é o caso das pastas III, VI e VIII (podendo a análise estender-se até à pasta I com alguma cautela).

– Assim, as pastas com maior variedade de recipientes são: a VIII (54 % dos tipos de formas presentes, 7 dos 13 tipos de formas encontram-se representados nesta pasta), a III (46 %, 6 dos 13), a VI (31 % dos recipientes, 4 dos 13) e a I (23 %, 3 dos 13).

– Os tipos de formas *1b*, *2c*, *4b*, *7a* e *19B* só são realizados numa pasta (cada forma na sua pasta) mas também só são representados por um recipiente. Deste modo, não podemos concluir em relação a estas formas algo sobre as suas pastas.

– Das formas que possuem maior número de exemplares (*8b*, *9a* e *6a*), a forma *8b* é aquela que apresenta maior variedade nos tipos de pasta em que é construída (I, VI e VIII), seguida da *9a* (III e VI) e a *6a* (III e VIII).

– Podemos concluir que uma mesma pasta serve a construção de muitos tipos de recipientes no entanto não podemos dizer se um mesmo tipo de recipiente é construído em todas as pastas, devido ao número reduzido de recipientes identificados.

– No entanto podemos dizer que: **1)** as formas que não possuem perfil em “S” ocorrem, preferencialmente, nas pastas III e VI, ocorrendo também nas pastas I, V e VIII e **2)** as formas de perfil em “S” ocorrem, preferencialmente, nas pastas III e VIII, seguidas das VI e I. É de notar que

em todas as pastas se constroem muitos tipos de recipientes, no entanto há uma clara preferência pelas pastas VI e VIII na construção de recipientes de perfil em “S”.

– Se compararmos apenas as pastas III, VI e VIII pois possuem um número semelhante de recipientes (8, 6 e 7 recipientes identificados) veremos que a mais diversa é a VIII, seguida da III e por fim a VI. Tal como ocorre na fase III-2, a pasta VIII é aquela que possui maior número de tipos de recipientes, não sendo no entanto aquela que possui maior número dos mesmos. Tal como há foi descrito, acreditamos que uma maioria de recipientes em determinada pasta determina uma maior probabilidade de variedade formal, tal acontece com a pasta VIII, mas não acontece tão claramente com as pastas III e VI. Se nos recordamos bem, a pasta VIII é aquela que apresenta maior diversidade de tratamentos de superfície, factor que em conjunto com a diversidade encontra nos recipientes pode estar a indicar o carácter polivalente desta pasta, servindo muitos tipos ou géneros de recipientes. Apesar do que foi dito, na generalidade todas as pastas apresentam variedade de tipos de formas e como o número de recipientes é reduzido não conseguimos concluir se há ou não preferências na construção de determinados tipos. Com estes dados concluímos que não existe uma relação causal marcada entre tipos de formas e tipos pastas.

– Como já foi referido, na totalidade da fase III-3, 74 % dos recipientes identificados são de perfil em “S” – tipos 5, 6, 7, 8, e 9 – (20 dos 27 recipientes reconstituídos) sendo 6 (22 %) em pasta VIII, 6 (22 %) em pasta III, 4 (15 %) em pasta VI, 3 (11 %) em pasta I e 1 (4 %) em pasta VII. É evidente em todas as fases da PIL uma maioria inabalável de recipientes de perfil em “S” que indica o seu carácter polivalente. Quer dizer, um recipiente de perfil em “S” serve, com certeza vários propósitos porque a presença de outro tipo de recipientes é tão baixa que não é suficiente para uma marcada funcionalidade dos recipientes.

– Os tipos de recipientes com maior capacidade são o *6a*, *8a* e *9a* (10 a 20 l) e *5a*, *6a* e *9a* (5 a 10 l). O tipo 7 não ocorre em recipientes grandes, tal como acontece nas fases III-1 e III-2 da PIL, no entanto também não estão presentes os subtipos *b* e *d* que revelaram maior capacidade. Os tipos *6a* e *8a* já tinham também revelado as suas características, sendo recipientes, geralmente, de médias/grandes dimensões. Todos os outros recipientes de perfil em “S” presentes (*6b*, *7a* e *8b*) são construídos pequenos ou médios, ainda que ausentes nas capacidades inferiores a 300 ml, à excepção da forma *8b*. Novamente, a forma *8b* revela uma tendência para ser construída em recipientes de pequena capacidade, neste caso até um litro, sendo que na fase III-2 chegou aos 2 litros. Os recipientes de grande capacidade foram construídos, preferencialmente, nas pastas III, VIII e VII e os recipientes de pequena capacidade foram construídos, preferencialmente, nas pastas

I, VI e III. Apesar das características ou escolhas técnicas não serem exclusivas (nem muito marcadas) cremos que existe uma tendência para os recipientes sem serem de perfil em “S” possuírem uma baixa capacidade aliada à manufactura em pastas I e VI. Os recipientes de perfil em “S” possuem capacidades medianas ou grandes, existindo uma preferência do uso de pastas VIII, III e VII. Cremos que tal não é obra do acaso e que as pastas possuem comportamentos diferenciados que condicionam o seu uso. Não existe uma relação evidente entre tipos de formas e tipos de pastas no entanto se conjugarmos tipos de formas, capacidade dos recipientes e tipos de pastas, veremos que algumas pastas possuem determinadas tendências. Observamos que nas pastas I e VI são visíveis os recipientes de pequeno tamanho, sejam eles de perfil em “S” ou não, que na pasta VIII e VII são visíveis os recipientes de grande tamanho e que a pasta III revela grande polivalência quer na capacidade quer no tipo de forma dos recipientes.

– Tal como ocorre na fase III-1, a capacidade dos recipientes identificados aponta para um conjunto onde predominam recipientes de pouca capacidade. Dos recipientes identificados: 1) 70 % dos recipientes possuem uma capacidade até 5 l; 2) 42 % possuem uma capacidade até 2 litros, sendo que os tipos 2 e 1 são aqueles mais usados; 3) os recipientes de capacidade de 0,3 a 1 l são os mais numerosos e 4) 30 % dos recipientes possuem uma capacidade superior a 5 l, sendo que estão equitativamente distribuídos pelos tipos de capacidade 5 e 6. Nesta fase 36 % dos bordos permitiram reconstituição da capacidade, sendo que na PIL, na fase III-2 foram 52 % e na fase III-1 foram 25 %. Em todas as fases os resultados relativos à capacidade dos recipientes são coincidentes, sendo evidente a importância dos recipientes de pequena capacidade. Cremos que tal estará relacionado com o tipo de ocupação e uso dos recipientes no entanto a omnipresença de recipientes de pequena capacidade pode estar relacionada com o registo deficitário dos recipientes de grande tamanho. Tentaremos nas outras zonas do Crasto de Palheiros perceber qual a razão de uma ausência tão marcada de recipientes de grande porte.

– A análise dos tipos de bordo presentes na fase III-3 permite concluir que os tipos de bordo predominantes são o tipo 1 – 25 % – seguido do 4 – 23 % – e que os tipos 2, 3 e 5 são claramente minoritários, com 3, 3, e 4 %, respectivamente. Os bordos de *tipo 1 e 4* estão quase presentes em todos os contextos estudados. Os bordos de *tipo 2* só ocorrem nas camadas 1 e 1a. Os bordos de *tipo 3* em 4 dos 6 contextos (A28, A29, A26 e A16) e por último, os bordos de *tipo 5* ocorrem em quase todos os contextos, sendo a excepção a camada 1a. Podemos observar que nos contextos onde ocorre o *tipo 2*, não ocorre o *tipo 3*, mas não sabemos se tal está relacionado e que o *tipo 5* possui uma importância evidente (apesar do seu baixo número) pois está presente em quase todos os contextos.

– Na PIL, nas fases anteriores não parecia existir uma relação causal entre o tipo de recipiente e o tipo de bordo no entanto temos a dizer o seguinte: 1) os *tipos de bordo 1, 2 e 4* estão relacionados com os recipientes de perfil em “S”; 2) o *tipo de bordo 3* está relacionado com as formas 1 e 2, porque o tipo de bordo define o tipo de forma; 3) o *tipo de bordo 5* está relacionado com as formas 3 e 4 porque, tal como acontece no *tipo de bordo 3*, o tipo de bordo define o tipo de forma; 4) na fase III-3 é maioritário o *tipo de bordo 4* sendo que este se encontra muito presente. Todos os recipientes de tipo 9a possuem *bordos de tipo 4*, 4 dos 5 recipientes de forma 8b e 2 dos 3 recipientes da forma 6a possuem também *bordos de tipo 4*. Deste modo é evidente a importância deste tipo de bordo sem que saibamos se tal é fruto de uma relação causal. O tipo de bordo 1 encontra-se apenas presente em recipientes de perfil em “S” e o *tipo de bordo 2* encontra-se unicamente presente na forma 6a.

– Podemos concluir que na fase III-3 é possível ver algumas relações gerais entre os tipos de bordo e os tipos de recipientes no entanto o número reduzido de recipientes não permite conclusões acertadas. Cremos que as relações encontradas podem estar relacionadas com o número reduzido de recipientes e não serem hipóteses conclusivas. De qualquer modo, é evidente uma boa diversidade de bordos nos recipientes identificados o que indica que não há uma predileção de determinado subtipo de bordo para determinado subtipo de recipiente.

– Se analisarmos o quadro geral de tipos de bordos e bases presentes na fase III-3 (est. CCCLXVIII) encontramos uma preferência pelos: B1 a5 (10 % dos bordos), B1 a6, a7, a9 e B5 a1 (7 %) e por último, B4 a9 (6 %). Podemos observar que apesar do tipo B1 não ser maioritário, são subtipos deste tipo de bordo que são consecutivamente mais utilizados e que o tipo de bordo 4, que se encontra em maioria, apresenta uma diversidade muito grande. É de notar que o tipo de bordo 4 é mais diverso (possui muitas mais variantes) que o tipo 1 sendo que este factor pode influenciar os resultados gerais.

– A análise dos tipos de base permite concluir que o tipo de base predominante é o 1 – 23 % – seguido do 3 – 8 % – sendo que os outros tipos (2, 5 e 8) são muito residuais. O tipo de *base 1* encontra-se presente em quatro dos seis contextos estudados (A28, A16, c. 1 e 1a) e o tipo de *base 3* encontra-se presente em dois dos contextos (camadas 1 e 1a). No entanto, o *tipo de base 2*, que é minoritário (5 exemplares) encontra-se presente em três dos contextos (A28, camadas 1 e 1a). Os tipos de *base 5 e 8* são os menos utilizados, a *base 8* só ocorre na A16 e a *base 5* não se encontra nos contextos estudados. Podemos concluir que os contextos mais diversos, em termos de tipos de bases, são as camadas 1 e 1a, seguidas da A16.

- Cremos que os tipos de bases parecem estar algo relacionados com os tipos de pança (sua angulação). O tipo BA1 possui exemplares em quase todas as categorias de ângulo, bem como o tipo BA3. No entanto os tipos 2 e 5 estão ausentes das categorias de ângulo que caracterizam os vasos troncocónicos, sendo que nestas categorias (1, 2 e 3) só ocorrem os tipos de base 1 e 3, com uma grande maioria do tipo 1. Cremos que o factor caracterizante dos tipos de bases 2 e 3 (como já foi descrito na análise da fase III-2, na PIL) está relacionado com a manufactura de recipientes de pança arredondada e achatada, sendo que se excluídos, naturalmente, os recipientes troncocónicos.
- Tal como ocorre na fase III-1 e III-2, na PIL, a categoria de ângulo de base predominante é a 4 (29 %) sendo que revela a presença de recipientes de pança arredondada e suave, seguida da categoria 5 (23 %) relacionada com panças redondas levemente achatadas. O tipo de ângulo que se segue é o 3 (15 %) revelando o uso de recipientes com panças rectilíneas altas, que se integram no tipo de forma de recipiente 9a ou recipientes de perfil troncocónico. Cremos que aumento de recipientes de forma 9a está de acordo com a presença, relativamente alta, de panças rectilíneas altas (ângulo de base da cat. 3).
- É evidente a reduzida presença de vasos troncocónicos (sobretudo ângulos de base de cats. 1 e 2) em uma presença esbatida de vasos com panças alargadas e achatadas, tipo prato (ângulos de base de cats. 6 e 7), que perfazem 13 % da colecção. Cremos que na fase III-3 se antevê uma tendência de uso de formas ora altas e esguias (9a) ora muito baixas tipo prato, em conjunto com todo um grupo de recipientes de tradição atestada, o mesmo será dizer, de perfil em “S”. Tentaremos avaliar esta tendência da fase III-3 aqui apontada na PIL, nas outras zonas estudadas do Crasto de Palheiros.

5.5.1.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados

A fase III-3 totaliza 2054 fragmentos sendo que 1972 são lisos (96 %), 72 são decorados calcolíticos e 10 (0,5 % do conjunto total) são da Idade do Ferro, mas destes apenas 6 foram englobados na fase III-3. São os seguintes os números de inventário: CP-96-106 (est. LI, 9), CP-96-408 (est. LIX, 1), CP-97-1006 (est. LVII, 4), CP-95-741 (LIX, 2), CP-98-1871 (est. LII, 12) e CP-98-3378 (est. LVIII, 1).

Na fase III-3, foram identificadas 4 técnicas decorativas: incisão simples – INC.S (50 %) – e a torno – INC.T (33 %), penteado – PENT.S e decoração plástica – DEC.P (17 % cada). Nesta fase foram usados vários instrumentos decorativos, a saber: 1) pente 2 de 5 puas e 2) instrumentos de incisão 1, 2. No total, podemos observar o uso de três instrumentos diferentes.

Podemos observar que, em relação à fase III-2, na PIL, dá-se uma diminuição brutal quer do tipo de técnicas decorativas empregues quer dos instrumentos decorativos utilizados. No entanto é de notar que o número de fragmentos decorados viu-se também muito reduzido e dessa forma o registo torna-se mais deficitário. cremos que a pobreza presente quer nas técnicas decorativas quer nos instrumentos é resultado de um número reduzido de exemplares cerâmicos decorados.

5.5.1.4. Organizações decorativas

Na fase III-3 encontram-se integradas cinco organizações decorativas sendo que duas delas (X e XXVIII) tem vindo a ser identificadas desde a Idade do Bronze final (fase II) na PIL. A análise da distribuição das organizações decorativas por contexto revela que: **1)** 50 % encontram-se na A29 e A28 (CP-96-408, CP-98-1871 e CP-98-3378); **2)** 33 % na c. 1a e A16 (CP-96-106 e CP-97-1006) e **3)** 17 % encontra-se na c. 1 (CP-95-741). Podemos ver que a distribuição das organizações decorativas é equitativa entre a c.0 e aquelas que lhe são subjacentes no entanto cremos que os fragmentos presentes nas camadas 1 e 1a estão mais relacionados com a fase estudada. Os fragmentos presentes na c. 0 podem estar presentes devido a outros factores que não a presença na última ocupação e por isso a sua integração no conjunto deve ser feita com alguma cautela.

A análise dos tipos de organizações decorativas presentes indica, na PIL, o que expomos de seguida.

- A organização decorativa mais presente é a I (linhas incisadas rectas paralelas ao bordo), que ocorrem ambas na camada 1a.
- Continuam a serem identificadas decorações semelhantes àquelas identificadas na pré-História regional, como a I, V e XXVIII.
- Uma das decorações (CP-98-3378) é plástica sendo que a relacionamos com uma tradição de decorações proveniente da Idade do Bronze. Como este fragmento foi identificado na A28 poderá encontrar-se descontextualizado e pertencer a outro nível ocupacional.
- Uma das decorações (CP-95-741) é realizada através da técnica do penteado e cremos estar em continuidade com a tradição decorativa da Idade do Ferro, sendo que este fragmento pertence à camada 1.
- Uma das decorações (CP-98-1871) apresenta uma composição (a XXVIII) bem conhecida da Pré-História regional e que se manteve em uso durante toda a Idade do Ferro do Crasto de Palheiros. Como este fragmento foi identificado na A29 poderá encontrar-se descontextualizado e pertencer a outro nível ocupacional. De qualquer forma não deixa de ser importante a sua presença.

– Uma das decorações (CP-96-408) apresenta uma composição (a V) bem conhecida na Pré-História regional e na Idade do Ferro do Crasto de Palheiros no entanto a sua execução revela uma manufactura tardia e plenamente integrada na fase em análise. Esta decoração foi realizada com dois instrumentos de incisão, um dos tipos de incisão foi realizada a torno, o recipiente em si foi realizado a torno, a decoração revela um estilo diferente dos até agora analisados. cremos que este recipiente se integra no mundo romano, sendo um objecto de intercâmbio.

A análise das localizações das decorações nos recipientes indica, na PIL, o que expomos de seguida.

– O número reduzido de fragmentos decorados não permite grandes conclusões no entanto, podemos dizer que dois dos seis fragmentos não permitem saber ao certo a sua localização e por isso supõe-se que façam parte de alguma zona da pança do recipiente (tipo de localização 8).

– As decorações restantes integram cada uma partes diferentes dos recipientes, sendo que o fragmento da c. 1 (CP-95-741) apresenta uma decoração no fundo de recipiente e o fragmento da c. 1a (A16) apresenta a decoração na linha colo/pança. Estes tipos de localizações de decorações seguem as identificadas na fase anterior sendo que não encontramos uma ruptura estilística com a fase anterior na PIL.

– O recipiente mais completo possui um de tipo de localização 4, à semelhança do que ocorre na fase III.-2, na PIL. Tal faz-nos crer que as decorações podem ser muito mais complexas e extensas mas o grau elevado de fragmentação não permite observar a totalidade da decoração dos recipientes. Deste modo cremos que as decorações encontradas possam estar a ser observadas de modo muito parcelar.

– O recipiente com decoração plástica (CP-98-3378) apresenta uma decoração paralela ao bordo (tipo de localização 7) sendo tal alicerça a nossa opinião de que este recipiente se encontra descontextualizado. Quer dizer, o tipo de decoração e sua localização indicam um certo arcaísmo, um certo ar de família com a Pré-História regional que pode estar a indicar que este recipiente não pertence à fase III-3.

– Por último, não se destaca nenhum tipo de localização em particular sendo que tal cremos dever-se ao número reduzido de fragmentos decorados.

5.5.1.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes

No conjunto de 2054 fragmentos da fase III-3 foi apenas identificada uma asa (0,05 % do conjunto estudado), que não integra nenhum dos contextos estudados. O fragmento de asa possui o número de inventário CP-99-2426 (est. LVI, 2), tem uma secção de tipo 4.3 e não foi possível saber

a sua localização no recipiente. Pertenceu a um recipiente de pasta III e revela semelhanças técnicas com uma das asas presentes na PIL, na fase III-2.

5.5.2. Talude Exterior Leste

5.5.2.0 Introdução aos contextos estudados

Os contextos do Talude Exterior Leste que integram a fase III-3 são os Lxs. 114, 114.1, 135, solo humoso e limpeza da carapaça pétreo integrados na A40; os Lxs. 119, 120, 119/121, 120/121 integrados na A45; os Lxs. 106, 121, 122 integrados na A46; os Lxs. 107, 109, 122/128, A45 e A46 integrados na A41 e o Lx. 129.1 integrado na totalidade da fase.

5.5.2.1. Análise Técnica

Foram exumados dos contextos relacionados com a ocupação após o incêndio, de cerca de 80 DC a cerca de 120 DC (fase III-3) 960 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 81 fragmentos de bordo; 2) 68 fragmentos de bordo conotados com a Idade do Ferro; 3) 32 bases; 4) 28 fragmentos decorados e 5) 62 recipientes, no total, conotados com a Idade do Ferro.

a) Tipos de Pastas

A análise de pastas da fase III-3 foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: totalidade da fase III-3 ou soma de todos os contextos (est. CCCLXXI), A40 (est. CCCLXXIX), A45 (est. CCCLXXIX), A46 (est. CCCLXXX) e A41 (est. CCCLXXX).

A análise da fase III-3, no TEL, foi baseada nos 6 factores de análise anteriormente descritos. Deste modo apresentaremos de seguida os resultados obtidos para os restantes contextos estudados.

1) Na hierarquia de pastas na totalidade dos fragmentos.

– Tal como acontece na fase III-2, os contextos analisados e integrados na fase III-3 no TEL, revelam discrepâncias entre si e com a totalidade da fase III-3 (constituída pela soma deles mesmos). Na A40, a pasta predominante é a VIII (36 %), seguida da VI (23 %) e III (15 %); na A45 a pasta predominante é a III (24 %), seguida da VIII (23 %) e VI (19 %); na A46 a pasta predominante é a VIII (25 %), seguida da III (19 %) e I (18 %) e na A41, a pasta predominante é a

VIII (24 %), seguida da III (20 %) e VI (17 %). Na totalidade da fase III-3, a pasta predominante é a VIII (31 %), seguida da VI (21 %) e III (16 %).

– As A46 e A41 são os contextos mais semelhantes entre si, com uma hierarquia muito semelhante apresentando apenas uma diferença no 3º lugar predominante. A este grupo também se poderia juntar a A40, que apesar de possuir uma hierarquia diferente, possui quantidades semelhantes nos mesmos tipos de pasta.

– É de notar que a A41 é constituída, maioritariamente, pelas A45 e A46 e a sua proximidade à A46 se deve ao número mais elevado de fragmentos presentes na A46. Em suma a A46 tem mais relevo estatístico do que a A45 porque a A45 possui menos fragmentos que a A46.

– As A45 e A46 diferem entre si quer nas hierarquias apresentadas quer nas quantidades de fragmentos por pasta (comparados em %).

– A A45 possui o conjunto cerâmico mais discrepante dos quatro analisados sendo aquela que revela um carácter mais arcaizante pois possui maior quantidade de fragmentos de pasta III (24 %). Em todos os outros contextos, a pasta III possui uma presença de 15 a 20 % sendo evidente, também, a predominância da pasta VIII, que possui uma presença de 24 a 36 %. Na A45 a pasta VIII possui a presença mais baixa, de 23 %.

– A pasta VI possui uma presença compreendida entre 15 e 23 % (nos quatro contextos em análise), sendo que na A46 não se encontra presente nos três lugares predominantes. A presença mais alta ocorre na A40, com 23 %.

– Tendo em conta esta primeira análise realizada podemos apontar para uma primeira cronologia dos contextos integrados na fase III-3 onde o contexto mais antigo é a A45, seguida da A46, A41 e, por último, a A40. cremos que as hierarquias apresentadas revelam aspectos arcaizantes e modernos dos conjuntos cerâmicos que podem ajudar na caracterização cronológica dos contextos. Deste modo, podemos intuir que a pasta VIII é das mais importantes e visíveis na ocupação da Idade do Ferro da fase III-3.

– A totalidade da fase III-3 é o resultado da soma de todos os contextos sendo que os resultados apresentados não são mais do que uma média. Deste modo, a totalidade da fase III-3 revela a importância global das pastas VIII, VI e III onde se pode já ver uma mudança em relação à fase III-2 e III-1, no TEL, onde as hierarquias globais eram a III, VI e VIII e III, X e I, respectivamente. *Em relação às fases anteriores, podemos observar uma diminuição paulatina do uso das pastas X, I e III (por esta ordem).*

2) Na hierarquia de pastas dos recipientes.

– Tal como ocorre na fase III-2, os contextos analisados e integrados na fase III-3 no TEL, revelam discrepâncias entre si, com a totalidade da fase III-3 (onde nenhum contexto é concordante com a totalidade) e, três dos contextos, com as hierarquias obtidas na contagem dos fragmentos (ponto 1). Na A40, a pasta predominante é a VIII (37 %), seguida da VI (26 %) e III (17 %), sendo que a hierarquia dos recipientes é concordante com a hierarquia da totalidade dos fragmentos. Na A45 as pastas predominantes são a III e VI (33 % cada), seguidas da I e VIII (16,5 % cada), sendo que aqui se revela uma maior importância das pastas I e VI (em relação à estatística geral dos fragmentos e fortalecendo a posição da pasta III) a par de um maior relevo da pasta I e uma relativização da importância da pasta VIII. Em suma, os recipientes afirmam a importância das pastas III e I, mais arcaicas, confirmando o aspecto mais arcaizante deste contexto. Na A46 a pasta predominante é a I (40 %), seguida das III e VI (20 %) e VII e VIII (10 %), sendo que aqui se revela uma maior importância da pasta I, seguida da III e VI, com uma diminuição drástica da importância da pasta VIII. Neste contexto a grande diferença entre a estatística dos recipientes e a geral encontra-se na pasta I, que nos recipientes ganha maior relevância. Na A41, a pasta predominante é a VI (36 %), seguida da I (28 %) e III (16 %), sendo que a hierarquia apresentada nos recipientes encontra-se em total desacordo com a dos fragmentos. Neste contexto os recipientes de pastas VI, I e III possuem uma relevância que os dados gerais dos fragmentos não revelam totalmente e os 8 % de recipientes de pasta VIII fazem repensar os 24 % de fragmentos na totalidade. Apesar da discrepância entre fragmentos e recipientes, nos recipientes da A41 há semelhanças com uma soma (média) entre os recipientes das A45 e A46. Na totalidade da fase III-3, a pasta predominante é a VI (31 %), seguida da VIII (24 %) e I (18 %), sendo que não é, genericamente, concordante com os resultados da totalidade dos fragmentos mas não concordante com nenhum dos resultados da análise dos recipientes dos quatro contextos analisados.

– Podemos constatar que os contextos não se agrupam da mesma forma encontrada na análise geral dos fragmentos. Encontramos uma semelhança entre as A45e A46, onde a grande diferença reside nos muitos recipientes de pasta I presentes na A46. As A45 e A46 diferem, de uma forma evidente, da A40, onde os recipientes de pasta VIII e VI são, claramente, maioritários.

– Deste modo concluímos que as pastas VI e VIII estão claramente relacionadas com ocupações mais recentes, sendo este facto evidente nas fases III-2 e III-3. No entanto, os resultados obtidos na análise dos recipientes evidenciam, igualmente, uma presença, ainda importante e estável, das

pastas I e III, que se mantêm em uso durante mais de 600 anos e que são semelhantes às aquelas usadas na Pré-história regional.

– Como já foi referido, a hierarquia apresentada na totalidade dos fragmentos da fase III-3 não é concordante com os dados individuais de cada contexto. A análise global apenas indica as pastas VI, VIII e I como aquelas de grande referência nos conjuntos cerâmicos integrados nesta fase. Podemos observar, em relação à fase III-2 uma permanência das pastas VI e VIII como maioritárias, seguidas da I e III.

3) Na presença de fragmentos de pasta VI distinguem-se as A40 e A41 – com as quantidades mais elevadas (23 e 17 %, respectivamente) – seguidas da A45 e A46 (19 e 15 %, respectivamente). Podemos ver que o contexto mais moderno (A40) possui uma presença semelhante àquela encontrada no Lx. 136 (o contexto mais moderno da fase III-1) e na A48 (o contexto mais moderno da fase III-2). No entanto é de notar que no geral a presença de fragmentos destas pastas sobe, ligeiramente, em relação aos contextos integrados nas fases anteriores. Na fase III-1 a presença de fragmentos desta pasta está compreendida de 6 a 26 %, na fase III-2 de 11 a 23 % e na fase III-3 de 15 a 23 %. Como podemos observar o que sobe é a presença mínima (sendo que a máxima ronda sempre os 20 %) que cremos indicar uma ligeira mudança de gosto estético/técnico.

4) Na presença de fragmentos de pasta VIII distinguem-se, novamente, as A40 e A46 – com as quantidades mais elevadas (36 e 25 %, respectivamente) – seguidas da A41 e A45 (24 e 23 %, respectivamente). Podemos observar que em todos os contextos a presença de pasta VIII é bastante relevante (de 23 a 36 %) sendo comparável a um dos contextos mais modernos da fase III-2. A totalidade da fase III-3 revela que esta pasta é importante com cerca de 30 % dos fragmentos. É de notar que no geral a presença de fragmentos destas pastas sobe em relação aos contextos integrados nas fases anteriores. Na fase III-1 a presença de fragmentos desta pasta está compreendida de 2 a 14 %, na fase III-2 de 10 a 23 % e na fase III-3 de 23 a 36 %. Como podemos observar, tanto a presença mínima como a máxima sobem em relação às fases anteriores sendo evidente o crescimento da importância desta pasta ao longo de toda a cronologia de ocupação da Idade do Ferro.

5) A pasta II não ocorre na fase III-3 sendo que a consideramos em uso, unicamente na fase III-2 pois na fase III-1, a sua presença pode ser fruto de interferências na estratigrafia.

6) N.º de pastas por contexto.

– Na totalidade da fase III-2 foram identificados 10 dos 12 tipos de pasta, sendo as exceções as pastas II e V. na A40 foram identificados 10 tipos, nas A46 e A41 foram identificados 9 tipos (encontrando-se ausente a pasta IV) e na A45 foram identificados 8 tipos (encontrando-se ausente as pastas IV e XI). *Podemos constatar em relação às fases anteriores, uma diminuição das presenças de tipos de pasta, sendo evidente a ausência de pastas típicas da ocupação calcolítica, como as pastas IV e XI.* De acordo com estes resultados podemos intuir que a ausência de uma ocupação Pré-histórica modificaria o registo da ocupação da Idade do Ferro pois em toda a ocupação da Idade do Ferro temos a presença permanente de cerâmicas calcolíticas.

A análise individual dos estratos e aquela realizada à totalidade do conjunto cerâmico integrado na Idade do Ferro da fase III-3 do TEL (estampa CCCLXXI) permitiu as seguintes conclusões.

– Na totalidade do conjunto (estampa CCCLXXI) a pasta predominante é a VIII, seguida da VI e III. Esta hierarquia não se mantém na totalidade dos recipientes identificados onde a pasta predominante é a VI, seguida da VIII e, por último, da I. Neste caso a discrepância sempre presente nas hierarquias dos recipientes e da totalidade dos fragmentos deve-se à fragmentação própria de cada recipiente e sua pasta pois a presença de fragmentos de recipientes da ocupação calcolítica não modifica a hierarquia principal dos recipientes, sendo esta, na mesma, a VI, VIII, I. A análise da totalidade dos bordos do conjunto cerâmico da fase III-3 (ver na estampa CCCLXXI o n.º total de bordos) permite perceber que as pastas I, III e XII são representadas quer por recipientes calcolíticos quer por recipientes da Idade do Ferro e que as pastas IV e X são, unicamente, representadas por recipientes calcolíticos. Dessa forma, podemos perceber que a análise da totalidade dos fragmentos (contabilizando os sem forma) não revela claramente as características próprias da ocupação da Idade do Ferro pois esta nunca se encontra, totalmente, separada de recipientes da ocupação calcolítica. Podemos observar em relação à fase III-2 uma ausência de recipientes da Idade do Ferro nas pastas IV e X, que pode ser explicada pela preferência mais vincada por outras pastas como a VI, VIII, III e I.

– Com base na análise do número de fragmentos e recipientes por pasta colocamos a hipótese interpretativa de que a pasta VIII fragmentou, nesta fase, em maior número de fragmentos (com fragmentos de menor dimensão) ou correspondem a recipientes de maior dimensão. e que as pastas I e VI fragmentaram em menor número (com fragmentos de maior dimensão) ou correspondem a

recipientes de menor dimensão. Cremos que é muito difícil perceber o porquê da oscilação entre as percentagens da totalidade dos fragmentos e aquelas dos recipientes. Esta dificuldade é, também, o resultado da identificação dos recipientes a partir de fragmentos de bordo, muitas das vezes, de reduzidas dimensões.

– Tal como ocorre na fase III-2, no conjunto cerâmico da fase III-3 apenas a pasta XI apresenta uma ausência de recipientes aliado a um número reduzido de fragmentos sem forma. Cremos que a ausência de recipientes e uma baixa presença de fragmentos indica, nesta pasta e tanto nesta fase de ocupação como na anterior, o revolvimento do contexto com a mistura de cerâmicas da ocupação calcolítica, onde esta pasta se integra.

– A análise dos contextos que constituem a fase III-3 no TEL indica que as pastas VI, VIII, I e III são tidas como a base de confiança do conjunto cerâmico da Idade do Ferro da fase III-3, ainda que sejam também utilizadas as pastas VII e XII. Em relação às fases anteriores é de notar: 1) um aumento significativo e permanente (que percorre as três fases) dos recipientes realizados em pastas VI e VIII; 2) uma diminuição significativa e permanente (que percorre as três fases) dos recipientes realizados em pasta III; 3) uma diminuição dos recipientes realizados em pasta I, da fase III-1 para a III-2, mas uma manutenção da importância dos mesmos da fase III-2 para a fase III-3; 4) a ausência de recipientes realizados em pastas II, IV, IX e X presentes na fase III-2; 5) um aumento paulatino mas baixo dos recipientes realizados em pasta VII e 6) uma diminuição ligeira dos recipientes realizados em pasta XII.

– Em conclusão, a análise global dos 6 factores acima analisados permite afirmar que apesar das discrepâncias encontradas os contextos revelam uma ordem cronológica intuída a partir das características dos conjuntos cerâmicos. Como já referimos os contextos possuem a seguinte ordem (do mais antigo para o mais moderno): A45, A46 e A40, sendo que excluimos a A41 pois esta é uma soma da A45 e A46.

– O conjunto cerâmico da fase III-3 revelou a presença de 10 das 12 pastas presentes no Crasto de Palheiros (estampa CCCLXXI) sendo que tal revela alguma variedade técnica neste conjunto cerâmico. No entanto a ausência de recipientes realizados em determinadas pasta leva-nos a supor que o conjunto cerâmico da fase III-3 no TEL é mais pobre, menos “rico” a nível técnico do que aquele identificado com a fase III-2.

b) Análise da mistura dos contextos através das pastas dos recipientes e seus fragmentos

A análise da mistura dos contextos da fase III-3 no TEL foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: totalidade da fase III-3 ou soma de todos os contextos (est. CCCLXXI), A40 (est. CCCLXXIX), A45 (est. CCCLXXIX), A46 (est. CCCLXXX) e A41 (est. CCCLXXX). Como já foi, anteriormente, referido a análise da mistura dos contextos através das pastas dos recipientes e seus fragmentos tem em conta 3 factores de análise (presença de bordos calcolíticos e da Idade do Ferro por contexto e presença de fragmentos de pastas IV, IX, X e XI).

Apresentaremos de seguida os resultados obtidos na análise dos contextos indicados.

b1) Na totalidade da fase III-3, 17 % dos recipientes são calcolíticos e 83 % dos recipientes são da Idade do Ferro (sejam bordos ou bases), sendo que 9 % dos fragmentos pertencem às pastas IV, IX, X e XI. Podemos observar, em relação às fases anteriores um decréscimo, paulatino, quer dos recipientes calcolíticos quer dos fragmentos que pertencem às pastas IV, IX, X e XI. Na fase III-1 a presença de recipientes calcolíticos é de 45 %, na fase III-2 é de 24 % e na fase III-3 é de 17 % e a presença de fragmentos das pastas IV, IX, X e XI é, na fase III-1, de 29 %, na fase III-2 de 14 % e na fase III-3 de 9 %. Podemos concluir que apesar do conjunto cerâmico da fase III-3 estar em maior contacto com cerâmicas de escorrimento (calcolíticas) provenientes das zonas mais altas do povoado, encontramos nos conjuntos cerâmicos mais antigos maior presença de cerâmicas calcolíticas. Deste modo, *podemos concluir que os contextos mais antigos revelam um grau de mistura superior aos contextos mais modernos pois a ocupação da Idade do Ferro mais antiga pode ter revolido as ocupações calcolíticas.*

b2) Organizando os contextos por ordem decrescente de % de bordos calcolíticos temos os seguintes resultados: A40 (17 %), A41 (14 %) e A45 e A46 (0 %).

b3) Organizando os contextos por ordem decrescente de % de fragmentos de pastas IV, IX, X e XI temos os seguintes resultados: A46 (14 %), A45 e A41 (12 %) e A40 (7 %).

b4) Como podemos observar dois dos contextos estudados não apresentam recipientes calcolíticos, no entanto apresentam fragmentos sem forma de pastas, tipicamente, calcolíticas. Deste modo, usaremos os resultados da análise das presenças de fragmentos destas pastas para aferir o grau de mistura de cada contexto. Assim, com base nos resultados acima indicados podemos concluir que: 1) o conjunto cerâmico mais misturado com materiais da ocupação calcolítica é a A46, sendo este, também, um dos contextos mais antigos; 2) a A40 é o contexto com menor grau de mistura pois

mias de 80 % dos recipientes são da Idade do Ferro e cerca de 90 % da totalidade dos fragmentos podem ser integrados nesta ocupação, sendo este o contexto mais moderno daqueles integrados nesta fase.

b5) Concluímos que todos os contextos se encontram misturados, ainda que estes sejam os graus de mistura mais baixos apresentados em todas as fases analisadas.

c) Estado de conservação dos fragmentos = Estado de conservação do estrato

A análise do estado de conservação dos fragmentos e estado de conservação do estratos dos contextos da fase III-3 no TEL foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: totalidade da fase III-3 ou soma de todos os contextos (est. CCCLXXIV), A40 (est. CCCLXXIX), A45 (est. CCCLXXXI), A46 (est. CCCLXXX) e A41 (est. CCCLXXXI). Como já foi referido, esta análise baseia-se em 4 factores (a relembrar): 1) avaliação das pastas com maior presença de fragmentos de maior dimensão (e menor dimensão) por contexto; 2) avaliação das pastas com maior presença de fragmentos de arestas vivas (e arestas roladas) por contexto; 3) presença em % de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria de dimensão 3 e 4) conjugação dos resultados obtidos nos pontos de análise 1, 2 e 3 para a obtenção das pastas melhor e pior preservadas por contexto.

c1) Na totalidade da fase III-3 foram identificadas: 1) as pastas I, IV e X com uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas; 2) as pastas VI e VIII com uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas; 3) a pasta XII com uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas com uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões; 4) as pastas III e VII possuem uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões mas uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas; 5) as pastas IX e XI são inconclusivas e 6) as pastas II e V encontram-se ausentes.

c2) Na A40 foram identificadas: 1) as pastas I, IV e X com uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas; 2) a pasta VI com uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas; 3) a pasta VIII com uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas com uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões; 4) as pastas III e VII possuem uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas; 5) as pastas IX, XI e XII são inconclusivas devido ao baixo número de fragmentos e 6) as pastas II e V encontram-se ausentes.

c3) Na A45 foram identificadas: 1) as pastas I, III, X e XII com uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas; 2) a pasta VI com uma boa presença de fragmentos de

grandes dimensões e arestas vivas; 3) a pasta VIII com uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas com uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões; 4) a pasta VII possui uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas; 5) a pasta IX é inconclusiva devido ao baixo número de fragmentos e 6) as pastas II, IV, V e XI encontram-se ausentes.

c4) Na A46 foram identificadas: 1) as pastas I e X com uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas; 2) as pastas VI e VIII com uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas; 3) a pasta VII com uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas com uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões; 4) a pasta III possui uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas; 5) as pastas IX, XI e XII são inconclusivas devido ao baixo número de fragmentos e 6) as pastas II, IV e V encontram-se ausentes.

c5) Na A41 foram identificadas: 1) as pastas I, III e X possuem uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas; 2) as pastas VI e VIII apresentam uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e arestas vivas; 3) a pasta XII com uma maioria de fragmentos com arestas vivas mas com uma baixa presença de fragmentos de grandes dimensões; 4) a pasta VII possui uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e uma presença significativa de fragmentos de arestas roladas; 5) as pastas IX e XI são inconclusivas devido ao baixo número de fragmentos e 6) as pastas II, IV e V encontram-se ausentes.

A análise da conservação dos fragmentos nos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões.

– *As pastas I, IV e X são as piores preservadas pois em todos os contextos apresentam uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas. De seguida, a pior preservada é a pasta III, pois em um dos contextos (A45) apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e nos outros dois (A40 e A46) apresenta uma maioria de fragmentos de arestas roladas embora com uma presença significativa de fragmentos de grandes dimensões.* Deste modo concluímos que a pasta III é mais difícil de quebrar que a pasta I pois apresenta fragmentos de grandes dimensões ainda que com arestas roladas. Não podemos concluir o mesmo para as pastas IV e X pois elas são, típicas, do calcolítico e sofreram um processo erosivo muito mais prolongado.

– *A pasta VI é a melhor preservada pois os fragmentos possuem uma boa conservação das arestas e uma boa parte possui dimensões iguais ou superiores à categoria de dimensão 3, sendo que, de*

seguida, a melhor preservada é a VIII. A pasta VIII apresenta em um dos contextos (A46) uma maioria de fragmentos de grandes dimensões e de arestas vivas e nos outros dois (A40 e A45) apresenta uma maioria de fragmentos de arestas vivas embora com uma presença significativa de fragmentos de pequenas dimensões. Deste modo concluímos que a pasta VIII é mais fácil de quebrar (mas de difícil esboroamento das arestas) do que a pasta VI pois apresenta fragmentos de pequenas dimensões mas de arestas vivas (ou o processo erosivo foi mais intenso naqueles contextos).

– As pastas VII e XII possuem um comportamento oscilante que varia consoante o contexto. No entanto a pasta VII revela-se difícil de quebrar pois apresenta fragmentos de grandes dimensões ainda que com arestas roladas em dois dos contextos (A40 e A45). Na A46 a pasta VII possui uma maioria de fragmentos com arestas roladas e de pequenas dimensões. A pasta XII revela-se, genericamente mal preservada pois quando é possível a sua caracterização apresenta uma maioria de fragmentos pequenos e de arestas roladas. Tendo em conta que a pasta XII se encontra mal caracterizada, as suas características podem ser diferentes noutras fases e contextos de ocupação do Crasto de Palheiros.

– As pastas IX e XI são inconclusivas devido ao reduzido número de fragmentos em todos os contextos analisados.

– Apesar da análise revelar uma conservação das pastas diferenciada consoante o contexto podemos observar a estabilidade da conservação de algumas pastas independentemente dos contextos, como por exemplo, a má conservação das pastas I e X ou a boa conservação da pasta VI.

– *Através da análise individual dos contextos podemos concluir que as pastas mais bem preservadas são a VI, VII e VIII, as pior preservadas são a I, III, IV, X e XII, as pastas IX e XI são inconclusivas e as pastas II e V encontram-se ausentes.*

– Em relação às fases anteriores podemos observar que: 1) as pastas VI e VII encontram-se sempre bem preservadas; 2) a pasta VIII encontra-se bem preservada na fase III-3 mas nas anteriores não se encontrava; 3) as pastas III e XI encontravam-se bem preservadas em ambas as fases anteriores, no entanto na fase III-3 encontram-se mal preservadas (III) ou são inconclusivas (XI); 4) as pastas IV e IX são sempre de difícil caracterização que cremos dever-se ao facto de serem, tipicamente calcólicas e de não estarmos a analisar contextos calcólicos e 5) as pastas I e X encontram-se mal preservadas em todas as fases do TEL. A análise da totalidade do conjunto cerâmico da fase III-3 revela-se, genericamente, de acordo com a análise individual dos contextos.

– A análise do comportamento das pastas em todas as fases de ocupação do TEL leva-nos a supor que o estado de conservação das pastas não deve ser visto como um factor demonstrativo da

preferência sociocultural por determinada pasta. De facto, as pastas bem preservadas podem indicar que a comunidade apostou no uso destas pastas devido à sua boa qualidade na manufactura dos recipientes. No entanto, deve ser sempre avaliado a quantidade de fragmentos por pasta e o seu “valor” dentro do conjunto em análise. Algumas pastas encontram-se bem preservadas mas são minoritárias, como a VII, e algumas são mal preservadas mas são maioritárias, como a I. É de notar que na fase III-3 as pastas maioritárias, como a III, VI e VIII, encontram-se bem preservadas, revelando esta última fase como a melhor preservada das três.

A análise do estado de conservação das arestas e dimensão dos fragmentos (no global, sem ter em conta as pastas) nos diversos contextos permitiu as conclusões expostas de seguida.

– Os fragmentos cerâmicos englobados na fase III-3 revelam uma má conservação das arestas – sendo que 43 % apresentam arestas roladas, 24 % arestas boleadas e 33 % arestas vivas –, e uma dimensão, relativamente, boa (média) dos fragmentos, apenas 67 % apresentam uma dimensão inferior ou igual à categoria 2 (cat. 1 = 6,4 % e cat. 2 = 60,2 %).

– O estudo realizado aos contextos integrados no TEL das várias fases permite-nos concluir que mais de 30 % de fragmentos com uma dimensão de categoria igual ou superior à 3, revela um contexto bem conservado, pois as percentagens nunca excedem os 35 %. Deste modo, cremos que a totalidade da fase III-3 encontra-se bem preservada apesar de apresentar uma maior presença de fragmentos de arestas roladas em relação às fases anteriores.

– Em relação às fases anteriores, a fase III-3 revela: 1) uma subida, paulatina, dos fragmentos com arestas roladas (de 34 % na III-1 para 43 % na III-3); 2) uma descida dos fragmentos de arestas boleadas (de 27 % na III-1 para 24 % na III-3) e 3) uma descida dos fragmentos de arestas vivas (de 39 % na III-1 para 33 % na III-3). Podemos observar que as descidas percentuais são baixas, no entanto, cremos que são um sinal demonstrativo de mudança.

– Na análise individual dos contextos podemos observar que: 1) as A45 e A46 possuem as presenças mais baixas de fragmentos com arestas vivas (28 % cada) e as presenças mais altas de arestas roladas (49 %); 2) a A40 é o contexto com maior presença de fragmentos de arestas vivas (36 %) e aquele com menor presença de arestas roladas (40 %); 3) dentro da fase em estudo, os contextos mais antigos são os que apresentam pior preservação das arestas dos fragmentos; 4) em relação às fases anteriores, a fase III-3 é mais semelhante com a fase III-2 do que com a fase III-1; 5) no geral, os contextos revelam resultados muito homogéneos; 6) os resultados da conservação das arestas estão de acordo com os resultados da dimensão dos fragmentos sendo que os contextos com maior número de arestas rolados são também aqueles que possuem fragmentos de menores

dimensões; 7) a A40 é o único contexto com fragmentos de categorias de dimensão 5 e 6, sendo este contexto o melhor preservado (nas arestas dos fragmentos) e 8) a A46 é o contexto com maior presença de fragmentos com uma categoria de dimensão 1 – 11,9 % – e a A45 é o contexto com maior presença de fragmentos com uma categoria de dimensão 2 – 66,1 %, sendo estes os contextos com pior preservação nas arestas dos fragmentos.

Com base nas 8 observações acima indicadas cremos o seguinte.

a) O contexto melhor preservado é a A40, seguida da A45 e, por último, da A46.

b) A ordem obtida no estado de conservação dos contextos (A40, A45 e A46) não é a ordem cronológica apontada para estes mesmos contextos (A45, A46 e A40). Como podemos observar o contexto melhor preservado é o mais moderno dentro da fase em análise.

c) Como já foi referido, uma das hipóteses interpretativas lançadas para a compreensão do estado de conservação dos fragmentos baseia-se na relação entre a qualidade das pastas e o seu estado de conservação. Consoante a presença de determinadas pastas em determinados contextos, assim o estado de conservação variaria. De certa forma, os resultados obtidos na fase III-1 no TEL validaram esta hipótese interpretativa no entanto nas fases III-2 e III-3 não é possível relacionar a distribuição das pastas por contexto com o estado de conservação do mesmo. A A40 possui uma maioria de fragmentos de pastas VIII e VI, e é o contexto melhor conservado e a A46, o contexto pior conservado, possui uma maioria de fragmentos de pastas VIII e III.

d) Deste modo, concluímos que a qualidade das pastas não explica o estado de conservação dos fragmentos, quer na conservação das arestas quer na sua dimensão pois em duas das três fases do TEL não há uma relação inequívoca entre pastas e estado de conservação dos fragmentos.

e) Como já foi referido, a presença de fragmentos de grande dimensão – categorias superiores a 4 – parece ser um indicador favorável à boa conservação do estrato tal como a dimensão reduzida dos fragmentos parece ser um indicador favorável da sua má conservação. O contexto considerado com melhor preservação – A40 – é o único que apresenta fragmentos de grande dimensão ainda que em reduzida quantidade. E um dos contextos pior preservados, a A46, revela a maior presença de fragmentos de categoria de dimensão 1 (11,9 %).

d) Tratamentos de superfície

A análise dos tratamentos de superfícies presentes nos fragmentos dos contextos integrados na fase III-3 no TEL foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: totalidade da fase III-3 ou soma de todos os contextos (est. CDXXXIX), A40 (est. CDXL), A45

(est. CDXLI), A46 (est. CDXLII) e A41 (est. CDXLIII). Esta análise é baseada na observação de 7 factores (já descritos em pormenor) sendo que permitiu as seguintes conclusões:

– Os tratamentos de superfície dominantes na totalidade do conjunto cerâmico da fase III-3 são: na superfície externa, os polidos (42 %), alisados (31 %), rugosos (6 %) e areados (3 %); na superfície interna, polidos (67 %) e alisados (18 %). Em relação às fases anteriores podemos observar: 1) uma diminuição paulatina das superfícies externas polidas (58 % na fase III-1, 50 % na III-2 e 42 % na III-3); 2) um aumento das superfícies externas alisadas, sem que este seja gradual (25 % na fase III-1, 22 % na III-2 e 31 % na III-3); 3) uma diminuição dos rugosos em relação à fase III-2 ainda que a sua presença seja superior àquela da fase III-1 (5 % na fase III-1, 9 % na III-2 e 6 % na III-3); 4) um aumento paulatino dos areados, tornando-se este tratamento de superfície um dos quatro principais na fase III-3 (0,3 % na fase III-1, 2 % na III-2 e 3 % na III-3); 5) uma diminuição dos cepilhados sendo este o valor mais baixo das três fases (2, 32 % na III-1, 5,01 % na III-2 e 1,88 % na III-3) e 6) a presença de percentagens mais baixas, na generalidade, em todos os tratamentos de superfície (à excepção dos alisados) que pensamos relacionar-se o com o número elevado de superfícies corroídas (16 % na fase III-3 equivalente a cerca do dobro das fases anteriores).

– Os contextos analisados apresentam uma concordância com os resultados gerais no que diz respeito aos três primeiros tratamentos de superfície dominantes, polidos, alisados e rugosos. Em quarto lugar, encontram-se os areados, na A40 e na totalidade da fase III-3 e os cepilhados nas A45, A46 e A41. As percentagens de cada tipo de tratamento de superfície também variam bem como a presença de superfícies corroídas que impossibilitam a identificação do tratamento de superfície. Como já foi referido, em todos os contextos, nas superfícies externas, os polidos são dominantes (de 38 % na A40 a 59 % na A46), seguidos dos alisados (de 28 % na A45 a 32 % na A40), rugosos (de 4 % na A46 a 8 % na A45), os areados (ausente na A45, 0,5 % nas A46 e A41 e 5 % na A40) e, por último, os cepilhados (de 1 % na A40 a 5 % na A45). Em relação às fases anteriores podemos observar: 1) nas superfícies externas um intervalo de valores semelhante ao apresentado na fase III-2 (de 42 a 58 % na fase III-2 e de 38 a 59 % na III-3); 2) uma subida considerável do intervalo de valores dos alisados, sobretudo da percentagem mínima presente nos vários contextos (na fase III-1 a percentagem mínima era de 17 %, na III-2 de 16 % e na III-3 de 28 %) e 3) uma presença de rugosos e intervalo de valores respectivo muito semelhante ao da fase III-1.

– Através desta primeira análise podemos observar que o contexto mais próximo da cronologia da fase III-2 (A45) é aquele que apresenta maior quantidade de superfícies externas rugosas e que o contexto tido como mais moderno (A40) é aquele que apresenta maior quantidade de superfícies

externas areadas e alisadas. Podemos observar uma diminuição do uso de rugosos, que cremos mais relacionados com a Idade do Ferro Plena (que neste povoado equivale à fase III-2) e um aumento dos areados que podem ser uma característica própria desta última ocupação.

– Podemos observar em todos os contextos o mesmo tratamento de superfície externo dominante bem como as mesmas conjugações de superfície dominantes. Em todos os contextos a conjugação dominante é a Pol/Pol (de 25 a 28 %), seguida da Ali/Pol (de 20 a 24 %), Pol/Ali (de 8 a 13 %) nas A40, A46 e A41 e Rug/Pol (8 %) na A45 e, por último, Ali/Ali (de 5 a 7 %). Em relação às fases anteriores podemos observar: 1) uma diminuição paulatina da conjugação Pol/Pol (de 39 a 44 % na fase III-1, de 33 a 35 % na III-2 e de 25 a 28 % na III-3) onde podemos observar uma diminuição quer da presença mínima quer da presença máxima; 2) um aumento paulatino da conjugação Ali/Pol (de 8 a 23 % na fase III-1, de 15 a 22 % na III-2 e de 20 a 24 % na III-3) onde podemos ver um aumento significativo da presença mínima mas uma permanência da presença máxima e 3) a fase III-3 revela-se como a mais homogénea das três ao nível das conjugações de cor presentes nos contextos, sendo que nas fases anteriores a variedade entre contextos é maior.

– A análise individual dos contextos revela a presença dominante das seguintes associações de tratamentos de superfície (ordenadas por ordem decrescente): Pol/Pol; Ali/Pol, Pol/Ali e Ali/Ali, sendo que a A45 é o contexto mais discrepante dos analisados revelando importância da conjugação Rug/Pol. Os dados apresentados são o resultado de uma análise ponderada das conjugações predominantes nos contextos no entanto são concordantes com os dados observados na totalidade da fase III-3. Em relação às fases anteriores podemos observar: 1) em relação à fase III-1 uma maior importância dos alisados e 2) em relação à fase III-2 uma diminuição da importância dos rugosos (que perdem nesta fase visibilidade).

Após a análise integrada dos tratamentos de superfície por contexto segue-se a análise dos tratamentos de superfície por pasta na totalidade da fase III-3, quer dizer, excluindo os contextos. Esta análise foi realizada de dois modos, já descritos anteriormente, sendo que podemos observar o seguinte:

– Através do método 1: as superfícies externas polidas ocorrem em todas as pastas presentes no conjunto da fase III-3. Este tipo de tratamento de superfície ocorre – com grande presença – nas pastas IX (80 % dos seus fragmentos), I (68 %), III, IV e XI (50 %) VII (43 %), e X (39 %). Nestas pastas o tratamento de superfície polido é predominante, ao contrário do que ocorre nas pastas VI, VIII e XII. Através do método 2: as pastas mais relevantes no tratamento de superfície polido são a VIII, III, I e VI com 26, 20, 19 e 15 % respectivamente. Em relação às fases anteriores podemos observar: 1) um decréscimo nas quantidades de superfícies externas polidas por pasta; 2) em relação

à fase III-2 um aumento do número de pastas onde estas superfícies são maioritárias; 3) a pasta VIII apresenta, unicamente nesta fase, uma não dominância dos polidos; 4) a forte presença das pastas VI e VIII pesa nos resultados das pastas mais relevantes para a presença dos polidos, sendo que nesta fase as pastas VI e VIII são relevantes para o número de polidos apresentado e 5) as pastas III e I continuam a ser aquelas onde os polidos são mais utilizados.

– Através do método 1: as superfícies externas alisadas ocorrem em todas as pastas presentes no conjunto da fase III-3. Este tipo de tratamento de superfície ocorre, de forma maioritária, nas pastas XII (42 % dos seus fragmentos), VI (37 %) e VIII (35 %), sendo que nas restantes pastas possui presenças entre os 8 % (pasta IV) e os 31 % (pasta VII). Através do método 2: as pastas mais relevantes no tratamento de superfície alisado são a VIII, VI e III com 35, 25 e 14 % de fragmentos, respectivamente. Em relação às fases anteriores podemos observar: 1) presenças inferiores àquelas apresentadas na fase III-1 e 2) presenças superiores, em algumas pastas (III, VI, VII, VIII e X), àquelas apresentadas na fase III-2. Intuímos que a diversidade no conjunto cerâmico diminui da fase III-2 para a III-3, sendo que existe um apostar, a nível técnico, em determinadas pastas, como as pastas VI e VIII que vão modificar as características globais do conjunto.

– Através do método 1: as *superfícies externas rugosas* ocorrem em 4 das 10 pastas (III, VI, VIII e XII) presentes na fase III-3. Este tipo de tratamento de superfície ocorre da seguinte forma: pasta VI (19 %), XII (7 %), VIII (4 %) e III (3 %). Através do método 2 a ordem de relevância das pastas é a seguinte: pasta VI (68 %), VIII (21 %), III (7 %) e XII (4 %). Através da análise desta última fase podemos afirmar que as pastas VI, VIII, III e XII são as preferidas para realizar este tipo de tratamento de superfície pois estas pastas são as únicas que continuaram a ser usadas quando o tratamento de superfície em questão sofreu uma franca diminuição. Na fase III-2 é evidente o uso das pastas VI e VIII, seguidas da III e XII sendo que as duas primeiras referidas são sempre importantes na contabilização deste tratamento de superfície e as duas últimas encontram-se em número reduzido revelando uma diminuição na sua utilização em conjunto com este tratamento de superfície. A fase III-3 parece apontar para uma especialização que relaciona a utilização deste tratamento de superfície em determinadas pastas. Esta mudança de comportamento já tinha sido observada em relação à fase III-2 sendo que concluímos que este processo de especialização do tratamento de superfície rugoso aliado à utilização de determinadas pastas se desenvolve durante toda a Idade do Ferro, culminando na fase final, ainda que a grande utilização de rugosos se dê na fase III-2.

– As *superfícies externas areadas* ocorrem, unicamente, nas pastas VI e VIII com uma presença de 2 e 8 %, respectivamente. Através do método 2: a pasta mais relevante no tratamento de superfície areado é a VIII com 86 % dos fragmentos. As pastas VI e VIII possuem quantidades de fragmentos diferentes no entanto, cremos que há uma clara preferência pela pasta VIII na utilização deste tratamento de superfície, que era visível tanto na fase III-1 como na fase III-2.

– Através do método 1: as *superfícies externas cepilhadas* ocorrem em 4 das 10 pastas (I, III, VIII e XII) presentes na fase III-3. Este tipo de tratamento de superfície ocorre da seguinte forma: pasta VIII (5 %), XII (3 %), I (1 %) e III (0,6 %). Como podemos observar este tratamento de superfície é minoritário em todas as pastas, tal como o areado. Através do método 2: as pastas mais relevantes no tratamento de superfície cepilhado são a VIII (83 %) e I, III e XII (5,56 %). Tendo em conta a quantidade de fragmentos por pasta podemos concluir que este tratamento de superfície é, preferencialmente, utilizado em recipientes de pastas VIII sendo que aqueles que ocorrem em pastas I, III e XII não revelam nenhuma ordem de preferência (1 exemplar por pasta). Em relação às fases anteriores é visível um processo de especialização que alia este tratamento de superfície a determinadas pastas. Este processo de especialização é paulatino e atravessa todas as fases de ocupação. Em todas as fases este tratamento de superfície é minoritário no entanto na fase III-1 ocorre em 7 das 12 pastas, na III-2 em 5 das 11 pastas e na III-3 em 4 das 10 pastas presentes. É evidente uma restrição paulatina das pastas onde este tratamento de superfície ocorre ao longo de toda a Idade do Ferro, culminando na última ocupação. Deste modo, observamos, novamente, uma especialização técnica que alia tipos de pastas a tipos de tratamento de superfície.

– No conjunto cerâmico da fase III-3 no TEL foram identificados 7 tratamentos de superfície (alisado, areado, cepilhado, espatulado, grafitado, polido e rugoso) que ocorrem de modo diferenciado em cada pasta. Na pasta VIII ocorre 7 tipos, na III 5 tipos, nas VI e XII 4 tipos, na I 3 tipos, nas IV, VII, IX, X e XI 2 tipos. Deste modo as pastas III, VI, VIII e XII são as que revelam maior variedade de tratamentos de superfície. Em relação às fases anteriores podemos observar nas pastas os seguintes comportamentos: 1) as pastas II e V encontram-se apenas em uma das fases, na III-2 e na III-1, respectivamente, sendo que não podemos avaliar nenhum tipo de evolução; 2) as pastas IV, IX, XI e XII revelam em todas as fases o mesmo número de tratamentos de superfície sendo que possuem um comportamento uniforme durante toda a ocupação da Idade do Ferro; 3) as pastas I, VII e X vão perdendo, progressivamente, diversidade, sendo que na fase III-1 possuem mais tratamentos de superfície do que na fase III-3; 4) as pastas I, VII e X vão perdendo importância sendo que o valor percentual destas pastas vai baixando e portanto pode existir a par desta diminuição de importância uma diminuição da diversidade; 5) as pastas III e VI tornam-se

mais diversas nos tratamentos de superfície que apresentam, sobretudo na fase III-2, quer dizer há um aumento dos tratamentos de superfície presentes da fase III-1 para a III-2 e uma diminuição da fase III-2 para a III-3 e 6) a pasta VIII revela um aumento progressivo da diversidade ao longo de toda a ocupação da Idade do Ferro.

– Em conclusão, a análise do conjunto cerâmico da fase III-3 revela o seguinte: 1) as pastas I, IV, VII, IX, X e XI usam, preferencialmente, os polidos e alisados; 2) as pastas VI e VIII usam, preferencialmente os alisados, rugosos e areados; 3) a pasta III usa, preferencialmente, os polidos e alisados mas também os rugosos e cepilhados e 4) a pasta XII usa, preferencialmente, os alisados, rugosos e cepilhados.

– As pastas que apresentam maior quantidade de fragmentos com as superfícies corroídas são a IV, X, VII e XI. Em relação às fases anteriores podemos observar: 1) diferenças nas pastas mais corroídas que variam de fase para fase; 2) diferenças nas percentagens de superfícies corroídas por pasta e total e 3) a fase III-3 é aquela que apresenta maior percentagem de superfícies corroídas 816 % na fase III-3, 9 % na III-2 e 8 % na III-1). Se tivermos em conta a totalidade dos fragmentos de superfícies corroídas as pastas VIII e III são as que mais contribuem para os 16 % de superfícies externas degradadas, sendo que estas pastas são das mais numerosas.

– Tal como já foi referido cremos que determinados tipos de tratamentos de superfície – como os cepilhados, rugosos e areados – são aqueles que melhor definem a Idade do Ferro do Crasto de Palheiros. Os contextos integrados na fase III-3 do TEL ordenam-se da seguinte forma (daquele com menor presença destes tratamentos de superfície para aquele com maior presença): A46 (9 %), A41 (10 %), A40 (12 %) e A45 13 %). Podemos ver que a distribuição deste tipo de tratamento de superfície não se relaciona com a cronologia própria de cada contexto, tal como acontecia na fase III-2. Na fase III-2 os contextos com maior quantidade de fragmentos destes tipos de tratamentos de superfície eram os mais modernos dentro da fase em estudo no entanto na fase III-2 estes tratamentos de superfície possuíam uma importância que não possuem na fase III-3. Deste modo, o comportamento deste tipo de tratamento de superfície, na fase III-3, não é, verdadeiramente, revelador de todas as suas características.

e) Diversidade da cor nos fragmentos / Tipos de cozedura / Uso e deposição

A análise da diversidade de cor foi realizada aos quatro contextos integrados na fase III-3 e respectivas estampas, a saber: totalidade da fase III-3 (estampas CDXLIV, CDXLIX, CDL e CDLI, Q1), A40 (estampas CDXLV, CDLII e CDLIII), A45 (estampas CDXLVI e CDLIV), A46

(estampas CDXLVII, CDLV e CDLI, Q2) e A41 (estampas CDXLVIII, CDLVI e CDLVII). Como já foi referido, a análise integrada dos tipos de cor é baseada na avaliação de nove factores de análise cujos resultados são conjugados com o objectivo de agrupar os contextos consoante as suas semelhanças.

Com base na avaliação dos pontos 1, 2 e 3 (Tipos de cor predominantes nos cernes e sua evolução : 1º, 2º e 3º lugares) podemos dizer o seguinte.

– Todos os contextos que constituem a fase III-3 possuem uma maioria de fragmentos de cerne negro, sendo que organizados da menor para a maior percentagem temos: A40 (51 %), A41 (61 %), A45 (62 %) e A46 (63 %).

– A A40 possui uma hierarquia de cores presente nos cernes correspondente a P, C, VE – 51, 19, 17 % respectivamente. Este contexto é o mais discrepante pois todos os outros possuem outra hierarquia.

– As A45, A46 e A41 possuem uma hierarquia de cores presente nos cernes correspondente a P, VE, C, 1º, 2º e 3º lugar respectivamente. O tipo P está compreendido entre 61 e 63 %, o tipo VE está compreendido entre 12 e 16 % e o tipo C está compreendido entre 9 e 15 %.

– Apesar das diferenças nas hierarquias apresentadas se atendermos aos valores percentuais, perceberemos que as diferenças entre contextos não são tão evidentes e que a A40 não é tão discrepante como parece ser. Os valores percentuais mostram uma semelhança entre a A40 e a A45, na quantidade de cernes vermelhos (VE) e castanhos-escuros (C), mas não na quantidade de cernes negros (P). A A46 e A41 revelam uma grande semelhança entre si que é o resultado da própria natureza da A41 (a A41 é constituída maioritariamente pela A46).

– Deste modo, os três contextos principais ficam descritos do seguinte modo: 1) a A40 é o contexto com maior quantidade de cerâmicas de cerne vermelho e aquela onde elas mais se destacam pois a quantidade de cernes negros é a mais baixa dos três contextos (ainda que a quantidade de cernes castanhos-escuros seja a mais alta dos três); 2) a A46 é o contexto mais vermelho que se segue à A40, pois apresenta uma percentagem semelhante de cernes vermelhos (12 % na A46 e 17 % na A40), ainda que a quantidade de cernes negros seja bastante superior (63 % na A46 e 51 % na A40) a quantidade de cernes castanhos é, bastante, inferior (9 % na A46 e 19 na A40); 3) a A45 é o contexto com maior quantidade de cernes escuros (62 % de tipo P e 15 % de tipo C) ainda que com uma presença significativa de cernes vermelhos (16 %) e 4) como podemos observar é valorizado o aspecto geral de cada contexto e a distribuição dos vários tipos de cor.

– A hierarquia obtida através da análise dos pontos 1, 2 e 3 coincide com a hierarquia cronológica já obtida na análise das pastas. Assim, a A45 é o contexto mais antigo e mais escuro, seguido da A46

e A40, os contextos mais modernos e mais vermelhos. É de notar que as diferenças de cor entre estes contextos são mínimas sendo que não podemos afirmar a sua validade como caracterizantes de cada contexto.

A avaliação dos restantes tipos de cores presentes nos cernes – ou aqueles com menor representatividade (ponto 8) – revelou o seguinte.

– Em todos os contextos estudados, à excepção da A41, o tipo de cor VC é o que menos ocorre nos cernes (de 1 a 3 %) sendo que nas superfícies externas a sua máxima presença é de 9 % e nas superfícies internas é 7 %. De seguida, o tipo de cor A é o que menos ocorre nos cernes (de 1 a 3 %) sendo que nas superfícies externas a sua máxima presença é de 23 % e nas superfícies internas é 13 %. E, por último, o tipo de cor B, com uma presença nos cernes de 6 a 7 % sendo que nas superfícies externas a sua máxima presença é de 7 % e nas superfícies internas é 3 %.

– Podemos observar que os contextos são muito semelhantes entre si ainda que a A45 se revela como o contexto mais discrepante pois é aquele onde é identificada as mais baixas presenças dos tipos VC e A (1 % cada), que se conjugam com uma presença alta do tipo B (6 %) e, como já foi referido, a presença mais alta do tipo P (63 %).

– Podemos concluir que os resultados da análise do ponto 8 concordam, genericamente, com os resultados da análise dos pontos 1, 2 e 3, onde a A45 se destaca dos restantes contextos. Em relação à A40 e A46 podemos dizer que as diferenças entre elas são bastante esbatidas e portanto pouco dignas de nota. Deste modo, concluímos que o contexto mais antigo se destaca dos restantes.

A análise das cores presentes nos recipientes relacionados com a ocupação da Idade do Ferro (ponto 7) permitiu concluir o que expomos de seguida.

– Todos os contextos possuem uma maioria de recipientes com cernes negros no entanto as A45, A41 e A40 possuem uma grande maioria, com valores altos (100, 56 e 51 %, respectivamente) e a A46 possui uma maioria de valor baixo (30 %) à qual seguem, de perto, os tipos C, VC e VE (20 % cada).

– Os tipos de cores presentes nas superfícies dos recipientes variam bastante sendo que os tipos VE, C e A são aqueles com maior visibilidade. A A40 é aquela que apresenta uma maior presença do tipo de cor VE nas superfícies (tanto externas como internas) que está de acordo com os resultados gerais dos fragmentos (pontos 1, 2 e 3). A A45 é o contexto que apresentam maior quantidade do tipo de cor P nas superfícies internas (67 %) e uma boa quantidade (ainda que relativamente baixa) nas superfícies externas (17 %) que, também está de acordo com os resultados gerais dos fragmentos (pontos 1, 2 e 3). Relembramos que este contexto é o mais escuro dos três principais.

Por último, a A46 é o contexto que revela maior variedade de tipos de cor tanto nos cernes como nas superfícies dos recipientes.

– Podemos concluir que todos os contextos são diferentes entre si, sendo que os resultados da A40 e A45 concordam com os resultados dos pontos 1, 2 e 3. Desse modo, cremos que estes contextos revelam uma boa coesão interna e uma boa diferenciação entre eles que se revela nos vários pontos de análise.

A avaliação das conjugações de cores e sua hierarquia presentes em cada contexto (ponto 4) revelou os seguintes resultados:

– Os contextos integrados na fase III-3 do TEL revelam algumas diferenças nas hierarquias de conjugações de cores, a saber: 1) a A45 possui a seguinte hierarquia: P-P-P (17 %), A-P-P (9 %), VE-VE-VE (7 %) e A-P-A (6 %); 2) a A46 possui a seguinte hierarquia: P-P-P e VE-P-VE (9 % cada), A-P-P (8 %), B-P-P (7 %) e A-P-A e VE-VE-VE (6 %); 3) a A40 possui a seguinte hierarquia: C-C-C (13 %), VE-VE-VE (12 %), P-P-P (10 %) e VE-P-VE (8 %) e 4) a A41 possui a seguinte hierarquia: P-P-P (10 %), VE-VE-VE e VE-P-VE (8 %), A-P-A (8 %) e A-P-P (7 %).

– Com base no observado podemos dizer que: 1) a A45 destaca-se pelas conjugações que usam os tipos de cor P, sendo um conjunto cerâmico que se distingue dos restantes pelo maior uso de tons escuros; 2) a A46 revela-se semelhante à A45 ainda que na A46 a importância do tipo P seja mais reduzida e a importância do tipo VE superior àquela apresentada na A45; 3) a A40 destaca-se pelas conjugações de cores mais claras, onde predominam os tipos C e VE.

– Tal como ocorre nas fases anteriores, podemos dizer que os contextos mais antigos são mais escuros e predominam, quer nos cernes quer nas superfícies, o tipo de cor P e os contextos mais modernos revelam uma maior presença dos tipos de cor VE e C, quer nos cernes quer nas superfícies, ainda que estes não sejam majoritários. Podemos observar oscilações de cor consoante os contextos e as fases onde se encontram integrados, sendo que uma mesma fase apresenta contextos com recipientes de colorações diferentes. No entanto é evidente uma tendência de uso que se reflecte num crescimento, paulatino, do uso do tipo de cor VE à medida que a ocupação da Idade do Ferro se desenvolve temporalmente. Quer dizer que nos contextos mais modernos encontramos maior presença de cerâmicas de cores mais claras, quer castanhas, quer vermelhas.

A avaliação dos tipos de cores presentes nas superfícies dos fragmentos de cernes negro (ponto 5) permite intuir processos de descoloração sofrida pelos fragmentos cerâmicos. A análise deste factor revelou os seguintes resultados:

– A A45 é o único contexto onde encontramos uma maioria de fragmentos de cerne de tipo P com superfícies externas do mesmo tipo. Neste contexto 62 % dos fragmentos possuem cerne negro (tipo

P), sendo que nas superfícies externas 22 % são de tipo P, 16 % são de tipo A e 10 % são de tipo VE e nas superfícies internas 35 % são de tipo P e 9 % são de tipo A.

– As A46 e A41 revelam uma maioria de fragmentos de cerne de tipo P com superfícies externas de tipo A. Na A46, 63 % dos fragmentos possuem cerne negro, sendo que, no total, nas superfícies externas 16 % são de tipo A, 14 % são de tipo VE e 11 % são de tipos P e C e nas superfícies internas 32 % são de tipo P e 11 % são de tipo VE. Na A41, 61 % dos fragmentos possuem cerne negro, sendo que, no total, nas superfícies externas 16 % são de tipo A, 13 % são de tipo P e 11 % são de tipo VE e nas superfícies internas 29 % são de tipo P e 9 % são de tipo VE. Podemos observar que estes dois contextos são bastante semelhantes entre si nas quantidades de tipos de cor apresentadas nas superfícies dos fragmentos de cerne negro.

– A A40 é o contexto que apresenta maior quantidade do tipo VE. Na A40, 51 % dos fragmentos possuem cerne negro, sendo que, no total, nas superfícies externas 14 % são de tipo VE, 12 % são de tipo P e 10 % são de tipos C e nas superfícies internas o tipo P é maioritário, com 24 % dos fragmentos (mais de 50 % dos fragmentos que possuem cerne negro).

– Com base no observado podemos ver que a A45 é o contexto menos descolorado, seguido da A40 e, por último da A46. As A45 e A46 são bastante semelhantes entre si, no entanto cremos que a maior variedade de cores apresentada nas superfícies externas dos fragmentos de cerne negro da A46 são o resultado de processos de descoloração. É de lembrar que A46 é o contexto que revela maior variedade de cor nos recipientes, sendo que os resultados de avaliação do ponto 7 estão de acordo com os resultados desta análise (ponto 5).

– Podemos afirmar que a ordem dos contextos conseguida a partir dos resultados da descoloração dos fragmentos de cerne negro não está de acordo com a ordem cronológica. Em relação às fases anteriores podemos dizer que apenas na fase III-1 identificamos uma concordância entre cronologia e descoloração dos contextos, pois tanto na fase III-2 como na III-3 a cronologia dos contextos não se encontra relacionada com a descoloração dos fragmentos. Deste modo, supomos que a descoloração dos fragmentos se relacione com processos de uso mais do que com processos pós-depositacionais.

No ponto 6 analisamos os contextos consoante as presenças (percentagens) de fragmentos de cerne de tipo P com superfícies de tipo C e fragmentos de cerne de tipo C com superfícies de tipo P. A avaliação deste factor revelou os seguintes resultados:

– Na A40: 1) 51 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P, 2) 11,10 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P e superfícies de tipo C (externa e/ou interna); 3) 19 % a

totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo C e 4) 2,91 % dos fragmentos possuem cerne de tipo C e superfícies de tipo P (externa e/ou interna).

– Na A45: 1) 62 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P, 2) 5,49 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P e superfícies de tipo C (externa e/ou interna); 3) 15 % a totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo C e 4) 5,51 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo C e superfícies de tipo P (externa e/ou interna).

– Na A46: 1) 63 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P, 2) 12,36 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P e superfícies de tipo C (externa e/ou interna); 3) 9 % a totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo C e 4) 4,12 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo C e superfícies de tipo P (externa e/ou interna).

– Na A41: 1) 61 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P, 2) 11,29 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo P e superfícies de tipo C (externa e/ou interna); 3) 12 % a totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo C e 4) 3,77 % da totalidade dos fragmentos possuem cerne de tipo C e superfícies de tipo P (externa e/ou interna).

– Se ordenarmos os contextos consoante o resultado do índice usado (C Ps/P Cs) e por ordem decrescente (do mais descolorado para o menos descolorado) obtemos a seguinte ordem: A40 (índice = 0,26), A46 e A41 (índice = 0,33) e A45 (índice = 1).

– Neste caso, os resultados do índice encontram-se de acordo com os resultados dos outros parâmetros de avaliação sendo que a ordem apresentada pelo índice é aquela que cremos ser a mais correcta. Deste modo, o contexto mais antigo é o menos descolorado e o contexto mais moderno é o mais descolorado. Com base na avaliação única do índice os resultados da descoloração são coincidentes com a cronologia dos contextos em oposição aos resultados de avaliação do ponto 5.

– cremos que a variação dos resultados obtidos nos pontos 5 e 6 se deve à natureza dos conjuntos cerâmicos. Quer dizer, no ponto 5 são avaliadas as cores presentes nas superfícies de fragmentos de cerne negro sendo que estas cores podem ser o resultado de processos de cozedura, uso e pós-deposicionais. No ponto 6 é avaliada a relação entre determinados tipos de fragmentos sendo que os resultados dessa relação (índice) apontarão para determinadas características contextuais. Deste modo, cremos que o ponto 6 avalia mais correctamente a descoloração dos fragmentos através de processos pós-deposicionais do que o ponto 5, que avalia a variedade de cor nos fragmentos, variedade essa que pode ser o resultados de processos não relacionados com a evolução / degradação do depósito.

Por último, apresentamos os resultados da avaliação conjunta dos fragmentos com cores concordantes e da diversidade de conjugações presente nos contextos em estudo (ponto 9). Apresentamos de seguida os resultados obtidos.

– O contexto que apresenta maior preservação de cor é a A40, com 38 % dos fragmentos de cores concordantes, seguida da A45 com 29 % de fragmentos de cores concordantes, A41 com 26 % e, por último, a A46 com 24 % de fragmentos de cores concordantes.

– O contexto que apresenta maior diversidade de cor é a A46 sendo que 41 % dos fragmentos são representados por conjugações de cor de baixa presença (inferior a 3%), seguida da A41 com 38 %, A45 com 35 % e, por último, a A40 com 33 % dos fragmentos.

– Tendo em conta os resultados obtidos, que são totalmente concordantes, ordenamos os contextos do mais bem preservado (a nível da cor) para o pior preservado: A40, A45, A41 e A46.

– A análise do ponto 9 revela-se discordante com a análise do ponto 6. Quer dizer, os resultados não seguem a mesma ordem da apresentada na avaliação do ponto 6, que era a ordem cronológica dos contextos. Na avaliação do ponto 9, a A40 (o contexto mais moderno) é aquela que apresenta maior presença de fragmentos concordantes ao nível de cor e menor quantidade de fragmentos integrados nas conjugações minoritárias. Quer dizer que o contexto mais moderno aparente ser o mais bem preservado a nível da cor. Quer dizer, não ocorre uma boa preservação de cor nos contextos mais antigos que supostamente estariam mais protegidos dos processos erosivos.

– Através das várias avaliações que foram sendo realizadas e dos vários resultados que foram sendo obtidos concluímos que o factor de análise 9 não é o mais apropriado para compreender o grau de descoloração de um depósito cerâmico através de processos pós-deposicionais.

f) Espessuras presentes nos fragmentos e recipientes / Evolução da espessura das pastas

A análise das espessuras presentes nos fragmentos e recipientes foi realizada a todos os contextos integrados na fase III-3 e com base nas seguintes estampas: Fase III-3 (estampa CDLVIII), A40 (estampa CDLIX, quadro 1), A45 (estampa CDLIX, quadro 2), A46 (estampa CDLX, quadro 1) e A41 (estampa CDLX, quadro 2). O quadro correspondente à totalidade da fase III-3 (estampa CDLVIII) é, como já foi referido, a soma de todos os fragmentos presentes nos vários contextos integrados nesta fase no entanto, ao contrário do que acontece nas outras fases, nem sempre é possível construir gráficos de evolução das pastas para todas as pastas presentes. As pastas com um número reduzido de fragmentos são a IX e XI não possibilitando a construção de

gráficos evolutivos. A pasta XII apresenta, também, um número reduzido de fragmentos em alguns contextos.

A análise das espessuras presentes nos fragmentos e recipientes revelou os seguintes resultados.

– A *pasta I* está presente em todos os contextos analisados e em todos eles apresenta um número suficiente de fragmentos de modo a possuir uma linha evolutiva (ainda que a A45 apresente um número bastante reduzido de fragmentos de pasta I). Na totalidade da fase III-3, na A40, A46 e A41, os fragmentos de pasta I encontram-se entre as categorias 2 e 5 e uma maioria na cat. 3. Na A45, os fragmentos de pasta I encontram-se entre as categorias 2 e 5 e uma maioria nas categorias 2 e 3. A comparação dos tipos de curva desta pasta presentes nos vários contextos permitiu concluir que a pasta se comporta, genericamente, da mesma forma, ainda que as curvas não sejam, totalmente, coincidentes. Em todos os contextos o intervalo de categorias é o mesmo e a categoria com maior número de fragmentos é, também a mesma. No entanto, a relação entre o número de fragmentos nas várias categorias difere sendo que: 1) na A40, o número de fragmentos em cat. 2 equivale a 70 % do da cat. 3; 2) na A45, o número de fragmentos em cat. 2 é igual ao da cat. 3; 3) na A46, o número de fragmentos em cat. 2 equivale a 37 do da cat. 3 e 4) na A41, o número de fragmentos em cat. 2 equivale a 40 % do da cat. 3. Com base no analisado podemos dizer que em todos os contextos os fragmentos de pasta I são, tendencialmente, finos no entanto na A40 encontramos o conjunto de fragmentos de pasta I mais finos, na A46 os mais espessos sendo que o conjunto da A45 é inconclusivo.

– A *pasta II* encontra-se ausente na fase III-3.

– A *pasta III* está presente em todos contextos analisados e em todos eles apresenta um número suficiente de fragmentos de modo a possuir uma linha evolutiva. Na totalidade da fase III-3, na A45 e na A41, os fragmentos de pasta III encontram-se entre as categorias 2 e 6 e uma maioria na cat. 4. Nas A40 e A46, os fragmentos de pasta III encontram-se entre as categorias 2 e 5 e uma maioria na cat. 3. Podemos observar que o intervalo de categorias não é o mesmo bem como a categoria que apresenta o número máximo de fragmentos. Deste modo as A40 e A46 revelam semelhanças nos gráficos evolutivos apresentados sendo que o número de fragmentos em cat. 4 equivale a cerca de 90 % do da cat. 3. Na A45, o número de fragmentos em cat. 3 equivale a 58 % do da cat. 4. Com base no analisado podemos dizer que em todos os contextos os fragmentos de pasta III são, tendencialmente, de espessura mediana / fina sendo que os fragmentos desta pasta são, claramente mais espessos que os de pasta I mas não podem ser considerados muito espessos. Nas A40 e A46 encontramos os conjuntos de fragmentos de pasta III mais finos e na A45 os mais espessos.

– A *pasta IV* encontra-se presente, unicamente, na A40, com um número bastante reduzido de fragmentos ainda que representada por um gráfico evolutivo. Na A40, a maioria dos fragmentos encontra-se nas categorias 3 e 4 (em igual número) sendo que o intervalo encontra-se entre as categorias 2 e 5. A distribuição dos fragmentos é muito uniforme tornando difícil uma caracterização mais pormenorizada. Concluímos com base nestes resultados que os fragmentos de pasta IV são, tendencialmente, de espessuras medianas / grossas (pois o número de fragmentos na categoria 5 é muito semelhante àqueles das categorias 3 e 4).

– A *pasta V* encontra-se ausente na fase III-3.

– A *pasta VI* encontra-se presente em todos os contextos analisados tendo sido possível construir gráficos evolutivos em todos eles. Em todos os contextos o número de fragmentos mais elevado encontra-se na categoria 4 sendo que os contextos se distinguem pelos diferentes intervalos de categorias e pelas diferentes relações entre as categorias. Na totalidade da fase III-3 e na A40, o intervalo de categorias está compreendido entre a 2 e a 7; na A45, o intervalo de categorias está compreendido entre a 3 e a 5; na A46, o intervalo de categorias está compreendido entre a 2 e a 5 e na A41 o intervalo de categorias está compreendido entre a 2 e a 6. Com base na análise efectuada podemos dizer que: 1) na A40, os fragmentos de pasta VI são, tendencialmente, mais finos do que nos restantes contextos pois o número de fragmentos em cat. 3 equivale a 63 % do da cat. 4; 2) os fragmentos das A46 e A41 são, tendencialmente, mais espessos do que aqueles da A40 sendo que os conjuntos são semelhantes entre si – o número de fragmentos em cat. 3 equivale a cerca de 50 % do da cat. 4 e 3) os fragmentos da A45 são os mais espessos de todos pois o número de fragmentos em cat. 3 equivale apenas a 36 % do da cat. 4. Podemos concluir que em todos os contextos, os fragmentos de pasta VI são tendencialmente, de espessuras médias / grossas.

– A *pasta VII* encontra-se presente em todos os contextos analisados no entanto, possui um número bastante reduzido de fragmentos nas A45 e A46. Na totalidade da fase III-3, A40 e A41, os fragmentos encontram-se entre as categorias 3 e 6 com uma maioria na cat. 4; na A45, os fragmentos encontram-se entre as categorias 3 e 5 com uma maioria nas cats. 3 e 4 e na A46, os fragmentos encontram-se entre as categorias 4 e 6 com uma maioria nas cats. 4 e 5. Com base na análise efectuada podemos dizer que: 1) na A40, os fragmentos de pasta VII são, tendencialmente, mais finos do que nos restantes contextos pois o número de fragmentos em cat. 5 equivale a 60 % do da cat. 4; 2) o número de fragmentos nas A45 e A46 não permite conclusões pormenorizadas no entanto, podemos observar uma clara preferência pelas categorias 4 e 5; 3) a A41 (que usamos aqui para avaliar mais convenientemente as A45 e A46) apresenta os fragmentos de pasta VII,

tendencialmente mais espessos sendo o número de fragmentos em cat. 5 equivale a 76 % do da cat. 4 e 4) na totalidade da fase III-3, fragmentos de cat. 2 são inexistentes, o número de fragmentos em cat. 3 equivale a 18 % do da cat. 4 e o número de fragmentos em cat. 5 equivale a 70 % do da cat. 4. Podemos concluir que numa análise global os fragmentos desta pasta revelam, uma tendência a apresentar, espessuras médias/grossas (por exemplo, mais evidentes do que os da pasta VI).

– A *pasta VIII* encontra-se presente em todos os contextos analisados e permitiu a construção de gráficos evolutivos em todos eles. Em todos os contextos o número de fragmentos mais elevado encontra-se na categoria 3 sendo que os contextos se distinguem pelos diferentes intervalos de categorias e pelas diferentes relações entre as categorias. Na totalidade da fase III-3, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 7; na A40, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 6; na A45, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 4; na A36, os fragmentos encontram-se entre as categorias 3 e 5 e na A41, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 5. Com base na análise efectuada podemos concluir que: 1) na A45 são identificados os fragmentos de espessuras mais finas, sendo que o número de fragmentos em cat. 2 equivale a 17 % do da cat. 3 e o número de fragmentos em cat. 4 equivale apenas 22 % do da cat. 3; 2) nas A40 e A46 os fragmentos possuem espessuras médias / grossas em que o número de fragmentos em cat. 4 equivale a 77 e 89 % do da cat. 3, respectivamente, podendo ser observada uma preferência tanto por uma categoria como pela outra; 3) as A40 e A46 revelam bastantes semelhanças entre si; 4) na totalidade da fase III-3, os fragmentos de pasta VI revelam espessuras médias e grossas, com uma tendência para o médio sendo que o número de fragmentos em cat. 2 equivale a 15 % do da cat. 3 e o número de fragmentos em cat. 4 equivale a 73 % do da cat. 3. Numa análise global consideramos que esta pasta possui fragmentos com uma espessura tendencialmente mediana, pois o número de fragmentos em categorias 2, 3 e 4 é muito elevado se comparado com o número de fragmentos em categorias 5, 6 e 7, que equivalem a 6 % do conjunto total.

– A *pasta IX* possui um número muito reduzido de fragmentos (entre 1 a 4 fragmentos por contexto) sendo que não é possível perceber o comportamento desta pasta, nesta fase de ocupação. Podemos apenas dizer que na totalidade da fase III-3 (onde são somados todos os resultados) aos 5 fragmentos identificados apresentam-se nas categorias 3 e 4.

– A *pasta X* encontra-se presente em todos os contextos com um número reduzido de fragmentos ainda que representada por gráficos evolutivos. O comportamento desta pasta difere bastante dependendo do contexto sendo que encontramos as seguintes características: na totalidade da fase III-3, na A45 e na A41, os fragmentos encontram-se entre as categorias 3 e 6 com uma maioria na cat. 4; nas A40 e A46, os fragmentos encontram-se entre as categorias 3 e 5 com uma maioria nas

categorias 3 e 5, respectivamente. Com base no analisado podemos dizer que: 1) em todos os contextos as espessuras são, tendencialmente, médias / grossas; 2) na A40 encontramos os fragmentos de espessuras mais finas sendo que o número de fragmentos em cat. 4 equivale a 50 % do da cat. 3; 3) na A46 encontramos os fragmentos de espessuras mais grossas sendo que a maioria encontra-se na cat. 5 e o número de fragmentos em cat. 4 equivale a 75 % do da cat. 5 e 4) os três contextos principais (A40, A45 e A46) revelam-se muito dispares entre si. Numa análise geral, concluímos que os fragmentos desta pasta são, tendencialmente, de espessura média / grossa sendo que na totalidade da fase III-3, o número de fragmentos em cat. 3 equivale a 88 % do da cat. 4 e o número de fragmentos em cat. 5 equivale a 54 % do da cat. 4.

– A *pasta XI* está ausente na A45 e possui um número muito reduzido de fragmentos nos restantes contextos (2 fragmentos por contexto). Como é evidente, não é possível uma avaliação pormenorizada da pasta XI sendo que apenas podemos observar os resultados da totalidade da fase III-3. Na totalidade da fase III-3 observamos uma pequena preferência pela categoria 5 que na fase III-2 é a categoria maioritária de fragmentos. Tendo em conta as análises já realizadas (incluindo as das fases anteriores) concluímos que esta pasta é, na fase III-3, residual e que as suas características não são claramente, visíveis.

– A *pasta XII* encontra-se presente em todos os contextos analisados ainda que nas A40 e A46 seja identificada, apenas, por 3 e 2 fragmentos, respectivamente. Na totalidade da fase III-3, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 7 com uma maioria na cat. 4; na A45, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 6 com uma maioria nas categorias 4, 5 e 6 e na A41, os fragmentos encontram-se entre as categorias 2 e 7 com uma maioria na cat. 5. Como base na análise individual dos contextos, podemos dizer que: 1) as A40 e A46 são inconclusivas; 2) na A41 os fragmentos são, tendencialmente, mais espessos pois a maioria encontra-se na categoria 5, o número de fragmentos em cat. 6 equivale a 50 % do da cat. 5 e o número de fragmentos em cat. 4 equivale a 83 % do da cat. 5; 3) na A45 os fragmentos são mais finos do que na A41 e 4) na totalidade da fase III-3 os fragmentos de pasta XII são, tendencialmente, medianos / espessos sendo que as categorias preferidas são a 4 e 5 (o número de fragmentos em cat. 5 equivale a 81 % do da cat. 4). Podemos afirmar que na globalidade os fragmentos desta pasta possuem espessuras médias e grossas.

Tendo em conta a análise descrita acima, podemos observar o seguinte.

– As *pastas I, III, VI e VIII* possuem um comportamento semelhante em todos os contextos analisados.

- As *pastas IV, IX, X XI e XII* revelam comportamentos muito díspares que são, em parte, consequência do baixo número de fragmentos identificados para cada uma destas pastas.
- A *pasta VII* revela um comportamento algo díspar mas não tão diferenciado como o daquelas acima indicadas.
- As *pastas II e V* encontram-se ausentes.
- Em suma, as pastas I, III, VI, VII e VIII revelam comportamentos, genericamente semelhantes e pontualmente diferentes sendo que essas disparidades pontuais podem estar relacionados com a amplitude de categorias de espessura, a categoria com a maioria dos fragmentos e a relação apresentada entre categorias ou a forma como os fragmentos se distribuem pelas categorias.
- *Após a análise das características das espessuras dos fragmentos de cada tipo de pasta – presentes em todos os contextos – podemos supor que: 1) a pasta I é usada no fabrico de recipientes de paredes finas (os mais finos do conjunto estudado); 2) a pasta III é usada no fabrico de recipientes de paredes mais espessas que aqueles de pasta I sendo consideradas paredes de espessura média; 3) as pastas VI, VII e VIII são usadas no fabrico de recipientes de paredes de espessura mediana/grossa sendo que a pasta VIII também revela alguns recipientes mais finos e a pasta VII é das três, aquela que revela espessuras maiores; 4) as pastas IV, IX e XI são inconclusivas; 5) as pastas X e XII são usadas no fabrico de recipientes de paredes com espessuras grossas e 6) as pastas II e V encontravam-se ausentes.*
- A categoria de espessura dominante nos fragmentos e recipientes é, em ambos, a 4. Nesta fase as espessuras dos fragmentos sem forma e dos bordos e bases são, estatisticamente, concordantes sem que saibamos se esse comportamento é significativo.
- O gráfico de evolução das espessuras dos recipientes para a totalidade da fase III-3 (estampa CDLVIII) podemos ver que só as pastas I, VI e VIII possuem linhas evolutivas. As restantes pastas são representadas quer por um número reduzido de fragmentos que não permite a construção de gráficos evolutivos quer por um grupo que se distribui de uma forma pouco homogénea. Como já foi referido em relação aos recipientes da fase III-2 cremos que as espessuras presentes nos bordos e bases dos recipientes não possuem uma lógica de espessura e não revelam uma tendência geral de uso. No entanto cremos que existe uma certa proporcionalidade entre espessura da parede geral e bordo ou base que leva a um equilíbrio estatístico.

5.5.2.2. Análise Morfológica

A análise morfológica do conjunto cerâmico da fase III-3 ponderou todos os bordos, bases e recipientes identificados em todos os contextos integrados (A40, A45, A46, A41 e outros Lxs.

integrados somente na totalidade da fase III-3). Os bordos/recipientes integrados nesta fase são: 260 (est. CXI, 8), 261 (est. CIV, 3), 262 (est. CVI, 16), 265 (est. CX, 7), 282, 283 (est. CX, 5), 284 (est. CXVI, 4), 285 (est. CVI, 11), 287 (est. CVI, 18), 288 (est. XCIV, 9), 297 (est. CX, 8), 298 (est. CIV, 10), 299 (est. CIV, 4), 300 (est. CXII, 6), 301, 302, 304 (est. CVI, 20), 305 (est. CVI, 17), 307 (est. CXII, 3), 308 (est. CXIII, 1), 316 (est. CXI, 7), 318 (est. CV, 2), 329, 338 (est. CV, 14), 339 (est. CVI, 2), 353, 356, 357, 359 (est. CIV, 5), 368, 375, 376 (est. CIV, 12), 377, 378 (est. CXI, 6), 379 (est. XCIV, 10), 380, 382, 383 (est. CXVI, 1), 386 (est. CVI, 14), 387, 389 (est. CVI, 15), 390 (est. XCIV, 7), 395 (est. CV, 9), 401, 402 (est. CXIII, 6), 406 (est. CV, 1), 410 (est. CVI, 9), 411 (est. CX, 4), 413 (est. CV, 15), 422 (est. CX, 7), 423, 428 (est. CXIII, 5), 429 (est. CX, 2), 431, 436 (est. XCVII, 1), 437 (est. CIX, 2), 438 (est. CX, 1), 440 (est. CVI, 8), 448 (est. XCIV, 8), 1014 (est. CXIV, 1) e 1016 (est. XCVII, 3) e as bases identificadas são: 152, 162 (est. CXVIII, 9), 163, 165, 166 (est. CXVIII, 2), 168, 169 (est. CXVIII, 3), 170, 171 (est. CXIX, 10), 172 (est. CXIX, 9), 173, 175, 178 (est. CXIX, 12), 181, 182, 187 (est. CXVII, 2), 201 (est. CXVI, 3), 202 (est. CXVII, 1), 210 (est. CXVII, 8), 214 (est. CXVI, 8), 215 (est. CXVI, 6), 216 (est. CXVI, 7), 219, 225 (est. CXVI, 9), 229 (est. CXIX, 15), 236 (est. CXIX, 1), 242, 255 (est. CXVI, 5), 270, 271 e 276.

A análise morfológica efectuada para a fase III-3 é baseada na observação dos seguintes quadros: 1) tipos de recipientes por contexto (est. CDLXI, Q1); 2) tipos de recipientes e suas pastas na totalidade da fase III-3 (est. CDLXI, Q2); 3) tipos de recipientes e suas capacidades na totalidade da fase III-3 (est. CDLXII, Q1); 4) relação entre os tipos de capacidade e os tipos de pasta presentes nos recipientes (est. CDLXII, Q2); 5) tipos de bases e seus contextos (est. CDLXII, Q3); 6) tipos de bases e respectivos ângulos de parede/pança (est. CDLXII, Q4); 7) tipos de recipientes e respectivos tipos de bordos na totalidade da fase III-3 (est. CDLXIII); 8) tipos de bordos, bases e respectivas pastas na totalidade da fase III-3 (est. CDLXIV) e 9) tipos de bordos, bases e respectivas pastas nos contextos mais relevantes: A40 (est. CDLXV, Q1), A45 (est. CDLXV, Q2), A46 (est. CDLXV, Q3), e A41 (est. CDLXVI).

A análise dos recipientes da totalidade do conjunto da fase III-3 permitiu as seguintes observações.

– Na totalidade da fase III-3, 62 % dos bordos permitiram a reconstituição dos recipientes (38 dos 61 bordos presentes), no entanto cada contexto comporta-se de forma diferente na reconstituição dos seus recipientes. Em relação às fases anteriores podemos observar, na fase III-3, uma subida dos recipientes reconstituídos em relação à fase III-2 sem que, no entanto, esta fase possua a maior presença de recipientes reconstituídos. Na fase III-1 70 % das formas foram reconstituídas e na fase

III-2 foram 49 %. Podemos observar ao longo da ocupação da Idade do Ferro uma oscilação na reconstituição dos recipientes que pode estar relacionada quer com o estado de conservação dos fragmentos e estratos quer com o número de recipientes presentes em cada fase.

– Os contextos foram ordenados por ordem decrescente (daquele com maior percentagem de reconstituições para aquele com menor percentagem de reconstituições): A46 (89 %), A45 (60 %) e A40 (54 %). Podemos dizer que, os contextos mais bem preservados são os mais antigos e que a fase III-3 se encontra, genericamente, bem conservada.

– Podemos observar em cada fase analisada a presença de maior quantidade de recipientes reconstituídos nos contextos mais antigos o que cria na perspectiva global uma grande oscilação na conservação dos recipientes. No geral podemos concluir que a fase mais antiga é a mais bem preservada, à qual se segue a última fase sendo que a fase intermédia (III-2) é a pior preservada. É de notar que a fase III-2 é a mais longa, a que integra maior número de contextos e a que possuem os maiores conjuntos cerâmicos sendo, desse modo, a fase com maior probabilidade de se encontrar pior preservada pois sofreu toda uma série de processos de deterioração relacionados com o quotidiano das comunidades e ao mesmo tempo, processos de erosão.

– Na totalidade da fase III-3 os tipos de recipientes com maior presença são: *8a* e *8b* (24 % cada), *6b* (16 %), *7a* (8 %) e *1a* (5 %). Os restantes tipos de recipientes apresentam presenças inferiores a 3 %. Em relação às fases anteriores podemos observar: 1) uma presença semelhante da forma *8b* em todas as fases sendo que na fase III-1 é onde se encontra em menor quantidade; 2) a forma *6a* possui uma presença semelhante nas fases III-1 e III-2 sofrendo um decréscimo acentuado na fase III-3; 3) a forma *8a*, tal como a *6a*, possui um comportamento oscilante sendo mais semelhante nas fases III-1 e III-2 e sofrendo um aumento considerável na fase III-3; 4) a forma *6b* é pouco usada nas fases III-1 e III-2 (presenças inferiores a 3 %) sendo que sofre um aumento considerável na fase III-3 (16 %) e 5) ausência total dos tipos de formas conotados com a Idade do Bronze nas fases III-2 e III-3.

– A distribuição dos tipos de recipientes nos vários contextos analisados não é concordante com os resultados obtidos para a totalidade da fase III-3. Os tipos de forma *8a* e *8b* (que são maioritários na totalidade da fase III-3) apenas são maioritários e em unísono na A46. Na A45 o tipo maioritário é o *7a* e na A40 é o *6b*. Podemos observar que os tipos preferidos nos contextos são também os tipos preferidos na totalidade da fase III-3 sendo que não ocorrem pela mesma ordem. Em relação à fase III-2 é de notar maior homogeneidade, pois na fase III-2 a distribuição dos tipos de recipientes pelos contextos era , ainda mais, díspar do que aquela apresentada na fase III-3. Concluímos que quanto

maior for o número de recipientes integrados nos contextos de determinada fase maior a probabilidade da distribuição dos mesmos não ser concordante com os resultados gerais.

– Na totalidade da fase III-3, 79 % dos recipientes são de perfil em “S”, 30 dos 38 recipientes reconstituídos. Os recipientes que não possuem perfil em em “S” – tipos 1, 2, 3 e 4 – estão presentes na A40 e A46. Na A40 os recipientes que não possuem perfil em “S” perfazem 10 % do total e na A46 correspondem a 50 %. Em relação às fases anteriores podemos observar o seguinte: 1) a presença de cada tipo de recipiente, seja de perfil em “S” ou não, oscila muito em cada contexto e fase analisada sendo que não podemos falar em decréscimos ou aumentos de uma forma generalizada; 2) na fase III-3 não identificamos uma relação proporcional entre a cronologia dos contextos estudados e o tipo de recipientes que contêm, algo que ocorria na fase III-2 e que pode ser explicado na fase III-3 pela pouca amplitude cronológica da mesma; 3) em relação à fase III-2 dá-se um aumento dos recipientes de perfil em “S” no entanto a presença deste tipo de recipientes na fase III-3 não é tão alta como na fase III-1; 4) uma ligeira diminuição da diversidade dos recipientes que não possuem um perfil em “S” em relação à fase III-2; 5) uma presença significativa de tipos de recipientes que não possuem perfil em “S” tanto na fase III-2 como na III-3 (na fase III-1, 2 tipos; na III-2, 10 tipos e na III-3, 7 tipos) e 6) uma boa presença de recipientes que não possuem um perfil em “S”, em vários contextos da fase III-2 e III-3 já que na fase III-1 este tipo de recipientes estavam associados unicamente a um contexto.

– A análise dos tipos de bordo presentes na fase III-3 (est. CDLXIV) permite concluir que os tipos de bordo predominantes são os tipos 1 (36 %), 4 (21 %) e os tipos 2, 3 e 5 são, claramente, minoritários com valores de 2 e 3 %. Os bordos de *tipo 1* e *4* estão presentes nos três contextos principais (A40, A45 e A46), os bordos de *tipo 2* ocorrem na A40 e A45, os bordos de *tipo 3* só ocorrem na A46 e os bordos de *tipo 5* ocorrem, apenas, na A41 (que integra todos os tipos de bordos e bases das A45 e A46 e o tipo de bordo 5 proveniente de outro contexto minoritário). Em relação às fases anteriores podemos observar: 1) uma presença semelhante em todas as fases dos bordos de *tipos 1* e *3*; 2) uma diminuição gradual do uso do tipo de bordo 2 (10 % na III-1, 8 % na III-2 e 2 % na III-3); 3) um aumento significativo na fase III-3 dos bordos de *tipo 4* (13 % na III-1, 12 % na III-2 e 24 % na III-3) e 4) uma presença semelhante do tipo de bordo 5 nas fases III-2 e III-3 sendo que este se encontrava ausente na fase III-1.

– A análise dos tipos de base (est. CDLXIV) permite concluir que o tipo de base predominante é o 1 (18 % da totalidade de bordos e bases), seguido do 3 (8 %), do 2 (7 %) e, por último, do tipo 9 (1 %). O tipo de *base 1* é o único presente em todos os contextos analisados, os tipos de *bases 2 e 3*

encontram-se presente nas A40 e A46 e o tipo de *base 9* só foi identificado na A46. Em relação às fases anteriores podemos observar: 1) uma presença semelhante em todas as fases do tipo de *base 1*; 2) uma subida paulatina (ainda que reduzida) ao longo de toda a ocupação das bases de *tipos 2 e 3*; 3) uma ausência de bases de *tipos 5, 6 e 7* presentes nas outras fases de ocupação (numa ou noutra) e 4) a presença de bases de *tipo 9* que se encontra ausente em ambas as fases de ocupação anteriores.

A análise formal dos recipientes (est. CDLXI, Q2) permitiu as seguintes observações:

– As pastas com maior variedade de recipientes são: a VI (9 tipos diferentes que perfazem 39 % dos recipientes reconstituídos); a VIII (5 tipos diferentes que perfazem 18 % dos recipientes); a III (3 tipos diferentes que perfazem 18 % dos recipientes) e, por último a I (7 tipos diferentes que perfazem 18 % dos recipientes). As pastas I, III e VIII foram ordenadas consoante o número total de bordos em cada uma delas já que o número de recipientes reconstituídos é o mesmo, 7 recipientes por pasta. As pastas I, III, e VIII (sendo que a VI é um pouco mais díspar) possuem um número muito semelhante de bordos e de recipientes reconstituídos sendo que as comparações realizadas entre estas pastas possuem grande valor estatístico. Deste modo, podemos concluir de modo acertado que, à excepção da pasta VI, a pasta I é aquela que apresenta maior diversidade formal, seguida da VIII e, por último, da III. Em relação às fases anteriores podemos observar que: 1) as pastas I, III e VI são relevantes em todas as fases de ocupação; 2) tanto na fase III-2 como na III-3 as diferentes pastas são usadas em inúmeros tipos de recipientes sendo que a sua distribuição é mais equitativa do que na fase III-1 e 3) a pasta VIII ganha relevância a partir da fase III-2 sendo que a sua importância é evidente na fase III-3.

– Os tipos de formas *2a, 2b, 2c, 3a, 3c, 4a, 5b, 6a e 9b* só são realizados numa pasta (cada forma na sua pasta) mas também só são representados por um recipiente. Deste modo, não podemos concluir em relação a estas formas algo sobre as suas pastas. Em relação à fase anterior podemos observar que os tipos de recipientes que só são representados por um exemplar não são os mesmos tipos que só são representados por um exemplar na fase III-2. Deste modo, podemos observar uma grande variabilidade de tipos de formas e pastas em cada fase de ocupação.

– Das formas que possuem maior número de exemplares (*1a, 6b, 7a, 8a e 8b*), as formas *8a, 8b e 6a* são aquelas que apresentam maior variedade nos tipos de pasta em que são construídas (4 tipos de pastas em cada tipo de forma), seguidas da *7a* (3 tipos) e *1a* (2 tipos). A pasta VII só se encontra associada ao tipo de forma *6b* e a pasta XII ao tipo de forma *8a*. Em relação às fases anteriores podemos observar que as fases III-1 e III-2 apresentam maior diversidade de tipos em relação à fase III-3 se tivermos em conta o número total de bordos presente por fase. Na fase III-1 ocorrem 14

tipos de formas em 44 bordos (nem todos reconstituídos), na fase III-2 ocorrem 18 tipos em 121 bordos e na fase III-3, 14 tipos em 61 bordos. Podemos concluir que a última fase de ocupação no TEL é a menos diversa formalmente.

– Das formas que possuem maior número de exemplares (*1a, 6b, 7a, 8a e 8b*), os tipos de formas *1a, 6b e 7a* são os que revelam uma distribuição mais igualitária, nas formas *8a e 8b* há preferência pela pasta VI e III e VI (de igual modo), respectivamente.

– Em 10 tipos de pastas identificados, 6 foram utilizados para construir recipientes (identificados com esta fase ocupacional) sendo que há uma clara preferência pelas pastas VI e VIII seguidas das pastas I e III. As pastas presentes nos recipientes revelam o que já sabíamos em relação aos fragmentos em geral, de que as pastas VI e VIII revelam uma importância evidente nesta última fase de ocupação. Em relação às fases anteriores podemos observar: 1) nas fases III-2 e III-3 não existe uma relação clara entre os tipos de pastas e os tipos de formas; 2) uma diminuição em relação à fase III-2 do número de pastas identificados em recipientes e 3) uma ausência da especialização, quer dizer, de pastas associadas a determinados recipientes, que já se faz notar desde a fase III-2.

– O tipo de recipiente com maior capacidade (est. CDLXII, Q1) é o *8a* (10 a 20 l) sendo que não foram identificados recipientes de capacidades entre os 5 e os 10 l. Todos os recipientes de forma de perfil em “S”, à exceção do tipo *8b*, possuem uma capacidade superior a 1 litro. Os três recipientes de tipo *7a* possuem uma capacidade de 2 a 5 litros sendo que são considerados de capacidade média / familiar. As formas que não se encontram integradas nas formas de perfil em “S” (1, 2, 3 e 4) e o tipo de forma *8b* revelam capacidades pequenas, encontrando-se equitativamente distribuídas pelas categorias 1 e 2. Em relação às fases anteriores podemos observar o seguinte: 1) na fase III-3 os tipos de forma *7a e 8a* são os preferidos para recipientes de maior capacidade sendo que nas fases anteriores era já visível uma preferência por alguns subtipos das formas 7 e 8; 2) em todas as fases a grande maioria dos recipientes possui uma capacidade até 5 litros; 3) em todas as fases o tipo de recipiente *8b* possui capacidades pequenas (no máximo até 1 litro) e 4) diminuição da diversidade formal nos recipientes de grande capacidade ao longo da ocupação da Idade do Ferro.

– O recipiente de maior capacidade (est. CDLXII, Q2) foi construído em pasta VI sendo que, também, é visível alguma preferência pelas pastas VIII e XII. No entanto não podemos afirmar que há uma relação intrínseca entre o tipo de pastas e a capacidade dos recipientes pois os recipientes de maior capacidade são construídos em pastas I, III, VI, VIII e XII. Uma mesma pasta serve para construir recipientes pequenos, médios ou grandes no entanto algumas pastas revelam uma maioria de recipientes com determinadas capacidades, por exemplo; os recipientes de pasta I são,

maioritariamente, pequenos, os recipientes de pasta VI são, maioritariamente, grandes e os recipientes de pasta III são medianos. Tal como observado nas fases anteriores, não parece existir uma preferência por determinado tipo de pasta quando se constrói um recipiente de grande capacidade no entanto é visível uma tendência geral na utilização de determinadas pastas.

– Na fase III-3, 59 % dos bordos permitiram a reconstituição da sua capacidade sendo que consideramos esta amostra boa pois mais de metade dos bordos permitiu reconstituição. Esta amostra revela as seguintes características: 1) conjunto pouco diverso ao nível das capacidades dos recipientes, onde foram identificados, maioritariamente, recipientes de pouca capacidade; 2) 52 % possuem uma capacidade até 2 litros, sendo que dos três tipos (1, 2 e 3) o 2 é o mais usado (0,3 a 1 l); 3) os recipientes de capacidade de 0,3 a 1 l (21 %) e de 2 a 5 l (39 %) são os mais numerosos; 4) apenas 2 % dos recipientes possuem uma capacidade superior a 5 l e 5) 12 % possuem uma capacidade inferior a 300 ml. Podemos observar uma distribuição com as seguintes características: a) uma preferência global por recipientes de pequena ou média capacidade; b) uma presença muito reduzida de recipientes típicos de armazenamento; c) uma presença significativa de recipientes pequenos, quando comparada com as restantes capacidades; d) uma utilização evidente de recipientes de uso quotidiano no qual se excluem os recipientes de armazenamento. Em relação às fases anteriores podemos observar: i) um aumento na reconstituição dos recipientes em relação à fase III-2 sendo semelhante ao da fase III-1; ii) um aumento na reconstituição da capacidade dos recipientes que está de acordo com o aumento na reconstituição formal dos mesmos; iii) em todas as fases as capacidades preferidas recaem nas categorias 2 e 4, 0,3 a 1 l e 2 a 5 l, respectivamente; iv) em todas as fases a distribuição dos recipientes pelas diversas categorias é diferente, por ex, a presença de recipientes com uma capacidade até 2 l é na fase III-1 de 43 %, na III-2 de 54 % e na fase III-e de 52 % e v) a diferença mais notória que percorre todas as fases é a distribuição dos recipientes de grande capacidade em que na fase III-3 estão praticamente ausentes.

– Na relação entre o tipo de recipiente e o tipo de bordo (est. CDLXIII) encontramos as seguintes características: 1) por principio determinados tipos de recipientes possuem determinados tipos de bordo, algo que está relacionado com a tipologia de formas no entanto nem sempre tal ocorre – os tipos de formas 1 e 2 deveriam possuir exclusivamente bordos de tipo 2 e 3, mas possuem de 1 e 2 e o tipo de forma 3 deveria possuir exclusivamente tipos de bordo 4 e 5 mas possui de 1 e 4 –; 2) os tipos de formas mais numerosos (6b, 7a, 8a e 8b) não se relacionam com nenhum subtipo de bordo em particular no entanto revelam algumas preferências por tipos de bordo; 3) as formas 7a, 8a e 8b possuem bordos de tipo 1 e 4 sendo que em todas é preferido o tipo 1 e 4) o tipo de bordo 1 é, claramente, o preferido para os tipos de formas 1, 3, 5, 6, 7, 8 e 9 constituindo mais de 50 % dos

recipientes reconstituídos e dos bordos identificados. Em conclusão em todas as fases é evidente uma forte oscilação nas conjugações de tipos de bordo e tipos de forma sendo que existem tendências gerais mas que são constantemente matizadas por variabilidade geral e constante.

– Um mesmo tipo de bordo, como por exemplo o *B1a9* ou o *B4 a4*, pode ser usado em vários tipos de recipientes alicerçando a ideia de que não existe uma relação causal entre o tipo de bordo e o tipo de recipiente. O *B1 a9* foi usado em recipientes de tipos *1a, 2b, 6b, 7a, 8a e 8b* e o tipo de bordo *B4 a4* foi usado em recipientes de tipos *3c, 6b, 8a e 8b*. No entanto parece existir uma preferência por determinados tipos de bordo, que se encontram em maior número: *B1 a9* (em 18 % dos recipientes), *B4 a4* (16 % dos recipientes), *B1 a5* (13 %) e *B1 a1* (8 % cada).

– Na análise geral dos bordos (est. CDLXIV) a presença de cada tipo é diferente daquela dos recipientes, no entanto continua a ser evidente a importância do *B1 a9* (18 % dos 61 bordos) do *B4 a4* (10 %) sendo que ganha importância dentro do tipo *B1* o subtipo *a1* (10 %), o *a5* (8 %) e o *a4* (7 %). Estes mesmo tipos de bordo se integrados juntamente com os tipos de bases possuem presenças menos evidentes e que se equiparam a alguns tipos de bases. Teoricamente, um tipo de bordo é tão importante com um tipo de base, no entanto o bordo permite maior variabilidade formal sendo normal que determinado tipo de bordo não possua a mesma presença estatística que determinado tipo de base.

– Em relação às bases dos recipientes (esta. CDLXIV) podemos observar que são muito utilizados os tipos BA 1.1 (38 % das bases), BA 3.1 (22 % das bases), BA 1.2 (16 %) e BA 2.1 e 2.2 (9 % cada). As bases de recipientes ocorrem maioritariamente em pastas III (26 %) e VIII (23 %) no entanto a sua distribuição é bastante equitativa por todas as pastas.

– Não parece existir uma relação entre os tipos de base e as categorias de ângulo da parede dos recipientes (est. CDLXII, Q4) sendo que: 1) o tipo de base 1 (BA1) possui exemplares em todas as categorias de ângulo presentes; 2) os tipos de bases 2 e 3 possuem exemplares em quase todas as categorias de ângulo, à exceção das categorias 5 e 6 no tipo 2 e das 2, 4 e 6 no tipo 3; 3) o tipo 9 só apresenta um exemplar e por isso não podemos relacionar o tipo de base com o ângulo da parede da pança e 4) nas categorias de ângulo que caracterizam os vasos troncocônicos (1, 2 e 3) ocorrem quase todos os tipos de base, à exceção do tipo 9.

– As categorias de ângulo predominantes são a 4 e 5 que perfazem 52 % do conjunto. Em todas as fases de ocupação as categorias de ângulos predominantes são a 4 e 5, sendo que nas fases III-1 e III-2 a categoria 5 sobrepõem-se à categoria 4.

– Na fase III-3 podemos observar as seguintes características: 22 % das bases dizem respeito a recipientes de forma troncocónica, 23 % dizem respeito a recipientes tipo prato e 65 % dizem respeito a recipientes de pança globular, sejam eles recipientes de perfil em “S” ou não. Esta percentagem encontra-se discordante daquela obtida nos tipos de recipientes intuídos a partir do bordo em que 79 % dos bordos indicavam perfis em “S”. Esta discordância pode dever-se a vários factores, a saber: 1) discordância entre o número de bordos e o número de bases sendo que o número de bases equivale a 50 % do número de bordos (31 bases e 61 bordos); 2) as bases podem não dizer respeito aos recipientes descritos, quer porque são em número inferior quer porque é impossível saber a relação entre uns e outros; 3) deste modo nem todos os recipientes possuem fundo plano; 4) quase 40 % dos bordos não permitiram reconstituição sendo que parte ou o todo podem pertencer às bases em análise; 5) algumas reconstituições são muito parciais sendo que a pança dos recipientes pode ser, de facto, diferentes e 6) ambos os resultados percentuais podem ser correctos, pois a contagem de bordos e bases pode e deve ser autónoma. Deste modo, a análise integrada dos bordos e bases revela um conjunto em que a presença dos recipientes de perfil em “S” é maioritária mas acompanhada por outro tipo de recipientes e que oscila entre 65 e 79 %. Outros recipientes de diversas formas, como “pratos” e “tigelas” podem perfazer até cerca de 40 % do conjunto cerâmico. Em relação às fases anteriores podemos observar que: 1) a fase III-3 é bastante semelhante à fase III-2; 2) a fase III-1 é marcada pelo maior número de recipientes de perfil em “S” e menor variabilidade formal.

5.5.2.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados

A fase III-3 totaliza 960 fragmentos sendo que 931 são lisos, 23 são decorados calcólicos e 6 são da Idade do Ferro, representando apenas 0,6 % do conjunto. No entanto dos 6 fragmentos são contabilizadas apenas 3 decorações presentes em possíveis recipientes diferentes. São os seguintes os números de inventário das 3 decorações presentes: CP-00-820 (est. LXII, 8), CP-00-830 (est. LXII, 7) e CP-00-851 (est. LIII, 2).

Na fase III-3, foram identificadas 2 técnicas decorativas: penteado – PENT.S (67 %) e incisão simples – INC.S (33 %). Em relação às fases anteriores podemos observar uma diminuição drástica dos tipos de técnicas decorativas identificados sendo que se vão manter os tipos maioritários da fase III-2.

Na fase III-3 foram usados dois instrumentos decorativos, o instrumento de incisão 3 e um pente de tipo 2 de 4 puas. Em relação às fases anteriores, podemos observar uma diminuição

significativa de vários instrumentos que está de acordo com uma grande diminuição das decorações presentes.

5.5.2.4. Organizações decorativas

Na fase III-3 encontram-se integradas duas organizações decorativas, a I e a X. As decorações encontram-se presentes, unicamente, na A40, integradas no Lx. 114 correspondente ao solo humoso. É de notar que os contextos de ocupação da última fase não integram nenhuma decoração e aquelas presentes na A40 podem ser fruto de revolvimentos relacionados com processos erosivos. Deste modo a fase III-3 revela-se muito pobre em termos decorativos quer nas organizações decorativas presentes quer no contexto onde ocorrem. De qualquer modo as organizações decorativas presentes são aquelas maioritárias na fase III-2 e que podem ter perdurado na fase III-3 com maior facilidade do que as outras organizações decorativas. Não deixa de ser também importante referir que a organização decorativa XXXIV, típica da Idade do Ferro, não se encontra presente nesta última ocupação. Em relação às fases anteriores podemos observar o seguinte: 1) uma diminuição drástica das organizações decorativas presentes bem como do número de recipientes decorados e 2) uma diminuição faseada da variedade decorativa, sendo que a fase III-1 é a mais “rica” em termos decorativos.

Os fragmentos decorados presentes no TEL na fase III-3 possuem dimensões reduzidas sendo que dois deles não permitem a localização da decoração no recipiente (tipo de loc. 8) e um (CP-00-851) permite a localização pois é uma base (tipo de loc. 5). A decoração presente nesta base é uma simples faixa de penteado sem que saibamos qual a restante composição. Em relação às fases anteriores podemos observar o aparecimento, pela primeira vez, de um recipiente de fundo plano que apresenta decoração na base.

As pastas presentes nos fragmentos decorados são a I e VIII, sendo que os recipientes que apresentam os penteados são realizados em pasta I e o incisão em pasta VIII. É importante referir, sobretudo em relação às fases anteriores, a presença de um recipiente decorado em pasta VIII pois tal ocorre mas não é maioritário. Na fase III-3 estas duas pastas ganham grande visibilidade, sendo que a pasta I já a tinha e a pasta VIII evidencia-se.

Crems que as decorações identificadas, apesar de integradas no solo humoso, pertencem à fase III-3 pois revelam uma ligação com as fases anteriores perpetuando linhas evolutivas e tendências de uso.

5.5.2.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes

No conjunto de 960 fragmentos da fase III-2 foram identificadas duas asas (0,2 %) sendo que uma não possibilita a caracterização da localização. Deste modo, as asas identificadas são: 1) CP-03-11347 e CP-03-1003 (est. CXIV, 1), de secção de tipo 4, localização 2 e pasta VI e 2) CP-03-11401 (est. LXIII, 6) de secção de tipo 4 e pasta VI. As asas são provenientes da A40 (solo humoso) tal como os fragmentos decorados.

Em relação às fases anteriores podemos observar: 1) um aumento do número de asas, pois o número de fragmentos geral é mais baixo do que o das fases anteriores; 2) uma distribuição menos homogénea do que nas fases anteriores pois só um contexto revela a presença de asas; 3) recipientes com asas realizados, exclusivamente, em pasta VI apontando para uma maior relevância desta pasta nesta fase, como já foi referido; 4) uma boa caracterização de um dos recipiente com asa, sendo este um pequeno vaso de perfil em “S” de paredes bastante finas e 5) uma caracterização mais pobre do que nas fases anteriores pois o número de asa é também inferior. É de notar que em todas as fases os recipientes com asa são um bem pouco comum o que torna a sua caracterização, também, mais difícil.

5.5.3. Área Norte

5.5.3.0 Introdução aos contextos estudados

A análise do conjunto cerâmico correspondente à fase III-3 do Crasto de Palheiros na área norte englobou vários contextos localizados na Plataforma Inferior Norte e Talude Externo Norte (TEN, PIN2 e PIN2.1). Os contextos encontram-se da seguinte forma: 1) o Lx. 2 e a A69 integram o TEN; 2) as A58, A60 e A63 integram a PIN2 e 3) a A51 integra a PIN2.1.

5.4.3.1. Análise Técnica

Os contextos acima indicados e relacionados com a ocupação da fase III-3 integram 2017 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 148 bordos no total; 2) 101 bordos conotados com a Idade do Ferro; 3) 33 bases; 4) 147 fragmentos decorados dos quais 32 estão conotados com a Idade do Ferro e 92 recipientes conotados com esta fase de ocupação da Idade do Ferro.

a) Tipos de Pastas

A análise das pastas dos contextos escolhidos da fase III-3 foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: A69 (est. DCC), Lx. 2 (est. DCCI), A58 (est. DCCII), A60 (est. DCCIII), A63 (est. DCCIV) e A51 (est. DCCV). Como já foi referido a análise de pastas realizada é baseada em 6 factores que caracterizam os contextos de modo diferenciado.

Apresentaremos de seguida os resultados obtidos para os contextos indicados.

1) Na hierarquia de pastas na totalidade dos fragmentos.

Os contextos analisados e integrados na fase III-3 na área norte, revelam discrepâncias e semelhanças entre si, sendo que se agrupam consoante as suas semelhanças. Nenhum dos contextos revela uma hierarquia totalmente semelhante à de outro contexto sendo que são agrupados consoante semelhanças mais gerais. Deste modo foram criados os seguintes grupos:

1º Grupo: As A69, A58 e A60 revelam importância das pastas III e I, seguidas da VIII, VI ou X. Deste modo, estes 3 contextos possuem como pasta predominante a III (compreendida entre 21 e 30 %), seguida da I (compreendida entre 16 e 34 %) e, por último, da VIII (compreendida entre 14 e 18 %, nas A58 e A60). Em resumo, estes contextos são aqueles com maior presença de pastas I e III. A A51 também podia ser integrada neste grupo pois possui uma hierarquia I/VIII/III, no entanto optamos por integra-la no 2º grupo.

2º Grupo: O Lx. 2, a A63 e a A51 revelam importância das pastas VIII e VI, seguidas da I e III. A pasta VIII possui uma presença de 23 e 35 %, a pasta VI de 29 a 32 %, a pasta I de 14 a 31 % e a III de 17 % (presente apenas na A51 nos três primeiros lugares hierárquicos). Em resumo, estes contextos são aqueles com maior presença de pastas VI e VIII.

– A A69 é o contexto mais discrepante em relação aos restantes contextos pois possui a hierarquia III/X/I sendo único contexto onde a pasta X se encontra nos três primeiros lugares dominantes.

– De uma forma resumida podemos dizer que a pasta VIII encontra-se muito presente em quase todos os contextos, à excepção da A69.

– Comparativamente aos contextos estudados das fases II, III-1 e III-2 podemos observar o seguinte: 1) uma diminuição drástica da presença de fragmentos de pasta X, que se vem a acentuar desde a fase I; 2) uma manutenção das pastas I e III em relação à fase III-2, sendo que estas pastas decresceram ligeiramente da fase II, para a III-1; 3) um número significativo de contextos nos quais as pastas I e III são relevantes e que são semelhantes a muitos contextos das fases II, III-1 e III-2; 4)

maior presença da pasta VIII, pasta que ganha relevância percentual e contextual, já sentida na fase III-2; 5) pouca relevância da pasta VI em relação à fase III-2 e 6) o número de contextos integrados na fase III-3 é muito reduzido sendo que é difícil avaliar o grau de homogeneidade dos contextos, pois as fases anteriores revelavam bastante homogeneidade.

– Na fase III-3, tal como já era notório na fase III-2, é visível a importância percentual das pastas I, III e VIII onde é evidente a utilização da pasta VIII, própria da ocupação da Idade do Ferro. A visibilidade das pastas VI, VII e X é pouca sendo que é notório o seu carácter minoritário.

2) Na hierarquia de pastas dos recipientes.

Os contextos analisados e integrados na fase III-3, na área norte, revelam discrepâncias entre os resultados da análise global das pastas dos fragmentos e dos recipientes. Nos recipientes estão presentes pastas (de uma forma maioritária) que se encontravam ausentes na globalidade dos fragmentos, como a IV e VII. Desse modo, podemos dizer o seguinte:

a) Em todos os contextos, à excepção do Lx. 2, as pastas I e III são maioritárias nos recipientes sendo seguidas pelas pastas VI, VII e VIII.

b) A percentagem de recipientes de pastas VI e VIII é inferior à percentagem da globalidade dos fragmentos por contexto, sendo que podemos observar uma discrepância entre os resultados.

c) O único contexto que possui a pasta VI nos três primeiros lugares dominantes ao nível dos recipientes – Lx. 2 – revela 100 % de recipientes realizados em pasta VI. Podemos existir uma relação directa entre estes dois factores.

d) A A63 revela 50 % de recipientes realizados em pasta VII, ainda que esta pasta não ocorra nos três primeiros lugares de pastas dominantes nos fragmentos.

e) Podemos agrupar os contextos da seguinte forma: A69, A63 e A51 com a maior quantidade de recipientes de pasta III, A58 e A60 com a maior quantidade de recipientes de pasta I e Lx. 2, unicamente com recipientes de pasta VI.

– Na totalidade os recipientes ocorrem nas pastas I, III, IV, VI, VII e VIII sendo que os contextos com maior número de fragmentos, recipientes e pastas são aqueles que apresentam maior variedade de pastas nos recipientes conotados com a Idade do Ferro. Em relação às fases anteriores podemos observar uma diminuição do número de pastas identificadas em recipientes, sendo que na fase II foram identificadas 5 pastas e nas fases III-1 e III-2 foram identificadas 8 pastas. Na fase III-3 encontram-se ausentes recipientes de pastas II e V, presentes na fase III-2 e ausentes recipientes de pasta X presentes na fase III-1.

– Ordenando os contextos por número de pastas presentes nos recipientes e por ordem crescente, temos: Lx. 2 (1 pasta – 3 recipientes); A63 (2 pastas – 2 recipientes), A69, A58 e A51 (5 pastas – 12, 8 e 26 recipientes) e A60 (6 pastas – 41 recipientes). Como já referimos, cremos que o número de pastas identificadas nos recipientes não está totalmente relacionado com o número de fragmentos por contexto, no entanto o grupo de contextos que possui recipientes de 5 e 6 pastas diferentes são os contextos com maior número de fragmentos.

3) Na presença de fragmentos de pasta VI distingue-se o Lx. 2 onde esta pasta possui a maior presença (32 %). A presença de pasta VI encontra-se entre 8 e 32 %, sendo que os contextos ordenam-se da seguinte forma, por ordem crescente: A69 e A60 (8 %), A51 (11 %), A58 (13 %), A63 (29 %) e Lx. 2 (32 %). Podemos ver que: 1) 2 contextos possuem uma presença considerada baixa (na fase III-2 consideramos baixas as presenças entre 2 e 10 %); 2) 2 contextos possuem uma presença mediana desta pasta (11 e 13 % dos fragmentos) e 3) 2 contextos apresentam uma presença significativa de fragmentos desta pasta (29 e 32 %). Em relação à fase III-2 é de notar uma diminuição do intervalo de percentagens – sobretudo do valor máximo que na fase III-2 era de 51 % – e uma maior presença desta pasta pois todos os contextos revelam fragmentos desta pasta, algo que não acontecia na fase III-2.

4) Na presença de fragmentos de pasta VIII distingue-se o Lx. 2 onde esta pasta possui a maior percentagem de fragmentos. A presença de pasta VIII encontra-se entre 13 e 35 %, sendo que os contextos ordenam-se da seguinte forma, por ordem crescente: A69 (13 %), A60 (14 %), A58 (18 %), A63 e A51 (23 %) e Lx. 2 (35 %). Podemos ver que todos os contextos apresentam uma presença significativa desta pasta se compararmos os resultados da fase III-2 com os da fase III-3.

5) Na pasta II distinguem-se as A69, Lx. 2 e A63 onde esta pasta se encontra ausente sendo que se encontra presente nos restantes contextos. A presença de pasta II encontra-se entre 0,3 e 3 %, sendo que os contextos ordenam-se da seguinte forma, por ordem crescente: A51 (0,3 %), A60 (0,6 %) e A58 (3 %). Podemos ver que apenas um contexto – A58 – possui uma presença significativa deste tipo de pasta tendo em conta os resultados obtidos nas fases anteriores na área norte.

6) N.º de pastas por contexto.

O mínimo de pastas identificadas num contexto integrado nesta fase foi de 6 e o máximo foram 10. Ordenando os contextos daquele com o menor número de pastas para o maior, obtivemos a seguinte hierarquia: Lx. 2 e A63 (6 pastas), A69 (9 pastas) e A58, A60 e A51 (10 pastas). Podemos observar, em relação à fase anterior, um aumento do número de pastas por contexto (quando observados individualmente pois o intervalo de valores da fase III-2 era de 3 a 11 pastas) que cremos estar relacionado com uma maior mistura de materiais cerâmicos das diversas ocupações presentes no Crasto de Palheiros.

Em resumo a análise de pastas permitiu as conclusões que expomos de seguida.

a) Cremos que a variedade de pastas, no caso da fase III-3, encontra-se relacionada com a quantidade de fragmentos por contexto, pois todos os contextos com menor quantidade de pastas são aqueles com um número muito reduzido de fragmentos. Esta premissa não ocorre na fase III-2, onde os contextos possuem, na sua maioria, um número muito significativo de fragmentos sendo que não é visível a relação entre a variedade de pastas e o número de fragmentos.

b) As A60 e A51 apresentam um número elevado de fragmentos e de pastas portanto não podemos concluir se correspondem a contextos “ricos” artefactualmente ou a contextos com nível de mistura elevado. As A69 e A58 possuem conjuntos cerâmicos medianos na quantidade de fragmentos sendo que o número de pastas é bastante significativo. Deste modo, estes contextos revelam uma boa diversidade artefactual. O Lx. 2 e a A63 apresentam um número baixo de fragmentos e de pastas sendo que não podemos saber se são “pobres” porque possuem essa característica ou porque se encontram muito fraccionados em termos de conjunto cerâmico.

c) Em resumo, os contextos podem ser divididos em dois grupos. Um primeiro grupo diz respeito aos contextos onde as pastas I, III são mais evidentes, o segundo diz respeito aos contextos onde as pastas VI e VIII se encontram, ambas com uma presença significativa. Deste modo, compõem o *grupo 1* os seguintes contextos: A69, A58 e A60 e o *grupo 2* é composto pelos seguintes contextos: Lx. 2, A63 e A51.

b) Análise da mistura dos contextos através das pastas dos recipientes e seus fragmentos

A análise das pastas dos contextos escolhidos da fase III-3 foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: A69 (est. DCC), Lx. 2 (est. DCCI), A58 (est. DCCII), A60 (est. DCCIII), A63 (est. DCCIV) e A51 (est. DCCV). Como já foi referido a análise

da mistura dos contextos é baseada na avaliação de 3 factores sendo que apresentaremos de seguida os resultados obtidos na análise dos contextos indicados:

b1) O Lx. 2 e a A63 não apresentam recipientes calcólicos sendo os contextos, desta fase, com menos mistura de recipientes calcólicos. Estes dois contextos são também aqueles com menor percentagem de fragmentos, potencialmente, calcólicos (de pastas IV, IX, X e XI). Deste modo, consideramos o Lx. 2 e a A63 como os contextos menos misturados com materiais de outras ocupações (nomeadamente a calcólica).

b2) A A69 e a A51 são os contextos com maior presença de recipientes calcólicos (52 e 48 %, respectivamente) ainda que a presença de fragmentos calcólicos seja, relativamente, baixa sobretudo na A51 (9 % de fragmentos potencialmente calcólicos). A A69 é considerado o contexto com maior nível de mistura seguido da A58 e A51. A A58 possui apenas 11 % de recipientes calcólicos e 13 % de fragmentos potencialmente, calcólicos, sendo que a percentagem de fragmentos é superior àquela da A51.

b3) Organizando os contextos por ordem decrescente de % de bordos calcólicos temos os seguintes resultados: A69 (52 %), A51 (48 %), A60 (15 %), A58 (11 %) e Lx. 2 e A63 (0 %). Podemos observar que, à excepção da A69 todos os contextos apresentam uma maioria de recipientes da Idade do Ferro.

b4) Organizando os contextos por ordem decrescente de % de fragmentos de pastas IV, IX, X e XI temos os seguintes resultados: A69 (28 %), A58 (13 %), A51 (9 %), Lx. 2 (8 %), A60 (7 %) e A63 (6 %).

b5) É de notar que as ordens obtidas nos pontos b3 e b4 não são muito semelhantes sendo que o único contexto concordante é a A69.

c) Estado de conservação dos fragmentos = Estado de conservação do estrato

A análise do estado de conservação dos fragmentos e estado de conservação do estratos dos contextos escolhidos da fase III-3 foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: A69 (est. DCC), Lx. 2 (est. DCCI), A58 (est. DCCII), A60 (est. DCCIII), A63 (est. DCCIV) e A51 (est. DCCV). Como já foi referido a análise do estado de conservação dos fragmentos e estado de conservação dos estratos dos contextos foi realizada com na avaliação de 4 factores principais, sendo que apresentamos de seguida os resultados obtidos.

c1) A *pasta I* encontra-se presente em todos os contextos analisados sendo que em todos apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

c2) A *pasta II* encontra-se em 3 dos 6 contextos integrados na fase III-3 (A58, A60 e A51) sendo que apresenta, em todos, uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

c3) A *pasta III* encontra-se presente em todos os contextos analisados sendo que: 1) na A63 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas e uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões; 2) na A69, Lx. 2, A58 e A51 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e 3) na A60 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas roladas e uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões.

c4) A *pasta IV* encontra-se presente em todos os contextos analisados sendo que: 1) na A69, A58 e A51 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas; 2) na A60 apresenta uma maioria de fragmentos de arestas roladas e uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e 3) no Lx. 2 e A63 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas e uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões.

c5) A *pasta V* encontra-se presente, unicamente, na A60 sendo que apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas

c6) A *pasta VI* encontra-se presente em todos os contextos analisados sendo que: 1) na A69, Lx. 2, A58, A63 e A51 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas e uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões e 2) na A60 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

c7) A *pasta VII* encontra-se presente em todos os contextos analisados sendo que: 1) na A69 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas e uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões; 2) no Lx. 2 e A60 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e 3) na A58, A63 e A51 apresenta uma maioria de fragmentos de arestas roladas e uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões.

c8) A *pasta VIII* encontra-se presente em todos contextos analisados sendo que: 1) na A69, Lx. 2, A58 e A60 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas e uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões; 2) na A51 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e 3) na A63 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas e uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões.

c9) A *pasta IX* encontra-se presente em 4 dos 6 contextos analisados (A69, A58, A60 e A51) sendo que: 1) na A58, A60 e A51 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e 2) na A69 apresenta uma maioria de fragmentos com arestas vivas e uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões.

c10) A *pasta X* encontra-se presente em 3 dos 6 contextos analisados (A69, A58 e A51) sendo que: 1) na A51 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e 2) na A69 e A58 apresenta uma maioria de fragmentos de arestas roladas e uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões.

c11) A *pasta XI* encontra-se presente em 3 dos 6 contextos analisados (A69, A60 e A51) sendo que: 1) na A69 e A60 apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e 2) na A51 apresenta uma maioria de fragmentos de arestas roladas e uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões.

c12) A *pasta XII* encontra-se presente, unicamente, na A58 sendo que apresenta uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas.

A análise da conservação dos fragmentos nos diversos contextos permitiu as seguintes conclusões:

– As *pastas I, II, V, IX, X, XI e XII* encontram-se mal conservadas pois apresentam em vários contextos uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas sendo que, por vezes, apresentam também fragmentos de grandes dimensões. Consideramos que os resultados apresentados sobre as *pastas II, V, IX, X, XI e XII* são parcelares porque estas pastas apresentam um número reduzido de fragmentos.

– As *pastas III, IV e VII* encontram-se genericamente mal conservadas. A pasta I apresenta, em 4 dos 6 contextos, uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e em 2 dos contextos apresenta uma conservação mediana com uma presença significativa de fragmentos de grandes dimensões ainda que com arestas roladas. A pasta VII apresenta em 2 dos 6 contextos onde ocorre, uma maioria de fragmentos de pequenas dimensões e de arestas roladas e em 3 dos contextos apresenta uma conservação mediana com uma presença significativa de fragmentos de grandes dimensões ainda que com arestas roladas.

– As *pastas VI e VIII* são as mais bem preservadas, pois possuem uma maioria de fragmentos com uma boa conservação das arestas e uma boa dimensão. A pasta VI possui uma boa preservação em 5 contextos (arestas vivas e grandes dimensões) e uma má preservação num contexto (arestas roladas e pequenas dimensões). A pasta VIII possui uma boa conservação em 4 contextos e uma má preservação num contexto.

De seguida definimos, a partir do estado de conservação dos fragmentos, o estado de conservação dos estratos.

– Todos os contextos revelam uma má preservação dos fragmentos sendo que todos possuem uma maioria de pastas de fragmentos mal conservados. No entanto criamos uma hierarquia de conservação dos contextos (por ordem decrescente, do pior preservado para o medianamente preservado) que é: A60, A51, A58, A69, Lx. 2 e A63. Para exemplificar como foi obtida a ordem, podemos dizer que na A60 e A51, 7 das 10 pastas presentes possuem uma maioria de fragmentos de arestas roladas e de pequenas dimensões (mal preservadas) e na A63, 1 das 6 pastas apresenta uma maioria de fragmentos de arestas e roladas e 2 das 6 pastas apresentam uma boa conservação dos fragmentos. Podemos afirmar que a A69, Lx. 2 e A63 revelam um algum revolvimento mecânico e a A58, A60 e A51 revelam erosão do solo levada a cabo por agentes climáticos e do solo mas com pouco revolvimento.

A análise global do estado de conservação das arestas e dimensão dos fragmentos nos diversos contextos revelou as seguintes características.

– A presença de arestas roladas (em %) encontra-se entre 27 e 56 % sendo que os contextos organizam-se da seguinte forma (por ordem crescente de arestas roladas): Lx. 2 e A63 (27 %), A60 (37 %), A69 (39 %), A51 (49 %) e A58 (56 %). Em comparação à fase anterior, vemos uma diminuição do valor máximo e um aumento do valor mínimo, sendo que cremos que esta fase possui, tendencialmente, maior percentagem de fragmentos com arestas roladas.

– A presença de arestas vivas (em %) encontra-se entre 15 e 46 % sendo que os contextos organizam-se da seguinte forma (por ordem crescente de arestas vivas): A60 (15 %), A51 (22 %), Lx. 2 (27 %), A58 (30 %), A69 (39 %) e A63 (46 %). Em comparação à fase anterior, vemos uma diminuição do valor máximo e um aumento do valor mínimo. A hierarquia das arestas roladas não é, totalmente, coincidente com a hierarquia das arestas vivas.

– A presença de fragmentos de dimensão igual ou superior à categoria 3 (em %) encontra-se entre 15,4 e 37,7 % sendo que os contextos organizam-se da seguinte forma (por ordem crescente): A58 (15,4 %), A51 (18,6 %), A60 (18,9 %), A63 (21,1 %), Lx. 2 (35,1 %) e A69 (37,7 %). Podemos observar em relação à fase anterior um aumento dos valores mínimo e máximo sendo que é visível que esta fase é marcada por fragmentos de maior dimensão (quando comparados com a fase III-2).

Com base nos dados acima referidos concluímos o seguinte.

– Apesar da hierarquia das arestas roladas não ser, totalmente, coincidente com a hierarquia das arestas vivas, a análise revela uma relação proporcional entre as percentagens de arestas roladas e de arestas vivas, quer dizer que quando uma aumenta a outra diminui.

– A hierarquia obtida na análise do tamanho dos fragmentos não é coincidente com nenhuma daquelas obtidas na análise das arestas. Cremos não existir uma relação proporcional entre o tipo de

arestas e o tamanho dos fragmentos, sendo que contextos com uma boa presença de fragmentos de grandes dimensões podem ou não possuir uma maioria de arestas vivas.

– As hierarquias obtidas na análise geral do estado de conservação das arestas (sem ter em conta as pastas) e da dimensão dos fragmentos (também sem ter em conta as pastas) não são coincidentes uma com a outra e com aquela resultante da análise pormenorizada de conservação das pastas. Os estudos realizados levam-nos a crer no seguinte: 1) as hierarquias são úteis para um conhecimento geral dos contextos no entanto o seu grau de análise é muito reduzido; 2) a compreensão do estado de conservação dos estratos ou fragmentos deve passar pela análise pormenorizada dos valores obtidos em análise (arestas roladas, arestas vivas) e 3) cremos que a análise pormenorizada dos contextos com base nas características apresentadas pelos fragmentos de cada pasta é mais correcta do que aquela baseada nas hierarquias.

d) Tratamentos de superfície

A análise dos tratamentos de superfícies presentes nos fragmentos dos contextos integrados na fase III-3 na área norte foi realizada com base nos seguintes contextos e seus respectivos gráficos: A69 (est. DCCVI, Q1), Lx. 2 (est. DCCVI, Q2), A58 (est. DCCVII, Q1), A63 (est. DCCVII, Q2), A60 (est. DCCVIII) e A51 (est. DCCIX). Como já foi referido a análise dos tratamentos de superfície realizada sobre a área norte é baseada em 4 factores de avaliação sendo que são os mesmos que foram usados na avaliação dos tratamentos de superfície da fase I na área norte.

A análise dos tratamentos de superfície revelou as seguintes características.

– Os 6 contextos analisados da fase III-3 da área norte apresentam alguma variedade formal e distributiva nos tratamentos de superfície presentes nas superfícies externas. a A58 apresenta 3 tipos de tratamentos (alisado, polido e rugoso); a A63, A69 e Lx. 2 apresentam 4 tipos (alisado, espatulado, polido e rugoso na A63 e alisado, cepilhado, polido e rugoso na A69 e Lx. 2); a A60 apresenta 6 tipos (alisado, areado, brunido, cepilhado, polido e rugoso) e a A51 apresenta 7 tipos (alisado, areado, brunido, cepilhado, espatulado, polido e rugoso). Em relação à fase anterior podemos observar uma menor variedade de tratamentos de superfície por contexto. Na fase III-2 mais de metade dos contextos possuíam mais 5 ou mais tratamentos de superfície e na fase III-3 apenas 1/3 dos contextos possui 5 ou mais tratamentos.

– Nas superfícies externas encontramos uma maioria de polidos em 4 dos 6 contextos analisados (A58, A63, A69 e Lx. 2) e uma maioria de alisados em 2 contextos (A60 e A51). No entanto no

geral a percentagem de polidos é inferior à de alisados, pois a soma dos contextos contabiliza uma totalidade. A presença de polidos externos encontra-se entre 28,01 e 50 %, A51 e A63 respectivamente e a presença de alisados externos encontra-se entre 21,48 e 43,60 %, A58 e A60, respectivamente. Na soma de todos os contextos os alisados correspondem a 36 % e os polidos a 31 %. Em relação à fase anterior podemos observar: 1) um estreitamento do intervalo de polidos que resulta em percentagens mais altas na maioria dos contextos; 2) um estreitamento do intervalo de alisados com uma diminuição do valor máximo e do valor mínimo e 3) na generalidade os contextos possuem menor presença de alisados do que na fase III-2. Cremos que o aumento dos polidos se possa dever à mistura de materiais, própria das camadas superficiais do solo.

– Ordenando os contextos por ordem crescente de polidos externos temos a seguinte hierarquia: A51 (28,01 %), A60 (28,99 %), A58 (33,56 %), Lx. 2 (40,54 %), A69 (41,78 %) e A63 (50 %). Ordenando os contextos por ordem crescente de alisados externos temos a seguinte hierarquia: A58 (21,48 %), Lx. 2 (24,32 %), A69 (30,22 %), A51 (31,93 %), A63 (32,69 %) e A60 (43,6 %). Podemos observar que o intervalo da presença de polidos é semelhante, mais baixo do que o da fase III-1 mas mais alto do que o da fase III-2, na área norte. O intervalo de presença de alisados externos é o mais baixo de todas as fases de ocupação na área norte (II, III-1, III-2 e III-3), descendo consideravelmente em relação à fase III-2. No geral, podemos dizer que o tratamento de superfície alisado está menos presente (em termos percentuais) na fase III-3 do que em todas as fases já estudadas e que o tratamento de superfície polido está mais presente nesta fase do que na anterior.

– Todos os contextos apresentam areados, cepilhados, grafitados e/ou rugosos sendo que ordenando os contextos por ordem crescente de areados, cepilhados, grafitados, e/ou rugosos externos temos a seguinte hierarquia: A63 (5,77 %), A69 (7,56 %), A58 (11,41 %), A60 (14,72 %), A51 (18,07 %) e Lx. 2 (29,73 %). O tratamento de superfície areado ocorre na A60 e A51; o tratamento de superfície cepilhado não corre na A58 e A63 e o tratamento de superfície rugoso está presente em todos os contextos. Na soma de todos os contextos os areados, cepilhados e/ou rugosos possuem uma presença de 15,02 %. Em comparação às fases anteriores podemos dizer que: 1) o intervalo da fase III-3 é mais estreito do que o da fase III-2 sendo que o valor mínimo é mais alto e o valor máximo é mais alto; 2) o intervalo da fase III-3 é mais alto do que o da fase III-1; 3) o valor geral destes tipos de tratamentos de superfície é mais alto do que os valores das fases anteriores e 4) é visível um aumento paulatino desde tipo de tratamentos de superfície, que se faz sentir desde a fase III-1.

– Cremos existir uma relação entre o tipo de pasta e o tipo de tratamento de superfície aplicado no recipiente e por isso comparamos os resultados da análise de pastas com os resultados obtidos na

análise dos tratamentos de superfície. Podemos observar que: 1) os contextos que compõem o grupo 1 – A69, A58 e A60 –, que possuem uma maioria das pastas I e III possuem percentagens baixas e médias de areados, cepilhados, grafitados e rugosos, sendo que a percentagem máxima presente é de 15 %; 2) os contextos que compõem o 2º grupo – Lx. 2, A63 e A51 –, possuem uma presença visível das pastas VI e VIII e possuem as percentagens mais altas de areados, cepilhados, grafitados e rugosos mas também a mais baixa e 3) no geral cremos ser visível uma relação entre os tipos de pasta e os tipos de tratamento de superfície no entanto, por vezes, essa relação não é restritiva. Em resumo *há uma tendência* para determinados tipos de pasta possuírem determinados tipos de tratamentos de superfície.

– Observamos que em todos os contextos, o tratamento de superfície externo dominante é concordante com as conjugações de superfície dominantes, quer dizer um contexto em que os polidos são maioritários possui uma primeira conjugação de tratamentos de superfície em que o polido externo é maioritário, por ex. Pol/Pol ou Pol/Alí e os contextos em que os alisados são maioritários possuem uma primeira conjugação de tratamentos de superfície em que o alisado externo é maioritário, por ex: Alí/Alí ou Alí/Pol.

– Através do agrupamento dos contextos consoante as semelhanças nas hierarquias temos a formação de 3 grupos. Apresentamos de seguida os grupos.

1º Grupo) As A69 e A63 constituem o 1º grupo, sendo que a conjugação de tratamentos de superfície predominante é a Pol/Pol, com uma presença de 23 e 33 %, respectivamente. A hierarquia presente é a seguinte: Pol/Pol; Alí/Alí; Pol/Alí e Alí/Pol.

2º Grupo) A A58 e Lx. 2 constituem o 2º grupo, sendo que a conjugação de tratamentos de superfície predominante é a Pol/Pol, com uma presença de 26 a 22 %. A hierarquia presente é a seguinte: Pol/Pol; Rug/Pol; Alí/Pol e Pol/Alí sendo que é uma média dos dois contextos.

3º Grupo) As A60 e A51 constituem o 2º grupo, sendo que a conjugação de superfície predominante é a Alí/Alí, com uma presença de 27 a 15 %, respectivamente. A hierarquia presente é a seguinte: Alí/Alí; Alí/Pol; Pol/Pol e Pol/Alí sendo que é uma média dos dois contextos.

– Através do agrupamento dos contextos consoante a análise através dos grupos já criados na análise de pastas podemos observar que não há uma concordância entre os grupos de pastas e os grupos construídos a partir das semelhanças nas conjugações de tratamentos de superfície. Cremos que a análise das conjugações de tratamentos de superfície é muito pormenorizada e pode

encontrar-se num nível de análise diferente daquela análise das pastas. O agrupamento de conjugações de superfície pode estar relacionado com o número de recipientes e com a sua homogeneidade e distribuição dentro do contexto.

– Podemos dizer que, na generalidade, um contexto que possui uma presença visível das pastas VI e VIII, possuirá, com grande probabilidade, uma maior visibilidade de areados, cepilhados, grafitados e rugosos externos. No entanto a presença de uma conjugação de tratamento de superfície, que contenha um destes tratamentos referidos – nas quatro principais conjugações presentes – não é um dado adquirido nos contextos com maior presença de pastas VI e VIII. O que vemos é uma tendência e não uma relação restritiva.

e) Diversidade da cor nos fragmentos / Tipos de cozedura / Uso e deposição

A análise da diversidade de cor foi realizada em todos os contextos da fase III-3 da área norte com base nas respectivas estampas, a saber: A69 (est. DCCX, DCCXVI e DCCXVII, Q1), Lx. 2 (est. DCCXI e DCCXVII, Q2), A58 (est. DCCXII e DCCXVIII), A63 (est. DCCXIV e DCCXXI), A60 (est. DCCXIII, DCCXIX e DCCXX) e A51 (est. DCCXV, DCCXXII e DCCXXIII). Como já foi referido a análise dos tipos de cor é baseada na avaliação de nove factores de análise sendo que os contextos são agrupados consoante as suas características.

Com base na avaliação dos pontos 1, 2 e 3 (Tipos de cor predominantes nos cernes e sua evolução: 1º, 2º e 3º lugares) podemos dizer que:

– Todos os contextos analisados da fase III-3 possuem uma maioria de fragmentos de cerne negro, sendo que organizados da menor para a maior percentagem temos: A63 (48 %), A51 e A69 (50 %), A60 (51 %), Lx. 2 (57 %) e A58 (58 %).

– Na totalidade dos contextos o tipo de cor P está compreendido entre 48 e 58 %, o tipo de cor VE está compreendido entre 15 e 24 % e o tipo de cor C está compreendido entre 11 e 23 %. Comparativamente aos contextos das fases anteriores podemos observar: 1) um estreitamento do intervalo de valores do tipo P em relação à fase III-2; 2) o intervalo de valores do tipo P é bastante semelhante aos das fases I, II e III-1; 3) o intervalo do tipo de cor VE baixou substancialmente em relação à fase III-2, possuindo valores tão baixos como os da fase I e 4) o intervalo do tipo de cor C baixou em relação à fase III-2 sendo semelhante ao da fase III-1. É visível uma oscilação nos valores dos intervalos de cores principais – P, C e VE – nas várias fases sendo que na fase III-3 dá-se um aumento do tipo P com a consequente diminuição dos tipos C e VE. Em todas as fases os intervalos dos tipos de cor presentes nos cernes são muito semelhantes sendo que a fase III-2 é a mais discrepante, com os intervalos mais amplos e de valores mais altos (no caso dos tipos C e VE).

- Os 6 contextos que integram a fase III-3 podem ser agrupados em dois grandes grupos a partir da hierarquia obtida na cor dos cernes dos fragmentos. Estes grupos devem ser olhados com cautela pois as percentagens dos mesmos tipos de cor em cada contexto são muito semelhantes. Desse modo, no final da nossa descrição propomos uma pequena alteração aos grupos baseada nas percentagens dos tipos de cores em análise.
- As A69 e A63 possuem uma hierarquia P-C-VE sendo que o tipo P está compreendido entre 48 e 50 %, o tipo C entre 16 e 23 % e o tipo VE entre 15 e 19 %.
- O Lx. 2, A58, A60 e A51 possuem uma hierarquia de cores presente nos cernes correspondente a P-VE-C, 1º, 2º e 3º lugar respectivamente. O tipo P está compreendido entre 50 e 58 %, o tipo VE entre 20 e 24 % e o tipo C entre 11 e 21 %.
- A A60 apesar de possuir uma hierarquia P-VE-C possui uma percentagem bastante alta do tipo C e relativamente baixa do tipo VE, podendo identificar-se com as A69 e A63.
- Deste modo o grupo 1 é constituído pelas A69, A60 e A63 e o grupo 2 é constituído pelo Lx. 2, A58 e A51. Comparando os dois grupos obtidos com os dois grupos da análise de pastas, concluímos que: 1) os grupos de pastas e os grupos de cores são genericamente concordantes sendo que os contextos mais discrepantes são a A63 e a A58; 2) os contextos com maior presença dos tipos de pastas I e III possuem uma hierarquia P-C-VE (no caso da A69 e A60) ou uma grande presença do tipo P (no caso da A58) e 3) os contextos com maior presença dos tipos de pastas VI e VIII possuem uma hierarquia P-VE-C (no caso do Lx. 2 e A51) ou uma presença baixa do tipo P e uma presença mediana dos tipos C e VE (A63).
- Em resumo, podemos dizer que os grupos criados a partir da análise das cores presentes nos cernes são, genericamente, concordantes com aqueles criados na análise de pastas. Deste modo, a análise da fase III-3 permite intuir uma relação entre os tipos de pasta e os tipos de cores que, infelizmente, não se confirma, na totalidade, na mesma análise de outras fases (nomeadamente da fase III-2).

A avaliação dos restantes tipos de cores presentes nos cernes – ou aqueles com menor representatividade (ponto 8) – revela muitas discrepâncias entre os contextos. Apenas dois contextos possuem a mesma hierarquia de cores sendo que os restantes possuem hierarquias diferentes. No entanto os restantes contextos podem ser agrupados consoante o tipo de cor minoritário. Deste modo os 6 contextos agrupam-se dois a dois da seguinte forma.

1º Grupo) É composto pelo Lx. 2 e A58, onde a hierarquia presente é a A-B-VC. O tipo A encontra-se entre 2 e 3 %, o tipo B entre 3 e 5 % e o tipo VC é representado por 4 %.

2º Grupo) É composto pelas A69 e A63 onde as hierarquias presentes são a B-VC-A e B-A-VC. O tipo B está compreendido entre 4 e 6 %, o tipo VC é representado por 6 % e o tipo A está compreendido entre 6 e 7 %.

3º Grupo) É composto pelas A60 e A51 onde a hierarquia presente é a VC-B-A e VC-A-B e onde o tipo VC possui as presenças mais baixas. O tipo VC está compreendido de 1 a 2 %, o tipo B possui o valor de 3 % em ambos os contextos e o tipo A está compreendido de 3 a 7 %.

– Podemos ver que as percentagens de cor são muito semelhantes em vários grupos sendo que as definições de cada grupo não são totalmente estanques (se tivermos em conta os valores estatísticos).

Comparando os resultados da análise de pastas e dos pontos 1, 2 e 3 das cores presentes podemos dizer que os grupos formados sobre o factor de análise 8 são, genericamente, concordantes com os grupos formados nas restantes análises. Podemos ver que fases com um número pequeno de contextos permitem uma melhor visualização de semelhanças nas análises realizadas no entanto o “peso” interpretativo dessas semelhanças pode não ser grande. Deste modo podemos dizer que na análise do ponto 8, as A69, A63 e A60 são semelhantes entre si (tal como ocorre noutros pontos de análise), o Lx. 2 e a A58 são também concordantes entre si (neste e noutros ponto de análise) e a A51 é um contexto bastante discrepante. É de notar que a A51 é um contexto artificial onde são visíveis características de difícil explicação e que podem estar relacionadas com a sua natureza.

A análise das cores presentes nos recipientes relacionados com a ocupação da Idade do Bronze e/ou Ferro (ponto 7) permitiu observar o seguinte.

– Todos os contextos revelam uma maioria de recipientes de cernes de tipo P, seguido do tipo VE e, por último do tipo C. A presença do tipo P encontra-se entre 42 e 67 %, sendo mais alta do que aquela registada na totalidade dos fragmentos.

– Todos os contextos revelam uma discrepância grande entre os tipos de cores presentes nos cernes e os tipos de cores presentes nas superfícies. Deste modo é possível obter agrupamentos diferentes consoante se agrupam os contextos por tipos de cores nos cernes ou por tipos de cores nas superfícies dos recipientes (externa ou interna).

– Os contextos não revelam características que os distingam, verdadeiramente, uns dos outros. Em todos eles estão presentes os tipos P, C e VE, com percentagens muito semelhantes. Podemos dizer que o Lx. 2 se distingue dos restantes pela quantidade do tipo VE, as A69, A58 e A51 pela presença do tipo A, a A63 pela dominância dos tipos C e P.

– Podemos ver que os grupos não seguem os agrupamentos de pastas ou de tratamentos de superfície revelando muitas oscilações internas.

– Cremos que a análise da cor dos recipientes se distingue das restantes por várias razões: 1) o número de recipientes é, por vezes, muito reduzido dificultando as comparações estatísticas com a totalidade dos fragmentos; 2) os recipientes são representados, muitas vezes, por fragmentos de pequeno tamanho, sendo que a cor desses fragmentos está a definir a totalidade do recipiente e 3) um recipiente completo possui várias tonalidades de cor (hipótese confirmada pela colagem de alguns – poucos – recipientes) que cremos serem melhor compreendidas na análise da totalidade dos fragmentos.

A avaliação das conjugações de cores e sua hierarquia presentes em cada contexto (ponto 4) revelou os seguintes resultados:

– A análise das conjugações de cores presentes nos contextos da fase III-3 na área norte revela o seguinte: 1) não existem contextos que partilhem a mesma hierarquia de cores bem como a mesma percentagem de cada conjugação de cor; 2) a presença da primeira conjugação maioritária encontra-se entre 14 e 20 %; 3) a presença da quarta conjugação maioritária encontra-se entre 7 e 8 %; 4) as quatro conjugações maioritárias ocupam na totalidade dos conjuntos uma presença entre 43 e 53 %; 5) ainda que cada conjugação possa ser considerada minoritária (pois as percentagens isoladas são muito baixas), o conjunto das quatro conjugações maioritárias é bastante significativo, pois corresponde a cerca de 50 % dos fragmentos; 6) na A69, A58 e A51 as quatro conjugações possuem cerca do mesmo peso percentual (por ex. na A51, a hierarquia é a seguinte: VE-VE-VE (14 %), C-C-C (14 %), A-P-A (10 %) e VE-P-VE); 7) no Lx. 2, A60 e A63 a primeira conjugação destaca-se das seguintes (por ex. na A60: C-P-C (20 %); VE-VE-VE (13 %), C-C-C (12 %) e VE-P-VE (8 %)); 8) as características apresentadas na fase III-3 são muito semelhantes às da fase III-2 e 9) não há uma verdadeira diferença entre contextos com os tipos C e P dominantes nas conjugações de superfície e o tipo VE.

Deste modo, os contextos, praticamente, não podem ser agrupados consoante os tipos de cor dominantes nas conjugações presentes (quer dizer que contextos que apresentem uma maioria de conjugações que contenham os tipos C e P seriam agrupados num conjunto e contextos que apresentem uma maioria de conjugações que contenham o tipo VE seriam agrupados noutro conjunto). Apenas a A69 revela uma presença muito baixa do tipo VE.

De seguida apresentamos os grupos criados.

1º Grupo) É composto pelas A69, A58 e A63 que são semelhantes nas duas primeiras conjugações de cor (maioritárias) que apresentam sendo evidente a importância dos tipos de cor C. Nestes contextos as conjugações maioritárias são as seguintes: C-P-C; C-C-C; P-P-P e VE-VE-VE. A

hierarquia acima apresentada é uma conjugação das hierarquias apresentadas nos 3 contextos. É de notar que este grupo coincide em parte com o grupo 1 da análise de pastas, onde as pastas I e III são dominantes.

2º Grupo) É composto pelo Lx. 2, A60 e A51 que são semelhantes nas conjugações de cor (maioritárias) que apresentam sendo evidente a importância dos tipos de cor C e VE. Nestes contextos as conjugações maioritárias são as seguintes: C-P-C; VE-VE-VE, A-P-A e C-C-C. A hierarquia acima apresentada é uma conjugação das hierarquias apresentadas nos 3 contextos. É de notar que este grupo coincide em parte com o grupo 2 da análise de pastas, onde as pastas VI e VIII são evidentes.

– Com base nos grupos acima indicados podemos observar que: 1) não há uma relação inequívoca entre as conjugações de cor e os tipos de pasta; 2) não há uma relação inequívoca entre a quantidade de cernes negros ou castanhos-escuros e os tipos de conjugações maioritárias; 3) pode existir uma relação entre os cernes e as conjugações de cor, quando temos em conta apenas a cor do cerne da conjugação; 4) não há uma relação inequívoca entre a cor do cerne e as cores das superfícies; 5) muitas das conjugações maioritárias em vários contextos são conjugações de cores concordantes – VE-VE-VE, C-C-C, A-A-A – ainda que os cernes de tipos C, VE e A seja sempre minoritários e 6) cremos que a cor dos cernes deve ser o factor de maior influência na cor das superfícies no entanto cremos que o factor de maior influencia nos tipos de conjugações maioritárias presentes num dado contexto não é a cor dos cernes, mas sim o número de recipientes e seu estado de conservação.

A avaliação dos tipos de cores presentes nas superfícies dos fragmentos de cernes negro (ponto 5) permite intuir processos de descoloração sofrida pelos fragmentos cerâmicos. A análise deste factor revelou os seguintes resultados.

– Nenhum contexto na fase III-3 apresenta os fragmentos de cerne negro com uma maioria de superfícies externas também negras. Podemos intuir que a descoloração ocorrida nos fragmentos de cerne negro é bastante elevada na fase III-3.

– A A69 revela uma maior quantidade de cerâmicas de coloração, tendencialmente, escura, sendo evidente a importância do tipo C, seguido do tipo P. No entanto nem mesmo este contexto possui uma maioria de fragmentos de cernes negros com superfícies externas do mesmo tipo de cor.

– O Lx. 2 e a A60 revelam uma grande quantidade de cerâmicas de coloração escura, com evidente uso do tipo C, seguido do tipo VE. No Lx. 2, 57 % dos fragmentos possuem cernes de tipo P e 24 % dos fragmentos possuem cernes de tipo P e superfícies externas de tipo C sendo que apenas 3 % dos fragmentos possuem cerne negro e superfícies externas de tipo P. Na A60, 51 % os fragmentos

possuem cernes de tipo P e 27 % dos fragmentos possuem cernes de tipo P e superfícies externas de tipo C, sendo que 9 % dos fragmentos possuem cerne negro e superfícies externas de tipo P.

– As A58 e A63 revelam uma maior quantidade de cerâmicas de coloração, tendencialmente, mais clara, sendo evidente a importância do tipo VE seguido do tipo C. Na A58, 58 % dos fragmentos possuem cernes de tipo P e 19 % dos fragmentos possuem cernes de tipo P e superfícies externas de tipo VE sendo que apenas 12 % dos fragmentos possuem cerne negro e superfícies externas de tipo P. Na A63, 48 % dos fragmentos possuem cernes de tipo P e 17 % dos fragmentos possuem cernes de tipo P e superfícies externas de tipo VE sendo que apenas 10 % dos fragmentos possuem cerne negro e superfícies externas de tipo P.

– Por último, a A51 revela uma maior quantidade de cerâmicas de coloração, tendencialmente, muito clara, sendo evidente a importância do tipo A seguido do tipo C. Na A51, 50 % dos fragmentos possuem cernes de tipo P e 15 % dos fragmentos possuem cernes de tipo P e superfícies externas de tipo A sendo que apenas 9 % dos fragmentos possuem cerne negro e superfícies externas de tipo P.

– As A69, A58 e A51 revelam uma maioria de fragmentos de cernes de tipo P com superfícies internas com o mesmo tipo de cor sendo que 33 a 44 % dos fragmentos de cerne negro possuem superfícies internas negras e 18 a 26 % dos fragmentos de cerne negro possuem superfícies externas negras. Em relação à fase anterior podemos observar um decréscimo significativo da coloração negra nas superfícies externas e internas dos fragmentos de cerne negro.

– O Lx. 2, A60 e A63 revelam uma maioria de fragmentos de cernes de tipo P com superfícies internas de tipo C sendo que 31 a 45 % dos fragmentos de cerne negro possuem superfícies internas de tipo C e 27 a 53 % dos fragmentos de cerne negro possuem superfícies externas de tipo C. Em relação à fase anterior podemos observar um decréscimo significativo da coloração negra nas superfícies externas e internas dos fragmentos de cerne negro.

Como podemos observar que a descoloração dos fragmentos ocorre de um modo diferente nas superfícies externas e internas sendo que cremos que a descoloração dos mesmos se deve aos processos de manufactura e uso.

No ponto 6 analisamos os contextos consoante as presenças (percentagens) de fragmentos de cerne de tipo P com superfícies de tipo C e fragmentos de cerne de tipo C com superfícies de tipo P. A avaliação deste factor revelou os seguintes resultados.

– Se ordenarmos os contextos consoante o resultado do índice usado (C Ps/P Cs) e por ordem crescente obtemos a seguinte ordem: A63 (índice = 0); A58 (0,03); A69 (0,07); A60 (0,08); Lx. 2

(0,11) e A51 (0,27). Em comparação com a fase anterior, na área norte, podemos observar: 1) um intervalo de valores muito menos amplo, com um decréscimo acentuado do valor máximo; 2) um valor máximo menor sendo que o contexto melhor preservado nesta fase é pior preservado do que alguns da fase anterior; 3) uma maior presença de contextos com índice igual a 0 ou muito perto do 0; 4) tendo em conta todos os valores dos vários contextos podemos dizer que a preservação de cor dos contextos da fase III-3 é bastante inferior à da fase III-2, na área norte e 5) é visível um decréscimo da preservação de cor ao longo da ocupação da Idade do Ferro sendo que lançamos a hipótese de parte da descoloração de cor estar relacionada com a sujeição das cerâmicas a agressões durante as fases de ocupação e agressões posteriores.

S comparação dos resultados obtidos na análise do ponto 6 com outros pontos de análise permitem observar as seguintes premissas.

a) Não há uma relação visível entre os tipos de pastas presentes num contexto e a descoloração sofrida por esse mesmo contexto. Quer dizer que os factores de análise usados não revelam uma relação entre tipo de pasta e descoloração dos fragmentos. Deste modo os contextos com grande visibilidade das pastas VI e VIII – A63, Lx. 2 e A51 – podem revelar boa preservação de cor (A63) ou má preservação de cor (Lx. 2 e A51).

b) Concluimos que o nível de análise do ponto 5 e ponto 6 não estão interligados. Um contexto que apresente uma boa quantidade de fragmentos de cerne negro com superfície externa de coloração VE pode ou não apresentar uma forte descoloração com tendência para o castanho-escuro. O facto de algumas cerâmicas de cerne negro possuírem uma coloração de tipo VE (ou outra tipo A) não significa uma maior probabilidade de colorações de tipo C. Por exemplo a A63 possui uma boa presença de de fragmentos de cerne negro com superfícies externa de tipo VE, no entanto é o contexto, desta fase, melhor preservado. E o Lx. 2 também apresenta uma boa presença de fragmentos de cerne negro com superfícies externa de tipo VE sendo que é dos contextos pior preservados.

c) Deste modo, podemos dizer que a A51 é o contexto melhor preservado (com o valor de índice mais alto), onde encontramos também uma forte presença do tipo A nas superfícies externas dos fragmentos de cerne negro. A A63 é o contexto pior preservado e onde encontramos uma forte presença dos tipos VE e C nas superfícies externas dos fragmentos de cerne negro.

Apresentamos de seguida os resultados da avaliação conjunta dos fragmentos com cores concordantes e da diversidade de conjugações presente nos contextos em estudo (ponto 9). Este factor de avaliação está relacionado com a compreensão do estado de conservação dos fragmentos e dos estratos. Foram os seguintes os resultados obtidos:

- Ordenando os contextos da mais baixa preservação de cor para a mais alta, obtemos a seguinte hierarquia: Lx. 2 (14 %), A63 (35 %), A51 (38 %), A58 (39 %), A60 (40 %) e A69 (42 %). Em comparação à fase anterior podemos observar: 1) um intervalo de valores menos amplo – de 14 a 42 na fase III-3 e de 19 a 54 na fase III-2; 2) a indicação de valores mais baixos na preservação de cor sendo que na fase III-3 nenhum contexto possui uma preservação de cor acima dos 50 % (na fase III-2, 28 % dos contextos possuem uma preservação acima dos 50 % e na fase III-1 são 22 % dos contextos e 3) consideramos a fase III-3 pior preservada ao nível da cor do que a fase III-2 e III-1.
- Ordenando os contextos da maior diversidade de cor para a menor, obtemos a seguinte hierarquia: A69, A60 e A51 (28 %), A58 (24 %), A63 (23 %) e Lx. 2 (19 %). Em comparação à fase anterior podemos observar: 1) a presença de um intervalo com menor amplitude – 19 a 28 % na fase III-3 e 0 a 38 % na fase III-2 –; 2) um valor máximo próximo de conjugações minoritárias nas três fases de ocupação da Idade do Ferro, em volta dos 30 %; 3) a fase III-3 não possui nenhum contexto com um valor acima de 30 % – tal como ocorre nas fases III-2 e III-3 e 4) a fase III-3 revela contexto mais homogêneos entre si (o intervalo de valores é menos amplo), com uma presença significativa de conjugações de cores minoritárias.
- Podemos observar que as hierarquias obtidas num e noutro factor de avaliação não são totalmente semelhantes ainda que no geral sejam concordantes. Com base nas duas hierarquias ordenamos os contextos do mais bem preservado para o pior preservado, a saber: A69, A60, A51, A58, A63 e Lx. 2. Esta hierarquia é coincidente com a hierarquia da variedade de conjugações de cor.
- Os resultados da avaliação do ponto 9 não são concordantes com os resultados obtidos nas avaliações dos pontos 5 e 6.

f) Espessuras presentes nos fragmentos e recipientes / Evolução da espessura das pastas

A análise das espessuras presentes nos fragmentos e recipientes foi realizada a todos os contextos da fase III-3 e com base nas seguintes estampas: A69 (est. DCCXXIV, Q1), Lx. 2 (est. DCCXXIV, Q2), A58 (est. DCCXXV, Q1), A60 (est. DCCXXV, Q2), A63 (est. DCCXXVI, Q1) e A51 (est. DCCXXVI, Q2).

A análise da espessura dos fragmentos é baseada nos resultados individuais de cada contexto pois não foram realizados gráficos globais que correspondessem à totalidade da fase. As pastas cerâmicas possuem comportamentos diferentes em cada contexto sendo que as conclusões finais atenderão a uma média comportamental das pastas presentes.

A análise das espessuras presentes nos fragmentos e recipientes revelou os seguintes resultados:

– A *pasta I* encontra-se presente em todos os contextos analisados ainda que num – Lx. 2 – não seja possível constituir uma linha evolutiva (visível no gráfico de evolução das pastas) devido ao baixo número de fragmentos e a uma má distribuição. Em todos os contextos, os fragmentos de pasta I possuem uma maioria de cat. 3 sendo que as espessuras encontram-se entre as categorias 1 e 11. Ordenando os contextos daqueles com espessuras mais finas para as mais grossas, temos: A58, A69, A63, A60 e A51. Chegamos a esta hierarquia através da comparação dos valores em cada categoria, por exemplo: *na A58*, os fragmentos de categorias 2 e 4 equivalem a 31 % dos de cat. 2 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 5, com uma maioria de fragmentos na cat. 3 e *na A51*, os fragmentos de cat. 2 equivalem a 28 % dos de cat. 3 e os de cat. 4 equivalem a 63 % dos de cat. 3 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 1 e a 11 com uma maioria de fragmentos na cat. 3.

– A *pasta II* encontra-se presente em três contextos analisados (A58, A60 e A51) não sendo representada por nenhum gráfico evolutivo devido ao baixo número de fragmentos. Podemos dizer que as categorias 1 e 2 são aquelas onde se encontram a maioria dos fragmentos identificados.

– A *pasta III* encontra-se presente em todos os contextos analisados ainda que em dois – Lx. 2 e A63 – não seja possível constituir uma linha evolutiva (visível no gráfico de evolução das pastas) devido ao baixo número de fragmentos e a uma má distribuição. Ordenando os contextos daqueles com espessuras mais finas para as mais grossas, temos: A60, A51, A69 e A58. Chegamos a esta hierarquia através da comparação dos valores em cada categoria, por exemplo: *na A60*, os fragmentos de cat. 2 equivalem a 12 % dos de cat. 3 e os de cat. 4 equivalem a 87 % dos de cat.3 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 9, com uma maioria na cat. 3 e *na A58*, os fragmentos de cat. 3 equivalem a 57 % dos de cat. 4, os de cat. 5 equivalem a 50 % dos de cat. 4 (que neste contexto é maioritária) sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 3 e a 7.

– A *pasta IV* está presente em todos os contextos analisados mas apenas em três – A69, A60 e A51 – apresenta um número suficiente que permite a construção de um gráfico evolutivo. Ordenando os contextos daqueles com espessuras mais finas para as mais grossas, temos: A51, A60 e A69. Chegamos a esta hierarquia através da comparação dos valores em cada categoria, por exemplo: *na A51*, os fragmentos de cat. 3 equivalem a 85 % dos de cat. 4 e os de cat. 5 equivalem a 46 % dos de cat. 4 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 6, com uma maioria na cat. 4 e *na A69*, os fragmentos de cat. 3 equivalem a 29 % dos de cat. 4 e os de cat. 5 equivalem a 86 % dos de cat. 4 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 3 e a 6, com uma maioria na cat. 4.

- A *pasta V* está presente, unicamente, na A60 sendo que não é possível caracterizar a espessura dos fragmentos devido ao número muito reduzido dos mesmos e à sua má distribuição.
- A *pasta VI* encontra-se em todos os contextos analisados ainda que na A63 não seja possível constituir uma linha evolutiva (visível no gráfico de evolução das pastas) devido ao baixo número de fragmentos e a uma má distribuição. Ordenando os contextos daqueles com espessuras mais finas para as mais grossas, temos: A69, A60, Lx. 2, A58 e A51. Chegamos a esta hierarquia através da comparação dos valores em cada categoria, por exemplo: *na A69*, os fragmentos de cat. 2 equivalem a 11 % dos de cat. 3, os fragmentos de cat. 4 equivalem a 33 % dos de cat. 3, o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 7, com uma maioria na cat. 3 e *na A51*, os fragmentos de cat. 3 equivalem a 88 % dos de cat. 4, os de cat. 5 equivalem a 21 % dos de cat. 4 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 6, com uma maioria na cat. 4.
- A *pasta VII* encontra-se em todos os contextos analisados ainda que no Lx. 2 não seja possível constituir uma linha evolutiva (visível no gráfico de evolução das pastas) devido ao baixo número de fragmentos e a uma má distribuição. Os contextos ordenam-se da seguinte forma (por ordem crescente; das espessuras mais finas para as mais espessas): A51, A58, A60, A63 e A69. Para exemplificar a nossa hierarquia podemos dizer que: *na A51*, os fragmentos de cat. 3 equivalem a 36 % dos de cat. 4, os fragmentos de cat. 5 equivalem a 64 % dos de cat. 4 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 3 e a 13, com uma maioria na cat. 4 e *na A69*, os fragmentos de cat. 3 equivalem a 80 % dos de categorias 4 e 5, sendo que neste contexto ambas são maioritárias.
- A *pasta VIII* encontra-se em todos os contextos sendo possível reconstituir gráficos evolutivos em todos eles. Os contextos ordenam-se da seguinte forma (por ordem crescente; das espessuras mais finas para as mais espessas): A63, Lx. 2, A58, A51, A69 e A60. Para exemplificar a nossa hierarquia podemos dizer que: *na A63*, os fragmentos de cat. 2 equivalem a 11 % dos de cat. 3 e os de cat. 4 equivalem a 22 % dos de cats. 3 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 4, com uma maioria na cat. 3 e *na A60*, os fragmentos de cat. 3 equivalem a 78 % dos de cat. 4 e os de cat. 5 equivalem a 17 % dos de cat. 4 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 9, com uma maioria na cat. 4.
- A *pasta IX* encontra-se em 4 dos contextos integrados na fase III-3 – A69, A58, A60 e A51 – sendo que só é possível a caracterização da espessura dos fragmentos através da construção de gráficos evolutivos na A69. Consideramos os fragmentos presentes na A69 de espessuras medianas, onde o intervalo de valores se situa de 3 a 6, com uma maioria na cat. 4.

– A *pasta X* encontra-se presente em 4 dos contextos integrados na fase III-3 – A69, A58, A63 e A51 –, sendo que não é possível a caracterização da espessura dos fragmentos através da construção de gráficos evolutivos na A63. Os contextos ordenam-se da seguinte forma (por ordem crescente; das espessuras mais finas para as mais espessas): A58, A69 e A51. Para exemplificar a nossa hierarquia podemos dizer que: *na A58*, os fragmentos de cat. 2 equivalem a 10 % dos de cat. 3, os de cat. 4 equivalem a 30 % dos de cat. 3 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 2 e a 7, com uma maioria na cat. 3 e *na A51*, os fragmentos de cat. 3 equivalem a 25 % dos de cat. 4, os de cat. 5 equivalem a 25 % dos de cat. 4 sendo que o intervalo de categorias encontra-se entre a 3 e a 8, com uma maioria na cat. 4.

– A *pasta XI* encontra-se presente em 3 dos contextos integrados na fase III-2 – A69, A60 e A51 –, sendo que só é possível a caracterização da espessura dos fragmentos através da construção de gráficos evolutivos na A51. Consideramos as espessuras dos fragmentos de pasta XI, na A51, muito elevadas, sendo considerados os mais grossos de todas as pastas. Na A51, os fragmentos de cat. 5 equivalem a 25 % dos de cat. 6, os de cat. 7 equivalem a 50 % dos de cat. 6, o intervalo de valores encontra-se entre 3 e 10 sendo que a maioria dos fragmentos pertence à cat. 6.

– A *pasta XII* encontra-se, apenas, num contexto – A58 – não tendo sido possível a caracterização da espessura dos fragmentos por número insuficiente de fragmentos.

Tendo em conta a análise realizada podemos dizer o seguinte.

a) No global, a espessura dos fragmentos, de quase todas as pastas, pode ser considerada mediana sendo que as categorias mais usadas são a 3 e 4. A exceção é encontrada na pasta XI. A caracterização das pastas II, V, IX, X, XI e XII não é segura pois baseia-se num número muito reduzido de fragmentos.

b) A pasta II é usada em recipientes de paredes muito finas (cats. 1 e 2).

c) As pastas I e VI são, maioritariamente, usadas em recipientes de paredes finas (cats. 3 e 4).

d) As pastas III, VIII e X são, maioritariamente, usadas em recipientes de paredes finas e médias (cats. 3 e 4) sendo que apresentam espessuras ligeiramente superiores àquelas das pastas I e VI.

e) As pastas IV, VII e IX são usadas no fabrico de recipientes de paredes médias (cats. 4 e 5) sendo que estas pastas apresentam espessuras ligeiramente superiores àquelas apresentadas pelas pastas III, VIII e X.

f) A pasta XI é usada no fabrico de recipientes de paredes de espessura grossa (superior à categoria 6).

g) As características apresentadas para as pastas II, IX, X e XI devem ser olhadas com cautela devido ao número reduzido de fragmentos (que ainda assim permite uma avaliação gráfica).

h) As pastas V e XII não permitiram a caracterização das espessuras dos recipientes devido ao baixo número de fragmentos.

Descrevemos de seguida a caracterização dos contextos a partir da análise da espessura das pastas. Foram os seguintes os dados obtidos.

a) Todos os contextos integrados na fase III-3 permitiram a caracterização da espessura de algumas pastas ainda que uns mais do que outros. Deste modo, os contextos escolhidos da fase III-3 na área norte comportam-se de modo diferenciado sendo que nenhum permite uma caracterização total.

b) Ordenando os contextos por ordem decrescente (daquele que permite uma maior caracterização de pastas para o que não permite nenhuma) obtivemos a seguinte hierarquia: A69 (89 % - 8 de 9 pastas); A51 (80 % - 8/10 pastas); A58 e A60 (60 % - 6/10 pastas em ambos os contextos); A63 (43 % - 3/7 pastas) e Lx. 2 (33 % - 2/6 pastas).

c) Consideramos que: 1) a A63 e o Lx. 2 apresentam uma má caracterização das espessuras das pastas; 2) as A58 e A60 possuem uma caracterização mediana e 3) apenas dois contextos – A69 e A51 – possuem uma boa caracterização (considerada na fase III-2 com mais de 70 % das pastas caracterizadas).

d) No geral os contextos revelam bastantes semelhanças pois a maioria dos fragmentos possui categorias 3 e 4. No entanto, uns contextos possuem determinadas pastas com uma maioria de fragmentos em cat. 3 e outras com uma maioria de fragmentos em cat. 4 ou superior.

5.5.3.2. Análise Morfológica

A análise morfológica do conjunto cerâmico correspondente à fase III-3 ponderou todos os bordos, bases e recipientes identificados em cada contexto individual analisado (A69, Lx. 2, A58, A60, A63 e A51). Os bordos/recipientes integrados nesta fase são: 489 (est. CXXII, 11), 493 (est. CXXV, 2), 497, 517, 518, 519, 526, 533, 536, 537, 538, 564, 578, 587, 594, 599, 606, 622, 633 (est. CXXVIII, 7), 642, 649, 653, 660, 667, 674, 684, 691, 695, 704, 727, 728, 730, 732, 736, 744, 756, 758, 773, 774, 786, 791, 793, 802, 808, 818, 820, 830, 835, 841, 850, 863, 864, 867, 868, 871, 873, 875, 877, 882, 886, 894, 896, 897, 901, 902, 903, 904, 905, 910, 912 (est. CXXX, 11), 917, 923, 931, 938, 957 (est. CXXIX, 6), 960 (est. CXXIX, 7), 961, 974, 1008, 1021 e 1022 e as bases identificadas são: 284, 285, 286, 291, 301, 302, 317, 318, 319, 335, 369, 370, 377, 385, 387, 389, 399, 403, 409, 410, 411, 417, 418, 419 (est. CXXVIII, 5), 479, 480, 481, 482 (est. CXXX, 4), 483, 487, 490 e 498.

A análise morfológica da fase III-3 é baseada na observação dos seguintes quadros: 1) tipos de recipientes por contexto (estampas DCCXXVII, Quadros 1, 2 e 3); 2) tipos de recipientes e suas pastas (estampas DCCXXVII, Q4; DCCXXVIII Quadros 2, 2, 3 e 4); 3) tipos de recipientes e suas capacidades (estampas DCCXXIX, Quadros 1, 2, 3 e 4 e DCCXXX, Quadro 1); 4) relação entre os tipos de capacidade e os tipos de pasta presentes nos recipientes (estampas DCCXXX, Quadros 2, 3 e 4 e DCCXXXI, Quadros 1 e 2); 5) tipos de bases e seus contextos (estampas DCCXXXI, Quadros 3 e 4); 6) tipos de bases e respectivos ângulos de parede/pança (estampas DCCXXXII, Quadros 1, 2, 3, 4 e 5); 7) tipos de recipientes e respectivos tipos de bordos na totalidade da fase III-3 / PIN2 (est. DCCXXXIV), no contexto integrado na PIN2.1, na fase III-3 – A51 – (estampa DCCXXXIII, Q3) e nos contextos integrados no TEN, na fase III-3 (estampa DCCXXXIII, Quadros 1 e 2) e 8) tipos de bordos, bases e respectivas pastas nos contextos onde se encontram presentes, A69 (est. DCCXXXV, Q1), Lx. 2 (est. DCCXXXV, Q2), A58 (est. DCCXXXV, Q3), A63 (est. DCCXXXV, Q4), A60 (est. DCCXXXVI, Q1) e A51 (est. DCCXXXVI, Q2).

A análise formal dos recipientes integrados na fase III-3 permitiu as seguintes observações:

– Dos 6 contextos integrados na fase III-3 e analisados a nível técnico apenas um não permitiu uma análise morfológica de recipientes (A63). Mais de metade dos contextos integrados na fase III-3 – A69, Lx. 2 e A58 –, da área norte revelam uma boa reconstituição de formas, que se encontra acima dos 50 %. Na totalidade da fase III-3 (somando todos os bordos e recipientes), 44 % dos bordos permitiram a reconstituição dos recipientes (36 recipientes em 82 bordos no total). Deste modo, consideramos que a fase III-3 possui uma preservação média/baixa. Ordenando os contextos por ordem decrescente (dos que apresentam maior reconstituição formal para aqueles que apresentam menor reconstituição) temos: A69 (70 % - 7 recipientes de 10 bordos); Lx. 2 (67 % - 2/3); A58 (50 % - 3/6); A60 (42 % - 16/38) e A51 (32 % - 8/25). A reconstituição dos recipientes na fase III-3 é muito semelhante àquela ocorrida nas fases III-2 e III-1. Na fase III-1 a reconstituição é de 48 %, na fase III-2 é de 50 % e na fase III-3 de 44 %. É visível um aumento muito ligeiro da fase III-1 para a fase III-2 mas um decréscimo considerável na fase III-3. A fase III-3 é aquela que apresenta menor percentagem de reconstituição que está de acordo com o carácter degradado desta ocupação e da sua falta de preservação.

– Na totalidade dos contextos da fase III-3 na área norte, ocorrem 14 tipos de formas sendo que 8 encontram-se representadas, apenas, por 1 exemplar. Os tipos *1c*, *2a*, *2b*, *2e*, *3b*, *6b*, *B1e* e *B13* são representados por 1 exemplar em cada tipo e os tipos *2c*, *3c*, *6a*, *7d*, *8a* e *8b* são representados por vários recipientes em cada tipo. Os tipos *6a* e *8a* são os mais numerosos, com 9 e 8 exemplares, respectivamente, correspondendo a 25 e 22 % dos recipientes reconstituídos, também

respectivamente. Aos tipos 6a e 8a seguem-se os tipos 2c, 3c e 8b (3 exemplares cada), correspondendo a 8 % cada e, por último, o tipo 7d, 2 exemplares correspondendo a 6 %. Os restantes tipos – 1c, 2a, 2b, 2e, 3b, 6b, B1e e B13 – correspondem cada um a menos de 3 % dos recipientes reconstituídos (1 exemplar em cada).

– Em comparação com a fase anterior podemos observar: 1) um decréscimo significativo de tipos de formas que pode estar relacionado com o menor número de bordos e recipientes; 2) o tipo 3b foi identificado nas fases III-1 e III-3; 3) os tipos 9a, B1c, B5b, B5e, B6b, B11 e B14a só foram identificados na fase III-1 encontrando-se ausentes na fases III-2 e III-3; 4) o tipo 2b foi identificado nas 3 fases apenas por um exemplar em cada; 5) os tipos, 2c, 6a, 8a e 8b encontram-se em todas as fases e com um número significativo de recipientes, sendo claramente formas de grande uso; 6) na fase III-2 dá-se uma subida da importância do tipo 8b, pois ele é, conjuntamente com o tipo 8a, a forma maioritária no entanto na fase III-3 esta forma sofre um decréscimo acentuado na sua presença, correspondendo a 8 % e estando ao nível de importância das formas 2c e 3c; 7) na fase III-3 é evidente a presença da forma 6a, que na fase III-2 não possuía tanta relevância; 8) na fase III-3 dá-se um decréscimo acentuado da presença de formas conotadas com a Idade do Bronze (sendo que estas formas também são contabilizadas para a variedade formal de cada fase) e 9) é de notar a importância de determinados tipos em todas as fases de ocupação, como são os tipos 2c, 6a, 8a e 8b.

– Na totalidade da fase III-2 estão presentes 14 tipos de formas (contando com os subtipos) que não ocorrem todas no mesmo contexto. No geral, os contextos possuem 2 a 16 recipientes (bordos reconstituídos) e revelam 1 a 8 tipos de formas diferentes (dos 14 tipos presentes). O número máximo de recipientes reconstituídos é 16 e o número máximo de bordos é 38 – ambos na A60 – sendo que tal não propicia totalmente o aparecimento de todos os tipos num só contexto. Os contextos mais diversos – A60 e A51, com 8 e 6 tipos de formas diferentes, respectivamente – representam 57 e 43 % das formas presentes na fase III-3. E o contexto com menor representação – 1 exemplar no Lx. 2 – apenas diz respeito a 7 % da globalidade de formas presentes. Deste modo concluímos que os contextos revelam: 1) pouca diversidade em relação às características globais da fase ainda que revelem mais diversidade do que os contextos da fase anterior e 2) boa diversidade em relação às características internas. Quer dizer que, no geral, os contextos revelam poucos recipientes mas de várias formas sendo pobres em número, ricos em diversidade interna e pobres em diversidade externa pois esta está directamente relacionada com o número de recipientes presentes. Na fase III-1, o contexto mais diverso representa 31 % das formas presentes na fase e o

menos diverso representa 6 %. Na fase III-2, o contexto mais diverso representa 38 % das formas presentes na fase e o menos diverso representa 3 %. Podemos ver que na fase III-3 ocorre um aumento significativo da representatividade em relação às fases anteriores sendo que tal pode estar relacionado com uma menor diversidade interna.

– Os recipientes reconstituídos integrados na fase III-3 revelam uma maioria de formas integradas na ocupação da Idade do Ferro (94 %) no entanto cerca de 6 % são recipientes conotados culturalmente com a Idade do Bronze regional (2 exemplares em 36 recipientes no total). É de notar que, na área norte: 1) na fase II, 20 % dos recipientes se encontram conotados culturalmente com esta ocupação; 2) na fase III-1, 29 % dos recipientes encontram-se conotados com a Idade do Bronze; 3) na fase III-2 12 % dos recipientes se encontram conotados culturalmente com esta ocupação e 4) é visível uma diminuição da presença de recipientes conotados com a Idade do Bronze ao longo da ocupação da Idade do Ferro, ainda que se encontrem sempre presentes. Como já foi referido, cremos ser normal um decréscimo na presença de recipientes conotados com a ocupação da Idade do Bronze pois estes recipientes encontram-se descontextualizados em todas as fases de ocupação da Idade do Ferro.

– Na fase III-3 apenas um contexto – A51 – apresenta recipientes conotados com a Idade do Bronze sendo que corresponde a 20 % dos contextos analisados. Na A51 os recipientes conotados com a Idade do Bronze equivalem a 25 % dos recipientes. Em relação à fase anterior é visível um decréscimo acentuado do número de contextos com intrusão de recipientes sendo que na fase III-2, 71 % dos contextos apresentam recipientes conotados com a Idade do Bronze. Na fase III-2 os recipientes da Idade do Bronze correspondem entre 9 e 50 % dos recipientes dos contextos que os contem. Cremos que a presença de 25 % de recipientes conotados com a Idade do Bronze na A51 é significativa e pode indiciar esta zona da PIN como uma zona muito marcada pela ocupação da Idade do Bronze.

– No conjunto dos recipientes identificados 64 % são de perfil em “S” (*tipos 6a, 6b, 7d, 8a e 8b*, 23 exemplares), 19 % são globulares de vários tipos (*tipos 2a, 2b, 2c, 2e e 1e*, 7 exemplares), 14 % são taças rectas (*tipos 1c, 3b e 3c*, 5 exemplares) e 3 % são recipientes troncocónicos (*tipo B13*, 1 exemplar). É de notar que se tivermos em conta, unicamente, os recipientes conotados com a Idade do Ferro veremos que 68 % correspondem a recipientes de perfil em “S” sendo visível uma pequena alteração percentual que não cremos ser significativa. É de facto visível que mais de 30 % dos recipientes da Idade do Ferro não são recipientes de perfil em “S” sendo globulares ou taças de fundo recta de várias capacidades. Em relação às fases anteriores na área norte, podemos observar

uma presença semelhante, nas três fases, de recipientes de perfil em “S”. nas fases III-1 e III-3, 68 % dos recipientes são de perfil em “S” e na fase III-2 correspondem a 72 %. Deste modo vemos que a presença de recipientes de perfil em “S” durante toda a ocupação da Idade do Ferro ronda os dois terços.

– Na totalidade dos contextos analisados podemos observar que o tipo de bordo predominante é o tipo 1 (47 %), seguido do tipo 4 (19 %), tipo 2 (10 %), tipo 3 (9 %) e, por último, o tipo 5 (2 %). É de notar que 2 % dos bordos (2 exemplares) não permitiram concluir o tipo e subtipo que o caracterizavas. O *tipo de bordo 1* encontra-se presente em 5 contextos (A69, Lx. 2, A58, A60 e A51); o *tipo de bordo 2* encontra-se presente em 4 contextos analisados (A69, Lx. 2, A60 e A51); os *tipos de bordo 3 e 4* encontram-se (ambos) presentes em 4 contextos – os mesmos – (A69, A58, A60 e A51) e o *tipo de bordo 5* ocorre num contexto (A60). Podemos observar que: 1) o contexto que apresenta maior diversidade de tipos de bordos (5 tipos) é a A60, seguida da A69 e A51 (4 tipos); 2) os contextos com menor diversidade de tipos de bordos (3 ou menos) são a A58 (3 tipos) e Lx. 2 (2 tipos); 3) a A63 não é representada por bordos, apenas por bases e o Lx. 2 não apresenta bases; 4) a A60 é também o contexto com maior diversidade de tipos de bases e, 5) não há uma relação entre a zona de escavação (PIN1, 2 e 2.1) e os tipos de bordos e bases presentes.

– Em comparação às fases anteriores podemos dizer que: 1) os tipos de bordo 1 e 4 são dominantes em todas as fases de ocupação da Idade do Ferro; 2) o tipo de bordo 2 encontra-se mais presente na fase III-1 do que nas fases III-2 e III-3 (15 % para 10 % nas fases III-2 e III-3); 3) o tipo de bordo 3 possui uma presença semelhante nas fases III-2 e III-3; 4) o tipo de bordo 5 encontra-se ausente na fase III-1 e presente na fases III-2 e III-3, sendo que em ambas é um tipo de bordo, claramente, minoritário – com uma presença de 2 % – e, 5) o tipo de bordo 6 encontra-se presente nas fases III-1 e III-2, de um modo minoritário e encontra-se ausente na fase III-3.

– Este conjunto cerâmico possui 33 bases sendo que foram identificados 4 tipos – 1, 2, 3 e 5 – e cinco bases não permitiram a identificação do tipo formal. Na totalidade dos contextos analisados podemos observar que o tipo de base predominante é o *tipo 1* (43 %), seguido do *tipo 2* (21 %), do *tipo 3* (15 %) e, por último, do *tipo 5* (6 %). O *tipo de base 1* encontra-se presente em 4 contextos (A69, A58, A60 e A51); o *tipo de base 2* encontra-se em 3 contextos (A60, A63 e A51); o *tipo de base 3* encontra-se em 3 contextos (A69, A60 e A51) e, por último, o *tipo de base 5* encontra-se num contexto (A60). Podemos dizer que: 1) a base maioritária não é aquela que ocorre em maior número de contextos; 2) não detectamos uma relação entre determinado tipo de base e determinada zona de ocupação e 3) os contextos com maior diversidade de bases são a A60 e A51.

– Em relação às fases anteriores podemos observar: 1) um decréscimo do tipo de base 1 (68 % na fase III-1; 50 % na fase III-2 e 43 % na fase III-3); 2) um decréscimo do tipo 3 (20 % na fase III-2 e 15 % na fase III-3) que se faz sentir desde a fase III-1; 3) um decréscimo do tipo 2 da fase III-1 para a fase III-2 (que na fase III-1 chegou a ocupar 2º lugar de tipo formal preferido) com uma subida ligeira na fase III-3; 4) manutenção do tipo de base 5 como minoritário, mas com uma presença semelhante em todas as fases de ocupação e 5) manutenção dos mesmos tipos formais em todas as fases de ocupação, na área norte.

A análise formal dos recipientes permitiu as seguintes observações.

– Os 36 recipientes identificados são construídos em 5 pastas – I, III, IV, VI e VIII – sendo que 11 são construídos em pasta I e III (30,5 % cada), 9 em pasta VI (25 %), 3 em pasta VIII (8 %), 2 em pasta IV (6 % cada). Os recipientes conotados com a ocupação da Idade do Bronze estão construídos na pasta I sendo que esta pasta não é exclusiva de recipientes conotados com esta ocupação. Cada tipo de pasta encontra-se em recipientes de diferentes tipos sendo que parece não existir uma relação entre tipos de recipientes e tipos de pasta, quer dizer que determinado tipo de pasta é usado em muitos tipos de recipientes.

– Em comparação às fases anteriores podemos observar que: 1) na fase III-1 foram identificados recipientes construídos em pasta X (que equivaliam a 10 % dos recipientes reconstituídos) no entanto esta pasta encontra-se ausente nas fases III-2 e III-3; 2) a pasta II encontra-se ausente na fase III-3 mas presente nas fases III-1 e III-2 sendo que na fase III-2 não permitiu a reconstituição de recipientes (sendo representada por dois bordos); 3) a pasta V encontra-se ausente nas fases III-1 e III-3 mas presente na fase III-2; 4) as pastas I e III são maioritárias em todas as fases de ocupação; 5) as pastas VI e VIII ganham clara relevância na fase III-2 e na fase III-3 é evidente a importância das pastas VI e 6) a pasta VII é minoritária nas fases III-1 e III-2 e na fase III-3 encontra-se ausente. É de notar a manutenção do estatuto das pastas I, III ainda que seja visível uma mudança de comportamento das pastas II, VI, VII e VIII.

– Em resumo, podemos dizer que há uma clara predominância das pastas I e III sendo estas pastas usadas em muitos recipientes e de diferentes formas. Aparentemente não há uma relação entre formas e tipos de pastas sendo que apenas podemos afirmar que os tipos de pastas I, III, VI e VIII são aqueles escolhidos para realizar as muitas formas presentes na fase III-3.

– Analisando a totalidade dos bordos podemos observar: 1) as percentagens de bordos por pasta são as seguintes: pasta I (30 %), III (32 %), IV (1 %), VI (20 %), VII (5 %) e VIII (12 %); 2) apesar do número de bordos ser claramente superior ao número de recipientes reconstituídos (82 bordos e 36 recipientes), as percentagens de pastas nos bordos são muito semelhantes àquelas presentes nos

recipientes; 3) a principal diferença entre bordos e recipientes prende-se em diferenças percentuais, mais baixas nos recipientes de pastas I, III e VIII e mais altas nos recipientes de pastas IV e VI; 4) a hierarquia de pastas dos recipientes e bordos é muito semelhante; 5) a pasta VII revela-se discrepante pois ela está presente nos bordos mas não nos recipientes e 6) as pastas I, III VI e VIII são o grupo base tanto nos recipientes como na totalidade dos bordos analisados.

– Cremos que as pastas I e III são a base segura do conjunto cerâmico de toda a ocupação da Idade do Ferro pois estão presentes, de uma forma dominante, em todas as fases de ocupação. As pastas II, VI, VII, VIII e X foram utilizadas de um modo diferenciado consoante a fase de ocupação em análise. Na fase III-1 foram usadas de uma forma esporádica, na fase III-2 é evidente uma utilização mais permanente das pastas VI e VIII, seguida da VII e na fase III-3 é evidente a preferência da pasta VI em relação à pasta VIII, sendo que a pasta VII está claramente em desuso (minoritária). As pastas II, V e X encontram-se ausentes.

– A análise da distribuição dos tipos de formas mais numerosos – *tipos 2c, 3c, 6a, 7d, 8a e 8b* – por contexto e por tipos de pastas, revelou o seguinte.

a) Não há uma relação directa entre o número de recipientes de determinada forma e o número de contextos que a apresentam. Quer dizer que, os tipos de formas mais numerosos não possuem uma distribuição igual nos vários contextos. Os *tipos 6a* e *8a* são representados por 9 e 8 exemplares, respectivamente, sendo que o *tipo 6a* encontra-se presente em 5 contextos (A69, Lx. 2, A58, A60 e A51) e o *tipo 8a* em 3 contextos (A69, A60 e A51). O *tipo 6a* é o tipo formal com maior distribuição e com maior número de recipientes (ainda que muito próximo do *tipo 8a*). Os *tipos 2c, 3c e 8b* são representados, cada um, por 3 exemplares e encontram-se, cada um, em 2 contextos diferentes (os *tipos 2c e 3c* encontram-se presentes na A69 e A60 e o *tipo 8b* na A60 e A51). Podemos ver que o *tipo 6a* é o único comum a todos os contextos.

b) Como o número de recipientes é bastante reduzido torna-se difícil perceber quais as características mais válidas do conjunto cerâmico. Não é possível, para a fase III-3 o entendimento que se obteve para a fase III-2. Aparentemente não há uma relação entre tipos de pastas e tipos de formas nem entre contextos e tipos de pastas. Podemos ver que são recorrentemente usadas os mesmos tipos de pastas nos diversos contextos.

c) Na fase III-2 observamos que o comportamento mais usual dos recipientes é ocorrerem em determinado contexto em uma ou duas pastas diferentes. Quer dizer que, independentemente do número de recipientes, por contexto o número de pastas é reduzido. No entanto, tanto na fase III-2 como na fase III-3 alguns contextos revelam uma diversidade “anormal” pois determinado tipo de

forma é representado por vários recipientes realizados em pastas diferentes. Na fase III-3 este comportamento ocorre na forma 8a na A69 e na forma 6a na A60. Não sabemos explicar devidamente esta diversidade, no entanto cremos poder estar relacionada com a reposição de recipientes partidos ou com a continuidade da ocupação.

– Os 36 recipientes reconstituídos distribuem-se por 6 categorias de capacidade (1, 2, 3, 4, 5 e 6) sendo que os recipientes considerados de grande capacidade distribuem-se da seguinte forma: categoria 5 (de 5 a 10 l) com 6 recipientes (16,67 %) e categoria 6 (de 10 a 20 l) com 3 recipientes (8,33 %). Podemos ver que cerca de 25 % dos recipientes são grandes e podem ser considerados de armazenamento sendo que, em relação à fase anterior, dá-se um aumento dos recipientes de grande capacidade. As categorias de capacidade maioritárias são a 2 e 5 (cerca de 47 % em conjunto) – 0,3 a 1 l na cat. 2 e 5 a 10 l na cat. 5 – seguidas da categoria 3 (cerca de 14 %) – de 1 a 2 l. Podemos observar que este conjunto é constituído por recipientes de várias capacidades possuindo uma distribuição relativamente díspar e não evolutiva. Consideramos este conjunto algo desequilibrado pois as categorias de capacidades apresentam valores oscilantes. Deste modo, concluímos que: 1) 39 % dos recipientes possuem uma capacidade até 1 litro sendo que são considerados pequenos e de uso individual ou restrito; 2) 25 % dos recipientes possuem uma capacidade de 1 a 5 litros sendo que são considerados de capacidade média e de uso familiar doméstico (consumo de alimentos); 3) 25 % correspondem a recipientes de grande capacidade; 4) as taças rectas são, maioritariamente, recipientes pequenos (cat. 2) realizados em pasta I, III e VI; 5) os globulares são recipientes muito pequenos e pequenos (cats. 1 e 2) realizados em 4 pastas diferentes – I, III, IV e VI –; 6) os recipientes de perfil em “S” são representados por recipientes pequenos, médios e grandes (das cats. 2 à 6); 7) os recipientes considerados grandes são recipientes de perfil em “S” sendo que cremos que há uma relação entre tipo de forma e capacidade e 8) os tipos de forma 8a, 6a e 6b são aqueles que apresentam recipientes de maior tamanho.

– Em comparação com as fases anteriores podemos observar: 1) das três fases de ocupação a fase III-1 é a que apresenta uma caracterização mais pobre, onde estão apenas identificados recipientes de pequena e média capacidade; 2) nas fases III-2 e III-3 encontram-se presentes recipientes de todos os tamanhos, com uma boa caracterização de todos os tipos de capacidade, sobretudo na fase III-2; 3) na fase III-3 (e em relação à fase III-2) encontramos um maior número de recipientes pequenos (até 1 l), um menor número de recipientes médios (de 1 a 5 l) e um maior número de recipientes grandes (acima de 5 l); 4) na fase III-2, 28 % dos recipientes possuem uma capacidade até 1 litro ena fase III-3 correspondem a 39 %; 5) na fase III-2, 44 % dos recipientes possuem uma

capacidade de 1 a 5 litros e na fase III-3 correspondem a 25 % e 6) na fase III-2, 17,5 % dos recipientes possuem uma capacidade acima de 5 l e na fase III-3 correspondem a 25 %.

– Não há uma relação directa e inequívoca entre os tipos de pastas e os tipos de capacidade dos recipientes pois uma mesma pasta possui recipientes construídos em várias categorias de capacidades. As pastas I, III, VI e VIII apresentam recipientes pequenos e grandes, sendo que a pasta VI é mais evidente nos recipientes grandes e a pasta I mais evidente nos recipientes pequenos. No entanto, cada pasta é representada por recipientes de diversas capacidades não existindo uma característica física que impossibilite o uso de determinadas pastas em recipientes de determinados tamanhos.

– A análise de distribuição dos tipos de capacidade por contexto revelou o seguinte.

a) A distribuição dos tipos de capacidade por contexto é desigual sendo que podemos observar o seguinte: 1) o Lx. 2 e a A58 revelam um recipiente em cada categoria – no Lx. 2 está presente um recipiente nas cats 2 e 3 e na A58 está presente um recipiente nas cats. 1, 2 e 4 –; 2) nas A69 e A60 há uma maioria de recipientes na categoria 2, seguida da cat. 5 na A69 e das cats. 3 e 5 na A60 e 3) a A51 apresenta uma maioria de recipientes na cat. 6 sendo que as restantes categorias apenas são representadas por um exemplar.

b) Apesar das diferenças de distribuição os contextos com recipientes de maior tamanho são a A51, A60 e A69 (por esta ordem).

c) Ordenando os contextos por ordem decrescente de variedade nos tipos de capacidade, temos: A60 e A51 (5 tipos de capacidade); A69 e A58 (3 tipos) e Lx. 2 (2 tipos).

– Apesar do número reduzido de recipientes e da dificuldade de compreender se existe, ou não, uma relação entre o tipo de recipiente e o tipo de bordo, podemos observar o seguinte: 1) as taças rectas – *tipos 1c, 3b e 3c* – possuem bordos de tipo 2, 4 e 5, que estão, genericamente de acordo com os tipos de formas definidos (tipo 1 com bordo de tipo 2 e tipos de forma 3 com bordos de tipo 5); 2) é visível que o tipo de forma 3 inicialmente definido com uma taça de bordo em aba de tipo 5 pode também ocorrer com bordos em aba de tipo 4, isto é não totalmente rectos; 3) os globulares – *tipos 2a, 2b, 2c, 2e e 1e* – possuem bordos de tipo 3 sendo que são exemplares típicos dos tipos de formas definidos; 4) os recipientes de perfil em “S” – *tipos 6a, 6b, 7d, 8a e 8b* – possuem bordos de tipos 1, 2 e 4, sendo que neste caso não há uma relação entre tipo de bordo e tipo de forma na definição do tipo de forma; 5) o tipo de bordo 3 é o único exclusivo de taças e globulares sendo que este tipo de bordo é formalmente muito restrito e por isso é normal que não seja usado noutros tipos de recipientes; 6) os tipos de bordo 1 e 4 são os mais versáteis sendo usados em vários tipos de

recipientes em “S”; 7) o tipo de bordos 2 e 1 são usados em recipientes de forma 6a, sendo que o tipo de forma também define o tipo de bordo, no caso do tipo de bordo 2; 8) cremos que quando um tipo de bordo não se encontra, intrinsecamente, relacionado com determinado tipo de forma, pode ocorrer em qualquer tipo de forma sendo que não nos parece evidente uma relação causal entre tipos de bordo e tipos de recipiente e 9) as relações entre tipos de bordo e tipos de formas são semelhantes em todas as fases de ocupação sendo que as características acima apontadas são, genericamente, as mesmas.

– Da totalidade dos 81 bordos presentes, podemos dizer o seguinte: 1) foram identificados 27 tipos (tipo + subtipo de bordo) no total, 2) 15 tipos são representados unicamente por 1 exemplar (56 %); 3) os tipos de bordo que ocorrem com mais frequência são o B1 a5 (15 exemplares), B1 a9 (14 exemplares), B1 a1 e a7 (7 exemplares cada), B4 b2 (5 exemplares), B2 b1 (3 exemplares) e B2 b4 e b5, B3 a3, B4 a3 e a6 (2 exemplares). Os restantes tipos de bordo são representados, unicamente, por um exemplar.

– Em comparação com as fases anteriores podemos observar o seguinte: 1) na fase III-2 a variedade de tipos e subtipos era muito maior, que pode estar relacionada com o número de bordos presentes (muito superior ao da fase III-3); 2) na fase III-2 43 % dos tipos de bordos presentes (tipo + subtipo de bordo) eram representados unicamente por um exemplar e na fase III-3 essa realidade sobre para 56 %; 3) é possível que a fase III-3 apresente uma maior variedade de tipos de bordos já que mais de metade só é representada por um recipiente; 4) alguns dos tipos de bordo maioritários na fase III-3 são os mesmos tipos maioritários das fases III-2 e III-1 – B1 a1, a5, a7, a9, B2 b4, b5 e B4 b2 – e 5) alguns tipos de bordo maioritários na fase III-3 são minoritários nas fases anteriores como são o B2 b1, B3 a3, B4 a3.

– Como já foi referido foram identificadas 33 bases sendo que: 13 foram construídas em pasta III (40 %), 11 foram construídas em pasta I (33 %), 5 em pasta VII (15 %), 2 em pasta VIII (6 %) e uma em pasta IV e uma em pasta VI (3 % cada). Podemos observar em relação às fases anteriores uma manutenção, de uma forma geral, da mesma ordem de preferências de pastas. Em todas as fases de ocupação a pasta III é maioritária, seguida da pasta I e depois das pastas VI, VII e VIII, consoante cada fase em análise. É evidente um desfaseamento entre o número de bases e o número de bordos que está presente em todo o conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros de todas as fases e em todas as zonas de ocupação.

– No conjunto de bordos e bases de uma mesma pasta podemos observar que a maioria das pastas possui um número de bordos superior ao número de bases. Deste modo podemos dizer o seguinte: 1) na totalidade do conjunto cerâmico da fase III-3 o número de bases equivale a 41 % do número

de bordos; 2) podemos lançar a hipótese de que menos de metade dos recipientes podem não possuir fundo recto ou que este desfasamento se deve à presença de fundos rectos com um tamanho muito inferior ao do bordo gerando menor quantidade de fragmentos; 3) na pasta VII o número de bases excede o número de bordos (5 bases e 4 bordos), sendo seguida pela pasta IV, onde o número de bases e bordos é o mesmo (o que não significa que pertençam ao mesmo recipiente); 4) ordenando os contextos por ordem decrescente de equivalência temos, pasta VII (125 %), pasta IV (100 %), III (50 % cada), I (46 %), VIII (20 %) e VI (6 %) e 5) avaliando as pastas que tem um número semelhante de bordos e bases – I e III e VI e VIII – podemos lançar a hipótese de que os recipientes realizados em pasta I e VI possuem mais fundos convexos do que aqueles realizados em pasta III e VIII, respectivamente.

– Em relação às fases anteriores podemos observar: *a)* nas fases III-2 e III-3, as pastas IV e VII são aquelas que revelam uma melhor relação entre número de bordos e número de bases sendo que podemos lançar a hipótese de que os recipientes realizados nestas pastas possuem, maioritariamente, fundo recto; *b)* as pastas I e III revelam na fase III-2 uma relação mais equilibrada, entre bordos e bases, do que na fase III-2; *c)* as pastas VI e VIII caracterizam-se, na fase III-3, por um número muito baixo de bases em relação aos bordos sendo que na fase III-2, a pasta VI revela uma relação muito mais equilibrada e a pasta VIII uma relação ainda menos equilibrada do que aquela da fase III-3 e *d)* é visível uma mudança de comportamento nas pastas VI e VIII, onde na fase III-3 a pasta VI pode ter sido utilizada quase exclusivamente em recipientes de fundo convexo.

– Se compararmos o número de bordos e bases com o tipo de pastas e os recipientes, suas pastas e capacidades, podemos observar que: *a)* ordenando as pastas por ordem decrescente de reconstituição de recipientes temos: IV (100 %); VI (63 %); I (38 %), III (35 %), VIII (30 %) e VII (0); *b)* as pastas I e III possuem uma reconstituição semelhante, uma relação entre bordos e bases semelhante e por isso podemos dizer que na pasta I há uma tendência, maior do que na pasta III, para recipientes de pequena capacidade e com fundo convexo; *c)* a pasta VI revela 63 % dos bordos reconstituídos sendo que é a pasta com mais desfasamento entre o número de bordos e o número de bases sendo que podemos afirmar que possui uma tendência para os recipientes médios e grandes, de fundo convexo (ou muito pequeno tornando-se invisível no registo arqueológico); *d)* a pasta VIII possui uma reconstituição muito baixa sendo que não é possível perceber a relação entre fundo e capacidade do recipiente e *e)* podemos concluir que não há uma relação entre capacidade do

recipiente e forma do fundo sendo que um recipiente de grande capacidade pode possuir um fundo convexo – ainda que de perfil em “S”.

– Em relação à fase anterior é visível uma ligeira subida da relação entre bases e bordos, sendo que na fase III-2 o número de bases equivale a 39 % do número de bordos enquanto que na fase III-3 equivale a 41 %. A fase III-1 é aquela que possui uma relação mais equilibrada entre o número de bases e o número de bordos, com 48 %. São também visíveis diferenças pontuais no comportamento de cada pasta nas duas fases de ocupação, por exemplo, na fase III-1 a pasta VI possui o mesmo número de bases e bordos enquanto que na fase III-2 o número de bases equivale a 45 % do número de bordos e na fase III-3 equivale a 6 %. Em suma, cremos que não devemos desvalorizar esta relação entre o número de bordos e o número de bases pois (apesar das dificuldades inerentes à conservação da cultura material em sítios arqueológicos) esta pode estar indicar uma realidade estética que se prende com o tipo de formas usadas na Idade do Ferro.

– Em relação aos contextos podemos dizer o seguinte: 1) em todos os contextos há um desfasamento entre o número de bases e o número de bordos; 2) ordenando os contextos daquele que apresenta uma melhor relação entre as bases e os bordos para aquele que apresenta uma pior relação, temos: A69 (o número de bases equivale a 60 % do número de bordos); A51 (58 %); A58 (33 %); A60 (24 %); Lx. 2 (0) e a A63 só apresenta bases; 3) o desfasamento entre o número de bordos e bases é mais evidente numa pastas do que noutras em todos os contextos sendo que vai de encontro com os resultados gerais já indicados; 4) os contextos com menor número de bordos e bases têm tendência a ser mais homogêneos e a relação entre bordos e bases ser mais equitativa e 5) a A60 é o contexto onde a discrepância entre o número de bordos e bases é muito grande e evidente pois o número de ambos os elementos formais é também elevado (sendo que a força estatística deste contexto é superior à dos outros).

– Em relação ao ângulo da parede da base, podemos dizer o seguinte: 1) estão presentes 5 categorias de ângulo – a 2, 3, 4, 5 e 7; 2) ordenando as categorias de ângulo por ordem decrescente temos, cat. 4 (33 % das bases), 5 (21 %), 3 (18 %) e 2 e 7 (3 % cada); 3) não parece existir uma relação entre os tipos de base e as categorias de ângulo da parede dos recipientes pois um mesmo tipo de base possui vários tipos de ângulo e 4) 7 bases (21 %) não permitiram a reconstituição da parede do recipiente.

– Em comparação à fase anterior podemos observar: 1) as mesmas características apresentadas para a fase III-2, sendo que a hierarquia de preferências é a mesma e 2) a cat. 7 encontra-se presente, sendo que esta categoria encontra-se também presente na fase III-1 mas não na fase III-2.

– A presença das categorias 4 e 5 indica recipientes de perfil em “S”, a categoria 2 indica a presença de recipientes troncocônicos, a cat. 3 de recipientes troncocônicos ou de perfil em “S” esguios e as categorias 6 e 7 indicam a presença de pratos ou recipientes de fundo muito “aberto” (podem ser um recipiente de perfil em “S” tipo *olla*). Podemos observar que cerca de 54 % das bases correspondem a recipientes de perfil em “S” típico, cerca de 21 % correspondem a vasos troncocônicos ou recipientes de perfil em “S” muito esguio e 3 % correspondem a recipientes tipo prato. Também aqui são evidentes as semelhanças com a fase anterior e as diferenças com a fase III-1 onde os recipientes de perfil em “S” muito esguio ou troncocônicos tinham um peso de 30 % e os recipientes de perfil em “S” típicos de 50 %.

5.5.3.3. Técnicas decorativas e instrumentos utilizados

Os contextos integrados na fase III-3 totalizam 2017 fragmentos cerâmicos sendo que 1870 são lisos (93 %), 115 são decorados calcolíticos e 32 são da Idade do Bronze ou Ferro, correspondendo a 28 decorações diferentes (1,39 %). São os seguintes os números de inventário das 28 decorações presentes: CP-02-6614 (est. XXVIII, 1), CP-02-7713 (est. XXXVII, 4), CP-02-7715 (est. XLIX, 1), CP-02-6682 (est. XLIV, 7), CP-02-7780 (est. XXIX, 6), CP-02-6611 (est. XLIV, 8), CP-02-2131 (est. XXX, 7), CP-02-2140 (est. XLI, 11), CP-02-2178 (est. XXVII, 5), CP-02-2201 (est. XLII, 9), CP-02-6932 (est. XXXI, 5), CP-03-2400 (est. XLI, 18), CP-03-4171 (est. XLII, 4), CP-03-12532 e CP-03-13251 (est. XXXI, 2), CP-03-6413 (est. XXXVII, 12), CP-03-6728 (est. XXVIII, 9), CP-03-14205 (est. XLVII, 3), CP-03-14237 (est. XXVII, 15), CP-03-8875 (est. XXX, 9), CP-03-9733 (est. XXXI, 7), CP-03-9793 (est. XXX, 22) CP-03-4403 (est. XXVII, 18), CP-03-4411 (est. XXXI, 4), CP-03-11033 (est. XXVII, 3), CP-03-14975 (est. XXVII, 14), CP-03-13348 e CP-03-13349 (est. XXX, 1) e CP-03-2075 (est. XXXVIII, 12).

Nos fragmentos decorados integrados na fase III-3 foram usadas 9 técnicas decorativas: incisão simples – INC.S (46 %); penteado – PENT.S (32 %); estampilhado de motivo único – EST.C –, excisão – EXC –, impressão da ponta do pente – IMP – e incisão a torno – INC.T – (7 % cada técnica indicada) e decoração plástica – DEC.P –, estampilhado rolado – EST.R –, puncionamento arrastado – PUNC.A – e impressão de outro motivo que não a ponta do pente – IMP.S – (4 % cada técnica indicada). Neste conjunto cerâmico 21 % dos fragmentos decorados apresentam mais do que uma técnica decorativa (correspondem a 5 decorações).

Em relação às fases anteriores podemos observar: 1) um diminuição do número das técnicas decorativas usadas em relação à fase III-2 (de 11 para 9) ainda que se note um aumento em relação

ás técnicas decorativas presentes na fase III-1 (de 6 na fase III-1 para 9 na fase III-3); 2) ausência das técnicas decorativas de cepilhado e brunido; 3) em relação à fase III-3 dá-se uma diminuição da presença da incisão simples e um aumento das decorações penteadas; 4) as restantes técnicas decorativas são minoritárias em ambas as fases de ocupação (III-2 e III-3); 5) a percentagem de fragmentos com várias técnicas decorativas é semelhante em ambas as fases de ocupação (III-2 e III-3) e 6) tal como na fase III-2 estão presentes as técnicas de estampilhado e incisão a torno, que consideramos importantes.

Nesta fase foram usados vários instrumentos decorativos, a saber: 1) pente 1 com 3, 4, 5 e 7 puas; 2) pente 2 com 3, 4 e 9 puas (o pente de 9 puas foi utilizado numa impressão da ponta do pente – XXX, 9); 3) pente 6 com 5 puas; 4) instrumento de incisão 1 que serviu para fazer traços incisos e pequenos pontos (estampa XXXVIII, 12); 5) instrumento de incisão 2 que serviu para fazer traços e pequenas impressões arredondadas (estampa XXXI, 7); 6) Instrumentos de incisão 3 e 5; 7) carimbo de círculos concêntricos de 4 voltas (XXX, 7) e 8) carimbo com a forma de um paralelepípedo ou cubo que imprime um motivo de forma quadrangular (XXXVII, 4).

Em relação à fase anterior é visível uma diminuição considerável do número de instrumentos e sobretudo da variedade de carimbos e pentes presentes.

5.5.3.4. Organizações decorativas

Os fragmentos decorados integrados na fase III-3 totalizam 9 organizações decorativas – I, II, IV, VIII, X, XI, XVIII, XXV, e XXXIV – sendo que 6 fragmentos não possibilitaram a identificação da organização decorativa. A zona com maior número de decorados é a PIN2, com 14 fragmentos, seguida da PIN2.1, com 7 fragmentos e do TEN, também, representado por 7 fragmentos. Ordenando os contextos por ordem decrescente (daquele com maior número de fragmentos decorados para aquele com menor número) obtivemos a seguinte hierarquia: Lx. 2 (3,57 % – 1 fragmento); A58 (17,86 % – 5 fragmentos); A69 (21,43 % – 6 fragmentos); A51 (25 % – 7 fragmentos) e A60 (32,14 % – 9 fragmentos). Podemos observar que: 1) quase todos os contextos apresentam fragmentos decorados, à excepção da A63; 2) a distribuição dos decorados é bastante homogénea (na maioria dos contextos), com 5 a 9 fragmentos decorados nas A58, A69, A51 e A58 sendo que o Lx. 2 é o contexto mais discrepante, apresentando um único fragmentos decorado; 3) o contexto com maior número de fragmentos decorados (A60) pertence à PIN2 que é a zona que apresenta maior número de decorados no entanto a A69 também apresenta um número considerável de decorados e pertence ao TEN; 4) a A51 é o único contexto da PIN2.1 integrado na fase III-3 caracterizando-se por uma boa presença de fragmentos decorados que está de acordo com as

características já presentes na fase III-2 (deste modo a PIN2.1 revela uma boa presença de fragmentos decorados que contrasta com a realidade das restantes zonas estudadas); 5) a zona de escavação mais extensa é a PIN2, seguida do TEN e, por último da PIN2.1 sendo que o número de fragmentos decorados identificados, no geral, está relacionado com a extensão da escavação e 6) deste modo, a PIN2 é a menos diversa, seguida da PIN2.1 e, por último, do TEN.

Em relação às fases anteriores podemos observar: *a)* uma percentagem maior de fragmentos decorados na totalidade do conjunto cerâmico da fase III-3 (1,39 %) e em relação às fases III-1 e III-2 (0,8 e 0,9 %, respectivamente); *b)* uma diminuição do número de organizações decorativas em relação à fase III-2 ainda que continuem mais numerosas do que aquelas da fase III-1; *c)* as organizações decorativas I, IV, X e XI são comuns a todas as fases de ocupação, ainda que com subvariantes diferentes; *d)* as organizações decorativas II e XXXIV são comuns às fases III-2 e III-3 e *e)* as organizações decorativas VIII, XVIII e XXV só se encontram presentes na fase III-3.

A análise da distribuição das organizações decorativas por contexto permite dizer o seguinte:

1) Ordenando os contextos pela relação entre organização decorativa e número de fragmentos presente temos: Lx. 2 (100 % – 1 organização decorativa no total de 1 fragmento decorado), A69 (83 % – 5/6); A58 (60 % – 3/5); A51 (57 % – 4/7) e A60 (44 % – 4/9). *Cremos que a A69 e A51 são os contextos com maior diversidade decorativa.*

2) Ordenando os contextos em relação ao número de fragmentos decorados e lisos, temos: A58 (3,36 % – 5 fragmentos decorados no total de 149 fragmentos); Lx. 2 (2,70 % - 1/37); A69 (2,67 % – 6/225), A51 (1,05 % – 7/57) e A60 (1,01 % – 9/890). *Cremos que as A58 e A69 são aqueles contextos que apresentam maior quantidade de recipientes decorados e uma melhor relação entre recipientes decorados e recipientes lisos. A A58 pertence à PIN2 – a zona com o maior número de fragmentos decorados – e a A69 pertence ao TEN, sendo que este contexto apresenta também uma boa variedade de organizações decorativas.*

3) A organização decorativa maioritária – I com 29 % dos fragmentos – é aquela que ocorre em maior número de contextos. A organização decorativa I ocorre em todos os contextos (A51, A58, A60, A69 e Lx. 2); as organizações decorativas X e XXXIV – 18 e 11 % dos fragmentos – ocorrem em 60 % dos contextos (3 contextos num total de 5) que são a A51, A60 e A69 na organização decorativa X e a A51, A58 e A60 na organização decorativa XXXIV. As restantes organizações decorativas – II, IV, VIII, XI e XVIII – ocorrem uma em cada contexto (20 % dos contextos para cada) sendo que a II, VIII e XVIII ocorrem na A69, a IV na A58, a XI na A60 e a

XXV na A51. Como já foi referido para a fase III-2, é possível perceber que a distribuição das organizações decorativas segue uma lógica de preferências culturais no entanto o número reduzido de fragmentos não permite uma percepção pormenorizada. cremos que determinadas organizações decorativas servem toda a comunidade e outras não, sendo que no caso da fase III-3 as mais comuns são a I, X e XXXIV, às quais se podem somar a IV e XI devido à sua continuidade com as fases anteriores.

4) Os contextos que apresentam a repetição de organizações decorativas (por exemplo, os vários contextos que possuem fragmentos com a organização decorativa I, X ou XXXIV) não se encontram relacionados estratigraficamente – ou espacialmente – sendo que a repetição de organizações decorativas não comprova uma evolução de gosto estético. Quer dizer que cremos que a comunidade possui um quadro decorativo alargado que usa conforme entende e que não é evolutivo por si.

A análise dos tipos de organizações decorativas presentes indica (est. DCCXCV), o que expomos de seguida.

– As organizações decorativas II, IV, VIII, XI, XVIII e XXV são representadas, unicamente, por um exemplar (3,57 % cada), a organização decorativa XXXIV é representada por três exemplares (10,71 % cada), a organização decorativa X é representada por 5 exemplares (17,86 %) e a organização decorativa I é representadas por 8 exemplares (28,57 %).

– Das 17 organizações decorativas presentes (tendo em conta as variantes) apenas uma – IIa – estão presentes em toda a ocupação da Idade do Ferro (fases III-1, III-2 e III-3). As restantes organizações decorativas encontram-se distribuídas da seguinte forma: 1) 47 % das organizações decorativas ocorrem unicamente em complexos integrados na fase III-3 (são 8 os subtipos: II2, IV3, VIII, X14, XI4, XVIII, XXV e XXXIV6c1); 2) 35 % ocorrem em contextos das fases III-2 (são 6 subtipos: IIc, IId, X2a, X13a, XXXIV6 e XXXIV) e 3) 12 % ocorrem em contextos da fase III-1 (são 2 os subtipos: X1a e X4b).

Em relação às fases anteriores podemos observar o seguinte.

a) A percentagem de decorações típicas da fase III-3 é mais baixa do que aquela da fase III-2, sendo que a fase III-2 é a fase que apresenta maior variedade interna.

b) 13,5 % das decorações da fase III-2 ocorrem, também, em contextos da fase III-3 no entanto 35 % das decorações da fase III-3 ocorrem em contextos da fase III-2.

c) É notório um desfasamento percentual na análise das várias fases e das relações entre elas que está relacionado com o número de fragmentos decorados em cada fase. cremos que existe uma probabilidade maior das decorações presentes na fase III-2 e III-3 estarem relacionadas com a fase

III-1 e III-2 porque há um saber fazer que se transmite. No entanto é evidente a diversidade, quase brutal, das decorações presentes que não se repetem e que apenas usam elementos decorativos semelhantes a outras mas que não partilham a mesma conjugação ou apresentação de elementos.

– Com base numa conjugação de factores de avaliação (tipo de pasta, contexto, estado de conservação do contexto e sua caracterização ao nível das pastas e decoração presente – desenho e técnica) lançamos as seguintes hipóteses.

1) Os fragmentos CP-02-7715 e CP-03-2075 podem ser relacionados com a ocupação calcolítica. O fragmento CP-02-7715 pertence à A69, é realizado em pasta X e possui uma organização decorativa (organização decorativa II2) que se integra bem nas decorações pré-históricas. A A69 é um contexto revolvido que pode integrar, muito naturalmente, cerâmicas pré-históricas e este fragmento é realizado numa pasta, tipicamente, calcolítica. O fragmento CP-03-2075 pertence à A51, é realizado em pasta I e possui a organização decorativa XXV. O contexto pertence aos estratos mais superficiais da PIN2.1 (excluindo o solo humoso) sendo que pode integrar cerâmicas calcolíticas de escorrimento das zonas mais altas do povoado. Este fragmento é realizado numa pasta que teve um uso prolongado e que pode integrar-se na ocupação calcolítica, no entanto é a decoração que define a integração no conjunto cerâmico do Calcolítico.

2) Como foi referido na análise da fase III-2 algumas decorações da Idade do Ferro são “variantes” de decorações da Idade do Bronze que perduraram na fase III-1, na III-2 e na III-3 sofrendo modificações que as tornam noutras mas com um ar de família entre elas. Na fase III-3 engloba-se nestas “variantes” a organização decorativa XI4, que pertence a dois fragmentos integrados na A60 e de pasta VIII. Podemos ver que é um contexto seguramente da Idade do Ferro sendo que a pasta é uma das mais típicas desta ocupação.

3) Cremos que algumas organizações decorativas autónomas, como a VIII e XVIII, se integram na Idade do Bronze. Os fragmentos CP-02-7713 (organização decorativa VIII) e CP-02-6682 (organização decorativa XVIII) são realizados em pasta I e pertencem à A69. Estes fragmentos possuem decorações que não se enquadram totalmente nas decorações da Idade do Ferro, pertencem a um contexto que pode integrar cerâmicas de várias ocupações e pertencem a uma pasta amplamente usada em todo o conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros. Consideramos estes fragmentos intrusos da Idade do Bronze.

4) O fragmento CP-02-2140 (organização decorativa IV3) pertence à A58 e foi realizado em pasta VI. Esta decoração assemelha-se às restantes do grupo IV no entanto é bastante divergente sendo que a consideramos da Idade do Ferro (algo confirmado também pela pasta). A decoração

deste fragmento lembra uma tradição estética, presente na organização decorativa IV, que tem uma origem na Pré-história regional mas que se afasta em certas diferenças estéticas (tipo de tracejado, conjugação do elemento traço).

5) As organizações decorativas I e X estão plenamente integradas na fase III-3 pois são organizações decorativas que percorrem toda a ocupação do sítio e são em realizadas em pastas em uso. Em relação à organização decorativa X podemos dizer que os tipos que surgem não geram qualquer tipo de problema interpretativo. Durante a Idade do Ferro é visível um gosto pelas faixas de penteado quebradas ou onduladas e também aplicadas de forma radial, quando estamos perante o fundo dos recipientes. A organização decorativa I é a mais simples sendo que vemos no subtipo 1d o maior grau de complexidade presente nesta fase de ocupação.

A análise das localizações das decorações nos recipientes (est. DCCXCVIII) indica o seguinte.

– Nos contextos analisados está presente uma maioria de fragmentos (61 % - 17 fragmentos) que não possibilitam saber ao certo a sua localização e por isso supõe-se que façam parte de alguma zona da pança do recipiente – localização tipo 8. Em relação às fases anteriores é visível um progressivo aumento de fragmentos que não possibilitam saber qual a localização de decoração sendo que na fase III-2 correspondiam a 53 % e na fase III-1 a 47 % do conjunto.

– Deste modo apenas 47 % dos fragmentos possibilitaram a localização da decoração nos recipientes sendo que dentro deste grupo dá-se uma distribuição muito díspar pelos tipos de localização. As localizações de *tipo 4 e 5* são representadas, cada uma, por 1 exemplar (3,57 % cada); a localização de *tipo 1* é representada por 2 fragmentos (7 %) e, por último a localização de *tipo 2* é a mais numerosa, com 7 exemplares (25 %). Em relação à fase anterior podemos observar um decréscimo dos tipos de localizações identificados e um aumento da importância da localização de *tipo 2*.

– Com base na localização da decoração dos recipientes e das informações obtidas na análise das fases anteriores, podemos dizer o seguinte.

a) A localização de *tipo 2* começa por estar relacionada com a ocupação da Idade do Bronze e com as decorações a ela associadas. Este tipo de localização perdura durante toda a ocupação da Idade do Ferro, conjugado com organizações decorativas que remontam a uma tradição estética da Idade do Bronze (organizações decorativas I, III, IX e XX). No entanto na fase III-3 é visível a utilização deste tipo de localização com decorações que não estão automaticamente relacionadas com Idade do Bronze. Cremos que à medida que o tempo decorre, com a Idade do Bronze a torna-se cada vez mais um período histórico distante, as decorações são modificadas (algo visível nos subtipos) e as

localizações próprias da idade do Bronze (como a 2) são utilizadas noutras decorações que não tem um significado tão cultural.

b) A localização de *tipo 1* no fragmento CP-03-9733 revela que em plena Idade do Ferro podiam ocorrer recipientes decorados no bordo através da impressão de motivos. Mais uma vez apesar desta localização pertencer a uma tradição que vem da Idade do Bronze, é aqui aplicada de uma forma nova e quem sabe com novos significados.

c) As localizações de *tipos 4 e 5* estão relacionadas com recipientes de fundo recto e revelam que na Idade do Ferro estavam presentes recipientes extensamente decorados onde podemos supor que toda a pança dos recipientes era decorada. É de notar que os fragmentos relacionados com estes tipos de localização possuem uma organização decorativa de tipo X, sendo que podemos afirmar que os penteados continuam em uso até ao final da ocupação da Idade do Ferro.

d) A presença de fragmentos que não permitem saber qual a localização da decoração no recipiente subiu em relação aos conjuntos cerâmicos das fases anteriores, na área norte. É visível um progressivo aumento desde a idade do bronze (fase II) das decorações realizadas numa qualquer parte da pança do recipiente. Desse modo cremos que ocorre uma mudança, paulatina, na decoração dos recipientes, sendo que esta deixa de estar tão associada a determinadas partes do recipientes (bordo, colo, linha colo/pança) para fazer parte apenas da pança do mesmo. É de lembrar que em todas as fases da Idade do Ferro os recipientes de perfil em “S” encontram-se em maioria, sendo que decorações realizadas no bordo, colo ou linha colo/pança seriam, facilmente, identificadas.

– Em resumo podemos dizer o seguinte: 1) 82 % dos fragmentos decorados presentes correspondem à ocupação da Idade do Ferro, da fase III-3, sendo que a caracterizam; 2) 7 % correspondem a fragmentos decorados da ocupação calcolítica (sendo que a sua presença se deve a uma primeira má interpretação e portanto esta presença não caracteriza os contextos em estudo em relação aos fragmentos decorados calcolíticos); 3) 7 % estão relacionados directamente com a Idade do Bronze; 4) 3,57 % relacionam-se, culturalmente, com a Idade do Bronze (organizações decorativas III, VI, IX e XI) e 5) as decorações da Idade do Ferro da fase III-3 caracterizam-se por uma semelhança aos tipos mais simples presentes na fase III-2.

A análise das pastas dos recipientes decorados (est. DCCCI) indica o que expomos de seguida.

– Os recipientes decorados são na sua maioria realizados em pasta I (57 % – 16 fragmentos), seguida da II (14 % – 4 fragmentos), III (11 % – 3 fragmentos), VI e X (7 % cada – 2 fragmentos cada) e por último da pasta VIII (4 % – 1 fragmento). Em relação à fase anterior podemos observar:

1) uma menor variedade de pastas com recipientes decorados e 2) a manutenção da importância da pasta I com a subida da importância da pasta II.

– Em resumo podemos dizer que as pastas usadas em recipientes decorados não são todas aquelas presentes na totalidade do conjunto cerâmico no entanto é evidente a importância das pastas I, II e III, seguidas (em muito menor número) pelas pastas VI, X e VIII.

5.5.3.5. Elementos de prensão/suspensão nos recipientes

No conjunto de 2017 fragmentos integrados na fase III-3 foram identificadas 2 asas, que são: CP-03-14308 (est. XLI, 16) e CP-03-1613 (est. XL, 10). As asas são realizadas em pasta VII e I, respectivamente. Não é possível saber qual a localização das asas nos recipientes. Em relação às secções podemos dizer que está presente a secção de tipo 1 e 4.1, CP-03-14308 e CP-03-1613, respectivamente. Em relação à fase mantém-se a mesma relação entre asas e restantes fragmentos.

5.6. Artefactos cerâmicos presentes no solo humoso ou estratos revolvidos

5.6.1. Área Norte

5.6.1.0. Introdução aos contextos descontextualizados

Os contextos descontextualizados integrados no conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros são 8, a saber: A68 e A72 no Talude Externo Norte (TEN), A57, A61, A62 e A64 na Plataforma Inferior Norte, zona 2 (PIN2) e a A50 e Lx. 74 na Plataforma Inferior Norte, zona 2.1. (PIN2.1). Todos os contextos descontextualizados pertencem à área Norte pois na área Leste, nomeadamente na Plataforma Inferior Leste não foram analisados (graficamente) os contextos descontextualizados. O Talude Externo Leste e a Plataforma Superior Leste não apresentam contextos descontextualizados.

Os fragmentos cerâmicos dos contextos descontextualizados foram analisados tal como os restantes contextos. No entanto não realizamos uma análise pormenorizada e descritiva pois essa análise não faz sentido integrada num estudo de caracterização sociocultural, que é o objectivo último da análise do conjunto cerâmico do Crasto de Palheiros.

As tabelas e gráficos apresentados neste volume servem, genericamente, os estudos de conservação dos estratos descritos no volume 1.

De seguida apresentamos os bordos, bases, asas e fragmentos decorados presentes nos contextos descontextualizados.

5.6.1.1. Breve descrição

Os contextos descontextualizados (A68, A72, A57, A61, A62, A64, A50 e Lx. 74) integram 3259 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 227 bordos no total; 2) 127 bordos conotados com a Idade do Ferro; 3) 65 bases; 4) 296 fragmentos decorados dos quais 45 estão conotados com a Idade do Ferro e 113 recipientes conotados com a Idade do Ferro.

A A68 integra 447 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 27 bordos no total; 2) 10 bordos conotados com a Idade do Ferro; 3) 7 bases; 4) 41 fragmentos decorados dos quais 7 estão conotados com a Idade do Ferro e 9 recipientes conotados com a Idade do Ferro. Os números de inventário dos bordos são: 508, 619, 652, 696, 721, 741 e 1004 e das bases são: 352, 381, 383, 391, 400 e 489.

A A72 integra 615 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 42 bordos no total; 2) 17 bordos conotados com a Idade do Ferro; 3) 14 bases; 4) 75 fragmentos decorados dos quais 15 estão conotados com a Idade do Ferro e 16 recipientes conotados com a Idade do Ferro. Os números de inventário dos bordos são: 598, 618, 628, 632, 658, 689, 711, 740, 762, 790 e 999 e das bases são: 313, 402, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 503, 505, 506, 507 e 512.

A A57 integra 1139 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 69 bordos no total; 2) 56 bordos conotados com a Idade do Ferro; 3) 27 bases; 4) 50 fragmentos decorados dos quais 8 estão conotados com a Idade do Ferro; 5) 3 asas e 52 recipientes conotados com a Idade do Ferro. Os números de inventário dos bordos são: 479 (est. CXX, 2), 487 (est. CXXI, 4), 488 (est. CXXII, 12), 489 (est. CXXII, 11), 490 (est. CXXII, 9), 491, 494, 502, 503 (est. CXXV, 1), 505, 508, 509, 510, 576, 577, 586, 612, 619, 629, 633 (est. CXXVIII, 7), 638, 707, 729, 735, 748, 779, 780, 784, 838, 855, 879, 881, 908, 934 e 962 e das bases são: 280, 298, 333, 334, 336, 339, 340, 341, 342, 343, 353 (est. CXXVIII, 6), 355, 357, 358, 359, 360, 362, 363, 367, 368, 372, 373, 386, 412, 413, 414 e 416.

A A61 integra 116 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 4 bordos no total; 2) 3 bordos conotados com a Idade do Ferro; 3) 1 base; 4) 7 fragmentos decorados sendo todos calcólicos e 2 recipientes conotados com a Idade do Ferro. Os números de inventário presentes são: 935 (bordo) e 474 (base).

A A62 integra 178 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 16 bordos no total; 2) 4 bordos conotados com a Idade do Ferro; 3) 2 bases; 4) 32 fragmentos decorados dos quais 1 está conotado com a Idade do Ferro e 5 recipientes conotados com a Idade do Ferro. Os números de inventário dos bordos são: 641, 702, 766 e 899 e das bases são: 475 e 476.

A A64 integra 76 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 7 bordos no total; 2) 5 bordos conotados com a Idade do Ferro; 3) nenhuma base; 4) 10 fragmentos decorados sendo todos calcólicos e 2 recipientes conotados com a Idade do Ferro. Os números de inventário dos bordos são: 574 e 929.

A A50 integra 648 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 59 bordos no total; 2) 30 bordos conotados com a Idade do Ferro; 3) 12 bases; 4) 78 fragmentos decorados dos quais 12 estão conotados com a Idade do Ferro e 24 recipientes conotados com a Idade do Ferro. Os números de inventário dos bordos são: 492 (est. CXXI, 1), 500, 507, 558, 570 (est. CXXV, 4), 585, 589, 603, 664, 722, 725, 770, 776, 777, 787, 792 (est. CXXVIII, 3), 856, 859, 866, 913 (est. CXXVIII, 2), 980, 985, 988 e 1009 e das bases são: 415, 446, 470, 471, 472, 473, 488, 497, 499, 500 e 501.

O Lx. 74 integra 40 fragmentos cerâmicos dos quais foram identificados: 1) 3 bordos no total; 2) 2 bordos conotados com a Idade do Ferro; 3) 2 bases; 4) 3 fragmentos decorados dos quais 2 estão conotados com a Idade do Ferro e 3 recipientes conotados com a Idade do Ferro. Os números de inventário dos bordos são: 626, 906 e 989 e das bases são: 477 e 478.

Os contextos descontextualizados integram 3259 fragmentos cerâmicos sendo que 2963 são lisos (91 %), 251 são decorados calcolíticos e 45 são da Idade do Ferro, correspondendo a 41 decorações diferentes (1,26 %). São os seguintes os números de inventário das 41 decorações presentes: CP-03-5228 (est. XXVIII, 12), CP-03-14821 (est. XLIV, 6), CP-03-14897 e CP-03-14892 (est. XXX, 10), CP-03-15239 (est. XXXVII, 13), CP-03-16159 (est. XXVIII, 8), CP-03-5159 (est. XXXVII, 1), CP-03-5598, CP-03-5634, CP-03-5636 e CP-03-5637 (est. XXXVIII, 2), CP-03-14672 (est. XLIX, 4), CP-03-14676 (est. XXXII, 2), CP-03-14865 (est. XXIX, 4), CP-03-13121 (est. XXIX, 8), CP-03-3647 (est. XXVIII, 2), CP-03-3652 (est. XXXVI, 4), CP-03-14541 (est. XXXIV, 2), CP-03-14551 (est. XXXVII, 9), CP-03-13270 (est. XXXI, 8), CP-03-2736 e CP-03-12938 (est. XLI, 1), CP-03-2739 (est. XXXIX, 3), CP-03-12965 (XXIX, 12), CP-03-12984 (est. XLVI, 1), CP-03-13038 (XXIX, 19), CP-03-9991 (est. XXX, 6), CP-02-7723 (est. XLIII, 7), CP-02-7170, CP-02-2145, CP-02-7155 e CP-02-7156 (est. XXXI, 1), CP-02-7297 (est. XXVIII, 13), CP-02-7298 (est. XLII, 6), CP-02-7057 (est. XXX, 11), CP-02-7059 (est. XXVII, 17), CP-02-7074 (XXIX, 15), CP-02-6882 (est. XXVII, 8), CP-02-5114 (est. XLIII, 1), CP-02-5135 (est. XXIX, 17), CP-02-5216 (est. XXIX, 1), CP-02-5227 (est. XXXV, 2), CP-03-2201 (est. XXXI, 10), CP-03-4340 (est. XLVII, 5), CP-03-4621 (XXXVI, 6), CP-03-6842 (est. XXIX, 7), CP-03-14292 (est. XXVIII, 5) e CP-03-2653 (est. XLIV, 9).

No conjunto de 3259 fragmentos descontextualizados foram identificadas três asas – CP-02-5365 (est. XL, 15), CP-02-5782 (est. XLIII, 6) e CP-02-5200 (est. XL, 5), de pastas III (duas primeiras) e I (última). No conjunto dos fragmentos, os fragmentos de asas totalizam cerca de 0,09 %.